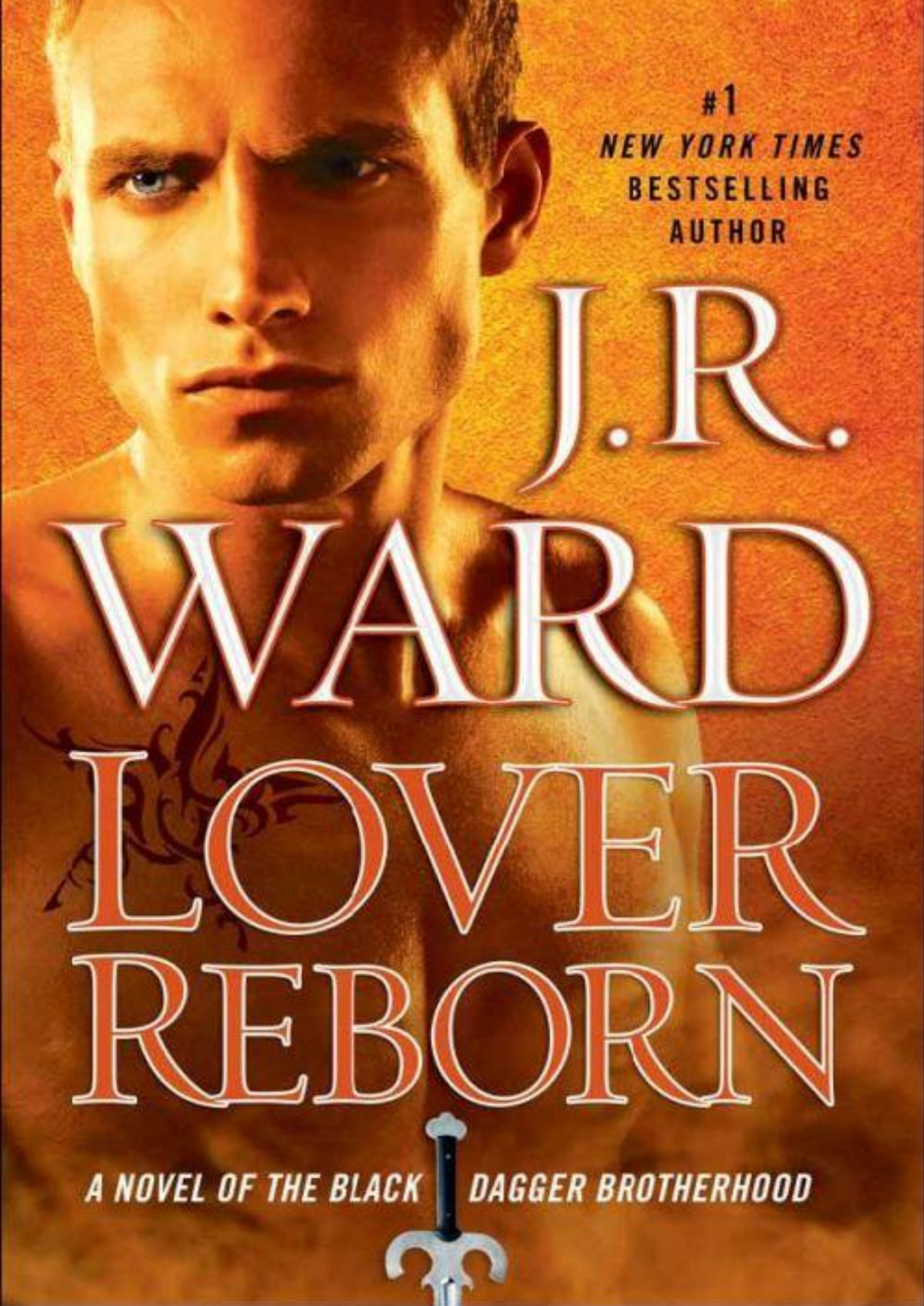




#1

NEW YORK TIMES
BESTSELLING
AUTHOR

J.R.
WARD
LOVER
REBORN

A NOVEL OF THE BLACK DAGGER BROTHERHOOD





J.R. WARD



AMANTE RENASCIDO

UM ROMANCE DA IRMANDADE DA ADAGA NEGRA



NEW AMERICAN LIBRARY

Dedicado a: VOCÊ -

Tem tanto tempo...

Tanto...

Desde que você teve um lar.

ÍNDICE

Glossário de Termos e Nomes Próprios	8
PRIMAVERA	14
Capítulo UM	14
Capítulo DOIS	25
Capítulo TRÊS	33
Capítulo QUATRO	41
Capítulo CINCO	55
Capítulo SEIS	64
Capítulo SETE	72
Capítulo OITO	80
Capítulo NOVE	90
Capítulo DEZ	103
Capítulo ONZE	115
Capítulo DOZE	123
Capítulo TREZE	132
Capítulo QUATORZE	143
Capítulo QUINZE	151
Capítulo DEZESSEIS	163
Capítulo DEZESSETE	171
Capítulo DEZOITO	181

Capítulo DEZENOVE	187
VERÃO	194
Capítulo VINTE	194
Capítulo VINTE E UM	202
Capítulo VINTE E DOIS	212
Capítulo VINTE E TRÊS	222
Capítulo VINTE E QUATRO	232
Capítulo VINTE E CINCO	243
Capítulo VINTE E SEIS	253
Capítulo VINTE E SETE	262
Capítulo VINTE E OITO	275
Capítulo VINTE E NOVE	287
Capítulo TRINTA	298
Capítulo TRINTA E UM	305
Capítulo TRINTA E DOIS	313
Capítulo TRINTA E TRÊS	324
Capítulo TRINTA E QUATRO	332
OUTONO	342
Capítulo TRINTA E CINCO	342
Capítulo TRINTA E SEIS	350
Capítulo TRINTA E SETE	364
Capítulo TRINTA OITO	378
Capítulo TRINTA E NOVE	386

Capítulo QUARENTA	396
Capítulo QUARENTA E UM	407
Capítulo QUARENTA E DOIS	416
Capítulo QUARENTA E TRÊS	421
Capítulo QUARENTA E QUATRO	431
Capítulo QUARENTA E CINCO	443
Capítulo QUARENTA E SEIS	451
Capítulo QUARENTA E SETE	460
Capítulo QUARENTA E OITO	471
Capítulo QUARENTA E NOVE	482
Capítulo CINQUENTA	489
Capítulo CINQUENTA E UM	497
Capítulo CINQUENTA E DOIS	501
INVERNO	506
Capítulo CINQUENTA E TRÊS	506
Capítulo CINQUENTA E QUATRO	515
Capítulo CINQUENTA E CINCO	534
Capítulo CINQUENTA E SEIS	533
Capítulo CINQUENTA E SETE	543
Capítulo CINQUENTA E OITO	552
Capítulo CINQUENTA E NOVE	559
Capítulo SESENTA	569
Capítulo SESENTA E UM	583

Capítulo SESSENTA E DOIS	592
Capítulo SESSENTA E TRÊS	603
Capítulo SESSENTA E QUATRO	611
Capítulo SESSENTA E CINCO	621
Capítulo SESSENTA E SEIS	630
Capítulo SESSENTA E SETE	637
Capítulo SESSENTA E OITO	649
Capítulo SESSENTA E NOVE	658
Capítulo SETENTA	666
Capítulo SETENTA E UM	673
Capítulo SETENTA E DOIS	682
Capítulo SETENTA E TRÊS	691
Capítulo SETENTA E QUATRO	695
Capítulo SETENTA E CINCO	699
Capítulo SETENTA E SEIS	701
EPÍLOGO	704

Glossário de Termos e Nomes Próprios

Ahstrux Nohtrum (n.) Guarda particular com licença para matar, cujo posto é concedido a ele ou ela pelo Rei.

Ahvenge (v.) Cometer um ato de retribuição mortal, realizado geralmente por um homem amado.

Irmandade da Adaga Negra [Black Dagger Brotherhood] (pr. n.) Guerreiros vampiros altamente treinados que protegem sua espécie contra a Sociedade Lesser. Como resultado da seleção genética de sua raça, os Irmãos possuem uma imensa força física e mental, assim como uma rápida capacidade de se curar. A maior parte deles não são irmãos de sangue, e são introduzidos na Irmandade por nomeação pelos Irmãos. Agressivos, autossuficientes e reservados por natureza, vivem separados do resto dos civis, mantendo pouco contato com os membros de outras classes, exceto quando precisam se alimentar. Eles são temas de lendas e objeto de reverência dentro do mundo dos vampiros. Podem ser mortos apenas pela mais séria das feridas, por exemplo, um disparo ou punhalada no coração, etc.

Escravo de sangue [blood slave] (n.) Macho ou fêmea vampiro que foi subjugado para cobrir as necessidades de sangue de outro vampiro. A prática de manter escravos de sangue foi recentemente declarada ilegal.

As Escolhidas [the Chosen] (pr. n.) Fêmeas vampiras que foram criadas para servir a Virgem Escriba. São consideradas membros da aristocracia, embora sejam um tanto mais espiritualmente do que temporalmente focadas. Têm pouca ou nenhuma interação com os machos, porém podem emparelhar-se com Irmãos por ordem da Virgem Escriba para propagar sua classe. Algumas possuem o dom de prever o futuro. No passado, eram usadas para cobrir as necessidades de sangue dos membros não emparelhados da Irmandade, e essa prática foi reinstalada pelos Irmãos.

Chrih (n.) Símbolo de morte honrosa na Antiga Língua.

Cohntehst (n.) Conflito entre dois machos competindo pelo direito de ser o companheiro de uma fêmea.

Dhunhd (pr. n.) Inferno.

Doggen (n.) Membros da classe servente do mundo vampírico. Os *Doggens* têm antigas e conservadoras tradições sobre como servir a seus superiores, segundo a um código formal de vestimenta e comportamento. Eles são capazes de sair durante o dia, mas envelhecem relativamente rápido. A expectativa de vida é de aproximadamente quinhentos anos.

Ehros (pr. s.) Uma *Escolhida* treinada nos assuntos das artes sexuais.

Exhile Dhoble (pr. n.) O gêmeo malvado ou amaldiçoado, aquele nasce em segundo lugar.

O Fade [the Fade] (n.) Reino atemporal onde os mortos se reúnem com seus entes queridos e passam a eternidade.

Primeira Família [First Family] (n.) O rei e a rainha dos vampiros, e quaisquer filhos que possam ter.

Ghardian (n.) Guardião de um indivíduo. Há vários níveis de *ghardians*, com o mais poderoso sendo o *sehcluded* de uma fêmea.

Glymera (n.) O núcleo social da aristocracia, aproximadamente o equivalente a corte no período da regência na Inglaterra.

Hellren (n.) Vampiro macho que se emparelhou com uma fêmea. Os machos podem ter mais de uma fêmea como companheira.

Leahdyre (n.) Uma pessoa de poder e influência.

Leelan (n.) Um termo carinhoso livremente traduzido como “querido (a)”.

Sociedade Lesser [Lessening Society] (pr. n.) Ordem de assassinos reunidos pelo Omega com o propósito de erradicar a espécie dos vampiros.

Lesser (n.) Humanos sem alma que se dedicam a exterminar vampiros, como membros da *Sociedade Lessening*. Os *Lessers* devem ser transpassados por uma punhalada no peito para serem mortos. Não comem ou bebem e são impotentes. Com o passar do tempo, seus cabelos, pele e íris perdem a pigmentação até que se tornam loiros pálidos e com os olhos claros. Cheiram a talco de bebê. Introduzidos na Sociedade pelo *Omega*, eles retêm um jarro de cerâmica onde conseqüentemente seu coração é colocado depois de ser removido.

Lewlhen (n.) Presente.

Lheage (n.) Um termo de respeito utilizado por um submisso sexual para se referir a sua dominante.

Lhenihan (pr.n) Uma fera mística famosa por suas proezas sexuais. No jargão moderno, refere-se ao macho de tamanho sobrenatural e vigor sexual.

Lys (n.) Ferramenta de tortura usada para remover os olhos.

Mahmen (n.) Mãe. Usado tanto como um identificador quanto um termo de afeição.

Mhis (n.) O disfarce de um dado ambiente físico; a criação de um campo de ilusão.

Nalla (n., f.) ou Nallum (n., m.) Amada (o).

Período de necessidade [needing period] (n.) Período de fertilidade das fêmeas vampiras, geralmente com duração de dois dias e acompanhado de um forte e ardente desejo sexual. Acontece aproximadamente cinco anos após a transição de uma fêmea e, posteriormente uma vez a cada dez anos. Todos os machos respondem em algum grau se estiverem perto de uma fêmea em seu período. Pode ser um momento perigoso com conflitos e brigas surgindo entre machos competindo, particularmente se a fêmea não é emparelhada.

Newling (n.) Uma virgem.

O Omega [the Omega] (Pr. n.) Ser místico e malévolo que quer exterminar a raça vampírica devido ao ressentimento que tem em relação à Virgem Escriba. Existe em um reino atemporal e possui extensivos poderes, embora não o poder de criação.

Phearsom (adj.) Termo referente a potencia dos órgãos sexuais do macho. A tradução literal seria algo como “digno de penetrar uma mulher”.

Princeps (n.) O mais alto nível da aristocracia vampírica, superado apenas pelos membros da Primeira Família ou pelas *Escolhidas* da Virgem Escriba. É um título que se deve ter por nascimento, não pode ser concedido.

Pyrocant (n.) Refere-se a uma fraqueza crítica em um indivíduo. A fraqueza pode ser interna, como um vício, ou externa, como um amante.

Rahlman (n.) Salvador.

Rythe (n.) Forma ritual de lavar a honra, oferecida pelo ofensor ao ofendido. Se aceito, o ofendido escolhe uma arma e ataca o ofensor, que se apresenta perante ele sem se defender do ataque.

A Virgem Escriba [The Virgin Scribe] (pr.n) Força mística que aconselha o rei como guardiã dos registros vampíricos e concedente de privilégios. Existe em um reino atemporal e possui grandes poderes. Capaz de um único ato de criação, que usou para trazer os vampiros à existência.

Sehclusion (n.) Status conferido pelo rei a uma fêmea da aristocracia como resultado de uma petição pela família da fêmea. Coloca a fêmea debaixo da autoridade exclusiva de seu *ghardian*, tipicamente o macho mais velho da família. Seu *ghardian* tem então o direito legal de determinar toda sua forma de vida, restringindo à vontade qualquer e toda interação que ela tenha com o mundo.

Shellan (n.) Vampira que se emparelhou com um macho. Fêmeas geralmente não tomam de um companheiro devido à natureza altamente territorial dos machos vinculados.

Symphath (n.) Subespécie do mundo vampírico caracterizada pela habilidade e desejo de manipular as emoções dos demais (com o propósito de uma troca de energia), entre outras peculiaridades. Historicamente, tem sido discriminados e durante certas épocas, caçados pelos vampiros. Eles estão próximos à extinção.

A Tumba [the Tomb] (Pr. N.) Cripta sagrada da Irmandade da Adaga Negra. Utilizada como local cerimonial assim como instalação de armazenamento para os jarros dos *lessers*. As cerimônias realizadas ali incluem: iniciações, funerais e ações disciplinares contra os Irmãos. Ninguém pode entrar, exceto os membros da Irmandade, a Virgem Escriba ou os candidatos à iniciação.

Trahyner (n.) Palavra usada entre machos de mútuo respeito e afeição. Traduzido livremente como “querido amigo”.

Transição [Transition] (n.) Momento crítico na vida dos vampiros quando ele ou ela se transforma em adulto. A partir daí, precisa beber sangue do sexo oposto para sobreviver e não suporta a luz do sol. Geralmente, ocorre por volta dos vinte e cinco anos. Alguns vampiros não sobrevivem à transição, machos em particular. Antes da mudança, os vampiros são fisicamente frágeis, inaptos ou indiferentes ao sexo e incapazes de se desmaterializar.

Vampiro [vampire] (n.) Membro de uma espécie distinta da *Homo sapiens*. Vampiros devem beber o sangue do sexo oposto para sobreviver. O sangue humano os mantém vivos, embora a força não dure muito tempo. Depois de suas transições, o que ocorre entre os vinte anos, eles são incapazes de se expor a luz do sol e devem se alimentar diretamente da veia regularmente. Os vampiros não podem “converter”

humanos através de uma mordida ou transfusão de sangue, embora em raras ocasiões possam reproduzir-se com membros de outras espécies. Podem desmaterializar-se à vontade, porém devem se acalmar e se concentrar para fazê-lo e não podem carregar nada pesado com eles. São capazes de extrair as lembranças de um humano, contanto que tais as lembranças sejam de curto prazo. Alguns vampiros são capazes de ler mentes. A estimativa de vida é superior a mil anos, ou em alguns casos ainda maior.

Wahlker (n.) Um indivíduo que morreu e voltou à vida do *Fade*. A eles é concedido um grande respeito a são reverenciados por suas tribulações.

Whard (n.) Equivalente a padrinho ou madrinha de um indivíduo.

“Os vivos e os mortos são os mesmos.

Todo mundo está apenas procurando um lar.”

– LASSITER

PRIMAVERA



Capítulo UM

– O canalha está indo para a ponte! Ele é meu!

Tohrment esperou por um assobio em resposta, e quando o ouviu, disparou atrás do *lessor*, botas golpeando poças d'água, pernas se movendo incessantemente, mãos em punhos. Ele passou pelas lixeiras e pelo lixo esparramado, ratos dispersos e mendigos, pulou por sobre uma barreira, saltou sobre uma motocicleta.

Três horas da manhã no centro de Caldwell, Nova Iorque, podia lhe fornecer tantos obstáculos que mantinham a merda divertida. Infelizmente, o pequeno projeto de assassino lá na frente estava-o levando a uma direção que não queria tomar.

Quando eles chegaram à rampa da entrada oeste da ponte, Tohr quis matar o idiota – lógico. Diferente dos cantos de privacidade que você encontrava nos labirintos de becos em volta dos clubes, o tráfego sobre o rio Hudson era intenso, até mesmo a esta hora. Ok, certo, os cabos especiais Herbert G. Falcheck não tremeriam com os carros, mas haveria algum tremor – e Deus sabe que cada humano atrás do volante possuía um maldito iPhone nos dias de hoje.

Havia uma regra na guerra entre os vampiros e a *Sociedade Lessening*: mantenha a porra da distância dos humanos. Essa raça de intrometidos

orangotangos verticais era uma complicação a ponto de acontecer, e a última coisa que qualquer um precisava era a confirmação alastrada de que Drácula não era uma mera ficção, e os mortos-vivos não eram somente um programa de televisão ruim.

Ninguém queria aparecer nas manchetes das notícias na TV, jornais ou revistas.

Internet tudo bem. Não tinha crédito algum mesmo.

Este princípio de discrição era a única coisa com a qual o inimigo e a Irmandade da Adaga Negra concordavam, a única consideração assumida por ambos os lados. Então, sim, os assassinos podiam, digamos... Alvejar sua *shellan* grávida, atirar em seu rosto, e deixá-la para morrer, tirando não apenas a vida dela, mas também a sua própria. Mas Deus os livrasse de chamar atenção dos humanos.

Pois aquilo seria simplesmente errado.

Infelizmente, este desorientado filho da puta de pernas hidráulicas aqui, aparentemente não recebera este memorando.

Nada que uma adaga negra no peito não resolvesse.

Enquanto um rosnado subia pela sua garganta e suas presas se alongavam na boca, Tohr respirou fundo e liberou uma reserva de ódio altamente concentrado, enchendo seu tanque de combustível, sua energia debilitada instantaneamente renovada.

Tinha sido um longo caminho, desde o pesadelo de seu rei e seus Irmãos vindo lhe contar que sua vida tinha acabado. Como um macho vinculado, sua fêmea era o coração que batia em seu peito, e na falta de sua Wellsie, ele tinha sido um fantasma do que fora anteriormente, forma sem conteúdo. A única coisa que o animava era a caça, a captura, e a matança. E o conhecimento de que ele poderia acordar na noite seguinte e encontrar mais disto para derrubar.

Ao invés de realizar o *ahvenging*¹ de seus mortos, ele bem poderia estar no abençoado Fade com sua família. Francamente, ele preferia – e quem sabe, talvez, ele tivesse sorte esta noite. Talvez no calor da briga ele sofresse um catastrófico ferimento mortal e fosse liberado de seus fardos.

¹ Optei por deixar como no original, pois é um termo inventado pela autora. Significa: ato mortal de vingança realizado geralmente por um homem que amou alguém.

Um macho podia sempre ter esperanças.

O ruído de uma buzina de carro, seguido pela sinfonia de borracha derrapando foi o primeiro sinal de que o Capitão Complicação tinha encontrado o que estivera procurando.

Tohr foi para o topo da rampa bem a tempo de ter um vislumbre do assassino ricocheteando pelo capô de um Toyota nada novo. O impacto parou o sedan; mas não atrasou o assassino. Como todos os *lessers*, o canalha era mais forte e mais resistente do que tinha sido como mero humano, o negro sangue oleoso do Ômega lhe dava um motor mais potente, suspensão mais apertada e melhor manuseio – bem como pneus de competição, neste caso.

Mas o GPS era uma merda, de verdade.

O assassino se levantou de sua rolagem pelo chão como um dublê profissional e, naturalmente, continuou correndo. Estava ferido, no entanto, o nauseante cheiro de talco de bebê dele estava mais pronunciado.

Tohr chegou ao carro bem na hora que um casal de humanos abria a porta, saía, e começava a agitar os braços como se algo estivesse pegando fogo.

– Departamento de Polícia – Tohr gritou enquanto passava correndo por eles.
– Em perseguição!

Isto os acalmou, controlando o dano. Era virtualmente garantido que eles agora se transformariam na turma do gargarejo, cheios de Kodak, e aquilo era perfeito - quando tudo estivesse acabado, ele saberia onde encontrá-los para limpar suas memórias, e tomar seus celulares.

Enquanto isto, o *lesser* aparentava estar se dirigindo para a passagem de pedestres – não seu melhor movimento. Se Tohr estivesse no lugar do idiota, ele teria tentado roubar aquele Toyota e tentaria fugir dirigindo...

– Oh... Essa não... – Tohr falou por entre os dentes.

Aparentemente, o objetivo do canalha não era a passagem de pedestres, mas a borda da própria ponte: o assassino pulou por sobre a cerca que delimitava a passagem de pedestres, e pousou na beirada estreita do outro lado. Próxima parada: o rio Hudson.

O assassino olhou para trás e sob o brilho pêssego das luzes de sódio, sua expressão arrogante era igual à de um garoto de dezesseis anos após tomar meia dúzia de cervejas na frente dos amigos.

Só ego. Nenhum cérebro.

Ele ia pular. O puto ia pular.

Fodido idiota! Mesmo que o suco da alegria do Omega desse aos assassinos todo aquele poder, isto não significava que as leis da física deixassem de existir para eles. A cantiga de Einstein sobre energia igual massa vezes aceleração ainda se aplicava, então, quando o imbecil atingisse a água, ele ia se despedaçar, danificando substancialmente sua estrutura. O que não o mataria, mas o incapacitaria como o inferno.

Os fodidos não podiam morrer a menos que fossem esfaqueados. E eles podiam passar a eternidade em um purgatório de decomposição.

Grande coisa.

E antes do assassinato de sua Wellsie, Tohr provavelmente teria deixado para lá. Na deslizante balança da guerra, era mais importante envolver aqueles humanos no cobertor da merda amnésica e seguir adiante para ajudar John Matthew e Qhuinn, quem ainda estavam lidando com os negócios lá no beco. Agora? Não houve hesitação: de um jeito ou de outro, ele e seu assassino iam ter uma reuniãozinha.

Tohr pulou por sobre o parapeito, alcançou a passagem de pedestres, e subiu pela cerca. Agarrando os elos, ele oscilou a parte inferior do corpo pelo topo, e pousou as botas no parapeito.

A aparência de orgulho bêbado do *lesser* diminuiu um pouco, quando ele começou a se afastar.

– O quê, você acha que tenho medo de altura? – Tohr disse em uma voz baixa.
– Ou que um metro e meio de cerca iria me manter longe de você?

O vento rugia contra eles, colando as roupas contra seus corpos e assobiando através das vigas de aço. Longe, longe, longe, lá embaixo, as águas negras do rio pareciam um tênue trecho escuro, como um estacionamento.

Devia ser dura como asfalto também.

– Eu tenho uma arma, – o *lesser* gritou.

– Então saque.

– Meus amigos virão por mim!

– Você não tem amigo algum.

O *lesser* era um novato, seus cabelos, olhos e pele ainda não tinham empalidecido. Magricela e agitado, ele provavelmente havia sido um usuário de drogas que tinha fritado o cérebro – o que foi, sem sombra de dúvidas, o motivo pelo qual descambara a se juntar à Sociedade.

– Eu vou pular! Vou pular essa porra!

Tohr pegou o cabo de uma de suas duas adagas e retirou a lâmina escura do coldre em seu peito. – Então para de choramingar e comece a voar.

O assassino olhou para o abismo. – Eu vou! Juro que vou!

Uma rajada de vento os atingiu de uma direção diferente, arremecendo o comprido casaco de couro de Tohr em direção à queda livre. – Não me importa. Vou matá-lo aqui em cima ou lá embaixo.

O *lesser* espiou pela borda novamente, hesitou, e então rapidamente se inclinou para o lado, atingindo todo aquele nada-além-de-ar, seus braços girando como se tentasse manter o equilíbrio para cair em pé.

O que àquela altura serviria apenas para direcionar os ossos sólidos à cavidade abdominal. Melhor do que engolir a própria cabeça, no entanto.

Tohr embainhou novamente a adaga e preparou-se para sua própria queda, respirando fundo. E então foi...

Enquanto passava por sobre a borda e tomava a primeira fispada de antigravidade, a ironia do salto da ponte não lhe escapou. Passara tanto tempo desejando que a morte chegasse, rezando para a Virgem Escriba tomar seu corpo e mandá-lo para junto de seus amados. Suicídio nunca tinha sido uma opção; se você tirasse sua própria vida, não lhe seria permitido entrar no Fade – e aquela era a única razão pela qual ele não tinha cortado os próprios pulsos, colocado uma arma na própria boca, ou... Pulado de uma ponte.

Em sua queda, deixou-se alegrar com a ideia de que aquele era o fim, que o impacto que viria em um segundo e meio ia ser o fim de seu sofrimento. Tudo o que ele tinha que fazer era reposicionar sua queda em forma de mergulho, não proteger a cabeça e deixar o inevitável acontecer: apagão, como paralisia, morte por afogamento.

Exceto que este tipo de morte-para-sempre não seria o seu resultado. Fosse lá quem fosse que estivesse no comando destas coisas, saberia que ao contrário do *lessen*, ele tinha a opção de salvar-se.

Acalmando sua mente, ele desmaterializou-se da queda livre – num momento a gravidade tinha um apertão mortal sobre ele; no outro ele não era nada além de uma nuvem invisível de moléculas que ele podia projetar para qualquer direção que quisesse.

Ao lado, o assassino atingiu a água não com um *splash* de alguém caindo numa piscina, ou o *ploft* de alguém pulando de um trampolim de mergulho. O fodido era como um míssil atingindo o alvo, e a explosão registrada na forma de uma quebra sonora, enquanto galões de água do rio Hudson se elevavam no ar velozmente.

Tohr, por outro lado, escolheu retomar sua forma em cima do massivo suporte de concreto à direita do local de impacto. Três... Dois... Um...

Bingo.

Uma cabeça elevou-se do meio do ainda borbulhante ponto de entrada. Sem braços movendo-se na tentativa de ganhar novamente um pouco de oxigênio. Sem pernas chutando. Sem engasgo.

Mas ele não estava morto: você podia passar por cima deles com seu carro, bater até seu punho quebrar, arrancar os seus braços e/ou pernas, fazer o inferno que quisesse... E eles continuariam vivos.

Os fodidos eram os carrapatos do submundo. E não havia maneira de evitar se molhar.

Tohr tirou o sobretudo, dobrou-o cuidadosamente, e deixou-o aninhado na junção onde a parte superior do suporte encontrava sua grande base aquática. Entrar na água vestido com aquilo era receita certa para afogamento, no mais, ele tinha que proteger suas armas e seu telefone celular.

Com um par de oscilantes saltos, para que pudesse conseguir suficiente impulso para pular na água aberta, ele se jogou no ponto de ondulação, seus braços acima da cabeça, as palmas juntas, seu corpo reto como uma flecha. Ao contrário do *lessen*, sua penetração foi elegante e suave, mesmo que ele tenha vindo à superfície do Hudson de um mergulho de três a quatro metros.

Frio. Real e fodidamente frio.

Afinal, era meados de abril no estado de Nova Iorque – o que ainda era quase um mês longe de qualquer coisa remotamente agradável.

Expirando pela boca enquanto se agitava das profundezas, ele caiu em um poderoso estilo-livre. Quando chegou ao assassino, agarrou a jaqueta e começou a puxar o peso não-morto para a terra.

Onde ele terminaria com isto. Para que pudesse procurar pelo próximo.

Enquanto Tohr saía para as laterais da ponte, John Matthew viu sua vida passar diante de seus olhos, num segundo – certo como se fosse ele cujas botas deixavam o chão sólido naquele salto limpo.

Ele estava na terra, embaixo da rampa de saída, quando aconteceu, no processo de acabar com o assassino que vinha perseguindo: com o canto dos olhos, ele viu algo em queda da grande altura sobre o rio.

Não fizera sentido de início. Qualquer *lessen* com meio cérebro saberia que aquela não era uma boa rota de fuga. Exceto que, então, tudo se tornou claro. Uma figura estava parada na beirada da ponte, casaco de couro balançando a seu redor como uma mortalha.

Tohrment.

Nãããããããã, John gritara sem fazer som algum.

– Filho da mãe, ele vai pular – Quinn balbuciou por trás dele.

John pulou para frente, só o que podia fazer, e então gritou silenciosamente enquanto via a coisa mais próxima que tivera de um pai, pular.

Mais tarde, John refletiria que momentos como este deviam ser o que as pessoas diziam ser a própria morte – enquanto você visualizava a sequência de eventos que se desdobravam, e a matemática adicionava até a destruição certa, sua

mente voava para o modo de projeção de slides, mostrando a você cenas da vida como você sempre a conhecera.

John sentado à mesa de Tohr e Wellsie naquela primeira noite em que ele tinha sido adotado no mundo dos vampiros... A expressão no rosto de Tohr quando o resultado do exame de sangue anunciara que John era filho de Darius... Aquele momento aterrador quando a Irmandade chegara para dizer aos dois que Wellsie se fora...

Então vieram imagens do segundo ato: Lassiter trazendo um Tohr vazio e murcho de volta, de fosse lá onde ele estivera... Tohr e John finalmente enlouquecendo juntos sobre o assassinato... Tohr gradualmente recuperando suas forças... A própria *shellan* de John aparecendo no vestido vermelho que Wellsie usara ao emparelhar-se com Tohr...

Cara, o destino era uma merda. Bastava entrar sem pedir licença e mijar no jardim de rosas de todo mundo.

E agora estava esculhambando a cama de flores dos outros.

Só que então Tohr abruptamente desapareceu no ar. Num momento ele estava voando-para-a-liberdade; no seguinte, se fora.

Graças a Deus, John pensou.

– Obrigado, menino Jesus, – Qhuinn sussurrou.

Um momento depois, no lado oposto de uma pilastra, uma flecha escura mergulhou no rio.

Sem um olhar ou palavra, ele e Qhuinn dispararam naquela direção, chegando à terra rochosa bem no momento que Tohr emergiu, agarrando o assassino, e começando a nadar. Enquanto John se punha em posição para ajudar a tirar o *lesser* da água, seus olhos se firmaram no rosto pálido e cruel de Tohr.

O macho parecia morto, mesmo que estivesse tecnicamente vivo.

Peguei-o, John gesticulou enquanto se inclinava para pegar o braço mais próximo, e levantava o ensopado assassino para fora do rio. A coisa pousou amontoada e dava a exata impressão de um peixe, olhos esbugalhados, boca escancarada, barulhinhos de cliques vinham de sua garganta aberta.

Não importava, Tohr era a questão, e John olhava para o Irmão enquanto emergia da água: calças de couro estavam coladas nas coxas magras, a camiseta regata como uma segunda pele no peito achatado, cabelo escuro curto com a mecha branca se destacando mesmo molhado.

Olhos azuis escuros firmados no *lesser*.

Ou calculadamente ignorando a atenção de John.

Provavelmente ambos.

Tohr abaixou-se e agarrou o *lesser* pela garganta. Com as presas cruelmente alongadas, ele grunhiu, – Eu te disse.

Então ele sacou a adaga negra e começou a golpear.

John e Qhuinn deram um passo para trás. Era isto ou conseguir uma pintura corporal.

– Ele podia só golpear o maldito peito, – Qhuinn murmurou, – E acabar logo com isto.

Só que matar o assassino não era o ponto. Profanação era.

Aquela lâmina negra afiada penetrou cada centímetro de carne – exceto o peito, que era o interruptor que o apagaria. Com cada espirro de sangue, Tohr exalava duramente; com cada puxão da lâmina livre, o Irmão inalava profundamente, o ritmo da respiração guiando a cena grotesca.

– Agora eu sei como eles fazem alface triturado.

John esfregou o rosto, e esperou que aquilo fosse o fim do comentário.

Tohr não diminuiu o ritmo. Ele só parou. E depois de tudo, ele se pôs ao lado, levantando-se com uma mão ensopada de sangue oleoso. O assassino estava... Bom, retalhado, é, mas ele não tinha ainda terminado.

Não haveria pedido de ajuda, no entanto. Apesar da exaustão óbvia de Tohr, John e Qhuinn tinham bom senso suficiente para não estragar este final de jogo. Eles já o viram anteriormente. O golpe final tinha de ser de Tohr.

Após um par de momentos para recobrar-se, o Irmão postou-se novamente, segurando a adaga com as duas mãos e erguendo a lâmina acima da cabeça.

Um clamor rouco escapou de sua garganta enquanto enterrava a ponta no peito que restara de sua presa. Enquanto luzes brilhantes espocaram, a expressão trágica no rosto de Tohr foi iluminada, como um personagem de histórias em quadrinhos, sua expressão deformada, assustadora, por um momento... E por uma eternidade.

Ele sempre olhava para baixo, para a luz, mesmo o sol provisório sendo brilhante demais para se olhar diretamente.

Depois que tudo acabou, o Irmão tombou como se sua coluna tivesse se tornado pastosa, sua energia desaparecendo. Claramente, ele precisava se alimentar, mas naquele assunto, como em tantos outros, não se podia tocar.

– Que horas são, – ele perguntou, sem fôlego.

Quinn olhou para seu Suunto². – Duas da manhã.

Tohr levantou o olhar do chão manchado que encarava, focando seus olhos avermelhados na parte do centro da cidade de onde eles tinham vindo.

– Que tal voltarmos para a mansão. – Quinn pegou seu telefone celular. – Butch não está longe...

– Não. – Thor lançou-se para trás e sentou-se. – Não chame ninguém. Estou bem... Só preciso recuperar o fôlego.

Putá. Merda. O cara não estava nem perto de bem, como também John naquele momento. No entanto, tinha de dar um desconto, só um deles estava encharcado num vento de cerca de dez graus.

John balançou sua mão no campo de visão do Irmão. *Vamos para casa agora.*

Flutuando pelo vento, como um alarme soando numa casa silenciosa, o cheiro de talco de bebês picou em seus narizes.

O fedor fez o que a tentativa de recuperação de fôlego não tinha conseguido: fez com que Tohr se levantasse. Foi-se o ar de desorientação, sem vida – inferno, se

² Marca de relógio.

você informasse a ele que continuava molhado como um peixe, ele provavelmente ficaria surpreso.

– Há mais deles, – ele resmungou.

Enquanto se afastava, John praguejou ao maluco.

– Vamos, – Qhuinn disse. – Vamos nos apressar. Esta será uma longa noite.

Capítulo DOIS

– Tire um tempo de folga... Descanse... Aproveite...

Xhex murmurava para a turma de móveis antigos enquanto saia do quarto e caminhava em direção ao banheiro. E voltava novamente. E... La novamente até chegar à marmorelândia mais uma vez.

No banheiro que ela compartilhava agora com John, parou perto da enorme Jacuzzi. Perto das torneiras de bronze havia uma bandeja de prata com todo tipo de loções, poções e porcariada de mulherzinha. E aquilo não era nem a metade. Nas pias? Outra bandeja, esta cheia de perfumes Chanel: Cristalle, Coco, Nº 5, Coco Mademoiselle. Em seguida vinha a fina cesta de vime cheia de escovas de cabelo, algumas com cerdas curtas, outras com cerdas pontudas ou uma merda de metal afiado. Nos armários? Uma fileira de vidros de esmaltes de unhas OPI³ em variações suficientes de malditos rosados que deixariam a própria Barbie com hemorragia nasal. Bem como quinze tipos diferentes de mousse, gel, spray para cabelo.

Sério mesmo?

E sem falar na maquiagem Bobbi Brown⁴.

Quem diabos eles achavam que tinha se mudado para cá? Uma daquelas Kardashian malucas?

E falando nisto... Cristo, ela mal podia acreditar que agora sabia quem era Kim, Kourtney, Khloe, Kris; o irmão Rob; o padrasto Bruce, as irmãzinhas Kendall e Kylie; e também o bando de marido(s), namorado(s), e aquele garoto Mason...

Fitando os próprios olhos no espelho, ela pensou, “Bem, isso não era interessante?” Ela conseguiria derreter seu cérebro com o canal E! Entertainment Television.

Por certo, fazia menos sujeira do que serrar a cabeça e o resultado era o mesmo.

– Aquela merda precisava vir com uma etiqueta de advertência.

³ Marca de esmalte.

⁴ Marca de maquiagem.

Quando olhou para seu reflexo, reconheceu o cabelo preto e curto, a pele pálida, o corpo duro e firme. As unhas cortadas. A absoluta falta de maquiagem. Ela estava até vestindo suas próprias roupas, a camiseta regata preta e as calças de couro, um uniforme que ela vestia todas as noites por anos.

Bem, tirando algumas noites atrás. Então ela vestira algo completamente diferente.

Talvez aquele vestido fosse a razão do aparecimento de todas aquelas coisas femininas depois da cerimônia de emparelhamento: Fritz e os *doggen* devem ter assumido que ela tinha virado uma nova página. Era isto ou isso tudo era parte de um padrão de dar boas-vindas a uma novata *shellan* emparelhada.

Afastando-se, ela colocou as mãos na base de sua garganta, no grande diamante quadrado que John comprara para ela. Incrustado em resistente platina, era a única peça de joia que ela podia se imaginar usando: forte, sólida, capaz de resistir a uma boa luta e continuar em seu corpo.

Neste novo mundo de Paul Mitchell⁵ e Bed Head⁶, e das coisas fedorentas da Coco, pelo menos John a entendia. Quanto ao resto deles? Você pode dizer 'educação'? Não foi a primeira vez que ela bancou a professora para um punhado de machos que pensava que somente porque você tem seios, deveria ser mantida em uma gaiola dourada. Se alguém tentasse transformá-la numa mulherzinha da *glymera*? Ela só observaria através das barras douradas, soltaria uma bomba na base da gaiola e penduraria os restos incendiados num candelabro no vestibulo.

Dirigindo-se ao quarto, ela abriu o closet e tirou o vestido vermelho que usara durante a cerimônia. O único vestido que já vestira – e tinha de admitir que gostara do jeito que John o tirara com os dentes. E é, claro, as noites de brincadeiras tinham sido ótimas – primeiras férias que ela tinha em uma eternidade. Tudo o que faziam era sexo, alimentar um ao outro, comer ótima comida, alternando momentos de sono.

Mas agora John tinha voltado a campo – enquanto que para ela não estava previsto começar a lutar até a noite seguinte.

Isto era só vinte e quatro horas, um adiamento, não um beco sem saída.

⁵ Marca de produtos para cabelo.

⁶ Marca de produtos para cabelo.

Então, qual diabos era o problema dela?

Talvez todo aquele trelelê feminino tenha despertado sua megera interior sem nenhuma boa razão. Ela não estava presa, ninguém a estava obrigando a mudar a si mesma, e aquela catástrofe da maratona Kardashian na TV tinha sido unicamente sua maldita culpa. E pelas coisas de beleza? Os *doggen* estavam apenas tentando ser gentis, da única maneira que sabiam.

Não havia muitas fêmeas como ela. E não somente porque ela era metade *sympath*...

Franzindo o cenho, ela baixou a cabeça.

Deixando o cetim cair de suas mãos, saiu para a rede emocional que havia lá fora, no salão.

Com seus sentidos *sympath*, a estrutura tridimensional de tristeza, perda e vergonha era tão real quanto uma construção para a qual você podia ir, dar uma olhada, ou entrar. Infelizmente, neste caso, não havia como consertar os danos às estruturas, ou o buraco no teto, ou o fato de que o sistema elétrico não estava mais funcionando. Por mais que ela experimentasse as emoções de alguém como se fosse sua própria casa, não havia como contratar trabalhadores para vir e reparar o que estava quebrado, nada de encanadores ou eletricitistas ou pintores para esta merda. Os proprietários da casa tinham de executar as próprias reformas no que estivesse quebrado, amassado e deteriorado; ninguém poderia fazer isto por eles.

Enquanto saía pelo corredor de estátuas, Xhex sentiu um tremor percorrer sua própria casinha. Em seguida, uma figura vestida num manto, mancando lá em cima, era sua mãe.

Deus, aquilo ainda era estranho de dizer, mesmo que apenas em sua mente - e não se aplicava em tantos outros níveis, não é mesmo?

Ela pigarreou. – Boa noite... Ah...

Não soava certo soltar um *mahmen* ou mãe ou mamãe. No'One, o nome como a fêmea era chamada, não soava confortável, tampouco. Então, novamente, do que você poderia chamar alguém que tinha sido sequestrado por um *sympath*, violentamente forçada a conceber, e então aprisionada pela biologia a carregar o resultado da tortura?

Nome e sobrenome: Eu e Muito. Nome do meio: Lamento.

Enquanto No'One se virava para ela, o capuz que usava, cobria seu rosto. – Boa noite.

Como estás?

O Inglês era carregado nos lábios da mãe, sugerindo que a fêmea estaria mais confortável falando no Antigo Idioma. E a reverência que ela fez era totalmente desnecessária, torta, provavelmente, por conta da lesão que a tornara manca.

Aquela essência que ela exalava não era Chanel. A menos que eles tivessem recentemente criado uma linha chamada Tragédia.

– Estou bem. – Que tal entediada e inquieta. – Onde estava indo?

– Arrumar a sala de estar.

Xhex engoliu um súbito 'não-mexa-lá'. Fritz não deixava ninguém, além dos companheiros *doggen* erguer um dedo na mansão – e No'One, apesar do fato de estar ali para servir Payne, estava hospedada em um quarto de hóspede, comia à mesa com os Irmãos, e era aceita ali como mãe de uma *shellan* emparelhada. Não era uma criada de maneira alguma.

– É, ah... Você não gostaria de... – Fazer o quê? Xhex imaginou. O que as duas poderiam possivelmente fazer juntas? Xhex era uma lutadora. A mãe dela era... Um fantasma com substância. Não tinham nada em comum.

– Está tudo bem, – No'One disse gentilmente. – Isto é difícil...

Um trovão ecoou pelo vestíbulo abaixo, certo como se nuvens tivessem se formado, relâmpagos espocado e a chuva comesse a cair. Enquanto No'One recuava, Xhex olhou por cima do ombro. Que diabos estava...

Rhage, também conhecido como Hollywood, vulgo o maior e mais lindo dos Irmãos, simplesmente pulou no balcão do segundo andar. Quando pousou, seu cabelo louro balançou na direção dela, seus olhos azuis esverdeados em chamas.

– John Matthew ligou. Precisam de uma mão no centro da cidade. Arme-se e nos encontre na porta da frente em dez minutos.

– Beleza. – Xhex assoviou enquanto esfregava as mãos.

Quando se voltou para sua mãe, a fêmea tremia, mas tentava não demonstrar.

– Tudo bem. – Xhex disse. – Sou boa em lutar. Não vou me machucar.

Belas palavras. Só que não era esta a preocupação da fêmea. Sua expressão demonstrava medo... De Xhex.

Dãã. Já que ela era em metade *sympath* por nascimento, é claro que No'One pensaria “perigosa” antes de “filha”.

– Vou te deixar em paz. – Xhex disse. – Não se preocupe.

Enquanto corria de volta para o quarto, ela não conseguia ignorar a dor em seu peito. Mas também, não podia ignorar a realidade. Sua mãe não a quisera antes.

E ainda não a queria.

E ninguém podia culpá-la.

Por debaixo do tecido de seu manto com capuz, No'One observara a alta, forte e implacável fêmea que ela tinha dado à luz, correr para lutar contra o inimigo.

Xhexania não parecia nem um pouco perturbada pela ideia de encarar *lessers* mortais. De fato, aquele gesto zombeteiro que fizera à ordem do Irmão sugeria que ela saborearia aquilo.

Os joelhos de No'One fraquejaram enquanto pensava no que ela tinha trazido ao mundo, esta fêmea com poder em seus membros e vingança no coração. Nenhuma fêmea da *glymera* responderia daquela forma; mas também, a elas nunca teria sido feito um pedido destes.

Mas o *sympath* estava em sua filha.

Querida Virgem Escriba...

Ainda assim, enquanto Xhexania se virara, havia uma expressão rapidamente dissimulada em seu rosto.

No'One se adiantou, mancando pelo corredor abaixo para o quarto da filha. Diante da porta pesada, bateu suavemente.

Levou um momento até Xhexania abrir. – Oi.

– Eu sinto muito.

Não houve reação. O que provou tudo. – Pelo quê?

– Eu sei o que é não ser estimada pelos pais. Eu não desejo isto para você.

– Está tudo bem. – Xhexania deu de ombros. – Não é como se eu não soubesse de onde você vem.

– Eu...

– Ouça, eu tenho de me aprontar. Entre se quiser, mas saiba que não estou me vestindo para o chá.

No'One hesitou no limiar. Dentro, o quarto estava bem habitado: a cama estava bagunçada, havia calças de couro pendurada em cadeiras; dois pares de botas no chão; duas garrafas de vinho em uma mesa de canto perto da *chaise lounge*. Em todo redor a essência de um macho puro-sangue vinculado, escura e sensual, revestia o ar.

Revestia Xhexania também.

Houve uma sequência de cliques e No'One olhou em torno do batente. No closet, Xhexania estava colocando algum tipo de arma de aparência horrenda, em seus suportes. Ela se movia com competência, deslizando um coldre embaixo de seu braço e pegando outro. E então foi a vez da munição e um faca...

– Você não vai se sentir melhor a meu respeito se continuar aí.

– Eu não vim por mim.

Aquilo parou os movimentos das mãos. – Então por quê?

– Eu vi a expressão em seu rosto. Eu não quero isto para você.

Xhexania estendeu a mão e pegou a jaqueta preta de couro. Enquanto a vestia, praguejou.

– Olhe, não vamos fingir que alguma de nós queria que eu nascesse, ok? Eu te perdoo, você me perdoo, nós fomos vítimas, bla bla bla bla. Precisamos estabelecer isto e seguir adiante.

– Tem certeza de que é isto que quer?

A fêmea congelou, e então estreitou os olhos. – Eu sei o que você fez. Na noite de meu nascimento.

No'One deu um passo atrás. – Como...

Xhexania apontou para seu próprio peito. – *Sympath*, lembra. – A guerreira veio para frente, sua marcha implacável. – Isto significa que eu entro nas pessoas, de forma que eu posso sentir o medo que você sente bem agora. E o arrependimento. E a dor. Só de estar perto de mim, você se sente de volta quando tudo aconteceu... E sim, eu sei que você preferiu enterrar uma adaga em seu estômago a encarar um futuro comigo. Então, como eu disse, que tal se você e eu evitássemos uma a outra, e poupássemos a ambas uma discussão?

No'One ergueu o queixo. – De fato, você é uma mestiça.

Sobrancelhas escuras se elevaram. – Como é?

– Você sente somente uma parte do que eu sinto por você. Ou talvez você não queira saber, por suas próprias razões, que eu posso desejar me importar com você.

Apesar do fato da fêmea estar coberta de armas, ela subitamente pareceu vulnerável.

– Em sua rude autoproteção, não separe nossos caminhos. – No'One sussurrou. – Não precisamos forçar uma proximidade que não existe. Mas não nos deixe evitar que ela se desenvolva se houver uma chance. Talvez... Talvez você me diga só esta noite se há uma maneira de te ajudar. Começemos assim... E vamos ver o que acontece.

Xhexania voltou a mover-se e andou em volta, seu corpo firme e duro parecia o de um macho, seu traje era como de um macho, sua energia masculina. Ela parou

quando estava na frente do closet e, depois de um momento, pegou o vestido vermelho que Tohrment tinha lhe dado para a noite de seu emparelhamento.

– Você limpou o cetim? – No'One perguntou. – E eu não estou sugerindo que você o sujou. Tecidos finos devem ser cuidados, para que sejam preservados.

– Não faço a menor ideia por onde começar.

– Permita-me, então?

– Deixa para lá.

– Por favor. Permita-me.

Xhexania desviou o olhar. Em voz baixa disse, – Por que, em nome de Deus, você iria querer fazer isto?

A verdade era tão simples quanto quatro palavras, e ainda assim, tão complexa como um idioma inteiro. – Você é minha filha.

Capítulo TRÊS

De volta ao centro de Caldwell, Tohr desfez-se do frio e das dores decorrentes da exaustão que o atingia e saiu à caça novamente. O cheiro de sangue *lesser* fresco era como cocaína em seu sistema, deixando-o ligado e dando-lhe força para ir em frente.

Por trás dele, ouviu os outros dois se aproximarem, e soube malditamente bem que eles não estavam procurando pelo inimigo... Mas arriscando a fodida sorte ao tentar levá-lo de volta à mansão. O alvorecer era a única coisa que conseguiria isto.

Ademais, quanto mais destruído ele estivesse, maiores as chances dele realmente conseguir dormir por uma hora ou duas.

Enquanto contornava a esquina do beco, suas botas derraparam em hesitação. À sua frente, sete *lessers* circulavam um par de guerreiros, mas não eram Z e Phury, ou V e Butch, ou Blaylock e Rhage.

Havia uma foice nas mãos do guerreiro à esquerda. Uma fodida e agudamente afiada foice.

– Filho da puta. – Tohr murmurou.

O macho com a lâmina curvada tinha os pés plantados no chão, como se fosse um deus, a arma ereta, o rosto feio sorrindo em antecipação como se estivesse prestes a sentar-se para uma boa refeição. Próximo a ele, um vampiro que Tohr não via há eras não era nada parecido com o cara que ele certa vez conhecera no País Antigo.

Parece que Throe, filho de Throe, se unira à turma errada.

John e Qhuinn postaram-se cada um de um lado, e o último olhou em volta. – Não me diga que são os novos vizinhos.

– Xcor.

– Ele nasceu com aquela boca⁷, ou alguém fez isso nele?

– Quem sabe.

– Bem, se era para ser uma rinoplastia, ele precisa de um novo cirurgião plástico.

Tohr olhou para John. – Diga a eles para não virem.

Como é? – O garoto gesticulou.

– Eu sei que você mandou uma mensagem para os Irmãos na mansão. Diga-lhes que foi um engano. Agora mesmo. – Quando John começou a discutir, ele cortou a conversa. – Você quer mesmo uma guerra aqui? Você chama a Irmandade, ele chama seus bastardos, e subitamente as coisas saem do controle e estaremos sem estratégia nenhuma. Vamos lidar com isto nós mesmos - Falo fodidamente sério, John. Eu já lidei com estes garotos antes. Você não.

Quando o olhar duro de John encontrou os seus, Tohr teve a sensação, como sempre, que eles já tinham estado juntos em situações como estas, há muito, muito mais tempo do que apenas os poucos últimos meses.

– Você tem de confiar em mim, filho.

A resposta de John foi expressar uma maldição, pegar seu celular e começar a teclar.

Naquele momento, Xcor se deu conta dos visitantes. Apesar do número de *lessers* à sua frente, ele começou a rir. – São os malditos Adaga Negra - e bem a tempo de nos salvar. Querem que nos ajoelheemos?

Os assassinos viraram – grande erro. Xcor não perdeu tempo, com um golpe circular, atingiu dois deles na parte inferior das costas. Foi sua amostra grátis. Enquanto a dupla caía ao chão, os outros se dividiram em dois grupos, metade enfrentando Xcor e Throe, metade se dirigindo a Tohr e os garotos.

Tohr soltou um rugido e enfrentou o ataque de mãos limpas, pulando a frente e agarrando o primeiro assassino a sua frente. Ele foi direto para a cabeça, agarrando forte, antes de levantar o joelho e esmagar o rosto do puto. Então ele rodou a coisa num círculo e jogou o corpo inerte de cabeça, do lado de uma lixeira.

⁷ Uma alusão ao defeito da boca de Xcor.

Quando o barulho diminuiu, Tohr encarou o próximo da fila. Ele preferia ter aproveitado mais deste primeiro ataque, mas não ia enrolar: no extremo oposto do beco, outros sete novatos estavam brotando como cobras de uma árvore, escalando a cerca de arame.

Ele sacou duas adagas, firmou as botas no chão, e avaliou uma estratégia de ataque para os recém chegados. Cara... Diga o que quiser sobre as aptidões sociais, éticas e políticas de Xcor; o filho da puta sabia lutar. Ele balançava aquela foice ao redor como se pesasse menos de cem gramas, e ele tinha habilidade de avaliar a distância – pedaços de *lesser* voavam para todos os lados, mãos, uma cabeça, um braço. O canalha era inacreditavelmente eficiente, e Throe também não ficava atrás.

Contra todos os prognósticos, e contra a escolha de qualquer um deles, Tohr e sua equipe entraram no ritmo dos bastardos: Xcor encarou o primeiro round das lâminas à espera no canto do beco, enquanto seu segundo em comando continha a segunda onda no lugar para que ninguém ficasse preso. Depois, Tohr, John e Qhuinn enfrentaram a massa, um assassino após o outro foram massacrados – retalhados.

Considerando que tinha sido um showzinho no começo, agora era trabalho. Xcor não estava fazendo nenhum movimento exagerado com a lâmina; Throe não estava pulando em volta; John e Qhuinn estavam no páreo.

E Tohr estava afundado até os joelhos em vingança.

Estes eram apenas novatos – então os assassinos não estavam oferecendo muito desafio em termos de habilidade. Em número, no entanto, eram tantos que a maré podia virar...

Um terceiro esquadrão apareceu na cerca.

Enquanto eles desciam da cerca um após o outro, Tohr lamentou a ordem que havia dado a John. Aquilo tinha sido a vingança falando. Foda-se a merda de evitar um confronto entre a Irmandade e o Bando de Bastardos; ele quisera as mortes para si mesmo. O resultado? Ele colocara as vidas de Qhuinn e John em risco. Xcor e Throe – eles podiam morrer esta noite, na noite seguinte, no ano que vem, que fosse. E quanto a ele mesmo – bem, era possível pular de uma ponte de centenas de formas diferentes.

Mas os garotos...? Valia à pena protegê-los. John era o *hellren* de alguém agora. E Qhuinn tinha muita vida pela frente ainda.

Não era justo que sua morte levasse-os a sepultura precocemente.

Xcor, filho de um pai desconhecido, tinha sua amante nas mãos. Sua foice era a única fêmea que ele já tinha se importado, e esta noite, enquanto dava conta do que começara com sete inimigos, e então cresceu para quatorze, e depois se tornara vinte e um, ela pagava sua lealdade com um desempenho inigualável.

A medida que se moviam juntos, ela era a extensão não apenas de seus braços, mas de seu corpo, seus olhos, seu cérebro. Ele não era um soldado com uma arma; unidos, eles eram a besta com poderosa mandíbula. E enquanto eles trabalhavam, ele soube que era disto que tinha sentido falta. Isto era porque ele tinha atravessado o oceano para o Novo Mundo: para encontrar uma vida nova em uma terra nova onde ainda houvesse muitos dos velhos inimigos valorosos.

Após sua chegada, no entanto, suas ambições tinham identificado um objetivo ainda mais nobre. E isto significava que os outros vampiros deste beco estavam em seu caminho.

No extremo oposto da rua, Tohrment, filho de Hharm era algo que valia a pena ver. Tanto quanto Xcor odiava admitir, o Irmão era um guerreiro incrível, girando aquelas adagas negras, que capturavam a luz ambiente, com braços e pernas mudando de posição tão rápido quanto uma batida de coração, o equilíbrio e execução – pura perfeição.

Se ele fosse um dos machos de Xcor, o Irmão bem poderia ter que ser eliminado para que Xcor mantivesse sua posição de liderança: era um mandamento básico de liderança que um fosse eliminado caso representasse um risco potencial para a posição do outro... Embora isso não significasse que seu bando fosse de incompetentes – afinal de contas, era preciso eliminar os fracos também.

O Bloodletter tinha lhe ensinado esta e outras lições.

Ao menos algumas eram mentiras.

Nunca haveria lugar para os como Tohrment em seu bando de bastardos, no entanto: aquele Irmão e seus iguais não se rebaixariam a si próprios por uma refeição compartilhada, muito menos por qualquer associação profissional.

Embora uma associação tenha sido feita esta noite, por um breve período. Enquanto a luta progredia, ele e Throe entraram numa cooperação com os Irmãos, atacando *lessers* em grupos pequenos ao alcance da lâmina, imediatamente após eles serem despachados para o Ômega pelos outros três.

Dois Irmãos, ou candidatos a Irmãos, estavam com Tohr, e ambos eram maiores do que ele – de fato, Tohrment, filho de Hharm, não estava tão grande quanto ele costumava ser. Talvez se recuperando de ferimentos recentes? Fosse qual fosse a causa, Tohr escolhera seus companheiros com sabedoria. O da direita era um macho enorme, cujo tamanho depunha a favor do programa de procriação da Virgem Escriba. O outro era mais parecido com Xcor e seus machos em altura e largura – o que equivalia a dizer que não era pequeno. Ambos trabalhavam incessantemente e sem hesitação, sem demonstrar medo algum.

Quando finalmente acabou, Xcor respirava com dificuldade, suas têmporas e bíceps anestesiados do exercício. Todos que tinham presas estavam em pé. Todos os que tinham sangue negro nas veias se foram, enviados de volta ao seu criador maligno.

Os cinco permaneceram em posição, armas ainda nas mãos enquanto arfavam, olhos procurando por qualquer sinal de agressão por parte dos outros.

Xcor olhou para Throe e acenou com a cabeça levemente. Se os outros Irmãos tivessem sido chamados, não seria o tipo de confronto do qual sairiam vivos. Se fosse só com esses três? Ele e seu soldado teriam uma chance, mas haveria lesões.

Ele não tinha vindo a Caldwell para morrer. Ele veio para ser rei.

– Estava ansioso para revê-lo, Tohrment, filho de Hharm. – ele disse.

– Indo embora tão cedo? – o Irmão retrucou.

– Achou que eu iria fazer uma reverência a sua frente?

– Não, isto requereria educação.

Xcor sorriu friamente, revelando as presas que se alongaram. Seu temperamento era mantido pelo seu autocontrole – e o fato de que ele já tinha começado a trabalhar na *glymera*. – Ao contrário da Irmandade, nós somos somente soldados que realmente trabalham a noite. Então, ao invés de beijar o anel por um hábito antiquado, vamos procurar e eliminar mais dos inimigos.

- Eu sei por que está aqui, Xcor.
- Você sabe ler pensamentos?
- Você vai ser morto.
- De fato. Ou talvez seja o contrário.

Tohrment balançou a cabeça lentamente. – Considere isto um aviso amigável. Volte para o lugar de onde veio, antes que desencadeie acontecimentos que te levarão para a cova antes do tempo.

– Eu gosto daqui. O ar é estimulante deste lado do oceano. Por falar nisso, como vai a sua *shellan*?

A corrente de ar frio que avançou era o que ele queria. Ele tinha ouvido um falatório de que a fêmea Wellesandra tinha sido assassinada na guerra algum tempo atrás, e ele não tinha escrúpulos em usar quaisquer armas contra o inimigo.

E o tiro foi certo. Imediatamente, os dois machos ao lado do Irmão deram um passo e o agarraram. Mas não haveria luta ou discussão. Não nesta noite.

Xcor e Throe se desmaterializaram, dispersando-se na noite fria de primavera. Ele não se preocupava se seriam seguidos. Aqueles dois se certificariam de que Tohr estava bem, o que significava que eles iriam dissuadi-lo de qualquer vingança impensada que pudesse resultar em uma armadilha.

Eles não tinham como saber que ele não conseguiria acessar o resto de sua tropa.

Ele e Throe se materializaram no topo do mais alto arranha-céu da cidade. Ele e seus soldados tinham sempre um ponto de encontro, de forma que o bando poderia se reunir de vez em quando durante a noite, e este telhado imponente não era apenas facilmente visível de todos os cantos do campo de batalha, parecia apropriado.

Xcor gostava da vista das alturas.

– Precisamos de telefones celulares. – Throe disse, acima do ruído do vento.

– Precisamos?

– Eles os tem.

– O inimigo, quer dizer?

– Sim. Todos eles. – Quando Xcor não disse nada mais, seu braço-direito murmurou, – Eles têm meios de se comunicarem...

– Não precisamos disto. Se você se permite confiar em gente de fora, eles se tornam armas contra você. Nós temos nos saído muito bem sem tal tecnologia, por séculos.

– E esta é uma nova era, em um novo lugar. As coisas são diferentes aqui.

Xcor olhou por sobre os ombros, trocando a vista da cidade pela vista de seu segundo em comando. Throe, filho de Throe, era um bom exemplo de raça, feições perfeitas, e corpo atraente que, graças às lições de Xcor, agora não era mais somente decorativo, mas útil. Na verdade, ele tinha crescido no passar dos anos, finalmente merecendo o direito de declarar seu gênero como masculino.

Xcor sorriu friamente. – Se as táticas dos Irmãos e seus métodos são tão bons, porque a raça está se extinguindo?

– Coisas acontecem.

– E às vezes elas são o resultado de erros – erros fatais. – Xcor retomou sua vista da cidade. – Você consegue conceber o quão facilmente estes erros podem ser cometidos.

– Tudo o que estou dizendo...

– Este é o problema com a *glymera* - sempre procurando pelo caminho mais fácil. Eu pensei que tinha arrancado esta tendência de você anos atrás. Precisa que eu te relembre?

Enquanto Throe calava a porra da boca, Xcor sorriu mais largamente.

Concentrando-se na extensão de Caldwell, ele sabia que, por mais escura que fosse a noite, seu futuro seria de fato, brilhante.

E cimentado com os corpos da Irmandade.

Capítulo QUATRO

– Onde infernos estão encontrando todos esses recrutas? – Quinn perguntou enquanto caminhava pela cena da luta, suas botas golpeando o sangue negro.

John mal ouvia o cara, embora seus ouvidos estivessem funcionando perfeitamente bem. Com a partida daqueles bastardos, ele permanecia colado ao lado de Tohr. O Irmão parecia ter se recuperado daquele inesperado chute no saco que Xcor havia lhe dado, mas ainda estava loooonge de relaxar.

Tohr limpou suas lâminas negras em sua coxa. Respirou profundamente. Expirou o que parecia ter saído de um buraco interno.

– Ah... A única coisa que faz sentido em Manhattan. Você precisa de uma grande população. Com muitas sementes más na periferia.

– Quem é esse *Fore-lesser*?

– Um merdinha, pelo que ouvi.

– Direto do beco do Ômega.

– Esperto, apesar de tudo.

No momento em que John ia abordar toda a questão da hora da Cinderela-se-transformar-em-abóbora, sua cabeça girou.

– Existem mais. – Tohr disse grunhindo.

É, mas este não era o problema.

A *shellan* de John estava lá fora nos becos.

Instantaneamente, tudo veio à sua mente; sua descarga de banheiro foi acionada. Que diabos ela estava fazendo fora da mansão? Ela não estava em patrulha. Ela deveria estar em casa...

Assim que o odor fresco de um *lesser* respirando entrou em seu nariz, uma profunda convicção interna se apossou de seu peito: *Ela não deveria estar aqui fora de jeito nenhum.*

– Eu preciso pegar meu casaco. – Tohr disse. – Fique aqui e eu irei com você.

Sem. Chance.

No instante em que Tohr se desmaterializou de volta à ponte John disparou suas botas ecoando no asfalto enquanto Qhuinn gritava algo que terminou com:

– Filho da puta!

Tanto faz. Diferente das selvagens, loucas e maníacas diversões de Tohr, isso era *importante*.

John atravessou o beco, caiu numa rua lateral, pulou sobre duas fileiras de carros estacionados, girou em um desvio...

E ali estava ela, sua companheira, sua amante, sua vida, enfrentando um quarteto de *lessers* em frente a um alojamento abandonado, ladeada por um grande, loiro e irritante traidor.

Rhage *já* deveria tê-la convocado. John havia dito reforços, com toda certeza ele não quis dizer a sua Xhex. E em segundo lugar, ele havia dito a eles para ficarem em casa, como Tohr havia requisitado. Que merda eles estavam...

– Ei! – Rhage chamou animado. Como se os estivesse convidando para uma festa. – Eu pensei que nós podíamos tomar um ar essa noite no liliindo centro de Caldwell.

Certo. Esse era um momento no qual ser mudo era uma merda. *Seu maldito filho...*

Xhex se virou para olhar para ele e foi aí que aconteceu. Um dos *lessers* estava sacando uma faca e o filho da puta tinha tanto um bom braço quanto um grande alvo: a lâmina voou pelo ar, o cabo sobre o ponto.

Até que de repente parou... No peito de Xhex.

Pela segunda vez na noite, John gritou sem emitir som algum.

Enquanto seu corpo avançava, Xhex se precipitou contra o assassino, uma expressão de raiva comprimindo seu rosto. Sem perder um segundo, ela agarrou o cabo e retirou a arma de sua própria carne, mas quanto tempo sua força iria durar? Aquilo havia atingido diretamente...

Jesus Cristo! Ela ia tentar dar um fim no bastardo. Mesmo ferida, ela estava indo atrás dele com unhas e dentes... E acabaria se matando no processo.

O único pensamento que disparou pela cabeça de John era que ele não queria terminar como Tohr. Ele não queria andar por aquele trecho do inferno na terra.

Ele não queria perder sua Xhex essa noite, nem amanhã à noite, nenhuma noite. Nunca.

Abrindo sua boca, ele rugiu todo ar para fora de seus pulmões. Não estava consciente de estar se desmaterializando, mas ele estava sobre aquele *lesser* tão rápido que desvanecer e se materializar era a única explicação para o que estava acontecendo. Travando na garganta da coisa com sua palma da mão, ele empurrou o pedaço de merda para o chão deixando seu próprio peso segui-lo. Quando eles atingiram o chão, esmurrou a cara do *lesser*, esmagando o nariz e, provavelmente, quebrando o osso do malar ou uma cavidade ocular.

Não parando por aí.

Ao mesmo tempo em que o sangue negro espirrava sobre todo seu corpo, ele arreganhou suas presas e as enfiou no inimigo enquanto mantinha a coisa no chão. O instinto destrutivo estava tão finamente sintonizado e focado, que ele teria continuado até que estivesse mastigando o próprio pavimento, mas aí, seu lado racional surgiu como que dizendo e-aí-como-vai?.

Ele precisava avaliar os ferimentos de Xhex.

Sacando sua adaga, ele ergueu os braços e travou seu olhar com o do assassino. Ou do que sobrou do par de olhos do *lesser*.

John enterrou aquela lâmina tão profundamente forte que depois do flash de luz e a explosão esvanecerem, ele precisou do agarre das duas mãos e da força de todo seu corpo para retirar a arma do asfalto. Se recuperando da luta, ele rezou para ver Xhex...

Ela estava mais do que de pé. Ela estava enfrentando outro do grupo, mesmo com uma crescente mancha vermelha saindo do seu peito e seu braço direito solto, sem utilidade.

John quase perdeu sua sanidade.

Levantando-se, ele atirou seu corpo entre sua companheira e o inimigo e, enquanto a empurrava fora do caminho, levou um golpe direcionado a ela, um sólido balançar com um taco de baseball que soou os sinos de sua igreja e momentaneamente o fez perder o equilíbrio.

Exatamente o tipo de coisa que a teria derrubado e selado seu caixão.

Com uma alternada rápida, ele restabeleceu seu equilíbrio e então agarrou a segunda tentativa do *lesser* de atingi-lo com ambas as mãos.

Um rápido golpe e ele acertou o *lesser* no rosto com sua própria tacada, dando ao morto-vivo meio segundo para clarear as coisas em sua cabeça. E chegou a hora de finalizar.

– Mas que inferno! – Xhex gritou no momento em que ele forçava o assassino no chão.

Não era uma boa forma de se comunicar, considerando que as mãos dele estavam na garganta do *lesser*. E então novamente, não iria ajudar em nada se ela soubesse o que se passava na cabeça dele.

Com uma estocada rápida, John despachou o assassino de volta para o Ômega e se levantou. Seu olho esquerdo, o que havia sido atingido pelo taco, estava começando a inchar e ele podia sentir sua pulsação em seu rosto. Nesse ínterim, Xhex continuava sangrando.

– *Nunca* mais faça isso comigo. – Ela sibilou.

Ele queria enfiar seu dedo na cara dela, mas se o fizesse, não conseguiria falar.
Então não lute quando estiver ferimento-feri-ferida!

Cristo, ele não conseguia nem se comunicar direito, seus dedos tropeçando nas palavras.

– Eu estava bem!

Você está sangrando, merda...

– É um ferimento.

Então por que você não consegue levantar seu braço!

Os dois estavam se aproximando um do outro, não de um jeito bom, seus maxilares projetados para frente, seus corpos debruçados agressivamente. E, quando ela não respondeu ao seu último argumento, ele soube que sua suposição estava correta – soube, também, que ela estava sofrendo.

– Eu posso cuidar de mim mesma, John Matthew. – Ela disparou. – Eu não preciso de você olhando sobre meus ombros porque sou uma fêmea.

Eu teria feito o mesmo por um dos Irmãos. – Bem, pela maioria deles teria feito. – *Então não me venha com essa baboseira feminista pra cima de mim...*

– Baboseira feminista?!

Foi você quem mencionou seu sexo, não eu.

Os olhos dela se estreitaram. – Oh, é mesmo. Por mais engraçado que isso seja você não me convence. E se você pensa que o fato de me defender sozinha se trate de um maldito discurso político, você se emparelhou com a *droga* da fêmea errada.

Isso não é sobre você ser fêmea!

– Uma merda que não é!

E com essa citação, ela inspirou profundamente, como se para lembrá-lo de que seu odor de vinculação estava tão forte, que sobrepunha até mesmo todo o cheiro fétido do sangue *lesser* espalhado a sua volta.

John mostrou suas presas e assinalou. – *Isto é sobre sua estupidez em criar uma desvantagem no campo de batalha.*

A boca de Xhex se abriu, mas em seguida, ao invés de responder, ela só o encarou.

Abruptamente, ela cruzou seu braço bom sobre seu peito e olhou por sobre o ombro esquerdo dele, lentamente balançando a cabeça para trás e para frente.

Como se ela estivesse se arrependendo não apenas do que acabara de acontecer, mas talvez de tê-lo conhecido em primeiro lugar.

John praguejou e começou a andar de um lado para o outro, só para descobrir que todo mundo ali no beco – e que seriam Tohr, Qhuinn, Rhage, Blaylock, Zsadist e Phury – estava assistindo ao show. E o que você sabe, cada um dos machos tinha

uma expressão que sugeria que eles estavam realmente, verdadeiramente, completamente e plenamente felizes de que a última declaração de John não havia saído das *suas* bocas.

Vocês se importam?! – John acenou com o olhar.

Na dica, o grupo começou a disfarçar, olhando para o céu escuro, abaixo para o pavimento, através dos tijolos nas paredes do beco. Murmúrios masculinos flutuavam na brisa fétida, como se eles estivessem numa convenção de críticos de cinema discutindo o filme que havia acabado de ser projetado na tela.

Ele não dava a mínima para suas opiniões.

E nesse momento de raiva, ele não ligava para a de Xhex também.

De volta à mansão da Irmandade, No'One tinha o vestido da cerimônia de emparelhamento de sua filha nas mãos e um *doggen* plantado a sua frente, frustrando sua busca por direções para a lavanderia no segundo andar. A primeira pergunta foi bem-vinda; a segunda não.

– Não, – ela disse novamente. – Eu mesma devo cuidar disso.

– Ama, por favor, é uma coisa simples para...

– Então me deixar cuidar do vestido não deve ser nenhum problema para você.

O rosto do *doggen* se abateu tanto, que era uma maravilha que ele não precisasse elevar os olhos para encontrar com os seus. – Talvez... Eu devesse apenas checar com meu superior...

– E talvez eu devesse dizer a ele o quão prestativo você foi me mostrando os produtos de limpeza e o quanto eu apreciei os seus ótimos serviços prestados a mim.

Embora seu capuz estivesse erguido escondendo sua face, o *doggen* parecia medir as intenções dela claramente. Ela não seria convencida do contrário. Não por

esse membro dos empregados e nem por nenhum outro. A única opção dele seria jogá-la por cima dos ombros e carregá-la para fora dali e isso jamais ocorreria.

– Eu estou...

– Prestes a me mostrar o caminho, não é mesmo?

– Ah... Sim, ama.

Ela inclinou a cabeça. – Obrigada

– Posso pegar...

– A dianteira? Sim, por favor. Obrigada.

Ele não iria segurar o vestido para ela. Ou limpá-lo. Ou pendurá-lo. Ou guardá-lo.

Isso era entre ela e sua filha.

Com o desânimo digno de um naufrago, o servo se virou e começou a caminhar, guiando-a pelo longo corredor decorado com belas estátuas de mármore com machos em diversas posições. Em seguida, através de algumas portas giratórias no final, para a esquerda e através de outro conjunto de portas.

A partir deste ponto, tudo mudou. A passadeira no piso de madeira não era mais Oriental, mas um simples e limpo, de cor creme. Não havia nenhuma arte nessas paredes impecáveis e suaves e, as janelas eram cobertas não com grandes faixas de cor com franjas e borlas⁸, mas com pesados tecidos de algodão na mesma cor clara.

Eles haviam entrado na ala dos servos da mansão.

A justaposição havia sido a mesma na mansão de seu pai: um padrão para a família. Um padrão para os criados.

Pelo menos era o que tinha ouvido. Ela nunca havia ido para a parte dos fundos da casa quando viveu lá.

– Isso deve ser, – o *doggen* abriu um par de portas, – tudo o que a ama procura.

⁸ Adorno pendente feito de fios de lã, seda, etc.

O aposento era do tamanho da suíte que ela possuía na casa de seu pai, grande e espaçoso. Exceto que não haviam janelas. Nenhuma grande cama com um conjunto de móveis feito a mão. Nenhum tapete bordado em pêssego, amarelo e vermelho. Nenhum guarda-roupa repleto de roupas da moda vindas de Paris, ou gavetas de joias, ou cesto com fitas de cabelo.

Isso era onde ela pertencia agora. Especialmente enquanto o *doggen* descrevia os diversos utilitários brancos, como as máquinas de lavar e secadoras e depois, detalhava a operação da tábua de passar e dos ferros.

Sim, a ala dos servos, muito mais do que as acomodações de hóspedes, era seu lar e, tinha sido sempre desde que ela... Encontrou a si mesma em um lugar diferente.

Na verdade, se ela pudesse convencer alguém, qualquer pessoa, a deixá-la ter um quarto aqui embaixo nesta parte da mansão, seria preferível. Infelizmente, de qualquer maneira, como mãe da *shellan* de um dos principais guerreiros da casa, foram-lhe concedidos privilégios, os quais ela não merecia.

O *doggen* começou a abrir os armários e as despensas, mostrando a ela toda a espécie de equipamentos e misturas descritos como vaporizadores e removedores de manchas e prensas...

Terminado o tour, ela se aproximou e se ergueu desajeitadamente no seu pé bom para pendurar o cabide do vestido na maçaneta.

– Existe alguma mancha a qual a senhora tenha conhecimento? – o *doggen* perguntou enquanto ela examinava a saia.

No'One seguiu o mesmo procedimento em cada pedaço de toda a parte de baixo, no corpete e nas mangas. – Há apenas esta que eu consigo ver. – ela se inclinou cuidadosamente para não por muito peso em sua perna fraca. – Aqui onde a barra encosta no chão.

O *doggen* fez o mesmo e inspecionou a mancha escurecida no tecido, suas pálidas mãos tão seguras, seu semblante era de concentração ao invés de confusão.

– Sim, lavagem manual a seco, eu creio.

Ele a levou para o outro lado do aposento e descreveu um processo que com certeza levaria horas. Perfeito. E antes que ela o deixasse partir, insistiu que ele

ficasse ao seu lado durante os primeiros procedimentos. Como isso o faria se sentir mais útil, funcionaria para ambos.

– Acredito que estou pronta para continuar sozinha. – ela disse eventualmente.

– Muito bem, ama. – ele fez uma reverência e sorriu. – E devo descer e contribuir com o preparo da Última Refeição. Se vir a precisar de qualquer coisa, por favor, me chame.

Pelo que ela aprendeu desde sua chegada, isso requereria um telefone...

– Aqui. – ele disse por cima do balcão. – Aperte asterisco, em seguida um e pergunte por mim, Greenly.

– Você foi de grande ajuda.

Ela afastou o olhar rapidamente, não querendo vê-lo fazer uma reverência a ela. E não tentou respirar fundo até que a porta se fechasse atrás dele.

Agora só, ela colocou as mãos nos quadris e deixou sua cabeça cair por um instante, a pressão em seu peito dificultando que o ar preenchesse seus pulmões.

Quando ela chegou aqui, esperava ter que fazer um grande esforço – e teve, só que não com as coisas nas quais imaginava que teria.

Ela não havia considerado como seria difícil existir numa casa aristocrática. A casa da Primeira Família, na verdade. Pelo menos no período em que ela esteve com as Escolhidas, havia outro ritmo e outras regras, com ninguém abaixo dela. Aqui? A posição elevada, que as pessoas forçavam sobre ela, cortava seu oxigênio na maioria do tempo.

Querida Virgem Escriba, talvez ela devesse ter pedido para o servo ficar. Ao menos a natural necessidade por compostura a mantinha firme em suas costelas. Com ninguém de quem se esconder, contudo, ela lutava para respirar.

O manto teria que ser retirado.

Mancando até as portas, ela pretendia trancá-las, mas descobriu que não havia o mecanismo. Não era o que ela estava esperando.

Puxando uma pequena abertura, ela colocou a cabeça para fora e checkou duas vezes o longo pátio.

Todos os servos estariam no andar de baixo preparando a comida para as pessoas da casa. E o mais importante era que não existia possibilidade de que mais ninguém além dos *doggens* viesse para esta parte da mansão.

Ela estava a salvo de outros olhares.

Fechando-se no aposento novamente, ela soltou o nó em volta de sua cintura, removeu o capuz de sua cabeça e então se despiu do peso que ela suportava sempre quando em público. Ah, glorioso alívio. Erguendo bem os braços, alongou os ombros, a as costas e então puxou seu pescoço de um lado para o outro. Sua última ação foi levantar a pesada trança de seu cabelo e colocá-la sobre seu ombro, aliviando um pouco da pressão em sua nuca.

Salvo aquela primeira noite em que ela havia chegado a esta casa e confrontado sua filha, bem como o Irmão que havia tentado salvar sua vida há muito tempo, ninguém mais havia visto seu rosto. E ninguém mais iria. Desde aquela breve revelação, ela sempre se manteve coberta e iria permanecer dessa forma.

A prova de sua identidade havia sido um mal necessário.

Como sempre, ela usava por baixo de sua túnica uma simples vestimenta de linho que ela mesma tinha confeccionado. Possuía várias dessas e quando elas ficavam muito desgastadas, ela as reutilizava como toalhas para se enxugar. Ela não estava certa de onde encontraria o tecido para substituí-las aqui, mas esse não era o problema. A fim de se recompor fisicamente para que não precisasse se alimentar, ela retornaria regularmente para o Outro Lado e lá conseguiria o que necessitasse.

Os dois lugares eram tão diferentes. E ainda assim, suas horas eram as mesmas: infinitas, solitárias...

Não, não inteiramente solitárias. Ela tinha vindo a este lado para encontrar sua filha, e agora que a tinha encontrado, ela iria...

Bem, esta noite, ela iria limpar este vestido.

Acariciando o tecido delicado, ela não pôde impedir as lembranças de emergirem, um gêiser nada bem-vindo.

Ela tivera vestidos como este. Dúzias deles. Eles tinham enchido o armário de seu quarto de dormir, aquele quarto lindamente mobiliado que tinha portas francesas.

As quais se provaram menos do que seguras.

Enquanto os olhos dela se enevoaram, ela lutou contra o puxão do passado. Ela já passara por aquele buraco negro mais vezes do que podia contar...

– Você devia queimar este manto.

No'One girou tão rápido que quase derrubou o vestido da bancada.

Na porta estava um forte macho com cabelos loiros e negros. Na verdade, ele era tão grande que preenchia o umbral duplo, mas isto não era o mais chocante.

Ele parecia brilhar.

Mas também, ele estava coberto de ouro, argolas e pregos marcando as orelhas, sobrancelhas, lábios, garganta.

No'One esticou as mãos para o que normalmente a cobria, e ele ficou parado calmamente enquanto ela vestia o manto.

– Melhor? – ele disse suavemente.

– Quem é você?

O coração dela batia tão rápido que as três palavras saíram apressadamente. Ela não era boa com machos em lugares fechados, e este lugar era muito fechado, e ele era muito macho.

– Sou seu amigo.

– Então porque ainda não fomos apresentados?

– Algumas pessoas diriam que isto foi sorte sua, – ele murmurou. – E você já me viu, às refeições.

Ela provavelmente tinha visto mesmo. Comumente ela mantinha a cabeça baixa e os olhos no prato, mas sim, ele tinha estado por lá.

– Você é muito bonita, – ele disse.

Somente duas coisas evitaram que ela entrasse em pânico: primeiro, não havia especulação naquela voz profunda dele, nada de calor masculino, nada que a fizesse sentir-se uma presa; e segundo, ele tinha mudado de posição, estava recostado contra o batente da porta agora – deixando-lhe espaço para fugir se ela precisasse.

Como se ele soubesse que a deixava nervosa.

– Eu tenho te dado tempo para se ambientar e entender seu comportamento, – ele murmurou.

– Por que você faria isto?

– Porque você está aqui por um motivo muito importante, e eu vou te ajudar.

Os olhos do macho, brilhantes e sem pupilas travaram-se nos seus, mesmo que o rosto dela estivesse nas sombras... Como se ele não estivesse somente olhando para ela, mas dentro dela.

Ela deu um passo para trás.

– Você não me conhece.

Ao menos esta era uma verdade tão sólida que ela conseguiria plantar os pés sobre ela: mesmo se este, sabe-se lá quem, fosse um conhecido de seus pais, sua família, sua linhagem, ele não a conhecia. Ela não era mais quem uma vez fora: o sequestro, o nascimento, sua morte tinha apagado de vez aquele quadro.

Ou tinha-o quebrado em pedaços, mais precisamente.

– Eu sei que você pode me ajudar, – ele disse, – Que tal isto?

– Você está procurando uma criada?

Difícil de imaginar, dado o número de empregados nesta casa – mas este não era o ponto. Ela não queria servir um macho de nenhuma forma mais próxima.

– Não. – Agora ele sorriu, e ela teve de admitir que ele parecia um pouco... Gentil. – Você sabe, sua escolha não precisa ser por servir.

Ela elevou um pouco o queixo. – Todos os trabalhos são honrados.

Aquele era um fato que ela desconhecia antes de tudo mudar. Querida Virgem Escriba, ela tinha sido uma pirralha mimada e estragada. E desfazer-se daquelas roupas feias e cravejadas de joias, de auto-presunção tinha sido a única coisa boa que sobrara disto tudo.

– Não sustentaria o contrário. – Ele inclinou a cabeça, como se estivesse imaginando-a em um lugar diferente, com roupas diferentes. Ou talvez ele só estivesse com torcicolo; sabe-se lá. – Pelo que sei, você é a mãe da Xhex.

– Ela nasceu de mim, sim.

– Eu ouvi dizer que Darius e Tohr a deram à adoção depois do nascimento.

– Eles o fizeram. Eles me ampararam durante minha convalescência. – Ela pulou a parte sobre ter pegado a adaga dele e tê-la enterrado em sua própria carne: ela já tinha falado demais com este macho.

– Você sabe, Tohrment, filho de Hharm, passa muito tempo olhando para sua direção às refeições.

No’One recuou. – Tenho certeza de que está enganado.

– Meus olhos funcionam muito bem. Os dele também, aparentemente.

Agora ela riu, a dura e curta explosão escapando de sua garganta. – Posso assegurar-lhe, não é por me achar bonita.

O macho deu de ombros, – Bem, amigos podem discordar.

– Com o devido respeito, não somos amigos. Eu não o conheço...

Abruptamente, o quarto se encheu de um brilho dourado, a luz tão intensa e deliciosa, que ela sentiu a pele pinicar de calor.

No’One deu mais um passo para trás enquanto percebia que não era uma ilusão de ótica cortesia de todas as joias que ele usava. O macho era a fonte da iluminação, seu corpo, seu rosto, sua aura como fogo contido.

Enquanto ele sorria para ela, sua expressão era a de um homem santo. – Meu nome é Lassiter, e eu vou dizer-lhe tudo o que precisa saber sobre mim. Eu sou um anjo, em primeiro lugar, e um pecador, em segundo, e eu não vou ficar por aqui por muito tempo. Eu nunca vou machucá-la, mas estou pronto para fazê-la

malditamente desconfortável, se isto for preciso para fazer meu trabalho. Eu gosto de por do sol e longas caminhadas na praia, mas minha fêmea perfeita não mais existe. Oh, e meu hobby favorito é irritar pessoas. Acho que fui criado para tirar as pessoas do sério – provavelmente devido a toda aquela coisa de ressurreição.

As mãos de No’One se elevaram e seguraram o manto em um agarre apertado. – Por que você está aqui?

– Se eu te dissesse agora, você lutaria com unhas e dentes, mas vamos apenas dizer que eu acredito em círculos completos... Eu simplesmente não tinha visto o círculo no qual estamos até que você chegou. – Ele fez uma ligeira reverência.

– Cuide-se... E deste vestido bonito.

Com isto, ele se foi, deslizando para longe, levando o calor e a luz com ele.

Recostando-se contra o balcão, ela levou um tempo para perceber que a mão doía. Olhando para baixo, ela olhou a distância, vendo as juntas esbranquiçadas e a carne rígida contra a lapela do manto, como se fossem membros de outra pessoa.

Era sempre assim quando ela olhava para qualquer parte de seu corpo.

Mas ao menos, ela podia controlar sua carne: seu cérebro ordenava à mão anexada ao braço que estava grudado ao torso para soltar e relaxar.

Enquanto as mãos obedeciam, ela olhou novamente para o local onde o macho tinha estado. As portas estavam fechadas. Exceto... Ele não tinha fechado, tinha?

Ele tinha ao menos estado aqui?

Ela adiantou-se e olhou para o corredor. Em todas as direções... Não havia ninguém.

Capítulo CINCO

Após quase duzentos anos de emparelhamento, Tohr estava bem familiarizado com as discussões entre guerreiros estupidamente teimosos e suas fêmeas de temperamento forte. E como era ridículo ter um momento de nostalgia logo agora quando John e Xhex estavam quase arrancando os olhos um do outro.

Deus, ele e sua Wellsie tinham tido alguns bons rounds em seus dias.

Só uma coisa a mais para lamentar.

Trazendo seu cérebro exausto aos trilhos novamente, ele se postou entre o par, percebendo que a situação precisava de uma injeção de realidade. Se tivesse sido qualquer outro casal, ele não teria gasto o fôlego. Romance não era seu negócio – indo eles bem ou mal – mas se tratava de John. Ele era... O filho que ele uma vez esperara ter.

– Hora de voltar à mansão, – ele disse. – Vocês dois precisam de cuidados.

– Fique fora disto.

Fique fora disto.

Tohr esticou a mão e agarrou a nuca de John Matthew, apertando aqueles tendões até que o macho foi forçado a olhar para ele. – Não precisa ser um imbecil sobre isto.

Oh, claro, tudo bem então você ser imbecil...

– Você está certo, garoto. Este privilégio vem com a idade. Agora cale a boca e entre na porra do carro.

John franziu a testa como se só agora tivesse notado que Butch tinha chegado com o Escalade.

– E você, – Tohr disse em um tom mais suave. – Faça um favor a todos nós e cuide deste ombro. Depois disto, você pode chamá-lo de fodido cabeça-de-vento, dizer que ele tem a cabeça enfiada no rabo, e muitas outras coisas que lhe ocorrerem - mas agora, este seu ferimento está cicatrizando em três ou quatro

diferentes maneiras ruins. Você precisa ver nosso cirurgião rápido, e como você é uma fêmea razoável, eu sei que sabe que estou certo.

Tohr esticou o dedo indicador e enfiou-o na cara de John. – Cala. Boca. E não, ela vai voltar sozinha à mansão. Não vai, Xhex? Ela não vai entrar neste carro com você.

As mãos de John começaram a se mover, mas pararam quando Xhex disse, – Ok, vou para o norte agora.

– Bom. Vamos lá, filho. – Tohr empurrou John na direção da SUV, preparado para agarrá-lo pelos cabelos curtos se fosse preciso. – Hora de dar uma vultinha.

Cara, John estava tão puto que seria possível fritar um ovo em sua testa.

No entanto. Merda. Tohr abriu a porta do lado do passageiro e jogou o guerreiro no banco da frente como se ele fosse uma mala com uma muda de roupa, ou um saco de tacos de golfe, ou talvez um saco de compras.

– Pode colocar o cinto como um garoto crescido ou devo fazer isto por você?

Os lábios de John se separaram, revelando as presas.

Tohr só balançou a cabeça e apoiou um braço na pintura negra da SUV. Cara, ele estava cansado pra caralho. – Ouça-me... Como um macho que já passou por isto milhões de vezes... Vocês dois precisam de um pouco de espaço agora. Quartos separados, um pouco de calma... Então vocês poderão conversar sobre a merda toda e... – Sua voz ficou melancólica. – Bem, sexo de reconciliação é fantástico, pelo que eu me lembre.

A boca de John Matthew formou algumas variações de *porra*. Então ele bateu a cabeça contra o encosto. Duas vezes.

Nota mental: pedir a Fritz para verificar danos estruturais no banco do carro.

– Acredite em mim, filho. Vocês dois vão passar por isto de vez em quando, e você bem pode começar a lidar com isso de forma racional agora. Levou-me uns bons cinquenta anos piorando as coisas até que aprendi um jeito melhor de discutir. Aprenda com meus erros.

A cabeça de John girou enquanto ele começava a formar com a boca, *Eu a amo tanto. Eu morreria se algo acontecesse a e...*

Quando ele parou de súbito, Tohr respirou profundamente através da dor em seu peito. – Eu sei. Acredite-me... Eu sei.

Batendo a porta, ele circulou o carro até o lado de Butch. Quando a janela baixou, ele disse tranquilamente, – Dirija devagar e faça o caminho mais longo. Tente chegar lá só depois de a cirurgia terminar. A última coisa que precisamos é ele no pé de Manny enquanto ele a costura.

O tira concordou. – Ei, precisa de uma carona? Você não parece bem.

– Estou bem.

– Tem certeza de que sabe o que estas duas palavras significam?

– Sim. Até mais.

Quando ele se virou, viu que Xhex já tinha partido, e soube haver uma boa probabilidade dela ter feito o que disse que faria. Mesmo que ela estivesse tão puta da vida quanto John, ela não seria tão estúpida sobre sua saúde, ou o futuro deles.

Fêmeas, no final das contas, não eram apenas o sexo mais belo, eram também o mais belamente razoável deles. O que era o único motivo para que a raça sobrevivesse por tanto tempo.

Enquanto o Escalade arrancava a passos de lesma, Tohr antecipava a diversão que Butch iria ter no caminho para casa. Difícil não sentir pena do pobre bastardo.

Eeeeeeee então ele se virou para encarar sua fila do gargarejo. Parecia que o tira de Boston não seria o único a ouvir um sermão, e estava certo, cada um dos machos caiu matando em cima dele:

– Hora de voltar ao centro de treinamento.

– Você precisa de tratamento.

– Você é um macho razoável, e eu sei que sabe que estou certo.

– Não seja um imbecil.

Rhage resumiu o palavreiro em uma expressão simples: – O sujo falando do mal lavado.

Putá merda. – Vocês ensaiaram isso?

– Sim, e se você não concordar conosco, – Hollywood mordeu seu pirulito de uva, – Vamos fazer de novo - desta vez com movimentos de dança.

– Poupe-me.

– Tá bom. A menos que concorde em ir para casa, nós vamos dançar. – Para provar seu ponto, o bobão juntou as mãos atrás da cabeça e começou a fazer movimentos obscenos com os quadris. Acompanhado de uma série de, – Uh-huh, uh-huh, ohhhh, simmmmm, quem é o papai...

Os outros olharam para Rhage como se tivesse crescido um chifre no meio da testa dele. Nada incomum. E Tohr soube que, apesar de seu divertimento ridículo, se ele não cedesse, os outros chutariam tão forte seu traseiro, que ele cuspiria os shitkickers⁹.

Também nada incomum.

Rhage girou, empinou a bunda e começou a dar palmadas no traseiro como se fosse massa de pão.

A única vantagem? Fosse lá a merda que ele estava cantando, soava abafado.

– Pelo amor da Virgem Escriba, – Z resmungou, – Acabe com nossa miséria e vamos voltar pra porra da casa.

Alguém mais concordou, – Sabe, eu nunca pensei que houvesse vantagens em ser cego...

– Ou surdo.

– Ou mudo, – alguém completou.

Tohr olhou ao redor, esperando que algo cheirasse como carne de sanduíche de três dias atrás pulasse das sombras.

Sem sorte.

E a próxima coisa que você veria, era Rhage fazer a dança do robô. Ou Cabbage Patch¹⁰. Ou lançaria – Twist and Shout¹¹ – pra cima deles.

⁹ Tipo de bota que os Irmãos usam.

¹⁰ Dança que consiste em juntar as mãos na forma de punhos e movê-las em movimentos horizontais e circulares.

¹¹ Música dos Beatles.

Seus irmãos jamais o perdoariam.

Uma hora e meia...

Levou uma hora e trinta fodidos minutos para voltar para casa.

Até onde John pôde perceber, a única maneira de a viagem ser mais longa era se Butch tivesse desviado por Connecticut. Ou talvez Maryland.

Quando eles finalmente chegaram à frente da grande mansão de pedra, ele não esperou estacionar o Escalade – ou mesmo parar. Destrancou a porta e escapou enquanto a SUV ainda estava em movimento. Caindo numa corrida desembestada, ele galgou os degraus de pedra da entrada principal de um único salto, e depois de invadir o vestíbulo, meteu a cara tão em cima da câmera de segurança, que quase quebrou as lentes com o nariz.

A porta sólida de bronze se abriu rapidamente, mas ele não saberia dizer quem fez as honras. E o vestíbulo inacreditável das cores do arco-íris, com as colunas de mármore e malaquita e seu teto alto pintado não o impressionaram. Nem o chão de mosaicos que ele cruzou numa corrida cega, ou o chamado de seu nome por sabe-se-lá-quem.

Batendo à porta que estava enfiada por baixo da grande escadaria, ele entrou no túnel subterrâneo que se conectava ao centro de treinamento, digitando os códigos tão fortemente que era incrível não ter quebrado o teclado. Entrando pela traseira do escritório de suprimentos, ele rodeou a mesa, passou pela porta de vidro, e...

– Ela está sendo operada agora, – V anunciou de uma distância de quarenta e cinco metros.

O Irmão estava parado do lado de fora da porta de uma grande sala de exames, um cigarro enrolado a mão entre os dentes, um isqueiro nas mãos enluvadas.

– Serão só mais vinte minutos.

Enquanto um shhhhhhhh se elevou, uma chama diminuta apareceu, e V trouxe o calor para a ponta de seu cigarro. Quando exalou, o aroma de tabaco turco se espalhou vagarosamente pelo salão.

Esfregando a cabeça dolorida, John sentiu como se tivesse sido colocado em um metafórico intervalo.

– Ela vai ficar bem, – V disse num jorro de fumaça.

Não havia motivos para apressar-se agora, e não só apenas porque ela estava na mesa. Era malditamente óbvio que V tinha sido colocado no hall como uma barreira viva e respirante: John não entraria naquele quarto até que o Irmão o permitisse.

Provavelmente isso era o mais esperto a se fazer. Dado seu humor, ele seria perfeitamente capaz de arrombar a porta, deixando nada além do batente na parede – e naturalmente, isto não era o que se queria em bisturilândia.

Desviado de seu objetivo, John arrastou seu traseiro arrependido para o Irmão. *Eles te colocaram aqui, não?*

– Não. Isso é só uma pausa para fumar.

É, ta certo.

Instalando-se contra a parede próxima ao macho, John sentiu-se tentado a bater a cabeça no concreto, mas não quis arriscar-se a fazer mais barulho.

Era cedo demais, ele pensou. Cedo demais para ele ser afastado de outro tratamento dela. Cedo demais para eles estarem brigando. Cedo demais para a tensão e a raiva.

Posso provar um desses? Ele acenou.

V levantou uma sobrancelha, mas não tentou lhe inculcar bom senso. O Irmão só tirou uma bolsa e alguns papéis de enrolar. – Quer fazer as honras?

John negou com a cabeça. Primeiro porque, apesar dele ter visto V enrolar cigarros incontáveis vezes, ele nunca tinha tentado nada como isto antes. Depois, ele não achava que suas mãos estivessem firmes o suficiente.

V tomou conta das coisas por um momento, e enquanto entregava a John o cigarro, acendeu o isqueiro.

Ambos se inclinaram. Bem antes de John encostar a chama no cigarro, V disse, – Um aviso. Esta merda é forte, então não trague muito profundamente...

Santa hipóxia¹², Batman.

Os pulmões de John não rejeitaram simplesmente o ataque; eles tiveram uma convulsão. E enquanto ele tossia através de seus tubos bronquiais, V tirou dele o item ofensor. O que foi de grande ajuda, já que ele precisava de ambas as mãos para apoiar-se nas coxas enquanto se inclinava e tinha ânsias de vômito.

Quando as estrelas se desvaneceram de seus olhos lacrimejantes, ele olhou para V... E sentiu suas bolas se encolherem e hibernarem em suas entranhas inferiores. O Irmão pegara o cigarro de John e estava fumando-o junto com o seu, tragando ambos ao mesmo tempo.

Ótimo. Como se ele já não estivesse se sentindo como um maricas.

V segurou o par com seu dedo indicador e anelar. – A menos que você queira tentar novamente? – Quando John balançou a cabeça, ganhou um aceno de aprovação. – Bom. Uma segunda tragada e sua próxima parada seria o cesto de lixo - e não seria para jogar seu Kleenex¹³, sério.

John deixou seu traseiro deslizar pela parede até que o chão de linóleo amparou-o. *Onde está Tohr? Ele já chegou?*

– Sim. Mandei-o comer. Disse-lhe que não o permitiria aqui até que jurasse que teria uma refeição completa, com sobremesa e tudo. – V tragou de novo e exalou a fumaça cheirosa. – Eu quase tive de arrastá-lo para lá eu mesmo. Você pode contar com ele, de verdade.

Ele quase se matou esta noite.

– O mesmo pode ser dito do resto de nós. É a natureza do trabalho.

Você sabe que com ele é diferente.

Um grunhido foi tudo o que recebeu de resposta.

¹² Hipóxia significa baixo teor de oxigênio. Trata-se de um estado de carência de oxigênio nos tecidos orgânicos.

¹³ Marca de lenço de papel.

Enquanto o tempo passava, e V fumava como uma chaminé, John se encontrou querendo perguntar o “imperguntável”.

À beira do decoro, o desespero eventualmente fê-lo cruzar o limite. Assobiando suavemente de modo que Vishous pudesse olhar para ele, ele usou as mãos cuidadosamente.

Como ela vai morrer, V. Enquanto o Irmão endurecia, John assinalou. Eu ouvi que você às vezes vê essas coisas. E se eu souber que será em idade avançada, eu poderia lidar muito melhor com essa coisa dela estar em campo.

V balançou a cabeça, suas sobrancelhas negras descendo sobre seus olhos diamantinos, a tatuagem em sua têmpora mudando de forma. – Você não devia fazer nenhuma mudança em sua vida baseando-se em minhas visões. Elas são apenas fragmentos de um momento no tempo - que poderia ser a próxima semana, próximo ano, três séculos no futuro. É uma ocorrência sem contexto, não um quando e onde.

Com a garganta apertada, John voltou a perguntar, *Então ela realmente morre violentamente.*

– Eu não disse isso.

O que acontece com ela? Por favor.

Os olhos de V se desviaram de modo que ele encarou o corredor de concreto. E em silêncio, John estava aterrorizado, mas faminto por saber o que o Irmão estava vendo.

– Desculpe, John. Eu cometi o erro de dar esta informação, certa vez, a uma pessoa. Aliviou-o a curto-prazo, realmente o fez, mas... No final, foi uma maldição. Então, sim. Agora eu sei de primeira mão que abrir esta lata de vermes não leva ninguém a lugar algum. – Ele olhou para longe. – Engraçado, a maioria das pessoas não quer saber, certo? E eu acho que é bom e esta é a forma como as coisas devem ser. É por isto que eu não posso ver minha própria morte. Ou a morte de Butch. Ou a morte de Payne. São próximos demais. A vida é para ser vivida às cegas - é desta forma que você não deixa de valorizar a merda toda. A porcaria que eu vejo não é natural - não é certo, garoto.

John sentiu um grande zumbido começar em sua cabeça. Ele sabia que o cara estava falando sensatamente, mas ele estava tremendo de necessidade de saber.

Um olhar para a mandíbula de V, no entanto, disse-lhe que ele estava latindo para a árvore errada se insistisse neste assunto.

Nada viria dele.

Exceto, talvez, um punho.

Ainda assim, era horrível ficar à parte deste terrível conhecimento, sabendo que ele estava ali no mundo, um livro que não poderia, não deveria ler – que ele apesar de tudo estava morrendo para ter entre as mãos.

Era apenas... Sua vida inteira estava lá com a doutora Jane e Manny. Tudo o que ele era, e tudo o que ele jamais seria, estava naquela mesa, apagada como uma luz, sendo consertada porque o inimigo a tinha ferido.

Enquanto ele fechava os olhos, ele viu a loucura no rosto de Tohr na hora que o Irmão atacou aquele *lesser*.

Sim, ele pensou, ele agora sabia, em sua medula precisamente, como o macho se sentia.

Inferno na Terra fazia você fazer algumas coisas fodidamente erradas.

Capítulo SEIS

Lá em cima, na sala de jantar formal, a comida que Tohr comia com os outros era toda textura, nenhum sabor. Da mesma forma, a conversa que circulava ao redor da mesa era toda som sem nenhuma relevância. E as pessoas à sua direita e esquerda eram figuras bidimensionais, nada mais que isto.

Enquanto ele se sentava com seus irmãos e suas *shellans* e convidados da mansão, tudo estava distante, um borrão enevoadado.

Bem, quase tudo.

Havia apenas uma coisa na grande sala que causava alguma impressão nele.

Através da porcelana e a prataria, no canto mais afastado dos buquês de flores e candelabros encurvados, uma figura vestida num manto sentava-se imóvel e auto-contida na cadeira precisamente oposta a dele. Com aquele capuz posto, a única coisa à mostra da fêmea que havia por debaixo era um par de mãos delicadas que, de tempos em tempos, cortava um pedaço de carne ou garfava um bocado de arroz.

Ela comia como um passarinho. Era silenciosa como uma sombra.

E por que ela estava aqui, ele não fazia ideia.

Ele a havia enterrado no País Antigo. Embaixo de uma macieira, pois ele esperara que as florações perfumadas pudessem acalmá-la em sua morte.

Deus sabia que ela não tivera nada de fácil em sua vida.

E ainda agora ela estava viva novamente, chegara com Payne do Outro Lado, prova positiva de que quando se tratava da Virgem Escriba e sua concessão de misericórdias, tudo era possível.

– Mais carneiro, senhor? – um *doggen* perguntou, a altura de seu cotovelo.

O estômago de Tohr estava embrulhado tão apertado quanto uma mala lotada, mas ele ainda sentia as juntas enfraquecidas e a cabeça distraída. Achando que comer mais era melhor do que a provação de tomar uma veia, ele disse sim.

– Obrigado, cara.

Enquanto seu prato era novamente cheio com carne, e ele voluntariamente se servia de mais arroz pilafe¹⁴, ele olhou em volta para os outros, só para ter algo o que fazer.

Wrath estava na cabeceira da mesa, o rei presidia a tudo e todos. Beth supostamente deveria estar na cadeira oposta, do outro lado da mesa, mas ao invés, como sempre, ela estava no colo de seu *hellren*. Como também era típico. Wrath estava mais interessado em prestar homenagem a sua fêmea do que alimentar-se. Mesmo estando totalmente cego agora, ele alimentava sua *shellan* de seu prato, levantando seu garfo e segurando-o de forma que ela pudesse se inclinar e aceitar o que ele oferecia.

O orgulho que ele tão claramente sentia dela, a satisfação que tinha em cuidar dela, o maldito calor entre eles transformava seu rosto duro e aristocrático em algo quase terno. E de tempos em tempos ele expunha suas longas presas, como se estivesse ansiando por estar com ela, dentro dela... De várias formas.

Não era o tipo de coisa que Tohr precisava ver.

Girando sua cabeça ao redor, ele captou Rehv e Ehlena sentados lado a lado, fazendo coisas de apaixonados. E Phury e Cormia. E Z e Bella.

Rhage e Mary...

Franzindo o cenho, ele pensou em como a fêmea de Hollywood havia sido salva pela Virgem Escriba. Ela estava à beira da morte, apenas para ser puxada de volta e lhe ser oferecido uma vida longa.

Lá embaixo, na clínica. Doutora Jane também. Morta, mas retornara, com nada além de bons anos a frente para ela e seu *hellren*.

Os olhos de Tohr se fixaram na figura de manto à sua frente.

A raiva ferveu em seu estômago distendido, adicionando pressão. Aquela aristocrata caída em desgraça, agora conhecida pelo nome de No'One, tinha fodidamente voltado também, a ela tinha sido oferecido a dádiva de vida nova pela maldita mãe da raça.

¹⁴ Tipo de arroz da culinária indiana.

Sua Wellsie?

Morta e deixada de lado. Nada além de lembranças e cinzas.

Para todo o sempre.

Enquanto sua cabeça começava a realmente zunir, ele imaginou quem ele tinha de subornar ou golpear para ter este tipo de privilégio. Sua Wellsie tinha sido uma fêmea de valor, iguais àquelas três – por que ela não havia sido poupada? Por que caralho ele não era como aqueles outros machos, ansiando pelo resto de seus anos?

Por que não havia sido oferecida misericórdia a ele e sua *shellan* quando mais precisavam...

Ele estava olhando para ela.

Não... Ele a estava encarando.

Do outro lado da mesa, Tohrment, filho de Hharm, tinha os olhos focados em No'One com olhos duros e zangados, como se estivesse ressentido não apenas de sua presença naquela casa, mas também por cada respiração em seus pulmões ou batidas de seu coração.

A expressão não favorecia suas feições. De fato, ele havia envelhecido tanto desde a última vez que o tinha visto, mesmo que vampiros, especialmente aqueles de linhagens fortes, aparentassem ter vinte e poucos anos antes de morrerem. E aquela não era a única mudança nele. Ele sofria de perda de peso persistente – não importava o quanto comesse à mesa, ele não trazia muita carne em seus ossos, seu rosto marcado com bochechas vazias e um queixo muito pronunciado, seus olhos fundos manchados com sombras acima e abaixo deles.

Sua enfermidade física, fosse o que fosse, não o impedia de lutar, no entanto. Ele não tinha se trocado antes da refeição, e suas roupas sujas estavam manchadas com sangue vermelho e óleo preto, lembretes viscerais de como aqueles machos passavam suas noites.

Ele tinha lavado as mãos, no entanto.

Onde estava sua *shellan*? Ela se perguntou. Não tinha visto nenhuma evidência de uma esposa – talvez ele tenha permanecido não emparelhado por todos esses anos? Certamente se ele tivesse uma fêmea, ela estaria aqui, apoiando-o.

Afundando sua cabeça ainda mais no capuz, ela posicionou o garfo e a faca ao lado de seu prato. Ela não tinha mais apetite para comida.

Não que estivesse faminta pelos ecos do passado. O último, no entanto, não era algo que ela pudesse educadamente recusar...

Tohrment tinha sido tão jovem quanto ela quando passaram aqueles meses juntos naquela cabana fortificada no País Antigo, refugiando-se do frio do inverno, a umidade da primavera, o calor do verão e do cair das folhas do outono. Eles tiveram quatro estações para observarem sua barriga inchar com vida, um ciclo completo de calendário no qual ele e seu mentor, Darius, mantiveram-na sob cuidado.

Não era assim que sua primeira gravidez deveria acabar. Não era assim que uma fêmea de sua estirpe deveria viver. Não era assim o destino que ela havia almejado.

Muita arrogância dela assumir alguma coisa, entretanto. Havia sido assim, e ainda era, sem volta. Do momento em que ela tinha sido capturada e afastada de sua família, ela havia mudado para sempre tão certamente quanto se ácido tivesse sido espirrado em seu rosto, ou seu corpo tivesse queimado até ficar irreconhecível, ou tivesse perdido membros, visão ou audição.

Porém, isto não foi o pior de tudo. Ruim mesmo foi ela ter sido maculada, mas tinha que ser por um *sympath*? E que aquele estresse tivesse catalisado seu primeiro período de necessidade?

Ela tinha passado aquelas quatro estações embaixo daquele teto de palha consciente de que havia um monstro crescendo dentro dela. Certamente, seu status social havia sido perdido mesmo se fosse um vampiro que a tivesse sequestrado e privado sua família da coisa mais valiosa dela: sua virgindade. Antes de seu sequestro, como filha do *leahdyre* do Conselho, ela tinha sido uma mercadoria de alto valor, o tipo de coisa que era mantida guardada e exposta em ocasiões especiais como uma joia fina.

De fato, seu pai tinha feito arranjos para seu emparelhamento com alguém que a proveria de um estilo de vida ainda mais alto do que aquele no qual havia nascido...

Com terrível clareza, ela lembrou que penteava o cabelo quando o suave clique da porta francesa ecoou.

Ela baixou a escova na penteadeira.

E então a tranca havia sido destrancada por outra pessoa...

Em momentos calmos, desde então, ela algumas vezes imaginava que tinha descido para os aposentos subterrâneos da família naquela noite. Ela não se sentia bem – provavelmente, por causa de seu período de necessidade – e tinha ficado lá em cima porque haveria mais coisas para distraí-la de sua inquietude.

Sim... Ela fingia às vezes que os tinha seguido para baixo, para o porão e, uma vez lá, tinha finalmente dito a seu pai sobre a figura estranha que estava aparecendo com frequência no terraço de fora de seu quarto.

Ela teria se salvado.

Evitado esta raiva do guerreiro do outro lado da mesa...

Ela tinha usado a adaga de Tohrment. Bem depois do parto, ela tinha pego a arma dele. Incapaz de enfrentar a realidade do que tinha trazido ao mundo, incapaz de continuar vivendo o destino a que tinha sido condenada, ela tinha virado a lâmina para seu próprio estômago.

A última coisa que ouvira antes que a luz a envolvesse tinha sido o grito dele...

O ruído da cadeira dele sendo afastada fê-la pular, e todo mundo na mesa silenciou, todos pararam de comer, todos os movimentos cessando, toda conversa sendo cortada enquanto ele saía da sala.

No'One levou seu guardanapo a boca sob o capuz e limpou-a. Ninguém olhou para ela, como se não tivessem percebido a fixação dele nela. Mas no extremo oposto, o anjo com cabelos loiros-e-pretos a olhava fixamente.

Desviando o olhar do dele, ela viu Tohrment sair da sala de jogos do outro lado do saguão. Ele trazia uma garrafa de um líquido escuro em cada mão, e seu rosto ameaçador não era nada além de uma espécie de máscara mortal.

Fechando as pálpebras, ela buscou profundamente dentro de si, tentando achar a força que ia precisar para se aproximar do macho que acabara de sair tão abruptamente. Ela tinha vindo para este lado, para esta casa, para consertar as coisas com a filha que tinha abandonado.

Havia outro que precisava de desculpas, no entanto.

E embora palavras de arrependimento fossem seu último objetivo, ela começaria com o vestido, devolvendo-o a ele tão logo terminasse de limpá-lo com suas próprias mãos. Comparativamente, era uma coisa tão pequena. Mas tinha de começar por algum lugar, e o vestido era claramente uma herança de sua linhagem, dado a sua filha para vestir, quando ela não tinha família nenhuma.

Mesmo depois de todos estes anos, ele continuava a tomar conta de Xhexania.

Ele era uma macho de valor.

No'One foi mais silenciosa em sua partida, mas a sala caiu em silêncio de novo quando ela se levantou de seu assento. Mantendo a cabeça abaixada, ela saiu, não pela arcada, como ele tinha saído, mas através da saída dos criados que levava à cozinha.

Mancando por entre os fornos, balcões e *doggen* ocupados e desaprovadores, ela seguiu pela escada traseira, aquela que tinha paredes simples de gesso e degraus de madeira...

– Ele pertencia à *shellan* dele.

O couro suave da sola de seu chinelo guinchou quando ela girou. Lá embaixo, o anjo estava parado no último degrau.

– O vestido, – ele disse, – Era o vestido que Wellesandra usou na noite em que eles foram emparelhados quase duzentos anos atrás.

– Oh, então eu devo devolvê-lo a ela...

– Ela está morta.

Um calafrio correu em sua espinha. – Morta...

– Um *lesser* atirou em sua cara. – Quando No’One engasgou, os olhos brancos dele não piscaram. – Ela estava grávida.

No’One esticou a mão para o corrimão enquanto seu corpo oscilou.

– Desculpe, – o anjo disse. – Eu não cubro a merda de açúcar, e você precisa saber no que está entrando se for devolver o vestido a ele. Xhex devia ter te dito - estou surpreso que não o tenha.

De fato. Embora não fosse como se elas estivessem passando bastante tempo juntas – e tivessem um monte de assuntos próprios para ficar papeando.

– Eu não sabia, – ela disse finalmente. – As bacias de visão no Outro Lado... Elas nunca... – Só que ela nunca tinha pensado em Tohrment quando ia ver nas bacias; ela tinha sempre se preocupado com Xhexania e focada nela.

– Tragédia, como o amor, cega as pessoas, – ele disse, como se pudesse ler seus arrependimentos.

– Eu não vou levar o vestido a ele. – Balançou a cabeça. – Eu já causei danos suficientes. Dar-lhe o vestido de sua fêmea...

– É um bom gesto. Eu acho que você deve devolvê-lo a ele. Talvez ajude.

– Ajudar no quê? – Ela disse, entorpecidamente.

– A lembrá-lo de que ela se foi.

No’One franziu o cenho. – Como se ele tivesse se esquecido?

– Você ficaria surpresa, minha bela. A corrente de lembranças precisa ser quebrada - então eu digo para levar o vestido a ele, e deixe-o pegá-lo de ti.

No’One tentou imaginar aquela troca. – Que cruel - não, se você está tão interessado em torturá-lo, pode fazer você mesmo.

O anjo ergueu uma sobrancelha. – Não é tortura. É realidade. O tempo está passando e ele precisa seguir adiante rápido. Leve o vestido a ele.

– Porque está tão interessado nos assuntos dele?

– O destino dele é o meu próprio.

– Como isto é possível?

– Acredite-me, eu não fiz as regras.

O anjo olhou para ela como se desafiando-a a encontrar falsidade em suas afirmações.

– Perdoe-me. – Ela disse roucamente, – mas eu já causei suficiente dano aquele bom macho. Eu não vou fazer parte de nada que o machuque.

O anjo esfregou os olhos como se tivesse dor de cabeça. – Maldição. Ele não precisa de amparo. Ele precisa de uma boa bota dura no traseiro - e se ele não conseguir uma logo, ele vai *rezar* para estar no buraco de merda no qual está agora.

– Não entendo nada disto...

– O inferno é um lugar com vários níveis. E para onde ele está indo vai fazer este período de agonia parecer nada além de agulhas por baixo de unhas.

No'One recuou e então teve de limpar a garganta. – Você não tem jeito com as palavras, anjo.

– Sério? Não diga.

– Eu não posso... Eu não posso fazer o que você deseja.

– Sim, você pode. Você deve.

Capítulo SETE

Quando Tohr entrou na sala de jogos, ele não se preocupou em checar quais garrafas tinha pegado. No segundo andar, no entanto, ele viu que a garrafa em sua mão direita era a Tequila Herradura de Qhuinn, e a garrafa em sua mão esquerda era... Drambui¹⁵?

Okay, certo, ele podia estar desesperado, ele ainda tinha bom gosto, e esta merda era horrível.

Avançando pela sala de estar até o fim do saguão, ele trocou a última pelo bom e velho rum fora de moda – talvez ele pudesse fingir que tequila era coca-cola e misturar os dois.

Em seu quarto, ele fechou a porta, quebrou o lacre do Bacardi, e abriu a tampa, mandando o líquido goela abaixo. Pausa para engolir e respirar. Repetir. Eeeee mais uma vez repetir... E mais um bom gole. A linha de fogo que ia de seus lábios às suas entranhas era meio gostosa, como se ele tivesse engolido um relâmpago, e ele manteve o ritmo, tomando ar quando era necessário como se tivesse nadando em estilo livre numa piscina.

Metade da garrafa se foi em cerca de dez minutos, e ele ainda estava em pé em seu próprio quarto. O que era bem estúpido, ele supunha. Ao contrário de ficar bêbado, o que era extremamente necessário.

Ele pôs toda a bebida na mesa de cabeceira e chutou seu coturno até tirá-los. Calças de couro, meias, camiseta regata seguiu na pilha. Quando estava nu, andou até o banheiro, ligou o chuveiro, e entrou com as garrafas nas mãos.

O rum durou todo o tempo de ensaboar-se e passar o shampoo nos cabelos. Quando começou a passar condicionador, abriu a Herradura e terminou-a rapidamente.

Não foi até que saiu do banho que ele começou a sentir os efeitos, as pontas afiadas de seu humor se realinhando e brotando a suavidade do esquecimento. Mesmo quando a maré chegou para reclamá-lo, no entanto, ele continuou bebendo enquanto entrava pingando no quarto.

¹⁵ Licor adocicado de origem escocesa à base de uísque.

Ele queria descer à clínica para ver como Xhex e John estavam, mas ele sabia que ela ia se sair bem desta, e eles teriam todo tipo de coisa para resolver. Ademais, seu humor estava péssimo, e Deus sabia, que eles já tiveram o bastante disto à volta do casal lá no beco.

Desnecessário compartilhar o fardo.

Ele deixou o edredom secar seu corpo. Bem, isto e o calor que gentilmente entrava pela circulação de ar no teto. A Herradura durou um pouco mais do que o rum – provavelmente porque seu estômago estava com lotação esgotada por causa de toda bebida e o grande jantar. Quando a tequila acabou, ele colocou a garrafa na mesa de cabeceira e posicionou seus membros confortavelmente – o que não foi difícil. Àquele ponto, ele poderia ser embalado em uma caixa de FedEx que estaria tudo bem.

Fechando os olhos, o quarto começou a girar suavemente, como se sua cama estivesse bem em cima de um ralo e tudo estivesse lentamente descendo por ele.

Sabe... Considerando o quão bem tudo estava indo, ele teria de lembrar-se desta saída. A dor em seu peito não era nada além de um eco abafado; sua fome de sangue estava esquecida; suas emoções plácidas como uma placa de mármore. Mesmo quando ele dormia, ele não conseguia este tipo de trégua...

A batida em sua porta foi tão suave, que ele pensou que era só uma batida de seu coração. Mas quando se repetiu e se repetiu novamente.

– Maldição, fodido inferno... – ele ergueu a cabeça do travesseiro e gritou, – *O quê?*

Quando não houve resposta, ele levantou. – Uou! É, ok... *Olá.*

Segurando-se na cabeceira da cama, ele chutou a garrafa vazia de Herradura que estava no chão. Nossa! Seu centro de gravidade estava agora dividido entre a ponta do dedinho do pé e a ponta externa de sua orelha esquerda. O que significava que seu corpo estava tentando ir para dois lados diferentes ao mesmo tempo.

Chegar à porta foi como patinar no gelo. Em um carrossel. Com um helicóptero como volante.

E a maçaneta era um alvo móvel, apesar de ser um mistério aquela porta dançar de um lado para outro em seu batente, sem se quebrar.

Abrindo-a, ele grunhiu, – O quê?

Não havia ninguém ali. Mas o que ele viu o deixou momentaneamente sóbrio.

No corredor, pendurado em um dos cabides, estava o vestido vermelho de sua Wellsie.

Ele olhou à esquerda e não viu ninguém. Então ele olhou para a direita e viu... No'One.

No final do corredor, a fêmea vestida em manto ia tão rápido quanto seu coxear permitia, seu corpo frágil se movendo de forma estranha por baixo daquelas camadas de roupa áspera.

Ele provavelmente a teria alcançado. Mas, merda, ele obviamente a tinha assustado pra caralho, e se ele havia sido inadequado para conversa à mesa de jantar, agora ele estava “inadequadomais”.

Vê? Estava até inventando palavras.

Para completar, ele estava nu em pelo.

Atravessando o corredor, ele parou em frente ao vestido. A coisa foi evidentemente limpa com cuidado e preparado para ser guardado, as mangas recheadas com papel de seda, o seu cabide, um daqueles que tinha uma inserção acolchoada para o corpete.

Enquanto olhava para o vestido, os efeitos do álcool faziam parecer como se a saia estivesse tremulando à brisa, o tecido vermelho-sangue ondulando, o comprimento à luz e refletindo-o de vários ângulos.

Só que ele era a única coisa movendo-se ali, não era?

Esticando a mão, ele levantou o cabide de onde estava pendurado e carregou o vestido para dentro do quarto, fechando a porta atrás de si. Em cima da cama, deitou o vestido no lado que Wellsie sempre preferira – o mais longe da porta – e cuidadosamente arrumou as mangas e a saia, fazendo ajustes mínimos até que estava perfeitamente posicionado.

Então ele apagou as luzes.

Deitando-se, encurvou-se ao lado do vestido, colocando a cabeça no travesseiro oposto ao que seria o de Wellsie.

Com uma mão trêmula, tocou o cetim do corpete vazio, sentindo as barbatanas sob o tecido, a estrutura do vestido feita para envolver gentilmente o corpo curvilíneo de uma fêmea.

Não era tão bom quanto as costelas dela. Assim como o cetim não era tão bom quanto a pele dela. E as mangas não eram tão boas quanto os braços dela.

– Sinto tanto sua falta... – Ele acariciou a área do vestido onde estaria a cintura dela – onde a cintura dela deveria estar. – Sinto tanto, tanto sua falta.

E pensar que certa vez ela recheara este vestido. Tinha vivido dentro dele por um tempo breve, nada além do disparo de uma câmera fotográfica de uma noite da vida de ambos.

Por que estas lembranças não a traziam de volta? Elas pareciam fortes o bastante, poderosas o bastante, um feitiço de invocação que deveria fazê-la magicamente reinflar o vestido.

Só que ela estava viva somente em sua mente. Sempre com ele, sempre fora do alcance.

Era isso o que a morte era, percebeu. A grande ilusionista.

E como se ele relesse a passagem de um livro, ele lembrou o dia do seu emparelhamento, o modo como estivera tão nervosamente ao lado dos Irmãos, incômodo com o manto de cetim e o cinto de joias. Seu pai biológico, Hharm, não tinha vindo, a reconciliação que chegou ao fim de sua vida, ainda estava a séculos no futuro. Mas Darius tinha estado lá, o macho olhando para ele a cada dois segundos, pois sem dúvida se preocupava se Tohr iria desmaiar.

O que era preocupação dos dois.

E então Wellsie apareceu...

Tohr deslizou a palma da mão na saia acetinada. Fechando os olhos, imaginou a pele cálida, carne vital recheando o vestido novamente, sua respiração expandindo e contraindo a prisão do corpete, suas longas, longas pernas impedindo que a saia encostasse no chão, o cabelo ruivo cacheado cobrindo a renda negra das mangas.

Em sua visão, ela era real e estava em seus braços, buscando por ele por entre os cílios enquanto dançavam o minueto com os outros. Ambos eram virgens naquela noite. Ele era um idiota desajeitado. Ela sabia exatamente o que fazer. E tinha sido mais ou menos assim que as coisas continuaram a ser na relação deles.

Embora muito rápido ele tenha se tornado malditamente bom no sexo.

Eles tinham sido Yin e Yang, e ainda assim, exatamente iguais. Ele era um sargento na Irmandade, ela tinha sido uma general em casa, e juntos, eles tinham tudo...

Talvez fosse por isso que tudo aconteceu, ele pensou. Ele tivera muita sorte e ela também, e a Virgem Escriba tinha de igualar o placar.

E agora, aqui estava ele, vazio como aquele vestido, porque o que preencheria ambos, ele e o vestido, tinha desaparecido.

As lágrimas que vieram a seus olhos eram silenciosas, do tipo que escorria e ensopava o travesseiro, passando pelo nariz e caindo em queda livre para pingar uma após a outra como chuva da beira de um telhado.

Seu polegar ia e vinha pelo cetim, como se estivesse esfregando o quadril dela como fazia antes quando estavam juntos, e ele moveu a perna para cima da saia.

Mas não era a mesma coisa. Não havia corpo por baixo, e o tecido cheirava a limão, não à pele dela. E ali estava ele, depois de tudo, sozinho neste quarto que nunca fora deles.

– Deus, eu sinto sua falta, – ele disse em uma voz partida. – Todas as noites. Todos os dias...

Do canto escuro do quarto, Lassiter estava parado perto do armário, sentindo-se um merda enquanto Tohr sussurrava para o vestido.

Esfregando o rosto, ele se perguntou por que... *Por que* diabos, de todas as maneiras que ele poderia ter se libertado do Limbo, tinha tido de ser deste jeito.

A merda estava começando a afetá-lo.

A *ele*. O anjo que não ligava a mínima para as outras pessoas, aquele que deveria ser um acertador de contas, advogado ou qualquer coisa na Terra onde foder os outros fosse um trunfo em seu curso de trabalho.

Ele nunca deveria ter sido um anjo. Aquilo requeria uma habilidade que ele não tinha e não podia fingir.

Lá atrás, quando o Criador se aproximara dele com uma oportunidade de se redimir, ele tinha estado focado demais na ideia de se libertar para pensar nas particularidades da tarefa. Tudo o que ele ouvira fora algo na linha de, – Vá a terra, bote este vampiro na linha, liberte aquela *shellan*, – bla bla bla... Depois, ele estaria livre para cuidar de seus assuntos ao invés de estar preso naquela terra do nem-aqui-nem-ali. Parecia um bom negócio. E no começo, fora. Aparecer na floresta com um Big Mac, alimentar o pobre coitado, arrastá-lo para cá... E, então, esperar até Tohr estar forte o bastante fisicamente para começar o processo de seguir adiante.

Bom plano. Só que então veio a estagnação.

“Seguir adiante” era mais do que só lutar contra o inimigo, aparentemente.

Ele estivera perdendo as esperanças, estivera a desistir... Quando subitamente aquela fêmea No’One aparecera na casa – e pela primeira vez, Tohr realmente focou em algo.

E foi quando a luz veio a Marblehead¹⁶: “Seguir adiante” requeria outro nível de participação no mundo.

Certo. Bom. Excelente. Faça o cara transar, formidável! Então todo mundo ganhava – mais especificamente o próprio Lassiter. E, merda, no instante em que ele viu No’One sem o capuz, ele soube que estava no caminho certo. Ela era estonteantemente bonita, o tipo de fêmea que faria até um macho que não estava interessado naquilo, empertigar-se e arrumar as calças. Ela tinha pele branca como papel e cabelos loiros que deviam cascadear até os quadris quando soltos. Com lábios rosados, e olhos adoravelmente cinzentos, bochechas que eram da cor da parte interior de morangos, ela era linda demais para ser real.

¹⁶ Marblehead é uma vila localizada no estado norte-americano de Ohio, no Condado de Ottawa, conhecida pelo alto poder aquisitivo de sua população.

E claramente ela era perfeita por outras razões: ela queria consertar as coisas, e Lassiter assumira que com um pouco de sorte, a natureza tomaria seu curso e tudo se encaixaria... E ela cairia na cama do Irmão.

Certo. Bom. Excelente.

Exceto, o quer que seja, esta... Cena... Do outro lado do quarto? Nada certo, nada bom, nada excelente.

Este tipo de sofrimento era um abismo, um purgatório particular de alguém que não tinha morrido. E maldito fosse se o anjo soubesse como tirar o Irmão dali.

Francamente, ele estava tendo problemas até em testemunhar.

E neste tom, ele não planejava respeitar o cara. Depois de tudo, ele era só uma missão, não estava aqui para virar amiguinho com a sua chave para liberdade.

O problema era, quando a essência amarga da agonia do macho se elevava e enchia o quarto, era impossível não se solidarizar por ele.

Cara, ele somente não podia malditamente aguentar mais.

Projetando-se para fora, no corredor, ele andou sozinho pelas estátuas até o início da grande escadaria. Sentando-se no degrau de cima, ele ouviu os sons da casa. Lá embaixo, os *doggen* faziam a limpeza depois da Última Refeição, os comentários animados deles como música ao fundo, todo ritmado. Atrás dele, no estúdio, o rei e a rainha estavam... “trabalhando”, por assim dizer. A essência de vinculação de Wrath enchia o ar, a respiração ofegante de Beth, muito baixa. O resto da casa estava relativamente quieto, os outros Irmãos e *shellans* e convidados retirados para dormir... Ou para outras coisas na linha do que o casal real estava fazendo.

Erguendo os olhos, ele focou no teto pintado que estava acima do chão de mosaico do saguão. Por sobre as cabeças dos guerreiros retratados em seus cavalos ameaçadores, o céu azul e nuvens brancas pareciam meio ridículos – afinal, vampiros não podiam lutar durante o dia. Mas, que seja, esta era a beleza de representar a realidade ao invés de estar nela. Quando você tinha o pincel na mão, você era o deus que você desejaria que controlasse sua vida, capaz de pegar e escolher no catálogo de mercadorias do destino e da mão de cartas do destino para sua longa e eterna vantagem.

Olhando para as nuvens, ele esperou pela figura que procurava aparecesse, e logo apareceu.

Wellesandra estava sentada em um grande e desolado campo, a planície infinita cheia de pedras cinza, o vento cruel atingindo-a por todas as direções. Ela não estava indo tão bem quanto ia quando a viu pela primeira vez. Embaixo de um cobertor cinza que envolvia ela e a criança, ela estava mais pálida, os cabelos vermelhos apagados numa mancha sem graça, a pele pastosa, os olhos não mais apresentavam aquela tonalidade marrom-xerez. E o bebê em seus braços, o pequeno e enrolado montinho, não se movia muito mais.

Esta era a tragédia do Limbo. Ao contrário do Fade, não era para ser eterno. Era uma estação intermediária rumo a um destino final, e era diferente para cada um. A única coisa que não mudava? Se você ficasse por muito tempo, não conseguiria sair. Sem graça eterna para você.

Você apenas perambularia em um nada infernal, sem chance de se libertar do vazio.

E estes dois estavam atingindo o fim de sua corda.

– Estou fazendo o melhor que posso, – ele disse a eles. – Só aguentem mais um pouco... Fodido inferno... *Aguentem.*

Capítulo OITO

A primeira coisa que Xhex fez quando voltou à consciência foi procurar por John na sala de recuperação.

Ele não estava sentado na cadeira no canto do quarto. Não estava no chão, no canto. Não estava na cama ao seu lado.

Ela estava sozinha.

Onde diabos estava ele?

Ah, tá, claro. Ele demonstrou medo por ela no campo de luta, mas, então, a largara aqui? Será que ele tinha sequer voltado para sua cirurgia?

Com um grunhido, ela considerou rolar para o lado, mas com todos os tubos de intravenosas em seu braço e fios em seu peito, decidiu não lutar com os plugs. Bem, e então havia o feliz fato de que alguém lhe tinha feito um enorme buraco no ombro. Várias vezes.

Deitada lá com uma careta no rosto, tudo no quarto a irritava. O sopro quente do aquecedor no teto, o contínuo som das máquinas atrás de sua cabeça, os lençóis que pareciam lixa, o travesseiro duro como pedra, e o colchão macio demais...

Onde caralho estava John?

Pelo amor de Deus, ela pode ter cometido um erro ao emparelhar-se com ele. A coisa de amá-lo era o que tinha que ser – não houve mudanças nisto, e ela não queria que houvesse. Mas ela devia ter pensado melhor antes de oficializar as coisas. Mesmo que os papéis sexuais tradicionais dos vampiros estivessem mudando, graças em grande parte, a Wrath largando mão dos Modos Antigos, ainda existia um bocado de merda patriarcal cercando as *shellans*. Você pode ser uma amiga, uma namorada, uma amante, uma colega de trabalho, uma mecânica de carros, pelo amor da porra, e esperar que sua vida pertença somente a você mesmo.

Mas ela temia que, uma vez que seu nome estava cravado nas costas de um macho – e pior, um macho guerreiro de linhagem pura – as coisas mudavam. As expectativas trocavam.

Seu par começaria a ficar no seu caminho, pensando que você não conseguiria cuidar de si mesma.

Onde *estava* John?

De saco cheio, ela ergueu-se dos travesseiros, arrancou o soro e prendeu a extremidade, de modo que a solução salina não respingasse no chão todo. Em seguida, silenciou o monitor cardíaco atrás de si, e então arrancou os fios de seu peito com a mão livre.

Manteve o braço direito imóvel contra a costela – ela só precisava andar, não hastear uma bandeira.

Pelo menos ela não tinha um cateter.

Colocando o pé no linóleo, ergueu-se cuidadosamente e se congratulou por ser uma pacientezinha tão boazinha. No banheiro, lavou o rosto, escovou os dentes, usou a privada.

Quando saiu, esperava ver John em uma das duas entradas.

Nada.

Indo para o pé da cama, ela tirou as coisas lentamente, porque seu corpo estava mole das drogas, da cirurgia, e do fato de que ela precisava se alimentar – embora neste momento, a veia de John era a última coisa que ela estava interessada. Quanto mais ele ficava longe, mais ela não tinha vontade de ver o traseiro peludo dele.

Maldito.

Mais além no closet, ela abriu as portas, tirou a bata de hospital e vestiu pijama médico – o qual, claro, não eram de seu tamanho, mas masculinos. E não era metáfora. Enquanto ela lutava para se vestir com uma mão, amaldiçoava John, a Irmandade, todas as *shellans*, fêmeas em geral... E especialmente a camiseta e calças, enquanto lutava com uma mão só para fechar os botões que alcançavam seus pés.

Enquanto marchava para a porta, deliberadamente ignorou o fato de que estava procurando seu par, e ao invés, focou nas músicas em sua cabeça, pequenas versões a capela de Top 40 hits como “O que lhe deu o direito de tirá-la do campo de

batalha”, “Como infernos pôde ele deixá-la sozinha aqui embaixo”, e o sempre popular “Todos os homens são idiotas”.

Dôo-dah, dôo-dah

Abrindo a porta, ela...

Do outro lado do corredor, John estava sentado no chão duro, joelhos erguidos como paus de barraca, braços cruzados no peito. O olhar dele encontrou o dela no instante em que ela apareceu – não porque ele olhou na direção dela, mas porque ele estava focado naquele espaço que ela ocuparia muito antes dela realmente chegar lá.

O barulho em sua mente silenciou: ele aparentava ter passado pelo inferno, carregando as chamas da sala de estar do capeta nas mãos nuas.

Descruzando os braços, ele assinalou, *Eu achei que você gostaria de um pouco de privacidade.*

Bem, merda. Ali vinha ele, arruinando seu mau-humor.

Adiantando-se, ela se sentou ao lado dele. Ele não a ajudou, e ela sabia que estava fazendo de propósito – como um modo de honrar sua independência.

– Acho que esta foi nossa primeira briga, – ela disse.

Ele concordou. *Eu odiei. A coisa toda. E sinto muito – eu só... Não consigo explicar o que me deu, mas quando te vi ferida, eu surtei.*

Ela soltou o ar lenta e longamente. – Você disse que estava tudo bem em eu lutar. Bem antes de nos emparelharmos, você disse que tudo bem para você.

Eu sei. E ainda está tudo bem.

– Tem certeza disto?

Depois de um momento, ele afirmou de novo. *Eu amo você.*

– Eu, também. Digo, você. Você sabe.

Mas ele não tinha realmente respondido, tinha? E ela não tinha a energia para seguir com isso. Os dois ficaram só sentados no chão em silêncio até que eventualmente ela pegou a mão dele.

– Preciso me alimentar. – Ela disse roucamente. – Você me deixa....

Os olhos dele se fixaram nos seus e a cabeça caiu para o lado. *Sempre*, ele expressou.

Ela se levantou sem sua ajuda e esticou a mão livre para ele. Quando ele pegou sua palma, ela conjurou sua força e puxou-o para cima. Então, deixou-o entrar na sala de recuperação, trancou a porta com uma ordem mental e ele sentou na cama.

Ele estava esfregando as palmas nas calças de couro como se estivesse nervoso, e antes que ela pudesse ir a ele, levantou-se. *Preciso de uma chuva. Não posso chegar perto de você assim – estou coberto de sangue.*

Deus, ela nem tinha notado que ele ainda vestia suas roupas de combate. – Ok.

Eles trocaram de lugar, ela se dirigiu à beira do colchão, ele indo ao banheiro para ligar a água quente. Ele deixou a porta aberta... Então, enquanto tirava sua camiseta regata, ela observava seus ombros incharem e torcerem.

Seu nome, Xhexania, não estava apenas tatuado, mas escavado em bonitos símbolos através de suas costas.

Quando ele se curvou para tirar as calças, o traseiro dele fez uma estupenda aparição, as coxas firmes flexionando-se enquanto ele liberava uma perna e então a outra. Quando ele entrou no chuveiro, saiu do campo de visão dela, mas voltou logo.

Ele não estava excitado, ela percebeu.

Era a primeira vez que isto acontecia. Especialmente uma vez que ela estava a ponto de se alimentar.

John enrolou uma toalha em volta do quadril e enfiou a ponta na cintura. Quando ele se virou para ela, seus olhos sérios deixaram-na triste. *Gostaria que eu colocasse um roupão?*

O que diabos tinha acontecido com eles? Ela pensou. E pelo amor da porra, eles tinham passado por muita coisa até chegar na coisa boa apenas para estragar tudo.

– Não. – Ela balançou a cabeça e secou os olhos. – Por favor... Não...

Quando ele se aproximou, manteve a toalha bem onde estava.

Quando ficou parado à sua frente, ajoelhou-se e levantou o pulso. *Tome de mim. Por favor, me deixe cuidar de você.*

Xhex se inclinou e pegou a mão dele. Passando o dedão para frente e para trás em sua veia, ela sentiu a conexão crescer entre eles novamente, aquele elo que havia sido partido no beco, se recobrando, uma ferida cicatrizando.

Alcançando-o, ela o pegou pela nuca e trouxe sua boca para a dela. Beijando-o lentamente, profundamente, ela separou as pernas, deixando espaço para ele enquanto ele se aproximava, os quadris encontrando o lugar que era dele, e só dele.

Quando a toalha foi ao chão, a mão dela foi ao sexo dele – e sentiu-o endurecer.

Bem como ela queria.

Acariciando-o, ela curvou o lábio superior, expondo as presas. Então, inclinando a cabeça para o lado, ela arranhou uma linha pelo pescoço dele.

O corpo imenso dele estremeceu – então ela repetiu o movimento, desta vez com a língua. – Venha para a cama comigo.

John não perdeu tempo, preenchendo o espaço que ela liberou enquanto ia mais para trás.

Muito olho-a-olho. Como se eles estivessem conhecendo um ao outro novamente.

Pegando a mão dele, ela a colocou em seu quadril enquanto rolava para perto dele, e enquanto seus corpos entravam em contato, seu agarre apertando, a essência de vinculação dele elevando-se.

Ela intencionava manter as coisas suaves e lentas. Mas seus corpos tinham outras intenções. Necessidade tomou as rédeas e assumiu o controle, e ela atacou a garganta dele com um bote poderoso, tomando o que precisava para sobreviver e permanecer forte – e também o marcando a sua maneira. Em resposta, o corpo dele convulsionou contra o dela, sua ereção querendo estar dentro dela.

Enquanto ela tomava grandes goles da veia dele, lutava para tirar o pijama – mas ele ajudou-a nisto. E então a mão dele chegou bem lá onde ela desejava,

movendo-se no seu centro, esfregando e escorregando, provocando-a e então, penetrando-a. Movendo-se contra seus dedos longos, ela entrou num ritmo que era certo para ambos, seus gemidos brigando por espaço em sua garganta com o sangue que ela estava sugando em quantidades alarmantes.

Depois do primeiro orgasmo dela, ela mudou de posição – com ajuda dele – e sentou-se sobre ele. Ela precisava ficar relativamente parada para continuar travada à sua garganta, mas ele ocupou-se dos movimentos, bombeando contra ela, se aproximando e recuando, criando aquela fricção que ambos queriam.

Quando ela gozou pela segunda vez, teve de afastar a boca da carne dele para gritar seu nome. E enquanto ele pulsava dentro dela, ela parou de se mover para absorver a sensação de invasão e pulsação, tão familiar, e ainda assim, tão nova.

Jesus... A expressão dele... Os olhos fechados bem apertados, os dentes expostos, os músculos do pescoço repuxando, tudo enquanto uma linha de delicioso vermelho escorria das marcas de mordida que ela ainda tinha de lambe para selar.

Quando as pálpebras dele finalmente se abriram, ela olhou fixamente para a névoa de felicidade naqueles olhos azuis dele. Seu amor por ela não era só emocional; havia um inegável componente físico nele. Era desta forma que machos vinculados funcionavam.

Talvez ele não pudesse ter se contido naquele beco, ela pensou. Talvez aquela fosse a besta dentro da casca civilizada, a parte animal dos vampiros que separavam a espécie daqueles humanos fracos.

Ela lambeu as marcas no pescoço dele, fechando as feridas, saboreando o gosto que embarcava em sua boca e tomava a via expressa pela sua garganta. Novamente ela podia sentir o poder nascendo em suas entranhas, e isto era só o começo. Quando seu corpo absorvesse o que ele tinha dado, ela ia se sentir cada vez mais forte.

– Eu amo você, – ela disse.

Com isto, ela o levantou dos travesseiros de modo que ela estivesse sentada em seu colo, sua excitação empurrando ainda mais fundo em seu centro. Espalmando a nuca dele com a mão livre, ela o trouxe a sua veia e segurou-o no lugar.

Ele não precisava de maior encorajamento do que este – e a dor que veio com seu ataque era uma agulhoada fina que a levava bem à borda da liberação, seu sexo ordenhando o dele em outro orgasmo, trabalhando contra seu membro, apertando-o, puxando-o para ela.

Os braços de John se fecharam ao seu redor, e a visão deles pelo canto de seu olho, fê-la franzir o cenho. Os braços dele eram imensos, membros inchados que, a despeito do quão forte ela era, poderiam levantar mais peso, bater mais forte, socar mais rápido. Eles eram maiores do que suas coxas, mais duros do que sua cintura.

Seus corpos não haviam, de fato, sido feitos iguais, haviam? Ele sempre seria mais poderoso do que ela.

Uma realidade, certo. Mas ser maior não era fator determinante em campo; nem era mérito para se julgar um guerreiro. Ela era certa como atiradora, tão boa quanto com uma adaga, e igualmente furiosa e implacável quando cara a cara com a presa.

Ela tinha simplesmente que o fazer ver isto.

Biologia era uma coisa. Mas mesmo os homens possuíam um cérebro.

Quando o sexo finalmente terminou, John deitou-se ao lado de sua fêmea, totalmente saciado e sonolento. Seria provavelmente uma boa ideia procurar um pouco de comida, mas ele não tinha energia ou vontade.

Ele não queria deixá-la. Neste momento. Daqui a dez minutos. Amanhã, próxima semana, próximo mês...

Enquanto ela se curvava para ele, ele puxou um cobertor da mesa lateral e jogou-o por cima deles, mesmo que a combinação dos seus corpos já estivesse bastante quente.

Ele soube exatamente o momento em que ela pegou no sono – a respiração dela mudou e sua perna se movia de tempos em tempos.

Ele imaginou se ela estava chutando sua bunda em seus sonhos. Ele tinha que trabalhar a merda toda; isto era certo.

E não havia ninguém a quem recorrer para falar sobre isso – não é como se ele pudesse pedir a Tohr mais do que o conselho que ele teve esta noite. E todos os demais tinham relacionamentos perfeitos. Tudo o que ele via à mesa de jantar eram casais sorridentes e felizes – dificilmente o tipo de opinião que ele procuraria.

Ele podia até imaginar a resposta: *Você está tendo problemas? Sério? Huh... Isto é estranho... Talvez você possa ligar para a rádio, ou alguma merda assim?*

A única diferença é que esta resposta poderia ser dada por alguém de cavanhaque, alguém com um par de facas, um sobretudo de pele ou um pirulito Tootsie Roll na boca...

Ele tinha este momento de paz, no entanto. E ele e Xhex podiam consertar isto.

Eles precisavam.

Você disse que estava tudo bem em eu lutar. Bem antes de nos emparelharmos, você disse que tudo bem para você.

E realmente estava. Mas isto tinha sido antes dele vê-la sendo atingida bem na sua frente.

A coisa era... E por mais doloroso que fosse admitir... A última coisa que ele queria ser era o Irmão que ele mais admirava. Agora que ele tinha Xhex apropriadamente, a ideia de perdê-la e sentir-se na pele de Tohr era simplesmente a ameaça mais terrível que ele já encarara.

Ele não fazia ideia de como o Irmão estava se virando para sair da cama todas as noites. E francamente, se ele não tivesse ainda perdoado o cara por sumir e ficar desaparecido durante aquele tempo, ele teria perdoado agora.

Ele pensou naquele momento quando Wrath e a Irmandade tinham vindo a eles em grupo. Ele e Tohr tinham estado no escritório do centro de treinamento, com o Irmão ligando para casa vezes sem conta, esperando, rezando por algo a mais do que a secretária eletrônica...

No corredor, fora do escritório, havia fissuras nas grossas paredes de concreto – a despeito de aquela maldita coisa ser de concreto de quarenta e cinco centímetros de espessura. A liberação de energia de Tohr, de sua fúria e dor tinha sido tão grande que ele literalmente explodira para sabe-se lá Deus onde, estremecendo a fundação subterrânea até que ela estalara.

John ainda não sabia para aonde ele tinha ido. Mas Lassiter o tinha trazido de volta em má forma.

Ele continuava em má forma.

Egoísta como era, John não queria isto para si mesmo. Tohr era metade do homem que uma vez fora – e não só por ter perdido peso – e apesar de ninguém se atrever a demonstrar pena na sua frente, cada um dos guerreiros sentiam-na por trás das portas fechadas.

Difícil saber quanto mais tempo o Irmão durará lá fora com o inimigo. Ele se recusava a tomar uma veia, então ele estava enfraquecendo, ainda que cada noite ele saísse a campo, sua necessidade de vingança ficando cada vez mais forte e voraz.

Ele iria se matar. Simples assim.

Era como triangular o impacto de um carro num carvalho: simples questão de geometria. Você desenhava os ângulos e trajetórias e *bum!* Lá estava Tohr, morto no asfalto.

Apesar de que, merda, ele provavelmente tomaria seu último suspiro com um sorriso, sabendo que finalmente estaria com sua *shellan*.

Talvez fosse por isto que John estava estressado sobre as coisas com Xhex como estavam. Ele estava próximo a outras pessoas na casa, a sua meio-irmã, Beth, a Quinn e Blay, aos outros Irmãos. Mas Tohr e Xhex eram seu ponto de apoio – e a ideia de perder a ambos?

Meeeeeerda.

Pensar em Xhex em campo, ele sabia que se ela continuasse lá fora, em todos aqueles becos, combatendo os inimigos, ela se machucaria novamente. Eles todos se machucavam às vezes. A maioria dos ferimentos eram somente arranhões, mas você nunca saberia quando a linha seria cruzada, quando um simples mão-a-mão sairia do controle e você seria cercado.

Não que ele duvidasse dela ou de sua capacidade – apesar daquele monte de merda que saíra de sua boca naquela noite. Eram as circunstâncias que ele não gostava. Cedo demais, se você jogasse os dados muitas vezes, você se veria frente a frente com os olhos da serpente. E no panorama geral, a vida dela era mais importante do que ter mais um lutador em campo.

Ele devia ter pensado nisto um pouco mais antes de sair concordando com aquele *Sim, certamente, Estou ok com você lutando...*

– No que você está pensando? – ela perguntou, na escuridão.

Como se o que estivesse martelando em seu cérebro a tivesse acordado.

Ajeitando-se, ele colocou sua cabeça próximo a dela e balançou, negando. Mas ele estava mentindo. E ela provavelmente sabia.

Capítulo NOVE

Na noite seguinte, Qhuinn parou no canto mais afastado do escritório de Wrath, encostado na junção de duas paredes azuis. A sala era enorme, quase doze metros de comprimento por doze metros de largura, e tinha um teto alto o suficiente para te dar sangramento nasal. Mas o espaço estava apertado.

Também, havia uma dúzia de pessoas tão grandes amontoadas em volta dos sofisticados móveis franceses.

Qhuinn conhecia a merda francesa. Sua morta-e-esquecida mãe gostara do estilo, e antigamente, antes dele ser renegado pela família, aborreceram-no à exaustão sobre não sentar em sua porcária Luis-Alguma-Coisa.

Ao menos, esta era a única área na qual ele não era discriminado dentro da própria casa – ela queria apenas que ela e suas irmãs estacionassem as bundas naqueles assentos delicados. A ele e seu irmão não era permitido. Nunca. E seu pai tolerava a contragosto, basicamente porque ele pagara pela coisa toda, centenas de anos atrás.

Tanto faz.

Ao menos a mesa central de comando de Wrath fazia sentido. A cadeira do rei era tão grande quanto um carro, e provavelmente era tão pesada quanto um também, esculpida de forma áspera, porém elegante para ser o trono da raça. E a enorme mesa a sua frente também não tinha sido feita para uma garota.

Esta noite, e como de costume, Wrath se parecia com o assassino que era: silencioso, intenso, mortal. Basicamente uma senhora anti-Avon. Ao seu lado, Beth, sua rainha e *shellan*, estava composta e séria. E do outro lado, George, seu cachorro auxiliar de visão, parecia... Bem, praticamente saído de um cartão-postal. Mas então, golden retrievers eram sempre assim: pitorescos, lindos e acariciáveis.

Mais Donny Osmond do que senhor sombrio.

Novamente, Wrath mais do que merecia o título.

De repente, Qhuinn lançou seu olhar díspar para o tapete Aubusson. Ele não precisava ver quem estava parado ao lado da rainha.

Ah, inferno.

Sua visão periférica estava funcionando muito bem esta noite.

O galinha de seu primo, o chupador-de-rola, vestido em ternos, Montblanc-enfiado-no-cu de seu primo Saxton, o Magnífico, estava próximo à rainha, parecendo uma combinação de Cary Grant e algum modelo em um maldito comercial de perfume.

Não que Qhuinn estivesse sendo amargo.

Porque o cara dividia a cama com Blay.

Não.

Não. Nenhum pouco.

O chupador-de-rola...

Com um estremecimento, ele pensou que talvez fosse hora de mudar de insulto para algo um pouco distante do que aqueles dois certamente...

Deus, ele não podia nem ir por este caminho. Não se ele quisesse respirar.

Blay também estava na sala, mas o cara estava longe de seu amante. Ele sempre ficava. Fosse nesses encontros, ou fora deles, eles nunca apareciam mais próximos do que um metro de distância.

O que era a única bênção concedida em viver na mesma casa que o par. Nunca eram vistos de lábios grudados ou mesmo de mãos dadas.

Não que Qhuinn não rolasse acordado em sua cama durante o dia, torturando-se com toda a merda de Kama Sutra...

A porta do escritório se abriu e Tohrment entrou se arrastando. Cara, ele parecia que havia sido jogado de um carro em movimento da autoestrada, seus olhos como buracos de mijo na neve, seu corpo se movendo de forma enrijecida enquanto ele andava para ficar perto de John e Xhex.

Com esta chegada, a voz de Wrath cortou a conversa, calando a todos. – Agora que estamos todos aqui, eu vou enlatar a merda e deixar que Rehvenge assumo. Eu

não tenho nada bom para dizer sobre isto, então ele será mais eficiente relatando-lhes tudo.

Enquanto os Irmãos murmuravam, o sólido filho-da-puta de moicano postou a bengala no chão e se levantou. Como de costume, o mestiço estava vestido inteiramente de preto em um terno risca-de-giz – Deus, Quinn estava começando a odiar tudo o que tinha lapelas – e um casaco de pele de mink para mantê-lo aquecido. Com suas tendências *sympath* sob controle, graças a doses regulares de dopamina, seus olhos estavam violetas, e quase que totalmente não-diabólicos.

Quase. Ele realmente não era alguém que você quereria como inimigo, e não só porque, como Wrath, ele era o líder de seu povo. Seu trabalho diurno era ser rei da colônia *sympath* do norte. As noites eram passadas aqui com sua *shellan*, Ehlena, vivendo *La vida* vampírica. E nunca os dois lados se encontrariam.

Mesmo não dito, ele era considerado uma adição valiosa à Irmandade.

– Alguns dias atrás, uma carta foi enviada para cada chefe das famílias que restaram. – Ele procurou no casaco e tirou uma página dobrada do que parecia ser um pergaminho antiquado. – Entregue pelos correios. Manuscrito. No Antigo Idioma. O meu demorou um pouco para chegar até mim porque foi enviado ao acampamento do norte. Não, eu não faço ideia de como eles conseguiram o endereço, e sim, eu confirmei que todos receberam uma carta.

Equilibrando sua bengala contra o sofá delicado onde estivera sentado, ele abriu o pergaminho com a ponta dos dedos, como se não gostasse da textura da coisa. Então em uma voz baixa e profunda, leu cada frase no idioma ancestral no qual fora escrito.

– *Meu velho amigo, escrevo-lhe para lhe advertir de minha chegada à cidade de Caldwell com meus soldados. Apesar de nos conhecermos há muito tempo no País Antigo, os acontecimentos medonhos dos últimos anos nesta jurisdição tornaram impossível para nós, mantermo-nos, em sã consciência, onde tínhamos estabelecido nosso domicílio. Como talvez você tenha ouvido de nossos amigos de além-mar, nossos esforços erradicaram a Sociedade Lessening por lá. Claramente, é hora de trazer um braço fortemente armado a cargo deste lado do oceano – a raça aqui nesta área têm tido perdas irreparáveis, algumas das quais, talvez pudessem ter sido evitadas se estivéssemos aqui antes. Não peço nada em retorno ao nosso serviço pela raça, embora apreciasse a oportunidade de encontrar-me com você e o Conselho – apenas para expressar minhas sinceras condolências aos que suportaram os ataques.*

É uma pena que as coisas chegassem a isto – o comentário é triste sobre certos segmentos de nossa sociedade.

Com amável respeito, Xcor.

Quando Rehv terminou, dobrou o papel e sumiu com ele. Ninguém disse coisa alguma.

– Foi minha reação também, – ele murmurou secamente.

Isto abriu as comportas, todos falando de uma só vez, as maldições fluindo rica e pesadamente.

Wrath fechou o punho e bateu na mesa fazendo o abajur pular, e George se esconder debaixo do trono de seu dono. Quando a ordem foi restaurada, foi como um garanhão amansado com um arreio; um respeito tênue, mais como uma pausa no galope do que uma mansidão verdadeira.

– Eu acho que o bastardo estava fora a noite passada, – Wrath disse.

Tohrment falou alto. – Nos encontramos com Xcor, sim.

– Então, não é um imitador.

– Não, mas foi escrito por outra pessoa. Ele é analfabeto.

– Eu ensinarei o filho da puta a ler, – V murmurou. – Enfiando a Biblioteca do Congresso no traseiro dele.

Enquanto grunhidos de aprovação ameaçaram se tornar uma bagunça maior, Wrath bateu na mesa de novo. – O que sabemos sobre este bando?

Tohr deu de ombros. – Assumindo que ele manteve os mesmos caras, são um total de cinco. Três primos. Aquele astro pornô Zypher...

Rhage emitiu um som de menosprezo a isto. Evidentemente, embora ele agora estivesse emparelhado e feliz, ele sentia que a raça tinha uma, e somente uma lenda sexual – e esta seria ele.

– E Throe estava com ele naquele beco, – Tohr completou. – Veja, não vou mentir - é claro que Xcor está organizando um ataque contra...

Quando ele não terminou a afirmação, Wrath concordou. – Mim.

– O que significa nós.

– Nós.

– Nós.

Mais vozes do que poderia ser contadas repetiram aquela única palavra, uma única sílaba vinda de cada canto da sala, cada assento almofadado, cada canto reto de parede onde alguém estava encostado.

E era aquilo. Ao contrário do pai de Wrath, seu rei tinha sido primeiro um guerreiro e um Irmão – então o vínculo que havia sido forjado não era nascido de algum artefato ou tarefa assumida, mas o fato de que Wrath estivera ao lado deles em campo e salvara seus rabos pessoalmente vez ou outra.

O rei sorriu um pouco. – Agradeço o apoio.

– Ele tem que morrer. – Quando todo mundo olhou para Rehvenge, o cara deu de ombros. – Simples e claro. Não vamos enrolar sobre isso com etiqueta e reuniões. Vamos apenas apagá-lo.

– Você não acha que está sendo um pouco sedento demais, devorador de pecados? – Wrath falou lentamente.

– De um rei para outro, saiba que estou mostrando meu dedo do meio agora.
– E ele estava, com um sorriso. – *Sympaths* são conhecidos pela eficiência.

– Sim, e eu posso sentir onde está querendo chegar. Infelizmente, a lei diz que você tem de atentar contra minha vida antes que eu possa enterrá-lo.

– É para isto que a situação está se encaminhando.

– Concordo, mas nossas mãos estão atadas. Minha ordem para assassinar o que de outra forma é um macho inocente não vai nos ajudar aos olhos da *glymera*.

– Por que você teria de estar associado à morte?

– E se o bastardo for inocente. – Rhage falou alto. – Eu sou a porra do coelhinho da páscoa.

– Oh, bom, – alguém zombou. – Vou chamá-lo de Hollywood saltitante de agora em diante.

- Monstruoso Bo Peep, – alguém falou.
- Podemos colocá-lo em um comercial da Cadbury¹⁷ finalmente fazer algum dinheiro...
- Gente, – Rhage cortou, – o ponto é que ele *não* é inocente, e eu *não* sou o coelhinho da páscoa...
- Cadê seu cestinho?
- Posso brincar com seus ovos?
- Pule para cá, grandão...
- Querem calar a porra da boca? Sério!

Enquanto vários comentários sobre coelhinhos fofinhos de rabos de algodão eram lançados como gelatina numa briga de comida, Wrath teve de bater na mesa mais uma ou duas vezes. O estresse estava tão alto, que se eles não soltassem um pouco de vapor, a merda ia ficar feia rapidamente. Não significava que a Irmandade não tinha foco; pelo contrário, todos se sentiam como Qhuinn – como que esmurrados no estômago.

Wrath era o tecido da vida, a base de tudo, a viva e respirante estrutura da raça. Depois dos brutais ataques da *Sociedade Lessening*, o que restara da aristocracia tinha abandonado Caldwell rumo a suas casas seguras fora da cidade. A última coisa que os vampiros precisavam era mais fragmentação, especialmente na forma de um violento golpe ao líder por direito.

E Rehv estava certo. Era isto que estava acontecendo. Inferno, até Qhuinn podia seguir a trilha. Passo um, plantar dúvidas nas mentes da *glymera* sobre a habilidade da Irmandade proteger a raça. Passo dois, preencher o vazio em campo com os soldados de Xcor. Passo três, criar aliados no Conselho e semear raiva e desconfiança contra o rei. Passo quatro, destronar Wrath e alimentar a tempestade. Passo cinco, emergir como um novo líder.

Quando a ordem no escritório foi finalmente reestabelecida, Wrath parecia absolutamente malvado. – O próximo idiota da boca grande que fizer eu bater na minha mesa de novo, vai ser chutado pra fora daqui. – Depois disto, ele baixou a

¹⁷ Companhia fabricante de chocolate.

mão, pegou o retriever de quarenta quilos, e acomodou George no colo. – Vocês estão assustando meu cachorro e isto está me deixando puto.

Enquanto o animal colocava sua cabeça grande na curva dos braços do rei, Wrath acariciava toda aquela pelagem sedosa e loira. Era absolutamente incompatível, o enorme vampiro de aparência cruel acalmando aquele cão charmoso e gentil, mas os dois mantinham uma relação simbiótica, confiança e amor espessos como sangue de ambos os lados.

– Agora, se vocês estão prontos para serem razoáveis, – o rei disse, – Vou dizer-lhes o que vamos fazer. Rehv vai atrasar os caras o máximo que puder.

– Eu ainda acho que poderíamos botar uma faca em seu olho esquerdo, – Rehv murmurou, – mas ao invés disto, temos de mantê-los afastados. Ele quer ver e ser visto, e como *leahdyre* do Conselho, eu posso atrapalhá-lo um pouco neste ponto. A voz dele nos ouvidos da *glymera* não é algo que precisamos agora.

– Enquanto isto, – Wrath anunciou, – Eu vou sair e vou encontrar pessoalmente os chefes das famílias, no território deles.

Ante isto, houve outra explosão na sala, desprezando o aviso dele, pessoas pularam de seus assentos, levantando as mãos com adagas.

Má ideia. Qhuinn pensou, concordando com os outros.

Wrath os deixou continuar por um minuto, como se tivesse esperado isso. Então, ele voltou ao controle da reunião. – Eu não posso esperar um apoio que não mereço - e eu não tenho visto pessoalmente essas pessoas em décadas, senão em séculos. Meu pai encontrava esses caras todos os meses, alguns todas as semanas, para resolver seus conflitos.

– Você é o rei! – alguém falou. – Você não precisa fazer merda...

– Você vê está carta? É a nova ordem mundial - se eu não respondê-la de forma proativa, eu vou estar me boicotando. Veja, meus irmãos, se vocês estivessem em campo, a ponto de enfrentar o inimigo, vocês se enganariam sobre a paisagem? Vocês mentiriam a si mesmos sobre a disposição das ruas, os prédios, os carros, ou se o tempo estaria quente ou frio, chuvoso ou seco? *Não*. Então porque eu me enganaria sobre a tradição ser algo contra o que eu possa me esconder durante uma luta? Lá no tempo de meu pai... Esta merda era como uma armadura a prova de balas. Agora? É um pedaço de papel, gente. Vocês tem de saber disto.

Houve um longo momento de silêncio, e então todos olharam para Tohr. Como costumavam recorrer a ele quando a merda ficava pegajosa demais.

– Ele está certo, – o Irmão disse roucamente. Então focou em Wrath. – Mas você tem de saber que não fará isto sozinho. Precisa ter dois ou três de nós com você. E o encontro tem de ser marcado para daqui a uns meses - convoque-os muito rápido e vai parecer desesperado, mas, mais ao ponto, eu não quero ninguém se organizando para atacá-lo. Os locais devem ser examinados previamente por nós, e... – Com isto, ele fez uma pausa para olhar em volta. – Precisa estar ciente de que estaremos prontos para atirar. Vamos atirar para matar quando sua vida estiver em risco - seja por uma fêmea ou macho, ou *doggen* ou o chefe de uma família. Não vamos pedir permissão ou ferir superficialmente. Se puder aceitar estes termos, estaremos com você nesta.

Ninguém mais poderia ter exposto as regras daquele jeito e sair sem um ferimento depois. O rei dava ordens a Irmandade, não o contrário. Mas este era o novo mundo, como Wrath tinha dito.

O macho em questão cerrou o maxilar por um momento. Então grunhiu.

– Concordo.

Enquanto todo mundo soltava a respiração, Qhuinn se viu olhando para Blay. Ah, inferno, fale sobre uma zona de respiração – era por isto que ele evitava o cara como a praga. Só um olhar e ele ficava preso, todo o tipo de reações rolando dentro dele, até que a sala girava um pouquinho...

Por nenhuma boa razão, os olhos de Blay se ergueram e encontraram os seus.

Foi como ser atingido no traseiro com um fio desencapado, seu corpo estremecendo a ponto de ter de esconder a reação com uma tossidela enquanto desviava o olhar.

Suave como uma cratera. É. Fantástico.

– ... E enquanto isto, – Wrath estava dizendo, – Eu quero saber onde estes soldados estão ficando.

– Posso cuidar disto, – Xhex disse alto. – Especialmente se achá-los durante o dia.

Todas as cabeças se viraram na direção dela. Ao lado dela, John enrijeceu da cabeça aos pés, e Quinn praguejou por baixo de sua respiração.

Falando em combates... Só que o casal não acabou de sair de um?

Cara, algumas vezes ele ficava realmente feliz de não estar metido numa relação.

Não de novo, John pensou consigo mesmo. Pelo amor da porra, eles mal voltaram a se falar, e agora *isto*?

Se ele pensava que lutar lado a lado com Xhex era problema, a ideia dela tentando se infiltrar no Bando de Bastardos em território deles, deixava-o à beira de um ataque epilético.

Enquanto ele batia a cabeça na parede, percebeu que todo mundo e seus cachorros estavam olhando para ele. Literalmente – até os olhos marrons de George estavam voltados para sua direção.

– Você só pode estar de brincadeira, – Xhex disse. – Você está fodidamente brincando comigo.

Mesmo depois de ela falar, ninguém olhou para ela. Era tudo sobre John. Claramente, por ele ser *hellren* dela, buscavam sua aprovação – ou não – sobre o que ele expunha.

E John parecia não conseguir se mover, grudado no gélido pântano entre o que ela queria e no que ele não queria que eles terminassem.

Wrath pigarreou. – Bem, esta é uma oferta gentil...

– Oferta gentil? – ela cuspiu. – Como se eu estivesse convidando você para um jantar?

Diga algo, ele disse a si mesmo. Erga suas mãos sacolejantes e diga-lhe... O quê? Que ele estava de acordo com ela ir em busca de seis machos sem juízo? Depois do que Lash tinha feito a ela? E se ela fosse capturada e...

Oh, Jesus, ele estava rachando ali. Sim, ela era dura e forte e capaz. Mas era tão mortal quanto qualquer outra pessoa. E sem Xhex, ele não iria querer estar neste planeta, de maneira nenhuma.

Rehvenge bateu sua bengala e se levantou. – Vamos conversar nós dois...

– Com licença? – Xhex gritou. – Falar? Como se fosse eu que precisasse de uma readaptação mental? Sem querer ofendê-lo, Rehv. Todos vocês precisam de mim para fazer o que eu posso fazer para ajudar.

Enquanto todos os outros machos da sala olhavam para a ponta de seus coturnos, o rei *sympath* balançou a cabeça. – As coisas são diferentes, agora.

– Como?

– Vamos lá, Xhex...

– Vocês estão doidos? Só porque meu nome está nas costas dele, eu subitamente virei uma prisioneira ou uma merda assim?

– Xhex...

– Oh, não, não, você pode cortar essa merda de tom razoável. – Ela olhou para os machos, e então focou em Beth e Payne. – Eu não sei como vocês duas aguentam - eu realmente não sei.

John estava tentando pensar no que poderia dizer para evitar o confronto, mas que perda de tempo. Dois trens já tinham batido de frente e então já havia metal retorcido e engrenagens incendiadas por todos os lados.

Especialmente enquanto Xhex marchava para a porta como se estivesse se preparando para arranhá-la abaixo só para provar seu ponto de vista.

Quando ele se virou para segui-la, ela olhou-o com um olhar inflexível. – Se você vier atrás de mim por qualquer outra razão além de me deixar ir atrás de Xcor, pare onde está. Porque você pertence a este antiquado grupo de misóginos. Não ao meu lado.

Erguendo as mãos, ele expressou *Não é errado querer mantê-la a salvo.*

– Isto não é sobre segurança - é sobre controle.

Besteira! Você foi ferida há menos de vinte e quatro horas...

– Bem, tenho uma ideia. Eu quero manter *você* a salvo - então que tal *você* parar de lutar? – Ela olhou por sobre os ombros para Wrath. – Você vai me apoiar,

meu senhor? Que tal o resto de vocês, tolos? Vamos botar uma saia e meia calça no John, vamos? Vamos lá, me apoiem. Não? Vocês não acham que isto seria ‘justo’?

O temperamento de John se incendiou, e ele só... Ele não queria fazer o que fez, só aconteceu.

Ele bateu sua bota, criando um barulho trovejante, e apontou... Diretamente para Tohr.

Desconfortável. Horrível. Silêncio.

Como se ele e Xhex não estivessem apenas lavando sua roupa suja na frente de todo mundo, mas ele tivesse jogado as meias suadas e camisetas manchadas deles na cabeça de Tohr.

Em resposta? O Irmão apenas cruzou os braços no peito e acenou, uma vez.

Xhex balançou a cabeça. – Eu tenho de sair daqui. Eu tenho de clarear minha mente. John, se você sabe o que é bom para você, você não vai me seguir.

E com isto, ela sumiu.

Depois, John esfregou o rosto, tão forte que sentiu como se estivesse rearranjando suas feições.

– Que tal todo mundo sair para a patrulha noturna, – Wrath disse suavemente, – Eu quero falar com John. Tohr, você fica.

Não precisou pedir duas vezes. A Irmandade e os outros saíram como se alguém estivesse lá fora roubando seus carros.

Beth ficou para trás. George também.

Quando as portas se fecharam, John olhou para Tohr. *Sinto muito.*

– Nah, filho. – O macho deu um passo adiante. – Eu não quero que você esteja como estou hoje, também.

O Irmão colocou seus braços em volta de John, e John o abraçou, colidindo com seu corpo forte... Que ainda assim conseguiu mantê-lo em pé.

A voz de Tohr era firme em seu ouvido: – Tudo bem. Você está comigo. Está tudo bem...

John pôs a cabeça de lado e olhou para a porta pela qual sua *shellan* tinha saído. Ele quisera ir atrás dela com cada fibra de seu ser – mas aquelas fibras também eram o que continuava despedaçando-o. Em sua mente, ele entendia tudo o que ela estava dizendo, mas seu coração e seu corpo estavam sendo controlados por algo separado de tudo aquilo, algo maior e mais primitivo. E estava engolfando tudo.

Era errado. Desrespeitoso. Antiquado de uma maneira que ele jamais imaginara que seria. Ele não pensava que fêmeas deviam ser sequestradas, e ele acreditava em sua parceira, e ele queria ela...

A salvo.

Ponto.

– Dê-lhe um pouco de tempo, – Tohr murmurou, – e vamos atrás dela, ok? Você e eu vamos juntos.

– Bom plano, – Wrath disse, – porque nenhum dos dois vão a campo hoje. – O rei ergueu as mãos para cortar a discussão. – Certo?

Aquilo calou a boca dos dois.

– Então você está bem? – o rei perguntou a Tohr.

O sorriso do Irmão não era nem um pouco caloroso. – Eu já estou no inferno - a merda não vai piorar só porque ele está me usando como exemplo do que ele não quer ser.

– Tem certeza disto?

– Não se preocupe comigo.

– Mais fácil dizer do que fazer. – Wrath moveu a mão, como se ele não quisesse seguir com isso. – Estamos entendidos?

Enquanto Tohr concordava e virava para a porta, John fez uma reverência à Primeira Família e foi atrás do macho.

Ele não teve de correr. Tohr estava esperando por ele no corredor. – Escute-me - Está tudo bem. Sério.

Eu sinto... Tanto. John expressou. *Sobre tudo. E... Merda, eu sinto saudades de Wellsie - Eu realmente sinto falta dela.*

Tohr piscou por um momento. Então em uma voz quieta, ele disse, – Eu sei, filho. Eu sei que você a perdeu, também.

Você acha que ela teria gostado de Xhex?

– Sim. – A sombra de um sorriso atingiu aquele rosto áspero. – Ela só a encontrou uma vez e foi há muito tempo, mas elas se entenderam, e se tivesse havido tempo... Elas teriam se dado muito bem. E cara, numa noite como esta, seria muito bom contar com uma ajuda feminina.

Tem razão. John expressou, enquanto tentava imaginar como se aproximar de Xhex.

Ao menos ele conseguia imaginar onde ela estava: em sua antiga casa no Rio Hudson. Era o refúgio dela, seu espaço privado. E quando ele aparecesse em sua porta, ele podia apenas rezar para que ela não o jogasse de bunda no chão.

Mas eles tinham de se entender, de alguma maneira.

Eu acho melhor ir sozinho, John expressou. *Isto provavelmente vai ser feio.*

Horroroso definiria melhor, ele pensou.

– Tudo bem. Saiba que estarei aqui se precisar de mim.

Não tinha sido sempre assim, John pensou quando se separaram. Quase como se conhecessem há séculos, ao invés de meros anos. Então, de novo ele achava que era isto o que acontecia quando você cruzava em sua vida com alguém com quem você era verdadeiramente compatível.

Era como se sempre tivessem estado juntos.

Capítulo DEZ

– Eu farei.

Quando No’One falou, o grupo de *doggens* por trás dos quais ela vinha se esgueirando, movimentaram-se como um bando de pássaros, todos de uma vez. Na modesta sala dos empregados, havia homens e mulheres, cada um vestido de acordo com sua função, fosse cozinheiro ou limpador, padeiro ou mordomo. Ela os tinha encontrado quando saíra para um passeio à toa, e quem era ela para não aproveitar a oportunidade?

Aquele no comando, Fritz Perlmutter, parecia a ponto de desmaiar. Mas também, ele havia sido *doggen* do pai dela há muitos anos, e tinha muita dificuldade em vê-la se definindo como uma serviçal. – Minha boa senhora...

– No’One. Meu nome agora é No’One. Faça o favor de me chamar somente assim. E como eu disse, vou me encarregar da limpeza do centro de treinamento.

Fosse lá o que isso fosse.

De fato, a noite passada com aquele vestido tinha sido uma bênção inigualável, a tarefa ocupando suas mãos e dando-lhe tal concentração, que fez com que as horas passassem rapidamente. Tal qual era no Outro Lado, seu trabalho manual era a única coisa que a acalmava e estruturava sua existência.

Como ela sentira falta de ter um propósito.

Na verdade, ela tinha vindo para cá para servir Payne, mas a fêmea não queria ajuda. Ela tinha vindo para cá para tentar se aproximar de sua filha, mas a fêmea recém-emparelhada tinha outras coisas com o que se ocupar. E ela tinha vindo para cá em busca de um tipo de paz, só que estava enlouquecendo com a ociosidade desde sua chegada.

E isto antes de seu quase confronto com Tohrment nesta manhã.

Ao menos ele pegou o vestido. Não estava mais onde ela o tinha pendurado quando ele respondera à sua batida na porta com tanta grosseria.

Subitamente, ela notou que o mordomo estava olhando para ela em expectativa, como se tivesse dito algo que pedisse uma resposta.

– Por favor, leve-me até lá, – ela disse, – e me mostre o serviço.

Pelo modo como seu rosto velho e enrugado se fechou ainda mais, ela percebeu que não era a resposta esperada. – Senhorita...

– No’One. E você, ou alguém de sua equipe, pode me mostrar agora.

A equipe inteira pareceu preocupada, como se rumores de que os céus estavam caindo tivessem subitamente se tornado realidade.

– Obrigada, – ela disse ao mordomo. – Pela sua ajuda.

Claramente reconhecendo que não ia vencer, o *doggen* chefe fez uma ligeira reverência. – Mas é claro que eu vou, senh-Ah. No-Er...

Quando ele não conseguiu pronunciar seu nome, como se o apropriado título de “senhorita” fosse necessário para desengatar a sua fala, ela teve pena dele.

– Vocês são muito gentis. – Ela murmurou. – Agora, vamos.

Depois de dispensar os outros, ele a levou pela sala dos empregados, atravessando a cozinha rumo ao vestíbulo por uma porta que ela ainda não tinha visto. Enquanto prosseguiam, ela se lembrou de seu antigo e mais jovem eu, a querida filha de uma linhagem importante que se recusava a cortar a própria carne, pentear o próprio cabelo ou vestir-se sozinha. Que desperdício. Ao menos agora que não era ninguém, nem possuía nada de seu, era claro para ela como passar as horas de maneira significativa: trabalhando. O trabalho era a chave.

– Vamos por aqui, – o mordomo falou enquanto mantinha aberta uma porta escondida embaixo de uma grande escada, – Deixe-me lhe dar os códigos.

– Obrigada, – ela respondeu, memorizando-os.

Enquanto seguia o *doggen* pelo longo tubo estreito de um túnel subterrâneo, ela pensou, sim, se ela fosse ficar deste lado, precisaria ocupar-se com tarefas, mesmo que isso ofendesse os *doggens*, a Irmandade, as *shellans*... Melhor do que a prisão de seus próprios pensamentos.

Eles saíram do túnel passando por trás de um armário, seguindo por uma sala baixa que tinha uma mesa, armários de metal, e uma porta de vidro.

O *doggen* pigarreou. – Este é o centro de treinamento e instalação médica. Temos salas de aula, um ginásio, armários, sala de levantamento de peso, área de terapia física e uma piscina, bem como outras amenidades. Há pessoal responsável pela limpeza pesada de cada seção – isto foi dito severamente, como se ele não se importasse se ela era convidada ou o próprio rei: ela não ia bagunçar sua programação, – mas a *doggen* responsável pela lavanderia foi para a cama descansar, como ela é uma *doggen* idosa, não é mais seguro para ela ficar em pé. Por favor, vamos por aqui.

Quando ele abriu a porta de vidro, seguiram pelo corredor e se dirigiram para uma sala de portas duplas que era quase idêntica à lavanderia que ela tinha usado a noite passada na casa principal. Os vinte minutos seguintes foram passados com ele a ensinando novamente como operar as máquinas, e então o mordomo revisou com ela um mapa das instalações de forma que ela soubesse onde pegar as roupas para lavar e como retornar com elas à lavanderia.

E então, depois de um silêncio rígido, e uma despedida ainda mais rígida, ela estava abençoadamente sozinha.

Em pé, no meio da área de serviço, cercada de máquinas de lavar, secadoras e mesas de passar, fechou os olhos e respirou bem fundo.

Oh, a adorável solidão, e o afortunado peso do trabalho pousado sobre seus ombros. Pelas próximas seis horas, ela não teria de pensar em nada além de toalhas brancas e lençóis: encontrá-los, colocá-los nas máquinas, dobrá-los, devolvê-los aos locais apropriados.

Não haveria espaço para seu passado ou seus arrependimentos aqui. Só o trabalho.

Pegando um carrinho com rodas, ela empurrou o recipiente de tecido azul pelo corredor afora e começou a dar as voltas, começando com a clínica e retornando à lavanderia quando não havia mais espaço no carrinho. Depois que colocou o primeiro monte na enorme máquina de lavar, ela saiu novamente, passando pela sala dos armários e encontrando uma montanha de panos brancos. Precisou de duas viagens para levar todas as toalhas, e fez uma pilha delas no centro da área de serviço, ao lado do ralo no chão de concreto cinza.

Sua parada final a levou por todo o caminho à esquerda pelo corredor até a piscina. Enquanto ela seguia, as rodas do carrinho faziam uma espécie de assobio ao deslizar, e seus pés se embaralhavam desconfortavelmente, o que a fazia se segurar na borda do carrinho dando-lhe um pouco mais de estabilidade, ajudando-a a ir mais rápido.

Quando ouviu música, vinda da área da piscina, diminuiu. Então parou.

A melodia de notas e vozes não fazia sentido, uma vez que todos os membros da Irmandade e suas *shellans* estavam fora, para suas ocupações noturnas. A menos que alguém tenha esquecido a música ligada, depois de utilizarem a piscina?

Empurrando seu caminho para uma sala de levantamento de peso azulejada com mosaicos de figuras masculinas atléticas, foi atingida por uma parede de calor e umidade tão pesada, que era como se tivesse passando por uma cortina de veludo. E por toda volta, havia um aroma estranho, químico no ar, um que a fez se perguntar com o que eles tratavam a água – no Outro Lado, tudo sempre estava permanentemente fresco e limpo, mas ela sabia que não era assim na Terra.

Deixando o carrinho na entrada, foi em frente e atravessou um espaço vasto e cavernoso. Estirou a mão para tocar os azulejos mornos na parede, correndo os dedos por sobre céus azuis e campos verdes, mas evitou tocar as figuras masculinas em trajes sumários, com arco e flecha, equipamento de esgrima, e poses de corrida.

Ela amava a água. A sensação de flutuar, o amenizar das dores em sua perna ruim, a sensação de ligeira liberdade...

– Oh... Meu... – ela engasgou enquanto virava o corredor.

A piscina era quatro vezes maior do que qualquer uma no Outro Lado, e sua água era de um vacilante azul pálido – provavelmente por causa dos azulejos que revestiam seu fundo. Linhas negras percorriam toda extensão, demarcando raias, e havia números decrescentes na borda de pedra, claramente marcando a profundidade. Em cima, o teto era em forma de domo e coberto de mais mosaicos, e havia bancos nas paredes, provendo lugares para sentar. Ecoando no ambiente, a música estava alta, mas não muito, e a melodia triste possuía uma ressonância prazerosa.

Uma vez sozinha, não conseguiu resistir ao impulso de se aproximar e testar a temperatura da água com o pé descalço.

Tentador. Tão tentador.

Ao invés de ceder à tentação, concentrou-se em seus deveres voltando ao carrinho, empurrando-o até um cesto de vime maior, e então transferiu a carga de roupas úmidas e sujas.

Quando se virou para partir, parou e olhou para a água de novo.

De jeito nenhum que a primeira rodada de lençóis já teria terminado seu ciclo de lavagem. Ainda havia ao menos quarenta e cinco minutos de acordo com o que a máquina tinha informado.

Verificou o relógio que havia na parede.

Talvez apenas alguns minutos na piscina, ela decidiu. Podia ser bom ter algum alívio para sua perna, e não havia nada que pudesse fazer para adiantar seu trabalho por um tempinho.

Pegando uma das toalhas limpas e dobradas da pilha, ela checkou novamente a sala anterior. Foi mais abaixo e olhou no corredor.

Não havia ninguém lá. E agora era a hora – a equipe estaria concentrada na limpeza do segundo andar da mansão, uma vez que tinham de terminar aquele trabalho entre a Primeira e a Última Refeição. E não havia ninguém sendo tratado na clínica, pelo menos no momento.

Ela tinha de se apressar.

Mancando de volta para o lado mais raso, desamarrou seu manto e tirou o capuz, despindo-se até ficar somente a roupa de baixo. Após breve hesitação, ela tirou-a também – teria de se lembrar de trazer uma sobressalente da próxima vez que fizesse algo assim. Melhor permanecer modesta.

Enquanto dobrava suas coisas, ela deliberadamente olhou para panturrilha retorcida, traçando os cordões de cicatrizes que formavam um feio mapa em relevo de montanhas e vales em sua pele. Antigamente, a perna funcionava perfeitamente e era tão linda que artistas desejariam pintá-la. Agora era um símbolo de quem e o que ela era, um lembrete da desgraça que fizera dela menos que uma pessoa... E, ainda assim, uma pessoa melhor.

Por sorte, havia um corrimão cromado perto dos degraus, e ela agarrou-o para equilibrar-se enquanto lentamente entrava na água cálida. Antes de afundar, recolheu sua trança e prendeu a pesada extensão em volta do topo da cabeça, enfiando a ponta de forma que ficasse presa no lugar.

E então... Deslizou.

Fechando os olhos em êxtase, deixou-se boiar, sem peso, a água uma brisa morna em volta de sua carne, seu corpo amparado gentilmente pelas mãos bondosas da piscina. Quando se dirigiu ao centro, desistiu de sua decisão de não molhar o cabelo, e deitou de costas, movendo as mãos em círculos para manter-se na superfície.

Por um breve momento, permitiu-se sentir algo, abrindo as portas de seus sentidos.

E foi... Bom.

Largado para trás na mansão nesta noite, Tohr estava fora do turno da noite, preso e de ressaca: uma trindade mal-humorada, se é que já se viu uma.

A boa notícia era que a maioria das pessoas havia saído ou estava cuidando de seus assuntos, ele não tinha de infectar ninguém com seu humor tóxico.

Pensando nisto, dirigiu-se ao centro de treinamento, vestido nada além de seu calção de banho. Era sabido que a ressaca, em sua maior parte, se devia à desidratação, então decidira não apenas ir à piscina e ficar submerso... Mas trazer algum alívio líquido com ele. E isto era pelo bem de sua saúde.

O que ele trazia? Oh, bom, vodka – ele sinceramente gostava, e ei, era parecido com água.

Parando no túnel, ele tomou um gole da Goose do V e engoliu...

Porra. O som da bota de John batendo no chão, como um maldito dobre de sinos, era algo que ele nunca iria esquecer. Assim como o dedo do garoto apontando para ele.

Hora de outro gole... E ei, que tal um pouco mais?

Enquanto voltava a caminhar para o que provavelmente seria uma festa de afogamento, ele reconheceu ser um clichê ambulante. Ele vira seus irmãos naquele estado de vez em quando, zanzando em volta com uma cabeça amarga e confusa, comportando-se mau, e uma garrafa de suco nocauteador grudada nas mãos. Antes que Wellsie fosse tirada dele, nunca entendera os motivos.

Agora? Dãaa.

Você fazia o que tinha de fazer para passar pelas horas. E as noites quando não podia lutar eram as piores – exceto, claro, os dias insone, encarando a luminosidade do dia, um sinal brilhante de proibido sair. Isto era ainda mais miserável.

Quando saiu do escritório rumo à piscina, estava feliz por não ter que disfarçar a expressão em seu rosto, moderar a linguagem, ou esfriar o ânimo.

Abrindo a porta da ante-sala, sua pressão sanguínea baixou diante da quente e acolhedora onda de umidade que o atingiu. A música ajudou também. Do sistema de som, U2 enchia o ar, o bom e velho *The Joshua Tree* ecoando ao redor.

A primeira pista de que algo estava errado era a pilha de trapos próxima à parte rasa da piscina. E talvez se ele não estivesse bebendo, ele poderia ter somado dois e dois antes de...

Flutuando no centro da piscina, uma fêmea estava virada para cima na superfície da água, seus seios nus brilhando, seus mamilos enrijecidos no ar morno, a cabeça jogada para trás.

– Porra.

Difícil saber o que fez mais barulho: seu palavrão ou a garrafa de Goose caindo no chão... Ou a água espirrando no meio enquanto No'One se endireitava e afundava, cobrindo-se, na medida em que tentava manter a cabeça fora da água.

Tohr virou e cobriu os olhos com as mãos...

Com este movimento, o vidro quebrado cortou a sola de seu pé descalço, a dor tirando-lhe o equilíbrio – não que ele precisasse de qualquer ajuda com isso, graças a ter enchido a cara de vodka. Apoiou a mão, tentando levantar-se do chão – e acabou cortando a palma da mão direita também.

– Fodido Inferno, – ele gritou, jogando-se para longe dos cacos de vidro.

Enquanto rolava de costas, No’One saía da água e puxava seu manto, cobrindo sua pele nua, aquela trança longa balançando livremente enquanto puxava o capuz para o lugar.

Com outra maldição, Tohr levantou a mão para checar o ferimento. Ótimo. Bem no centro da mão que segurava a adaga, havia uma merda de corte de cinco centímetros e alguns milímetros de profundidade.

Só Deus sabia o estado em que estava seu pé.

– Eu não sabia que você estava aqui, – ele disse, sem olhar para ela. – Sinto muito.

Pelo canto do olho, ele viu No’One se aproximando, seus pés descalços aparecendo por baixo da cobertura do manto.

– Não se aproxime, – ele grunhiu. – Há vidro por todo lado.

– Eu já volto.

– Está bem, – ele murmurou, enquanto erguia o pé para dar uma olhada.

Fantástico – maior, mais profundo. Sangrando mais. E ainda havia vidro no corte.

Com um grunhido, arrancou o pequeno triângulo de vidro e puxou a coisa pra fora. Seu sangue no caco era vermelho como rubor, e ele virou o pedaço de um lado para o outro, olhando a luz atravessar a mancha.

– Pensando em começar sozinho a cirurgia?

Tohr olhou para Manny Manello, doutor, cirurgião humano, *hellren* emparelhado com a irmã gêmea de V. O cara tinha vindo com um kit de primeiros socorros, e também com sua atitude habitual de – eu-governo-o-mundo.

Qual o problema dos médicos? Eles eram quase tão ruins quanto os guerreiros. Ou reis.

O humano se agachou ao seu lado. – Você está vazando.

– Não diga.

Bem quando se perguntava onde No’One estava, a fêmea apareceu com uma vassoura, um cesto rolante e uma pá de lixo. Sem olhar para ele ou para o humano, começou a varrer cuidadosamente.

Ao menos ela calçara os sapatos.

Jesus Cristo... Ela estava realmente, fodidamente pelada.

Enquanto Manello furava e cutucava a mão ferida, e então começava a anestesiá-la e costurar, Tohr observava a fêmea de canto de olho – sem olhar diretamente. Especialmente não depois...

Jesus... Tipo, *realmente* fodidamente pelada...

Ok, hora de parar de pensar nisso.

Concentrando-se em seu manquejar, ele notou que estava bastante pronunciado, e se perguntou se ela se machucou naquela pressa de sair da piscina e se vestir.

Ele a vira frenética antes. Mas só uma vez...

Fora na noite em que eles a resgataram daquele *sympath*.

Ele matara o bastardo. Atirara em seu captor bem na cabeça, derrubando-o como uma pedra. Então ele e Darius a tinham levado para a carruagem para levá-la de volta a casa de sua família. O plano era devolvê-la. Levá-la ao sangue de seu sangue. Entregá-la àqueles que por todos os direitos deveriam ajudar em sua cura.

Só que quando se aproximaram da imponente mansão, ela se jogou da carruagem mesmo com os cavalos a galope. E ele nunca se esqueceria da visão dela naquela camisola branca, cruzando o campo, correndo como se estivesse sendo perseguida, embora seu sequestro já tivesse terminado.

Ela sabia que estava grávida. Foi por isto que fugira.

Ela também mancava naquela ocasião.

Aquela foi a sua única tentativa de fuga. Bem, até aquela depois do parto, aquela que fora bem-sucedida.

Deus... Estivera nervoso perto dela durante aqueles meses que ficaram juntos no abrigo de Darius. Não tinha nenhuma experiência com fêmeas de qualquer tipo. É, claro, crescera cercado delas enquanto vivera com sua mãe, mas fora como uma criança, um *pretrans*. E no instante em que passara pela transição, fora tirado de sua casa e jogado no poço do nade-ou-afunde, campo de treinamento do Blodletter – onde ele tinha estado ocupado demais tentando manter-se vivo para se preocupar com prostitutas.

Ele nem mesmo conhecia Wellsie pessoalmente naquela época. Seu compromisso com ela tinha sido um acordo que sua mãe fizera quando ele tinha vinte e cinco anos, antes mesmo de que ela tivesse nascido.

Com um espasmo, ele chiou, e Manello olhou por cima de sua agulha e linha. – Desculpe. Você quer mais lidocaína?

– Estou bem.

O capuz de No'One se mexeu um pouco quando ela virou para olhar. Depois de um momento, voltou a trabalhar com a vassoura.

Talvez fosse o álcool agindo, mas ele subitamente não dava mais a mínima para disfarces. Deixou-se abertamente olhar para a fêmea enquanto o bom doutor terminava a mão.

– Sabe, vou ter que te fazer usar um suporte. – Manello murmurou.

– Se me disser o que precisa, – No'One disse suavemente, – Trarei para você.

– Perfeito. Vá à sala de equipamento no final do ginásio. Na sala de treinamento físico, encontrará os...

Enquanto o cara dava as instruções. No'One acenava, o capuz dela se movendo para cima e para baixo. Por alguma razão, Tohr tentava imaginar seu rosto, mas estava embaçado. Ele não a tinha visto apropriadamente em séculos – aquele breve relance agora mesmo não contava, devido à distância. E quando ela se revelou

a Xhex e ele antes da cerimônia de emparelhamento, tinha estado petrificado demais para prestar atenção.

Mas ela era loira; ele sabia disto. E ela sempre gostara de sombras – ou ao menos, tinha gostado na cabana de Darius. Não gostava de ser olhada também, naquela época.

– Ok, estamos indo bem, – Manello disse enquanto inspecionava seu serviço de reparação. – Vamos enfaixar e seguir adiante.

No’One voltou quando o médico estava prendendo a ponta da gaze no lugar.

– Pode olhar se quiser.

Tohr franziu o cenho até perceber que Manello estava falando com No’One. A fêmea se aproximara, e certo como se aquele capuz dela fosse um expressivo rosto, ele podia dizer que estava preocupada.

– Só um aviso, no entanto. – Manello se moveu para baixo. – O pé está pior do que a mão - mas a palma é mais importante, porque é com o que ele luta.

Enquanto No’One hesitava. Tohr deu de ombros. – Pode olhar tudo o que quiser, desde que seu estômago aguente.

Ela deu a volta e parou atrás do médico, cruzando os braços nas mangas de seu manto de forma que parecia uma estátua religiosa. Só que ela estava muito viva. Quando ele piscou enquanto a agulha entrava sem anestesia, ela pareceu se encolher.

Como se sua dor a afetasse.

Tohr manteve os olhos afastados durante todo o procedimento.

– Ok, terminamos, – Manello disse algum tempo depois. – E antes que pergunte, vou te responder com um ‘é, provavelmente’. – Dada rapidez com que vocês caras se curam, você provavelmente estará bom amanhã à noite. Pelo amor de Deus, vocês são como carros – após uma batida, vão ao funileiro, e quando menos se espera, estão de volta à estrada. Humanos levam tanto maldito tempo para se recuperar.

Uh-huh, certo. Tohr não se colocaria no mesmo nível de um Dodge Ram. A exaustão que ele estava sentindo a seu redor significava necessidade se alimentar - e

isto significava que estes ferimentos pequenos poderiam levar mais tempo para se curar.

Tirando aquela única sessão com Selenia, ele não tinha tomado uma veia desde...

Não. Não por aí de novo. Não tinha necessidade de abrir aquela porta.

– Sem se apoiar neste pé, – o médico disse enquanto tirava as luvas. – Ao menos até o amanhecer. E sem nadar.

– Sem problema. – Especialmente no último. Depois do que ele vira boiando no meio da maldita coisa, ele bem poderia nunca mais entrar naquela piscina. Em qualquer piscina, por falar nisso.

A única coisa que se salvava da completa bagunça que fora o acontecimento, era o fato de que não houvera nada sexual do lado dele. É, ele ficara chocado, mas não significava que ele quisesse... Sabe, cair em cima dela ou uma merda dessas.

– Uma pergunta, – o médico disse enquanto se levantava e segurava sua mão.

Tohr aceitou a palma e com um pouco de surpresa viu que foi puxado solidamente de uma vez, até estar sobre seu pé.

– O que?

– Como aconteceu?

Tohr olhou para No'One, que desviou o olhar rapidamente, e virou o corpo inteiro para a direção oposta.

– A garrafa escorregou da minha mão, – Tohr murmurou.

– Ah, bem - acidentes acontecem. – O tom de – *tá bom, acredito...* – sugeria que o cara não acreditava na desculpa nem por um segundo. – Chame-me se precisar. Estarei na clínica pelo resto da noite.

– Obrigado, cara.

– Tudo bem.

E então... Ele e No'One estavam a sós.

Capítulo ONZE

Quando o médico partiu, No'One se pegou querendo distância de Tohrment. Era como se, na ausência de outras pessoas no lugar, ele tivesse subitamente chegado mais perto e estivesse muito, muito maior.

No silêncio que evaporava, teve a sensação de que deveriam estar falando, mas sua mente estava enevoada. *Mortificada* nem chegava perto de descrevê-la, e teve a impressão de que, se pudesse ao menos se explicar, talvez pudesse fazer aquela sensação desaparecer.

Enquanto isto, havia demais da forma física dele à mostra, para ser confortável. Ele era tão alto – centímetros e mais centímetros – trinta centímetros mais alto do que ela. E seu corpo não era tão esguio quanto o dela. Apesar de ser mais magro do que se lembrava, e muito mais leve do que seus Irmãos, ainda era maior e mais musculoso do que qualquer macho da *glymera* com quem ela já estivera...

Onde estava sua língua? Ela pensou.

E assim, ainda enquanto devaneava, tudo o que conseguia fazer era medir a extensão brutal dos ombros, e o sólido contorno de tórax pesado, e aqueles braços longos e cruelmente musculosos. Não que o achasse atraente. Ela de repente teve medo de todo aquele poder físico...

Tohrment foi quem deu um passo para trás, o rosto demonstrando desgosto. – Não olhe para mim deste jeito.

Tremendo, ela lembrou a si mesma que este era o macho que a salvara. Não alguém que a machucara. Ou que a machucaria. – Sinto muito...

– Escute, e eu quero deixar isto bem claro. Não tenho interesse nenhum em você. Não sei que tipo de jogo está fazendo.

– Jogo?

O braço poderoso dele se estirou quando apontou para a piscina. – Deitada aí esperando eu chegar...

No'One recuou. – O quê? Eu não estava esperando você ou qualquer outra pessoa...

– Mentira...

– Eu conferi antes, para ter certeza de que estava sozinha...

– Você estava nua, flutuando ali como uma vagabunda...

– *Vagabunda?*

Suas vozes alteradas ricocheteavam em volta como balas, cruzando caminhos enquanto interrompiam um ao outro.

Tohrment se projetou para frente em seus quadris. – Por que está aqui?

– Estava recolhendo as toalhas para lavar...

– Não ao centro de treinamento - a esta maldita mansão.

– Eu queria ver minha filha...

– Então por que você não tem passado nenhum tempo com ela?

– Ela está recém-emparelhada! Eu tentei parecer acessível...

– É, eu sei. Só que não para ela.

A falta de respeito naquela voz profunda à fez querer se encolher, mas a injustiça deu-lhe determinação. – Eu não tinha como saber que você ia entrar aqui. Pensei que todos tinham saído esta noite...

Tohrment diminuiu a distância entre eles. – Eu vou dizer isto só uma vez. Não há nada aqui para você. Os machos emparelhados desta casa estão vinculados às suas *shellans*, Quinn não está interessado, e nem eu. Se você está aqui procurando um *hellren*, está sem sorte...

– Eu não quero macho algum! – O grito dela o calou, mas não foi suficiente. – Eu vou dizer *isto* somente uma vez - Eu me mataria antes de sequer aceitar outro homem em meu corpo. Eu sei por que você me odeia, e eu respeito suas razões, mas eu *não* quero você nem qualquer um do seu tipo. *Nunca*.

– Então que tal começar por manter-se vestida em suas malditas roupas.

Ela teria lhe dado um tapa se tivesse altura. Sua palma até formigou.

Mas ela não pulou para apagar aquela expressão terrível do rosto dele à força. Erguendo o queixo, disse com o máximo de dignidade que conseguiu, – Caso tenha se esquecido do que o último macho fez a mim, posso garantir que eu não esqueci. Se vai escolher acreditar em mim ou preferir sua ilusão, não é da minha conta – ou de meu interesse.

Quando ela passou por ele mancando, desejou que sua perna fosse o que tinha sido antes. Orgulho era muito melhor expressado com uma marcha firme.

No momento em que chegou à antessala, olhou para trás, na direção dele. Ele não tinha se virado, então deu com seus ombros... E o nome de sua *shellan*, o qual estava entalhado na pele. – Eu nunca mais me aproximarei desta água. Com roupa ou sem roupa.

Enquanto ela vacilava para a porta, tremia da cabeça aos pés, e não foi até que sentiu o golpe frio do ar do corredor, que percebeu que deixara para trás o cesto rolante, a vassoura e sua roupa de baixo.

Ela não ia voltar para buscá-los, disto tinha certeza.

Na lavanderia, fechou a porta e se inclinou na parede, perto das portas.

Subitamente, sentiu como se estivesse sufocando, e arrancou o capuz da cabeça. De fato, seu corpo estava quente, e não por causa do manto pesado que vestia. Um fogo interno tinha se enraizado e usava suas entranhas como combustível, a fumaça aquecida daquele fogo enchendo seus pulmões, roubando o oxigênio.

Era impossível perceber o macho que conhecera no País Antigo naquele que ela acabara de ver. O primeiro era desajeitado, mas nunca, nunca desrespeitoso, uma alma amável e gentil que de alguma forma sobrepujava seus brutais esforços na guerra – ainda assim, mantinha sua compaixão.

Esta interação de hoje fora amarga.

E ela que pensara que cuidar daquele vestido tinha sido benéfico?

Teria melhor sorte movendo a mansão com a mente.

À saída raivosa de No'One, Tohr decidiu que tirando o fato de que John Matthew não tinha cortado a mão e o pé esta noite, parecia que Tohr e o garoto tinham muito em comum: Cortesia de seus temperamentos, ambos estavam agora vestindo a fantasia de Capitão Imbecil – que incluía, sem custo adicional, a capa da desgraça, as botas da vergonha, e chaves para o Desastre Móvel.

Cristo, o que saíra de sua boca?

Caso tenha se esquecido do que o último macho fez a mim, posso garantir que eu não esqueci.

Com um gemido, apertou a ponte do nariz. Por que caralho ele pensara, sequer por um momento, que aquela fêmea tinha interesse sexual nele como macho?

– Porque você assumiu que ela estava atraída por você e se apavorou.

Tohr fechou os olhos. – Agora não, Lassiter.

Naturalmente, o anjo caído não prestou atenção à metafórica FAIXA POLICIAL – NÃO ULTRAPASSE em suas palavras. O anjo de cabelo loiro e preto entrou e se sentou em um dos bancos, colocando os cotovelos nos joelhos vestidos em couro, os olhos estranhos fixos e sérios.

– É hora de você e eu termos uma conversinha.

– Sobre minhas habilidades sociais? – Tohr balançou a cabeça. – Sem ofensas, mas eu preferia ouvir conselhos de Rhage – e isto é significativo.

– Você já ouviu falar do Limbo?

Tohr desajeitadamente girou em seu pé bom. – Não estou interessado em uma aula agora, obrigado.

– É um lugar muito real.

– Como Cleveland. Detroit. Lindo subúrbio de Burbank. – Ele tinha sido um grande fã de *Laugh-In*¹⁸ nos anos sessenta. Que o processassem. – Mas não preciso saber sobre elas também.

– É onde Wellsie está.

O coração de Tohr parou no peito. – De que infernos você está falando?

– Ela não está no Fade.

Ok. Certo. Ele provavelmente devia seguir aquela primeira com um “Do que *porra* você está falando?”. Mas, tudo o que pode fazer, foi olhar fixamente para o cara.

– Ela não está onde você pensa, – o anjo murmurou.

Com a boca seca, conseguiu falar, – Está dizendo que ela está no inferno? Porque é a única outra opção.

– Não, não é.

Tohr tomou um fôlego profundo. – Minha *shellan* era uma fêmea de valor, e ela está no Fade... Não há motivos para pensar que ela está no *Dhund*. Da minha parte, já estou cansado de pular na garganta das pessoas esta noite. Então vou sair por aquela porta ali... – apontou na direção da antessala só para ajudar, – E você vai me deixar ir. Porque não estou com humor para isto.

Virando, começou a mancar, usando a muleta que No’One tinha trazido.

– Você parece ter muita maldita certeza de algo que não sabe merda nenhuma.

Tohr parou. Fechou os olhos de novo. Rezou por uma emoção, qualquer emoção, além da vontade de matar.

Sem sorte.

Olhou por sobre o ombro. – Você é um anjo, certo. Então é esperado que tenha compaixão. Eu acabei de acusar uma fêmea que foi estuprada antes de ser

¹⁸ Programa cômico que foi ao ar entre 1968 e 1973, que tinha a frase – beautiful downtown Burbank – como um dos bordões, referindo-se aos subúrbios de Los Angeles onde ficava o estúdio da NBC onde o programa era gravado.

engravidada, de ser uma vagabunda. Acha realmente que eu posso aguentar ser torturado sobre minha *shellan* bem agora?

– Existem três lugares no além-vida. O Fade, onde os amados se reencontram. *Dhund*, aonde os injustos vão. E o Limbo...

– Você ouviu o que eu acabei de dizer?

– ...É onde as almas ficam presas. Não é como os outros dois...

– Você se importa?

– ...Porque o Limbo é diferente para todo mundo. Bem agora, sua *shellan* e seu bebê estão presos por sua culpa. É por isto que eu vim. Estou aqui para ajudá-lo, ajudá-los a partirem para onde pertencem.

Cara, era uma boa hora para ter um pé fodido, Tohr pensou, pois ele subitamente perdeu o equilíbrio. Aquilo ou o centro de treinamento estava girando no eixo da casa.

– Não entendo, – suspirou.

– Você precisa seguir em frente, meu homem. Pare de se apegar a ela para que ela possa ir...

– Não há purgatório, se é isso que está sugerindo...

– De onde caralho você acha que eu vim?

Tohr ergueu a sobrancelha. – Você realmente quer que eu responda?

– Não tem graça. E estou falando sério.

– Não, você está mentindo...

– Já se perguntou como eu te encontrei naquela floresta? Por que eu fiquei por perto? Já se perguntou por um momento por que insisto em perder meu tempo com você? Sua *shellan* e seu filho estão presos e eu fui enviado para cá para libertá-los.

– Filho? – Tohr resfolegou.

– É, ela estava carregando um menininho.

As pernas de Tohr cederam naquele momento – felizmente, o anjo pulou a frente e segurou-o antes que quebrasse algo.

– Venha cá. – Lassiter o moveu para o banco. – Sente-se aqui e coloque a cabeça entre os joelhos – sua cor acaba de ir para o inferno.

Desta vez, Tohr não discutiu; deixou sua bunda cair e permitiu-se ser empurrado pelo anjo. Quando abriu a boca para tentar respirar, notou sem motivo algum que os azulejos no chão não eram sólidos azuis-claros, mas tinham manchas multicoloridas de branco, cinza e marinho.

Quando a grande mão começou a fazer movimentos circulares em suas costas, se sentiu estranhamente confortado.

– Um filho... – Tohr ergueu a cabeça um pouco e passou a mão no rosto. – Eu queria um filho.

– Ela também.

Ele olhou severamente. – Ela nunca me disse.

– Ela não falou porque não queria que ficasse se gabando de ter dois machos na casa.

Tohr riu. Ou talvez fosse um soluço. – Ela faria mesmo isso.

– É.

– Então você a viu.

– É. Ela não está bem, Tohr.

De repente, sentiu como... – Vou vomitar. – O que era melhor do que chorar. – Purgatório?

– O Limbo. E há um motivo para que ninguém saiba sobre ele. Se você sai, está no Fade – ou *Dhund*, e suas experiências passadas são esquecidas, uma lembrança ruim que se apaga. E se sua janela fecha, está preso lá para sempre, então não é como se fosse possível fazer documentários sobre o lugar.

– Não entendo - ela viveu uma vida boa. Era uma fêmea de valor que foi ceifada cedo. Porque ela não foi para o Fade?

– Você ouviu o que eu disse? Por sua causa.

– Eu? – Ele jogou as mãos para cima. – O que porra eu fiz de errado? Estou vivendo e respirando – eu não me matei e não vou...

– Você não a deixou ir. Não minta. Vamos lá, veja só o que acabou de fazer com No’One. Deparou-se com ela pelada, embora não tenha sido culpa dela, e cortou-lhe a cabeça porque pensou que ela estava dando em cima de você.

– E é tão estranho assim que eu não queira ser seduzido? – Tohr franziu o cenho. – Ademais, como infernos você sabe o que acabou de acontecer.

– Você não acha honestamente que voltará a estar totalmente sozinho, acha? E o problema não é No’One. É você... Você não quer se sentir atraído por ela.

– Eu *não estava* atraído por ela. Eu *não estou*.

– Mas tudo bem se estiver. Este é o ponto...

Tohr estendeu o braço, agarrou a frente da camiseta do anjo, e juntou as cabeças. – Tenho duas coisas para dizer a você. Não acredito em nada do que está dizendo, e se você sabe o que é bom para si mesmo, vai fechar a porra da boca sobre minha fêmea.

Enquanto Tohr o soltava e se levantava, Lassiter praguejou. – Você não tem a eternidade para isto, companheiro.

– Fique fora de meu quarto.

– Está querendo apostar a eternidade dela em sua raiva? É realmente tão arrogante?

Tohr olhou por sobre o ombro... Só que o filho da puta se fora: Não havia nada além de ar no banco onde o anjo estivera. E era difícil discutir com um banco.

– Tanto faz. Fodido doente mental.

Capítulo DOZE

Quando Xhex entrou no Iron Mask, sentiu como se voltasse no tempo. Por anos ela havia trabalhado em clubes como este, circulando entre gente desesperada como estas, mantendo os olhos abertos para problemas... Como aquela pequena complicação que se formava adiante.

Bem a sua frente, dois caras estavam se encarando, uma dupla de touros góticos quase arranhando o chão com suas New Rocks¹⁹. Justamente ao lado, uma garota de cabelo branco e preto, decote brilhante e uma roupa idiota, que envolvia fivelas com correias de couro preto, observava a situação malditamente satisfeita consigo mesma.

Xhex queria meter a mão na cara dela e despachá-la só pela sua atitude.

O real problema, no entanto, não era essa idiota que só tinha peitos, mas os dois pedaços de carne que estavam prestes a brigar pra valer. A preocupação não era tanto o que eles fariam com os narizes ou as mandíbulas um do outro; eram as outras duzentas pessoas como estavam basicamente se comportando. Corpos masculinos voando para trás em doze diferentes direções poderiam derrubar um monte de espectadores em seus traseiros, e quem precisava disso?

Estava prestes a entrar em ação, quando se lembrou de que este não era mais seu trabalho. Ela não era mais responsável por esses imbecis, suas libidos e os seus ciúmes, seu consumo e venda de drogas, suas façanhas sexuais...

Eeeeeee aqui estava Trez "Senhor Razão", tomando conta da situação de qualquer forma.

Os humanos na multidão viam o mouro simplesmente como um deles, apenas maior e mais agressivo. Ela sabia a verdade, no entanto. Aquele Sombra era muito mais perigoso do que qualquer um dos *Homo sapiens* poderia imaginar. Se ele quisesse, poderia rasgar suas gargantas num piscar de olhos... Em seguida, lançaria as carcaças em um espeto sobre uma fogueira, regaria por duas horas e os teria para jantar com uma espiga de milho e um saco de batatas fritas.

¹⁹ Marca de botas

Os Sombras tinham uma maneira única de eliminar seus inimigos.

Antiácido, alguém?

Quando o tamanho de Trez fez sua marca, a dinâmica no palco mudou instantaneamente: a puta desprezível deu uma olhada para ele e pareceu esquecer os nomes dos dois caras que ela instigou para confusão. Enquanto isso, o par de palhaços bêbados esfriou um pouco, recuando e reavaliando a sua situação.

Bom plano, eles estavam a um passo de terem a situação forçadamente reavaliada para eles.

Os olhos de Trez se encontraram com os de Xhex por um instante e, então ele se concentrou em seus três clientes. Enquanto a fêmea tentava andar de esguelha até ele, reluzindo seus olhos e seu decote, ela dava toda a impressão de um bife para um vegetariano: Trez estava vagamente aborrecido.

Sobre o ruído da música, Xhex apenas pescou algumas palavras aqui e ali, mas ela podia imaginar o roteiro muito bem: *Não seja um idiota. Resolvam lá fora. Primeira e única advertência antes de vocês se tornarem persona non grata.*

No final de tudo, Trez praticamente teve que se separar da vadia com um pé de cabra, porque de alguma forma, ela havia grudado em seu braço.

Afastando-a dele com um, – Você não pode estar falando sério?! – ele se aproximou. – Ei.

Aquele sorriso, lento e sexy dele era o problema, é claro. E a voz profunda não ajudava. Ou aquele corpo.

– Ei. – Ela teve que sorrir de volta. – Problemas femininos novamente?

– Sempre. – Ele olhou ao redor. – Onde está o seu homem?

– Não está aqui.

– Ahhhhh. – Pausa. – Como você está?

– Eu não sei, Trez. Eu não sei por que estou aqui. Eu só...

Estendendo a mão, ele colocou seu pesado braço sobre os ombros dela e a aproximou dele. Deus, ele cheirava o mesmo, uma combinação de Gucci Pour Homme e algo que era totalmente *dele*.

– Venha cá, mocinha, – ele murmurou. – Ao meu escritório.

– Não me chame de *mocinha*.

– Certo. Que tal *docinho*?

Ela passou um braço em volta da cintura dele e inclinou sua cabeça em seu peito quando eles começaram a caminhar juntos. – Você gosta de suas bolas onde elas estão?

– Sim. Eu não gosto da sua aparência, no entanto. Eu prefiro você mal humorada e irritada.

– Eu também, Trez. Eu também...

– Então, nós ficamos bem no ‘docinho’? Ou eu tenho que ser mais drástico com você? Eu vou lançar mão do ‘fofinha’ se eu precisar.

No caminho para a parte de trás do clube, ao lado do vestiário onde as "dançarinas" se trocavam e colocavam suas roupas casuais, o escritório de Trez tinha uma porta parecida com a de um frigorífico. Dentro, havia um sofá de couro preto, uma mesa grande de metal e um cofre forrado com uma manta de chumbo, fixado no chão. Era isso. Bem, além das ordens de compra, recibos, mensagens telefônicas, laptops...

Parecia que um milhão de anos havia passado desde que ela tinha estado em torno de tudo isso.

– Acho que iAm não esteve por aqui ainda, – ela disse, acenando para a bagunça em cima da mesa. O gêmeo de Trez nunca teria resistido àquilo.

– Ele está cozinhando no Sal, até a meia-noite.

– Mesmo horário, então.

– Se está dando certo...

Enquanto os dois se instalavam, ele em sua cadeira estilo trono, ela no sofá, com o coração ferido.

– Fale comigo, – disse ele, seu escuro rosto sério.

Apoiando a cabeça em sua mão e cruzando a perna, ela remexeu nos cadarços de seu coturno.

– E se eu lhe disser que quero meu antigo emprego de volta?

Em sua visão periférica, ela o viu recuar um pouco.

– Eu pensei que você estava lutando com os Irmãos.

– Eu também.

– Wrath não está exatamente confortável com uma mulher no campo?

– John não está. – Quando Trez amaldiçoou, ela falou sério. – E como eu sou sua *shellan*, o que ele fala é o que vale.

– Ele realmente olhou nos seus olhos e...

– Oh, ele fez mais do que isso. – Quando um rosnado ameaçador se infiltrou no ar, ela acenou com a mão. – Não, nada violento. O argumento... Os argumentos não foram nada divertidos, no entanto.

Trez recostou na cadeira. Tamborilou seus dedos sobre a confusão na sua frente. Olhou para ela. – Claro que você pode voltar... Você me conhece. Eu não estou vinculado a qualquer noção de propriedade vampírica e a nossa é uma sociedade matriarcal, então, eu nunca entendi os misoginiados Antigos Caminhos. Estou preocupado com você e John, contudo.

– Nós vamos resolver isso. – Como? Ela não tinha a menor ideia. Mas ela não estava se deixando levar pelo medo de que eles não seriam capazes de colocar alguma credibilidade em suas palavras. – Eu simplesmente não posso ficar sentada naquela casa sem fazer nada e eu não quero sequer colocar os olhos sobre todos eles. Merda, Trez, eu deveria ter sabido que essa coisa de emparelhamento era uma má ideia. Eu não sirvo para isso.

– Parece que não é você quem está criando o problema. Apesar de que eu sei de onde ele está surgindo. Se alguma coisa acontecesse com iAm, eu fodidamente enlouqueceria... Então não é uma boa ideia ele e eu lutarmos lado a lado.

– Você luta mesmo assim.

– Sim, mas nós somos estúpidos. E não é como se saíssemos à procura de briga toda noite... Nós temos negócios que nos mantêm ocupados e é só quando alguma coisa nos encontra que cuidamos dela. – Ele abriu uma gaveta da mesa e atirou-lhe um molho de chaves. – Tem um último escritório vazio no corredor. Se aquele detetive do departamento de homicídios, retornar sobre o caso de Chrissy e o seu namorado morto, nós lidaremos com isso, se tivermos que fazer. Enquanto isso, vou te colocar de volta na folha de pagamento. Você chegou numa boa hora, eu poderia usar alguma ajuda para organizar os seguranças. Mas, e eu realmente quero dizer isso, não há obrigação em longo prazo. Você pode sair quando quiser.

– Obrigada, Trez.

Os dois se olhavam por sobre a mesa.

– Vai ficar tudo bem, – o Sombra disse.

– Você parece certo disso.

– Eu estou.

Acerca de um quarteirão e meio de distância do Iron Mask, Xcor estava sotavento de um estúdio de tatuagem, o brilho vermelho, amarelo e azul de seu luminoso de neon penetrando em seus olhos lhe davam nos nervos.

Throe e Zypher tinham entrado no estabelecimento há dez minutos.

Mas não para se tatuar.

Por tudo o que era sagrado, Xcor preferia que os seus soldados estivessem em outro lugar numa missão por qualquer outra coisa. Infelizmente, não se pode

negociar com a necessidade de sangue e eles ainda tinham que encontrar uma fonte confiável para isso. As fêmeas humanas serviam para saciar a sede na qual eles estavam, mas a força não durava muito e isso significava que a busca por vítimas era quase tão frequente quanto por comida.

De fato, eles estavam por aqui apenas há uma semana e ele já podia sentir o efeito retardado sobre a sua carne. Lá no Antigo País, existiam vampiras fêmeas as quais eles pagavam pelo serviço. Aqui, não possuíam esse luxo e ele temia que demorasse algum tempo até que tivessem.

Embora se ele se tornasse rei, o problema estaria resolvido.

Enquanto aguardava, mudou seu peso para trás e para frente em suas botas, seu casaco de couro rangendo sutilmente. Em suas costas, oculta no seu coldre, mas pronta para uso, sua foice estava tão impaciente quanto ele.

Às vezes, podia jurar que a coisa falava com ele: por exemplo, de tempos em tempos, um humano passava pela abertura do beco onde ele estava; talvez fosse um solitário caminhando rapidamente, ou uma mulher andando sem propósito enquanto tentava acender um cigarro contra o vento ou um pequeno grupo de farristas. Qualquer que fosse a variante, seus olhos os rastreavam como presas, observando a forma como seus corpos se moviam e onde poderiam estar escondendo quaisquer armas e quantos saltos seriam necessários para se colocar em seus caminhos.

E o tempo todo, sua foice lhe sussurrava, incitando-o a agir.

Na época de Bloodletter, os humanos eram poucos e menos robustos, bons tanto para a prática de alvo e como para fonte de sustento, razão esta pela qual a raça de ratos sem cauda tinha criado tantos mitos sobre vampiros. Agora, porém, os roedores tinham tomado a terra como palácio, se tornando uma ameaça.

Uma pena que ele não podia trabalhar em Caldwell apropriadamente. Derrotar não apenas o grande Rei Cego e a Irmandade, mas os *Homo sapiens* também.

Sua foice estava preparada; isso era certo. Ela praticamente vibrava em suas costas, implorando para ser usada, com aquela voz que era mais sexy do que qualquer coisa que seus ouvidos já haviam realmente ouvido de uma fêmea.

Throe emergiu da loja e veio até o beco. Imediatamente, as presas de Xcor se alongaram e seu pau endurecia, não porque ele estava interessado em sexo, mas porque isso era apenas o que seu corpo fazia.

– Zypher está terminando com elas agora, – disse seu tenente.

– Bom.

Quando uma porta de metal se abriu a frente, ambos mergulharam suas mãos em seus casacos de couro e agarraram as armas. Mas era apenas Zypher... Com um triunvirato de mulheres, todas elas tão atraentes quanto o lixo ao lado de um prato de jantar.

Mendigos, humanos perdedores, de qualquer maneira. Além disso, cada uma possuía o principal requisito: um pescoço.

Durante a aproximação, Zypher estava sorrindo, mas com cuidado para não revelar suas presas. Com seu sotaque, ele balbuciou.

– Estas são Carla, Beth e Linda...

– Lindsay, – a da ponta disse.

– Lindsay, – ele corrigiu, estendendo e puxando-as para mais perto. – Garotas, vocês conheceram meu amigo e este é meu chefe.

O soldado não se incomodou com os nomes, por que perder tempo? No entanto, independentemente da inadequada apresentação, elas pareciam excitadas: Carla, Beth, e Lin-qualquer-porra sorriam para Throe, todas dando sinal verde... Até que olharam para Xcor.

Apesar de estar em sua maior parte nas sombras, uma luz de segurança havia sido ativada pelo movimento de abrir da porta pela qual eles haviam saído e claramente elas não gostaram do que viram. Duas delas olharam para o chão. A outra ficou ocupada mexendo na jaqueta de couro de Zypher.

A rejeição intrínseca não era uma reação inédita. Na verdade, nenhuma mulher jamais olhou para ele com aprovação ou atração.

Felizmente, ele não poderia se importar menos.

Antes que o silêncio se tornasse mais desconfortável, Zypher disse,

- Então, estas encantadoras senhoras estavam prestes a ir para o trabalho...
- No Iron Mask, – Lin-qualquer coisa falou.
- Mas concordaram em se encontrar conosco aqui às 3h.
- Quando nós sairmos do trabalho, – uma delas acrescentou.

Quando o trio caiu em um jogo irritante de risadinhas safadas, Xcor não estava mais tão interessado nelas do que elas estavam nele. Na verdade, suas aspirações eram muito mais elevadas do que os gostos de Zypher. Sexo, tanto como tomar sangue, era uma inconveniente função biológica e ele era inteligente demais para cair nessa besteira de romance.

Se alguém estava determinado a ir por esse caminho, a castração era mais fácil, menos doloroso e bem como, permanente.

- Então, nós temos um encontro? – Zypher disse para a mulher.

A que mais se arrastava nas roupas dele, sussurrou algo que trouxe sua cabeça para baixo. Quando suas sobrancelhas se franziram, não foi difícil entender o ponto principal e a mulher não parecia muito infeliz com a resposta.

Ela ronronou.

Mas novamente, isso era o que todos os gatos abandonados dos becos faziam, Xcor supôs.

– É um encontro, – o vampiro disse, olhando para Throe. – Prometi que vamos cuidar dessas três muito bem.

- Eu tenho o que precisamos.

– Bem. Bom. – Ele golpeou a bunda de uma, depois de outra. A terceira, a mulher tentando entrar em seu casaco, ele inclinou para trás e a beijou duro.

Mais risadinhas. Mais olhares tímidos que não eram inteiramente sobre o fato de que estas eram prostitutas a caminho de serem pagas.

Justo quando elas estavam saindo, cada uma das mulheres olhou para Xcor, suas expressões sugerindo que ele era como uma doença a qual elas estavam prestes a serem expostas. Ele se perguntou quem pegaria o palito pequeno quando

todos se reunissem – porque certo como o dia era longo e as noites demasiadamente curtas, ele teria uma delas.

Simplesmente custaria um extra nestes tipos de situações.

– Belos exemplares de virtude, – Xcor disse secamente quando estava sozinho com seus soldados.

Zypher deu de ombros. – Elas são o que são. E vai ser bom o suficiente.

– Estou tentando encontrar para nós as fêmeas adequadas, – Throe disse. – Porém, não é fácil.

– Talvez você precise trabalhar mais. – Xcor olhou para o céu. – Agora vamos começar a trabalhar. O tempo está sendo desperdiçado.

Capítulo TREZE

Vagabunda? *Vagabunda?*

Quando No'One se projetou para o Outro Lado e reentrou no Santuário onde passou séculos, não conseguia tirar aquela palavra nem a raiva de sua cabeça.

Lá embaixo, no centro de treinamento, a roupa limpa nunca havia sido dobrada tão ferozmente, e quando terminou suas tarefas, não tinha como permanecer na mansão pelas horas do dia.

Aqui era seu único outro destino.

E já estava na hora de vir aqui para se revigorar de qualquer maneira.

Parada no campo de flores coloridas, ela respirou fundo diversas vezes... E rezou para que fosse deixada a sós. As Escolhidas eram um grupo gentil de fêmeas sagradas e mereciam muito mais do que ela tinha a oferecer, mesmo uma transeunte ocasional – felizmente, elas estavam principalmente lá no Lado Oposto agora com o Primale.

Levantando sua túnica, ela começou a caminhar, atravessando as tulipas que floresciam perpetuamente com seus chapéus gordos em matizes vibrantes, como joias. Ela andou até que sua perna ruim começou a protestar. E ainda assim continuou a caminhada.

O precioso território da Virgem Escriba era ligado em todos os quatro lados por uma floresta espessa, e salpicada com edifícios de estilo clássico e templos. No'One conhecia cada telhado, cada parede, cada caminho, cada lago – e agora em sua fúria, ela fez um largo círculo em volta de tudo isso.

A raiva a animava, levando-a para frente em direção a... Nada e ninguém. E ainda, assim, ela disparou.

Como podia ele, que a tinha visto sofrer, chamá-la disso? Ela foi uma virgem, que teve violentamente roubado o presente que tencionava dar para aquele com quem se emparelhasse.

Vagabunda!

Na verdade, Tohrment não era o macho que ela uma vez havia conhecido – e quando o pensamento lhe ocorreu, ela refletiu que nisto eles eram iguais. Ela mesma havia perdido uma encarnação anterior de si mesmo, mas diferente dele, sua personalidade atual havia progredido.

Após algum tempo, a perna doeu tanto que ela teve que reduzir o passo... E então parar. A dor foi uma grande elucidação, fazendo o ambiente em que ela estava agora suplantar o que havia deixado lá embaixo, mas que estava retido nela.

Ela estava parada na frente do Templo das Escribas Isoladas.

Estava desocupado. Como todos os outros edifícios estavam.

Quando olhou ao redor, a verdadeira dimensão do silêncio se infiltrou nela. A paisagem estava totalmente desocupada. Era como se, em um lance de ironia, a cor vibrante que finalmente viera até aqui não tivesse simplesmente substituído o branco onipresente, mas afugentado toda a vida.

Recordando o passado, quando teve tanta coisa para lidar, ela percebeu que na verdade havia ido ao Outro Lado não apenas para procurar sua filha, mas para encontrar um lugar onde pudesse se ocupar até a exaustão, de forma que não pensasse em excesso.

Aqui ela não tinha nada para fazer.

Querida Virgem Escriba, ela iria enlouquecer.

Abruptamente, uma imagem de Tohrment, filho de Hharm, de ombros nus encheu sua mente até que a cegou.

WELLESANDRA

O nome foi esculpido na largura da musculatura dele no Idioma Antigo, a marca de uma verdadeira união de corpos e almas.

Depois de ter algo assim arrancado pelo destino, sem dúvidas ele estava tão destruído quanto ela estava. E ela havia ficado com raiva no princípio, também. Quando havia chegado aqui após sua morte e a Directrix a mostrou suas tarefas, seu entorpecimento se esvaíra, revelando um fogo de raiva. Contudo, não havia nada a atacar, com exceção de si mesma – e ela havia feito isso há décadas.

Pelo menos até que ela percebeu o “por que” de seu destino, o propósito por trás de sua tragédia e a causa de sua salvação.

Ela fora agraciada com uma segunda chance, nascendo de uma outra maneira para exercer um papel de servidão e humildade, e aprender com seus erros do passado.

Empurrando a larga porta do templo, ela mancou adentrando na nobre sala, onde as filas de mesas, os rolos de pergaminho e as várias canetas de penas estavam. Em cada posto, no centro do espaço de trabalho, ficava uma tigela de cristal redonda preenchida três quartos com água tão pura que era quase invisível.

Na verdade, Tohrment estava sofrendo assim como ela havia sofrido também, talvez apenas começando a jornada que ela sentia haver completado há muitos anos para contar. E, embora a raiva fosse uma emoção fácil de sentir em face à acusação injusta dele, entendimento e compaixão eram as posições mais difíceis e mais valiosas para tomar...

Ela tinha aprendido isso a partir do exemplo das Escolhidas.

Embora o entendimento requeresse conhecimento, ela pensou, fitando uma das bacias.

Quando se aproximou, ela estava inquieta com a busca que estava prestes a iniciar, e escolheu um local afastado, bem no fundo, longe das portas e das janelas estilo catedral.

Sentando-se, ela não encontrou nenhum pó na superfície da mesa, nem minuciosos resíduos dentro ou sobre a água, nem tinta seca nas garrafas – a despeito do fato de já haver se passado um longo tempo desde que a sala esteve cheia com as fêmeas buscando os eventos da raça e registrando a história que aparecia perante seus olhos gentis.

No’One levantou a bacia, segurando-a com as palmas das mãos, sem tocar os dedos. Com movimento quase imperceptível, ela começou a circular a água, imaginando o passado de Tohrment tão claramente quanto era capaz.

Logo após, uma história começou a surgir, contada em imagens em movimento que foram completadas em cor viva e animadas pelo amor.

Ela nunca antes pensou em procurar por ele e sua vida nas bacias. As poucas vezes que ela veio aqui tinha sido para verificar a felicidade de sua família e o curso da vida de sua filha. Embora, agora, ela sabia que tinha sido muito doloroso para ela olhar o par de guerreiros que lhe deram abrigo e proteção.

Em seu final e mais covarde ato, ela traiu a ambos.

Na superfície da água, ela viu Tohrment com uma fêmea ruiva de estatura alta – eles estavam valsando, ela naquele vestido vermelho, ele sem túnica e exibindo a escarificação fresca do nome dela escrito no Idioma Antigo. Ele estava tão feliz, tão incandescente, seu amor e união o fazendo brilhar como a Estrela do Norte.

Houve outras cenas que seguiram, vagando ao longo dos anos, de quando tudo tinha sido novidade entre eles até o conforto que veio com a familiaridade, dos domicílios pequenos aos maiores, dos tempos bons, em que eles riram juntos até tempos difíceis quando discutiram.

Era o melhor que a vida tinha a oferecer para alguém: uma pessoa para amar e ser amada, com quem você esculpisse um significado no tronco de carvalho do transcurso perene do tempo.

E então outra cena.

A fêmea estava em uma cozinha, uma adorável e brilhante cozinha, parada diante de um fogão. Havia uma panela no fogo, alguma carne cozinhando nela, e ela tinha uma espátula na mão. Não estava olhando para baixo, no entanto. Ela estava encarando o espaço na sua frente, seus olhos desfocados quando a fumaça começou a ondular.

Tohrment apareceu no meio do caminho, correndo para a entrada. Ele chamou seu nome e agarrou uma toalha pequena, indo para um acessório no teto e batendo o pano de um lado a outro com vigor enquanto estremecia como se seus ouvidos machucassem.

Sobre o fogão, Wellesandra voltou a prestar atenção e empurrou a panela ardente da serpentina incandescente. Ela começou a falar, e embora não houvesse som associado com as imagens, ficou claro que estava se desculpando.

Depois que tudo ficou resolvido, acalmado e sem mais chamadas, Tohrment se recostou no balcão, cruzou os braços sobre o peito, e falou um pouco. Então, ele ficou em silêncio.

Passou um longo tempo antes de Wellesandra responder. Nas imagens anteriores de suas vidas, ela sempre pareceu ser forte e direta... Agora sua expressão era hesitante.

Quando ela terminou sua resposta, seus lábios franziram juntos e seus olhos se fixaram em seu companheiro.

Os braços de Tohrment gradualmente se desdobraram até que tombaram moles, e sua boca ficou frouxa, fazendo com que sua mandíbula caísse aberta. Seus olhos piscaram repetidas vezes, abrindo e fechando, abrindo e fechando, abrindo e fechando...

Quando ele finalmente se moveu, foi com a graça de alguém que tinha quebrado todos os ossos de seu corpo: ele cambaleou toda a distância que os separava e caiu de joelhos diante de sua *shellan*. Alcançando-a com as mãos trêmulas, ele tocou em seu baixo ventre enquanto lágrimas caíam de seus olhos.

Ele não disse uma palavra. Apenas agarrou sua companheira, seus braços grandes e fortes envolvendo a cintura dela, sua bochecha molhada vindo a descansar em seu útero.

Acima dele, Wellesandra começou a sorrir... Sorrir radiantemente, na verdade.

Sob sua felicidade, porém, o rosto de Tohr estava convertido em linhas de terror. Como se soubesse, até então, que a gravidez que ela regozijou era a destruição para todos os três...

– Eu pensei que iria encontrá-la deste lado.

No’One se virou bruscamente, a água na tigela espirrando sobre sua túnica, a imagem arruinada.

Tohrment parou na porta, certo como se a invasão dela na privacidade dele o convocasse para proteger o que era corretamente dele. Seu temperamento havia se dissipado, mas até na ausência de raiva, seu rosto magro não era nada perto do que ela tinha acabado de ver.

– Eu vim pedir desculpas, – ele disse.

Ela cuidadosamente colocou a tigela de volta, observando como a superfície agitada da água se acalmou e o nível subiu lentamente para o que tinha sido, reabastecido a partir de um reservatório desconhecido, invisível.

– Eu pensei em esperar até que ficasse um pouco sóbrio...

– Eu estive lhe observando, – ela disse. – Na bacia. Com sua *shellan*.

Isso o calou.

Levantando-se, No’One alisou a túnica, embora caísse como sempre, lisa e em dobras de pano.

– Eu entendo porque você está em um caminho horrível para um temperamento explosivo. Está na natureza de um animal ferido atacar até mesmo uma mão amiga.

Quando ela olhou para cima, ele estava franzindo a testa muito profundamente, suas sobrancelhas em uma única linha. Não exatamente uma abertura para conversar. Mas estava na hora de limpar o ar entre eles, e assim como o desbridamento de um ferimento aberto, podia se esperar que fosse doer.

A infecção deve ser arrancada a partir da carne, no entanto.

– Há quanto tempo ela morreu?

– Assassinada, – ele disse depois de um momento. – Ela foi assassinada.

– Há quanto tempo?

– Quinze meses, vinte e seis dias, sete horas. Eu teria que verificar um relógio para saber os minutos.

No’One caminhou até a janela e olhou para fora sobre a brilhante grama verde.

– Como você descobriu que ela tinha sido tirada de você?

– Meu rei. Meus Irmãos. Eles vieram até mim... E eles me disseram que ela havia sido baleada.

– O que aconteceu depois disto?

– Eu gritei. Fui para algum lugar, qualquer outro lugar. Eu chorei por semanas no deserto sozinho.

– Você não realizou uma cerimônia do Fade?

– Eu não voltei por quase um ano. – Ele amaldiçoou e esfregou o rosto. – Eu não posso acreditar que você esteja me perguntando esta merda, e não posso acreditar que eu estou respondendo.

Ela encolheu os ombros.

– É porque você foi cruel comigo na piscina. Você se sente culpado, e eu sinto como se você me devesse algo. O último me faz corajosa e o anterior solta seus lábios.

Ele abriu a boca. Fechou-a. Abriu-a novamente.

– Você é muito esperta.

– Não na verdade. Isso é óbvio.

– O que viu nas bacias?

– Tem certeza que deseja que eu diga?

– Tudo isso passa pela minha cabeça em uma volta infinita. Não vai ser um flash de notícia, seja como for.

– Ela lhe disse que estava grávida em sua cozinha. Você caiu no chão em frente a ela – ela estava feliz, você não.

Quando ele empalideceu, ela desejou que tivesse compartilhado uma das outras cenas.

E então ele a surpreendeu.

– É estranho... Mas eu soube que era uma má notícia. Muita felicidade demais. Ela queria tanto um filho. A cada dez anos nós brigávamos sobre isso quando ela tinha sua necessidade. Finalmente, chegou ao ponto dela dizer que iria me deixar se eu não concordasse em tentar. Era como escolher entre ser baleado ou ser atacado por uma lâmina de espada – de qualquer modo, eu sabia... De alguma maneira que eu iria perdê-la.

Usando a muleta, ele mancou até uma cadeira, puxou-a e se sentou. Quando ele desajeitadamente manobrou seu pé lesionado ao redor, ela percebeu que eles ainda tinham outra coisa em comum.

Ela se aproximou lenta e irregularmente, sentando-se a mesa ao lado dele.

– Eu sinto tanto. – Quando ele pareceu um pouco surpreso, ela deu com os ombros novamente. – Como eu não posso dar minhas condolências em face a sua perda? Na verdade, depois de ver vocês dois juntos, eu acho que nunca poderei esquecer o quanto você a amava.

Depois de um momento, ele murmurou roucamente, – Então, são dois.

Quando eles se calaram, Tohr olhou fixamente para a figura pequena e coberta, sentada tão imóvel próximo a ele. Eles estavam separados por cerca de um metro e meio, cada um sentado em uma das mesas de copista. Mas eles pareciam mais próximos que isto.

– Tire seu capuz para mim. – Quando No’One hesitou, ele acrescentou, – Você viu o melhor da minha vida. Eu quero ver seus olhos.

Suas mãos pálidas levantaram, e tremeram ligeiramente quando ela removeu o que cobria seu rosto.

Ela não olhou para ele. Provavelmente não podia.

Com foco imparcial, ele mediu os ângulos espetaculares de suas feições.

– Por que você usa isso o tempo todo?

Ela respirou fundo, a túnica subindo e descendo de tal forma que ele foi forçado a lembrar que ela estava provavelmente ainda nua sob isto.

– Diga-me, – ele exigiu.

Quando ela endireitou os ombros, ele pensou que qualquer um que acreditasse que esta fêmea era fraca tinha uma visão equivocada.

– Este rosto... – ela fez um gesto em torno de seu queixo perfeitamente esculpido e as bochechas rosadas e altas – ...Não é quem eu sou. Se as pessoas veem isso, elas me tratam com uma deferência que é inadequada. Até as Escolhidas assim

me trataram. Eu o cobri porque se eu não fizer, então estou propagando uma mentira, e por mais que isso me chateie, é o suficiente.

– Você tem um jeito exagerado de colocar as coisas.

– Essa não é uma explicação suficiente.

– É. – Quando ela ia subir a coisa novamente, ele a alcançou e colocou a mão em seu braço. – Se eu prometer esquecer com o que você parece, você vai mantê-la abaixada? Eu não posso julgar seu humor também quando você está se escondendo – e no caso de não ter notado, nós não estamos exatamente conversando sobre o clima aqui.

Ela manteve a mão na metade do caminho do capuz, como se não pudesse tirar. E então ela travou seus olhos nele – de forma tão direta que ele recuou.

Era a primeira vez que ela realmente olhava para ele, ele percebeu. Desde Sempre.

Falando com igual sinceridade, ela disse:

– Apenas para que você e eu sejamos totalmente claros um com o outro, eu não tenho nenhum interesse em qualquer macho. Eu estou sexualmente repelida por seu tipo, e isso inclui você também.

Ele limpou a garganta. Puxou a sua regata. Reposicionou-se na cadeira.

Então ele respirou lento e aliviado.

No'One continuou:

– Se eu ofendi você...

– Não, não de modo algum. Eu sei que não é pessoal.

– Verdadeiramente não é.

– Sendo honesto, isso torna as coisas... Mais fáceis. Porque eu me sinto do mesmo modo. – Com isso, ela realmente sorriu um pouco. – Somos duas ervilhas em uma vagem, de fato.

Ficaram em silêncio por um tempo. Até que ele abruptamente disse:

– Eu ainda estou apaixonado por minha *shellan*.

– Por que você não estaria? Ela era adorável.

Ele se sentiu sorrir pela primeira vez em... Muito tempo.

– Não era apenas sua aparência. Era tudo sobre ela.

– Eu poderia dizer pela maneira que você olhava fixamente para ela. Você estava encantado.

Ele levantou uma das penas e verificou o corte fino e afiado de sua ponta.

– Deus... Eu estava nervoso naquela noite que nós nos emparelhamos. Eu a queria tanto – e não podia acreditar que ela ia ser minha.

– Foi arranjado?

– Sim, pela minha *mahmen*. Meu pai não se importava com aquele tipo de coisa – ou para mim, no que diz respeito a esse assunto. Mas minha mãe cuidou das coisas o melhor que pôde – e ela era esperta. Ela sabia que se eu tivesse uma fêmea boa, eu estaria arrumado por toda vida. Ou pelo menos... Esse era o plano.

– Sua *mahmen* está viva?

– Não, e eu estou contente que ela não esteja. Ela não teria... Gostado nada disso.

– E seu pai?

– Ele está morto, também. Ele me renegou até chegar perto do túmulo. Cerca de seis meses antes de morrer, ele me chamou e eu não teria ido, se não fosse por Wellsie. Ela me fez ir, e ela estava certa. Ele formalmente me reclamou em seu leito de morte. Eu não sei por que isso era tão importante para ele, mas foi.

– E Darius? Eu não o vi por perto...

– Ele foi morto pelo inimigo. Logo antes de Wellsie. – quando ela ofegou e colocou a mão na boca, ele acenou. – Tem sido um inferno, realmente.

– Você está completamente sozinho, – ela disse em voz baixa.

– Eu tenho meus Irmãos.

– Você os deixa entrar.

Com uma risada curta, ele sacudiu a cabeça.

– Você é como sinos do inferno com os retóricos, você sabe disto?

– Sinto muito, eu...

– Não, não se desculpe. – Ele colocou a pena de volta no seu suporte. – Eu gosto de conversar com você.

Quando ele ouviu a surpresa na própria voz, ele riu. – Cara, eu só estou jogando charme em você hoje à noite, não é? – Dando uma tapa nas coxas para terminar a conversa, ele se levantou com ajuda da muleta. – Escute, eu também vim aqui para fazer uma pequena pesquisa. Você sabe onde está a biblioteca? Droga, se eu pudesse encontrá-la.

– Sim, claro. – Quando ela ficou de pé, puxou aquele capuz sobre a cabeça novamente. – Eu vou levar você lá.

Enquanto ela passava por ele, ele franziu a testa.

– Você está mancando pior que o habitual. Você se machucou?

– Não. Quando eu movimento demais, dói.

– Nós podíamos cuidar disso lá embaixo... Manello é...

– Obrigado, mas não.

Tohr estendeu a mão e a parou antes dela sair pela porta.

– O capuz. Deixe-o para baixo, por favor. – Quando ela não respondeu, ele disse, – Não há ninguém aqui exceto nós. Você está segura.

Capítulo CATORZE

Enquanto John Matthew permanecia às margens do rio Hudson, cerca de quinze minutos ao norte do centro de Caldwell, ele sentia como se estivesse a milhares de quilômetros de distância de todo mundo.

Em sua volta, ele teve a predominante brisa, assim como, uma pequena cabana de caça que, se você não soubesse o que realmente era, desprezaria como algo que não valesse nem o esforço de derrubar. No entanto, o lugar era uma fortaleza, com paredes reforçadas com aço, um teto impenetrável, janelas à prova de balas... E poder de fogo suficiente em sua garagem para fazer a metade da população da cidade ver Deus de perto e pessoalmente.

Ele supôs que Xhex viria pra cá. Estava tão convencido disso que ele não se preocupou em rastreá-la.

Mas ela não estava...

Um reflexo de faróis à sua direita fez com que se virasse. Um carro estava descendo pela pista, se aproximando lentamente da cabana.

John franziu o cenho quando sua audição foi inundada pelo barulho do motor: baixo, profundo, um rosnado ameaçador.

Isso não era um Hyundai ou Honda. Não poderia ser uma Harley, muito suave.

Qualquer inferno que fosse, passou serpenteando e continuou todo o caminho até a ponta onde aquela casa grande pra cacete havia sido construída. Algum tempo depois, as luzes se acenderam dentro da mansão, iluminação se espalhando pelas varandas aos montes, por todos os três andares.

A maldita coisa parecia uma nave espacial prestes a decolar.

Nada que fosse da sua conta. E era hora de ir, de qualquer maneira.

Amaldiçoando baixo, dispersou suas moléculas e se dirigiu à periferia de Caldie, àquela extensão de bares, casas noturnas e estúdios de tatuagem nos arredores da Rua Trade.

O Iron Mask havia sido o segundo clube de Rehvenge, uma instalação de dança/sexo/drogas criada para atender a uma faixa demográfica gótica que não encontrava o que queria em seu primeiro estabelecimento, o ZeroSum – que possuía uma vibe mais do tipo Eurotrash²⁰.

Havia uma fila na entrada, – sempre havia uma, – mas os dois seguranças, Big Rob e Silent Tom, o reconheceram e o deixaram passar na frente de todos os outros.

Cortinas de veludo, grandes sofás, luz negra... As mulheres em couro preto, com maquiagem pálida e apliques de cabelo até os traseiros... Homens em grupos, bolando estratégias para conseguir transar... Música melancólica com letras que faziam você pensar com carinho em comer bala²¹.

Mas talvez fosse apenas o seu mau humor.

E ela estava aqui. Ele podia sentir seu sangue em Xhex, e ele se dirigiu através da multidão, focado no sinal.

Quando ele chegou à porta não marcada que levava à parte com entrada permitida somente para a equipe do clube, Trez emergiu das sombras. Naturalmente.

– E aí? – disse o Sombra, oferecendo sua mão.

Os dois apertaram as mãos, bateram os ombros e deram tapas nas costas um do outro.

– Você está aqui para falar com ela? – Quando John assentiu, o cara abriu a porta. – Eu lhe dei o escritório ao lado do vestiário, ao lado do meu. Vá em frente – ela está apenas verificando os relatórios de sua equipe...

O Sombra se interrompeu abruptamente, mas havia dito o suficiente.

Jesus Cristo...

– Ah, sim, ela está lá atrás, – o cara murmurou como se estivesse planejando ficar fora desta.

²⁰ Termo pejorativo utilizado pelos norte-americanos para denominar os europeus, particularmente, aqueles percebidos como arrogantes, ricos e radicados nos Estados Unidos.

²¹ Se matar com um tiro na boca.

John se abaixou para entrar e caminhou pelo corredor. Quando chegou a uma porta fechada, não viu uma placa com o nome dela, mas imaginou quanto tempo isto duraria.

E ele bateu, mesmo que ela já devesse saber da sua presença.

Quando ouviu sua voz, ele abriu a porta e entrou...

Xhex estava no canto mais distante da sala, curvada e puxando alguma coisa do chão. Quando ela olhou para cima e congelou, o que dizia a ele que, na verdade, ela não tinha notado sua chegada.

Ótimo. Ela estava tão concentrada em seu novo antigo emprego, que já o havia esquecido.

– Ah... Ei. – Olhando para baixo novamente, ela retomou o que estava fazendo, arrancando...

Um cabo de extensão foi arrancado de debaixo do armário, sua ponta afiada voando.

Antes que pudesse voar ao redor e atingi-la, ele avançou, agarrou a coisa e tomou o golpe ele mesmo, o agulhão da dor amortecido por sua caixa torácica.

– Obrigada, – ela disse quando ele lhe entregou o cabo e se afastou. – Estava preso lá atrás.

Então... Você vai trabalhar aqui agora?

– Sim, vou. Eu não acho que a outra opção seja realista. E, – seus olhos ficaram duros, – se você tentar me dizer que eu não posso...

Deus, Xhex, isso não é o que somos. Ele meneou para trás e para frente sobre a mesa que os separava. *Nós não somos assim.*

– Na verdade, eu acho que é, porque nós estamos aqui, não estamos?

Eu não quero impedi-la de lutar...

– Mas você impediu. Não vamos fingir o contrário. – Xhex sentou na cadeira do escritório e recostou-se, arrancando um gemido do móvel. – Agora que você e eu estamos vinculados, os Irmãos, até mesmo o seu Rei, acatam suas decisões – não,

espere, eu não terminei. – Ela fechou os olhos como se estivesse exausta. – Apenas me deixe por isto para fora. Eu sei que eles me respeitam, mas respeitam mais o direito de um macho vinculado sobre sua *shellan*. Não é algo específico da Irmandade, é o próprio fundamento da sociedade vampírica e, sem dúvida, se deve ao fato de que um macho vinculado é um animal perigoso. Você não pode mudar isso e eu não posso viver assim, então aqui estamos nós.

Eu posso falar com eles, fazê-los...

– Eles não são a raiz do problema.

John sentiu uma súbita vontade de socar uma parede. *Eu posso mudar.*

Abruptamente, seus ombros caíram e seus olhos, aqueles olhos cinza da cor de uma arma de fogo, se tornaram resolutos. – Eu não acho que você possa John. Nem eu. Não vou ficar em casa e esperar que você volte antes de amanhecer, todas as noites.

Eu não estou pedindo que você faça isso.

– Bom, porque eu não vou voltar para a mansão. – Enquanto John sentia o sangue escorrer pra fora da sua cabeça, ela limpou a garganta. – Sabe, essa coisa toda de vínculo... Sei que você não pode evitar. Estava furiosa quando fui embora, mas eu estive pensando sobre isso desde então, e... Merda, sei que se você pudesse se sentir de outro jeito, ser diferente, você faria. Porém, a realidade é que nós poderíamos passar alguns outros meses miseráveis tentando descobrir e aprender a odiar um ao outro no processo... E eu não quero isso. Você não quer isso.

Então você está simplesmente terminando comigo, ele assinalou. É isso?

– Não! Eu não sei... Quero dizer, porra. – Ela jogou as mãos para cima. – O que mais eu vou fazer? Estou tão frustrada com você, comigo, com tudo... Que nem mesmo estou certa de que o que estou falando faz sentido.

John franziu o cenho, encontrando-se na mesma posição difícil na qual ela estava. Onde ficava o meio termo?

Há mais para nós do que isso, ele sinalizou.

– Eu quero acreditar nisso, – ela disse tristemente. – Realmente quero.

Num impulso, ele caminhou ao redor da mesa e se inclinou sobre ela. Segurando o braço da cadeira, girou-a em sua direção e estendeu as palmas das mãos, oferecendo-as a ela.

Não havia nenhuma exigência. Sem agressão. Ela poderia escolher ou não.

Após um momento, Xhex colocou suas mãos nas dele e quando ele a puxou para cima, ela não lutou.

Deslizando os braços em volta dela, trouxe-a para perto e, em seguida, movendo-se, inclinou-a, fazendo-a perder o equilíbrio, segurando-a em seus poderosos braços, mantendo-a longe do chão.

Com o olhar fixo no dela, uniu seus lábios uma vez, brevemente. Quando ela não o esbofeteou, o chutou nas bolas, ou o mordeu, baixou a cabeça e tomou sua boca apropriadamente, persuadindo-lhe a se abrir para ele.

Quando ela o fez, ele fundiu seu corpo ao dela e a beijou como se não houvesse amanhã. Uma das suas mãos acabou no traseiro dela, apertando; a outra segurava a sua nuca. No momento em que um gemido ameaçou escapar da garganta dela, ele soube que havia provado seu ponto.

Embora não houvesse nenhuma solução imediata para sua situação de macho vinculado, sabia que essa ligação entre eles era certa, em um mundo que, de repente, parecia estar cheio de incertezas.

Ele interrompeu o beijo, soltando-a e a colocando novamente onde ela estava sentada. E caminhou até a porta.

Envie uma mensagem quando você quiser me ver novamente, – ele sinalizou. – Vou lhe dar o seu espaço, mas saiba uma coisa: vou esperar sempre por você.

Ainda bem que a cadeira estava ali, Xhex pensou quando a porta se fechou atrás de John.

Sim, uau. Independente do que estivesse enchendo sua cabeça, seu corpo estava tão fluido e calmo como o ar quente.

Ela ainda o queria. E ele havia deixado isso claro. Eles se encaixavam, pelo menos nessa área.

Santo inferno, como eles se encaixavam.

Merda, o que fazer agora?

Bem, uma ideia... Seria mandar uma mensagem para que ele voltasse, trancar a porta e batizar seu novo escritório de forma inapropriada.

Ela até estendeu a mão para seu telefone.

No final, porém, mandou uma mensagem completamente diferente.

Vamos dar um jeito nisso. Prometo.

Colocando o telefone de volta, ela sabia que era responsabilidade dos dois encontrar seu próprio futuro – e trabalhar os obstáculos implacáveis e pedregosos que surgiriam com o passar do tempo, de uma maneira na qual a solução se encaixasse no que os dois precisassem.

Ela havia suposto que lutaria lado a lado com ele e com a Irmandade e assim foi.

Talvez ainda fosse dessa forma. Talvez não.

Quando deu uma olhada ao redor em seu escritório, não tinha certeza de quanto tempo mais estaria aqui...

A batida na porta que interrompeu seus pensamentos soou uma única vez, com força.

– Sim, – ela chamou.

Big Rob e Silent Tom entraram, com o mesmo aspecto de sempre, como se estivessem prestes a soltar algum figurão de cabeça por seu mau comportamento. E por mais que ela ainda estivesse focada em John, era bom lidar com o negócio com o qual estava familiarizada. Ela já havia passado muitas noites certificando-se de que o clube funcionasse bem.

Isso ela podia fazer.

– Falem comigo, – ela disse.

Naturalmente, Big Rob tomou a iniciativa. – Há um jogador novo na cidade.

– Em que linha de negócios?

O cara deu um tapinha na lateral de seu nariz.

Drogas. Maravilha, mas não exatamente uma surpresa. Rehv havia sido o chefe por uma década e agora que tinha saído de cena? Oportunidade, como a natureza, detestava um vácuo e dinheiro era um grande motivador.

Que maravilha. O submundo de Caldwell já era uma mesa de três pés vinda do inferno; não precisavam de mais instabilidade.

– Quem?

– Ninguém sabe. Ele surgiu como de lugar nenhum e acabou de comprar meio milhão em pó de Benloise, em espécie²².

Ela franziu o cenho. Não era como se estivesse duvidando das fontes de seu leão de chácara, mas isso era muita mercadoria. – Isso não quer dizer que vá ser vendido aqui em Caldwell.

– Nós acabamos de confiscar isso de um desordeiro no banheiro masculino.

Big Tom lançou um pacote de celofane sobre a mesa. A coisa era a porção padrão de, aproximadamente, sete gramas para consumo próprio, exceto por um pequeno detalhe. Estava com um selo em tinta vermelha.

Porra...

– Eu não tenho ideia do signifique essa coisinha escrita aí.

Claro que ele não tinha. Era um caractere da Linguagem Antiga, que não tinha um equivalente em inglês. Normalmente era estampado em documentos oficiais e representava a morte.

A pergunta era... Quem estava tentando tomar o lugar de Rehv, que por acaso era alguém da raça?

²² Dinheiro vivo.

– O cara do qual você pegou isso, você o deixou ir? – ela perguntou.

– Ele está aguardando você no meu escritório.

Xhex se levantou e contornou a mesa. Atingindo Big Tom no braço com um soco rápido, ela disse, – Eu sempre gostei de você.

Capítulo QUINZE

No Santuário, No'One levou Tohrment para a biblioteca, e esperava deixá-lo com suas investigações, o que quer que elas fossem. Quando chegaram ao seu destino, no entanto, ele abriu a porta para ela, e acenou para ela ir em frente.

É claro que ela passou pela soleira.

O templo de livros era longo, estreito e alto, construído preferencialmente sob as dimensões para conter os fólhos²³ em pé em suas extremidades. Por toda a volta, volumes encadernados em couro, preenchidos com os traços cuidadosos de gerações de Escolhidas, foram arrumados em caixas de mármore branco em ordem cronológica, as histórias neles reportadas eram reais e sobre as vidas vividas lá embaixo, testemunhadas sobre a tela transparente de água.

Tohrment parou por um momento, sua muleta mantendo-o estável enquanto ele deixava o pé enfaixado erguido.

– O que você está procurando? – Ela perguntou à medida que olhava para as prateleiras mais próximas. A visão dos volumes a fez pensar no futuro da preservação do passado. Com as Escolhidas explorando o mundo real, elas não estavam registrando muita coisa, se é que estavam registrando algo. Esta longa tradição poderia muito bem estar perdida.

– A vida após a morte. – Tohrment respondeu. – Alguma ideia se há uma seção sobre isso?

– Eu acredito que as crônicas estão organizadas por ano, não por assunto.

– Você já ouviu falar do Limbo?

– Do quê?

Ele riu de forma áspera quando mancou para frente e começou a inspecionar as pilhas. – Exatamente. Nós temos o Fade. Nós temos o *Dhund*. Dois finais opostos que eu presumi serem as únicas opções quando você morre. Estou à procura de

²³ Livros manuscritos.

qualquer evidência de que haja outra opção. Droga... Sim... Estes estão por ordem cronológica, não por assunto. Tem algum lugar em que seja diferente?

– Não que eu saiba.

– Algum sistema de índice?

– Só por década, acredito. De qualquer forma, eu não sou uma especialista nisso.

– Merda, poderá levar anos para ver tudo isso.

– Talvez você devesse falar com uma das Escolhidas? Pelo que eu sei Selena era uma escriba...

– Ninguém precisa saber sobre isso. É sobre minha Wellsie.

A ironia dessa frase parecia perdida nele.

– Espere... Há uma outra sala.

Levando-o pelo corredor central abaixo, ela então o guiou para a esquerda, para dentro do que era essencialmente um cofre.

– Este é o lugar mais sagrado, onde as vidas da Irmandade são mantidas.

As pesadas portas resistiram à invasão, ao menos quando ela tentou abri-las. Ante a força de Tohrment, no entanto, renderam-se revelando uma estreita e alta sala.

– Então, ela nos mantém trancados e distantes, – ele disse secamente enquanto inspecionava os nomes nas lombadas. – Olhe para estes...

Ele tirou um dos volumes e abriu a lombada do livro. – Ah, Throe... Pai do atual Throe. Imagino o que o velho homem pensaria sobre com quem seu filho divide a cama.

Quando ele guardou o volume, ela o fitou sem nenhum constrangimento, as sobrancelhas dele tensas em concentração, os fortes e, no entanto, refinados dedos manuseando os livros com cuidado, seu corpo inclinando-se nas prateleiras.

Seu cabelo escuro era espesso e brilhante, e cortado muito curto. E aquela listra branca na frente parecia terrivelmente fora de lugar – até que ela pensou em seus assombrados e cansados olhos.

Ah, aqueles olhos dele. Azuis como as safiras do Tesouro, e tão preciosos quanto, ela supunha.

Ele era muito bonito, ela percebeu.

Engraçado, o fato de que ele estava apaixonado por outra pessoa tornou possível que ela até mesmo o avaliasse nesse nível: Com ele sentindo como se sentia por sua *shellan*, ele estava... Seguro. Ao ponto em que ela já não se sentia estranha por ele tê-la visto despida. Ele nunca olharia para ela de qualquer forma sexual. Isso seria uma violação do seu amor por Wellesandra.

– Tem mais alguma coisa aqui? – ele disse, curvando-se enquanto se equilibrava sobre a muleta. – Eu apenas vi... Biografias dos Irmãos...

– Aqui, permita-me ajudar.

Juntos, eles passaram por tudo, e não encontraram nenhum volume com referências relativas ao céu ou inferno. Apenas Irmão após Irmão após Irmão...

– Nada. – ele murmurou. – Para que porra serve uma boa biblioteca se você não consegue encontrar nada nela?

– Talvez... – Segurando-se na ponta de uma prateleira, ela desajeitadamente se inclinou para frente, rastreando os nomes. Finalmente, ela encontrou o que estava procurando. – Nós poderíamos pesquisar na sua.

Cruzando os braços sobre o peito, ele pareceu envolver a si mesmo.

– Ela estaria aí, não estaria?

– Ela foi uma parte de sua vida, e você é o assunto.

– Pegue-a.

Havia várias dedicadas a ele, e No'One deslizou a mais atual para fora. Abrindo a lombada, ela passou por sobre a declaração de linhagem na frente, e mapeou através das várias páginas que estavam focadas em suas proezas em combate. Quando ela chegou ao que tinha sido escrito por último, ela franziu a testa.

– O que diz?

Na velha linguagem, ela leu em voz alta a data e em seguida a nota: – *“Nessa exata noite, ele perdeu sua shellan emparelhada da face da Terra, Wellesandra, que esperava uma criança. Posteriormente, ele se desligou da sociedade comunal da Irmandade da Adaga Negra.”*

– É isso?

– Sim.

Ela girou o livro de modo que ele pudesse ler por si mesmo, mas a mão dele cortou o ar.

– Jesus Cristo, eu fiquei arruinado, e isso é tudo o que elas escreveram.

– Talvez elas estivessem sendo respeitosas com sua dor. – Ela colocou o livro de lado. – Certamente isso é melhor manter em particular.

Ele não disse mais nada, apenas permaneceu ali, inclinado contra a muleta que o mantinha em pé, seus olhos irritados pregados no chão.

– Fale comigo. – disse ela suavemente.

– Fodido inferno. – Enquanto ele esfregava os olhos, o cansaço irradiava dele. – A única paz que eu tenho em todo este pesadelo é saber que a minha Wellsie está no Fade com o meu filho. Essa é a única coisa com a qual eu posso viver. Quando eu me pego louco, eu digo a mim mesmo que ela está segura, e é melhor eu passar pelo sofrimento ao invés dela,... Melhor que eu seja o único a sentir saudades aqui na Terra. Porque, veja, o Fade é supostamente para ser todo paz e amor, certo? Exceto que então aquele anjo aparece e começa a falar sobre algum tipo de Limbo,... E agora, de repente, meu único consolo... Puf! E ainda por cima? Eu nunca ouvi falar do lugar e eu não consigo verificar se...

– Eu tive uma ideia. Venha comigo. – Quando ele apenas olhou para ela, ela não estava disposta a aceitar um não como resposta. – Venha.

Puxando-o pelo braço, ela o levou para fora do cofre e de volta para a parte principal da biblioteca. Então, ela foi fundo nas pilhas, passando as datas dos volumes, localizando os mais recentes.

– Qual foi o dia em que ela... – Quando Tohrment deu-lhe o mês e o dia novamente, ela puxou o volume adequado.

Folheando, ela sentia a presença dele pairando sobre ela – e não era ameaçadora.

– Aqui,... Aqui está ela.

– Oh... Deus. O quê?

– Diz apenas... Sim, o mesmo que está anotado em seu volume. Ela foi perdida da Terra... Espere um pouco.

Indo para trás, depois para frente, ela traçou as histórias das outras fêmeas e machos que tinham morrido naquela data. Esse e aquele passaram para o Fade... Para o Fade... Para o Fade...

Quando No'One olhou para ele novamente, ela sentiu um momento de verdadeiro temor.

– Na verdade, não diz que ela está lá. No Fade, eu digo.

– O que você quer dizer...

– Apenas diz que ela está perdida. Não diz que ela está no Fade.

No fundo do coração frio e arenoso de Caldwell, Xcor rastreou um único *lesser*.

Viajando sobre a irregular e morta grama de um parque, ele se moveu silenciosamente por trás do morto-vivo, foice na mão, o corpo pronto para pegá-lo de surpresa. Esse era um desgarrado, um que havia se separado do grupo que ele e seu bando de bastardos tinham atacado mais cedo.

A coisa estava, obviamente, ferida, seu sangue negro deixando uma trilha que era, como se via, eminentemente óbvia.

Ele e seus soldados tinham matado todos os seus colegas atrás dos becos; então eles tinham pegado alguns suvenires sob o comando de Xcor, e ele havia se separado deles para encontrar este desertor solitário. Throe e Zypher, nesse meio tempo, tinham voltado para a loja de tatuagem para organizar as fêmeas para a alimentação, e os primos retornaram ao acampamento base para cuidar de seus ferimentos de batalha.

Talvez, se as mulheres fossem despachadas com o entusiasmo adequado, eles poderiam encontrar um outro esquadrão do inimigo antes do amanhecer – embora *esquadrão* fosse a palavra errada. Muito profissional. Estes atuais recrutas não eram nada como aqueles do Antigo País quando estavam no auge da guerra; recentes em suas induções, estes ainda não tinham sequer empalidecido, e eles não pareciam estar bem organizados ou capazes de trabalhar juntos durante a atividade. Além disso, suas armas eram em grande parte armas de rua: estiletos, canivetes, tacos – quando eles tinham revólveres, as pistolas eram incompatíveis e muitas vezes eles atiravam mal.

Era um exército criado em massa, do qual a força parecia estar essencialmente na quantidade. E a Irmandade não podia vencê-los? Que desgraça.

Focando-se novamente em sua presa, Xcor começou a reduzir a distância.

Hora de terminar este trabalho. Se alimentar. Voltar para as ruas.

A área pública na qual eles haviam entrado era perto do rio, e bem iluminada demais para o gosto de Xcor. E também muito a céu aberto: pontilhada com mesas de piquenique e rodeada de tambores de lixo, não oferecia muitas formas de abrigo de olhares curiosos, mas ao menos a noite estava fria o suficiente para fazer com que os humanos de alguma credibilidade ficassem dentro de casa. Haveria sempre transeuntes ao redor, é claro. Felizmente, eles tendiam a ficar em seus próprios mundos, e se não o fizessem, ninguém iria dar-lhes atenção.

Em frente, o *lesser* estava em uma trilha de concreto que, em vez de conduzi-lo a um local seguro, iria apenas entregá-lo ao seu fim – e ele estava pronto para seu ato final. Ele estava começando a cambalear de um lado para o outro, um braço balançando inutilmente para o equilíbrio que iria remanescer ilusório, o outro apertado em seu tronco. Nesse ritmo, ele iria cair no chão logo, e onde estaria à diversão nisso...

Um soluço rompeu os sons suaves da noite.

E depois outro.

Era um choro. A maldita coisa estava chorando como uma fêmea.

A onda de raiva de Xcor se elevou tão rápida que ele quase engasgou. De repente, ele desembainhou sua foice e pegou sua adaga de aço.

Antes havia sido uma questão de negócios, agora isso era pessoal.

Ao seu comando, as luzes do calçadão sobre os altos postes começaram a se apagar uma a uma, tanto em frente quanto atrás do assassino, a escuridão se aproximando até que finalmente, mesmo através de sua fraqueza e dor, ele percebeu que sua hora havia chegado.

– Ah, porra... Não... - A coisa virou-se para a luz da última lâmpada. – Cristo, não...

Seu rosto era de um branco puro, como se ele estivesse maquiado, mas não era porque ele havia sido um assassino por tempo suficiente para empalidecer. Jovem, apenas dezoito ou vinte, ele tinha tatuagens em volta do pescoço e descendo pelos braços, e se a memória servia, ele havia sido bastante competente com uma faca – embora tenha sido óbvio durante o corpo a corpo que aquilo fora mais instinto do que treinamento.

Era evidente que ele tinha sido um agressor na sua encarnação anterior; sua demonstração inicial de força provou que ele estava acostumado a adversários que caíam após o primeiro ataque. De qualquer forma o tempo de sua força e ego havia passado, e estas lágrimas patéticas provavam o que ele era em seu íntimo.

Quando a última luz, aquela que estava sobre ele, se apagou, ele gritou.

Xcor atacou com força brutal, lançando seu grande peso pelo ar e travando-se na coisa enquanto a empurrava contra a grama.

Espalmando em sua face, ele enterrou a faca no ombro e a puxou para baixo, rasgando-o pelo tendão e músculo, cisilhando através do osso. Hálito quente explodiu quando o *lesser* gritou novamente – provando mais uma vez que mesmo os mortos-vivos tinham receptores de dor.

Xcor se inclinou e pôs a boca no ouvido do macho. – Chore para mim. Chore bastante... Chore com força até que você não consiga respirar.

O bastardo seguiu o conselho e agiu nos conformes, chorando abertamente com grandes e roucos golpes de ar e trêmulas expirações. Reinando sobre o espetáculo, Xcor absorveu a fraqueza através de seus poros, puxando-a, segurando-a firme em seus próprios pulmões.

O ódio que sentia ia além da guerra, além dessa noite e desse momento. Profundo na alma, fervendo até a medula, seu desgosto o fez querer juntar e esquartejar o ex-humano.

Mas havia um final mais apropriado para isso.

Virando a coisa sobre o estômago, ele colocou seus dois joelhos entre as coxas apertadas do *lesser*, e afastou as pernas dele como se fosse uma fêmea prestes a ser fodida. Elevando-se sobre o corpo de bruços, empurrou o rosto dele na grama.

E então ele começou a trabalhar.

Sem mais essa de erguer alto a faca e apunhalar para baixo. Agora era hora de ser preciso e cuidadoso ao prosseguir com sua adaga.

Enquanto o *lesser* lutava em vão, Xcor cortou através da gola da camisa sem mangas dele, então colocou a lâmina entre os dentes e rasgou o tecido em dois, expondo os ombros e as costas da coisa. Uma tatuagem de algum tipo de cena urbana havia sido feita com uma competência respeitável, a tinta exibindo um grande efeito na superfície suave da pele – ao menos onde o sangue negro e oleoso não ofuscava a imagem.

O choro e o forte arquejo faziam a imagem distorcer e retomar a sua forma, distorcer e retomar, como se fosse uma imagem de um filme mal projetado.

– Uma pena arruinar esta peça. – Xcor falou lentamente. – Deve ter levado muito tempo para fazer. Deve ter doído também.

Xcor colocou a ponta da lâmina da navalha na nuca da coisa. Perfurando a pele, ele foi cada vez mais fundo, até que ele foi parado pelo osso.

Mais choro.

Ele colocou a boca na orelha do puto de novo.

– Eu só estou revelando o que todo mundo pode ver.

Com um traço seguro e firme, ele puxou a faca para baixo, traçando a pilha ordenada de vértebras, enquanto sua presa guinchava como um porco. E então ele transferiu seus joelhos para a parte de trás das pernas do assassino, plantando uma palma no centro do ombro... E alcançou para travar um aperto no topo da espinha.

O que aconteceu quando ele jogou toda a sua força sobre o seu objetivo não era nenhum nada que um humano pudesse sobreviver. O *lesser*, no entanto, permaneceu acordado, mesmo depois de tudo, respiração já não era possível para ele, e ele não seria capaz de se levantar nunca mais: sua infraestrutura central, a qual havia definido sua postura e sua mobilidade, sua altura e largura, agora estava pendurada na mão de Xcor.

O assassino ainda estava chorando, lágrimas escorriam de seus olhos.

Xcor sentou-se, e respirou fundo pelo esforço. Seria uma coisa boa deixar este fraco aqui em seu estado atual, seu destino ser um resíduo sem espinha para sempre, e ele ficou um momento para desfrutar do sofrimento e guardar essa visão de punição em sua mente.

Relembrando através dos anos, ele se recordou de estar em uma posição semelhante. Reduzido a emoção crua, deitado no chão, nu e degradado.

Você é tão sem valor quanto o seu rosto. Saia.

O Bloodletter tinha sido friamente desdenhoso, seus subordinados eficientes e impiedosos: os braços e pernas de Xcor haviam sido dominados e ele tinha sido levado para a entrada da caverna do acampamento de guerra – na qual ele havia sido jogado para fora como se estivessem removendo excrementos de cavalo.

Sozinho e na neve branca e fria de inverno, Xcor estava deitado onde o haviam jogado, da mesma forma que este assassino estava, incapacitado, à mercê dos outros. Ele tinha sido virado para cima, no entanto.

Na verdade, aquela não tinha sido a primeira vez que ele fora expulso. Começando com a fêmea de quem ele havia nascido; então passando pelo último orfanato em que ele havia estado, ele tinha uma longa história de ser renegado. O acampamento de guerra havia sido sua última chance de encontrar alguma comunidade, e ele tinha se recusado a ser expelido de seus confinamentos.

Ele havia conquistado sua entrada de volta conseguindo tolerar a dor. E até mesmo o Bloodletter tinha ficado impressionado com o que ele provou ser capaz de suportar.

Lágrimas eram para as crianças, fêmeas e machos castrados. Pena que a lição havia sido desperdiçada neste pedaço de...

– Você esteve ocupado.

Xcor olhou para cima. Throe tinha saído do nada, sem dúvida materializando-se no local.

– As mulheres estão prontas? – Xcor exigiu rispidamente.

– Está na hora.

Xcor se esforçou para reunir suas forças. Ele tinha que cuidar dessa bagunça – não se podia deixar um cadáver se contorcendo para trás para que os humanos o encontrassem e extrapolassem sobre isso até suas cabeças explodirem.

– Há um lavatório por ali. – Throe apontou através do gramado. – Termine isso e nos deixe lavarmos você.

– Como se eu fosse um bebê? – Xcor encarou seu tenente. – Penso que não. Você volte para as putas. Eu devo estar lá em breve.

– Você não pode trazer seus troféus.

– E onde você sugere que eu os deixe? – Seu tom sugeria que "na sua bunda" era uma opção, pelo menos do ponto de vista dele. – Vá.

Throe desaprovou e discordou, mas, no entanto – e por protocolo – ele acenou e se afastou.

Deixado sozinho, Xcor dispensou à carcaça profanada uma última olhada.

– Oh, supere isso.

A vontade de continuar a punir aquela fraqueza lhe deu a energia para apunhalar a coisa no peito. No instante em que a ponta de aço penetrou, houve um estouro, um clarão... E então nada mais que uma mancha na grama onde o *lesser* esteve deitado.

Ficando em pé, ele pegou a espinha da sua presa e colocou-a na mochila em seu ombro com os outros troféus.

Não se encaixava, uma extremidade projetando-se no topo.

Throe tinha razão sobre o terrível saco de troféus. Droga.

Desmaterializando em cima do telhado do banheiro, ele deixou seus troféus sob os contornos do sistema de ventilação e entrou onde as pias e os sanitários ficavam. Ele estava quase certo que o lugar tinha o cheiro falso do aromatizador de ar, mas nada foi capaz de superar o mau cheiro enjoativo de carne podre de sua presa.

Luzes ativadas por movimento se acenderam quando ele se moveu ao redor, criando uma névoa fluorescente. As pias eram de aço inoxidável e rudimentares, mas a água corria fria e limpa, e, inclinando-se, ele segurou as mãos em concha e enxaguou o rosto uma vez. Duas vezes. Mais uma vez.

Tão idiota perder tempo se arrumando, ele pensou. Essas prostitutas não se lembrariam de nada. E não era como se, lavando-se, ele pudesse melhorar a graciosidade de suas feições.

Por outro lado, melhor não assustá-las em fuga. Arrastá-las de volta era um saco.

Quando ele levantou a cabeça, ele se viu nas folhas de metal bruto que deveriam ser os espelhos. Mesmo o reflexo estando embotado, ele notou sua feiura e pensou em Throe nesse momento. Apesar do fato de que o soldado esteve fora lutando durante toda a noite, o seu belo rosto tinha aparecido fresco como uma margarida, sua aparência polida ofuscava a realidade de que ele tinha sangue de assassino em suas roupas e que tinha sido arranhado e machucado.

Xcor, no entanto, poderia ter descansado por duas semanas seguidas, comido uma grande refeição, e se alimentado da porra de uma Escolhida, e ele ainda pareceria repulsivo.

Lavou o rosto mais uma vez. Em seguida procurou ao redor por algo para usar como toalha. Tudo o que parecia haver eram máquinas parafusadas na parede para secar as mãos com ar quente.

Seu casaco de couro estava imundo. A camisa preta solta por baixo estava igual.

Ele deixou o sanitário com água fria pingando pelo queixo, reaparecendo em cima no telhado. Sua sacola não estaria segura o suficiente aqui, e ele ia ter que deixar a sua foice e seu casaco em algum lugar muito seguro.

Enquanto a exaustão tomava conta dele, ele pensou... Tudo isso era um maldito incômodo.

Capítulo DEZESSEIS

Bem acima do caos de Caldwell, na silenciosa biblioteca de mármore das Escolhidas, Tohr tinha um grito tão alto preso em sua cabeça, que era de se estranhar que No'One não estivesse cobrindo os ouvidos por causa do barulho.

Ele estendeu sua mão. – Dê-me.

Tirando o volume dela, forçou os olhos a focarem os caracteres no Idioma Antigo que haviam sido tão cuidadosamente escritos.

Wellesandra, par do Irmão da Adaga Negra Tohrment, filho de Hharm, filha de sangue de Relix, deixou a Terra esta noite, levando com ela sua criança não nascida, um filho de aproximadamente quarenta semanas.

Lendo a passagem curta, sentiu como se o evento todo tivesse ocorrido um momento atrás, seu corpo se afundando naquele velho e familiar rio de dor.

Teve de repassar os símbolos algumas vezes antes de se concentrar, não apenas no que estava escrito, mas no que não estava.

Não mencionava o Fade.

Passando pelos parágrafos, ele comparou as anotações das outras mortes. Havia algumas...

Deixou a Terra e foi para o Fade. Deixou a Terra e foi para o Fade. Deixou a – ele virou a página – Terra e foi para o Fade.

– Oh, Deus...

Um barulho agudo zumbiu em volta, ele não ergueu os olhos. Mas de repente, No'One começou a puxar seu braço.

– Sente-se, por favor, sente-se. – Ela puxou mais forte. – Por favor.

Ele se deixou ir, e o banquinho que ela puxou, sustentou seu peso.

– Há alguma chance, – ele disse em voz gutural, – que elas simplesmente se esqueceram de colocar o Fade na escritura?

Não houve necessidade de No’One, ou qualquer outra pessoa, responder a esta questão. As Escolhidas isoladas tinham uma tarefa sagrada, algo com o que não foderiam. E este tipo de lapso seria uma foda grande.

A voz de Lassiter golpeou sua porta interior: *É por isto que eu vim – estou aqui para ajudá-lo, ajudá-la.*

– Eu preciso voltar à mansão, – ele murmurou.

O próximo passo foi se levantar, mas não foi bem. Entre a súbita fraqueza de seu corpo e o pé fodido, ele esbarrou em uma das pilhas, o contorno de seu ombro empurrando uma onda nos livros cujas lombadas estavam tão cuidadosamente arrumadas. Eeeeeee então foi um caso do chão subindo na direção oposta à sua queda...

Algo pequeno e macio ficou no caminho...

Era um corpo. Um diminuto corpo feminino com quadris e seios que subitamente e de forma chocante gravaram-se nele, mesmo em meio à crise de pânico.

Instantaneamente, a visão de No’One naquela piscina, a forma de seu corpo nu brilhando e úmido, explodiu como uma mina terrestre em seu cérebro, a explosão tão grande que destruiu tudo o que o vinha guiando.

Aconteceu tão rápido: o contato, a lembrança... A excitação.

Por baixo do zíper de sua calça de couro, seu pau distendeu-se para seu tamanho total. Sem pedir licença.

– Deixe-me ajudá-lo a voltar para a cadeira, – ele a ouviu dizer de uma grande distância.

– Não me toque. – Ele a afastou. Cambaleou para longe. – Não se aproxime de mim. Estou... Perdendo o controle...

Tropeçando no caminho pelas estantes, ele não conseguia respirar, não podia... Aguentar...

Tão logo saiu da biblioteca, correu para longe do Santuário, devolvendo seu corpo sem fé ao seu quarto na mansão.

Ele ainda estava ereto quando chegou lá.

Dãa.

Olhando para o botão da sua calça, tentou achar outra explicação. Talvez fosse um coágulo? Um coágulo no pinto... Ou talvez... Merda...

De jeito nenhum que ele estava atraído por outra fêmea.

Ele era um macho vinculado, maldição.

– Lassiter, – buscou em volta. – Lassiter!

Onde diabos estava aquele anjo?

– Lassiter! – ele berrou.

Quando não houve resposta, não houve nenhuma entrada-intempestiva-pela-porta, ele estava preso sozinho... Com sua ereção.

A raiva curvou sua mão direita em um punho.

Com um giro cruel, ele deu um soco em si mesmo, bem onde importava, acertando os próprios *cojones*²⁴...

– *Porra!*

Foi como ser atingido por uma bola de demolição, e seu prédio inteiro veio abaixo, a dor o atingindo tão rápido que ele lambeu o tapete.

Enquanto se endireitava e tentava se colocar de joelhos, o tempo inteiro se perguntando se não tinha causado sérios danos internos, uma voz seca invadiu os seus oh-oh-ohs.

– Merda, isto deve ter doído. – A cara do anjo entrou em seu ângulo de visão. – A vantagem é que você agora poderá cantar a parte do Alvin no CD de Natal.

– O que... – Difícil falar. Mas então era difícil até respirar. E cada vez que ele tossia, achava que suas bolas tinham subido garganta acima. – Diga-me... O Limbo...

²⁴ Culhões em espanhol.

– Você não quer esperar até recuperar o fôlego?

Tohr ergueu uma mão e agarrou o braço do anjo. – Diga-me, filho da puta.

Era uma verdade universal entre os machos que toda vez que você via um cara ser acertado nas bolas, você experimentava o impacto da dor fantasma em seu próprio equipamento.

Enquanto Lassiter se abaixava ao lado do corpo encolhido do irmão, ele se sentia um pouco nauseado, e levou um tempo para apalpar o que jazia entre suas pernas – só para assegurar aos carinhas lá embaixo de que não importasse o quão iconoclasta ele fosse, algumas coisas eram sagradas.

– Diga-me!

Impressionante que o cara ainda conseguisse juntar energia para gritar. E, sim, não havia a opção de talvez-mais tarde-depois-de-você-recobrar, com um filho da puta que podia socar-se daquela forma.

Não havia razão para suavizar a merda, no entanto. Não.

– O Limbo não é realmente território da Virgem Escriba ou do Omega. É território do Criador – e antes que pergunte, este seria o criador de todas as coisas. Sua Virgem Escriba, o Omega, tudo o mais. Há algumas maneiras de acabar indo para lá, mas, sobretudo, é porque você não se desapega, ou porque alguém mais não se desapega de você.

Quando Tohr ficou em silêncio, Lassiter reconheceu os sinais de danos cerebrais e teve pena do pobre filho da puta.

Colocando a mão no ombro do Irmão, disse gentilmente, – Respire comigo. Vamos, vamos fazer juntos. Vamos apenas respirar essa merda pra fora por um minuto...

Eles ficaram deste jeito por um longo tempo, Tohr encurvado em volta dos quadris, Lassiter se sentindo como uma tábua.

Em sua longa vida, ele tinha visto sofrimento em todas as formas. Doença. Desmembramento. Decepções em escalas épicas.

Olhando para suas mãos esticadas, ele percebeu que se mantivera afastado de tudo aquilo. Endurecera pela superexposição e experiência pessoal. Separado de qualquer compaixão.

Cara, ele era o anjo errado para este trabalho.

Inferno de situação os dois estavam metidos.

Os olhos de Tohr se elevaram e estavam tão dilatados que se Lassiter não soubesse que eram azuis, teria jurado que eram pretos.

– O que posso fazer...? – o Irmão gemeu.

Oh, cara, ele não podia aguentar.

Subitamente, levantou-se e foi para a janela. Lá fora, a paisagem estava discretamente iluminada, os jardins longe de resplandecentes em seu estado nascente. De fato, a primavera era uma incubadora gelada e cruel, relegando o calor do verão a uma lembrança.

Uma lembrança distante.

– Ajude-me a ajudá-la, – Tohr disse roucamente. – É isto que me disse.

No silêncio que se seguiu, ele não teve nada. Sem voz. Sem pensamentos até. E isto era, apesar do fato de que, a menos que ele puxasse algo do rabo, estava indo em direção a um inferno feito sob medida para ele, sem chance de escapar. E Wellsie e aquela criança estavam presas no deles. E Tohr estava preso no dele.

Ele tinha sido tão arrogante.

Nunca tinha ocorrido a ele que não fosse funcionar. Ele tinha se aproximado, tinha sido irreverente, confiante, e preparado apenas para o resultado final – o qual teria sido a liberdade para si mesmo.

Uma batalha nunca tinha lhe ocorrido. O conceito de derrota não tinha estado em nenhum lugar próximo ao seu radar.

E ele nunca tinha esperado ligar uma merda para o que acontecesse a Wellsie e Tohr.

– Você disse que estava aqui para me ajudar, ajudá-la. – Quando não houve resposta, a voz de Tohr baixou. – Lassiter, estou de joelhos aqui.

– Só porque suas bolas estão em sua garganta.

– Você disse...

– Você não acredita, lembra?

– Eu vi. Nos livros do Outro Lado. Ela não está no Fade.

Lassiter olhou para fora para os jardins e se maravilhou com a metáfora da vida que eles eram – a despeito do quão encolhidos e decrepitos eles aparentassem, estavam à ponto de se adiantar e cantar para a primavera.

– Ela não está no Fade!

Algo o atacou, girando-o e batendo de bunda contra a parede, tão forte, que se ele estivesse com suas asas, elas teriam se espatifado.

– Ela não está lá!

O rosto de Tohr estava retorcido em uma paródia de suas feições, e enquanto uma mão se enganchava em sua garganta, Lassiter teve um momento de clareza. O Irmão podia matá-lo, bem aqui, bem agora.

Talvez fosse assim que ele fosse mesmo acabar no Limbo novamente. Um par de golpes na cabeça, então talvez um pescoço quebrado, e puf! Você falhou. Olá, nada infinito.

Engraçado, ele nunca considerara voltar. Provavelmente deveria.

– Melhor abrir a fodida boca, anjo, – Tohr grunhiu.

Lassiter traçou aquele rosto de novo, medindo o poder daquele corpo, mediu a temperatura da raiva. – Você a ama demais.

– Ela é minha *shellan*...

– Era. Maldito seja, *era*.

Houve um ligeiro silêncio. Então um ruído de um crack, e uma luz, e muita dor. Bem como uma oscilação nos joelhos – não, ele não admitiria isto.

O bastardo o golpeou.

Lassiter empurrou o cara para trás, cuspiu sangue no tapete, e pensou em revidar. Foda-se a luta, no entanto. Se o Criador fosse reclamá-lo, então O Que Tudo Era e O Fim de Tudo teria de vir busca-lo: Tohr não o enviaria por encomenda expressa.

Hora de sair deste inferno de quarto.

Enquanto ele ia para a porta, a maldição murmurada por trás de si foi facilmente ignorada. Especialmente dado ao fato de que ele estava imaginando qual de seus olhos estava dependurado de seus nervos óticos.

– Lassiter. Porra. Lassiter... Sinto muito.

O anjo girou. – Você quer saber qual o problema? – Ele apontou direto para a cara de Tohr. – *Você é o problema.* Sinto muito que você tenha perdido sua fêmea. Sinto muito que você sinta vontade de se suicidar. Sinto muito que não tenha motivos para sair da cama... Ou para ir para a cama. Sinto muito que você tenha um furúnculo na bunda, uma dor de dente e uma amaldiçoada e fodida dor de ouvido. *Você está vivo. Ela não está.* E você se agarrando deste jeito ao passado está prendendo a vocês dois no Limbo.

Tomando fôlego, ele se aproximou do fodido. – Quer o melhor panorama? Bem, ei-lo aqui, maldição. Ela está se desvanecendo... Não está indo ao Fade. E você é a razão disso estar acontecendo. Isto... – ele apontou para o corpo magro do macho e seu pé e mão enfaixados, – é porque ela está lá. E quanto mais você se apegar a ela, e à sua antiga vida, e tudo o que perdeu, menor será a chance dela se libertar. Você está no comando aqui, não ela, não eu... Então que tal golpear a si mesmo de novo da próxima vez, imbecil.

Tohr esfregou o rosto com uma mão trêmula, como se tentasse apagar seus traços. E então ele agarrou a frente da camiseta que usava – bem em cima do coração. – Eu não posso parar... Só porque o corpo dela parou.

– Mas você está agindo como se tivesse acontecido ontem, e não me parece que isto vai mudar. – Lassiter foi até a cama onde o vestido de emparelhamento estava estendido. Agarrando o cetim, ele arrancou a coisa pela saia grossa e balançou: – Isto não é ela. Sua raiva não é ela. Seus sonhos, sua fodida dor... Nada disto é ela. Ela se *foi*.

– Eu sei disto, – Tohr replicou. – Você acha que eu não sei disto?

Lassiter balançou o vestido, o cetim caindo como uma chuva de sangue. – Então diga!

Silêncio.

– Diga, Tohr. Deixe-me ouvir.

– Ela está...

– *Diga.*

– Ela está...

Quando nada mais veio, balançou a cabeça e jogou o vestido na cama. Murmurando por entre os dentes, ele foi para a porta de novo. – Isto não vai a lugar algum. Infelizmente, será o mesmo para ela.

Capítulo DEZESSETE

Com a proximidade do alvorecer, Xhex encerrou sua primeira noite de volta à vida antiga. O ritmo das horas tinha sido bom, a natureza pingue-pongue de lidar com uma multidão de pessoas em um espaço fechado, misturando álcool na equação fazia o tempo passar suficientemente rápido. Também era bom ser Alex Hess, chefe de segurança, novamente – dona de si mesma, embora o nome que usasse entre os humanos fosse falso.

E era fodidamente fantástico não ter a Irmandade respirando às suas costas.

O que não era tão fantástico era o fato de que tudo parecia vazio, como se a vida tivesse sido remexida por uma escavadeira em preparação para a chegada das betoneiras.

Ela nunca soubera de fêmeas que sofressem aquele troço de vinculação. Mas como de costume, isto não significava que não fosse possível, sem John a seu lado, tudo parecia somente um grande e ressonante “*sei lá*”²⁵.

Uma rápida verificada no relógio lhe mostrou que restava somente uma hora de verdadeira escuridão. Cara, ela queria ter vindo de moto para poder montá-la e sair por aí em velocidade absurda. No entanto, a Ducati tinha ficado trancada na garagem.

Ela se perguntava se havia alguma regra contra *shellans* pilotarem.

Provavelmente não... Desde que a referida *shellan* montasse de lado, vestida numa armadura reforçada, e usasse um capacete blindado de Kevlar, eles provavelmente a deixariam dar umas voltinhas em frente da casa.

Vrum-vrum. Fodidamente obaaaaaaa!

Saindo de seu escritório, ela trancou a coisa com uma ordem mental de forma que não tivesse de se preocupar com chaves.

– Ei, Trez, – ela disse quando seu chefe saía do vestiário feminino. – Estava justamente indo lhe procurar.

²⁵ A expressão em inglês é a forma de dar de ombros.

O Sombra estava enfiando a barra de sua camiseta branca por dentro das calças pretas, e parecendo um pouco mais relaxado do que de costume. Um segundo mais tarde, uma das garotas de programa saiu pela porta trazendo um brilho, como se tivesse sido polida a mão.

O que provavelmente era verdade.

Pelo menos sua expressão confusa dizia a Xhex que Trez estava mantendo as coisas na moita. Mas ainda assim... Você não devia se alimentar no lugar onde trabalha. Podiam surgir complicações.

– Te vejo amanhã à noite, – a mulher disse com um sorriso confuso. – Estou atrasada. Encontro com amigas.

Depois que a garota saiu pelos fundos, Xhex olhou para Trez. – Você devia usar outras fontes.

– É conveniente e estou sendo cuidadoso.

– Não é seguro. Além disso, você pode bagunçar a cabeça dela.

– Eu jamais uso a mesma garota duas vezes. – Trez passou o braço a sua volta. – Mas chega de falar de mim. Está saindo?

– Sim.

Juntos, caminharam lentamente para a porta que a garota tinha usado. Deus... Era como nos velhos tempos, como se nada tivesse mudado, desde a última vez que tinham fechado o clube juntos. E ainda assim, Lash acontecera. John acontecera. O emparelhamento acon...

– Eu não vou insultá-la oferecendo para lhe acompanhar até em casa, – Trez murmurou.

– Isto significa que você gosta das suas pernas onde elas estão, hein?

– É. Elas se encaixam em minhas calças perfeitamente. – Ele abriu a porta para ela, o ar gelado invadindo como se tentasse fugir de si mesmo. – O que devo dizer se ele aparecer por aqui.

– Que estou bem.

– Que bom que mentir não é um problema para mim. – Quando ela ia começar a discutir, o Sombra girou os olhos. – Não desperdice seu fôlego, nem meu tempo. Vá para casa e tente dormir. Talvez as coisas estejam melhores amanhã.

Como resposta, ela lhe deu um rápido abraço, e saiu para a escuridão.

Ao invés de se desmaterializar para o norte, vagou pela Rua Trade. Tudo estava em modo de fechamento: os clubes cuspiam os últimos fregueses – que pareciam tão atraentes como chicletes mastigados; o estúdio de tatuagem estava desligando o sinal luminoso; o restaurante Tex-Mex já tinha baixado as portas.

A merda ficava pior conforme ela avançava, tudo ficando mais escuro e sujo até chegar aos quarteirões que circundavam os prédios abandonados. Com a crise na economia, os negócios estavam secando como animais atropelados, e encontrar *lessers* ficava cada vez mais difícil e raro...

Xhex parou. Cheirou o ar. Olhou para a esquerda.

A essência inconfundível de um vampiro macho se elevou de uma viela deserta.

AIFT, ou, Antes da Irmandade Foder Tudo, certamente, teria se aproximado, verificado se algum deles precisava de ajuda, descoberto o que os Irmãos estavam fazendo.

Agora, ela apenas continuou andando, caminhando em frente com a cabeça bem elevada. Eles não queriam a ajuda dela – não, isto não era totalmente certo. Eles pareciam ok com ela, até John ter suas objeções. Era mais como se eles não estivessem mais confortáveis com a presença dela...

Dois quarteirões à frente, uma figura sólida apareceu em seu caminho.

Ela parou. Respirou fundo. Sentiu uma agulhada nos olhos.

Na brisa que chegava a ela, a inconfundível essência de vinculação de John era um aroma obscuro que varria o fedor da cidade e a aguilhada podre de sua infelicidade.

Ela começou a andar na direção dele. Rápido. Mais rápido...

Agora estava correndo.

Ele a encontrou no meio do caminho, caindo numa corrida assim que a viu apressar o passo, e eles colidiram um contra o outro.

Difícil saber quem procurou a boca de quem, ou os braços de quem se apertaram mais, ou quem estava mais desesperado.

Mas aí, até nisto eles eram iguais.

Separando o beijo, ela gemeu, – Minha casa.

No instante em que ele acenou concordando, ela desapareceu e ele também... E eles retomaram a forma do lado de fora de sua cabana.

Não esperaram entrar.

Ele a fodeu em pé, apoiada na porta, no frio.

Foi tudo tão rápido e frenético, ela rasgou as calças de couro antes de libertar uma perna, ele arrancou os botões da própria calça. Então ela estava arreganhada e travada nos quadris dele e ele estava enterrado até a base em seu centro.

Ele meteu nela tão forte que ela bateu a cabeça na porta como se tentasse invadir a própria casa. Então ele a mordeu ao lado do pescoço – não para se alimentar, só para prendê-la no lugar. Ele parecia tão maior dentro dela, esticando-a ao ponto máximo de sua capacidade. Ela precisava daquilo. Neste momento, nesta noite, ela precisava dele cru e descontrolado, e um pouco doloroso.

Inferno, sim, ela precisava – e foi exatamente isto que ela conseguiu.

Quando ela gozou, os quadris dele se apertaram contra o dela, a ereção desencadeando uma tempestade profunda nela, estimulando seu próprio orgasmo.

E então eles estavam dentro da cabana. No chão. As pernas dela totalmente abertas, a boca dele em seu sexo.

Com as mãos dele apertando suas coxas, e seu pau ainda ereto saltando pelo zíper aberto, ele caiu nela com uma língua furiosa, golpeando-a, penetrando-a, tomando o que eles acabaram de ter.

O prazer era insuportável, um tipo de agonia que a fez jogar a cabeça para trás e se contorcer no chão, as mãos se apertando no assoalho enquanto lutava sem sucesso para impedir-se de mover-se para frente e para trás.

O orgasmo a tomou tão violentamente que enquanto ela gritava o nome dele, luzes brilhantes espocaram em seus olhos. E ele não diminuiu o ritmo. Enquanto o ataque continuava, teve certeza de que em certa altura, ele a mordeu na parte interna da perna, naquela junção onde a veia grossa descia para alimentar a parte inferior de seu corpo. Mas havia sucção demais, liberação demais, tudo era demais... Não dava para ter certeza ou sequer se importar.

Quando John finalmente parou e ergueu a cabeça, eles estavam no extremo oposto, quase na sala de estar. Oh, que imagem. O rosto de seu companheiro estava ruborizado, sua boca brilhante e inchada, suas presas tão longas que não conseguia fechar a mandíbula – e ela se sentia bagunçada da mesma forma, respiração entrecortada, o sexo pulsando com um ritmo cardíaco próprio.

Ele ainda estava duro.

Que pena que ela mal tivesse energia para piscar – porque ele merecia uma maldita recompensa...

Só que ele parecia saber exatamente o que ela estava pensando. Erguendo-se entre as pernas abertas dela, ele segurou sua ereção e começou a mover as mãos para cima e para baixo.

Com um gemido, ela arqueou e ondulou os quadris. – Goza em cima de mim, – ela disse por entre dentes cerrados.

John trabalhou a si mesmo, as palmas de suas mãos fechadas em volta de seu membro grosso, fazendo um ruído deslizante enquanto bombeava. As coxas sólidas se abriram enquanto apoiava os joelhos mais abertos, em busca de equilíbrio, os músculos de seus braços saltando em áspero alívio enquanto ele ia mais rápido e mais duro. E então ele grunhiu algo inaudível, seu corpo ficou rígido enquanto jatos quentes respingaram todo o sexo dela.

Só o pensamento dela mesma molhada e melecada quase era suficiente para fazê-la gozar de novo. Mas a visão dele fazendo isto com ela? Empurrou-a novamente além do limite mais uma vez...

– Ela vai precisar de mais duzentos para ir com ele.

Xcor se manteve de lado durante as negociações com as prostitutas, certificando-se de permanecer nas sombras – especialmente agora que Throe tinha chegado à parte mais difícil, que era arrumar as coisas para ele. Não havia necessidade de se expor para que o preço subisse ainda mais.

Somente duas, das três garotas, tinham aparecido nesta casa abandonada, abaixo da rua Trade, mas aparentemente a número três estava a caminho – ainda que, graças ao fato de estar atrasada, tenha sido a azarada da noite ao ser atribuída a ele.

Apesar disto, suas amigas estavam tentando protegê-la – a menos, é claro, que elas tivessem a intenção de se apoderar do bônus. Afinal, boas prostitutas, como bons soldados, tendiam a cuidar umas das outras.

De repente, Zypher se aproximou da mulher que estava falando, claramente preparado para usar seus atributos físicos para conservar os atributos financeiros. Enquanto o vampiro deslizava a ponta do dedo na clavícula da garota, ela pareceu cair em um transe.

Da parte de Zypher não se tratava de truque mental. Fêmeas de ambas as raças não conseguiam evitar esta reação a ele.

O vampiro se inclinou para ela, falando suavemente. Então lambeu sua garganta. Por trás dele, Throe estava como sempre, silencioso, atento, paciente. Esperando sua vez.

Sempre o cavalheiro.

– Ok, – a mulher disse sem fôlego. – Só mais cinquenta...

Naquele momento, a porta foi aberta.

Xcor e seus soldados colocaram as mãos nos casacos, alcançando as armas, prontos para matar. Mas era só a prostituta atrasada.

– Ei, garota, eeeeeeei, – ela disse para as amigas.

Parada na porta, com uma jaqueta frouxa cobrindo suas roupas de puta, e o desequilíbrio de uma bêbada, ela estava obviamente chapada, seu rosto encoberto com a expressão enevoada de recém-drogada.

Bom. Seria mais fácil lidar com ela assim.

Zypher bateu palmas. – Direto aos negócios.

Um risinho foi dado pela garota mais próxima a ele. – Adoro seu sotaque.

– Então você pode ficar comigo.

– Espere, eu, também! – Um risinho de mais alguém. – Eu adoro também!

– Você vai tomar conta do meu companheiro aqui... Meu amigo. Que vai pagar a todas agora.

Throe deu um passo à frente com a grana, e enquanto a depositava em mãos expectantes, as putas pareceram mais concentradas nos dois machos do que no dinheiro.

Uma inversão de papéis profissionais que Xcor podia apostar que não acontecia muito frequentemente.

E então os pares foram formados, com Throe e Zypher levando suas presas para cantos separados, enquanto ele era deixado com a puta confusa.

– Então vamos começar? – ela disse com um sorriso ensaiado. O fato de seus olhos estarem suavizados pelas drogas quase tornavam a expressão real.

– Venha para mim.

Ele esticou as mãos, ainda na escuridão.

– Oh, eu gosto. – Ela se moveu, exagerando o balanço dos quadris. – Você soa como... Eu não sei o quê.

Quando ela alcançou sua mão, ele a puxou até ele – só que, então, ela recuou.

– Oh-er... Um... Ok.

Virando o rosto para o lado, ela esfregou o nariz, e então, apertou-o como se não pudesse aguentar o seu cheiro. Lógico. Era preciso mais do que uma passada de água para tirar o cheiro de *lesser* de alguém. Naturalmente, Throe e Zypher tinham tomado um momento para se desmaterializarem para casa, a fim de se limparem. Ele, no entanto, tinha ficado para lutar.

Mauricinhos. Os dois. Por outro lado, as mulheres com quem eles estavam não pareciam tentar escapar.

– Está bem, – ela disse resignada. – Mas *sem* beijos.

– Pelo que me consta, não sugeri tal coisa.

– Só para deixar claro.

Enquanto gemidos começavam a se elevar, Xcor olhou para baixo, para a humana. O cabelo estava meio solto nos ombros, parecendo bagunçado, como se tivesse sido puxado. A maquiagem era pesada e borrada na linha dos lábios e no canto de um olho. Seu perfume era suor e...

Xcor franziu o cenho, enquanto percebia uma essência indesejável.

– Agora, ouça, – ela disse, – não olhe para mim deste jeito. Estas são minhas regras e você pode...

Ele a deixou divagar enquanto estendia a mão para erguer um lado do cabelo semi-presos e emaranhados, expondo sua garganta. Nada além de pele lisa. Mas do outro lado...

Ah, sim. Ali estavam. Duas marcas de mordida, bem na jugular dela.

Ela já tinha sido usada esta noite por um de sua espécie. E aquilo explicava a névoa, e a essência que seu nariz conseguia captar nela.

Xcor deixou o cabelo voltar ao lugar. Então se afastou.

– Não posso acreditar que está sendo tão irritante, – ela falou. – Só porque eu não vou te beijar... Não vou te devolver o dinheiro, sabe. Trato é trato.

Alguém estava tendo um orgasmo, o som de prazer tão rico e exuberante, que a sinfonia transformou, mesmo que brevemente, aquela construção abandonada em uma alcova apropriada.

– Mas é claro que pode manter o dinheiro, – ele murmurou.

– Quer saber, foda-se, você pode ficar com ele. – Ela jogou o dinheiro nele. – Você cheira como esgoto e é feio como o pecado.

Enquanto as notas batiam em seu peito, ele inclinou a cabeça levemente. – Como quiser.

– Foda-se.

O entusiasmo com o qual ela mudou de puta para cadela, sugeria que este tipo de alteração de humor não lhe era incomum. Mais uma razão para manter as coisas em nível profissional entre ele e o sexo feminino.

Enquanto ele se abaixava para pegar o dinheiro, ela ergueu o pé e tentou chutá-lo na cabeça.

O que não foi esperto. Com todo o seu treinamento de guerreiro e os anos de experiência em combate, seu corpo se defendeu instintivamente, sem comando consciente algum de sua mente. A puta foi pega pelo tornozelo, desequilibrando-se, e caiu ao chão. E antes que ele tivesse consciência de ter se movido, ele a tinha deitada de bruços e segurava o pescoço frágil dela na curva grossa de seu braço.

Em seguida, ele estava preparado para quebrá-lo.

As agressões dela pararam. Agora ela choramingava e implorava.

Ele imediatamente a soltou, saindo de cima dela, então, ajudou-a a encostar na parede. Ela estava hiperventilando, o peito bombeando para cima e para baixo tão violentamente que corria o risco de romper os peitos falsos nas taças do sutiã.

Enquanto se inclinava para ela, pensou em como o Bloodletter teria lidado com a situação. Aquele macho não a teria deixado ir além da parte do ‘sem beijos’ – ele teria tomado o que quisesse, em seus próprios termos, e ao inferno com o quanto poderia tê-la machucado. Ou se a teria matado.

– Olhe para mim, – Xcor ordenou.

Quando aqueles grandes e chocados olhos se ergueram, ele limpou de sua memória o fato de ter estado daqui, colocando-a num transe. Instantaneamente a respiração dela se acalmou, seu corpo reassumiu sua postura calma e relaxada, suas mãos frenéticas e trêmulas se imobilizaram.

Juntando o dinheiro, ele o colocou em seu colo. Ela o merecia pelos hematomas que apresentaria pela manhã.

Então, com um grunhido, Xcor se abaixou e se encostou de novo contra a parede perto dela, esticando as pernas e cruzando-as nos tornozelos. Ele tinha de pegar sua mochila de provisões e sua foice no arranha-céu, mas naquele momento, estava exausto demais para se mover.

No entanto, sem alimentação para ele esta noite. Mesmo com a hipnose.

Se ele tomasse a veia da humana próxima a ele, poderia matá-la. Ele estava cruelmente faminto, e não sabia o quanto já tinham tomado dela. Pelo que sabia, aquela debilidade dela poderia ser pressão baixa.

Do outro lado, ele via seus soldados trepando, e tinha de admitir que o ritmo dos corpos era erótico. Em outras circunstâncias, ele imaginava que Zypher teria unido os dois pares em um grande emaranhado de braços e pernas, peitos e mãos, paus e rachas escorregadias. Não aqui, no entanto. O espaço era imundo, inseguro e gelado.

Encostando a cabeça na parede, Xcor fechou os olhos e continuou ouvindo.

Se ele adormecesse, e seus soldados lhe perguntassem se tinha se alimentado, ele usaria a experiência dos outros para acalmar-lhes a preocupação.

E então só teria de afundar as presas em outra fonte mais tarde.

Na verdade, ele odiava se alimentar. Ao contrário do Bloodletter, ele não se excitava em impor-se sobre mulheres e fêmeas – e Deus sabia, nenhuma delas viria a ele de livre e espontânea vontade.

Devia sua vida às prostitutas, supunha.

Quando alguém voltou a gozar, desta vez um dos soldados – Throe, se fosse para adivinhar – ele se imaginou com um rosto diferente, um rosto bonito, um rosto atraente que fizesse as fêmeas quererem se aproximar ao invés de correr gritando.

Talvez ele devesse remover sua própria coluna.

Mas esta era a beleza de pensamentos internos. Ninguém precisava saber de suas fraquezas.

E uma vez que terminasse de tê-los, podia metê-los na lixeira mental à qual pertenciam.

Capítulo DEZOITO

Qhuinn nunca fora bom em esperar. Isto quando a merda estava indo bem. Imagine, considerando que ele já mentira duas vezes a respeito do paradeiro de John Matthew.

Não era uma ocasião muito feliz.

Enquanto fazia cera na porta escondida na grande escadaria – de modo que pudesse correr para o túnel se alguém aparecesse – tinha a melhor visão possível da entrada. O que significou que quando a porta do vestíbulo se abriu, ele visualizou inteiramente seu casal absolutamente *favorito*: Blay e Saxton.

Ele devia ter sabido que sua sorte não falharia desta vez.

Blay segurou a porta aberta, como o cavalheiro que era, e enquanto Saxton a atravessava, o bastardo deu um insinuante e semicerrado olhar por sobre o ombro.

Cara, este tipo de “olhar” era pior do que pegar os dois em público num beijo estilo desentupidor de pia.

Sem dúvidas eles tinham saído para uma agradável refeição, então passaram na casa de Saxton para o tipo de brincadeira que era difícil ter aqui na mansão. Privacidade total não era algo que você podia achar facilmente por aqui...

Quando Blay removeu seu casaco Burberry, o botão de sua camisa de seda se abriu, revelando uma marca de mordida no pescoço. E em sua clavícula.

Só Deus sabia onde mais haveria outras...

De repente, Saxton disse algo que fez Blay ruborizar, e a risada um pouco tímida e reservada que se seguiu, deu a Qhuinn vontade de vomitar.

Ótimo, então o puto era um comediante, e Blay gostava das piadas dele.

Fantástico.

lupi.

Então, Saxton subiu as escadas. Blay, por sua vez, contornou o...

Merda. Qhuinn virou e esticou-se para a porta, as mãos tentando liberar o ferrolho.

– Oi.

As mãos de Qhuinn ficaram imóveis. Seu corpo se imobilizou. Seu coração... Parou de bater.

Aquela voz. Aquela voz suave e profunda, que ele ouvira quase sua vida inteira.

Endireitando a espinha, ele deu um foda-se à ideia de escapar, virou-se, e encarou seu antigo melhor amigo, como o macho que era. – Oi. Teve uma boa noite?

Merda, ele quis retirar aquilo. E se o cara não tivesse?

– Sim, e você?

– É. Bom. John e eu saímos. Ele já voltou, e vamos para o centro de treinamento. Ele está se trocando.

Difícil saber se era a mentira ou a queimação em seu peito que o fazia tão tagarela.

– Sem Última Refeição para você?

– Pois é.

Som de grilos ao fundo. O tema de *Jeopardy!*²⁶ uma bomba nuclear – não que Qhuinn percebesse até mesmo uma nuvem em forma de cogumelo àquela altura.

Deus, os olhos de Blay eram tão condenadamente azuis. E... Puta merda, os dois estavam realmente sozinhos. Quando fora a última vez que isto acontecera?

Oh, sim. Um pouco antes de Blay se enroscar com seu primo, pela primeira vez.

– Então, você tirou os piercings, – Blay disse.

²⁶ É um programa de televisão exibido pela CBS. É um show de perguntas e respostas (quiz) variando história, literatura, cultura e ciências. Diferentemente dos quizzes tradicionais, os temas são apresentados como respostas e os concorrentes devem formular a pergunta correspondente a cada uma delas.

– Não todos.

– Por quê? Digo... Eles sempre foram... Tipo, *você*, sabe?

– Acho que eu não quero mais ser definido assim.

Quando as sobrancelhas de Blay se elevaram, Qhuinn meio que quis fazer a mesma coisa. Ele achava que outra coisa sairia de sua boca. Algo como, – Sei lá. – ou, – Não importa. – ou, – Eu ainda os tenho onde importa, não se preocupe.

Depois ele apertaria o saco, e riria com desdém como se tivesse bolas do tamanho de sua cabeça.

Não era de se espantar que Saxton parecesse tão atraente.

– Então, é... – ele disse. Então pigarreou. – Como vão as coisas com... Vocês dois?

Foi a deixa para uma segunda viagem às alturas daquelas sobrancelhas ruivas. – Estou bem – Estamos... ah, bem. Bem. Ah...

Depois de um momento, Blay olhou por cima do ombro, em direção à porta da dispensa do mordomo. Claramente, era o começo de uma retirada.

Ei, quando você sair, Qhuinn quis dizer, pode me fazer um favor? Acho que meu ventrículo esquerdo está no chão, então, se não se importar, procure não pisar nele enquanto sai? Obrigado. Ótimo.

– Você está se sentindo bem? – Blay murmurou.

– Sim. Eu vou malhar com John. – Ele já tinha dito aquilo. Merda. Isto era um trem descarrilado. – Então aqui está você. Para onde estava indo?

– Eu vou... Atrás de alguma comida para Sax e para mim.

– Sem Última Refeição para vocês, também. Acho que temos isto em comum. – Alguém levante os pompons e torça pelo time. lupi. – Então, tá, aproveite. Aproveitem, digo...

Do outro lado, a porta do vestíbulo se abriu e John Matthew entrou. – Filho da puta, – Qhuinn murmurou. – O desgraçado finalmente voltou.

– Eu pensei que você tinha dito que ele estava...

– Eu estava acobertando. A nós dois.

– Vocês não estavam juntos? Espere, se você for pego longe dele...

– *Não* foi minha escolha. Acredite.

Enquanto Qhuinn se dirigia ao Sr. Independente, Blay se juntou a ele, John deu uma olhada para os dois e sua expressão *ahh*-satisfação, sumiu tão certamente como se alguém tivesse chutado seu traseiro com uma bota com biqueira de aço.

– Precisamos conversar, – Qhuinn vaiou.

John olhou em volta como se procurasse um esconderijo. É, bem, más notícias para ele; o vestibulo era essencialmente vazio de móveis, e o estúpido vadio não poderia pular longe o bastante para alcançar a sala de jantar.

Qhuinn, eu ia ligar...

Qhuinn pegou o cara pela nuca e empurrou-o de cara para o chão entre a sinuca e a pipoqueira. Ao passar pelo umbral, John se libertou e correu para o bar. Pegou uma garrafa de Jack, rompeu o lacre e a abriu.

– Você acha que isto é uma porra de uma piada? – Qhuinn bateu na lágrima tatuada abaixo de seu olho. – Eu devo estar com você em cada momento da noite ou do dia, porra. Eu menti por você nos últimos quarenta minutos...

– É verdade. Ele mentiu.

Quando Blay falou por detrás, foi uma surpresa. Uma do tipo bom.

Eu fui ver Xhex, está certo? Neste momento, ela é minha prioridade.

Qhuinn abanou os braços. – Ótimo. Então quando V me esfaquear no peito, você poderá continuar se sentindo bem com você mesmo. Obrigado.

– John, você não pode minimizar coisas como esta. – Blay contornou e pegou um copo, como se temesse que o amigo fosse tomar direto do gargalo. – Me dê isto.

Ele pegou a bebida, despejou uma dose saudável, e...

Bebeu ele mesmo.

– O que, – ele murmurou quando sentiu os dois o encarando. – Aqui, pegue de volta se quiser.

John tomou um gole e então olhou para o espaço. Depois de um momento, ele estendeu o Jack na direção de Qhuinn.

Rolando os olhos, Qhuinn murmurou, – Ao menos este é o tipo de desculpas que eu aceito.

Quando ele pegou a garrafa, ocorreu a ele que fazia eras desde que os três estiveram juntos. Bem antes de suas transições, eles passavam cada noite depois do treino, no antigo quarto de Blay, na casa dos pais do cara, passando as horas jogando vídeo games, bebendo cerveja e falando do futuro.

E agora, que eles estavam finalmente onde sempre quiseram estar? Todo mundo parecia estar indo em direções diferentes.

Novamente, John estava certo. O cara estava apropriadamente emparelhado agora, então, é claro que seu foco estaria em outro lugar. E Blay estava tendo um maldito tempo bom com Saxton, o Galinha.

Qhuinn era o único que ainda se associava ao Lado Negro.

– Puta que pariu, – ele murmurou para John. – Vamos só esquecer isto...

– Não, – Blay cortou. – Isto *não* está certo. Corta a merda, John... Deixe-o ir com você. Não importa se saiu para estar com Xhex ou não. Você deve isto a ele.

Qhuinn parou de respirar, concentrando-se com tudo o que tinha no macho que tinha sido seu melhor amigo, e nunca seu amante... E no para sempre que nunca aconteceria.

Mesmo depois de tudo o que acontecera entre eles, e todas as merdas do final, que foram lendárias, Blay ainda guardava suas costas.

– Eu amo você, – Qhuinn revelou no silêncio.

John ergueu as mãos e assinalou, *Eu amo você também. E eu estou fodidamente arrependido. Esta coisa entre mim e Xhex...*

Blah, blah, blah. Ou, *Blah, blah, blah*, como era o caso, pela linguagem de sinais.

Qhuinn não ouvia nada. Enquanto John seguia e seguia, explicando seu problema, Qhuinn sentiu-se tentado a interromper e voltar a não apenas o que dissera, mas a quem dissera. Só que tudo o que podia pensar era em Blay chegando com Sax, e naquele maldito rubor em seu rosto.

Custou-lhe tudo o que tinha dentro de si olhar para John e dizer, – Podemos resolver isto, tudo bem? Deixe-me segui-lo... Eu não vou olhar. Prometo.

John estava assinalando alguma coisa. Qhuinn anuiu. Então Blay começou a recuar, dando um passo para trás, então outro, então um terceiro.

Mais conversa. Blay falou.

E então o macho virou e saiu. Para pegar comida. Voltar para Saxton.

Um assobio baixo o fez limpar a mente e se concentrar em John.

– Sim. Com certeza.

John franziu o cenho. *Você quer que eu grude um bilhete de estacionamento na sua testa?*

– O quê?

Desculpe, eu tive a impressão de que não estava prestando atenção. Acho que estava certo.

Qhuinn deu de ombros. – Encare deste jeito, eu não estou mais com vontade de lhe trucidar.

Oh, bom. Maravilhoso. Mas Blay está certo. Não vou fazer isto de novo.

– Obrigado, cara.

Quer um gole?

– Sim, boa ideia. A melhor. – Se dirigiu ao bar. – De fato, eu vou pegar uma garrafa só para mim.

Capítulo DEZENOVE

– Ela está morta.

Ao som da voz do macho, Lassiter olhou por sobre o ombro. Do outro lado do quarto, Tohr estava parado à porta, segurando-se no batente.

Lassiter baixou as coisas que estava empacotando. O showzinho que fazia arrumando a mala não era porque ele carregaria qualquer uma destas merdas consigo, mas ao invés disto, porque parecia justo deixar suas coisas em ordem para a convocação que estava próxima. Depois que ele fosse sugado novamente para o Limbo, a equipe de limpeza descartaria suas roupas, assim como as poucas coisas que juntara.

O Irmão entrou e fechou-os no quarto.

– Ela está morta. – Ele mancou e se sentou na chaise. – Pronto. Eu disse.

Lassiter acomodou o traseiro na cama e fitou o cara. – E você acha que isto é o suficiente?

– O que caralho você quer de mim?

Ele teve que rir. – Por favor, se eu estivesse dirigindo este show, você já a teria recuperado há meses e eu já teria dado no pé desta porra aqui.

Tohr riu um pouco, surpreso.

– Ah, vamos lá, meu homem, – Lassiter murmurou. – Eu não quero te foder. Você não tem seios, para começar... E eu sou um cara chegado em seios. E depois, você é um cara legal. Você merece mais do que isto.

Agora Tohr olhou para baixo, chocado.

– Oh, pelo amor da merda. – Lassiter se levantou e foi de novo às gavetas abertas da cômoda. Pegou um par de calças de couro, remexeu nelas, e dobrou-as de novo.

Manter as mãos ocupadas deveria ajudá-lo a manter o foco mental. Não funcionou tão bem desta vez. Talvez ele devesse apenas bater a cabeça na parede.

– Indo a algum lugar? – O Irmão perguntou depois de um tempo.

– Sim.

– Desistindo de mim?

– Eu lhe disse. Eu não faço as regras. Eu vou ser puxado de volta, e é melhor que seja mais cedo do que tarde.

– Puxado para onde?

– Para o lugar de onde vim. – Ele deu de ombros, mesmo que fosse um movimento covarde. Mas uma eternidade de isolamento era o inferno para um cara como ele. – Não é uma viagem que eu esteja ansioso para fazer.

– Você estaria indo para o lugar onde... Wellsie está?

– Eu lhe disse, o Limbo é diferente para cada um.

Tohr colocou a cabeça entre as mãos. – Eu não consigo me desligar. Ela era minha vida. Como infernos eu...

– Você pode começar por tentar não se castrar com o punho quando ficar de pau duro por outra fêmea.

Quando o Irmão não disse nada, Lassiter teve a sensação de que o cara estava chorando. E é, uau, isto não tornava as coisas muito esquisitas? Deus. Maldição.

Lassiter balançou a cabeça. – Eu sou o anjo errado para este trabalho, de verdade.

– Eu nunca a traí. – Tohr inalou com dificuldade pelo nariz, a fungada totalmente masculina, como fungadas eram. – Outros machos... Mesmo os vinculados, digo, eles procuravam fêmeas de vez em quando. Talvez eles pulassem a cerca um pouquinho. Eu não. Ela não era perfeita, mas ela era mais do que suficiente para me manter satisfeito. Inferno, quando Wrath precisou de alguém para manter um olho em Beth quando eles se conheceram? Ele me enviou. Ele sabia que eu não daria em cima dela, não apenas pelo respeito a ele, mas porque eu não teria o

menor interesse. Eu literalmente, nunca tive sequer um pensamento passageiro para outra.

– Você teve hoje.

– Não me lembre.

Bem, ao menos o cara não negou. – O que é justamente o motivo pelo qual estou prestes a iniciar minha viagem de mão única à terra do Nunca-Mais-Voltar. E sua *shellan* vai ficar onde ela está.

Tohr esfregou o meio do peito como se doesse. – Você tem certeza que eu não morri e já fui para este Limbo? Porque certo como a merda que, parece com o que descreveu. Sofrimento, mas não *Dhund*.

– Eu não sei. Talvez algumas pessoas não estejam cientes de que estejam nele... mas minhas ordens foram claras como uma campainha, e era sobre você se desapegar, de modo que ela pudesse seguir adiante.

Tohr baixou as mãos como se estivesse muito cansado do mundo. – Eu nunca pensei que houvesse algo pior do que a morte dela. Eu nunca poderia imaginar qualquer curso de eventos que doesse mais. – Ele amaldiçoou. – Eu devia saber que o destino é tão sádico quanto infinitamente criativo. Imaginar que se eu foder outra fêmea será o que vai abrir as portas do Fade, para aquela que eu amo. Equação fabulosa. Fodidamente fantástico.

Não era nem metade disto, Lassiter pensou. Mas porque mencionar agora?

– Eu tenho de saber uma coisa, – o Irmão disse. – Como um anjo, você acredita que certas pessoas estão malditas desde o início? Que algumas vidas são simplesmente amaldiçoadas assim que começam?

– Eu acho... – Merda, ele não iria tão fundo. Isto *não* era ele. – Eu... Ah, eu acho que a vida joga algumas probabilidades por sobre as cabeças de cada desgraçado vivo e que respira neste planeta. As chances são injustas por definição, e aleatórias.

– E então este Criador seu? Ele não tem um papel nisto tudo?

– Nosso, – ele murmurou. – E, eu não sei. Não boto muita fé em coisa alguma.

– Um anjo que é ateu?

Lassiter riu um pouco. – Talvez seja por isto que eu continue me metendo em problemas.

– Nah. Isso acontece só porque é um imbecil.

Ambos deram risada. Então se sentaram em silêncio.

– Então, o que será preciso? – Tohr perguntou. – Honestamente, o que infernos o destino vai exigir de mim agora?

– O mesmo que em qualquer esforço. Sangue, suor e lágrimas.

– É isto, – Tohr disse secamente. – E eu aqui pensando que podia ser só um braço ou uma perna.

Quando Lassiter não respondeu, o Irmão balançou a cabeça. – Ouça, você precisa ficar. Você *tem* que me ajudar.

– Não está funcionando.

– Eu vou me esforçar mais. Por favor.

Depois de uma eternidade, Lassiter sentiu sua cabeça assentir. – Ok. Tudo bem. Eu ajudarei.

Tohr exalou longa e lentamente, como se estivesse aliviado. Mostrou o que já sabia; ainda estavam todos encrocados.

– Você sabe, – o Irmão disse, – Eu não gostava de você quando lhe conheci. Pensei que era um idiota.

– O sentimento era mútuo. Embora não a parte do idiota... E não era pessoal. Eu não gosto de ninguém, e como eu disse, eu não acredito verdadeiramente em coisa alguma.

– Mesmo assim você vai ficar para me ajudar?

– Eu não sei... Eu acho que eu só quero o mesmo que sua *shellan*. – Ele deu de ombros. – No fim do dia, os vivos e os mortos são os mesmos. Todos estão apenas procurando um lar. Além disto... Eu não sei, você não é tão mau.

Tohr voltou a seu quarto algum tempo depois. Quando chegou a sua porta, encontrou sua muleta apoiada contra o painel.

No'One a tinha devolvido a ele. Depois de ele tê-la esquecido no Outro Lado.

Pegando a coisa, ele entrou no quarto... E meio que esperou encontrá-la nua em sua cama, pronta para um pouco de sexo. O que era completamente ridículo – em níveis demais para contar.

Acomodando-se na chaise lounge, fitou o vestido que Lassiter tinha manuseado tão rudemente. O cetim delicado estava emaranhado em ondas, a desordem criando um maravilhoso e brilhante espetáculo em cima da cama.

– Minha adorada está morta, – ele disse em voz alta.

Enquanto o som das palavras se desvanecia, algo ficou súbita e estupidamente claro: Wellesandra, filha de sangue de Relix, jamais preencheria aquele corpete de novo. Ela jamais passaria aquela saia por cima da cabeça e se contorceria no espartilho, ou libertaria as pontas do cabelo das amarrações às costas. Ela jamais procuraria sapatos que combinassem, ou ficaria brava por ter espirrado imediatamente após passar rímel, ou se preocuparia se iria derrubar algo na saia.

Ela estava... Morta.

Que irônico. Ele estivera lamentando sua ausência todo este tempo, e ainda assim, de alguma forma, perdera o ponto mais óbvio. Ela não iria voltar. Nunca.

Levantando-se, ele atravessou o quarto e gentilmente recolheu o vestido. A saia se recusou a obedecer, escorregando de suas mãos e caindo ao chão novamente – fazendo o que queria e tomando controle da situação.

Do mesmo jeito que Wellsie sempre fizera.

Quando ele conseguiu lidar moderadamente com todo o tecido, carregou o vestido até o closet, abriu as portas duplas, e pendurou o peso glorioso em um cabide.

Merda. Ele iria dar de cara com ele a cada vez que entrasse ali.

Soltando-o, ele o puxou para outro lado, de forma que ficasse na escuridão, por trás de dois ternos que ele nunca usava e das gravatas que tinham sido compradas para ele, não por sua companheira, mas por Fritz.

E então ele trancou bem o closet.

De volta à cama, ele se deitou e fechou seus olhos.

Seguir adiante não precisava envolver sexo, disse a si mesmo. Simplesmente não precisava. Aceitar a morte, deixá-la ir para salvá-la, aquilo ele podia fazer sem o bônus de... Nenhum tipo de coisa relacionada a uma fêmea pelada. No final, o que ele ia fazer? Chegaria nos becos, escolheria uma puta para foder? Aquilo seria somente uma função corporal, como respirar. Difícil entender como aquilo poderia ajudar.

Deitado imóvel, ele tentou visualizar pombas sendo libertadas de gaiolas, e águas rompendo barragens, e o vento soprando as árvores, e...

Fodido inferno. Era como se por trás de suas pálpebras, estivessem mostrando programas do maldito canal Discovery.

Mas então, bem quando ele estava se deixando levar, as imagens mudaram, trocando para água, preguiçosa água azul-esverdeada, sem correnteza. Calma. Água morna. Com ar úmido a sua volta...

Ele não estava bem certo do momento em que tinha adormecido, mas a imagem se tornou um sonho, que começou com um braço pálido, um adorável braço pálido flutuando na água, a preguiçosa água azul-esverdeada que não tinha correnteza. Calma. Morna...

Era sua Wellsie na piscina. Sua linda Wellsie, seus seios apontando enquanto ela flutuava, seu estômago reto e quadris curvilíneos, e sexo liso, lambidos pela umidade.

No sonho, ele viu a si mesmo irrompendo na piscina, andando a passos curtos, a água ensopando suas roupas...

Subitamente, ele parou e olhou para seu peito.

Suas adagas estavam amarradas a ele. Suas armas por baixo de seus braços, seu cinto de munição preso nos seus quadris.

O que infernos ele estava fazendo? Molhada, essa merda toda seria inutilizada...

Não era Wellsie.

Santa merda, aquela *não* era sua *shellan*...

Com um grito, Tohr se levantou, escapando do sonho. Batendo as mãos em suas coxas, esperando encontrar couro molhado. Mas não, nada daquilo tinha sido real.

No entanto, sua excitação estava de volta. E um pensamento que ele se recusava a permitir aflorar, apegava-se no fundo de sua mente.

Enquanto ele olhava para seu sexo e amaldiçoava, a forte extensão o fez pensar nas incontáveis vezes que ele o utilizara para prazer e diversão... E procriação.

Agora ele só queria que ficasse mole para sempre.

Recostando-se novamente contra os travesseiros, o pesar caiu sobre ele como um peso físico, quando ele reconheceu a verdade no que o anjo dissera. Ele não tinha, de fato, deixado sua Wellsie ir, em nenhum nível.

Ele... Era o problema.

VERÃO



Capítulo VINTE

Do ponto privilegiado por trás dos binóculos, a mansão do outro lado do rio Hudson parecia enorme, um enorme amontoado de pavimentos, que jazia ousadamente no penhasco rochoso. Em cada um dos andares, luzes brilhavam através de painéis envidraçados, como se a coisa não tivesse paredes sólidas.

– Belo palácio, – Zypher comentou, sob a espessa brisa cálida.

– É, – houve uma concordância à esquerda.

Xcor baixou os binóculos. – Exposição demais à luz do dia. É uma questão de tempo até tudo virar churrasco.

– Talvez ele tenha equipado o porão, – Zypher disse. – Com mais uma daquelas banheiras de mármore...

Dado o tom de sua voz, o soldado estava imaginando fêmeas de todo tipo, na água com bolhas, e Xcor deu-lhe um olhar, antes de voltar à observação.

Que desperdício. Assail – filho de um dos maiores Irmãos que já existiram – poderia ter sido um guerreiro, um lutador, talvez até um Irmão, mas sua mãe Escolhida caída em desgraça o tinha forçado a seguir um caminho divergente.

Embora fosse discutível se o bastardo ainda tinha pau, ele tinha forjado seu próprio destino em mais atividades, além de banheiras de mármore. Como estava, no entanto, ele era simplesmente outro dreno inútil na espécie, um mauricinho, com nada de valeroso com que ocupar suas noites.

Embora isto pudesse estar a ponto de mudar hoje.

Sob estes céus coberto de nuvens, contra o pano de fundo de relâmpagos, este macho era significativo, pelo menos por enquanto. Certo, as circunstâncias de sua relevância podiam lhe custar à vida, mas na história, livros serviam seus propósitos, ele podia bem ser lembrado por ter desempenhado um pequeno papel em um momento marcante da raça.

Não que ele desconfiasse disto, claro.

Novamente, um amigo não devia estar ciente de estar atraindo tubarões.

Analisando os andares novamente, Xcor decidiu que a ausência de árvores e arbustos era resultado de um processo de limpeza anterior à construção. Sem dúvida um aristocrata queria jardins trabalhados; o fato de que tornasse a casa mais vulnerável não era algo que fosse preocupar um sujeito como Assail.

As boas notícias eram que, apesar de, aparentemente haver aço na estrutura da casa – como parte de vigas, pregos fixadores do assoalho, coluna de sustentação do telhado – pelo menos era possível se aproximar, entrar e sair de todos aqueles vidros.

– Ah, sim, aqui está o orgulhoso anfitrião, – Xcor grunhiu ante a figura de um macho que atravessava a grande sala de estar.

Não havia nem mesmo cortinas para esconder sua presença. Era como se ele fosse um hamster em uma gaiola.

O macho merecia morrer por ser tão estúpido, e de fato, às costas de Xcor, a foice começou a cantarolar como um canto fúnebre.

Xcor aumentou o foco dos binóculos. Assail estava tirando algo do bolso da frente – um cigarro. E naturalmente, o isqueiro era dourado. Ele provavelmente achava que fogo, como carne empacotada, originava-se das lojas.

Seria um prazer matá-lo.

Junto com os outros, que logo apareceriam.

De fato, o Conselho da *glymera* tinha efetivamente ignorado Xcor e seu Bando de Bastardos. Não houve convite para reunião. Nenhum cumprimento por parte de seu *leahdyre*, Rehvenge. Nem mesmo uma resposta oficial à carta que ele tinha enviado, na primavera.

De início, isto o havia frustrado violentamente. Mas então, um passarinho tinha começado a cantar em seu ouvido, e outro caminho havia se revelado.

A melhor arma em uma guerra, frequentemente, não era uma adaga, ou uma arma, ou mesmo um canhão. Era algo invisível e mortal – ainda que não gás venenoso. Era algo que não tinha peso algum e importância inestimável.

Informação, sólida, informação confirmada, de uma fonte dentro do campo inimigo, tinha o tipo de poder de uma bomba atômica.

Sua carta ao Conselho havia sido recebida, e mais ainda, havia sido levada a sério. O grande Rei Cego, embora sem dizer nada, tinha imediatamente iniciado uma série de encontros com os cabeças das linhagens que restaram – pessoalmente, nas residências deles.

Jogada ousada em tempos de guerra – e provou que o desafio de Xcor tinha embasamento: Um rei não arriscava sua vida a menos que, estando fora de contato com seus súditos, fosse forçado a restabelecer a conexão.

Em retrospecto, isto era ainda melhor do que uma reunião com o Conselho. Havia um número limitado de membros restantes, e todos eles tinham residência conhecida. Wrath já tinha se encontrado com a maioria, e, graças àquele passarinho, Xcor já sabia quem faltava.

Mudando o foco para os arredores, ele alcançou o telhado. As varandas. A chaminé no canto próximo.

De acordo com a fonte de Xcor, Assail chegou na primavera, assumiu a posse desta propriedade, e... Era tudo o que os aristocratas sabiam. Bem, além da circunstância curiosa de que o macho não tinha trazido ninguém mais com ele – nem família, nem empregados, nem *shellan* – e que ele se mantinha discreto. Ambas eram coisas incomuns para um membro da *glymera*, mas então, talvez ele estivesse esperando para ver como as coisas se desenrolariam neste ambiente antes de trazer seu sangue para junto de si e entreter outros de sua laia...

Ele tinha um irmão mais novo, não tinha? Também mimado por aquela mãe Escolhida deles. Talvez uma meia-irmã de reputação duvidosa?

Por trás dele, Xcor ouviu seus soldados se esticarem, o couro estalando, as armas mudando de posição. Lá em cima, nuvens tempestuosas continuavam a liberar raios intermitentes de luz, com o som de base do trovão a ribombar à distância.

Ele devia ter desconfiado desde o início que o fim seria aquele: Se ele queria Wrath fora do trono, teria de tirá-lo ele mesmo. Confiar na *glymera* para qualquer coisa além de ilusões infundadas de grandeza tinha sido um erro.

Ao menos ele tinha um aliado infiltrado no Conselho. No final das contas, quando as coisas acabassem em bagunça, ele precisaria de apoio. Felizmente, havia mais pessoas que concordavam com ele, do que as que discordavam: Wrath não era nada mais do que uma figura decorativa, e apesar de que isto fosse aceitável em tempos de paz, nesta era de guerra e luta, isto era insuportável.

As Antigas Leis podiam manter aquele macho onde ele não pertencia, este tempo todo. Enquanto isto, Xcor esperaria pelo momento apropriado, e golpearia decisivamente.

Era hora do reinado de Wrath ser relegado a uma esquecível breve nota de rodapé.

– Eu odeio esperar, – Zypher murmurou.

– Esta é única qualidade que interessa, – Xcor retrucou.

No vestíbulo da mansão da Irmandade, todo mundo estava reunido para sair para a noite, os machos andando em círculos aos pés da grande escadaria, as armas cintilando em peitos e em quadris, as sobrelhas tensas sobre olhos frios, os corpos se movendo como de garanhões, cujos cascos não podiam se manter imóveis.

Das sombras do lado de fora da despensa do mordomo, No'One esperava Tohrment descer e se juntar a eles. Ele geralmente vinha entre os primeiros, mas ultimamente vinha se demorando mais e mais...

Lá estava ele, no alto da escada, vestido em couro preto.

Enquanto ele descia, segurou o corrimão, casualmente.

Ela não se deixou enganar.

Ele estava cada vez mais fraco nos últimos meses, seu corpo definhando, até que se tornou claro, que apenas sua sede de vingança era o que o mantinha em pé.

Ele estava faminto de sangue. Ainda que obviamente se recusasse a ceder àquela exigência da carne.

Desta forma, ela nervosamente esperava e observava, no início de cada noite e ao fim dela. Cada por do sol, ela esperava que ele descesse finalmente renovado. A cada quase amanhecer, ela se encontrava rezando para que ele voltasse vivo.

Querida Virgem Escriba, ele...

– Você está mal para caralho, – um dos Irmãos disse.

Tohrment ignorou o comentário, enquanto se aproximava do sólido macho que emparelhara Xhexania. Os dois eram uma equipe, pelo que ela podia ver, e estava grata por isso. O mais jovem devia ser um sangue-puro, apesar de sua nomenclatura, e ela ouvira inúmeras referências à valentia dele, em campo. Além disto, aquele guerreiro em particular nunca estava sozinho: Atrás dele, tão fiel quanto um reflexo, estava um soldado de aparência cruel, um com olhos de íris díspares e um ar calculista em seu olhar, que sugeria que ele era tão esperto quanto forte.

Ela tinha de acreditar que ambos interfeririam se Tohrment estivesse em perigo.

– Gostando da vista? Eu não.

Ela se assustou e girou rapidamente, seu manto a beira de esvoaçar-se. Lassiter tinha saído da despensa, sem que ela percebesse e preenchia a entrada da porta aberta, seu cabelo loiro-e-preto e seus piercings dourados, refletindo a luz do teto acima dele.

Seus olhos sábios eram sempre algo do que fugir, mas naquele momento, o olhar fixo branco não estava nela.

Cruzando seus braços sobre o peito e enfiando as mãos nas mangas do manto, ela voltou a olhar também para Tohrment. – Na verdade, eu não sei como ele continua a lutar.

– É hora de parar de enrolar em torno dele.

Ela não estava completamente certa de entender o significado, mas adivinhou. – Há Escolhidas que se disponibilizariam a alimentá-lo. Certamente ele poderia usar uma delas?

– Você fodidamente acha?

Ao mesmo tempo, o foco deles mudou, mas só por um momento, enquanto Wrath, o Rei Cego, aparecia no início das escadas e descia para a reunião. Ele estava vestido para a guerra, também, e seu amado cão não estava com ele – ele era guiado neste momento pela sua rainha, os dois em tal sincronia que se moviam na mesma postura, passo, equilíbrio.

Tohrment tinha tido aquilo uma vez, ela pensou.

– Eu queria que houvesse um jeito de ajudá-lo, – ela murmurou. – Eu faria qualquer coisa para vê-lo bem, ao invés de sozinho em seu sofrimento.

– Tem certeza disto? – veio a resposta sombria.

– Claro.

Lassiter colocou o rosto no ângulo de visão dela. – Você tem *mesmo* certeza disto?

Ela ia dar um passo atrás, mas se viu impedida pela moldura da porta. – Sim...

O anjo estendeu a mão espalmada. – Jure.

No'One franziu o cenho. – Não compreendo...

– Você disse que faria qualquer coisa... Eu quero que você jure. – Agora aqueles olhos brancos ardiam. – Estamos empacados desde a primavera, e não

temos toda a eternidade. Você diz que quer salvá-lo, e eu quero que você assuma este compromisso... Não importa o que custe.

De repente, como se a lembrança tivesse sido deliberadamente posta em sua mente – talvez pelo anjo, mas mais provavelmente, pela sua consciência – ela lembrou daqueles momentos depois do nascimento de Xhexania, quando sua dor física e sua agonia mental tinham se tornado uma coisa só, o equilíbrio finalmente equalizado enquanto a agonia em seu coração por tudo o que tinha perdido se manifestava em seu próprio núcleo...

Incapaz de carregar seus fardos, ela tinha tomado a adaga de Tohrment, do coldre no peito dele, e usara-a de uma maneira que o fizera gritar.

Seu lamento rouco tinha sido a última coisa que ela ouvira.

Olhando para cima, para o anjo, ela não era estúpida e também não era mais ingênua. – Você está sugerindo que eu o alimente.

– Sim. Estou. É hora de seguir para o próximo nível.

No'One teve de endurecer-se antes de olhar novamente para Tohrment. Mas enquanto ela fitava seu corpo fragilizado, ela se decidiu: Ele tivera de enterrá-la... Então, ela certamente poderia forçar-se a aceitá-lo em sua veia, para que pudesse lhe dar vida.

Assumindo que ele aceitaria o que fosse oferecido.

Assumindo que ela conseguisse se forçar.

De fato, mesmo em hipótese, seu corpo tremeu com o pensamento, mas sua mente rejeitava a resposta de sua carne. Este não era um macho interessado em nada dela. Realmente, ele era o único macho a quem poderia alimentar de forma segura.

– O sangue de uma Escolhida seria mais puro, – ela se ouviu dizer.

– E não nos levaria a lugar algum.

No'One balançou a cabeça, recusando-se a ler nas entrelinhas deste comentário. Então ela tomou a mão do anjo. – Eu servirei as necessidades de sangue dele, se ele vier a mim.

Lassiter fez uma ligeira reverência. – Eu tomarei conta desta parte. E vou lhe cobrar isto.

– Não vai ser preciso. Meu juramento é meu juramento.

Capítulo VINTE E UM

Em pé no vestíbulo com seus Irmãos, Tohr teve um mau pressentimento sobre como a noite seria. Mais uma vez ele havia acordado daquele sonho com sua Wellsie e a criança, o mesmo que ele tinha de tempos em tempos, mas que somente compreendera de verdade quando Lassiter forneceu o contexto. Ele sabia agora que os dois estavam no Limbo, amontoados debaixo de um cobertor cinza no meio de uma paisagem escura e cinza que era fria e inflexível.

Eles estavam gradualmente se movendo para longe.

A primeira vez que ele tinha tido a visão, ele havia sido capaz de distinguir cada fio de cabelo da cabeça de sua *shellan*... E as meias-luas brancas nas pontas das unhas dela... E a forma como as fibras do cobertor áspero capturavam a estranha luz ambiente...

Bem como os contornos do pequeno embrulho que ela embalava contra o coração.

Agora, porém, ela estava a metros de distância, o terreno cinza entre eles, algo que ele havia tentado cruzar, mas fora incapaz de percorrer. E, tão terrível quanto, ela tinha perdido toda a cor, rosto e cabelo tingidos agora com o cinza da prisão em ela estava presa.

Naturalmente, ele ficou louco quando acordou.

Pelo amor de Deus, ele tinha feito tudo que podia para seguir em frente nos últimos meses: Guardou o vestido. Desceu para a Primeira e Última refeição. Tentou a porra da yoga, besteira transcendental, e até mesmo chegou a entrar na internet para pesquisar as diferentes etapas do luto e outras bobagens de psicologismo barato.

Ele tentou não pensar em Wellsie conscientemente, e se o seu subconsciente expelia uma memória, ele a anulava. Quando seu coração doía, ele imaginava pombas brancas liberadas de gaiolas, represas estourando, estrelas cadentes, e um monte de outras estúpidas metáforas que faziam parte de cartazes motivacionais.

E ainda assim ele havia tido aquele sonho em tons de cinza.

E Lassiter ainda estava aqui.

Não estava funcionando...

– Tohr? Você está com a gente? – Wrath gritou.

– Sim.

– Tem certeza disso? – Depois de um momento, os óculos escuros de Wrath oscilaram de volta para o resto do grupo. – Então nós faremos assim. V, John Matthew, Qhuinn, e Tohr, comigo. Todos os demais em campo, prontos para entrar como apoio.

Houve um grito de acordo dos Irmãos, e eles estavam todos em fila passando pelo vestíbulo.

Tohr foi o último a passar pela porta, e justamente quando ele ia passar pelo batente, algo o fez parar e olhar por cima do ombro.

No'One havia saído de algum lugar, e estava parada na margem da representação da macieira no chão, o capuz e o manto fazendo-a parecer uma sombra que, de repente havia ficado em 3-D.

O tempo passou devagar e então rastejou até parar quando ele encontrou os olhos dela, alguma estranha atração mantendo-o onde ele estava.

Nos meses que se passaram desde a primavera, ele a tinha visto nas refeições, forçou-se a falar com ela, puxou-lhe a cadeira e a ajudou a se servir como fazia com as outras fêmeas da casa.

Mas ele não havia ficado sozinho com ela, e ele nunca tocava nela.

Por algum motivo, ele sentiu como se estivesse tocando nela agora. – No'One? – ele disse.

Os braços dela se revelaram para fora das mangas e suas mãos subiram para o capuz que lhe cobria a face. Com graça, ela se revelou para ele.

Os olhos dela estavam luminosos e um pouco assustados, seus traços tão perfeitos como tinham sido na primavera no Santuário. E mais para baixo, sua garganta era uma perfeita e pálida coluna de carne... A qual ela tocou levemente com as pontas dos dedos que tremiam.

Vinda do nada, a fome o golpeou com força, a necessidade reverberando através do corpo dele, alongando suas presas, separando seus lábios...

– Tohr? Que porra é essa?

A voz afiada de V quebrou o feitiço, e maldizendo, ele olhou por sobre seu ombro. – Estou indo...

– Ótimo. Porque o rei está esperando por você, falou?

Tohr olhou de volta através do vestibulo, mas No'One tinha ido embora. Como se ela nunca tivesse estado lá.

Esfregando os olhos, ele se perguntou se tinha imaginado a coisa toda. Havia ele se esgotado ao ponto da alucinação...

Se ele estava vendo coisas, não era exaustão, uma parte dele observou.

– Não diga mais uma palavra. – ele murmurou quando passou por seu Irmão.
– Nem mais uma maldita coisa.

Como V começou a falar bem baixo, era obviamente uma ladainha de todos os erros de Tohr, reais e imaginados, mas que fosse. Pelo menos aquela merda estava mantendo a boca do filho da puta ocupada enquanto eles caminhavam em direção a Wrath, John Matthew e Qhuinn.

– Pronto. – Tohr anunciou.

Nenhum deles precisava lhe dizer “até que enfim” verbalmente. Suas expressões eram gritantes o suficiente.

Segundos depois, os cinco se rematerializaram no gramado ondulante de uma casa tão grande que você poderia manter um exército nela. Tragicamente, apenas o proprietário estava na residência, porque ele era tudo o que havia restado da linhagem.

Eles tinham estado em tantas casas como essa ao longo dos últimos meses. Em muitas. E as histórias eram todas iguais. Famílias dizimadas. Esperança destruída. Aqueles deixados para trás sobrevivendo, não vivendo.

A Irmandade não estava muito certa de que estas visitas eram bem-vindas, muito embora, naturalmente, ninguém recusava o rei. E eles não se arriscavam. Com

as armas em mãos, a formação que assumiram ao se aproximarem da porta era com Tohr na frente de Wrath, V na retaguarda, John na mão de adaga do rei, e Qhuinn do outro lado.

Mais duas outras reuniões como essa e eles poderiam fazer uma pausa...

O que se passou a seguir provou que o inesperado pode acontecer num instante.

Abruptamente, o mundo começou a girar, a ampla casa antiga se torcendo e girando como se tivesse uma batedeira na fundação.

– Tohr! – Alguém gritou.

Uma mão o agarrou. Algum outro praguejou.

– Ele foi baleado?

– Filho da mãe...

Xingando, Tohr afastou todos eles de si e recuperou o equilíbrio. – Pelo amor de Deus, estou bem...

V se encostou tanto nele que o bastardo estava praticamente dentro de seu nariz. – Vá para casa.

– Por acaso você ficou louco...

– Você é uma vulnerabilidade aqui. Eu estou chamando reforços.

Tohr estava pronto para argumentar, mas Wrath apenas balançou a cabeça. – Você precisa se alimentar, meu irmão. Já é hora.

– Layla está pronta para isso. – Qhuinn emendou. – Eu tenho cuidado da manutenção dela deste lado.

Tohr olhou para os quatro e sabia que tinha perdido. Cristo, V já estava com o telefone no ouvido.

Ele também sabia que em certo ponto eles tinham razão. Mas Deus, ele não queria enfrentar aquele calvário de novo.

– Vá para casa. – Wrath ordenou.

V pôs seu celular longe. – A posição de Rhage é... Bingo.

Quando Hollywood apareceu, Tohr resmungou um par de vezes. Mas não havia como enfrentá-los... Ou a sua realidade.

Com todo o entusiasmo de alguém que enfrenta a amputação de um membro, ele voltou para a mansão... Para ir procurar a Escolhida Layla.

Foda.

Através de seus binóculos, Xcor assistiu ao venerável Assail caminhando em sua enorme cozinha e parar em uma janela que dava para a direção dos bastardos.

O macho ainda era pecaminosamente bonito, com o cabelo escuro e violentamente negro e pele bronzeada. As características eram tão aristocráticas, e ele realmente parecia inteligente... Embora esta fosse a coisa com a *glymera*. Frequentemente as pessoas com feições finas e corpos adequados eram erroneamente assumidas pelas outras como tendo também o cérebro compatível.

Quando o vampiro caiu em algum tipo de atividade, Xcor franziu a testa e se perguntou se ele não estava vendo coisas. Realmente... Não. Parecia que o homem estava de fato checando o mecanismo de uma arma como se estivesse acostumado a fazer isso. E depois que ele enfiou a arma sob aquele paletó preto precisamente costurado, ele pegou outra e prosseguiu com o mesmo processo.

Estranho.

A menos que o rei o tenha alertado de que poderia haver problemas na visita? Mas não, isso seria idiota. Se você fosse o assento do poder da raça, você não iria querer aparecer sob o cerco.

Especialmente se você de fato estivesse no cerco.

– Ele está partindo. – Xcor anunciou quando Assail pareceu se dirigir para a garagem. – Ele não tem um encontro com Wrath. Pelo menos não essa noite... Ou certamente não aqui. Vamos atravessar o rio. Agora.

Em um instante, eles desmaterializaram, reassumindo suas formas no grupo de pinheiros na margem da propriedade.

Ele estava errado sobre o paisagismo, Xcor percebeu. Havia manchas circulares por todo o gramado onde a grama estava preenchendo, e aqui, em torno da parte de trás da casa, havia uma pilha primorosamente empilhada de não simplesmente lenha, mas de árvores inteiras.

Assim como um machado enterrado em um toco, e uma serrilha... Com madeira amarrada recém-cortada para queimar.

Então o macho tinha algum *doggen*, pelo menos. E aparentemente considerava o quão importante era não fornecer cobertura para atacantes. A menos que a retirada das árvores tenha sido por uma questão de estética?

Não havia muito mais do que floresta desse lado da casa.

De fato, Assail não parecia ser o típico aristocrata, Xcor pensou sombriamente. A questão era o porquê.

A porta da garagem mais próxima da casa começou a subir silenciosamente, a sua ascensão desencadeando uma ampliação da luz. Dentro, um poderoso motor acelerou, e então alguma variedade de uma coisa rebaixada, algo negro e brilhante, saiu em marcha ré.

Quando o veículo parou e a porta começou a descer, ficou claro que Assail estava esperando pacientemente até que a casa estivesse segura antes dele sair.

E então quando ele saiu, ele não foi rápido; e não estava com seus faróis acesos.

– Vamos segui-lo. – Xcor ordenou, fechando os binóculos e prendendo-os em seu cinto.

Desmaterializando em intervalos, eles foram capazes de acompanhar o macho descendo o rio em direção Caldwell. A perseguição não apresentou nenhum desafio. Apesar de estar atrás do volante do que parecia ser um carro esportivo de considerável velocidade, Assail parecia não ter nenhuma pressa... O que, em outras circunstâncias, Xcor teria assinalado o macho como sendo um aristocrata típico sem nada melhor para fazer do que parecer bem em um assento de couro.

Mas talvez não neste caso...

O carro parou em todas as luzes vermelhas, evitou a autoestrada, e penetrou em ruas e becos do centro da cidade com a mesma falta de entusiasmo.

Assail foi para a esquerda, depois à direita... Esquerda de novo. Outra esquerda. Ainda mais voltas, até que ele estava na parte mais antiga do bosque da cidade, onde os edifícios de tijolo estavam dilapidados, e onde os missionários e cozinhas voluntárias servindo alimentos aos desabrigados eram mais comuns do que empresas com fins lucrativos.

Um caminho mais sinuoso não poderia ter sido tomado.

Xcor e seu bando de bastardos eram por ele mantidos aparecendo de telhado em telhado, uma prática que se tornou complicada com as condições degradadas.

Exceto que então o carro parou em um beco apertado entre um cortiço que havia sido condenado e a casca desmoronada de um prédio sem elevador. Quando Assail saiu, ele fumava seu charuto, a fumaça doce sendo levada pela corrente de ar para o nariz de Xcor.

Por um momento, Xcor perguntou se eles tinham sido atraídos para uma armadilha... E quando ele pegou em sua arma, seus soldados fizeram o mesmo. Mas então, um grande sedan preto fez uma ampla curva e rolou na pista. Enquanto parava diante dele, a posição escolhida por Assail se tornou clara. Ao contrário dos recém-chegados, o vampiro tinha estacionado em frente às quatro vias, para que assim ele pudesse ir em qualquer direção.

Esperto, caso alguém quisesse fugir.

Humanos emergiram do outro carro. Quatro deles.

– Está aqui sozinho? – o da frente perguntou.

– Sim. Como vocês pediram.

Os humanos compartilharam olhares que sugeriam que a obediência do macho era loucura. – Você tem o dinheiro?

– Sim.

– Onde está?

– Em minha posse. – O inglês do macho era semelhante ao de Xcor – com forte sotaque – mas a comparação terminava aí. Esse era um sotaque da classe alta, e não um irlandês grosseiro. – Você tem minha mercadoria?

– Sim, nós temos. Vamos ver o dinheiro.

– Depois que eu inspecionar o que você me trouxe.

O homem que estava falando tirou uma arma e apontou-a para o peito do vampiro. – Essa não é a maneira como nós vamos fazer isso.

Assail lançou uma nuvem de fumaça azul e rolou o charuto entre as pontas dos dedos.

– Você ouviu o que eu disse, imbecil? – O humano gritou enquanto os três atrás dele sumiram com suas mãos dentro de seus paletós.

– Sim.

– Isso vai ser feito do jeito que *nós* queremos, imbecil.

– Isso seria “Assailtar”, senhor.

– Vá se foder. Me dê a grana.

– Hum. De fato. Da forma que você exigiu.

De repente os olhos do vampiro se fixaram nos do humano, e depois de um momento, a arma na palma daquela mão começou a vibrar ligeiramente. Com o cenho franzido, o cara olhou para sua mão, como se ele estivesse enviando um comando para ela.

– Porém, não é assim que *eu* faço negócios. – Assail murmurou.

A boca daquela arma gradualmente começou a se mover, se afastando do vampiro e se movendo em um amplo círculo cada vez mais longe. Com pânico crescente, o homem agarrou seu próprio pulso, como se estivesse lutando com outra pessoa, mas nenhum de seus esforços ocasionou uma mudança na trajetória.

Enquanto a arma estava lentamente se voltando para seu próprio operador, os outros homens começaram a gritar e a ficarem nervosos. O vampiro não disse nada, não fez nada, mantendo-se absolutamente calmo e no controle enquanto ele

congelava aqueles três no local, bloqueando seus corpos, mas não os seus rostos. Oh, aquelas expressões de pânico. Eram especialmente deliciosas.

Quando a arma estava na têmpora do homem, Assail sorriu, mostrando os dentes brancos que brilhavam na escuridão.

– Permita-me mostrar como eu faço negócios. – ele disse em uma voz baixa.

E então o homem puxou o gatilho e atirou na própria cabeça.

Quando o corpo caiu no chão e o som do tiro ecoou, os olhos dos homens restantes se abriam largamente em horror, mesmo enquanto seus corpos permaneceram imobilizados.

– Você. – Assail disse para o mais próximo do sedan. – Traga-me o que eu comprei.

– Eu-eu-eu... – O homem engoliu em seco. – Nós não temos nada.

Com a altivez digna de um rei, Assail rebateu: – Desculpe-me, o que você disse?

– Nós não trouxemos nada.

– E por que não?

– Porque nós iríamos... – O homem teve outra tentativa de deglutição. – Nós iríamos...

– Vocês iriam pegar meu dinheiro e me deixar para morrer? – Quando não houve resposta, Assail assentiu com a cabeça. – Eu posso ver o valor nisso. E sem dúvida vocês irão entender o que devo fazer agora.

Enquanto o vampiro fumava seu charuto, o homem que tinha falado começou a reposicionar sua própria arma, a boca da arma acabando em cima de sua têmpora.

Um por um, mais três tiros foram disparados.

E então o vampiro vagueou e apagou seu charuto na boca morta do primeiro que caiu.

Xcor riu suavemente quando Assail retornou ao seu veículo.

– Nós vamos segui-lo? – Zypher perguntou.

E não era essa a questão? Havia *lessers* para lutar aqui no centro da cidade, e não havia motivo para se importar se Assail estava fazendo dinheiro com os vícios dos humanos. Ainda assim, havia muito da noite para ser utilizada, e ainda podia haver um encontro entre o macho e o rei.

– Sim. – respondeu Xcor. – Mas só eu e Throe. Se houver uma reunião com Wrath, nós encontraremos vocês.

– É por isso que todos nós precisamos de telefones celulares. – Throe disse. – Mais rápido, melhor coordenação.

Xcor rangeu os dentes. Desde sua chegada ao Novo Mundo, ele havia permitido Throe utilizar apenas um celular, e nenhum outro: os sentidos de olfato e audição de um lutador, seu instinto afiado por treinamento e prática, seu conhecimento de seu inimigo e de si mesmo, esses não vem com uma conta mensal, a necessidade de recarga, ou a ameaça de ser posto de lado e perdido ou roubado.

Ignorando o comentário, Xcor ordenou: – O resto de vocês vai em frente e encontrem o inimigo.

– Qual deles? – Zypher disse com uma gargalhada. – Há um número crescente deles para escolher.

De fato. Como Assail que não estava se comportando como um aristocrata. Ele estava agindo como um macho que pode estar tentando construir uma espécie de império próprio.

Era perfeitamente possível que este membro da *glymera* fosse o tipo de vampiro de Xcor. O que significava que ele poderia muito bem ter de ser eliminado em algum ponto – e não simplesmente como um efeito colateral.

Havia espaço para apenas um rei em Caldwell.

Capítulo VINTE E DOIS

Quando Tohr retomou forma na mansão da Irmandade, ele estava puto da vida com o mundo. Em grande escala. Bravo como uma víbora.

Caminhando pelo vestíbulo, rezou para que Fritz somente liberasse a porta a distância, e não fizesse a rotina pessoal. Ninguém precisava vê-lo do jeito que estava...

Suas preces foram atendidas quando a porta interna se abriu, e ele marchou pelo saguão para uma audiência vazia. Por todo o primeiro andar a casa estava silenciosa, os *doggen* aproveitando a oportunidade de cuidar dos quartos de cima antes do início da preparação da Última Refeição.

Merda. Ele provavelmente precisaria mandar uma mensagem a Phury para saber onde Layla estava...

Em um instinto súbito e incontrolável, sua cabeça girou no pescoço, os olhos focando a sala de jantar.

Algo dentro dele disse para continuar andando, o impulso carregando-o através dos arcos, passando pela mesa grande e brilhante... E pela porta basculante da cozinha.

No'One estava no balcão, quebrando ovos em uma tigela de cerâmica...

Sozinha.

Ela parou no meio do ato, seu capuz se erguendo e virando para olhá-lo.

Por alguma razão, seu coração começou a bater forte. – Eu imaginei você? – ele disse.

– Perdão?

– Eu a imaginei no vestíbulo antes de sair?

No'One baixou lentamente a mão, evitando que o ovo espatifasse. Temporariamente. – Não. Não imaginou.

– Tire seu capuz de novo.

Não era um pedido, era uma ordem – o tipo de coisa que Wellsie jamais teria aceitado. No’One, por outro lado, solenemente obedeceu.

E ali estava ela, revelada para seus olhos, a capa de cabelos louros terminando no início da trança, as bochechas pálidas e olhos luminosos, seu rosto...

– Eu disse a Lassiter... – Ela limpou a garganta. – Lassiter me perguntou se eu podia alimentá-lo.

– E você disse.

– Sim.

De repente, ele se lembrou dela naquela piscina, flutuando de costas, completamente nua, com a língua penetrante da água lambendo sua pele morna.

Inteira.

Tohr estendeu uma mão e apoiou-se em um armário. Difícil saber o que o afetava mais: a súbita necessidade de tomar a garganta dela, ou seu completo desespero diante do pensamento de fazer isto.

– Eu ainda amo minha *shellan*, – ouviu-se dizer.

E aquele continuava a ser o problema: Todas as decisões do mundo, toda a merda de virar-uma-nova-página-e-deixá-la-ir, não tinha mudado seus sentimentos nem um pouco.

– Eu sei, – No’One respondeu. – E isto me deixa feliz.

– Eu devia usar uma Escolhida. – Ele deu um passo em sua direção.

– Eu sei. E concordo. O sangue delas é mais puro.

Ele deu outro passo a frente. – Você é de uma boa linhagem.

– Era, – disse ela rigidamente.

Quando os ombros estreitos dela começaram a tremer levemente – como se tivesse sentido a fome dele – o predador nele despertou. Subitamente, encontrou-se querendo pular em cima do balcão onde ela estava, para que pudesse...

Fazer o quê?

Bem, era óbvio.

Mesmo que seu coração e sua mente não fossem nada além de um rinque vazio de patinação no gelo, totalmente congelado e liso pra caralho, o resto dele estava vivo, seu corpo pulsando com um propósito que ameaçava abater as boas intenções, decoro apropriado... E seu processo de luto.

Enquanto ele dava mais passos em sua direção, teve um pensamento assustador de que isto era o que Lassiter quisera dizer por seguir adiante: neste momento ele estava deixando Wellsie para trás. Ele não tinha consciência de nada mais, além da diminuta fêmea a sua frente, que lutava para ficar parada enquanto era caçada por um Irmão.

Ele parou apenas quando não estava a mais de trinta centímetros de distância. Olhando para baixo, para cabeça encurvada dela, seus olhos se travaram na pulsação frágil em sua veia jugular.

Ela respirava com mais dificuldade do que ele.

E quando ele inalou, capturou uma essência.

Não era medo.

Querida Virgem Escriba, ele era enorme.

Enquanto No'One permanecia imóvel, a espera do grande guerreiro que vinha para cima dela, sentiu o calor que vinha do corpo sólido dele certo como se estivesse próxima a um furioso fogo. E ainda assim... Ela não estava sendo queimada. E não estava com medo. Sentia-se aquecida em um lugar profundo, tão enterrado dentro dela, que ela não reconhecia imediatamente como parte de sua estrutura interna.

Tudo o que sabia é que ele tomaria sua veia em alguns instantes, e ela permitiria – não porque o anjo pedira, e não porque ela tinha jurado, e não para consertar algo do passado.

Ela... Queria isto dele.

Quando ele chiou, ela soube que Tohrment abrira a boca para expor as presas.

Seria agora. E ela não erguera a manga. Desamarrara o topo do manto, descera o tecido pelos ombros e inclinara a cabeça para o lado.

Oferecendo a ele sua garganta.

Oh, como o coração dela batia.

– Não aqui, – ele grunhiu. – Venha comigo.

Pegando-a pela mão, ele a levou para a despensa do mordomo e fechou a porta. A pequena e apertada sala era cheia de prateleiras de frutas e vegetais enlatados, o ar parado e morno cheirava a grãos recém-moídos e à doçura seca da farinha.

Quando a luz acima de suas cabeças se acendeu, e a porta se trancou sozinha, ela soube que ele tinha feito isto com o pensamento.

E então ele só a encarou enquanto as presas se alongaram ainda mais, as pontas brancas gêmeas aparecendo por onde seus lábios se separavam, seus olhos brilhando.

– O que eu faço? – ela disse roucamente.

Ele franziu o cenho. – O que quer dizer?

– O que eu... Faço por você? – O *sympath* tinha tomado o que quisera e ao inferno com ela. E seu pai nunca tinha permitido, naturalmente, que qualquer macho se alimentasse dela. Haveria uma maneira correta para...

Subitamente, Tohrment pareceu sair do vortex, algo o trazendo, de volta de uma consciência diferente. E ainda assim, seu corpo continuou totalmente tenso, seu peso mudando de uma bota a outra, as mãos se fechando em punhos e se abrindo, se fechando... E se abrindo.

– Você nunca...

– Meu pai estava me guardando. E quando eu fui sequestrada... Eu nunca fiz isto da maneira adequada.

Tohrment colocou a mão sobre a sua cabeça como se ele tivesse uma dor dentro dela. – Olha, isto é...

– Diga-me o que fazer.

Conforme ele experimentava seus olhos sobre ela mais uma vez, ela refletiu como o nome dele era de fato adequado. Com, o quanto ele era atormentado.

– Eu preciso disto, – ele disse, como se falando para si mesmo.

– Sim, você precisa. Você está tão magro que me dói vê-lo.

Só que ele ia parar isto, ela pensou enquanto o olhar dele se enevoava. E ela sabia o motivo.

– Ela é bem-vinda neste espaço, – No’One disse. – Traga sua *shellan* em sua mente. Deixe-a tomar meu lugar.

Qualquer coisa para ajudá-lo. Pela grande gentileza que Tohrment demonstrara para seu antigo eu, e as maquinacões cruéis do destino contra ele, ela faria qualquer coisa para ajudá-lo.

– Eu posso machucá-la, – ele disse severamente.

– Não será pior do que algo a que eu já tenha sobrevivido.

– Por que...

– Pare de falar. Para de tentar pensar. Faça o que é preciso para cuidar de si mesmo.

Houve um longo e tenso silêncio. E então a luz se apagou, a salinha escureceu, com a única iluminação sendo aquela que sangrava pelo vidro leitoso dos painéis de vidro da porta.

Ela ofegou.

Ele respirou mais forte.

E então um braço se aferrou a sua cintura e puxou-a para frente. Enquanto ela batia contra a parede de seu peito, era como se tivesse sido jogada contra uma rocha, e ela cegamente jogou as mãos procurando por algo em que se apoiar...

A carne dos braços dele era suave e quente, a pele fina cobrindo os músculos.

Puxando. Puxando em sua trança. Então torcendo... E seu cabelo foi solto, seu couro cabeludo livre do elástico e poupado da prisão, a liberação puxando sua cabeça para trás.

Uma mão grande se enredou em suas mechas, apertando-as, puxando para baixo. E enquanto o pescoço dela se esticava mais, sua espinha foi forçada a seguir até que ela esteve totalmente apoiada na força dele.

Desorientada e sem equilíbrio, ela momentaneamente perdeu o propósito, tal como ele tinha estado antes da escuridão ter sido forjada.

Procurando pelo rosto dele, ela encontrou. Mas não havia alívio ali. Ela não conseguia ver as feições, não conseguia encontrá-lo no corpo masculino que estava contra ela.

Instantaneamente, a visão dele se tornou nada mais do que linhas e ângulos anônimos. E o corpo dele não era o de Tohrment, o Irmão que cuidara de salvá-la, mas de outro estranho.

Não havia maneira de voltar, no entanto, não tinha como parar o giro da roda que ela tinha iniciado.

O agarre dele, seus braços, seu corpo ainda mais tenso até esmagá-la contra ele. E enquanto ela enrijecia, ele baixou a cabeça, um grunhido primitivo emanou das profundezas daquelas costelas dele, uma essência escura e rica permeando seu medo.

Houve outro chiado, seguido por um arranhão fino que começou em sua clavícula e seguiu subindo mais acima.

O pânico a engolfou.

A presença dele, seu agarre, o fato de que ela não conseguia enxergar apropriadamente, tudo naquela experiência levou-a de volta ao passado, e ela começou a lutar.

Foi quando ele a mordeu.

Violentemente.

No'One gritou e tentou empurrá-lo, mas as presas dele já estavam afundadas, a dor doce como ser espetada. E então a sucção, a poderosa sucção que foi acompanhada por um tremor selvagem do corpo dele.

Algo duro se projetou dos quadris dele. Pressionando-a na barriga.

Usando toda sua força, ela tentou novamente se libertar, mas seus esforços eram uma brisa em comparação ao furacão da força dele.

E então... A pélvis dele começou a se mover contra ela, girando, aquela excitação dele empurrando contra seu manto, procurando um caminho para dentro enquanto ele tomava profundamente dela, gemidos de satisfação se elevando no ar entre eles.

Ele nem ao menos percebera o medo dela, tão envolvido ele estava.

E a mente consciente dela não conseguia esquecer o fato de que quisera isto dele.

Olhando para o teto, ela se lembrou das outras vezes que tinha lutado em vão, e rezou, como tinha rezado antes, para que aquilo acabasse logo.

Querida Virgem Escriba, o que ela tinha feito...

O corpo contra o de Tohr rendeu tudo o que podia: sangue, fôlego e carne. E malditos fossem os dois, mas ele tomou, tomou forte e vorazmente, bebendo profundo, e querendo mais do que apenas a veia.

Ele queria o núcleo desta fêmea.

Ele queria estar dentro dela enquanto tomasse dela.

E esta era a verdade mesmo que ele estivesse agudamente consciente do fato de que esta não era sua Wellsie. Seu cabelo não se sentia igual – O de No'One caía em suave extensão, não cachos finos. Seu sangue não tinha o mesmo gosto – o sabor rico em sua língua e o sabor picante no fundo de sua garganta eram diferentes. E seu corpo era mais fino e mais delicado, ao invés de robusto e poderoso.

Mas ele ainda a queria.

Seu maldito pau estava rugindo sem pedir licença – pronto para tomar e tomar e... Possuir ao mesmo tempo. Ao menos sexualmente.

Merda, esta bola de fogo de desejo e necessidade não era nada como a alimentação anêmica e pálida que tinha tido com a Escolhida Selenia. Isto era o que devia ser, este abandono, esta ruptura da capa civilizada para revelar o animal que havia por dentro.

E maldito fosse, ele iria adiante.

Reposicionando No'One, ele deixou que o apertão em sua cintura fosse abaixo até que ele estava agarrando a parte baixa de suas costas, e então os quadris... E então o traseiro dela.

Subitamente, ele a empurrou no armário de copos, os painéis nas portas fazendo barulho. Ele não quis ser rude, mas era impossível lutar contra a necessidade. E pior, no fundo de sua mente, ele não queria.

Levantando sua cabeça, ele soltou um rugido que machucou até mesmo seu próprio ouvido, e então a mordeu novamente, seu controle colapsando ante o banquete de seus sentidos famintos.

A segunda mordida foi mais alta e mais perto da mandíbula dela, e a sucção se tornou ainda mais intensa, a nutrição dela acelerando para as fibras de seus músculos, fortalecendo-o, restaurando-o, fazendo-o completo fisicamente novamente.

A sucção... Porra... A sucção...

Quando ele finalmente levantou a cabeça, ele estava bêbado dela, sua mente girando por razões diferentes da fome de sangue anterior. A próxima coisa seria sexo, e ele de fato já procurava uma cama em volta.

Só que... Eles estavam na despensa do mordomo? Que diabos?

Cristo, ele não conseguia nem lembrar como isto tinha acontecido.

Ele tinha certeza, no entanto, que não queria ela sangrando, então baixou a cabeça para a garganta dela. Esticando a língua, ele lambeu a coluna que tinha mordido duas vezes, sentindo veludo e o gosto dela, e o cheiro dela...

A essência que penetrou seu nariz não era um perfume comercial.

E não era o aroma suculento de excitação feminina, que ele tinha sentido no começo.

Ela estava aterrorizada.

– No’One? – ele disse, enquanto sentia-a tremer, pela primeira vez.

Com um choro rouco, ela começou a soluçar, e em seu choque, ele ficou momentaneamente anestesiado. Então, enquanto a sensação voltava, ele sentiu tudo claramente demais: suas unhas afundando-se em seus bíceps, seu corpo delicado tentando se libertar.

Ele a soltou imediatamente...

No’One caiu no armário do canto e então foi para a porta, brigando com a maçaneta, fazendo tanta força que o vidro opaco certamente iria se quebrar.

– Espere, eu deixo você...

No instante em que ele liberou a fechadura ela correu para fora, voando pela cozinha e pelo outro lado, como se estivesse correndo para salvar sua vida querida.

– Merda! – Ele foi atrás dela. – No’One!

Ele não se importava se alguém o escutasse chamando seu nome de novo, sua voz ecoando pelo teto alto da sala de jantar enquanto ele passava voando pela longa mesa e chegava ao vestibulo.

Enquanto ela atravessava a figura da macieira no chão, ele lembrou-se da noite em que eles tinham tentado levá-la a casa de seu pai, sua camisola noturna voando atrás dela, transformando-a em um fantasma enquanto corria pelo campo à luz da lua.

Agora o manto dela esvoaçava às suas costas enquanto corria pelas escadas.

O pânico de Tohr estava em níveis tão altos que ele se desmaterializou, reassumindo forma no meio da escada e ainda assim não na frente dela. Continuando a perseguição a pé, ele seguiu pelo estúdio de Wrath, e pelo corredor à direita.

No segundo em que ela chegou ao quarto em que ocupava, ela se jogou para dentro e bateu a porta.

Ele chegou ao painel de madeira bem a tempo de ouvir a tranca girar.

Enquanto o sangue dela corria pelo seu sistema, dando-lhe o poder do qual sentira tanta falta, o apetite por comida que não vinha tendo, e a clareza mental que estivera no comando por eras, ele lembrou tudo o que não tinha lembrado enquanto estivera na garganta dela.

Ela tinha se dado de bom grado, generosamente, e ele tinha tomado demais, rápido demais, em um quarto escuro onde poderia ter sido qualquer um que não aquele que ela concordara em alimentar.

Ele a assustara. Ou pior.

Girando, ele encostou as costas na porta e deixou seus joelhos falharem até que seu traseiro chegou ao chão. – Merda... Maldito inferno...

Maldito fosse ele.

Oh, espere, maldito ele já era.

Capítulo VINTE E TRÊS

Quase na hora de fechar o Iron Mask, Xhex estava em seu escritório, balançando a cabeça para Big Rob. Em sua mesa, entre eles, havia mais três pacotes daquela cocaína com o símbolo da morte na embalagem. – Está brincando comigo com esta merda?

– Tirei isto de um cara há dez minutos.

– Você o segurou?

– Dentro da legalidade. Disse-lhe que estava cuidando da papelada. Não mencionei exatamente que ele era livre para partir... Felizmente, o cará está tão bêbado, que não está preocupado com seus direitos civis.

– Deixe-me ir falar com ele.

– Você sabe onde ele está.

Ela saiu, e virou à esquerda. A sala de interrogatório ficava no final do salão, e não havia fechadura na porta – a última coisa que eles queriam era problema com o Departamento de Polícia de Cadwell. Fazer disto mais problemas: Dado o que rolava sob este teto todas as noites, a polícia vinha xeretar de vez em quando.

Abrindo a porta, ela praguejou baixinho. O cara sentado à mesa estava dobrado sobre si mesmo, seu queixo encostado no peito, seus braços pendendo soltos, seus joelhos abertos. Estava vestido como um dândi fora-de-moda, estilo steam-punk²⁷, ostentando um terno preto justo e uma camisa branca com um colarinho alto de rendas – e naturalmente, algo estava errado sobre o tópic. O tecido, para começar. O fato de que nada disso era feito a mão, para completar. Os botões... Mas era isso que acontecia quando humanos que se fingiam de entendidos, mergulhavam seus dedos em águas históricas. Eles faziam a merda errada, o tempo todo.

Fechando a porta silenciosamente, ela caminhou até ele em silêncio, fechou um punho... E *bateu* na mesa para acordá-lo.

²⁷ Estilo surgido durante os anos 80 até finais dos anos 90 que incorporam elementos de ficção científica, fantasia, horror histórico e ficção especulativa.

Oh, veja, ele tinha uma pequena bengala para completar o modelito. E um chapéu.

Quando o cara se espreguiçou, apoiando-se em somente duas pernas da cadeira, ela agarrou a bengala de ébano e deixou a gravidade decidir o que fazer com o humano...

Que. Fofo. Na boca aberta dele, duas presas de porcelana projetadas tinham sido coladas sobre seus caninos. Aparentemente isto o fazia se sentir ainda mais Frank Langella²⁸.

Ela se sentou exatamente enquanto ele caía de costas, e estudou a caveira prateada no topo da bengala, enquanto ele se levantava do chão, arrumava sua fantasia de idiota assim como a cadeira, e sentava-se de novo. Enquanto ele alisava o cabelo negro, as raízes se mostravam mais castanhas.

– Sim, vamos deixá-lo ir, – ela disse antes que perguntasse. – E contanto que você me diga o que quero saber, eu não vou colocar nossos amigos abaixo do DPC²⁹ envolvidos.

– Ok. É. Obrigado.

Pelo menos ele não tentou fingir sotaque inglês. – Onde você arranhou a coca? – Ela ergueu uma mão no momento em que ele abriu a boca. – Antes que me diga que é de seu amigo e que estava apenas mantendo para ele, ou que você pegou o casaco emprestado e isto estava no bolso, a polícia não vai acreditar nesta besteira mais do que eu – mas eu garanto que eles vão começar a ouvir a mentira.

Houve um longo silêncio, durante o qual ela olhou para ele. Ele até mesmo usava lentes de contato vermelhas, para fazer as íris parecerem cintilar.

Ela se perguntou se ele já tentara se desmaterializar atravessando uma parede.

Ela estava pronta para ajudá-lo nesta tentativa.

– Eu fiz a compra na esquina da Trade com a Décima Oitava. Cerca de três horas atrás. Eu não sei o nome do cara, mas ele geralmente está lá todas as noites, entre onze e meia-noite.

²⁸ Ator que interpretou Drácula no filme homônimo em 1979.

²⁹ Departamento de Polícia de Cadwell.

– Ele só vende a merda marcada com este símbolo?

– Não. – O cara pareceu relaxar, seu sotaque de Nova Jersey cada vez mais forte. – Ele tem de tudo. Desde a primavera, eu só consegui achar coca algumas vezes. Mas, sei lá, há mais ou menos um mês ele tem sempre. É disto que eu gosto.

Seria esta a interpretação de Drácula uma revolta contra o sistema? Ela se perguntou.

– Como se chama? – ela perguntou.

– Adaga. Combina com quem eu sou. – Enquanto ele se levantava, o anel que levava no dedo mínimo refletiu a luz. – Eu sou um vampiro.

– Meeeeesmo? Eu achei que eles não existissem.

– Oh, nós somos bem reais. – Ele deu a ela mais uma vez, um olhar todo Lothario³⁰. – Eu podia lhe apresentar umas pessoas. Trazê-la para o coven³¹.

– Isto não é para bruxas?

– Eu tenho três esposas, sabe.

– Parece superlotada a sua casa.

– Estou procurando uma quarta.

– Bela oferta, mas sou casada. – Quando ela disse as palavras, seu peito doeu. – Felizmente, devo completar.

Ela não tinha certeza sobre por de que benefício tinha embutido isso. Deus, John...

O toque na porta foi suave. – Sim, – ela disse sobre o ombro.

– Você tem visita.

No instante em que a resposta atingiu seus ouvidos, seu corpo retomou vida, e repentinamente ela estava pronta para jogar este filho da puta a lá Halloween de cabeça pela porta.

³⁰ Na peça *The Fair Penitent* (1703) de Nicholas Rowe, Lothario é o personagem que seduz e trai Calista. A palavra “Lothario” então passou a significar na expressão inglesa um homem sedutor e irresistível para as mulheres.

³¹ O sentido originário da palavra designa uma reunião de bruxas, mas ultimamente é usado também para vampiros.

John chegou mais cedo esta noite, o que estava bem para ela.

– Terminamos, – ela anunciou, ficando de pé.

O humano levantou-se, com suas narinas se alargando. – Deus, seu perfume é... Fantástico.

– Não traga esta merda para minha casa novamente, ou da próxima vez, nos não iremos ter conversa alguma. Entendido?

Abrindo a porta, ela foi atingida pela essência de vinculação de seu macho: Aquele aroma sombrio estava inundando o hall...

E lá estava ele, do outro lado, parado do lado de fora de seu escritório.

Seu John.

Quando a cabeça dele se voltou para olhá-la, ele ergueu o queixo e sorriu, seus olhos parecendo um pouco malvados. O que significava que ele estava mais do que pronto para ela.

– Você é linda, – o falsário suspirou enquanto andava em frente.

Ela estava a ponto de empurrá-lo para longe, quando John se apercebeu do excitado filho da mãe.

Isto não iria acabar bem.

Seu macho vinculado veio andando pelo corredor, seus shitkickers³² soando alto o bastante para abafar o ritmo baixo que vinham do próprio clube.

Seu companheiro com chapéu e bengala ainda estava concentrado nela, mas aquilo não durou. Quando percebeu a força da natureza de quase cento e quarenta quilos, vindo para cima dele, ele de fato recuou e se escondeu atrás de Xhex.

Viril. É. Realmente material de primeira.

John parou à porta e bloqueou toda a saída, aqueles lindos olhos azuis dele, parecendo cruéis enquanto encarava o humano por sobre o ombro dela.

Deus, ela queria transar com ele, ela pensou.

³² Um tipo de bota ou coturno.

Com um aceno casual, fez as apresentações. – Este é meu marido, John. John, este aqui está de saída. Quer acompanhá-lo até a saída, querido?

Antes do falsário responder, John expôs as presas e deixou escapar um vaio. Era o único som que ele podia fazer além de assobiar, mas foi melhor do que palavras.

– Oh, cara, – Xhex murmurou enquanto se afastava para o lado, rapidamente.

O charlatão acabou de se mijar.

John estava mais do que feliz em levar o lixo para fora. Humano imbecil, olhando para sua fêmea daquele jeito? O desgraçado tinha sorte, por John estar com muito tesão. Ou então ele tomaria seu tempo, para quebrar uma perna ou um braço, só para enfatizar seu ponto de vista.

Agarrando a nuca do cara apertadamente, ele fez o filho da puta marchar até a saída mais próxima, chutou a porta para abri-la e arrastou-o para o estacionamento.

Algun tipo de – Oh, Deus, por favor, não me machuque, – estava saindo daquela boca, e com boas malditas razões. Só um fino véu de bom senso, mantinha John longe de um assassinato.

Quando não houve jeito de fazer o cara olhar para ele, John girou o pedaço de merda, agarrando-o pelos ombros, e ergueu-o até que os sapatos bonitos de couro negro brilhante, se balançaram sob a brisa.

Encontrando os olhos, que tinham algum tipo de cor vermelha falsa ridícula neles, John fez o charlatão cair em transe, e limpou as lembranças daquelas presas que tinham sido expostas. Então... Bem, era tentador demais implantar uma ladainha sobre como vampiros realmente existiam e estavam indo atrás dele.

Uma boa dose de paranoia poria um fim rápido a esta piada na qual o fodido vinha vivendo.

De novo, não valia o esforço. Especialmente não quando podia estar lá dentro, com sua fêmea, bem agora.

Com um chacoalhão final, ele deixou o cara ir, mandando-o numa corrida desembestada. O fodido era magricelo; exercícios lhe fariam bem.

Enquanto John voltava ao clube, ele viu a Ducati de Xhex estacionada contra o prédio, debaixo de uma luz de emergência, e maldição... Ele a imaginou montando todo aquele poder, debruçada no motor, pilotando a moto em volta de um cruzamento perigoso...

Ele olhou para a porta e viu-a parada no espaço aberto.

– Eu pensei que você ia despedaçar a garganta dele, – ela falou lentamente.

Ela estava totalmente excitada.

Conforme John se dirigia a ela, ele não parou até sentir os seios esmagados contra seu peito, e ela não se moveu nem de leve – o que naturalmente o excitou ainda mais. Deus, ela estava quente, para começar, mas esta separação auto-imposta que estavam vivendo o fazia ainda mais desesperado por estar com ela.

– Quer vir até meu escritório. – disse ela em um rosnado. – Ou fazer isto aqui?

Quando ele apenas acenou como o mudo que era, ela riu. – Que tal lá dentro, para não assustarmos as crianças.

É, para a maioria dos humanos, sexo não envolvia sangue e presas.

E enquanto ela o guiava, ele olhava seus quadris balançarem e se perguntava, se de fato era possível a língua de alguém, anatomicamente, cair ao chão.

No instante em que eles estavam juntos novamente, ele estava por toda ela, beijando-a duramente, enquanto as mãos trabalhavam rápido, tirando sua camiseta. Quando os dedos dela se enroscaram nos seus cabelos, ele se inclinou e enviou uma oração de agradecimento por ela nunca se preocupar com um sutiã.

Com o mamilo dela dentro de sua boca faminta e uma mão entre as pernas dela por trás, ele a deitou em cima da papelada na mesa. O próximo movimento foi para tirar suas calças, e então ele estava livre e penetrando ela.

Foda rápida e furiosa, do tipo que redistribuía os móveis e provavelmente chamava atenção, esse era sempre o passo inicial. A segunda vez era mais lenta. A terceira vez, era daquela merda sensual que era filmada em lentes embaçadas em filmes.

Era o jeito costumeiro de lidar com o banquete: empanturrava-se para se livrar logo da fome; então se concentrava nas coisas favoritas; terminava com um delicado aperitivo...

Eles chegaram ao mesmo tempo, ele debruçado sobre ela, ela envolvendo suas longas pernas em torno de seus quadris, ambos segurando tão apertado como podiam.

No meio dos espasmos de liberação, aconteceu de ele erguer a cabeça e olhar para cima. Do outro lado, havia um armário de arquivos, e uma cadeira extra... E por alguma razão, ele notou pela primeira vez que a parede era feita de blocos de concreto, pintada de preto.

A mesma merda que ele vinha olhando nos últimos meses. E nada disso tinha sido registrado.

Agora, no entanto, o fato de que não era a casa dela, ou dele, atingiu-o duramente.

Ela não o tinha convidado para voltar a sua casa, no rio, desde que eles tiveram aquela primeira sessão de rala e rola depois da separação.

Ela não tinha voltado à mansão também.

Fechando seus olhos, tentou se reconectar com o que seu corpo ainda estava fazendo, mas tudo o que conseguiu foram sensações vagas das pulsações abaixo da cintura. Erguendo as sobrancelhas, ele queria olhá-la no rosto, mas ela estava arqueada para trás, e tudo o que ele conseguia ver era a ponta de seu queixo. E alguns cartões de ponto. De seus subalternos.

Que podiam estar bem ali fora, na porta, ouvindo-os.

Merda... Isto era desgastante.

Ele estava tendo um caso ilícito... Com sua própria companheira.

No começo, tinha sido tão excitante, como se estivessem namorando, de um jeito que não tinham feito quando eles se conheceram. E ele assumira que sempre seria assim, divertido.

Só que havia sombras no caminho o tempo todo, não havia?

Fechando os olhos apertadamente, percebeu o quanto preferia fazer isto numa cama. Na cama de casal deles. E não era só porque fosse antiquado; ele sentia saudades dela dormindo ao seu lado.

– O que foi, John?

Ele abriu as pálpebras. Devia saber que ela perceberia que sua mente estava longe – fora as habilidades *sympath*, ela o conhecia mais do que qualquer outra pessoa. E agora, enquanto ele enfrentava seus olhos cinza metálicos, uma punhalada de tristeza o atingiu no peito.

Ele realmente não queria falar disto, porém. Eles tinham tão pouco tempo juntos.

Ele a beijou profunda e longamente, achando que era o melhor tipo de distração para ambos – e funcionou. Enquanto a língua dela encontrou a dele, ele começou a se mover dentro dela de novo, os movimentos longos levando-o ao limite, e então o facilitando em todo o caminho. O ritmo era lento, mas incansável, e ele também foi varrido para um lugar onde sua cabeça se aquietou.

A liberação foi uma onda gentil se quebrando desta vez, e ele se rendeu a ela numa espécie de desespero.

Quando tudo passou, como todos os orgasmos faziam, ele se tornou agudamente consciente do distante pulsar da música, e dos sons dos passos no chão, e do toque longínquo de um celular.

– O que há de errado? – ela disse.

Quando separou seus corpos, notou que ambos estavam quase totalmente vestidos. Quando fora a última vez que estiveram totalmente nus?

Jesus... Fora durante aquele breve período de felicidade, depois de seu emparelhamento. O que parecia agora uma memória distante. Talvez sobre outro casal.

– Tudo saiu bem com Wrath esta noite? – ela perguntou enquanto colocava as calças. – É sobre isto?

Seu cérebro lutava para se concentrar, mas felizmente, suas mãos estavam trabalhando bem, e não apenas no botão das calças. *Sim, a reunião foi bem. No entanto, é difícil julgar. A glymera é toda sobre aparências.*

– Hum. – Ela nunca tinha muito a dizer sobre as coisas envolvendo a Irmandade. Mas dada a posição deles sobre ela lutar, ele ficaria surpreso se ela sequer mencionasse seu trabalho.

Como foram as coisas aqui? – Ele expressou.

Ela pegou algo sobre o qual estivera deitada, um pacotinho. – Temos um novo traficante na cidade.

Ele pegou o que ela jogou, franzindo o cenho ao símbolo estampado no celofane. *Que diabos? Isto é... O Idioma Antigo.*

– É, e não fazemos ideia de quem está por trás disto. Mas eu prometo que vou descobrir.

Avise-me se eu puder ajudar.

– Tenho tudo sob controle.

Eu sei.

O silêncio que se seguiu serviu para lembrá-lo de onde eles estavam – e onde não estavam.

– Tem razão, – ela disse repentinamente. – Eu não o levei de novo à minha casa, de propósito. É difícil o suficiente vê-lo partir daqui.

Eu podia ficar com você. Eu podia me mudar, e...

– Wrath jamais permitiria... Com toda razão, devo admitir. Você é uma ferramenta muito valiosa para ele, e minha cabana não é nem de longe tão segura quanto a mansão. No mais, o que diabos faríamos com Qhuinn? Ele merece uma vida também... E pelo menos, onde você está ele tem alguma autonomia.

Dias alternados, então.

Ela deu de ombros. – Até que não seja suficiente? John, isto é o que temos... E é melhor do que muita gente tem. Você não pensa que Tohr mataria para poder ter...

Não é suficiente para mim. Sou ganancioso, e você é minha shellan, não uma foda ocasional.

– E eu não posso voltar à mansão. Sinto muito. Se eu voltar, vou acabar odiando-os... E você. Eu gostaria de fingir que posso consertar esta merda sozinha, e assumir as mudanças eu mesma, mas não posso.

Eu vou falar com Wrath.

– Wrath não é o problema. Eles tiraram as reações de você. Todos eles.

Quando ele não respondeu, ela veio a ele, colocou as mãos em seu rosto, e encarou-o nos olhos. – É deste jeito que tem de ser. Agora vá, para eu poder fechar. E volte para mim correndo amanhã à noite. Já estou contando os minutos.

Ela o beijou com firmeza.

E então se virou e saiu do escritório.

Capítulo VINTE E QUATRO

No'One acordou com um grande, horripilante grito, o tipo de coisa que acompanhava um assassinato sangrento.

Levou-lhe pouco tempo para perceber que era ela a responsável pelo som, sua boca amplamente aberta, seu corpo rígido, seus pulmões queimando enquanto expirava.

Afortunadamente, havia deixado às luzes acesas e, freneticamente olhava ao redor para as paredes cobertas de tecido, para as cortinas e colchas do quarto. Em seguida, ela se concentrou em sua túnica... Sim, ela vestia a sua túnica, não uma fina camisola.

Tinha sido um sonho. Um sonho...

Ela *não* estava num celeiro subterrâneo.

Ela *não* estava à mercê do *symphath*...

– Eu sinto muito.

Ofegante, ela recuou para a cabeceira acolchoada. Tohrment estava de pé no interior do quarto, a porta fechada atrás dele.

– Você está bem? – Ele disse.

Ela puxou seu capuz de volta em seu lugar, escondendo-se debaixo dele. – Eu... – Lembranças do que havia ocorrido entre eles tornava difícil pensar claramente. – Eu estou... Bem o suficiente.

– Eu não acredito nisto, – ele disse roucamente. – Deus... Eu sinto tanto. Não há desculpa para o que eu fiz. E eu não chegarei perto de você nunca mais. Eu juro...

A angústia em sua voz perfurou-a como se a mesma fosse sua. – Está tudo bem...

– O inferno que está. Eu até a fiz ter um pesadelo...

– O que me despertou não foi você. Foi... O de antes. – Respirando fundo, ela disse. – É estranho, eu nunca sonhei com... O que me aconteceu... Nunca. Já pensei nisso muitas vezes, mas quando durmo, tenho apenas escuridão.

– E justo agora? – Ele rangeu os dentes.

– Eu estava de volta no subsolo. No celeiro. O odor lá embaixo... Querida Virgem Escriba, o *cheiro*. – Envolvendo os braços em torno de si, se sentiu inalando exatamente como se estivesse mais uma vez atrás da áspera porta de carvalho. – Pedras de sal³³... Havia me esquecido das pedras de sal.

– Como é?

– Havia pedras de sal lá para os animais... Foi por isso que minhas cicatrizes permaneceram. Eu sempre me perguntei se talvez ele tivesse usado algum tipo de poder *sympath* ou algo para alterar a minha pele. Mas não, existiam pedras de sal e as carnes salgadas³⁴. – Ela balançou a cabeça. – Havia me esquecido disso até agora. Esqueci tantos detalhes...

Quando uma gutural maldição saiu dele, ela olhou para cima. A expressão de Tohrment sugeriu que ele desejava poder matar aquele *sympath* novamente... Mas ele encobriu isso, como se não quisesse aborrecê-la.

– Eu não acho que eu já tenha lhe dito que sinto muito, – ele disse suavemente. – Naquela época, na cabana com Darius. Ele e eu lamentamos tanto que você tenha...

– Por favor, não falemos mais sobre o assunto. Eu o agradeço.

No silêncio constrangedor que se seguiu, o estômago dele roncou.

– Você deveria comer, – ela murmurou.

– Não tenho fome.

– Seu estôm...

– Pode ir para o inferno.

³³ O termo original, “salt licks”, refere-se a depósito natural ou artificial de sal exposto para os animais (gado, servos, carneiros, etc.) lambem.

³⁴ Forma de conservação da carne, na ausência de refrigeração.

Encarando fixamente para sua figura imóvel, ficou espantada pela diferença nele: mesmo depois de tão curto tempo, a cor estava de volta em seu rosto, sua postura estava mais ereta, seus olhos muito mais alertas.

O sangue era uma coisa tão poderosa, ela pensou.

– Irei alimentá-lo novamente. – Enquanto ele considerava se ela havia perdido o juízo, ela ergueu seu queixo e encontrou o seu olhar. – Certamente, eu o farei de novo.

Para ver esta melhoria nele em tão pouco tempo, ela suportaria aqueles momentos de terror novamente. Ela nunca fora aprisionada por seu passado, mas oh, a mudança nele: o seu sangue o tinha livrado do cansaço e aquilo o manteria vivo no campo de batalha.

– Como você pode dizer isso? – Sua voz estava rouca, a ponto de quebrar.

– É simplesmente como me sinto.

– Obrigação não deveria levá-la tão longe em seu inferno pessoal.

– Isto eu decido, não você.

Ele franziu o cenho. – Você era um cordeiro indo para o abate naquela despensa.

– Se isso fosse verdade, eu não estaria respirando agora mesmo, estaria?

– Você gostou do sonho que acabou de ter? Divertiu-se com ele? – Enquanto ela recuava, ele percorreu seu olhar pelas janelas fechadas e encarou com fixação como se pudesse ver o jardim através delas. – Você é mais do que uma serviçal ou uma prostituta de sangue, você sabe.

Com uma altivez apropriada, ela lhe informou. – Servir bem os outros é um esforço nobre.

Olhando por cima do ombro, seus olhos encontraram os dela apesar do capuz. – Mas você não está fazendo isso para ser nobre. Você está sob este manto que esconde sua beleza e seu status para se punir. Eu não acho que tenha algo a ver com algum tipo de traço altruísta.

– Você não me conhece ou minhas motivações...

– Eu estava excitado. – Aquilo a fez piscar. – Você devia estar ciente disto.

Bem, sim, ela estava. Mas...

– E se eu pegar sua veia de novo, aquilo vai acontecer. Novamente.

– Você não estava pensando em mim, no entanto, – ela ressaltou.

– E isso faz diferença?

– Sim.

– Você tem certeza disso? – Disse ele secamente.

– Você não fez nada no momento, você fez? E aquela única alimentação não vai ser suficiente... Você deve saber disso. Passou muito tempo para você. Você já chegou tão longe, mas vai precisar de mais, em breve.

Enquanto ele amaldiçoava, ela ergueu o queixo mais uma vez, resoluta.

Depois de um longo tempo, ele balançou a cabeça. – Você é tão... Estranha.

– Devo tomar isso como um elogio.

Do outro lado do quarto, Tohr olhava para No'One e tinha de respeitar a merda de sua postura... Embora, estivesse claro, que ela havia perdido o juízo: ela estava totalmente ereta, apesar do fato de possuir marcas de mordida em seu pescoço, ter acordado gritando e de que enfrentava um Irmão.

Cristo, quando ouviu aquele grito, ele havia praticamente derrubado a maldita porta. Visões dela com algum outro tipo de faca, fazendo o próprio inferno de ferimentos, o havia posto em ação. Mas tudo que existia era ela no meio daquela cama, alheia a tudo menos ao que passava em sua cabeça.

Pedras de sal. Maldito inferno.

– Sua perna, – disse ele suavemente. – Como isso aconteceu?

– Ele colocou uma algema de aço em volta do meu tornozelo e me acorrentou a uma viga. Quando ele... Vinha até mim... O metal cortava minha carne.

Tohr cerrou os olhos contra as imagens. – Oh, Deus...

Ele não estava certo sobre o que dizer depois disso. Só ficou ali, impotente, entristecido... Desejando que muitas coisas fossem diferentes em suas vidas.

– Eu acho que sei por que estamos aqui, – ela disse abruptamente.

– Porque você gritou.

– Não, eu quero dizer... – Ela limpou a garganta. – Eu sempre me perguntei por que a Virgem Escriba me levou para o Santuário. Mas Lassiter, o anjo, está certo. Estou aqui para ajudá-lo, como você me ajudou muito tempo atrás.

– Eu não a salvei, lembre-se. Não no final.

– Você fez, no entanto. – Ele estava balançando a cabeça quando ela o interrompeu. – Eu costumava ver você dormir... Lá no Antigo País. Você estava sempre à direita do fogo e dormia de lado, voltado para mim. Passei horas memorizando a forma como o brilho fraco que vinha da turfa brincava sobre os seus olhos fechados e suas bochechas e seu maxilar.

De repente, o quarto parecia retrair-se sobre ambos, ficando mais apertado, menor... Mais aquecido. – Por quê?

– Porque você não era nada como o *symphath*. Você era moreno e ele era pálido. Você era largo e ele era esguio. Você era gentil comigo... E ele não era. Você foi a única coisa que me impediu de ficar completamente louca.

– Eu nunca soube.

– Eu não queria que você soubesse.

Depois de um momento, ele disse severamente. – Você sempre planejou se matar.

– Sim.

– Por que não o fez antes do nascimento? – Cara, não podia acreditar o quão sincero eles estavam sendo.

– Não queria amaldiçoar o bebê. Eu havia ouvido os rumores sobre o que acontecia, se você tirasse a sua vida por suas próprias mãos e eu estava preparada para aceitar as consequências pelas minhas ações. Mas o ainda não nascido? Ele estava vindo ao mundo sob tanta tristeza para começar, mas pelo menos ele poderia fazer de seu destino o que fosse possível.

E, contudo, ela não fora amaldiçoada... Talvez em razão de suas circunstâncias... Deus sabia que ela havia sofrido o suficiente em seu caminho para o fim.

Com isso, ele sacudiu a cabeça novamente. – Sobre a alimentação. Agradeço sua oferta, eu realmente agradeço. Mas, de alguma forma, não posso imaginar que uma repetição daquela cena lá embaixo vai fazer bem a nenhum de nós.

– Admita que você se sente mais forte.

– Você disse que nunca havia sonhado com aquela merda desde que aconteceu.

– Um sonho não é...

– É o suficiente pra mim.

Aquele queixo dela se ergueu mais uma vez, bem e maldito fosse se aquele hábito não era... Bem, atraente, não. Não, aquilo não era atraente.

Realmente.

– Se posso sobreviver aos acontecimentos, – ela disse, – Posso sobreviver às memórias.

Naquele momento, olhando para aquele lado do quarto, para sua demonstração de vontade, ele sentiu um laço com ela, certo como se uma corda ligasse ambos, peito contra peito.

– Venha a mim de novo, – ela anunciou. – Quando você estiver em necessidade.

– Vamos ver, – ele descartou. – Agora, você está... Bem? Aqui neste quarto, eu quero dizer? Você pode trancar a porta...

– Eu ficarei bem, se você vier a mim outra vez.

– No'One...

– É a única maneira que tenho de fazer as coisas ficarem certas com você.

– Você não tem acertar coisa nenhuma. Honestamente.

Afastando-se, ele foi até a porta e, antes de sair, olhou por cima do ombro. Ela estava olhando para as mãos entrelaçadas, a cabeça encapuzada curvada.

Deixando-a com a pouca de paz que possuía, levou seu queixoso estômago para seu quarto e se disarmou. Estava honestamente faminto, seu apetite por comida esculpindo um poço sem fundo em sua parte inferior de seu tronco... E, embora ele tivesse preferido ignorar a demanda, não tinha escolha. Requisitando uma refeição para Fritz, pensou em No'One, e, disse ao *doggen* para ter certeza que ela tivesse alguma comida também.

Agora, hora do banho. Depois de ligar o chuveiro, despiu-se e deixou as roupas no chão de mármore onde elas haviam pousado. Estava a um passo de pisar sobre a bagunça quando se viu no longo espelho sobre a pia.

Mesmo para seu desinteressado olhar, era óbvio que seu corpo havia se recuperado, os músculos firmes sob sua pele, seus ombros de volta aonde deveriam estar, ao invés de para baixo ao redor de seu diafragma.

Um pena que ele não se sentia melhor sobre a recuperação.

Dentro do espaço envidraçado, permaneceu sob os jatos, apoiou os braços e deixou a água correr por sua carne.

Quando fechou os olhos, viu-se novamente na despensa, na garganta de No'One, sugando de sua veia. Deveria ter tomado o seu pulso, não a sua garganta... Definitivamente, porque ele não tinha...

Abruptamente, a lembrança surgiu poderosa sobre ele, os gostos e os aromas e a sensação daquela fêmea contra ele, desligando sua mente e elevando seus sentidos.

Deus, ela havia sido... Um nascer do sol.

Abrindo seus olhos, olhou para a ereção que se fez presente na primeira imagem mental. Seu pênis estava em proporção com o resto dele... O que significava longo, grosso e pesado. E capaz de seguir assim por horas.

Enquanto aquilo se esforçava em um pedido por atenção, ele temia que a excitação fosse como a fome em seu estômago: não iria a lugar nenhum até que ele fizesse algo a respeito.

Sim, foda-se isso. Ele não era um macho pós-transição com um pau permanentemente duro e uma mão peluda. Ele podia escolher se queria ou não bater uma, pelo amor de Deus... E agora seria um grande NÃO.

Agarrando o sabonete, ensaboou suas pernas e, desejou ser como V... Não, não com as velas pretas e outra merda. Mas pelo menos se possuísse a mente daquele vampiro, ele poderia pensar, por exemplo, na formação molecular do plástico, ou na composição química da pasta de dentes com flúor, ou... como a gasolina fazia os carros funcionarem.

Ou ele poderia pensar em caras... Dado que ele não se fosse atraído por eles, podia muito bem levar a uma deflação misericordiosa.

O problema era que, ele era apenas Tohrment, filho de Hharm... Então estava preso tentando se lembrar de como fazer biscoitos Toll House³⁵: não sabia porra nenhuma sobre ciência, não dava uma merda para esportes e não havia lido um jornal ou assistido ao noticiário de TV há anos.

Além disso, aquelas eram as únicas malditas coisas que ele sabia como fazer... O que você colocava neles? Manteiga? Gordura? Esperma?!

Enquanto não encontrava nenhuma resposta, começou a se preocupar que seu Canal de Culinária não fosse apenas incompetente, mas não faria merda nenhuma para o seu pau estúpido.

Fez uma nova tentativa. E só podia se lembrar de como abrir a porra do saco de batatas fritas.

Paralisado, quadril rígido e desesperado, ele fechou os olhos... E pensou em sua Wellsie, nua e em sua cama. Em seu sabor, como o fazia se sentir, de todas as maneiras que estiveram juntos, de todos os dias que passaram entrelaçados e ofegantes.

Agarrando a si mesmo, fixou as imagens de sua companheira no primeiro plano de sua mente, aplincando-as sobre tudo que tivesse relação com No'One. Ele

³⁵ Marca norte-americana de biscoitos/cookies.

não queria outra fêmea neste espaço; ele teria que cuidar desta situação, o que não queria, mas, malditamente, fixaria os limites.

Ele estava certo como o inferno que não poderia escolher seu destino, mas as suas fantasias estavam totalmente em suas mãos.

Acariciando seu eixo, tentou se lembrar de tudo sobre a sua beleza ruiva: a imagem que de seus cabelos caídos sobre seus seios, o brilho do seu sexo descoberto, como seus seios se empinavam quando ela estava deitada.

Isso era apenas parte de um livro de história, enfim, e as ilustrações havia desvanescido... Como se sua mente tivesse extraído a tinta das páginas.

Concentração perdida, ele ergueu suas pálpebras e obteve um oi-como-vai da sua mão abraçada àquela puta excitação, tentando bombear alguma coisa, qualquer coisa.

Era como ordenhar uma máquina de Coca-Cola... levando-o a lugar nenhum. Bem, exceto pela vaga ferroadada de dor onde a pele foi beliscada na cabeça.

– *Merda.*

Descartando a má idéia, ele se ocupou com o sabonete, passando a barra sobre o peito e embaixo das suas axilas.

– Amo? – Fritz chamou do outro cômodo. – Desejaria mais alguma coisa?

Ele *não* pediria pornografia ao *Doggen*. Isso era *nojento* em vários níveis. – Ah, não, obrigado, meu homem.

– Muito bem. Tenha um sono abençoado.

Sim. Certo. – Você também.

Depois que a porta do quarto foi fechada novamente, Tohr aplicou shampoo e ensaboou sua cabeça como supostamente todos os machos faziam: Espremer uma quantidade abundante da merda, esfregar em seu cabelo como se você estivesse tentando tirar uma mancha de um carpete e, em seguida, permanecer debaixo do jato d'água infinitamente porque você havia usado muito do produto que Fritz tinha comprado pra você.

Mais tarde, ele decidiria se teria sido melhor manter os olhos abertos. Assim que fechou as pálpebras para evitar espuma, a agitação quente que escorria por seu torso se transformou em mãos e o desejo por um orgasmo voltou ainda mais forte que antes, seu pênis latejando, suas bolas se apertando...

Instantaneamente, ele estava novamente lá embaixo na despensa, sua boca travada na suave garganta de No'One, sua sucção e deglutição enchendo seu estômago, seus braços apertando-a com força contra seu corpo...

Sua shellan é bem vinda aqui.

Sacudiu sua cabeça ao som da voz dela em seu ouvido interno. Mas então compreendeu que aquela era a resposta.

Agarrando-se mais uma vez, disse a seu cérebro que as imagens eram de sua Wellsie. Que o sentimento, a sensação, o cheiro, o gosto... Eram de sua Wellsie, não de outra fêmea.

Não era uma memória.

Era sua companheira de volta para ele...

A liberação foi tão repentina, o fazendo recuar, com os olhos arregalados, seu corpo sacudindo não pelo orgasmo, mas pela surpresa, sim, na verdade, ele estava realmente na vida real, não num escape de sonhos.

Enquanto ele se esfregava e acariciava o cume, ele se viu gozando, seu sexo fazendo o que deveria fazer, expelindo os jatos que atingiram a parede molhada de mármore e o painel de vidro da porta.

A vista era menos erótica que biológica.

Era apenas uma função fisiológica, ele percebeu. Como respirar e comer. Sim, uma sensação boa, mas o mesmo acontecia com uma respiração profunda: naquele vácuo de emoção, neste banho solitário, era realmente apenas uma série de ejaculações lançadas através de sua próstata.

Sentimentos davam significado ao sexo, quer seja em uma fantasia, ou com a sua companheira... Ou com alguém que você não gostasse tanto assim.

Ou não queria querer, uma voz interior ressaltou.

Quando seu corpo terminou, temia que fosse apenas uma situação de rodada única, porque ele ainda estava tão ereto como quando isso havia começado. Mas pelo menos ele não se sentia como se tivesse traído sua companheira. Na verdade, não sentia nada e isso era bom.

Enxaguando-se, saiu do box, enxugou-se com uma toalha... E levou o pedaço de tecido felpudo com ele para o quarto.

Estava quase certo que depois que comesse, as coisas ficariam confusas quando se deitasse e não por causa de algum tipo de indigestão.

Mas estava... Tudo bem. Tão bem quanto isso fosse possível, ele pensou.

O sexo que teve com sua companheira havia sido monumental, esmagador, acionador de fogos de artifício... Transformador.

Essa merda era tão sexy quanto um resfriado.

Desde que ele não pensasse em...

Deteve-se e limpou a garganta, mesmo que não estivesse falando em voz alta.

Desde que não pensasse em mais ninguém de persuasão feminina, ele estava bem.

Capítulo VINTE E CINCO

A noite seguinte, Xcor permaneceu encostado na parte traseira de um prédio de tijolos construído no coração do centro da cidade. Afastado por quase três metros, o espaço formava um tipo de ataúde, fornecendo-lhe sombras para se esconder, bem como cobertura para balas perdidas.

Sozinho, ele estava totalmente e completamente furioso enquanto inspecionava a área e ficava de olho no carro lustroso de cor preta que tinha seguido.

Erguendo seu antebraço, ele verificou seu relógio. Novamente. Onde estavam seus soldados?

Ao se separar do grupo para seguir Assail, veio parar aqui, mas antes dele partir, ele disse aos outros para encontrá-lo depois que terminassem a primeira rodada de combate... A tarefa de localização não devia ter sido difícil. Todos eles tinham que fazer uma vigilância telhado por telhado na parte da cidade onde o tráfico de drogas era mais predominante.

Não era tão difícil.

E, no entanto, ali estava ele, só.

Assail estava dentro do edifício em frente, provavelmente se associando com mais da laia que ele havia matado na noite anterior. O local onde ele mantinha negócios era ostensivamente uma galeria de arte, mas Xcor era antiquado, e não ingênuo. Todos os tipos de bens e serviços podiam ser negociados a partir de qualquer tipo de estabelecimento dito “legítimo”.

Era quase uma hora depois, quando o outro vampiro finalmente reapareceu, e a luz sobre a saída iluminou a parte de trás de seu cabelo densamente preto e suas feições predatórias. Ele caminhou em direção ao carro rebaixado estacionado do lado de fora, andou em torno dele, um anel de algum tipo no dedo mindinho brilhou.

Ele fez um movimento, estava vestido de preto, ele parecia... Exatamente um vampiro. Escuro, sensual, perigoso.

Pausando na porta do carro, ele colocou sua mão dentro de sua jaqueta para pegar suas chaves...

E girou ao redor para enfrentar Xcor com uma arma. – Você honestamente acha que eu não sei que você está me seguindo?

Aquela pronuncia era tão velho mundo e por isso muito espesso, o acento transformando as palavras praticamente em um idioma estrangeiro... Ou o que teria sido o caso se Xcor não estivesse intimamente familiarizado com o dialeto original.

Onde estavam seus *malditos* soldados?

Quando Xcor saiu, ele tinha sua própria automática, e não foi sem satisfação que ele assistiu o outro macho recuar ligeiramente quando o reconhecimento despontou.

– Você esperava um Irmão, talvez? – Xcor falou arrastadamente.

Assail não baixou sua arma. – Meu negócio é meu. Você não tem nenhum direito de me vigiar. Meu negócio é o que eu determinar que ele seja.

– Seus modos não vão funcionar aqui.

– E que “modos” são esses?

– Existem leis aqui.

– Assim eu soube. E estou bastante confiante que você quebrou várias com seu empreendimento.

– Eu não me refiro a uns humanos. – Como se esses fossem completamente irrelevantes... E pelo menos sobre isso eles podiam concordar.

– A Antiga lei prevê...

– Nós estamos no Novo Mundo, Assail. Novas regras.

– De acordo com quem?

– Eu.

O macho estreitou seus olhos. – Ultrapassando já?

– Tire suas próprias conclusões.

– Então eu devo deixá-lo. E devo me despedir de você agora, a menos que você tenha planejado atirar em mim. Nesse caso, eu devo levá-lo comigo. – Ele ergueu sua outra mão. Nela estava um pequeno e preto aparelho. – Só para que fique claro, a bomba esta ligada a subestrutura de meu carro, explodirá se meu dedo polegar não fizer contato com este botão... Que é justamente o que acontecerá automaticamente se você puser uma bala em meu peito ou em minhas costas. Oh, e talvez eu deva mencionar que a explosão tem um raio que inclui onde você está, e a detonação é tão eficiente que você não poderá desmaterializar para fora da zona rápido o suficiente.

Xcor riu com genuíno respeito. – Você sabe o que eles dizem sobre suicidas, não sabe? Nada de Fade para eles.

– Não é suicídio se você atirar em mim primeiro. Autodefesa.

– E você está disposto a testar isso?

– Se você estiver.

O macho pareceu totalmente desinteressado com a escolha, ficaria em paz se vivesse ou morresse, indiferente com a violência e a dor... E contundo não desconectado, também.

Ele teria dado um soldado excepcional, Xcor pensou. Se ele não tivesse sido castrado por sua mamãe.

– Então sua solução, – Xcor murmurou, – é autodestruição mútua.

– O que vai ser?

Se Xcor tivesse seu reforço no lugar, escolheria um caminho melhor para lidar com isto. Mas não, os bastardos não estavam em nenhum lugar ao redor. E era um princípio fundamental de conflito que se você estivesse enfrentando um inimigo bem preparado, que estivesse bem prevenido e bem ancorado, você não se empenharia... Você retrocederia, marcharia, e viveria para lutar em circunstâncias mais favoráveis à sua própria vitória.

Além disso, Assail teria que ser mantido vivo tempo suficiente, de forma que o rei poderia encontrar-se com ele.

Nada disso lhe assentou bem, porém, o humor de Xcor já escuro no começo, ficou totalmente preto.

Ele não disse nada adicional. Ele simplesmente se desmaterializou para outro beco cerca de meio quilometro de distancia, deixando sua partida falar por ele.

Quando se voltou para uma banca de jornais fechada, ele estava furioso com seus soldados, sua ira proveniente do confronto com Assail foi transferida e aumentada quando ele pensou em seus machos.

Iniciando uma investigação por conta própria, ele foi até o edifício abandonado e de lá para o clube de tatuagem dentro do beco até que ele se encontrou no arranha-céu. Quando tomou forma, eles estavam todos lá, vadiando como se não tivessem nada melhor para fazerem.

Violência substituiu as muitas veias em seu corpo... Ao ponto dele começar a sentir o zumbido de insanidade dentro dos limites de seu crânio.

Era a fome de sangue, claro. Mas a causa raiz não fez nada para moderar as emoções.

– Onde diabos vocês estavam? – Ele exigiu, o vento rasgando ao redor de sua cabeça.

– Você disse para que nós esperássemos aqui...

– Eu disse para vocês virem me encontrar!

Throe ergueu suas mãos. – Porra! Todos nós precisamos de telefones, não é justo!

Xcor se lançou contra o macho, agarrando-o pelo casaco e o lançando contra uma porta de aço. – Modere. Seu. Tom.

– Dessa vez eu estou certo...

– Nós *não* vamos discutir sobre isso novamente.

Xcor se afastou do homem, sua fúria lançada para ao lado, para a força quente do vento soprando pela cidade.

Throe, porém, não deixaria isto passar. – Nós podíamos ter estado onde você queria que fôssemos. A Irmandade tem celulares...

Ele se virou.

– Foda-se a Irmandade!

– Você teria uma melhor sorte se nós tivéssemos meios de comunicação!

– A Irmandade é fraca sem seus amparos tecnológicos!

Throe agitou sua cabeça, todo aristocrata-que-sabe-melhor. – Não, eles estão no futuro. E nós não podemos competir com eles se nós estivermos no passado.

Xcor fechou os punhos. Seu pai... O Bloodletter, ao contrário... Teria empurrado o filho de uma cadela direto para o lado de fora do edifício por esta insolência e insubordinação. Xcor deu um passo em direção ao macho.

Exceto que, ele pensou com fria lógica. Existia um caminho mais útil para lidar com isto.

– Nós vamos para o campo. Agora.

Quando ele nivelou seu olhar fixando-o em Throe, existia uma e só uma resposta aceitável, e os outros sabiam disso, a julgar pela maneira que eles pegaram suas armas e se preparavam para enfrentar o inimigo.

E ah, sim, Throe, sempre o dândi que apreciava a ordem social, mesmo em algumas situações militares, naturalmente ajustou-se para segui-lo.

Entretanto, novamente, existiam outras razões para ele seguir ordens superiores além de uma afinidade para o consenso. Era aquela dívida que ele acreditava que se livraria para sempre. Era seu compromisso com os outros bastardos, que tinha crescido com o passar do tempo e era mútuo... Sobre esse ponto.

E, claro, sua querida irmã que partiu, mas que de algum modo ainda estava com ele.

Bem, ela era mais próxima a Xcor.

Com um aceno de cabeça, ele e seus soldados viajaram em sprays de moléculas soltas para baixo no sistema de becos. Enquanto eles iam, Xcor recordou àquela noite há muito tempo quando um senhor o abordou em uma parte suja de Londres para um mortal propósito.

O arranjo do pedido tinha sido mais envolvente do que havia pensado Throe.

Fazer com que Xcor matasse a pessoa que manchou sua irmã exigiu muito mais que apenas os xelins no bolso dele. Exigiu sua vida inteira. E o serviço da dívida o havia transformado em algo além de um membro da *glymera* que recebeu o nome de Irmandade: Throe esteve à altura de seu legado de sangue, superando de longe suas expectativas.

Superando de longe *todas* as expectativas: Na verdade, Xcor havia chegado ao ponto de usar o macho como um exemplo de debilidade para os outros. E supunha-se que Throe era uma humilhante esgrima perante os verdadeiros soldados, um rebaixado maricas que choramingava estar quebrado todo tempo, e que, portanto, tinha que servi-los.

Não onde eles terminaram.

No chão, onde eles se materializaram, o beco estava quente e os fazia transpirar devido ao calor do verão, e quando seus soldados se espalharam por trás dele, eles preencheram os limites de uma parede de tijolos.

Eles sempre caçavam em grupo, ao contrário da Irmandade, eles ficavam uns com os outros.

Então todos eles viram o que aconteceu a seguir.

Desembainhando uma de suas adagas de aço, Xcor segurou a alça fortemente, virando-se para Throe.

E cortou o macho no intestino.

Alguém gritou. Vários xingaram. Throe se enrolou em torno do ferimento...

Xcor pegou o ombro do macho, retirou a arma, e o apunhalou novamente.

O odor de sangue de vampiro fresco era inconfundível.

Precisava ser de duas fontes e não de apenas uma.

Retirando sua adaga, ele empurrou Throe para trás, de forma que o macho caiu no chão. Então ele pegou uma das lâminas de Throe de seu coldre e correu a extremidade afiada por dentro de seu próprio antebraço.

Passando a sua ferida em toda a parte superior do corpo de Throe, ele então forçou o punhal ensanguentado na mão do soldado. Então, abaixou-se, travando os olhos cruéis no macho.

– Quando a Irmandade o achar, eles o apanharão e cuidarão de você... E você vai descobrir onde eles vivem. Você vai lhes dizer que eu o traí e que quer lutar com eles. Você vai interagir com eles e achará um caminho para se infiltrar no domicílio deles. – Ele apontou um dedo para o rosto do macho. – E como você está tão comprometido em trocar informações, você vai contar para mim. Você tem vinte e quatro horas e então nós dois vamos nos reunir, ou os restos de sua doce irmã vão ter um fim lamentável.

Os olhos de Throe se arregalaram em seu rosto pálido.

– Sim, eu a tenho. – Xcor se abaixou mais ainda até o ponto de ficar cara a cara. – Eu a tenho comigo desde o princípio. Então, eu lhe digo, *não* esqueça para quem sua lealdade reside.

– Seu... Bastardo...

– Você está certo. Você tem até amanhã. Topo do Mundo, quatro da manhã, esteja lá.

Os olhos do macho arderam quando se encontraram com os seus, e o ódio presente era resposta o suficiente: Xcor detinha as cinzas do macho morto, e ambos sabiam que, se ele era capaz de enviar seu segundo no comando à toca do leão, lançar aqueles restos em uma lata de lixo ou em um banheiro sujo ou na cesta de fritar de uma McDonald, não teria problema algum.

A ameaça por si só, no entanto, era mais do que suficiente para algemar Throe.

E da mesma maneira que ele teve que se sacrificar em outros tempos, iria, então, se sacrificar também agora por quem ele perdeu.

Xcor se levantou e girou.

Seus soldados estavam em pé, ombro-a-ombro, uma parede de ameaça que o encarou de frente. Mas ele não estava preocupado com a rebeldia. Eles tinham sido criados, se alguém pudesse denominar isso pelo Bloodletter – ensinados por aquele macho sádico a arte de lutar, e de retribuição. Se eles ficaram surpreendidos, devia ter sido porque Xcor não fez isto mais cedo.

– Voltem para o acampamento pelo resto da noite. Eu tenho uma reunião... Se eu retornar e perceber que um de vocês foi embora, eu o caçarei e não o deixarei machucado. Eu finalizarei o trabalho.

Eles partiram sem olhar para Throe... Ou ele, no que diz respeito a esse assunto.

Escolha sábia.

Sua raiva era mais afiada que as lâminas que ele acabou de usar.

Quando Throe foi deixado só no beco, ele posicionou a mão apertada contra seu abdômen, exercendo pressão para reduzir a perda de sangue.

Embora seu corpo estivesse incapacitado pela dor, sua visão e audição eram sobrenaturalmente agudas enquanto rastreavam o ambiente: Os edifícios arqueados acima dele eram altos e sem luzes. As janelas eram estreitas e tinham vidro espesso, ondulado. O ar cheirava a cozido de carne, como se ele não estivesse longe de um restaurante ou um grande negócio. E lá ao longe, ele ouviu os sons dos carros e a pressa dos freios de um ônibus e uma mulher rindo estridentemente.

Era ainda início da noite.

Alguém podia encontrá-lo. Amigo. Inimigo. Lesser. Irmão.

Pelo menos Xcor o deixou com seu punhal em sua mão.

Com uma maldição, ele rolou para o lado e tentou ficar em pé...

Não ajudou poder registrar tudo muito de forma brilhante e ruidosa. Em um ataque de agonia, o mundo retrocedeu, a bomba que explodiu em seu intestino foi de tal magnitude que ele se perguntou se não havia rompido algo.

Voltando suavemente para onde estava, ele pensou que Xcor poderia bem estar incorreto. Por ventura este beco seria um caixão para ele, em lugar de uma travessia para servir a Irmandade.

Na verdade, enquanto ele provia seu sofrimento, percebeu que devia ter imaginado melhor. Ele se desenvolveu para estar à vontade ao redor daquele macho, da mesma maneira que ao lidar com tigres poderia lhe tornar negligente: Ele supôs certos padrões de comportamento, achando neles uma segurança equivocada e previsível.

Em realidade, o perigo não dissipou, mas cresceu.

E como tinha sido desde o primeiro momento com Xcor, ele permaneceu preso pelas circunstâncias que os aproximaram.

Sua irmã. Sua doce e pura irmã.

Eu a tenho comigo desde o princípio.

Throe gemeu, mas não por seus ferimentos. Como Xcor conseguiu as cinzas?

Ele assumiu que sua família havia realizado uma cerimônia adequada e cuidado dela como era apropriado. E como ele podia ter imaginado o contrário? Ele não havia sido autorizado a ver sua mãe ou seu irmão uma vez que o negócio tinha sido feito, e seu pai tinha morrido dez anos atrás.

A injustiça era muita. Na morte, se esperaria que tivesse a paz que ela merecia. Afinal, o Fade tinha sido criado para almas com luz e adoráveis como a sua irmã tinha sido. Mas sem ter tido a cerimônia...

Querida Virgem Escriba, poderia ter sido negada a ela a entrada.

Esta era uma maldição sobre ela. E ele.

Olhando fixamente para o céu, do qual ele não podia ver quase nada, ele pensou sobre a Irmandade. Se eles o achassem antes de morrer, e se eles o levassem como Xcor assumiu, ele faria como havia sido exigido. Ao contrario dos outros do Bando de Bastardos, ele tinha sua própria fidelidade, e esta não era para com o rei

ou Xcor ou seus soldados da mesma categoria, embora em verdade, começou a balançar na direção daqueles machos.

Não, sua submissão estava para outro... e Xcor sabia disto. Razão pela qual aquele déspota fez o esforço há muito tempo para ter alguma garantia contra a liberdade de Throe.

A princípio ele assumiu que o fedor da brisa morna era de uma caixa de lixo, o resultado da mudança de direção do vento pegou o odor de alguns restos de comida desperdiçada. Mas não, existia uma doçura intrigante no buquê repugnante.

Erguendo sua cabeça, ele olhou abaixo de seu corpo através de metros e metros de pavimento. No fim da ruela, três *lessers* entraram em seu campo de visão.

As risadas deles eram sua sentença de morte, e ainda assim ele se pegou sorrindo, até que flashes fracos de luz sugeriram que facas tinham sido retiradas.

A ideia de que o destino havia frustrado o plano de Xcor pareceu uma nota perfeitamente aceitável. Exceto por sua irmã... Como ele podia ajudá-la se estivesse morto?

Quando os assassinos o abordaram, ele sabia que o que eles iriam fazer nele faria a dor em seu estômago parecer nada além de uma tombada com o dedão do pé.

Mas ele teria que lutar, e ele lutaria.

Até a última batida do seu coração e o movimento final de sua respiração, ele lutaria com tudo que ele tinha pela única coisa que lhe restava viver.

Capítulo VINTE E SEIS

Maldito fosse se Tohr não notasse uma diferença em si mesmo. Por mais que odiasse admitir, enquanto ele, John e Qhuinn seguiam para o quartirão na área do centro da cidade, ele estava mais forte, mais ágil... Lúcido como um filho da puta. E suas habilidades haviam retornado: Não tinha mais problemas de equilíbrio. Sua visão estava aguçada. A audição estava tão boa que ele conseguia ouvir o arrastar das patas dos ratos que corriam pelos becos à procura de refúgio.

Você nunca percebe o quão espessa é a neblina na qual se está envolto, até que ela se dissipe.

Alimentar-se era inegavelmente poderoso, especialmente em seu tipo de trabalho, e sim, ele claramente precisava de uma nova profissão. Contador. Catador de fiapos. Hipnotizador de cães. Qualquer coisa que só fosse necessário ficar sentado em cima do rabo, a noite toda.

Mas nestes casos, ele não poderia *ahvenge* sua Wellsie. E depois de tudo o que aconteceu a noite passada, do que aconteceu na despensa ao que ele fez sozinho depois que finalmente foi para a cama, ele sentia como se tivesse coisas a consertar com ela.

Cristo, só o fato de No'One ter lhe dado tamanha força, fazia-o pensar que a memória de Wellsie havia sido violada de certa forma. Maculada. Corroída.

Quando ele se alimentara da Escolhida Selenia, isso não o tinha incomodado tanto – talvez porque ainda estivesse em estado de choque... Talvez, por não ter se sentido nem um pouco excitado antes, durante e depois que se alimentou.

Fodido Inferno, ele estava tão pronto para brigar esta noite.

E menos de três quartirões depois, encontrou o que estava buscando: o cheiro de *lessers*.

Quando ele e os garotos começaram uma corrida silenciosa, não sacou nenhuma de suas armas. Com o humor que estava, mão-a-mão era o que precisava, e se tivesse sorte...

O grito que cortou a noite através do tráfego distante, não era o de uma fêmea. Baixo e rasgado, podia apenas ter saído de uma garganta masculina.

Aos diabos com a aproximação silenciosa.

Em corrida desatada, ele rodeou a esquina de um beco e se deparou com uma parede de cheiros que não teve dificuldades em processar: sangue vampiro – de dois tipos, ambos machos. Sangue de assassino – só um, forte e desagradável.

Mais à frente, havia um vampiro macho caído no asfalto, dois assassinos em pé, e um *lesser* cambaleando em volta, tendo obviamente acabado de ser arranhado no rosto. O que explicava o grito.

Era toda a informação que ele precisava para atacar.

Diretamente em frente, saltou em cima de um dos *lessers*, pegando o desgraçado pelo pescoço com seu braço e esmigalhando-o³⁶ no ar com um puxão. Enquanto a gravidade resolvia o assunto e jogava o inimigo ao chão de cara para cima, a tentação era de arrebentar o infeliz com um chute – mas com alguém ferido no meio do beco, esta era uma situação de emergência. Sacou uma de suas adagas, espetou o fodido no peito, e retomou sua posição de luta antes do flash se apagar

À esquerda, John cuidava do *lesser* cuja bochecha vazava, apunhalando-o de volta a seu profano criador. E para Qhuinn sobrou o número três, girando-o em volta e jogando-o de cabeça numa parede.

Sem mais inimigos para enfrentar, pelo menos naquele momento, Tohr correu para o macho caído.

– Throe, – respirou quando viu o cara.

O soldado jazia de costas, apertando a barriga com a mão que não segurava sua adaga. Muito sangue. Muita dor, dada à expressão torturada.

– John! Qhuinn! – Tohr chamou. – Mantenham os olhos atentos ao Bando de Bastardos.

Ao receber um assobio e um – Entendido – em resposta, agachou-se, e checou a pulsação. O pulsar vacilante que encontrou, não era um bom sinal.

³⁶ No original o termo utilizado é “Pop-Tarting”. Pop Tart é um biscoito pré-cozido feito pela Kelloggs, com milhões de unidades vendidas nos Estados Unidos. Sua característica principal é que facilmente se esmigalha na boca.

Afastando-se, encontrou um par de olhos azul céu. – Vai me dizer quem fez isto a você? Ou vou ter de adivinhar.

Throe abriu a boca, tossiu sangue, e fechou os olhos.

– Ooook, vou adivinhar, seu chefe. Como estou indo? – Tohr ergueu a mão do cara e deu uma olhada no ferimento da barriga. Ou melhor, ferimentos. – Sabe, você nunca pertenceu à mesma laia daquele filho da puta.

Não teve resposta, mas o cara também não estava inconsciente – sua respiração era rápida demais, os ofegos indicando o tipo de dor que se manifestava somente com consciência. Tanto fazia. Xcor era a única explicação. O Bando de Bastardos sempre lutava em esquadrão único, e eles nunca teriam deixado um soldado para trás – a menos que Xcor tivesse ordenado.

Além disto, dois tipos de sangue de vampiro? Devia ter sido uma briga de adagas.

– O que aconteceu? Vocês dois brigaram sobre o que comer na Última Refeição? Sobre roupas? Ou foi algo mais sério. Homer versus Fred Flintstone?

Ele rapidamente desarmou o soldado, removendo duas armas boas e úteis, muita munição, inúmeras facas, um pedaço de fio para asfixiar, e...

– Cuidado, – Ele berrou quando Throe ergueu o braço. Pegando-o facilmente, forçou-o novamente para baixo, sem esforço algum. – Movimentos rápidos vão me fazer terminar o trabalho que Xcor começou.

– Faca na canela... – veio a resposta entrecortada.

Tohr ergueu a calça, e, *hello*, mais metal.

– Ao menos ele lhe deixou bem abastecido, – Tohr murmurou, enquanto pegava o telefone celular e chamava o complexo.

– Eu tenho uma situação, – disse quando V atendeu.

Depois de uma rápida troca de palavras com o Irmão, ele e Vishous decidiram levar o filho da puta ao centro de treinamento. Afinal, o inimigo de seu inimigo podia ser seu amigo... Sob as circunstâncias certas. Além disto, o *mh*is que cercava o complexo podia bagunçar até o GPS do Papai Noel. De jeito nenhum o Bando de Bastardos conseguiria encontrar o cara, se isto fosse uma armadilha.

Dez minutos depois, Butch chegou no Escalade.

Throe não tinha muito do que reclamar ao ser erguido, carregado e largado no banco traseiro: o fodido finalmente tinha desmaiado. As boas novas era que isto significava que ele não era uma ameaça imediata – mas seria útil mantê-lo vivo.

Objeto de barganha? Fonte de informação? Banquinho para os pés...

As opções eram infinitas.

– Bem o tipo de passageiro que eu gosto, – Butch disse assim que se sentou atrás do volante de novo. – Assim não vai ficar dando pitaco na maneira como dirijo.

Tohr concordou. – Eu vou com você...

O primeiro tiro que soou veio da arma de John, e Tohr imediatamente voltou ao modo de luta, abrindo a porta do Escalade, ao mesmo tempo em que sacava a própria arma.

O segundo tiro veio do inimigo, fosse lá quem fosse.

Arrastando-se para se cobrir atrás do SUV a prova de balas, Tohr bateu na lataria traseira para incitar o tira a dar o fora. Throe era valioso demais para ser perdido para algo tão banal quanto um grupo de *lessers*. Pior, podiam ser os Bastardos.

Quando o irmão arrancou, Tohr foi deixado com o traseiro ao vento, mas cuidou disto rapidamente, desviando-se abaixado, tornando-se um alvo móvel, difícil de atingir.

Balas o seguiram, só que o dono do dedo no gatilho não sabia como cercar uma presa – as balas ricocheteavam no asfalto perto dele, mas não rápido o bastante. E quando se atirou para trás de uma lixeira, preparou-se para revidar, tão logo verificou onde seus garotos estavam.

Silêncio no beco...

Não, não exatamente.

Gotejamento, como se algo estivesse vazando da barriga de ferro da enorme lixeira, o fez franzir o cenho e olhar rapidamente para baixo.

Não era a lixeira.

Merda. Tinha sido atingido.

Como um computador escaneando, ele olhou para seu corpo e identificou as fontes de dano. Tórax, lado esquerdo, costelas. Braço superior, lado de fora, quatro polegadas abaixo de sua axila. E... Era tudo.

Ele não tinha sentido nada, e não estava afetado, nem pela dor, nem pela perda de sangue. A maldita alimentação – era como colocar combustível de jato no tanque dele. E é claro, ajudava ainda mais porque as balas não tinham atingido nada importante – eram somente raspões.

Colocando a cabeça para fora da lixeira, não conseguia ver ninguém no beco, mas podia sentir assassinos por toda volta, fazendo mira. Pelo menos não havia cheiro de nenhum outro sangue fresco além do seu. Então John e Quinn estavam bem, graças a Deus.

A calma que se seguiu deu-lhe nos nervos.

Especialmente quando persistiu.

Cara, alguém tinha de colocar esta briga nos trilhos de novo – Butch estava indo embora com uma bomba relógio em sua traseira, e Tohr queria estar lá quando o Irmão chegasse ao complexo.

Mais do tema de *Jeopardy!*

Do nada, aquela cena horrível da despensa do mordomo atingiu-o de novo, sua fome e a resistência de No'One e a reação de seu corpo atravessando-o...

Uma grande fúria devoradora mordeu-o no traseiro, arruinando sua concentração, tirando-o da luta – e colocando-o exatamente onde ele não queria estar.

Enquanto seu cérebro se embaralhava e seu peito ardia, ele quis gritar.

Ao invés disto, escolheu outro jeito de forçar sua mente a ir para outra direção.

Erguendo ambas as mãos com as armas à frente, pulou para fora da lixeira.

Por falar em para-raios, gatilhos foram apertados. Balas voaram. E ele era o alvo.

Quando seu ombro foi para trás, soube que tinha sido atingido de novo, mas não prestou atenção. Se concentrando na fonte, descarregou ambas as semi-automáticas na esquina escura, enquanto seguia em frente.

Alguém estava gritando, mas ele não podia ouvir – não ouviria.

Ele estava em piloto automático.

Ele estava... Invencível.

Quando a chamada chegou ao centro médico, No'One estava na sala principal de exames, entregando uma pilha de roupas recém dobradas que saiu direto da secadora e ainda estavam mornas.

Por cima da mesa, doutora Jane alcançou o telefone. – Ele o quê? Pode repetir? Quem? E você está trazendo-o *para cá*?

Naquele momento, a porta do corredor externo se abriu e No'One deu um passo involuntário a frente. Os Irmãos Vishous e Rhage encheram a sala quando entraram – e os guerreiros estavam ameaçadores, olhos obscurecidos, sobrancelhas baixas, corpos tensos.

Traziam adagas na mão direita.

– Espere, sim, eles estão aqui. Qual a sua estimativa de chegada? Ok, sim, estarei pronta. – Jane desligou e olhou para os machos. – Acho que vocês estão encarregados da segurança.

– Tenha certeza. – Vishous acenou para a mesa de operação. – Então não vou poder lhe ajudar.

– Por que você vai ter uma faca na garganta do meu paciente.

– Você entendeu. Onde está Ehlena?

A conversa aumentou enquanto a doutora Jane juntava o equipamento e material, e no caos que se seguiu, No'One rezava para que ninguém a notasse. Quem seria trazido...

Como se lesse seus pensamentos, Vishous olhou para sua direção. – Todo pessoal não-essencial deve sair do complexo...

O telefone da mesa tocou de novo com um som estridente, e a curadora Jane levou-o ao ouvido de novo. – Alô? Qhuinn? O que foi... O quê? Ele fez *o quê*? – Os olhos da fêmea voaram para seu companheiro, as bochechas empalidecendo. – Diga o quão ruim? E ele precisa de transporte? Você tem... Graças a Deus. Sim, eu cuidarei disto.

Ela desligou e falou em uma voz vazia. – Tohr foi atingido. Várias vezes. Manny! – ela chamou. – Temos outro chegando!

Tohrment?

Vishous amaldiçoou. – Se Throe fez algo a ele...

– Ele enfrentou diretamente o tiroteio, – Jane cortou.

Todo mundo congelou.

Quando No'One esticou uma mão para a parede, a fim de se equilibrar, Rhage disse suavemente, – Como assim?

– Eu não sei muito mais. Qhuinn só disse que ele saiu do local onde estava abrigado, ergueu as duas armas, e só... Avançou diretamente para o tiroteio.

O outro doutor, Manuel, veio voando da porta seguinte. – Quem temos agora?

Houve muito mais conversa naquele ponto, vozes profundas se misturando ao tom mais alto da fêmea. Ehlena, a enfermeira chegou. Mais dois Irmãos.

No'One se afastou para o canto perto do armário de suprimentos, ficando fora do caminho, enquanto olhava para o chão e rezava. Quando um par de enormes botas negras entraram em sua linha de visão, ela só balançou a cabeça, sabendo o que seria dito a ela.

– Você precisa ir.

A voz de Vishous era firme e certa. Quase gentil, o que era novidade.

Erguendo o queixo, ela encontrou gelados olhos diamantinos. – Realmente, você terá de me matar e arrastar meu corpo daqui se quiser que eu saia.

O Irmão franziu o cenho, – Ouça, estamos trazendo um perigoso...

Um repentino e sutil rosnado pareceu surpreender o macho. Bobagem, ela pensou, considerando que ele mesmo o tinha feito...

Não. Ele não o tinha feito.

Ela estava fazendo. Aquele aviso estava se erguendo de seu peito, saindo pelos seus próprios lábios.

Interrompendo o som, ela pronunciou, – Eu ficarei. Em qual sala vocês irão tratá-lo?

V piscou, como se estivesse surpreso e não familiarizado com a sensação. Depois de um momento, olhou por sobre o ombro para sua companheira. – Ah, Jane... Onde Tohr vai ficar?

– Bem aqui. Throe vai ficar na segunda sala de operações... Tem menos portas, então há menos chance de tentar escapar.

O Irmão se virou e saiu, mas só para pegar um banquinho e trazê-lo a ela. – Neste caso, você vai se cansar de ficar em pé.

Então ele a deixaria ficar.

Querida Virgem Escriba, quem é que andava desprotegido sob fogo inimigo? Perguntou-se.

A resposta, quando lhe ocorreu, fez suas entranhas se contorcerem: alguém que queria ser morto cumprindo o dever. Isso é o que ele era.

Talvez fosse melhor se Layla o alimentasse. Menos complicado – não. Não menos complicado. A Escolhida era incrivelmente bonita, sem nenhum tipo de deformidade. Sim, ele tinha afirmado que não desejava ninguém de maneira sexual, mas a resolução de um macho podia ser extremamente testada por uma fêmea com a aparência dela. E qualquer resposta deste tipo o mataria.

No'One era melhor para ele.

Sim, aquilo estava certo. Ela cuidaria de suas necessidades.

Enquanto continuava a se auto-justificar, o fato de que a ideia dele tomando da garganta da bela Escolhida a fazia sentir-se curiosamente violenta, não era nada que ela quisesse examinar muito a fundo.

Capítulo VINTE E SETE

Throe despertou em um vazio. Ele não tinha visão, não tinha audição e nenhuma sensação em seu corpo, como se a escuridão circundante o tivesse reivindicado completamente.

Ah, então isso era o *Dhund*, pensou. O oposto do iluminado Fade. O lugar sombrio onde aqueles que haviam pecado na terra eram trancados por toda a eternidade.

Este era o inferno do Ômega, e de fato, era quente.

Sua barriga estava em chamas...

– Não, você está errado. Aquele *lesser* foi baleado de cima, também. Alguém mais estava no local.

Os sentidos de Throe voltaram rapidamente para ele, afastando o vazio claro como o nascer do sol sobre a paisagem... Mas ele teve o cuidado de não alterar sua respiração e de não se mover. Aquele macho não era um de seus companheiros soldados.

E nem o segundo que falou: – Do que você está falando?

– Quando fui para esfaqueá-lo de volta para o Ômega, ele estava crivado de balas, algumas das quais só poderiam ter sido descarregadas a partir de um ângulo privilegiado sobre ele. Estou lhe dizendo, a parte superior de seu crânio, ombros, toda aquela merda estava uma bagunça.

– Algum dos nossos meninos lá em cima?

– Não que eu saiba.

Uma terceira voz disse: – Não. Estávamos todos ao nível do solo.

– Alguém mais apagou o desgraçado. Tohr pôs um pouco de chumbo nele, com certeza, mas isso não foi tudo...

– Cale-se. Nosso convidado se recuperou.

Com o fim do truque, Throe abriu seus olhos. Ah, sim. Isso não era o *Dhund* – mas era quase. Toda a Irmandade da Adaga Negra cobria as paredes do quarto no qual ele estava, os machos olhando para ele com a agressão em suas medulas. E isso não era tudo. Havia alguns outros com eles, soldados, claramente... Assim como aquela fêmea, a que havia matado o Bloodletter.

Bem como o grande Rei Cego.

Throe se focou em Wrath. O macho tinha óculos escuros, mas, mesmo assim, o olhar demorado por trás daquelas lentes se percebia muito obviamente. De fato, o vampiro mais importante do planeta estava como ele sempre foi, um sólido lutador, com a astúcia de um mestre estrategista, a expressão de um carrasco, e um corpo forte o suficiente para acompanhar todas aquelas descrições.

Apropriadamente denominado, ele era.

E Xcor tinha escolhido um adversário muito, muito perigoso.

O rei se aproximou do leito: – Meus cirurgiões salvaram sua vida.

– Eu não duvido. – Throe raspou pela garganta. Querida Virgem Escriba, sua garganta estava dolorida.

– Então, da forma como eu vejo isso, em circunstâncias normais, um macho de valor estaria me devendo. Mas considerando com quem você tem estado na cama, as regras normais não se aplicam.

Throe engoliu um par de vezes: – Minha lealdade em primeiro lugar, a minha única... A única... É para com a minha família...

– Que porra de família? – o Irmão Vishous murmurou.

– Minhas relações de sangue, é o que quero dizer. Minha... Amada irmã...

– Eu pensei que ela estivesse morta.

Throe olhou para o lutador: – Ela está.

O rei interveio entre eles: – Tá, tá, tá... O acordo é o seguinte: Você vai ser liberado quando estiver bem o suficiente, livre para sair e dizer ao mundo que eu e os meus meninos somos tão piedosos e justos como a porra da Madre Teresa, apesar de quem seu chefe é...

– Era.

– Tanto faz. O ponto principal é que você é bem-vindo para permanecer em um pedaço...

– A menos que você faça merda. – Vishous interveio.

O rei olhou para o Irmão. – ...enquanto você agir como um cavalheiro. Nós traremos até mesmo alguém para alimentá-lo. Quanto mais cedo você estiver fora daqui, melhor.

– E se eu quisesse lutar junto com vocês?

Vishous cuspiu no chão: – Nós não aceitamos traidores...

Os olhos de Wrath se voltaram ao redor.

– V, Feche sua boca, filho da mãe. Ou ficará no corredor.

Vishous, filho do Bloodletter, não era o tipo de macho a quem qualquer um se dirigia assim. Exceto, aparentemente, Wrath. Neste caso, o Irmão com as tatuagens no rosto, a reputação de um perverso e a mão da morte, fez exatamente o que foi dito. Ele fechou a boca.

O que dizia muito sobre Wrath. Não dizia?

O rei continuou: – Mas eu não me importaria em saber quem lhe cortou.

– Xcor.

As narinas de Wrath se dilataram. – E ele lhe deixou para morrer?

– Sim. – Em algum nível, ele ainda não podia acreditar nisso. O que sinalizava o quanto ele era estúpido. – Sim... Ele deixou.

– É essa é a razão de sua fidelidade ser de seu próprio sangue agora?

– Não. Essa tem sido a verdade sempre.

Wrath balançou a cabeça e cruzou os braços sobre o peito. – Você diz a verdade.

– Sempre.

– Bom, ainda bem que você vai deixá-los agora, filho. O Bando de Bastardos está mexendo em um vespeiro do qual eles não vão se safar.

– Na verdade... Não há nada que eu possa dizer que você já não saiba.

Wrath riu suavemente. – Um diplomata.

Vishous interveio: – Tente animal morto...

A mão de Wrath se ergue no ar, o diamante negro do anel do rei cintilando. – Alguém ponha essa boca para fora deste quarto. Ou eu o farei.

– Estou saindo, porra.

Depois que o Irmão marchou para fora, o rei esfregou sua testa. – Ok. Chega de falar. Você parece uma merda... Onde está Layla?

Throe começou a sacudir a cabeça. – Eu não tenho necessidade de sangue...

– Besteira. E você não vai morrer sob nossa vigilância para que Xcor possa nos acusar de termos lhe matado. Eu não vou dar a ele esse tipo de arma. – Enquanto o rei se encaminhava para a porta, Throe percebeu pela primeira vez que havia um cão ao lado do macho... E usando um cabresto que Wrath segurava. Ele era verdadeiramente cego? – Desnecessário dizer, que isso será testemunhado... Oh, olá, Escolhida.

O cérebro inteiro de Throe parou de funcionar ante a visão que entrou no quarto. Uma absoluta... Visão. Alta, cabelo e olhos claros, vestida com uma túnica branca, era de fato uma Escolhida.

Tão bela era ela, pensou. Um nascer do sol que vivia e respirava... Um milagre.

E ela não estava sozinha, como era apropriado para uma jóia como ela. Ao seu lado, Phury, filho de Ahgony, era um muro de proteção, com o rosto fechado tão tenso, parecendo como se por ventura ela lhe pertencesse? Ele até tinha uma adaga negra na mão – embora discretamente alojada em sua coxa, indubitavelmente, de modo que a fêmea não visse e se alarmasse.

– Eu vou lhe deixar para que possa se alimentar – disse Wrath. – Mas se eu fosse você, tomava cuidado. Meus meninos aqui, eles são um tantinho nervosos.

Depois que o grande Rei Cego saiu com o cão loiro, Throe estava sozinho com os Irmãos, os soldados... E aquela fêmea.

Quando ela veio mais para dentro do quarto, seu sorriso era uma fonte de paz e feminilidade em meio às armadilhas vis de guerra e morte, e se ele não estivesse deitado, ele teria caído de joelhos em reverência.

Fazia tanto tempo desde que ele esteve ao redor de uma fêmea de valor. Na verdade, ele estava tão acostumado com as putas e as prostitutas, as quais ele tratava como damas por força do hábito, mas não por consideração.

Os olhos dele lacrimejaram.

Ela o fez lembrar da sua irmã, de como ela deveria ser.

Phury deu um passo na frente dela, bloqueando-lhe a visão quando ele se inclinou e colocou a boca na orelha de Throe. Enquanto ele apertou o bíceps de Throe até que doeu insuportavelmente, o Irmão resmungou baixinho: – Você fica duro e eu vou castrá-lo assim que ela sair.

Bem... Se isso não estava claro como cristal. E uma rápida olhada ao redor da sala sugeriu que Phury não seria o único que viria atrás dele. Os outros Irmãos lutariam por pedaços de sua carcaça morta se ele ficasse excitado.

Endireitando-se em toda sua altura, Phury sorriu para a fêmea como se não houvesse nada com que se preocupar. – Este soldado está muito grato pelo dom da sua veia, Escolhida. Não está?

O "idiota" não foi dito. E o aperto mais uma vez no braço de Throe foi tão escondido quanto enfático.

– Estou eternamente agradecido, sua graça. – ele sussurrou.

Com isso, a Escolhida sorriu para Throe, roubando-lhe a respiração. – Se eu puder ser até mesmo uma pequena forma de ajuda para um macho de valor tal como você, eu sou abençoada. Não há maior serviço à raça do que lutar contra o inimigo.

– Posso pensar em pelo menos mais um. – alguém disse sob suas respirações.

Quando Phury acenou para ela vir para a cabeceira da cama, Throe só podia olhar para o rosto dela, seu coração lutando para decidir se batia ou se parava

completamente. E quando ele imaginou que gosto ela poderia ter, ele tentou não lambe seus lábios... Pois certamente isso estava incluso na lista de atividades proibidas. Ele também lembrou severamente seu sexo para permanecer flácido ou perderia seus dois melhores e estúpidos companheiros.

– Eu não sou digno. – ele disse suavemente para ela.

– Isso com certeza. – alguém resmungou.

A Escolhida franziu a testa por cima do ombro. – Oh, mas certamente ele é. Qualquer um que empunha uma adaga com honra contra os *lessers* é digno. – Ela olhou para ele novamente. – Senhor, eu posso servi-lo agora?

Ah... Droga.

As palavras dela foram direto para o pênis. Direto sobre o eixo, que engrossou imediatamente, até a ponta, que prontamente latejou de desejo.

Throe fechou os olhos e rezou para que tivesse força. E pela má pontaria dos Irmãos. Nenhum dos quais provavelmente seria concedido... O pulso dela estava perto de seus lábios... Ele podia sentir o cheiro.

Com os olhos reluzindo abertos, ele viu sua veia frágil em uma notável distância – e que a misericordiosa Virgem Escriba o salvasse, tudo no que ele podia pensar era em alcançá-la, acariciando seu rosto suave...

Uma lâmina negra forçou seu braço de volta para baixo. – Sem tocar. – Phury disse sombriamente.

Bem... Ao menos se isso era tudo com que o Irmão estava preocupado, obviamente ele não tinha percebido a questão abaixo da cintura. E meio que concordando em ter a si mesmo neutralizado, Throe faria qualquer coisa para fazer isso acontecer – então não tocar era bom.

Não tocar estava bom para ele...

Enquanto Tohr estava deitado em sua cama, ele despertou com o pensamento de que era um pouco cedo para estar dormindo. Ele não deveria estar lá fora lutando? Por que é que ele estava...

– Traga Layla aqui imediatamente. – uma voz masculina berrou. – Não podemos operar até que a pressão arterial dele suba...

Disse o quê? Tohr se perguntou. A pressão arterial de quem estava ruim...?

– Ela vai estar aí o mais rápido possível. – veio uma resposta distante.

Eles estavam falando sobre ele? Não, eles não poderiam estar...

Quando ele abriu seus olhos, a luminária industrial pendurada diretamente sobre seu rosto clareou as coisas rápido. Esse não era o seu quarto; essa era a clínica no centro de treinamento. E eles *estavam* falando sobre ele.

Tudo voltou num flash. Ele saindo de trás daquela lixeira. Seu corpo sendo perfurado enquanto andava para frente, abrindo fogo. Ele atirando até que parou despencando sobre a forma fedorenta daquele assassino.

Depois disso, ele cambaleou para trás e para frente, como uma vareta só parcialmente fincada no solo.

E então as luzes se apagaram.

Com um gemido, ele tentou se erguer, mas sua mão escorregou no acolchoamento da maca. Ele supôs que ele estava vazando...

O rosto bonito de Manello apareceu em sua linha de visão, substituindo a brilhante-e-reluzente luz do dispositivo. Uau – veja só essa expressão. O bastardo olhou como se alguém tivesse acabado de lhe dar entradas para a Disneylândia. Surpresa!

– Você não devia estar consciente.

– Ruim assim, hein?

– Talvez um pouco pior. Sem ofensa, mas em que diabos você estava pensando? – O bom cirurgião girou e correu para a porta, empurrando sua cabeça para o corredor. – Precisamos de Layla aqui! Agora!

Nisso, houve alguma conversa, mas ele não conseguiu acompanhar nada, e não porque ele estava ferido. Apesar de toda a conversação, seu corpo tinha uma enorme opinião sobre de quem ele iria se alimentar – e no que lhe dizia respeito, apesar do quão adorável a Escolhida era, *não* seria ela.

E foi um choque perceber o porquê.

Ele queria No'One. Mesmo que não fosse justo...

– Eu vou alimentá-lo. Eu devo cuidar dele.

Ao som da voz de No'One, Tohr rangeu os dentes, e sentiu uma onda passar por ele. Virando a cabeça, ele olhou para além das mesas de instrumentos cirúrgicos... E lá estava ela no canto mais distante, o capuz no lugar, seu corpo parado, as mãos agitando sob as mangas do robe.

No instante em que ele a viu, suas presas se alongaram, e seu corpo preencheu a própria pele, o resíduo da dormência recuando e revelando todos os tipos de sensações: dor no lado do pescoço, nas costelas, e debaixo do braço; formigamento nas pontas de seus caninos, certos como se ele já houvesse atingido; fome em suas entranhas – por ela.

Fome em seu pau – por ela.

Merda.

Ele rapidamente camuflou a excitação arrancando a cortina cirúrgica ao redor e segurando-a em frente a seus quadris.

– Ok, você não deveria ser capaz de se sentar. – Manny murmurou.

Ele estava sentado? Oh, ei, verificando... E quanto à segunda dose de surpresa do médico? Cara legal, mas ele estava sendo um humano idiota a respeito da coisa envolvendo a alimentação. Com este tipo de fome por aquela fêmea em particular? Tohr era a porra do Super-Homem, capaz de levantar um caminhão com uma mão enquanto fazia malabarismos com carros com a outra.

Ele estava preocupado com No'One, no entanto. A última vez tinha sido um desastre épico.

Exceto que, do outro lado da sala, ela apenas balançou a cabeça para ele, como se ela soubesse exatamente com o que ele estava preocupado, e estava pronta para seguir adiante de qualquer maneira.

Por alguma razão, a coragem dela fez seus olhos arderem.

– Deixe-nos. – ele disse ao cirurgião sem olhar para o homem. – E não deixe ninguém entrar até eu chamar por você.

Praguejando. Murmurando. Todos os quais ele ignorou. E quando ele finalmente ouviu a porta se fechar, ele tomou o firme controle de seus instintos, o conhecimento de que ele estava sozinho com ela temperando todo aquele impulso de se alimentar. Ele não iria machucá-la ou assustá-la de novo. Ponto.

A voz aguda de No'One cortou o silêncio: – Você está sangrando tanto.

Oh, cara, eles não deviam tê-lo limpado ainda. Ed – Parece pior do que é.

– Então você deveria estar morto.

Ele riu um pouco. Em seguida, riu um pouco mais – e culpou os “hahas” pela perda de sangue. Porque nada dessa merda era engraçado.

Quando ele esfregou seu rosto, ele atingiu uma ferida em carne viva e teve que deitar novamente – o que o fez se perguntar se ele podia estar em apuros – e não um apuro de variedade sexual. Quantas balas estavam nele? Quão perto ele esteve de morrer?

Sem ofensa, mas em que diabos você estava pensando?

Expurgando tudo isso, ele estendeu a mão e acenou para ela. Quando ela se aproximou dele, seu mancar era bem evidente, e, quando ela chegou à mesa, ela apoiou o quadril contra a borda como se talvez sua perna a estivesse incomodando.

– Deixe-me pegar uma cadeira para você. – disse ele, fazendo um movimento para se levantar.

A mão delicada dela o acalmou de volta. – Eu pego.

Enquanto ele a observava mancar por todo o caminho, era óbvio que ela estava com dor. – Há quanto tempo você está em pé?

– Algum tempo.

– Você deveria ter ido.

Ela rolou o banco e gemeu quando tirou o peso de seus pés. – Não até que eu soubesse que você estava em casa em segurança. Eles disseram... Que você entrou na linha de fogo.

Deus, ele desejava poder ver os olhos dela. – Não é a primeira vez que eu faço algo estúpido.

Como se isso de alguma forma fizesse as coisas melhores? Idiota.

– Eu não quero que você morra. – ela sussurrou.

Deus. Droga. A emoção profunda nessas palavras o deixou perplexo.

Quando o silêncio reinou mais uma vez, ele olhou para a sombra criada pelo capuz, pensando naquele momento no qual ele saiu de trás daquela lixeira. Então, ele voltou mais longe em sua memória....

– Sabe de uma coisa? Eu estive louco com você por anos. – Como ela apareceu recuar, ele moderou seu tom. – Eu simplesmente não podia acreditar no que você fez consigo mesma. Nós tínhamos chegado tão longe, nós três, você, eu e Darius. Éramos uma espécie de família, e eu acho que eu sempre senti que você nos traiu de alguma maneira. Mas agora... Depois que eu perdi tudo que eu tinha... Eu entendo o porquê. Eu realmente entendo.

A cabeça dela caiu para baixo. – Oh, Tohrment.

Ele estendeu a mão e cobriu as mãos dela com a sua própria. Exceto que, então, ele notou que a sua estava suja de sangue e manchada, uma caricatura horrível contra a pureza da pele dela.

Quando ele pretendeu retirar sua mão, ela o segurou e os manteve juntos.

Ele limpou a garganta. – Sim, eu acho que eu entendo porque você fez aquilo. Naquele momento, você não conseguia ver ninguém além de si mesma. Não foi para machucar as outras pessoas ao seu redor... Foi para terminar seu próprio sofrimento, porque você simplesmente não podia suportar mais nenhum minuto.

Houve um longo momento de silêncio, e então ela disse silenciosamente, – Quando você andou para aquelas balas esta noite, você estava tentando...

– Aquilo foi apenas parte da batalha.

– Foi?

– Sim. Apenas fazendo meu trabalho.

– Dadas as reações de seus Irmãos, eles parecem pensar que isso não está na descrição das funções.

Erguendo seus olhos, ele capturou o reflexo deles nos contornos de aço inoxidável da luminária cirúrgica, ele deitado e vazando, ela curvada e encapuzada. Suas formas e figuras estavam distorcidas, dobradas, torcidas e fora de forma por causa da superfície refletora irregular, mas a imagem era precisa em mais de uma maneira. Seus destinos tinham sido da mesma forma, como se para torná-los ambos grotescos.

Estranhamente, as suas duas mãos entrelaçadas eram o mais definido de tudo, essa imagem sendo refletida perfeitamente.

– Eu odiei o que eu fiz com você na noite passada. – ele desabafou.

– Eu sei. Mas isso não é motivo para se matar.

Verdade. Ele tinha outras razões mais do que suficientes para isso.

Abruptamente, No'One tirou o capuz, e ele imediatamente se concentrou na garganta dela.

Merda, ele queria aquela veia, a que corria tão perto da superfície.

O bate-papo acabou. A fome estava de volta, e não era apenas biológica. Ele queria estar na carne dela novamente, bebendo não apenas para curar suas feridas, mas porque ele gostava do sabor dela, e a sensação da pele fina dela na sua boca, e a forma como suas presas a perfuravam profundamente e deixavam-no receber parte dela dentro dele.

Ok, talvez ele tenha mentido um pouco sobre o banho de balas. Ele tinha absolutamente odiado machucá-la – mas essa não foi a única razão pela qual ele andou no meio de todo aquele chumbo. A verdade era, que ela estava chamando

algo para fora dele, algum tipo de emoção, e esses sentimentos estavam começando a girar as engrenagens dentro dele que estavam enferrujadas e debilitadas pela falta de uso.

Isso o apavorou. *Ela* o apavorou.

E ainda assim, olhando para o rosto tenso dela agora mesmo, ele estava feliz por ter voltado vivo daquele beco. – Eu estou feliz por ainda estar aqui.

A respiração que ela exalou era um alívio sendo manifestado, – Sua presença acalma a todos, e você é importante neste mundo. Você significa muito.

Ele riu sem jeito, – Você me superestima.

– Você se subestima.

– Idem. – ele sussurrou.

– Como é?

– Você sabe exatamente o que quero dizer. – Ele pontuou isso apertando a mão dela, e quando ela não respondeu, ele disse: – Eu estou feliz por você estar aqui.

– Estou feliz por *you* estar aqui. É um milagre.

Sim, provavelmente ela estava certa. Ele não tinha ideia de como ele tinha saído daquilo vivo. Ele não estivera usando um colete.

Talvez a sorte dele estivesse mudando.

Pouco tarde no jogo, infelizmente.

Olhando para ela, ele tomou suas feições encantadoras, de seus olhos cinzentos de pomba para os lábios rosados... Para a coluna elegante de sua garganta e o pulso que batia debaixo da pele preciosa.

De repente, o olhar dela foi para a boca dele.

– Sim. – disse ela. – Eu vou alimentá-lo agora.

Calor e potência bruta ressurgiram do corpo dele, balançando os quadris para cima e solucionando o problema de pressão sanguínea do cirurgião. Mas toda a

excitação era à toa. A parte dele que queria coisas dela, coisas que ela não estaria confortável dando a ninguém... Coisas que tinham haver com o que ele tinha feito no chuveiro e na cama sozinho durante o dia... Não seriam resolvidas aqui.

Além disso, a mente e o coração dele não estavam interessados em nenhuma dessas merdas, e essa era uma outra razão pela qual ela era perfeita para ele. Layla poderia muito bem levar seu corpo além da excitação; No'One nunca o faria. E havia traições piores para com sua *shellan* do que querer o inatingível. Pelo menos com No'One, e graças ao seu autocontrole, esses impulsos seriam para sempre apenas uma fantasia, uma inofensiva, irrealizada fantasia de masturbação que não tinha mais substância em sua vida real do que pornografia na Internet...

Que Deus lhe ajude, uma pequena voz observou, se algum dia ela também lhe quisesse.

E era isso mesmo. Mas como ela pareceu hesitar, ele estava certo de que nunca ia acontecer.

Com uma voz gutural, ele disse a ela: – Eu não tenho pressa. E saiba que as luzes vão ficar acesas dessa vez... E vou tomar do seu pulso apenas o quanto você estiver interessada em me dar.

Capítulo VINTE E OITO

Conforme No'One sentava-se ao lado de Tohrment, ela ouviu-se dizendo de novo, – Sim...

Querida Virgem Escriba, algo mudara entre eles. No ar denso e carregado entre seus corpos, uma espécie de calor cintilava, a corrente de eletricidade esquentando sua pele de dentro para fora.

Isto era totalmente diferente daquela vez no escuro da despensa com ele, lutando contra o estrangulamento incessante do passado.

Tohrment praguejou baixinho. – Merda. Eu devia ter me limpado antes.

Como se ele não fosse nada mais do que um balcão respingado, ou um monte de roupa suja que precisasse ser lavada.

Ela franziu o cenho. – Não me importa sua aparência. Está respirando e seu coração continua batendo... Isto é tudo o que importa para mim.

– Você tem padrões baixos para machos.

– Eu não tenho padrão para machos. No entanto, se você estiver saudável e a salvo, estarei em paz.

– Maldição, – ele disse suavemente. – Eu realmente não entendo... Mas acredito em você.

– É a verdade.

Olhando para as mãos entrelaçadas, ela pensou no que ele dissera... Sobre o passado, sobre a família que os três haviam forjado na País Antigo.

Sobre como ela tinha despedaçado aquilo para todos eles, inclusive sua filha.

De fato, ela sempre vira a ressurreição que havia lhe sido dada como uma punição por ter tirado a própria vida, mas sim, ela percebeu mais uma vez, agora havia outro propósito a servir.

Ela tinha ferido este macho, mas a ela também havia sido dada a oportunidade de ajudá-lo.

Era o princípio fundamental da Virgem Escriba em funcionamento: todas as coisas completavam um círculo de forma que o equilíbrio fosse mantido.

Assumindo que ela *pudesse* ajudá-lo nisto.

Com um sentimento de propósito, ela desceu o olhar pelo corpo dele – ou para o que podia ver dele não coberto pelo lençol. Seu peito era cheio de músculos, uma cicatriz em forma de estrela marcava um dos peitorais, e seu abdômen era estriado de força. Por todo ele havia hematomas que ela não se atrevia adivinhar de onde vinham, e pequenos buracos redondos que a assustaram.

Mas o que estava acontecendo abaixo foi o que capturou seu olhar. Ele estava segurando o lençol azul acima dos quadris como se escondesse alguma coisa, seu braço e mão apertando enquanto ela olhava.

– Não se preocupe com isso, – ele disse em voz gutural.

Ele estava excitado, ela pensou.

– No’One, vamos... Olhe nos meus olhos. Não me olhe aí embaixo.

A temperatura na sala aumentou um pouco mais, a ponto dela pensar em tirar o manto. E subitamente, como se ele pudesse ler sua mente, sua pélvis girou em um arco que era... Sensual.

– Oh, porra... No’one, não faça isso.

Uma desconhecida expectativa percorreu suas veias, fazendo sua cabeça zunir e seu estômago se sentir ligeiramente doente. E ainda assim ela não pensou em não alimentá-lo; se muito, quis sua boca ainda mais.

Com este pensamento, levou o pulso aos lábios dele.

O chiado dele foi ligeiro, a mordida rápida, a dor doce como a picada de centenas de pequenas agulhas. E então... Ele estava sugando, sua boca quente e úmida travada contra sua carne e sugando ritmicamente...

Ele gemeu. Do fundo da garganta, ele gemeu de prazer, e ao som do gemido, o coração dela pulou no peito e acelerou ainda mais. Mais daquele calor, inebriante

e insidioso, floresceu por sob sua pele, fazendo os pensamentos se bagunçarem e seu corpo ficar lânguido.

Como se Tohrment sentisse a mudança nela, gemeu novamente, sua cabeça se esticando, o peito se erguendo, os olhos rolando para dentro da cabeça. E então ele começou a fazer barulhinhos que lembravam miados, uma súplica que não combinava com seu enorme tamanho, os sons lamentosos se elevando repetidamente de sua garganta, alternados com os goles.

Com as luzes acesas, e seu braço sob seu controle para retrain caso quisesse, o pânico dela apareceu apenas brevemente, antes de ser totalmente afastado. Havia muito de Tohrment ali para que ela o confundisse com qualquer outro, e o quarto bem-iluminado no qual estavam não tinha nada em comum com o celeiro. Tudo era claro e limpo, e este macho em sua veia... Era totalmente vampiro e nem remotamente parecido com um *sympath*.

Quanto mais calma ela se sentia, mais desperta ficava.

Os quadris dele se moviam o tempo todo, agora.

Por baixo dos lençóis que ela brevemente lavaria, por baixo do aperto que eram agora ambas as mãos, sua pélvis ondulava. E cada vez que o fazia, seu abdômen se contraía e seu torso se arqueava... E os sons ficavam um pouco mais altos.

Ele estava profundamente excitado.

Mesmo terrivelmente ferido, seu corpo estava pronto para acasalar – desesperado por isto, como os movimentos do corpo indicavam...

De início, ela não entendeu o formigamento que a inundou, anestesiando-a e hipersensibilizando ao mesmo tempo. Talvez fosse o fato de que ela o tivesse alimentado duas vezes em menos de um dia... Mas não. Enquanto as mãos de Tohrment se juntavam novamente na frente dos quadris, enquanto ele apertava a si mesmo mais forte por sobre o lençol, era evidente que seu sexo clamava por atenção e que ele estava sendo forçado a obedecer...

A cintilação voltou ainda mais intensamente quando ela percebeu que ele estava se esfregando.

Os lábios de No'One se separaram e respirar se tornou difícil, e por baixo de suas vestes, o calor aumentou ainda mais e se concentrou em suas entranhas.

Querida Virgem Escriba, ela estava.... Excitada. Pela primeira vez na vida.

Como se pudesse ler sua mente, os olhos dele encontraram os seus. Havia confusão neles. E uma misteriosa escuridão que parecia próxima demais para ser temida. Mas havia mais daquele calor, tanto mais...

Enquanto ela se perdia naquele olhar reluzente, uma das mãos dele largou a parte inferior e subiu para o peito. Quando ele tocou seu braço, não foi para mantê-la no lugar, ou segurá-la, mas para tocar sua carne suave e lentamente.

Respirar se tornou impossível.

E ela não se importou.

O correr leve dos dedos dele sobre sua pele era intoxicante, levando-a perto desta chama que ela não podia enxergar. Fechando seus olhos, ela se permitiu voar para longe de qualquer preocupação ou temores, até que não soube nada além das sensações em seu corpo.

De fato, enquanto o alimentava, ela se alimentava, uma parte escondida de sua alma sendo nutrida pela primeira vez...

Eventualmente ela ouviu as lambidas e percebeu que tinha acabado.

Ela quis lhe pedir para continuar.

Estava mais como para lhe implorar

Erguendo as pálpebras pesadas, não conseguia focar os olhos, e isso parecia apropriado. O mundo estava girando igual a ela... Mole e zonga, com mel em suas veias e bolas de algodão no cérebro.

Tohrment não parecia assim, no entanto.

Ele parecia afiado como uma lâmina, seus músculos se contraindo agora não só nos quadris, mas no corpo inteiro, dos bíceps ao abdômen – mesmos seus pés por baixo da coberta estavam esticados.

A outra mão dele, aquela que a tinha acariciado, voltou para baixo da cintura.
– Acho melhor você partir.

Sua voz era tão profunda que ela franziu o cenho enquanto tentava decifrar as palavras. – Fiz algo errado?

– Não, mas eu estou quase fazendo. – Ele cerrou os dentes brancos enquanto movia os quadris para cima e para baixo, debaixo do lençol. – Eu tenho que... *Porra*.

E foi então que ela entendeu o que ele queria dizer.

– No’One, por favor... Eu preciso... Não consigo me segurar mais...

Seu corpo sólido estava tão bonito nesta agonia particular. Apesar de ensanguentado, ferido e machucado, havia algo inegavelmente sexual no modo como ele cerrava os dentes e se arqueava na cama.

Por um momento, o pesadelo dela com o *sympath* ameaçou vir à tona, o terror tentando ganhar espaço na borda de sua consciência. Mas então Tohrment gemeu e mordeu o lábio inferior, aqueles longos caninos marcando a carne suave e rosada.

– Eu não quero sair, – ela disse roucamente.

O rosto dele se levantou, outra maldição partindo seus lábios. – Se ficar vai ter um inferno de um show.

– Então... Mostre-me.

Aquilo reteve sua atenção, os olhos dele grudando nos olhos dela, seu corpo congelando. Enquanto ele piscava, parou de se mover.

Em um tom rude, ele disse – Eu vou gozar. Você sabe o que isto significa? Orgasmo?

Graças a Virgem Escriba pela cadeira, No’One pensou. Porque entre aquela voz profunda, a essência inebriante dele e o modo erótico que se tocava, mesmo a perna boa dela não teria força para aguentar seu pouco peso.

– No’One, você entende?

Quem respondeu foi a parte dela recém desperta: – Sim. Eu sei. E eu quero ver.

Ele balançou a cabeça como se tivesse intenção de discutir. Só que não disse mais nada.

– Alivie-se, guerreiro, – ela disse a ele.

– Oh, Jesus...

– Agora.

À sua ordem, uma espécie de escravidão caiu sobre ele. Cintura abaixo, sob a coberta, um de seus joelhos se ergueu, as coxas se abrindo completamente enquanto tocava aquela parte vital que o definia como exclusivamente macho.

O que aconteceu em seguida desafiava descrição. Ele trabalhou si mesmo contra o lençol amarrotado, girando os quadris, empurrando para baixo, seu corpo ganhando impulso...

Oh, os sons: do resfolegar de sua respiração aos seus gemidos aos barulhos provindos de debaixo do lençol.

Isto era o animal macho nos espasmos da paixão.

E não havia retorno.

Para nenhum deles.

Mais rápido. Mais pressão nas mãos dele, até que o peito se inflou, a anatomia parecendo talhada ao invés de feita de carne. E então ele praguejou em uma explosão de respiração e se ergueu contra o aperto que mantinha em seu sexo. Seus espasmos a fez pressionar o próprio tórax e respirar com um arquejo, como se o que estivesse acontecendo com ele estivesse replicado na forma dela. De fato, que milagre era este? Tohrment parecia sentir dor, e ainda assim não mostrava evidência alguma de querer que parasse – quando muito, ele parecia querer intensificá-la, elevando os quadris cada vez mais.

Até que acabou.

No final das contas, os únicos sons no quarto era a respiração deles, de início bastante alto e então baixando e baixando, até que ficaram calmos.

Enquanto os sentidos ampliados dela recuaram, sua mente voltou ao controle, e o mesmo pareceu acontecer com ele. Liberando as mãos, ele revelou uma umidade no lençol que não estivera ali antes.

– Você está bem? – ele disse roucamente.

Ela abriu a boca. A voz perdida, tudo o que pode fazer foi acenar.

– Tem certeza disto?

Era tão difícil colocar em palavras seus sentimentos. Ela não se sentia ameaçada, certamente. Mas também não estava... Bem.

Estava girando e inquieta. Dentro de sua cabeça. Fora dela. – Estou tão... Confusa.

– Sobre o quê?

Os ferimentos de bala em sua carne chamaram sua atenção e ela balançou a cabeça. Não era hora de falar. – Deixe-me chamar os curadores. Você precisa ser tratado.

– Você é mais importante que isto. Você está bem?

Dada a linha teimosa de seu queixo, era claro que ele não estava blefando. E sem dúvida se ela saísse do quarto para buscar o cirurgião, ele a seguiria e deixaria uma trilha do sangue que não tinha para desperdiçar.

Ela deu de ombros. – Eu só não esperava...

Quando ela não disse mais, a realidade de sua situação lhe voltou à consciência. Aquela excitação, aquela satisfação que ele tivera... Tinha sido sobre sua *shellan*, não tinha? Ela tinha dito a ele que Wellesandra era bem-vinda entre eles, e ele tinha deixado amplamente claro que não desejava ninguém além daquela fêmea. Quando ele aparentava estar concentrado nela, provavelmente estava só projetando a imagem de outra pessoa.

Nada daquilo era sobre ela.

O que realmente não devia incomodá-la. Era, afinal, exatamente o que ela dissera a ele que queria.

Então por que ela se sentia tão curiosamente vazia?

– Eu estou bem. – Ela encontrou o seu olhar. – Juro. Agora, posso, por favor, chamar os médicos? Eu não vou conseguir respirar direito até que eles cuidem de você.

Os olhos dele se estreitaram. Mas então ele acenou. – Ok.

Ela sorriu rigidamente e se virou.

Bem na hora que ela chegou à porta, ele disse – No’One.

– Sim?

– Eu quero lhe devolver o favor.

Bem, e não é que aquilo parou a fêmea nos trilhos?

Meio que fez o coração de Tohr congelar, também.

Enquanto No’One parava à porta de costas para ele, ele mal podia acreditar que aquilo saíra de sua boca – mas era a maldita verdade, e ele estava determinado a mantê-la.

– Eu sei que você vai ao Santuário para cuidar de sua necessidade de sangue, – ele disse, – mas isto não deve ser suficiente. Não esta noite. Tomei muito de você nas últimas vinte e quatro horas.

Quando ela não respondeu, ele capturou sua essência e precisou refrear na garganta um grunhido em resposta. Ele não tinha certeza de que ela soubesse em sua mente, mas seu corpo fora claro: ele queria o que ele pudesse dar a ela.

Mal.

Só que... Deus, no que ele estava se metendo? Ele ia alimentar outra pessoa além de sua Wellsie?

Deus te ajude se ela, algum dia, te desejar também...

Não, não, nãããããoooo, isto não era sobre sexo. Era sobre ele cuidar dela depois dela tê-lo deixado tomar de sua veia. Era só sangue – o que era inquietante o bastante e o deixava suficientemente fodido.

Tem certeza disto? A vizinha retrucou.

Bem quando ele estava a ponto de dar um foda-se a si mesmo, o *sermão* de merda de Lassiter voltou a ele. *Você está vivo. Ela não está. E seu apego ao passado está prendendo vocês dois em um Limbo.*

Tohr pigarreou. – Falo sério. Eu quero estar lá para você. É somente biológico...

Oh, sério? Aquela voz exigiu.

Foda-se...

– Perdão? – ela disse, lançando um olhar por sobre o ombro, erguendo as sobrancelhas.

Ótimo, então ele não estava só falando sozinho.

– Ouça, – ele disse, – venha a mim depois que eles terminarem de me tratar. Estarei em meu quarto logo em seguida.

– Você pode estar mais ferido do que imagina.

– Não, eu já passei por isto. Muitas vezes.

Ela colocou o capuz. – Precisa de forças para se recuperar.

– Você me deu mais do que o suficiente para nós dois. Venha para mim... Digo... – Merda. Porra. – Procure-me.

Houve uma longa pausa. – Vou buscar o curador.

Quando No'One saiu, ele deitou a cabeça – e quando bateu no travesseiro duro, o barulho reverberou em seu crânio. A sensação foi boa. Então fez de novo.

Manello entrou na sala de exame. – Vocês dois terminaram?

O tom do cara era livre de malícia, algo que Tohr teria gostado mais se não tivesse acabado de lhe ocorrer que tinha esportado o lençol todo.

– Ok, vamos começar, homem crescido. – O cirurgião pegou um par de luvas de látex. – Eu tirei radiografias enquanto você estava apagado, e me alegro em dizer

que só tem duas balas em você. Peito e ombro. Então eu vou entrar, realizar uma *balatomia*, e então costurar os orifícios de entrada e saída. Mamão com açúcar.

– Preciso me limpar antes.

– Este é meu trabalho, e acredite-me, tenho água destilada suficiente para lavar todo o seu sangue e ainda sobrar para depois lavar um carro.

– É... Hum... Não estou falando deste tipo de sujeira.

Soem os pneus guinchando... Enquanto a expressão de Manello foi de relaxada para resolutamente profissional, ficou óbvio que a mensagem tinha sido captada.

– Soa bem. Que tal se eu pegar outro lençol?

– É. Obrigado. – Inferno fodido. Ele estava corando. Ou isso ou ele tinha sido ferido no rosto também, e só estava percebendo agora.

Enquanto um lençol limpo desconfortavelmente mudava de mãos, nenhum dos dois olhou para o outro – e então, Manello ficou deliberadamente ocupado em uma mesa rolante de aço inoxidável, checando as agulhas e linhas e tesouras e pacotes estéreis que estavam sobre ela.

Incrível como sexo podia transformar dois machos totalmente adultos em adolescentes.

Tohr se ajeitou e mandou sua “paudurescência” dar um tempo. Infelizmente, seu pênis parecia estar falando outro idioma, porque a coisa continuou dura como uma alavanca. Talvez ele fosse surdo?

Ele estava meio cansado de brigar com ele.

Jogando o tecido sujo no chão, ele se cobriu com o limpo. – Eu, ah, estou pronto.

A boa notícia é que ao menos ele não tinha sido ferido na coxa, então Manello ia se concentrar somente na parte superior de seu corpo.

– Bom, – o doutor disse quando se aproximou. – Agora, acho que podemos lidar com tudo isto localmente, e quanto menos drogas, melhor. Então eu vou arriscar e não te apagar, ok?

– Não me importa, doutor. Faça o que quiser.

– Gosto de sua atitude. E vamos começar com esta em seu peito. Pode doer a picada da anestesia local...

– *Pooooooooorra.*

– Desculpe por isto.

– Nada que possa fazer. – Bem, além de pegar um prego e pregá-lo na cama.

Enquanto Manello começava o trabalho, Tohr fechou os olhos e pensou em No’one. – Eu não tenho de ficar aqui depois disto, tenho?

– Se fosse um humano? Absolutamente sim. Mas esta merda já está se curando. Maldição, vocês são incríveis.

– Então eu posso voltar direto para a mansão.

– Bem, é... Eventualmente. – Houve um ressoante *bonk!* – como se o cara tivesse jogado uma das balas na bandeja. – Eu acho que Mary quer lhe ver antes.

– Por quê?

– Ela quer apenas ver como você está.

Tohr olhou para o cara. – Por quê?

– Você percebe o quão sortudo você é por isto não ter terminado em...

– Eu não preciso ‘falar’ com ela, se é isto que vocês querem.

– Ouça, eu não vou ficar no meio disto.

– Estou bem...

– Você foi atingido esta noite.

– Riscos do trabalho...

– Mentira. Você não está ‘bem’, e você precisa ‘falar’ com alguém. Imbecil. – No *bem* e no *falar*, o humano gesticulou com as mãos, fazendo aspas no ar, apesar dos dedos estarem ocupados segurando os instrumentos.

Tohr fechou os olhos em frustração. – Ouça, eu vejo Mary quando puder... Mas logo depois disto, estarei ocupado.

Em resposta, o médico cobriu todo tipo de território de saúde mental, a maioria dos quais eram pontuados com a palavra ‘porra’.

Não era problema de Tohr, no entanto.

Capítulo VINTE E NOVE

Mais a oeste, na área rural de Caldwell, Zypher sentou, em silêncio, em seu beliche. Não que estivesse sozinho no porão que o Bando de Bastardos usava como acomodação. Os três primos estavam com ele, cada um tão capaz de falar quanto ele, mas da mesma maneira não querendo ceder.

Não havia nenhum movimento real entre eles. Sem sons, exceto os suspiros de sua faca de caça, enquanto entalhava a madeira macia de novo, e de novo.

Ninguém dormia.

Enquanto o amanhecer se estendia sobre a terra e despejava seu domínio iluminado, seus pensamentos eram igualmente consumidos, o fardo das ações de seu líder pesando em cima deles.

Não era de se estranhar que Xcor tivesse apunhalado Throe, tão brutalmente, por sua insubordinação. Não era difícil de acreditar que tivesse então, ordenado que o resto deles se mantivesse afastado, de forma que seu companheiro de armas fosse abandonado à morte para o inimigo.

E ainda assim, ele, de alguma forma, não conseguia compreender. E claramente, nem os outros.

Throe sempre fora a cola que os mantivera unidos, um macho de valor, com mais honra do que todos eles juntos... Assim como com bom-senso, de forma que assumira o papel de intermediário com Xcor. Throe estava tipicamente na linha de frente com o líder frio e calculista deles, era a única voz que o macho ouvia – bem, geralmente. Ele também era o tradutor entre eles e o resto do mundo, o único com acesso a Internet, que encontrara esta casa e estava tentando arranjar-lhes fêmeas da raça, das quais pudessem se alimentar, o que coordenava dinheiro e serviços.

Ele estava certo sobre a tecnologia também.

Só que Xcor tinha surtado, e agora... Se os matadores não tivessem chegado a Throe naquele beco, os Irmãos bem podiam tê-lo matado só para não perder o costume.

Então, haveria um prêmio sobre suas cabeças logo. Era só questão de tempo...

Examinando sua escultura, ele pensou que era um pedaço de merda, em nada se parecendo mais com um pássaro agora do que quando era um galho de carvalho silvestre. De fato, ele não tinha nenhuma veia artística em suas mãos, seus olhos, ou seu coração. Isto era só uma maneira de passar o tempo, enquanto se ocupava em permanecer desperto.

De fato, ele queria que houvesse uma fêmea por perto. Foder era seu melhor talento, e ele era conhecido por passar horas entre as pernas de uma dama com grande efeito.

Ele bem gostaria de um pouco de distração.

Jogando o pedaço de madeira aos pés do beliche, examinou sua lâmina. Tão pura e afiada, capaz de muito mais do que simplesmente entalhar, de forma tosca, uma andorinha.

Ele não gostara de Throe no início. O macho tinha chegado ao Bando de Bastardos em uma noite chuvosa, e ele parecera tão fora de lugar quanto era: um garotinho mimado entre assassinos, parado do lado de fora de um casebre, que, sem dúvida, não usaria para abrigar nem um cavalo.

Da ponta de seu chapéu aos seus sapatos perfeitamente polidos, eles todos tinham desprezado cada centímetro dele.

E então Xcor tinha sorteado entre eles, quem bateria nele primeiro. Zypher tinha ganhado, e sorria enquanto estalava as juntas dos dedos e se aprontava para entregar a masculinidade do macho a seu líder real, em uma bandeja de prata.

Throe tinha se agitado aos primeiros golpes que caíra sobre ele, não oferecendo defesa apropriada e levando os golpes na cabeça e estômago. Mas, mais cedo do que todo mundo esperava, algo tinha se ligado nele – sua postura tinha mudado, sem nenhuma razão, seus punhos se ergueram, seu corpo preenchendo aquelas roupas elegantes de uma maneira toda diferente.

A reviravolta tinha sido... Nada além de extraordinária.

Zypher tinha continuado a lutar com o macho, lançando golpes combinados que foram repentinamente defendidos... E, depois de pouco tempo, revidados, até que ele mesmo teve de aumentar seus esforços.

Aquele mauricinho tinha aprendido, bem ali naquela hora, mesmo que suas roupas finas estivessem rasgadas e sujas, mesmo que ele estivesse ensopado pela chuva e seu próprio sangue.

Durante aquela primeira luta, e nas que se sucederam, ele tinha demonstrado uma estranha capacidade de assimilar. Entre o punho inicial que voara em sua direção, e o momento em que ele finalmente tinha caído de bunda de exaustão, ele tinha evoluído mais como lutador, do que soldados que passaram anos treinando no acampamento de guerra do Bloodletter.

Eles todos rodearam Throe quando caiu na lama, o peito subindo e descendo pesadamente, o rosto bonito machucado, o chapéu há muito perdido.

Parado sobre o macho, Zypher tinha cuspid o sangue de sua boca... E então se inclinou e ofereceu a mão. O mauricinho ainda tinha muito o que provar – mas ele não tinha bancado o adúlador durante a luta.

De fato, ele provaria não ser nenhum adúlador.

Era estranho sentir-se aliado de alguém da aristocracia. Mas Throe tinha merecido o respeito vezes sem conta. E há tempos ele vinha sendo um deles – apesar de que isto também podia ter terminado hoje, em tantos níveis.

Zypher moveu a faca para frente e para trás, a luz das velas na lâmina era uma coisa linda, tão adorável como quando a luz banhava a pele interna das coxas de uma fêmea.

Xcor tinha usado uma destas para o que fizera – cortar, trincar, matar – mas seu alvo? Considerando o que Throe fizera por eles, seu líder, em sua fúria, tinha causado mais dano do que benefício. De fato, a fome de sangue de Xcor estava tornando-o beligerante. E com uma mente como a dele, e com planos como os que ele tinha, isto não era uma boa combinação...

A nuca de Zypher formigou, uma das aranhas, que vivia com eles, atravessava sua nuca. Bateu a mão, com uma maldição, amassando-a em sua carne, destruindo a coisa.

Ele, provavelmente, devia tentar dormir. De fato, estivera esperando o retorno de Xcor, mas o amanhecer já tinha chegado há tempos, e o macho não tinha voltado. Talvez estivesse morto, a Irmandade tendo-o pego sozinho. Ou talvez um

daqueles encontros clandestinos, que ele tinha com aquele membro da *glymera*, tinha acabado mal.

Zypher se surpreendeu ao perceber que não se importava. Ele meio que desejava, por falar nisto, que Xcor jamais retornasse para casa de novo.

Era uma grande mudança em seus pensamentos. Lá atrás, quando o Bando de Bastardos tinha inicialmente se reunido no País Antigo, eles eram um bando de mercenários, cada um por si. O Bloodletter tinha sido o único capaz de uni-los: aquela máquina de matar, que não trazia humanidade para controlar seus desejos, tinha sido o macho mais cruel em campo de batalha, e eles tinham individualmente seguido a ele, como um símbolo de liberdade e força na guerra.

Afinal, não havia jeito da Irmandade da Adaga Negra os aceitarem.

Com o passar do tempo, no entanto, os laços se estreitaram. Independente de como Xcor conduzia as coisas, os soldados que lutavam por ele desenvolveram lealdades... E eles a estenderam até mesmo para o ex-aristocrata, Throe.

– Você vai falar com ele? – Syphon perguntou suavemente, a voz vindo de baixo.

Ele e Syphon dividiam beliches há eras, com Zypher sempre com a cama de cima. Era o mesmo com fêmeas e mulheres também, eles formavam uma boa equipe. Syphon conseguia acompanhá-lo: na cama, no chão, contra uma parede... Em campo também.

– Sim. Se ele voltar para casa.

– Eu não estranharia se ele não voltasse. – O sotaque irlandês era espesso naquela voz profunda, dando flexões diferentes às sílabas. E era o mesmo com os primos do macho. – Ele não devia ter feito aquilo.

– É.

– Você não devia se colocar contra ele também.

– Não, eu vou cuidar disto.

O grunhido que veio em resposta, sugeria que um apoio estava sendo avaliado antes de ser oferecido, e ele bem que poderia precisar. Xcor era tão maldoso como lutador quanto o era como amante.

– Malditas aranhas, – Zypher murmurou enquanto estapeava a nuca de novo.

– Devíamos ter feito alguma coisa, – alguém disse na escuridão.

Era Balthazar.

E um rumor de concordância se ergueu através da luz de velas.

– Nós não vamos ficar de braços cruzados de novo, – Zypher anunciou. – E não vamos fazê-lo agora.

Assumindo que o fodido voltasse para casa. O que, se ele não voltasse, não seria porque ele pensara melhor ou se arrependera do que tinha feito. Não Xcor. Ele era tão decidido quanto suas lâminas.

Uma coisa era certa, no entanto: Se Throe estava morto, Xcor ia ter um motim em suas mãos. Inferno, aquilo era certo até mesmo se o soldado sobrevivesse. Ninguém iria colocar a vida em risco, na busca pelo trono, por alguém que não honrava os laços de...

Zypher bateu na nuca tão forte que alguém comentou, – Se você preferir um açoite, podemos arranjar.

A umidade na palma de sua mão o fez trazê-la à frente...

Sangue. Sangue vermelho. Um monte dele.

Maldição, ele deve ter sido mordido pela porra. Levantando a outra mão, ele investigou a área, tocando com a ponta dos dedos...

Uma gota de sangue caiu nas costas de seus pulsos.

Olhando para as vigas de piso acima de sua cabeça, sua bochecha aparou a próxima gota que caiu de uma pequena rachadura na madeira sólida.

Ele saiu de seu beliche com facas em ambas as mãos, antes que caísse uma quarta. Os demais ficaram imediatamente alertas, sem proferirem sequer uma pergunta – só observá-lo se preparar para a luta, os fez saírem das camas, atentos.

– Você está sangrando, – Syphon sussurrou.

– Não sou eu. Alguém está lá em cima.

Zypher inalou tentando apreender alguma essência, mas tudo o que pôde sentir foi o mofado e penetrante fedor da umidade subterrânea.

– Será que a Irmandade trouxe Xcor para nós? – alguém sussurrou.

Em questão de segundos, armas foram checadas e placas de armaduras foram amarradas a peitos.

– Eu vou primeiro, – Zypher anunciou.

Não houve discussão – mas também, ele já estava na base das escadas reforçadas, e começando a subir. Os outros o seguiram, e mesmo que todos pesassem juntos mais de quatrocentos e cinquenta quilos, eles subiram sem fazer barulho, sem estalos ou grunhidos da madeira velha sob suas mãos. Ou seus pés, melhor dizendo.

Ao menos até chegarem ao topo. Os três últimos degraus estavam mal posicionados de propósito, de forma que pudesse dar o alerta de qualquer invasão. Ele os pulou, se desmaterializando diretamente à porta reforçada de aço, instalada em uma moldura de aço concretada em quatro paredes que tinham aço misturado ao gesso.

Não havia jeito de alguém entrar ou sair sem ser visto.

Com cuidado, ele gentilmente liberou o trinco de aço e girou a maçaneta. Então abriu levemente.

O cheiro de sangue fresco atingiu seu nariz, tão espesso que ele sentia um gosto doce metálico no fundo da garganta. E reconheceu a fonte.

Era Xcor. E não havia nada, nem ninguém com ele: sem fedor de *lesser*, sem as especiarias escuras de um vampiro macho, sem a colônia patética de um humano.

Zypher assinalou para os outros se manterem afastados. Ele iria precisar deles para salvar seu traseiro se seu nariz estivesse enganado.

Abrindo a porta em um empurrão rápido e silencioso, ele pisou na escuridão artificial criada pelos painéis e cortinas que cobriam as janelas...

Através do piso rachado da cozinha e a madeira poeirenta do corredor, no canto da sala, num círculo de velas cor de mel... Xcor jazia sentado em uma poça de sangue.

O soldado ainda vestia suas roupas de luta, a foice e as armas junto a ele no chão, pernas estendidas, braços nus e ensanguentados, apoiados nas coxas.

Havia uma adaga de aço em sua mão.

Ele estava se cortando. Repetidas vezes com a lâmina de sua faca, ele cortava seus braços fortes e musculosos, de forma que o sangue pingava de ferimentos riscados demais para contar. Mas aquilo não era o chocante. Havia lágrimas nos rosto do macho. Corriam pelas suas bochechas, caíam de sua mandíbula e queixo, se misturavam com o que caía de sua carne.

Palavras, roucas e baixas, soavam – ...Maldito maricas... Chorão, inútil, maricas... Pare... Pare... Você fez o que tinha de fazer a ele... Maldito maricas...

Aparentemente alguém mais tinha desenvolvido um laço com Throe.

De fato, o líder deles estava odioso em sua miséria e arrependimento.

Zypher lentamente recuou pela porta e a fechou de novo.

– O quê? – Syphon exigiu na escuridão.

– Precisamos deixá-lo sozinho.

– Xcor está vivo então?

– Sim. E ele está sofrendo pela sua própria mão, pela razão correta... Derramando seu sangue por aquele que ofendeu tão mortalmente.

Houve um ruído de aprovação, e então todos giraram e desceram.

Era um começo. Mas havia um longo caminho ainda para ganhar novamente a lealdade deles. E eles precisavam saber o que acontecera a Throe.

Sentado no chão duro, em uma poça de seu próprio sangue, Xcor estava preso entre seu condicionamento nas mãos do Bloodletter e seu... Coração, ele supunha.

Estranho que a esta idade descobrisse que realmente tinha um desses, e difícil encarar esta descoberta como uma bênção.

Parecia mais uma garantia de fracasso. O Bloodletter tinha ensinado bem os requisitos para um bom soldado, e emoções, ao contrário da raiva, vingança e ambição não eram parte deste ensino: Lealdade era algo que se exigia dos subordinados, e se não a dessem a você, e a você somente, se livrava deles como armas defeituosas. Respeito era dado somente em resposta à força de seus inimigos, e simplesmente, porque você não gostaria de ser derrotado por subestimar o oponente. Amor era associado somente com a aquisição e bem-sucedida defesa de seu poder...

Afundando a faca manchada de vermelho, novamente, em sua pele, ele vaiou enquanto a dor picava através de seus braços e pernas, fazendo sua cabeça zumbir e a batida de seu coração enfraquecer.

Enquanto o sangue fresco caía, ele rezou para que pudesse extrair de seu corpo o emaranhado confuso de arrependimento que o engolfara assim que abandonara Throe naquele beco.

Como podia isto ter dado tão errado...

O caos, de fato, começara quando ele não se afastara do beco.

Depois de mandar seus machos ficarem longe de Throe, ele tivera a intenção de fazer o mesmo... Mas acabara à espreita no topo do telhado de um dos prédios, escondido, enquanto velava o soldado. Ostensivamente, disse a si mesmo que era só porque queria se certificar de que os Irmãos achariam seu segundo em comando, e não a *Sociedade Lessening* – porque a informação que ele precisava estava no primeiro e não no segundo.

Exceto que ele tinha observado Throe se contorcer de dor no asfalto, membros se agitando em ângulos estranhos, enquanto buscava alívio em outra posição, a realidade de um guerreiro orgulhoso rendida indefesa o tinha atingido.

Para que causara tamanha agonia?

Quando os ventos bateram contra Xcor, clareando sua mente e esfriando sua raiva, ele percebeu que suas ações caíam desconfortavelmente sobre ele. Insuportavelmente.

Quando os assassinos chegaram, ele sacou sua arma, preparou-se para defender o macho que tinha abandonado. Mas Throe tinha feito um formidável ataque... E então os Irmãos tinham chegado e agido conforme o previsto, despacharam os *lessers* com facilidade, pegaram Throe e colocaram-no na traseira de um veículo preto.

Naquele momento, Xcor resolveu não seguir o SUV. E a razão que o moveu era um anátema às razões iniciais.

Throe seria tratado com grande competência no covil da Irmandade.

Verdade fosse dita sobre os fodidos luxuosos, ele sabia que eles tinham acesso a tratamento médico de alta qualidade. Eles eram a guarda particular do rei; Wrath não lhes daria nada menos. Se ele os seguisse, com a ideia de se infiltrar na mansão? Eles poderiam descobri-lo, e lutar com ele o caminho inteiro, ao invés de levar Throe para a ajuda que precisava.

De fato, Xcor ficara longe pela razão errada, a razão ruim, uma razão inaceitável – a despeito de todo seu treinamento, ele se viu escolhendo a vida de Throe acima de sua ambição. Sua raiva queria levá-lo para uma direção, mas seu arrependimento o queria levar para outra. E o segundo tinha vencido.

O Bloodletter, sem dúvida, estaria se revirando no túmulo.

Decisão tomada, ele definhou nos escombros da noite e de suas intenções quando tiros espocaram no beco, antes mesmo do veículo que levava Throe tivesse a chance de partir.

Enquanto juntava suas coisas, houve uma breve calmaria... E então Tohrment, filho de Hharm, tinha andado para o centro da rua, sem cobertura, tornando-se um alvo para os *lessers* recém-chegados, ao mesmo tempo em que descarregava suas armas de fogo em cima deles.

Era impossível não respeitá-lo por isso.

Xcor estava diretamente acima do matador que começou a atirar de volta no Irmão – e ainda assim, mesmo que as armas do inimigo estivessem direcionadas ao macho, Tohrment continuou em frente com os dois canos, sem se deter, inabalável.

Um tiro na cabeça e seria seu fim para sempre.

Motivado por algo que ele se recusava a nomear, Xcor tinha deitado de barriga, se arrastado até a beira do prédio, e apontado a própria arma, esvaziando seu canhão no *lesser* que estava escondido, afastando qualquer possibilidade da morte do Irmão. Pareceu uma recompensa justa por toda aquela coragem.

Então ele se desmaterializou para longe da área, e andou pelas ruas de Caldwell por horas, as lições do Bloodletter batendo na sua porta interna, exigindo que as deixassem entrar de forma que pudessem extinguir a sensação de que o que fizera com Throe estava errado.

O arrependimento só tinha aumentado, no entanto, devorando sua pele, redefinindo sua relação com seu soldado... Assim como com o macho que uma vez chamara de *Pai*.

A concepção de que ele poderia não ser feito do mesmo material do Bloodletter o tinha irritado. Especialmente dado que ele tinha se colocado a si mesmo, e seus desgraçados em rota de colisão com o Rei Cego – e executar este plano requeria o tipo de força que vinha somente dos totalmente sem compaixão.

De fato, era tarde demais para recuar daquele curso agora, mesmo que quisesse – e ele não queria. Ele tinha intenção de derrubar Wrath – pela simples razão de que o trono era para ser tomado, não importando o que as Leis Antigas ou tradição cega ditavam.

Mas quando se tratava de seus soldados, e seu segundo em comando...

Concentrou-se novamente em seus braços, hábito e uma busca cega por si mesmo o fez novamente afundar a lâmina em sua carne, arrastando a ponta para cima, de forma que o dano fosse grande, limpo e adequadamente doloroso.

Estava ficando difícil achar carne fresca.

Vaiando por entre dentes cerrados, ele rezou para que a dor atingisse seu núcleo. Ele precisava dela sobreposta às suas emoções, da forma que a voz lembrada do Bloodletter jamais falhara, fortalecendo-o, dando-lhe uma mente clara e coração gelado.

Não estava funcionando. A dor só atingia seu coração, amplificando a traição que ele desencadeara sobre o macho de alma boa, que o servira tão bem.

Pegajoso de seu próprio sangue, nadando em sua própria tortura, ele reaplicou a lâmina de novo e de novo, esperando pela velha clareza familiar chegar...

E quando não chegou, se viu percebendo que, se ele tivesse alguma vez a chance, ele libertaria Throe, finalmente e para sempre.

Capítulo TRINTA

Enquanto Tohr jazia deitado sozinho em sua cama, ele não tinha consciência de nada mais, além da pulsação cardíaca em seu pau. Bem, isto e do cheiro de flores recém-colhidas de Fritz, que fazia sua rotina de meio-dia, com a troca dos vasos no corredor.

– É isto que quer de mim, anjo? – Ele perguntou em voz alta. – Vamos lá, eu sei que está aqui. É isto o que quer?

Para enfatizar a questão, colocou sua mão por baixo das cobertas e desceu-as pelo peito e barriga até parar à frente dos quadris. Enquanto segurava seu membro, não conseguiu evitar de arquear a coluna, nem de refrear o gemido que subiu pela sua garganta.

– Onde caralhos está você? – ele rosnou incerto na semi-escuridão, de com quem estaria falando. Lassiter. No’One. As misericordiosas Moiras³⁷ que teciam o destino – se é que elas existiam mesmo.

Em algum nível, ele não conseguia acreditar que estava esperando por outra fêmea – e o fato de que o frágil equilíbrio entre a urgência e a culpa estava rapidamente se inclinando para a primeira era um...

– Se você disser meu nome enquanto faz isto, eu vou engulhar.

A voz de Lassiter estava rouca e desencarnada, quando saiu do canto oposto do quarto, onde a chaise ficava.

– É isto que você queria dizer? – Deus, aquele era realmente ele? Tohr se perguntou. Faminto, impaciente. Rabugento porque estava todo excitado.

– É melhor do que vê-lo caminhar sob uma chuva de balas... – Houve um som de movimento. – Ei, sem ofensa, mas se importa de colocar as duas mãos num lugar onde eu possa vê-las?

– Você pode fazê-la vir a mim?

³⁷ As Moiras, na mitologia grega, eram as três irmãs que determinavam o destino, tanto dos deuses, quanto dos seres humanos. Eram filhas dos deuses Themis e Zeus. Clotho tecia a linha da vida, Lachesis determina o comprimento da linha e Atropos corta a linha quando chega o momento da morte.

– Livre arbítrio é o que há. E mãos, filho da puta. Se não se importa.

Tohr colocou ambas as mãos fora e se sentiu compelido a declarar, – Eu quero alimentá-la, não trepar com ela. Eu não colocaria No’One nesta posição.

– Eu sugiro que você deixe-a tomar a própria decisão sobre a questão do sexo. – O cara tossiu um pouco... Mas então, novamente, trepada é um assunto estranho entre dois caras se estão falando de uma fêmea de valor. – Ela pode ter suas próprias ideias.

Tohr se lembrou do jeito que ela o olhara na clínica, enquanto ele se masturbava. Ela não tinha tido medo. Ela parecera cativada...

Ele não sabia ao certo como lidar com isto...

Seu corpo se arqueou sozinho, como se para dizer, *O caralho que não sabe, camarada.*

Enquanto outra tosse soava, Tohr riu um pouco. – Você tem alergia a estas flores?

– É. É isto. Eu vou deixá-lo agora, ok? – Houve uma pausa. – Estou orgulhoso de você.

Tohr franziu o cenho. – Por quê?

Quando não houve resposta, ficou claro que o anjo já tinha saído.

Um toque suave na porta o fez se endireitar, e mal sentiu a dor de seus ferimentos: Ele sabia exatamente quem era. – Entre.

Venha para mim.

A porta foi entreaberta, e No’One deslizou para dentro, trancando-os.

Quando ele sentiu o clique do mecanismo da fechadura, seu corpo desligou sua mente por completo. Ele ia alimentá-la... E, Deus ajudasse aos dois, ele ia fodê-la se ela deixasse.

Por um breve momento de lucidez, ele pensou em lhe dizer para ir embora, de forma que pudessem se poupar daquele momento quando o sexo esfriava, e as mentes clareavam... E duas pessoas compreendiam que aqueles coquetéis Molotovs

que pareciam tão divertidos e excitantes de fazer e jogar, tinham, na realidade, destruído as paisagens deles.

Só que ele simplesmente estendeu a mão para ela.

Depois de um momento, ela removeu o capuz. Enquanto ele relembrava seu rosto e forma, ele viu que ela não se parecia em nada com sua Wellsie. Ela era de constituição menor e mais delicada. Cores pálidas ao invés de vibrantes. Autêntica ao invés de teimosa.

Ele gostava dela, no entanto. E era mais fácil, de uma maneira diferente, que ela fosse tão diferente. Menores as chances desta fêmea tomar o lugar de sua amada em seu coração. Mesmo que seu corpo estivesse excitado, aquilo era o menos importante da conexão. Machos com o tipo de linhagem que ele tinha, quando em boa saúde e bem alimentado, como agora ele estava, podiam sentir tesão por um saco de batatas.

E No'One, apesar da opinião sobre si mesma, era um inferno mais atraente do que vegetais de raízes...

Cristo, o romance estava simplesmente *incrível* aqui em cima, não estava?

Ela se aproximou lentamente, seu manquejar mal sendo notado, e quando chegou à beira do colchão, olhou para baixo, para o peito nu dele, seus braços, seu estômago... E desceu ainda mais com seus olhos.

– Estou excitado de novo, – ele disse em voz gutural. E fodido fosse ele, mas não tinha mencionado aquilo para alertá-la. A verdade? Ele desejava trazer aquele olhar de volta, aquele que estivera nos olhos dela enquanto ele se masturbava até gozar.

E, quem diria... Ali estava: calor e curiosidade. Não havia medo.

– Devo tomar seu pulso daqui? – ela perguntou.

– Venha para a cama, – ele só rosnou.

Ela apoiou um joelho no colchão alto, e então com dificuldade tentou trazer o outro. Mas sua perna ruim a desequilibrou, e ela caiu para a frente...

Tohr pegou-a facilmente, agarrando seus ombros e impedindo-a de cair de cara. – Te peguei.

E não é que aquilo tinha duplo sentido?

Deliberadamente, ele a puxou para cima dele, de forma que ela pousasse sobre seus peitorais. Cara, ela não pesava nada. Mas também, comia pouco.

Ele não era o único que precisava se alimentar direito.

Então, ele só parou, para lhe dar tempo de se ajustar. Ele era um macho grande, e estava excitado como a merda, e já a tinha assustado o suficiente. Pelo que lhe constava, ela podia tomar todo o tempo do mundo para ter certeza de que soubesse quem é que estava com ela...

De repente, o cheiro dela mudou, assumindo o inebriante espectro do despertar feminino. Em resposta, seus quadris ondularam por baixo das cobertas, e ela esticou um olhar por sobre o ombro, olhando o corpo dele reagir.

Se ele fosse um macho educado, teria escondido a resposta, e se certificado de que isto era somente sobre ele retribuir o serviço que ela lhe tinha prestado. Mas ele estava se sentindo muito mais *macho* do que *educado*.

Diante disto, ele a baixou em seu peito, colocando-a em um ângulo tal que sua boca estava perto de sua jugular.

Pele.

Cálida pele masculina contra os lábios dela.

Cálida, limpa, pele de vampiro que era dourado-bronzeada, e não branco passado. Aquele cheiro de especiarias, e força, e... Algo tão erótico, seu corpo tinha retornado àquele lugar vulcânico.

Enquanto ela respirava, a essência dele – aquela essência de macho – produziu uma reação sem precedentes. Tudo virou instantaneamente instintivo, suas presas se alongaram, os lábios se abriram, a língua saiu da boca como que com a intenção de provar.

– Beba, No’One... Você sabe que quer. Beba de mim...

Engolindo em seco, ela se empurrou para cima dele e encontrou seus olhos ardentes. Havia tantas emoções para decifrar neles, e o mesmo se podia dizer de sua voz e sua expressão. Isto não era fácil para ele; mas também, este era seu quarto de casal, onde ele, sem dúvida, tinha estado com sua companheira milhares de vezes.

E ainda assim, ele a desejava. Era óbvio pela tensão de seu corpo, naquela ereção que mesmo por baixo das cobertas, ela podia ver.

Ela sabia que ele estava numa encruzilhada problemática agora, dividido entre contradições. Ela também. Ela queria isto, mas se ela se alimentasse dele agora, as coisas iriam avançar, e ela não tinha certeza de estar preparada para aonde aquilo iria parar.

Só que ela não ia recuar. E nem ele.

– Você não me quer em seu pulso, – ela disse em uma voz que não parecia dela.

– Não.

– Então onde você me quer. – Não era uma pergunta. E, querida Virgem Escriba, ela não sabia quem estava falando com ele daquele jeito – baixo, sedutor, exigente.

– Em minha garganta. – Suas palavras foram ainda mais baixas, e ele gemeu enquanto os olhos dela se voltaram para onde ele pareceu tê-la colocado deliberadamente.

Este guerreiro poderoso queria ser usado por ela. Enquanto ele se recostava nos travesseiros, seu corpo enorme parecia estar naquele estado de tensão estranho que ela já vira antes, mantido preso por amarras invisíveis que ele não conseguia quebrar.

Seus olhos se crivaram nos dela, enquanto ele inclinava para o lado, expondo sua veia... Do lado oposto ao qual ela estava. De forma que ela teria de se esticar sobre seu peito de novo. Sim, ela pensou, ela queria isto também... Só que antes de fazer qualquer tipo de movimento, ela deu uma chance ao seu eu interior de entrar em pânico. A última coisa que ela queria era se tornar extenuada e apavorada no meio disto.

Nada emergiu das profundezas. Por uma vez, o presente estava tão vivo e cativante que o passado não era nem um eco, ou uma sombra – ela estava, neste momento, totalmente limpa.

E muito certa do que desejava.

No'One esticou o braço e se estendeu para superar a expansão impossível do torso dele. Seu tamanho era quase uma piada, a justaposição de seus corpos era absurda – e ainda assim ela não tinha medo. As almofadas duras de seus peitorais e o feixe amplo de seus ombros não lhe eram ameaçadores.

Eles somente serviram para aguçar ainda mais sua fome pela veia dele.

Seu corpo se arqueou para cima enquanto ela se deitava sobre ele, e oh, o calor. Fervendo pela pele dele e aumentando a necessidade em seu próprio corpo, tão certo como lenha em uma fogueira.

Fazia tanto tempo desde que ela tomara de um macho. E nos tempos antigos, tinha sido feito somente sob a estrita supervisão, não apenas de seu pai, mas de outros machos de sua linhagem. De fato, no decorrer do ato, havia um toque de cerimônia, biologia temperada pela sociedade e expectativa social.

Ela nunca tinha ficado excitada... E caso o elegante cavalheiro que estava com ela, tivesse ficado, ele sabiamente não tinha demonstrado.

Isto era tudo o que as experiências anteriores não tinham sido.

Isto era cru, e selvagem... E muito sexual.

– Tome de mim, – ele comandou, a mandíbula cerrada, o queixo erguido, a garganta se tornando mais e mais exposta.

Quando ela trouxe a cabeça para baixo, estremeceu da cabeça aos pés, e atacou-o sem nenhuma elegância.

Desta vez, o gemido veio dela.

Seu sabor não se parecia com nada que ela se lembrasse, um rugido estrondoso em sua boca, em sua língua, garganta abaixo. Seu sangue era tão mais puro e forte do que aquele que ela tinha tido, e oh, o poder dele. Era como se a potência de seu corpo guerreiro invadissem o seu, transformando-a em algo mais do que jamais fora.

– Tome mais, – ele incentivou, em voz rouca. – Tome tudo...

Ela fez como ele mandou, ajustando o ângulo da cabeça, para se encaixar em sua garganta ainda mais perfeitamente. E enquanto ela bebia com gosto renovado, viu-se ficando agudamente consciente do peso de seus seios apoiado no peito dele.

E da dor em suas entranhas, que não importava o quanto ela tomasse, parecia somente aumentar. E do estado lânguido de suas pernas... Como se tudo o que elas quisessem fazer era se escancararem.

Para ele.

A reversão de sua rigidez e tensão era tão completa, que parecia irreversível, e isto importava? Tão consumida ela estava, que não se importava com nada além do que já estava tendo.

Capítulo TRINTA E UM

Tohr atingiu um orgasmo logo depois do primeiro ataque de No'One. Não dava para parar a contração de suas bolas ou os choques de pulsação que viajaram até seu pau ou a explosão que eclodiu na cabeça de seu membro quando ele tremeu embaixo dos lençóis.

– Pooooorra... *No'One*...

Como se ela soubesse o que tinha acabado de acontecer, e para o que ele estava pedindo permissão, ela assentiu com a cabeça contra a garganta dele. Então desceu ao ponto de pegar-lhe o pulso e empurrar a mão dele sob o lençol.

Ele não iria pedir duas vezes.

Abrindo as pernas, ele acariciava seu membro rígido em um ritmo que combinava com o puxar em sua veia. E enquanto ele gozava de novo, sua excitação pulsando como louca, ele mergulhou uma mão, agarrou seu saco, e apertou forte. O prazer e dor se tornaram um espelho de parque de diversões, o reflexo distorcido de um contra o outro ampliando todas as sensações, das presas em seu pescoço às erupções abaixo da cintura.

A sensação de se deixar levar, de colocar de lado a dor contra a qual ele lutou noite e dia, era um puta de um alívio. Ele era o lago temporariamente derretido e livre de sua cobertura de gelo, e ele se deliciava em sua abertura para ela, do modo como ele se deixou ficar deitado ali embaixo do corpo leve dela, capturado e seguro por seu peso delicado e sua mordida poderosa.

Fazia tanto tempo desde que ele sentiu alguma coisa boa no fundo do solo congelado de sua alma. E porque ele sabia que todos os seus fardos estariam esperando por ele quando este calmo amanhecer desvanecesse, ele se deleitou ainda mais na experiência, deliberadamente revestindo-se de todas as sensações.

Quando No'One finalmente recolheu suas presas, o rastro da lambida da língua dela quando selou os ferimentos das perfurações o fez gozar tudo de novo: o molhado, morno arrastar sobre sua pele traduziu-se para baixo em seu corpo indo

parar em sua ereção, que chutou e empinou, jogando para fora mais do que já cobria seu abdômen e encharcava os lençóis.

Ele olhou fixamente nos olhos dela enquanto gozava, mordendo o lábio inferior, lançando a cabeça para trás – então assim ela saberia exatamente o que ele estava fazendo.

E foi então que ele soube... Ela queria um pouco daquilo também.

O cheiro delicioso dela disse isso a ele.

– Você vai me deixar fazer você se sentir bem? – Ele disse roucamente.

– Eu... Eu não sei o que fazer.

– Isto é um sim?

– Sim... – ela sussurrou.

Ficando de lado, ele gentilmente a empurrou contra o colchão. – Tudo que você tem que fazer é ficar aí deitada, eu cuidarei de tudo.

A facilidade com a qual ela concordou foi uma humilde surpresa, e uma sugestão imediata, até onde sua libido sabia, para deixá-la nua, montá-la, e gozar nela inteira.

Mas não iria acontecer. Por muitas razões.

– Eu irei devagar, – ele gemeu, perguntando-se se falava para ele ou para ela. E então pensou... Porra, sim, ele iria devagar. Ele não tinha certeza se conseguiria se lembrar do que fazer com uma fêmea...

Vindo do nada, uma sombra atravessou sua mente, saltando de seu cérebro e se colocando entre eles, escurecendo o momento.

Com uma dor triste, ele percebeu que não conseguia se lembrar exatamente quando ele e Wellsie estiveram juntos nos momentos finais; se ele soubesse o futuro deles, teria prestado mais atenção em tudo.

Sem dúvida, tinha sido uma daquelas confortáveis, esquecíveis, mas finalmente profundas sessões na cama deles, com os dois meio acordados e felizes pelo andar do curso da...

– Tohrment?

O som da voz de No'One mexeu com ele, ameaçando descarrilar completamente o que estava acontecendo no presente. Exceto que então ele pensou em Lassiter... E ele pensou em sua *shellan* naquele mundo subterrâneo cinza, presa naquele campo desolado de poeira.

Se ele parasse agora, ele nunca mais voltaria para este momento, este potencial, esta situação de novo com No'One... Com qualquer outra. Ele iria ficar permanentemente preso na estrada de seu luto... E Wellsie nunca estaria livre.

Droga, como acontece com tantas coisas na vida, você tem que empurrar os obstáculos e este era um dos grandes. Também não iria durar para sempre. Ele teve mais de um ano de luto e pesar, e havia décadas e séculos disso pela frente. Pelos próximos dez minutos, quinze minutos, uma hora – quanto quer que isso durasse – ele apenas precisaria ficar no aqui e agora.

Apenas com No'One.

– Tohrment, nós podemos pa...

– Eu posso soltar seu manto? – A voz dele soou morta para seus próprios ouvidos. – Por favor... Deixe-me ver você.

Quando ela assentiu com a cabeça, ele engoliu em seco e levou uma mão trêmula para o laço da bata dela. A coisa se soltou com uma pequena ou nenhuma ajuda dele, e então as dobras estavam livres de revestir corpo dela.

Seu sexo pulsou duro ao vê-la quase descoberta diante de seus olhos, de suas mãos... De sua boca.

E essa reação lhe disse que infelizmente... Ou felizmente... Ele podia fazer isto. Ele *iria* fazer isto.

Deslizando sua mão ao redor da cintura dela, ele pausou. Wellsie tinha um corpo tão luxuriante, todo curvas femininas e força de fêmea que ele havia amado tanto. No'One não era assim.

– Você tem que comer mais. – ele disse asperamente.

Quando as sobrancelhas dela se reuniram e ela pareceu retrair-se, ele quis bater em sua cabeça. Nenhuma fêmea precisava ouvir sobre defeitos em momentos como esse.

– Você é muito bonita, – ele disse, os olhos sondando o tecido fino que cobria os seios e seus quadris. – Eu só me preocupo com você. É só isso.

Quando ela relaxou novamente, ele não teve pressa, acariciando-a através da manta de linho simples que ela vestia, lentamente movendo-se sobre a barriga dela. Aquela imagem dela suspensa sobre a palma cristalina da água azul da piscina, flutuando com os braços abertos, a cabeça para trás e os seios com os bicos intumescidos o fizeram gemer.

E deu a ele uma direção específica.

Arrastando as pontas dos dedos para cima, ele acariciou a parte inferior do seio dela...

O silvo que ela soltou e a arqueada súbita indicavam que o contato era mais do que bem-vindo. Mas não havia pressa. Ele já havia sido apressado lá na despensa; não iria acontecer novamente.

De forma lânguida, ele subiu até que seu dedo indicador alcançou o mamilo. Mais silvos. Mais arquejos.

Mais exploração.

O corpo dele estava rugindo, seu pau lutava sob a coberta contra o autocontrole, contra o ritmo. Mas ele estava mantendo as coisas quietas lá em baixo, e merda, iriam permanecer assim. Isto era para ela, não para ele, e a maneira mais rápida de virar a mesa seria colocar o corpo nu dele em qualquer lugar perto dela.

Tinha que ser o sangue dela nele. Sim, era isso. Essa era a causa do desejo louco dele de emparelhar....

Quando No'One debateu suas pernas em cima do edredom, e agarrou o antebraço dele com as unhas, foi aí que pegou o seio todo, alternando o polegar com dedo indicador enquanto a acariciava.

– Você gosta? – ele falou lentamente quando ela ofegou.

A resposta que ela eventualmente deu nada mais era do que um monte de sons; então novamente, todo aquele erótico esforço deu a ele a verdadeira resposta.

Ela *realmente* gostava de como estava se sentindo.

Circundando a parte de baixo das costas dela com o braço, ele gentilmente a ergueu até sua boca. Ele teve um momento de hesitação antes de chupar, exatamente porque ele não poderia acreditar que estivesse realmente fazendo isto com alguém: nunca tinha ocorrido a ele que teria qualquer tipo de vida sexual além das memórias, mas aqui estava ele, íntimo e pessoal, por assim dizer, essa conexão elétrica faiscando, seu corpo nu e excitado, sua boca perto de saborear alguém diferente.

– Tohrment... – ela gemeu. – Eu não sei o que eu estou...

– Está tudo bem. Eu tenho você... Eu tenho você.

Baixando sua cabeça, ele separou seus lábios e roçou no mamilo dela através do manto, para frente e para trás, para frente e para trás. Em resposta, as mãos dela se cravaram no cabelo dele, gostosas em seu couro cabeludo, apertando, arranhando.

Merda, o cheiro dela era fantástico, o aroma mais leve e mais cítrico do que o de Wellsie... Ainda assim, como combustível de foguete nas veias dele.

Uma lambida o levou a raspar o tecido e a sugestão do paraíso... Então ele a lambeu novamente. E de novo. E de novo.

Sugando-a em sua boca, ele puxou o mamilo, arrastando para cima quando ele perdeu o ritmo. E enquanto ela se segurava mais forte nele, ele movia as mãos ao redor do corpo dela, conhecendo os quadris e as coxas dela, a barriga e aquelas minúsculas costelas.

A cama fazia um sutil rangido, o colchão esticando-se embaixo dele quando se moveu mais para perto dela... E trouxe a parte inferior de seus corpos juntas.

Estava na hora de esquentar mais as coisas.

Era por isso que as fêmeas tinham aquele olhar quando elas pensavam em seus companheiros.

No'One finalmente entendia porque quando um *hellren* entrava em uma sala, sua *shellan* se endireitava um pouco e portava um sorriso secreto. Essa era a causa dos olhares compartilhados entre as duas metades das espécies. Isto explicava a urgência para terminar logo a cerimônia de emparelhamento, a refeição dos convidados e a dança com a casa fechada para o dia.

Era por isso que felizes casais emparelhados algumas vezes não desciam para a Primeira Refeição. Ou para Última Refeição. Ou qualquer refeição no meio delas.

Este banquete dos sentidos era o sustento definitivo para a espécie.

E algo que ela nunca acreditou que conheceria.

A razão por ser capaz de apreciar isso? Apesar do desejo frenético nos corpos dos dois, Tohr era tão cuidadoso com ela. Embora ele estivesse obviamente excitado, e ela também estivesse, ele não se apressava. O autocontrole dele era um conjunto de barras de aço sobre os instintos coletivos de emparelhamento deles, o saborear e o ritmo dele tão sem pressa e inofensivo, como a queda graciosa de uma pena através do ar calmo.

Isso estava deixando-a louca, na verdade.

Mas ela sabia que era melhor. Frustrada como estava, ela sabia que esse era o jeito certo, pois não havia nenhuma possibilidade de confundir com quem ela estava ou se ela queria isso...

A sensação da boca molhada dele selada em seu seio a fez clamar e marcar o couro cabeludo dele. E isso foi antes dele começar a chupá-la.

Ao redor de seu mamilo, ele disse: – Você abrirá suas pernas para mim?

As coxas dela obedeceram antes de seus lábios poderem formar uma aquiescência, e a risada que ela recebeu em resposta foi um estrondo profundo de satisfação no peito dele. Ele também não perdeu tempo. Fechando a boca sobre o seio dela, a palma deslizando até o topo da coxa e movendo-se acima pelo lado de dentro.

– Levante os quadris para mim, – ele disse antes de lambar o mamilo um pouco mais.

Ela imediatamente obedeceu, tão perdida na expectativa que ela não conseguiu compreender porque ele perguntou. Exceto que então, houve uma escovada suave ao redor das pernas dela.

O manto. Ele estava movendo o manto para cima...

O toque dele retornou, acariciando a parte superior da coxa, indo para baixo... Antes de se mover uma vez mais para o lado de dentro....

Oh, a falta de barreira. Como se isto já não estivesse sendo bom o suficiente.

Em resposta, a pélvis dela se arqueou e esticou e não chegou a lugar nenhum, quando se tratava de persuadi-lo para o calor que ele acabaria por reivindicar. De fato, nas desviadas ministrações dele, o florescer no núcleo dela mudou para algo ousado, a sensação mudando para uma forte necessidade afiada, a dor da qual era muito semelhante de quando ele havia tomado da veia dela.

O primeiro toque no sexo dela foi nada além de uma leve passagem que a deixou clamando por mais. O segundo foi uma leve mudança. O terceiro foi um...

Ela lançou sua mão para baixo e cobriu a dele, empurrando-o contra sua parte quente.

O gemido dele foi inesperado, sugerindo que a sensação dela pode tê-lo feito gozar, sim, ela sabia pelo jeito que o corpo dele espasmou que ele tinha sofrido outra liberação, os quadris dele balançavam debaixo dos cobertores de um modo que a fez pensar em penetrações.

Repetidas, vigorosas penetrações.

– Tohrment... – A voz dela era áspera, seu cérebro obstruído, seu corpo a única coisa que estava ciente de tudo isso.

Foi um momento antes de ele poder responder-lhe com qualquer outra coisa do que uma respiração arfante.

– Você está bem?

– Ajude-me. Eu preciso...

Ele passou os lábios contra o seio dela e avançou com a mão mais longe.

– Eu cuidarei disto. Prometo. Só um pouco mais.

Ela não sabia quanto “mais” ela poderia ir antes de seu corpo explodir.

Exceto, que, então, ele lhe ensinou que havia alturas ainda maiores de frustrações.

Eventualmente, o roçar começou da mesma maneira, lentamente, levemente, uma provocação ao invés de um toque de verdade. Mas graças à grande Virgem Escriba, não ficou daquele jeito. Quando ele sutilmente aumentou a pressão no topo de seu sexo, ela estava se lembrando do modo como ele tinha dado prazer a si mesmo na clínica, com as mãos que empurravam embaixo em seus quadris, seu corpo criando fricção até que algo estalou e o prazer cresceu...

O orgasmo era mais poderoso que qualquer coisa que ela já tinha sentido. Nem mesmo a dor que ela conheceu nas mãos do *symphath* chegou perto do prazer que resistiu na parte inferior de seu corpo, reverberando até seu peito, e ecoando para as pontas dos dedos das mãos e dos pés.

Ela conhecia a Terra. Ela conhecia o Santuário.

Mas isso... Era o paraíso.

Capítulo TRINTA E DOIS

Quando No'One teve um orgasmo, o pau de Tohr ejaculou novamente, a sensação de seu sexo escorregadio e seu quadris se movendo, e o som da voz dela gritando empurrou-o muuuuito além do limiar: Ela estava molhada; estava aberta; estava pronta para ele.

Ela estava gostosa.

E enquanto ela se esfregava contra sua mão, ele queria cair de boca nela e sentir sua língua invadindo-a, assim ele podia engolir o que lhe dera.

De fato, se ela não estivesse tão fortemente grudada nele, teria se movido para a posição onde isso seria possível, baixando a cabeça no corpo dela, encontrando-a com os lábios. Mas não havia como ir para lugar algum, naquele momento. Não até que ambos os corpos se acalmassem e seus músculos se acomodassem nos ossos.

Só que... Ela não o largou.

Mesmo depois de sua liberação acabar, seus braços mantiveram seu surpreendentemente forte abraço em seu pescoço.

Quando ela começou a tremer, ele sentiu cada tremor.

De início ele imaginou que fosse a paixão voltando, mas se tornou rapidamente óbvio que não era o caso.

No'One estava chorando suavemente.

Quando ele tentou se afastar, ela só o agarrou mais forte, enfiando a cabeça em seu peito, escondendo-se. Claramente, ela não estava com medo dele, nem ele a machucara. Mas, Deus, ainda assim...

– Shh... – ele sussurrou enquanto colocava a grande palma da mão em suas costas e começou a circular gentilmente. – Tudo bem...

Na verdade, aquilo era uma mentira. Ele não tinha certeza se as coisas estavam bem. Especialmente quando ela começou a soluçar a sério.

Já que não havia nada que ele pudesse fazer além de ficar com ela, baixou a cabeça para perto da dela, e puxou o edredom de suas pernas para cobri-la e mantê-la aquecida.

Ela chorou por uma eternidade.

Ele teria que abraçá-la por muito mais tempo do que isto.

Era estranho... Prover-lhe um lugar de segurança em si mesmo, deu-lhe um propósito e foco que eram tão forte quanto os sexuais tinham sido momentos antes. E em retrospecto, ele devia saber que isto iria acontecer. O que acontecera era provavelmente a primeira e única experiência que ela consentira. Fêmea de valor de uma família de alta linhagem? De jeito nenhum ela teria permitido sequer segurar as mãos de um homem.

A violência daquele *sympath* tinha sido tudo o que ela conhecera.

Maldito o fosse, ele queria matar aquele desgraçado de novo.

– Eu não... Sei porque... Estou chorando, – ela disse, eventualmente as palavras saindo por entre exalações difíceis.

– Estou com você, – ele murmurou. – Pelo tempo que precisar, estou com você.

Mas as emoções estavam passando, a respiração dela se acalmando, as fungadas não tão fortes. Estava tudo acabado após uma última inalação trêmula. Então ela estava parada e ele também.

– Fale comigo. –Ele continuava acariciando suas costas. – Diga-me no que está pensando.

Ela abriu a boca como se fosse responder, mas só balançou a cabeça.

– Bem, eu acho que você é muito corajosa.

– Corajosa? – ela riu. – Você não me conhece mesmo.

– Muito corajosa. Isto não deve ter sido fácil para você... E sinto-me honrado em você ter-me permitido... Fazer o que fiz com você.

O rosto dela pareceu confuso. – Por quê?

– É necessária uma grande confiança, No'One... Especialmente para alguém com um passado como o seu.

Franzindo a testa, ela pareceu se encolher em si mesma.

– Ei, – ele disse, colocando seu dedo embaixo do queixo dela. – Olhe para mim. – Quando ela o fez, ele traçou seu rosto levemente. – Eu queria ter algo filosófico ou pungente ou... Algo... Para ajudá-la a colocar a merda toda em perspectiva. Eu não tenho, e sinto muito por isto. Eu sei disto, no entanto. É necessária verdadeira coragem para superar o passado, e você o fez esta noite.

– Eu acho que nós dois tivemos coragem então.

Os olhos dele se desviaram para longe. – Sim.

Houve um momento de silêncio, como se o passado tivesse sugado toda a energia de ambos.

De repente, ela perguntou, – Por que no final é tão estranho? Eu me sinto tão... Distante de você.

Ele anuiu, pensando. Sim, sexo podia ser estranho assim, mesmo se eles não tivessem aquelas complicações que tinham oscilando sobre suas cabeças. Mesmo se você não percorresse o caminho todo, a proximidade despedaçadora que era compartilhada, parecia fazer o retorno ao normal parecer distante apesar do fato de estarem deitados lado a lado.

– Eu devia voltar para o meu quarto agora, – ela disse.

Ele a imaginou no andar de baixo, e achou que era longe demais. – Não. Fique aqui.

À luz fraca, ele podia ver que ela estava franzindo o cenho de novo. – Tem certeza?

Ele estendeu a mão e afastou uma mecha loira do cabelo que escapara da trança. – Sim, eu tenho.

Eles se olharam por um longo tempo, e de alguma forma – talvez fosse o brilho vulnerável no olhar dela, talvez a linha de sua boca, talvez fosse ele lendo sua mente – ele sabia exatamente no que ela estava pensando.

– Eu sabia que era você, – ele disse suavemente. – O tempo todo... Eu sabia que era você.

– E isto está... Ok, para usar sua expressão?

Ele voltou a pensar em sua companheira. – Você não se parece nada com a Wellsie.

Quando ele a ouviu limpar a garganta, ele percebeu que falara alto. – Não, o que eu quis dizer foi...

– Não precisa se explicar. – O sorriso triste dela era cheio de compaixão. – Realmente não precisa.

– No’One...

Ela ergueu a mão. – Não há necessidade de explicar... A propósito, as flores aqui são maravilhosas. Eu nunca senti um cheiro destes.

– Elas estão no corredor, na verdade. Fritz as troca a cada dois dias. Ouça, posso fazer algo por você?

– Você já não fez o bastante? – ela retrucou.

– Eu gostaria de lhe trazer comida.

As graciosas sobrancelhas dela se arquearam. – Eu não quero lhe dar trabalho...

– Mas você está com fome, não está?

– Bem... Sim...

– Então eu voltarei em um minuto.

Ele saiu do colchão rápido, e inconscientemente se preparou para sentir o mundo girar selvagememente. Mas não houve cabeça leve, nem necessidade de retomar o equilíbrio, nem a merda de zonzeira. Seu corpo estava pronto para ir quando ele rodeou o pé da cama.

Os olhos de No’One caíram nele, e a expressão em seu rosto o parou imediatamente.

Aquela curiosidade estava de volta aos seus olhos. Fome também.

Ele não tinha considerado se eles repetiriam o que acabara de acontecer. Mas dado o jeito que ela estava olhando para ele... A resposta aparentemente seria um grande “sim” , pelo menos por parte dela.

– Você gosta do que vê? – ele perguntou, em uma voz profunda demais.

– Sim...

Bem, não é que aquilo o fez endurecer de novo? Abaixo de sua cintura, seu pau pulsou – e maldito fosse, se os olhos dela não se cravaram nele, para ver o show.

– Há outras coisas que quero fazer com você, – ele rosnou. – Aquilo foi só o começo. Se você quiser.

Os lábios dela se separaram, as pálpebras baixando um pouco. – E você quer?

– Sim, eu quero.

– Então eu diria... Sim, por favor.

Ele acenou para ela, como se tivessem chegado a um tipo de acordo. Então ele teve de se forçar a se afastar da cama.

Dirigindo-se ao closet, pegou um jeans e foi para a porta.

– Algo em particular? – ele perguntou antes de sair.

No’One lentamente negou com a cabeça, as pálpebras ainda baixadas, a boca ainda entreaberta, as bochechas ruborizadas. Cara... Ela não tinha ideia do quanto estava atraente naquela grande e desarrumada cama, seu manto dependurado ao lado do colchão, o penteado desfeito com pontas loiras, seu aroma mais forte e sedutor do que nunca.

Talvez a comida pudesse esperar. Especialmente quando notou que as pernas nuas estavam à mostra, no meio do edredom bagunçado.

Sim, ele tinha planos para eles. O tipo de plano abaixo dos ombros.

De repente, ela puxou as cobertas para cima de sua perna ruim, escondendo-a dele.

Tohr marchou de volta para ela, e decididamente puxou o edredom de volta para onde estava. Traçando as feridas mal curadas com a ponta dos dedos, ele a fitou diretamente nos olhos.

– Você é linda. Cada pedacinho seu. Não pense nem por um momento que há algo errado com você. Estamos entendidos?

– Mas...

– Não. Eu não vou ouvir isso. – Curvando-se, ele pressionou os lábios pela sua canela, panturrilha, tornozelo, traçando as cicatrizes, acariciando-as. – Linda. Inteira.

– Como pode dizer isto? – ela sussurrou, piscando para afastar as lágrimas.

– Porque é a verdade. – Endireitando-se, ele deu a ela um apertão final. – Não se esconda de mim, ok? E depois de eu lhe alimentar, eu acho que vou ter de lhe mostrar o quão sério estou falando.

Aquilo a fez sorrir... E então rir um pouco.

– Esta é minha garota, – ele murmurou. Só que... Merda, ela não era dele. O que infernos tinha saído de sua boca?

Forçando-se a ir para a porta, pisou no corredor, fechou-a e...

– Que diabos? – Erguendo sua perna, inspecionou a sola do pé. Havia tinta prateada nela.

Olhando para o chão, achou uma trilha de... Tinta prateada da entrada até o balcão do segundo andar.

Com uma maldição, perguntou-se qual dos *doggen* esteve trabalhando em qual parte da casa. Boa coisa que manchas faziam os pobres bastardos sentirem-se radiantes; de outra forma, Fritz ficaria possesso.

Seguindo a linha de pingos até o início da grande escadaria, ele desceu para o vestíbulo com elas.

A sujeira atravessava o vestíbulo.

– Senhor, bom dia. Precisa de alguma coisa?

Tohr se virou para Fritz, quem estava atravessando a sala de jantar com um pote de cera. – Ei, sim. Eu preciso de um pouco de comida. Mas e essa tinta? Vocês estão fazendo algo obsceno com a fonte lá de fora?

O mordomo se virou e franziu o cenho. – Não tem ninguém pintando nada em nenhum lugar do Complexo.

– Bem, alguém está bancando o Michelangelo. – Tohr ficou de cócoras para passar o dedo em uma das manchas...

Espere aí – não era tinta.

E a merda cheirava a flores.

Flores frescas?

De fato, era o mesmo aroma do seu quarto.

Quando seus olhos chegaram à porta do vestibulo, ele pensou na chuva de balas que atravessara. E se preocupou ao perceber que sua sobrevivência não era um milagre, afinal.

– Chame a doutora Jane, rápido – ele gritou para o *doggen*.

Ah, siiiiimm, Lassiter pensou enquanto rolava em cima de uma pedra quente e começava a banhar ao sol seu traseiro nu. É isso aí...

Considerando tudo, tinha sido um dia bom para ser atingido por tiros.

Bem, noite, melhor dizendo.

Graças ao Criador era verão. Deitado nos degraus da frente da mansão, o brilhante megawatt de julho o atingiu, os raios curando seu corpo crivado de balas. Sem o sol? Ele bem poderia ter morrido de novo – o que não era o jeito que ele queria encontrar seu chefe. De fato, a luz do sol era para ele o que sangue era para os vampiros; uma necessidade que ele realmente aproveitava. E enquanto ele se banhava com a coisa, a dor diminuía, a força retornava... E ele pensou em Tohr.

Que idiotice agir daquele jeito no beco. O que, em nome de tudo o que era mais sagrado, o fodido estava pensando?

Não importava. De jeito nenhum que ele ia deixar aquele desgraçado andar sob aquela chuva de balas sem nenhuma proteção. Os dois tinham chegado longe demais para cagar logo agora que estavam conseguindo algum progresso.

E agora, graças a ele ter se tornado uma almofada de alfinetes, Tohr e No'One estavam fazendo sexo.

Então nem tudo estava perdido. Ele estava, no entanto, seriamente pensando em socar aquele Irmão no saco, como desforra. Primeiro, aquela merda tinha doído pra caralho. Depois, se fosse dezembro? Ele não teria conseguido...

O som da pesada porta da frente se abrindo fez levantar a sua cabeça e girá-la. Doutora Jane, a fantástica curadora deles, irrompeu pela porta como se planejasse correr certa distância.

Ela parou subitamente, evitando pisar nele. – Aqui está você!

Oh, veja, ela trouxe com ela sua caixa de diversão, a pequena cruz vermelha denotando suprimentos de emergência.

– Um inferno de boa hora para pegar um bronze. – Ela murmurou.

Ele descansou a cabeça de novo, a bochecha se esmagando contra a pedra morna.

– Só “tomando” um pouco do meu remédio, como um bom paciente.

– Importa-se se eu examiná-lo?

– Seu companheiro vai me matar se você me ver pelado?

– Você está pelado.

– Você não está olhando para o meu melhor lado. – Quando ela só se inclinou para ele, sem mais comentários, ele murmurou. – Tá bom. Não importa... Mas não cubra o meu sol. Eu preciso mais dele do que de você.

Ela colocou a caixa perto de sua orelha e ficou de joelhos. – É, V me falou um pouco como você trabalha.

– Aposto que sim. Você sabe, ele e eu tivemos nossos assuntos. – O filho da puta tinha até salvo ele uma vez... O que tinha sido um milagre dado o tanto que eles se odiavam. – Temos história.

– Ele mencionou isso. – As palavras dela foram ditas distraidamente, como se ela estivesse checando os buracos. – Você deve ter algumas balas ainda dentro de você... Se importa se eu lhe virar?

– As balas não importam. Meu corpo irá consumi-las... Desde que eu tenha brilho do sol suficiente em meus ombros.

– Você ainda está sangrando muito.

– Eu vou ficar bem.

E ele estava começando a pensar que não era uma mentira. Depois de todo o acontecido, ele continuou a se manter invisível e tinha se escondido no banco de passageiro do Mercedes que tinha levado Tohr de volta à clínica. No momento em que ele chegou ao centro médico, roubou alguns curativos e mumificou o próprio rabo de forma que não sangrasse o lugar inteiro. Não havia motivo para se apressar para sair – não havia muito brilho do sol aquela altura – ou ao menos não suficiente para fazer diferença. Ademais, ele achou que ele ia superar aquilo.

Não. Foi logo depois de estar naquele quarto com Tohr que reconheceu que estava com problemas. Respirar era difícil. A dor ficando mais intensa. A visão começando a borrar. Felizmente, o sol já estava totalmente alto naquele momento.

E ele teria de sair na hora que No’One estivesse chegando de qualquer forma...

– Lassiter. Eu quero ver a sua parte da frente.

– É isto o que as garotas dizem.

– Você quer que eu lhe vire? Porque eu o farei.

– Seu companheiro não vai gostar disto.

– Como se isso fosse lhe incomodar.

– Verdade. Isso na realidade faz valer à pena o esforço.

Com um grunhido, ele apoiou as palmas das mãos na poça prateada brilhante embaixo dele, e virou para o lado como o pedaço de bife que ele era.

– Uau, – ela suspirou.

– Eu sei, certo? Bem dotado como um cavalo.

– Se você for realmente bonzinho... E sobreviver a isso... Eu prometo que não conto a V.

– Sobre meu tamanho.

Ela riu um pouco. – Não, sobre você ter achado que eu olhei para você de qualquer outra maneira além de profissionalmente. Posso fazer um curativo aqui? – ela tocou-o levemente nos peitorais. – Mesmo se eu deixar as balas dentro, pode ser que o curativo diminua o sangramento?

– Não é uma boa ideia. O brilho do sol e a área que ele alcança, é só o que preciso. E eu vou estar bem. Desde que não apareçam nuvens.

– Deveríamos providenciar uma cama de bronzamento artificial?

Agora ele riu... O que o fez tossir. – Não, não... Tem de ser a coisa verdadeira.

– Eu não gosto do som deste chiado.

– Que horas são?

– Uma e vinte e seis.

– Venha em outros trinta minutos e veja com seus próprios olhos.

Houve um momento de silêncio. – Ok. Eu volto. Tohr vai querer um... – Seu celular tocou, e ela atendeu, – Eu estava justamente falando de você. Sim, estou com ele, e ele está... Mal, mas ele diz que está cuidando de si mesmo. É claro que ficarei com ele... Não, tenho suprimentos suficientes, e eu ligarei daqui a vinte minutos. Está bem, dez. – Houve uma longa pausa e então ela respirou fundo. – É... Ah... É um bocado de buracos de bala. Em seu peito. – Outra pausa. – Alô? Alô, Tohr... Oh, bom, pensei que tinha caído. Sim... Não, ouça, tem de confiar em mim. Se eu achasse que ele estava em perigo, eu o arrastaria chutando e gritando para o vestibulo. Mas para ser honesta, estou observando-o curar-se enquanto falamos... Eu consigo ver os ferimentos internos se dissipando diante de meus olhos. Ok. Sim. Tchau.

Lassiter não fez nenhum comentário àquilo; ele só ficou onde estava, olhos fechados, o corpo se curando com a luz solar de volta ao estado saudável.

– Então você é a razão de Tohr ter saído vivo daquele beco, – a boa doutora murmurou depois de um tempo.

– Eu não sei do que está falando.

Capítulo TRINTA E TRÊS

– Desculpe, meu caro, mas você só ganha uma alimentação. Isso é o que me foi dito.

Como Throe estava deitado na cama na qual ele havia sido amarrado, ele não se surpreendeu com a resposta do médico humano para sua pergunta. Dar força a um prisioneiro não funcionaria a favor da Irmandade. O problema era que ele não estava se recuperando muito bem, e mais sangue ajudaria.

Claro que... Se ele fosse se alimentar, não seria uma adorável coincidência que ele pudesse ver aquela Escolhida mais uma vez antes de partir?

Ela estava por perto. Ele podia senti-la...

– Na verdade, eu acredito que os planos estão sendo feitos para a sua partida iminente. O cair da noite está bastante próximo.

Talvez se ele simplesmente se recusasse a se mover?

Não, isso provavelmente não retardaria a jogada da Irmandade. Eles apenas lidariam com ele como qualquer outra variedade de lixo.

Depois disso, o cirurgião humano saiu – como é que eles estavam usando um humano, por sinal? – e, então, ele estava sozinho novamente.

Quando a porta reabriu, ele não se preocupou em abrir suas pálpebras. Não era a Escolhida...

O clique de metal com metal perto do ouvido dele chamou sua atenção. Abrindo os olhos arregalados, ele olhou para o cano de uma Magnum 357.

O dedo enluvado de Vishous estava junto ao gatilho. – Acorda, acorda.

– Se você me expulsar agora, – ele disse fracamente, – eu não vou sobreviver.

Nisso, ele disse a verdade. Vivendo do sustento fraco das fêmeas humanas por tanto tempo como ele tinha vivido, ele não estava em posição de se curar das feridas dessa gravidade tão rapidamente.

Vishous deu de ombros.

– Então nós o entregaremos a Xcor em uma caixa de pinho.

– Boa sorte com isso, companheiro. Eu não direi onde encontrá-lo. – Embora não por causa de Xcor. Ele não queria que seus companheiros soldados – ou mais propriamente, seus ex-camaradas – fossem atacados de surpresa. – Você pode me torturar se quiser. Mas nada escapará dos meus lábios.

– Se eu decidir torturar você, muita coisa vai escapar, confie em mim.

– Então prossiga...

O cirurgião se meteu entre eles.

– Okaaaay, vamos relaxar antes que eu precise pegar minha agulha e linha de novo. Você, – ele acenou para Throe – cale a porra dessa boca, ele não é um menino que precisa de encorajamento quando se trata de derramamento de sangue. E quanto à soltura dele? – Ele se concentrou no Irmão. – Meu paciente tem razão. Olhe para os sinais vitais dele, ele está pendurado por um fio. Eu pensei que o objetivo de tudo isso era conseguir que ele sobrevivesse? E o principal, ele vai precisar tomar da veia de novo. Ou isso, ou mais uma ou duas semanas de recuperação.

Os olhos gelados do Irmão se ergueram para as máquinas que apitavam e relampejavam atrás da cama.

Quando o lutador praguejou em voz baixa, Throe sorriu para si mesmo.

O Irmão saiu sem uma palavra.

– Obrigado. – Throe disse para o curador.

O homem franziu a testa.

– É apenas a minha opinião clínica. Acredite em mim, eu mal posso esperar para você dar o fora do meu território.

– Muito justo.

Deixado sozinho novamente, ele esperou com expectativa. E o fato de que ninguém veio por um tempo lhe indicava que os Irmãos estavam discutindo sobre o seu destino.

Provavelmente uma discussão animada.

Quando a porta foi finalmente escancarada, suas narinas se alargaram, e sua cabeça chicoteou para o lado... Lá estava ela.

Tão encantadora quanto um sonho. Tão celestial quanto a lua. Tão real quanto era. Ladeada pelos Irmãos Phury e Vishous, a Escolhida sorriu para ele docemente – como se ela estivesse inteiramente sem saber que esses homens estavam preparados para parti-lo se ele sequer espirrasse em sua direção.

– Senhor, foi me dito que precisa de mais?

Eu preciso de você inteira, ele pensou quando ele acenou para ela.

Aproximando-se da cama, ela foi se sentar próximo a ele, mas Phury arreganhou as presas por cima da cabeça dela e Vishous sutilmente indicou a arma em sua virilha.

– Aqui. – disse Phury, redirecionando-a a uma cadeira com delicadeza. – Você vai ficar muito mais confortável aqui.

Não era de todo verdade, uma vez que agora ela tinha que alcançá-lo. No entanto, a voz do Irmão era tão encantadora e confortável, que isso fez a declaração parecer verdadeira.

No momento em que ela trouxe seu braço, Throe quis dizer que ela era linda, e que ele tinha sentido sua falta, e que iria adorá-la se ela lhe desse uma chance. Mas ele gostava de ter língua em sua boca – e não cortada e jogada fora no chão.

– Por que você sempre me olha assim? – ela disse.

– Você é tão bonita...

Por cima do ombro dela, Phury arreganhou as presas novamente, seu rosto se transformando em nada menos do que violência total.

Throe não se importava. Ele estava recebendo outro sabor de ambrosia, e esses dois homens não faziam nada verdadeiramente horrível na frente da honrada Escolhida.

Que estava no momento corando como nunca – e isso não a fazia ainda mais resplandecente?

Quando a Escolhida se esticou para frente e colocou o pulso na boca dele, seus braços se estremeceram contra as correntes que o prendiam e houve um momento de confusão para ela quando ouviu o barulho. Não havia nada para ver sobre os cobertores, no entanto; tudo estava encoberto sob o que o mantinha aquecido.

– São apenas as molas da cama. – ele murmurou.

Ela sorriu novamente e reposicionou o pulso sobre a boca dele.

Envolvendo-a com os olhos, ele enfiou as presas tão cuidadosamente quanto podia, não querendo machucá-la mesmo que da menor forma – e enquanto bebia, ele olhou para o rosto dela, guardando na memória para que pudesse mantê-la perto de seu coração.

Porque esta era provavelmente a última vez que ele a veria.

De fato, tão despedaçado ele estava entre agradecer à Virgem Escriba por essa fêmea ter entrado em sua vida mesmo por um momento, e ainda, ver esses dois encontros como uma espécie de maldição.

Ela iria permanecer com ele, ele temia. Assombrá-lo tão certo como um fantasma...

Cedo demais tinha acabado, e ele retraiu seus caninos da carne perfumada. Lambeu uma, duas vezes, acariciando-a com sua língua...

– Ok, já é o suficiente. – Phury a recolheu da cadeira, sorrindo para ela calorosamente. – Vá encontrar Qhuinn agora, você vai precisar de um pouco de força.

Isso era verdade, Throe pensou com uma pontada de culpa. De fato, ela estava pálida e parecia um pouco tonta. Então, bem, ela o havia alimentado duas vezes em poucas horas.

Ele queria que seu nome fosse Qhuinn.

Phury a escoltou até a porta e a despachou com gentis palavras na Língua Antiga. E então ele se voltou... E se certificou de que a trava estava no lugar.

O punho veio voando para ele de lado, e dada a sua breve impressão de couro preto, era claramente do Irmão Vishous.

E o som do impacto resultante foi tão alto como se lenha tivesse sido rachada.

Entretanto, ele sempre teve uma mandíbula robusta.

Enquanto sinos de catedral tocavam na cabeça de Throe e ele cuspiu sangue, Vishous disse severamente:

– Isso é por olhá-la como se estivesse fodendo-a em sua mente.

Do outro lado da sala, o Irmão Phury também fechou um punho e começou a bater na palma aberta de sua mão livre. Quando ele se aproximou, ele disse em um tom desagradável:

– E isso é para ter certeza de que você não prosseguirá com essa ideia brilhante.

Throe sorriu para os dois. Quanto mais eles batessem nele... Mais provável seria que ele tivesse que se alimentar novamente.

Eles estavam certos, também: ele queria estar com ela – apesar de que "fazendo amor" era um termo muito melhor.

E aqueles momentos com ela valiam qualquer coisa que eles fizessem com ele....

Na mansão, Tohr estava sentado no primeiro degrau da grande escadaria, os cotovelos sobre os joelhos dobrados, queixo sobre o punho, seu celular virado para cima próximo a ele.

Sua bunda estava dormente.

Na verdade, depois de estar sentado onde ele estava pelas últimas – quanto tempo? cinco horas? – ele provavelmente teria que procurar a Dra. Jane para remover cirurgicamente as fibras do tapete de sua entrada...

O sistema de segurança da porta soltou um sinal sonoro, e ele se precipitou, caminhando para o painel, checando a tela, liberando o bloqueio da porta.

Lassiter entrou sozinho, provavelmente porque Dra. Jane tinha retornado para o Pit. E o anjo estava nu como um gaio³⁸... E estava muito bem. Sem buracos de bala, sem cicatrizes, sem contusões.

– Se você continuar me olhando assim é melhor me pagar o jantar depois.

Tohr encarou o anjo: – Que diabos você estava pensando?

Lassiter sacudiu a cabeça: – Você, dentre todas as pessoas, não precisa me perguntar isso. Não sobre a noite passada.

Tendo dito isso – e totalmente despreocupado com a nudez – Lassiter passeou pela sala de bilhar e se dirigiu ao bar. A boa notícia era que pelo menos quando ele estava atrás da coisa servindo um licor, seu estivador e aquelas duas boias não estavam à vista.

– Scotch? Gin? Bourbon? – Perguntou o anjo. – Eu vou ter um Orgasmo.

Tohr esfregou o rosto. – Você poderia nunca dizer essa palavra ao meu redor quando estiver com o traseiro nu?

Isso desencadeou uma rodada de "Orgaaaaasmmmo, orgaaaaasmmmo, orgaaaaasmmmo", ao som da Quinta de Beethoven. Felizmente, a porcária frutada que o filho da puta colocou em seu copo cortou o coro quando ele a engoliu de uma vez.

– Ahhhhh... – O anjo sorriu. – Acho que vou ter outro. Quer um? Ou será que você já teve o bastante nesta tarde?

Uma imagem mental rápida do seio de No'One em sua mão fez o seu pênis saltar sobre esse plano.

³⁸ Tipo de pássaro.

– Lassiter, eu sei o que você fez.

– Lá fora? Sim, o sol e eu nos damos bem. Melhor médico que existe, e não cobra nada. Uhu!

De novo com a bebida. O que sugeria que aquela bravata poderia estar sendo um pouco forçada.

Tohr estacionou sobre um dos bancos. – Por que diabos você se colocou na minha frente?

O anjo foi preparar a número três. – Eu vou lhe dizer a mesma coisa que disse para a Dra. Jane: eu não tenho ideia do que você está falando.

– Aquelas eram feridas de bala em você.

– Eram?

– Sim.

– Você pode provar? – Lassiter fez uma voltinha com os braços para cima. – Você pode provar que eu sequer estava ferido?

– Por que negar?

– Isso não é negação se eu não tenho ideia do que caralho você está falando.

Com outro sorriso encantador, ele bebeu novamente. E logo em seguida começou a fazer a número quatro.

Tohr sacudiu a cabeça, – Se você vai ficar bêbado, por que não pode fazer isso como um homem de verdade?

– Eu gosto do sabor de fruta.

– Você é o que você bebe.

O anjo olhou para o relógio. – Merda. Eu perdi *Maury*. Mas eu gravei a *Ellen*.

Lassiter se aproximou e estendeu-se no sofá de couro – e Tohr se achou com sorte porque o desgraçado pelo menos teve a decência de envolver um cobertor em torno de suas partes. Quando a televisão ligou, e Ellen DeGeneres dançou por uma

fila de donas de casa, era óbvio que aquela conversa não estava na lista de afazeres do anjo.

– Eu só não entendo por que você fez isso. – murmurou Tohr.

O cara não era assim, sempre fora um individualista.

Naquele momento, No'One apareceu nos arcos da sala. Ela estava em seu manto com o capuz no lugar, mas Tohr a viu nua e desfeita, e seu corpo se encheu de vida.

Quando ele deslizou para fora do banco e foi até a fêmea, ele poderia ter jurado que Lassiter murmurou: – Esse é o porquê.

Aproximando-se da fêmea, ele disse, – Ei, você pegou a comida?

– Sim. – ela sussurrou. – Mas eu fiquei preocupada quando você não voltou. O que aconteceu?

Ele olhou de volta para Lassiter. O anjo parecia ter desmaiado, até mesmo sua respiração, o controle remoto sobre o peito em uma mão frouxa, a bebida espumando com a condensação no chão ao lado dele.

Mas Tohr não confiava na aparente inconsciência.

– Nada. – ele disse roucamente. – Não foi... Nada. Vamos lá para cima descansar.

Quando ele a virou com um toque sutil em seus ombros, ela disse: – Tem certeza?

– Sim. – E eles realmente iriam descansar. De repente ele estava esgotado.

Ele deu um último olhar sobre o ombro enquanto caminhava para o vestíbulo. Lassiter estava exatamente onde tinha estado... Exceto que havia um pequeno indício de um sorriso no rosto dele.

Como se tivesse valido a pena, desde que Tohr e No'One estivessem juntos.

Capítulo TRINTA E QUATRO

À medida que a noite avançava, Throe andava pelas ruas de Caldwell sozinho, desarmado, vestido apenas em pijama de hospital... E mais forte do que jamais estivera desde que chegara ao Novo Mundo.

A surra que levava dos dois Irmãos curou quase imediatamente, e a Irmandade o libertara logo após aquela segunda alimentação.

Ainda faltavam algumas horas antes do encontro com Xcor, e ele passou o tempo com seus próprios pensamentos, nos tênis de corrida dados pelo inimigo.

Durante sua estada com a Irmandade, não aprendera nada sobre a localização de suas instalações. Estivera inconsciente quando chegara – e trancado em uma van sem janelas quando partira. Depois de algum tempo dirigindo, sem dúvida por uma rota tortuosa, largaram-no próximo ao rio, e fora então abandonado a sua própria sorte.

Naturalmente, a van não tinha placa, e nenhuma característica marcante. E ele teve a sensação de que estava sendo observado – como se estivessem esperando para ver se tentaria segui-los enquanto se afastavam.

Ele não tentou. Ficou onde estava até a van desaparecer... E então começou sua caminhada.

A manobra brilhante de Xcor resultara em nada. Bem, tirando o fato de que a vida de Throe fora salva. O pouco que ele averiguara sobre a Irmandade não era nada mais do que eles já não tivessem adivinhado. Seus recursos eram extensos, a julgar pela quantidade e sofisticação dos equipamentos médicos com os quais fora tratado; o número de pessoas que vira ou ouvira andando no saguão era impressionante; e a segurança era levada a sério. De fato, eles formavam uma comunidade escondida tanto de humanos quanto de *lessers*.

Tudo devia ser subterrâneo, ele achava. Bem guardado. Camuflado para aparentar como se não houvesse nada em particular; mesmo durante os ataques surpresa quando tantos lares da raça tinham sido descobertos e destruídos, não havia rumores de que a casa do rei tivesse sido atingida.

Então o plano de Xcor tinha resultado pouco pelo que constava a Throe, somente a animosidade.

E por um momento, ele se perguntou se ele devia ou não aparecer no encontro com seu antigo líder.

No fim, ele sabia que tamanha revolta seria infrutífera. Xcor possuía algo que Throe queria – a única coisa, na realidade. E enquanto aquelas cinzas estivessem com ele, não havia nada a ser feito a não ser cerrar os dentes, baixar a cabeça, e ir em frente. Era, depois de tudo, o que ele vinha fazendo há séculos.

Só que ele não podia cometer o mesmo erro duas vezes. Só um idiota não recordaria deste lembrete visceral de como as coisas podiam ir bem mal entre eles.

A resposta era recuperar os restos de sua irmã. E tão logo o fizesse? Sentiria falta dos soldados, seus companheiros, da mesma maneira que lhe doía a falta de sua família, mas ele abandonaria o Bando de Bastardos – à força se precisasse. Então talvez, ele pudesse criar raízes em algum lugar da América – não retornaria ao País Antigo. Seria tentação demais revisitar sua linhagem, e isto não seria justo para eles.

No final da noite, por volta de quatro da manhã julgando pela posição da lua, ele se desmaterializou para o topo do arranha-céu. Não tinha armas que pudesse sacar para proteger-se – mas não tinha intenção de lutar. Segundo seus conhecimentos, sua irmã não poderia entrar no Fade sem a cerimônia apropriada, então ele tinha de viver tempo suficiente para enterrá-la.

Tão logo o fizesse, no entanto...

Lá no alto, acima das ruas e de outros prédios da cidade, na curiosamente quieta estratosfera onde não havia buzinas ou barulho de caminhões de entrega chegando cedo, o vento era forte e envoltivamente gelado apesar da umidade no ar e a alta temperatura. Mais acima, trovões e raios surgiam abaixo de nuvens de tempestade, prometendo chuva para o início do dia.

Quando começou sua jornada com Xcor, ele era um cavaleiro mais experiente na arte delicada de guiar uma dama na pista de dança – do que em sair no combate mão-a-mão. Mas ele não era mais assim.

Consequentemente, ele parou ao relento sem covardia ou desculpas, pés separados e braços caídos. Não havia fraqueza na linha de seu queixo, no contorno de seu tórax, ou no ângulo reto de seus ombros, e nenhum medo em seu coração

pelo que poderia atingi-lo. Tudo aquilo era por causa de Xcor: Throe tinha tecnicamente nascido macho, mas não fora até que ele tinha se juntado àquele guerreiro que ele tinha realmente aprendido a honrar o seu gênero.

Ele sempre estaria em dívida com os soldados com os quais lutara por tanto tempo...

Por trás das máquinas, uma figura se adiantou, o vento balançando o casaco longo e emaranhando-o a um corpo pesado e mortal.

Instinto e treino se destacaram enquanto Throe se colocou em posição de luta, preparado para encarar seu...

Quando o macho deu um passo à frente, a luz da estrutura no teto incidiu sobre seu rosto.

Não era Xcor.

Throe não saiu de posição. – Zyper?

– Sim. – De repente, o soldado foi adiante, e então começou a correr para encurtar a distância entre eles.

Antes de Throe perceber, foi enlaçado em um rude abraço, preso em braços tão fortes quanto os dele, contra um corpo tão grande quanto o dele próprio.

– Você vive, – o soldado resfolegava. – Você está vivo...

Desconfortavelmente de início, e então com um estranho desespero, Throe aferrou-se ao outro guerreiro. – Sim. Sim, sou eu.

Com um empurrão repentino, foi afastado e examinado da cabeça aos pés. – O que eles fizeram com você?

– Nada.

Aqueles olhos se estreitaram. – Seja sincero comigo, irmão. E antes de responder, um de seus olhos ainda está azul e preto³⁹.

– Eles providenciaram para mim um curandeiro, e uma... Escolhida...

– Uma Escolhida?

³⁹ Referência à surra que levava de Vishous e Phury.

– É.

– Talvez eu devesse ser o próximo a ser apunhalado.

Throe teve de rir. – Ela era... Diferente de tudo nesta Terra. Perfeita de cabelo, pele e semblante, etérea, apesar de viver e respirar.

– Eu achava que elas eram invenção.

– Não sei... Talvez eu tenha romantizado tudo. Mas ela era exatamente como os rumores as descrevem... Mais adorável do que qualquer fêmea que seus olhos tenham contemplado.

– Não me torture mais! – Zypher riu brevemente, e então voltou á seriedade.
– Você está bem?

Não uma pergunta – uma exigência.

– Eles me trataram como convidado a maior parte do tempo. – De fato, tirando as algemas e a surra – embora para proteção da virtude de uma pedra preciosa, ele tinha de admitir que aprovava o que eles tinham feito a ele. – Mas sim, eu estou completamente recuperado, graças aos curandeiros deles. – Ele olhou em volta. – Onde está Xcor?

Zypher balançou a cabeça. – Ele não virá.

– Então você está aqui para me matar. – Estranho que o macho delegasse a outro uma tarefa que ele certamente adoraria.

– Porra, não. – Zypher tirou do ombro a alça de uma mochila. – Estou aqui para lhe entregar isto.

Do pacote, Zypher tirou uma caixa de latão grande e quadrada, ornada com marcas e inscrições.

Throe pôde somente olhar para a coisa.

Ele não a tinha visto por séculos. De fato, ele não sabia que tinha sido tirada de sua família até Xcor usá-la para ameaçá-lo.

Zypher pigarreou. – Ele me pediu para dizer que lhe liberta. Sua dívida com ele está paga e ele está lhe devolvendo sua morta.

As mãos de Throe tremiam terrivelmente – até que sustentaram o peso das cinzas de sua irmã. Então ficaram firmes.

Enquanto ele permanecia ali ao vento e garoa, abatido e imóvel, Zypher perambulou em círculos, as mãos nos quadris e os olhos nas pedrinhas que cobriam os painéis do teto do edifício.

– Ele não é mais o mesmo desde que o deixou, – o soldado disse. – Esta manhã, encontrei-o se cortando até os ossos, pelo pesar.

Os olhos de Throe perscrutaram o macho que ele conhecia tão bem. – Mesmo?

– É. Ele fez isto o dia inteiro. E esta noite, nem mesmo saiu para lutar. Ficou para trás, no abrigo, sentado sozinho. Ordenou a todo mundo que saísse, exceto eu, e então me deu isto.

Throe trouxe a caixa para mais perto de seu corpo, abraçando fortemente. – Tem certeza que sou a causa de tanto aborrecimento? – disse secamente.

– Absolutamente. Na verdade, ele não é como o Bloodletter em seu coração. Ele quer ser... E ele é capaz de coisas que eu mesmo não seria, contra os outros. Mas pra você, pra nós... Nós somos o clã dele. – O olhar de Zypher estava cheio de sinceridade. – Você devia voltar para nós. Para ele. Ele não vai agir desta forma de novo – estas cinzas são sua prova. E precisamos de você – não só por causa do que você faz, mas por causa do que você se tornou para nós. Só se passaram vinte e quatro horas e nós estamos despedaçados sem você.

Throe olhou para o céu, para a tempestade, para os céus violentos rugindo acima. Tendo sido uma vez amaldiçoado pela circunstância, ele não conseguia acreditar que sequer consideraria ser amaldiçoado por escolha.

– Nós todos estaremos incompletos sem você. Até ele.

Throe teve de sorrir um pouco. – Você alguma vez imaginou que diria isto?

– Não. – A risada que flutuou aos ventos era profunda. – Não a um aristocrata. Mas você é mais do que isto.

– Graças a você.

– E Xcor.

– Não tenho muita certeza se estou pronto para dar a ele qualquer crédito.

– Volte comigo. Veja-o. Volte para sua família. Por mais que possa doer esta noite, você estará perdido sem nós do mesmo modo como estamos perdidos sem você.

Em resposta, Throe pôde apenas olhar para a cidade, suas luzes como estrelas que eram eclipsadas lá em cima.

– Eu não consigo confiar nele, – ouviu-se dizer.

– Ele lhe deu sua liberdade esta noite. Certamente isto significa algo.

– Todos estamos encarando sentenças de morte se continuarmos. Eu vi a Irmandade – se eles eram formidáveis antes, no País Antigo, isto não é nada comparado aos seus recursos agora.

– Então eles vivem bem.

– Eles vivem de maneira inteligente. Eu não poderia encontrá-los mesmo que quisesse. E eles têm instalações extensas... São uma força a ser reconhecida. – Ele olhou em volta. – Xcor ficará desapontado com o que eu descobri, ou seja, nada.

– Ele diz que não.

Throe franziu o cenho. – Não entendo.

– Ele afirmou que não deseja saber nada disto. Você nunca receberá um pedido de desculpas dele diretamente, mas ele lhe deu a chave para as correntes que o prendiam, e ele não aceitará informações de você.

Uma raiva breve tomou conta dele. Então qual foi o propósito disto tudo?

Só que... Talvez Xcor não tenha considerado que ele se sentiria do jeito que se sentiu. E Zypher tinha razão; a ideia de não estar com aqueles machos era... Como morrer. Depois de todos estes anos, era tudo o que tinha.

– Se eu voltar, posso ser um risco a segurança de vocês. E se eu fiz um acordo secreto com a Irmandade? E se eles estiverem aqui. – Ele se virou em volta. – Ou talvez esperando em algum outro lugar para me seguir?

Zypher deu de ombros com completa indiferença. – Estamos tentando um encontro com eles há meses. Tal confronto será bem-vindo.

Throe piscou. E então começou a rir. – Vocês são loucos.

– Não devíamos ser? – De repente, Zypher balançou a cabeça. – Você nunca nos trairia. Mesmo se odiasse Xcor com todo o seu ser, nunca comprometeria o restante de nós.

Isto era verdade, ele pensou. E quanto a odiar Xcor...

Ele olhou para a caixa em seus braços.

Por muitas vezes, no decorrer dos anos, se perguntara sobre as voltas e giros de seu destino.

E parece que esta noite ele ia se perguntar novamente.

Ele não tivera certeza sobre a guerra contra Wrath, mas ante a visão daquela fêmea Escolhida, passara a gostar da ideia de tomar o trono, encontrá-la e reclamá-la para si.

Sede de sangue? Sim, de fato – seu eu anterior nunca teria pensado desta forma. Mas seu novo eu se acostumaria a tomar o que quisesse, a capa de civilidade tinha perdido sua trama depois de tantos anos sem que ele costurasse suas fibras delicadas.

Se pudesse chegar a Wrath, poderia voltar a vê-la...

Subitamente, sentiu sua boca se mover e ouviu sua própria voz ao vento: – Ele vai ter que me permitir comprar telefones celulares.

Xcor ficou em casa a noite inteira.

O problema era o dano em seus braços. Odiava o fato de que eles ainda não tinham se curado, mas era esperto o bastante para saber que mal poderia usá-los. De fato, só segurar a colher para tomar sua sopa, se provava difícil.

Uma adaga contra um inimigo seria uma impossibilidade. E então havia o risco de infecção.

Era a maldita coisa do sangue. De novo. Talvez se ele tivesse tomado tempo para se alimentar daquela puta em... Nossa! Tinha sido na primavera?

Franzindo o cenho, ele realizou uma estranha adição, uma que de longe rendia uma grande soma. Não era de se espantar que ele continuasse em situação difícil... E boa coisa era que ele não estivesse totalmente louco por sangue.

Ou ele estava? Pensando bem no que fizera com Throe, era difícil não julgar suas ações a partir daquele condenado ato.

Com uma maldição, pendeu a cabeça, exaustão e um estranho tipo de tédio pesando em seus ombros...

A porta de trás da cozinha se abriu, e dado ser cedo demais para os soldados voltarem, ele sabia que era Zypher com notícias sobre a partida de Throe.

– Ele estava bem? – Xcor perguntou sem olhar para cima. – Ele conseguiu sair de lá a salvo?

– Ele está, e ele conseguiu.

Os olhos de Xcor se elevaram. Throe estava na arcada, em pé, alto e orgulhoso, olhar alerta, corpo forte.

– E retornei a salvo, – o macho finalizou com um tom severo.

Xcor imediatamente se concentrou em sua sopa e piscou fortemente. De uma vasta distância, observou enquanto a colher em sua mão balançava até derramar o conteúdo.

– Zypher não lhe disse? – ele murmurou grosseiramente.

– Que eu estava livre? Sim. Ele disse.

– Se deseja lutar, eu devo colocar minha refeição de lado.

– Eu não sei se você é capaz de qualquer outra coisa, além de se alimentar, a esta altura.

Malditas camisetas sem mangas, Xcor pensou enquanto virava os braços para dentro, para que ficasse a mostra o mínimo de dano. – Eu consigo lutar, se precisar. Onde estão suas botas?

– Não sei. Eles tomaram tudo o que eu tinha.

– Você foi bem tratado?

– Bem o suficiente. – Throe se adiantou, as tábuas embaixo de seus pés gemeram. – Zypher me disse que você não quer saber de nada do que eu tenha visto.

Xcor só balançou a cabeça.

– Ele também disse que eu nunca ouviria um pedido de desculpas seu. – Houve uma longa pausa. – Eu quero um. Agora.

Xcor colocou de lado sua sopa e se viu olhando as feridas que fizera em si mesmo, lembrando toda aquela dor, todo aquele sangue – o qual secara marrom no assoalho abaixo dele.

– E daí o quê? – ele disse em voz rouca.

– Você terá que descobrir.

Justo, Xcor pensou.

Sem nenhuma elegância – não que ele tivesse qualquer uma, de qualquer jeito – ficou em pé. Com toda sua altura, ele estava instável por mais razões do que seria possível contar, e o desequilíbrio piorou quando encontrou os olhos de seu... Amigo.

Olhando Throe no rosto, deu um passo a frente e ergueu a mão. – Eu sinto muito.

Três palavras simples, faladas em alto e bom som. E não eram suficientes.

– Eu estava errado em tratá-lo daquele jeito. Eu não sou... Tão igual ao Bloodletter quanto eu imaginava... Como eu sempre quis ser.

– Isto não é uma coisa ruim, – Throe disse mansamente.

– Quando se trata de pessoas como você, eu concordo.

– E os outros?

– Os outros também. – Xcor balançou a cabeça. – Isto é o máximo que admitirei, no entanto.

– Então suas ambições não mudaram.

– Não. Meus métodos, no entanto... Eles jamais serão os mesmos.

No silêncio que se seguiu, não houve indicação do que teria em retorno: uma maldição, um soco, um sermão raivoso. A falta de estabilidade lhe golpeava de forma mais do que justa.

– Peça-me para retornar para você como um macho livre, – Throe exigiu.

– Por favor. Volte, e lhe dou minha palavra... Apesar de ela valer menos do que um centavo... Que você terá o respeito que há tempos merece.

Depois de um momento, suas mãos foram engolfadas. – Tudo bem então.

Xcor soltou uma respiração trêmula, cheia de alívio. – Tudo certo, mesmo.

Soltando a mão do guerreiro, ele se curvou, pegou sua quase intocada tigela de sopa... E ofereceu o que restava a Throe.

– Você me deixará modernizar a comunicação? – o macho disse.

– Sim.

E isto foi tudo.

Throe aceitou a sopa e foi para perto de onde Xcor tinha sentado. Deslizando para o chão, colocou a caixa de latão ao seu lado e começou a comer.

Xcor se juntou a ele na mancha de sangue derramado durante o dia, e em silêncio, completaram a reunião. Mas não estava terminado, pelo menos não por parte de Xcor.

Seu arrependimento continuava com ele, o peso do fardo de suas ações alterando-o para sempre, como um ferimento que tinha aberto e que curara errado.

Ou melhor, neste caso... Curara certo.

OUTONO



Capítulo TRINTA E CINCO

No'One acordou em meio a um terremoto.

Por baixo dela, o colchão tremia, a grande força do tremor balançava os travesseiros para cá e para lá, fazendo as cobertas voarem, o ar gelado subindo em sua pele...

Sua consciência rapidamente redefiniu a causa do caos. Não era a terra tremendo, mas Tohrment. Ele estava se batendo ao seu lado como se lutasse contra amarras que o prendiam a cama, seu corpo sólido convulsionando incontrolavelmente.

Ele estava tendo aquele sonho novamente. Aquele sobre o qual se recusava a falar, e que, então, tinha de ser sobre sua amada.

A luz do banheiro caiu sobre a nudez dele quando ele ficou em pé, os músculos tensos de suas costas lançando sombras definidas, as mãos fechadas em punhos, as coxas trabalhando como se ele fosse saltar sobre algo.

Enquanto ele recuperava o fôlego e a consciência, o nome que estava entalhado em sua pele em um arco gracioso se expandiu e contraiu, quase como se a fêmea estivesse viva de novo.

Sem uma palavra, Tohrment foi para o banheiro, fechou a porta, cortando a iluminação... E ela.

Deitada no escuro, ela ouviu a água correr. Um rápido olhar ao relógio ao lado da cama indicava que já era hora de se levantar, e ainda assim ela ficou onde estava.

Quantos dias ela passara nesta cama dele? Por volta de um mês. Não, dois... Talvez três? O tempo perdeu o sentido para ela, as noites flutuavam como uma fragrância em uma brisa de verão.

Ele era seu primeiro amante, ela achava.

Só que... Ele se recusava a tomá-la completamente.

Além disso, mesmo depois de todo este tempo juntos, ele não permitia que ela o tocasse. Nem dormia com ela debaixo das cobertas. Ou a beijava na boca. E ele não se juntava a ela na banheira ou piscina, ou a observava se vestir com olhos sedutores... E ele não dormia abraçado a ela.

Ainda assim, ele era generoso com seus talentos sexuais, levando-a vez após outra àquele lugar de êxtase provisório, sempre tão cuidadoso com o corpo dela e suas liberações. E ela sabia que isto lhe dava prazer, também: a reação do corpo dele era poderosa demais para ser escondida.

Parecia mesquinho querer mais. Mas ela queria.

A despeito de toda a loucura e calor que eles despertavam um no outro, a despeito do jeito como ele livremente se alimentava dela e ela fazia o mesmo com ele, ela se sentia... Rejeitada. Presa em um lugar que era um arremedo do destino final. Mesmo que ela tivesse encontrado estrutura em suas noites trabalhando na mansão, e alívio e antecipação a cada amanhecer quando ele voltava da rua saudável e forte, ela estava... Estagnada. Inquieta.

Infeliz.

Que fora o motivo que a levava a chamar um visitante à mansão nesta noite.

Talvez ela pudesse fazer algum progresso em outra parte. Assim esperava.

Saindo do bolsão de calor que ela criara, arrepiou-se, mesmo com o aquecimento ligado. A temperatura inconstante era uma coisa que ela ainda tinha de se acostumar deste lado – e a única coisa do Santuário que ela sentia falta. Aqui,

havia vezes em que ela se sentia acalorada, e outras quando se arrepiava, a segunda opção mais prevalecia agora que setembro chegara e trouxera consigo o gelo do outono.

Quando ela colocou o manto, seu tecido era frio, enquanto ela tremia diante do abraço sintético do tecido. Ela sempre se certificava de estar vestida quando fora da cama. Tohrment nunca lhe pedira isto, mas ela sentia que ele preferia assim: por mais que ele gostasse de senti-la, seus olhos evitavam sua nudez e sempre se afastavam também, quando estavam em público – mesmo que certamente os Irmãos soubessem que ela estava ficando com ele.

Ela sentia, que mesmo ele havendo dito que sabia que era ela a quem ele dava prazer, que ele tentava encontrar sua *shellan* em seu corpo, em suas experiências juntos.

Qualquer lembrete do contrário seria difícil para ele.

Calçando os mocassins de couro, ela hesitou antes de sair. Odiava que ele estivesse alterado, mas ele nunca falaria com ela sobre isto. De fato, ultimamente, ele não falava muito quando ela estava por perto, mesmo que seus corpos fossem fluentes em qualquer que fosse a linguagem que se comunicassem. De fato, nada de bom resultaria de sua permanência aqui, especialmente dado o humor que ele estaria.

Forçando-se para a porta, ela colocou o capuz e saiu, olhando para os dois lados antes de pisar no corredor e fechar a porta, deixando-o sozinho.

Como de costume, ela saiu sem fazer barulho.

– *Lassiter*, – Tohr sibilou diante do espelho do banheiro. Quando não houve resposta, ele jogou água gelada no rosto de novo. – *Lassiter*.

Quando fechou os olhos, ele viu sua Wellsie naquela paisagem cinzenta. Ela estava ainda mais distante dele, apagada agora, da distância... Mais difícil do que

nunca alcançá-la enquanto ela se sentava tão imóvel entre aquelas rochas de pedra cinzentas.

Eles estavam perdendo terreno.

– Lassiter... Onde *caralhos* está você?

O anjo finalmente apareceu sentado na beira da Jacuzzi, uma caixa de cookies de chocolate Freddie Freihofer em uma mão, um copo grande de leite na outra.

– Quer um? – ele disse, engolindo a carga calórica. – Saíram direto da geladeira. Tão mais gostosos quando gelados.

Tohr olhou para o cara. – Você me disse que eu era o problema. – Quando tudo o que obtive em resposta foi mastigação, teve vontade de enfiar a caixa inteira na boca do desgraçado. De uma vez. – Ela ainda está lá. Ela quase *se foi*.

Lassiter colocou de lado o “estrague seu jantar”, como se talvez tivesse perdido o apetite. E quando ele somente balançou a cabeça, Tohr teve um momento de pânico.

– Se você me enganou, anjo, eu vou lhe matar.

O outro macho rolou os olhos. – Eu já estou morto, idiota. E talvez eu deva lhe lembrar de que sua *shellan* não é a única a quem tento libertar... Meu destino é o dela, lembre-se. Se você falhar, eu falho... Então eu não tenho incentivo nenhum em foder com você.

– Então por que infernos ela continua naquele lugar horrível?

Lassiter levantou as mãos. – Ouça, cara, vai precisar de mais do que só uns orgasmos. Você deve saber disto.

– Jesus *Cristo*, eu não posso fazer mais do que já estou...

– Sério? – Os olhos de Lassiter se estreitaram. – Tem certeza disso?

Quando cruzaram os olhares, Tohr teve de baixar os olhos – para preservar a privacidade que ele achava que ele e No’One tinham.

Foda-se, eles tiveram centenas de orgasmos juntos, então...

– Você sabe tão bem quanto eu o quanto você não tem feito, – o anjo disse suavemente. – Sangue, suor e lágrimas, é isto que lhe custará.

Baixando a cabeça, Tohr esfregou as têmporas, sentindo como se fosse gritar. Maldita besteira...

– Você vai sair esta noite, certo? – o anjo murmurou. – Então, quando você voltar, procure-me.

– Você estará comigo de qualquer jeito, não estará?

– Não sei sobre o que está falando. Vamos nos encontrar depois da Última Refeição.

– O que vai fazer comigo?

– Você diz que quer ajuda... Bem, eu vou lhe dar alguma.

O anjo se levantou e caminhou despreocupadamente até a porta do banheiro. Então voltou e pegou seus fodidos biscoitos. – Até o amanhecer, meu amigo.

Deixado sozinho, Tohr brevemente considerou socar o espelho – mas então, percebeu que poderia por a perder sua chance de sair e encontrar alguns *lessers* para matar. E neste exato momento? Esta perspectiva era a única coisa que o mantinha são.

Sangue. Suor. Lágrimas.

Praguejando, ele tomou banho, se barbeou, e saiu para o quarto. No’One já tinha saído, de forma que pudesse chegar à Primeira Refeição antes dele. Ela fazia isto todas as noites, mesmo que o show de discrição não enganasse ninguém.

Você sabe tão bem quanto eu o quanto você não tem feito.

Maldito inferno, Lassiter provavelmente estava certo – e não somente sobre toda a coisa de sexo.

Enquanto pensava nisto, ele percebeu que nunca se explicara a No’One. Tipo, não havia jeito de que ela não soubesse que ele tivera um pesadelo novamente – ele pulando da cama como se ela fosse uma torradeira e estando tão mal humorado, era um sinal de neon sobre o fato no quarto. Mas ele nunca falara com ela sobre ele. Nunca lhe dera uma abertura para perguntar a ele sobre isto.

Ele não conversava realmente com ela sobre nada, na verdade. Nem sobre seu trabalho em campo. Nem seus Irmãos. Nem sobre as disputas que o rei estava tendo com a *glymera*.

E havia tantas outras distâncias que ele mantinha...

Em seu closet, ele pegou uma calça de couro, colocou-a pelas pernas e...

A cintura travou nas suas coxas. E quando ele puxou de novo, continuaram presas. Subindo ainda mais forte, ela... Se partiu em duas metades.

Que caralho!

Malditos pedaços de merda.

Pegou outra calça. E teve o mesmo problema – suas coxas estavam grandes demais para ela.

Atravessando o closet, checkou todas as suas roupas de combate. Agora que pensava nisto, as coisas tinham ficado um pouco apertadas ultimamente. Jaquetas apertando nos ombros. Camisetas se rasgando embaixo dos braços no final da noite. Tudo apertado.

Olhando por sobre os ombros, ele viu seu reflexo no espelho.

Maldição, ele estava... De volta ao tamanho que tinha antes. Estranho que não tivesse notado até esta noite, mas seu corpo, agora em um esquema de alimentação regular, tinha crescido até suas dimensões anteriores, seus ombros cobertos de músculos, seus braços destacando, o estômago ondulado, as coxas inchando de poder.

No'One era responsável por isto. Era o sangue dela nele, tornando-o tão forte.

Foi até o telefone perto da cama, pediu uns pares de roupas de couro em tamanho maior, e então esperou na chaise.

Seus olhos travaram no closet.

O vestido da cerimônia de emparelhamento ainda estava lá, puxado para trás, pendurado onde ele tinha posto quando resolvera tentar seguir adiante.

Lassiter tinha razão. Ele não tinha levado as coisas tão longe quanto poderia. Mas, Deus, ter sexo com outra pessoa? Tipo sexo completo? Sempre existira apenas Wellsie.

Meeeeerda... Este pesadelo estava ficando cada vez mais assustador.

Mas, Deus, aquela visão diante da qual ele acordara, de sua *shellan* ainda mais distante... Ainda mais desvanecida... Seus olhos exaustos torturados e tão cinzas quanto a paisagem.

O toque na porta era forte demais para ser Fritz.

– Entre.

John Matthew olhou pelo batente. O garoto estava vestido para lutar, armado, humor sombrio.

– Vai sair mais cedo? – Tohr disse.

Não, eu troquei de turno com Z – só queria que você soubesse.

– Qual o problema?

Nada.

Que mentira. A verdade veio das formas duras das palavras do garoto, as mãos formando as posições da linguagem de sinais com cantos duros nas letras. E ele estava olhando para o chão.

Tohr lembrou da cama bagunçada e do fato de que No’One deixara uma de suas roupas de baixo na cadeira perto da escrivaninha.

– John, – ele disse, – Ouça...

O garoto não olhou para ele. Só ficou lá na porta aberta, cabeça baixa, sobrelombas baixas, o corpo coçando para ir embora.

– Entre um minuto. E feche a porta.

John entrou e cruzou os braços ao fechar a porta.

Merda. Por onde começar?

– Eu acho que você sabe o que está rolando aqui. Com No’One.

Não é da minha conta, vieram os sinais em resposta.

– Besteira. – Ao menos ele conseguira algum contato olho-a-olho – o que foi ruim, já que ele prontamente não soube o que dizer. Como poderia explicar o que estava acontecendo? – É uma situação complicada. Mas ninguém⁴⁰ está tomando o lugar de Wellsie. – Merda, aquele nome. – Digo...

Você a ama?

– No’One? Não, eu não a amo.

Então o que infernos está fazendo? Não, não me responda. John marchou em volta, mãos nos quadris, armas refletindo a luz em flashes sutis. *Eu posso adivinhar.*

De um jeito triste, Tohr pensou, a raiva era honorável. Um filho protegendo a memória de sua mãe.

Deus, aquilo doía.

– Eu tive que seguir adiante, – Tohr suspirou roucamente. – Não tive escolha.

Uma porra que não teve. Mas como eu disse, não é da minha conta. Tenho que ir. Até mais.

– Se você acha por um momento que estou tendo uma festa aqui, está errado demais.

Eu ouvi os sons. Eu sei exatamente quanta diversão você está tendo.

Quando ele saiu, a porta se fechou com uma batida.

Fantástico. Esta noite só ficaria melhor se alguém perdesse uma perna. Ou a cabeça.

⁴⁰ Aqui Ward faz um trocadilho com o nome de No’One, que inglês significa ninguém.

Capítulo TRINTA E SEIS

Em geral, o aroma do sangue humano não era nem de longe tão interessante quanto o sangue de um *lesser* ou de um vampiro. Mas era igualmente reconhecível, e algo a que era preciso dar alguma atenção.

Quando Xhex passou uma perna por sobre sua Ducati, cheirou o ar de novo.

Definitivamente humano, a oeste do Iron Mask.

Conferindo o relógio, viu que tinha tempo de sobra até seu encontro e, apesar de, no curso normal dos negócios não dar atenção às bagunças envolvendo humanos, mas, à luz da situação atual no mercado negro, desmontou, pegou a chave, e se desmaterializou naquela direção.

Nos últimos três meses, houve uma onda de mortes no centro da cidade. Bem... Dãa para aquilo. Mas as que lhe interessavam não eram coisas de gangues atirando a esmo, crimes passionais rápido no gatilho ou bêbados que atropelavam e fugiam. Seu grupo de interesse era o quarto na lista – relacionado a drogas.

Só que não no sentido ‘overdose’ da coisa.

Todas as mortes tinham sido suicídios.

Intermediários estavam se matando a torto e a direito – e realmente, quais eram as chances de que tantos filhos da puta desenvolvessem consciência ao mesmo tempo? A menos, é claro, que alguém tivesse colocado algum aditivo moral no sistema de água de Caldwell. Neste caso Trez estaria fora do negócio em mais de um sentido – e ele não estava.

A polícia humana estava desnorreada. As notícias rodavam o mundo. Os políticos estavam nervosos e esbravejando.

Ela mesma tentara dar uma de Nancy Drew⁴¹ mas seu timing sempre caía no dito popular, “chegou tarde, perdeu a cadeira”.

⁴¹ Nancy Drew é uma personagem fictícia que aparece em várias séries de mistério, como uma detetive amadora de 18 anos de idade. Foi criada por Edward Stratemeyer em 1930.

Mas também, ela já sabia a resposta para muitas das questões humanas: aquele símbolo para morte no Idioma Antigo, naqueles pacotes eram a chave. E Jezusss... Quanto mais caras engoliam as próprias balas, mais daquele símbolo aparecia. Estavam até começando a aparecer em pacotes de heroína e Ecstasy, não mais apenas em cocaína.

O vampiro em questão, fosse lá quem fosse, ela ou ele estava gradualmente tomando os seus lugares. E depois de um verão ocupado em influenciar a escória humana a apagar seu DNA do conjunto genético humano, conseguira exterminar uma comunidade inteira de traficantes de drogas: só o que restava eram os vendedores de esquina... E Benloise, o fornecedor peixe-grande.

Quando tomou forma atrás de uma van estacionada, ficou claro que chegou à cena em cima dos acontecimentos. Havia dois caras criando poças de sangue no asfalto, deitados de rosto para cima, com olhos cegos. Ambos traziam armas nas mãos e buracos na frente de seus cérebros, e o carro no qual os defuntos tinham chegado ainda estava ligado, portas abertas, vapor subindo de seu cano ejetor.

Mas nada daquilo lhe importava. O que lhe interessou realmente foi o vampiro macho entrando num Jaguar brilhante, o cabelo preto brilhando azulado sob a luz da arcada.

Parece que seu timing melhorou, conseguiu “sentar na cadeira”.

Com um rápido movimento, retomou forma na frente do carro dele, e graças ao fato de que ele não levava os faróis acesos, pôde dar uma boa olhada em seu rosto sob o brilho do painel.

Bem, bem, bem, ela pensou, enquanto ele se voltava para ela.

A risada lenta que veio do macho pertencia a noites de verão: profunda, quente – e perigosa como o relâmpago que se aproxima. – A bela Xhexania.

– Assail. Bem-vindo ao Novo Mundo.

– Eu ouvi que você estava por aqui.

– Do mesmo modo eu também. – Ela acenou aos corpos. – Entendo que está fazendo um serviço público.

O vampiro assumiu uma expressão diabólica, uma que ela teve de respeitar. – Você me dá crédito por algo que não exerço nenhuma influência.

– Uh-huh. Certo.

– Não vai me dizer que se importa com estes ratos sem rabo?

– Me importa que seus produtos invadam o meu clube.

– Clube? – Sobrancelhas elegantes se ergueram sobre aqueles olhos gelados. – Trabalha com humanos?

– Mais como manter eles na linha.

– E você não aprova drogas.

– Quanto mais sob influência delas, mais trabalho me dá.

Houve uma longa pausa. – Você parece bem, Xhex. Como sempre.

Ela pensou em John e no jeito que ele lidara com aquele aspirante a vampiro alguns meses atrás. A história seria outra com Assail – John teria muito mais diversão com um oponente mais digno, e Assail seria capaz de qualquer coisa...

Com uma pontada de dor, ela subitamente se perguntou se seu companheiro sequer se incomodaria em lutar por ela atualmente.

As coisas andavam diferente entre eles, e não de uma maneira boa. Todas aquelas resoluções de verão de ficarem juntos e conectados tinham se evaporado sob o peso de seus trabalhos noturnos e as poucas vezes em que se viam parecia criar mais distância do que cura.

Até agora, no tempo gelado do outono, as visitas eram difíceis, menos frequentes. Menos sexuais também.

– Qual o problema, Xhex? – Assail disse suavemente. – Sinto cheiro de dor.

– Você superestima seu nariz e seu alcance, se acha que pode invadir Caldwell tão rápido. Está tentando calçar sapatos de algum puta mangangão.

– Do seu chefe, Rehvenge, quer dizer.

– Precisamente.

– Isto significa que você irá trabalhar para mim quando eu terminar de limpar o terreno?

– Não na sua vida.

– Que tal na sua? – Ele pontuou as palavras com um sorriso. – Sempre gostei de você, Xhex. Se um dia quiser um emprego de verdade, procure-me... Não tenho problema algum com mestiços.

Eeeeeee aquelas palavras fizeram com que ela tivesse vontade de chutá-lo nos dentes. – Sinto muito, eu gosto de onde estou.

– Seu cheiro me diz que não gosta. – Quando ele ligou o carro, o súbito ruído anunciou toda a potência do motor. – Te vejo por aí.

Com um aceno casual, ele se trancou, acelerou o motor e arrancou sem ligar os faróis.

Enquanto ela olhava a morte que ele deixou para trás, pensou, bem, pelo menos agora tinha um nome, mas as boas notícias acabavam por aí. Assail era o tipo de macho a quem não era aconselhado a dar as costas nem por um instante. Camaleão sem consciência, ele podia ter centenas de rostos diferentes para centenas de pessoas diferentes – sem que ninguém soubesse quem ele era na realidade.

Por exemplo, ela não acreditava nem por um momento que ele a achasse atraente. Era só um comentário para desestabilizá-la. E funcionou; só que não pelo motivo que ele intencionara.

Deus, John...

Esta merda entre eles estava matando a ambos, mas eles estavam em um impasse. Incapazes de fazer as coisas funcionar; incapazes de desistirem.

Isto era uma bagunça.

Transportando-se para sua moto, montou, colocou os óculos de sol para proteger os olhos e arrancou. Enquanto se dirigia ao centro da cidade, passou rapidamente por um monte de carros de polícia com as luzes ligadas e sirenes soando, que iam, tão rápido quanto os pneus permitiam, ao lugar de onde ela acabara de sair.

Divirtam-se garotos, ela pensou.

Imaginou se eles tinham um protocolo para suicídios múltiplos agora.

Ela se dirigiu ao norte, para as montanhas. Teria sido mais eficiente somente se desmaterializar, mas precisava clarear sua cabeça, e não havia nada como andar em cento e vinte em uma estrada rural para tornar seu crânio tão limpo quanto um assobio. Com o vento gelado empurrando seus óculos de aviador contra seu nariz, e a jaqueta formando uma segunda pele sobre seus seios, forçou ainda mais o motor, inclinando-se sobre a moto, tornando-se uma só com a máquina.

Enquanto se aproximava da mansão da Irmandade, não tinha certeza do motivo que a levava a concordar com isto. Talvez tivesse sido somente a surpresa diante do pedido. Talvez ela quisesse se encontrar com John. Talvez ela estivesse... Procurando algo, qualquer coisa, que fosse uma mudança nesta nuvem de tristeza na qual estava vivendo.

Mas de novo, talvez o fato de que ela estivesse a ponto de se encontrar com sua mãe significasse que a merda só ia piorar.

Cerca de quinze minutos depois, saiu da estrada e deu de cara com o *mhís* que estava sempre no lugar. Diminuindo de forma a não atropelar um cervo ou uma árvore, gradualmente começou a subir a elevação, parando na série de portões que eram semelhantes aos que levavam à entrada do centro de treinamento.

Mal precisou diminuir a velocidade nas câmeras de segurança, o que significava que estava sendo aguardada.

Depois de atravessar a última barreira, e passar pela curva larga que levava ao pátio, seu coração foi parar na barriga. Maldição, a grande casa de pedra parecia a mesma. Mas vamos lá, como se fosse mudar? Podia cair uma chuva de bombas nucleares na costa nordeste e o lugar permaneceria sólido.

Esta fortaleza, baratas e Twinkies⁴², seriam tudo o que restaria.

Estacionou sua Ducati bem perto dos degraus de pedra que subiam para a porta da frente, mas não desmontou. Olhando para os portais arcados, os sólidos painéis entalhados, as gárgulas ferozes que tinham câmeras nas bocas – não havia boas-vindas ali.

⁴² Twinkies são bolinhos recheados com creme, muito populares nos EUA, equivalentes às nossas “Ana Maria”, da Pulmann.

A entrada era por sua conta e risco, tudo parecia ameaçar.

Uma rápida olhada ao relógio disse-lhe o que já sabia: John já estaria fora para a noite, lutando na parte da cidade que ela acabara de deixar...

Xhex inclinou a cabeça para a esquerda.

A rede de sentimentos de sua mãe foi sentida lá fora, nos jardins atrás da casa.

Era bom. Ela não queria entrar. Não queria atravessar aquele vestibulo. Não queria lembrar do que usara, pensara, ou com o que sonhara antes da cerimônia de emparelhamento.

Fantasia estúpida sobre como a vida seria.

Desmaterializando-se para o outro lado da cerca, não teve problemas em se localizar. Ela e John tinham vagueado por aqui na primavera, enfiados embaixo dos galhos que mal brotavam nas árvores frutíferas, respirando o esquecido cheiro de terra fresca, abraçando-se contra o frio que sabiam que não permaneceria por muito tempo no ar.

Havia tantas possibilidades naquela época. E dado onde estavam neste momento, parecia apropriado que agora que o calor do verão tinha ido embora, aquele período de desabrochar vital também estivesse perdido. Agora as folhas estavam no chão, os galhos estavam novamente nus, e tudo estava a ponto de desabar.

Bem, ela não estava um cartão do Hallmark⁴³ hoje?

Concentrando-se na rede de sentimentos de sua mãe, contornou a casa, passando pelas portas francesas da sala de jogos e da biblioteca.

No'One estava na beirada da piscina, uma figura imóvel iluminada pelo brilho azul da água que ainda não tinha sido drenada.

Uau... Xhex pensou. Uma grande mudança ocorrera na fêmea, e fosse o que fosse, tinha alterado muito de sua estrutura emocional. Sua rede estava confusa, mas não de uma maneira ruim; mais como uma casa que estivesse passando por

⁴³ Hallmark é a maior empresa fabricante de cartões postais dos Estados Unidos.

reformas extensas. Era um bom começo, uma transformação positiva que provavelmente levaria algum tempo.

– Bom trabalho, Tohr, – Xhex murmurou por sob o fôlego.

Como se a tivesse ouvido, No’One olhou por cima do ombro – e foi quando Xhex percebeu que o capuz que ela sempre trazia posto estava baixado, a capa de suaves cabelos loiros de sua mãe sugerindo que o cabelo estava trançado, com a ponta da longa extensão escondida sob o manto.

Xhex esperou pelo medo iluminar aquela rede. E esperou. E esperou...

Merda, algo *realmente* mudou.

– Obrigada por vir, – No’One disse, enquanto Xhex se aproximava.

A voz estava diferente. Um pouco mais profunda. Certamente, ela se transformara de várias maneiras. – Obrigada por me convidar, – Xhex replicou.

– Você parece bem.

– Assim como você.

Parando na frente da mãe, analisou o modo que a luz vacilante da piscina jogava contra o rosto perfeitamente adorável da fêmea. E naquela quietude que se seguiu, Xhex franziu o cenho, informação inundando-a através de seus receptores sensíveis, completando a imagem.

– Você está em um impasse, – ela disse, pensando que era meio irônico.

As sobancelhas de sua mãe se elevaram. – Para ser sincera... Estou.

– Engraçado. – Xhex olhou para o céu. – Eu também.

Encarando a fêmea forte e orgulhosa a sua frente, No’One sentiu a mais estranha conexão com sua filha: enquanto os reflexos incessantes da piscina jogavam brilhos sobre os traços duros e severos, aqueles olhos cinza metálicos expressavam uma frustração irascível, semelhante a sua própria.

– Então, Tohr e você, hum, – Xhex disse casualmente.

No’One colocou as mãos nas bochechas ruborizadas. – Eu não sei o que responder a isto.

– Talvez eu não devesse ter tocado no assunto. É só que... É, está em toda sua mente.

– Não realmente.

– Mentirosa. – Não era uma acusação. Nem censura. Só a afirmação de um fato.

No'One se virou novamente para a água e lembrou a si mesma que, como metade *sympath*, sua filha saberia a verdade, mesmo se ela não dissesse uma palavra.

– Eu não tenho direitos sobre ele, – murmurou, olhando para a superfície agitada da piscina. – Não tenho direito a nenhuma parte dele. Mas não é por isto que lhe pedi para vir...

– Quem disse?

– Perdão?

– Quem disse que ele não é seu?

No'One balançou a cabeça. – Você conhece todos os motivos.

– Não, eu não conheço. Se você o quer e ele a quer...

– Ele não me quer. Não... Inteiramente. – No'One passou a mão no cabelo mesmo que ele não estivesse sobre seu rosto. Querida Virgem Escriba, seu coração estava batendo tão forte. – Eu não posso... Eu não devia estar falando sobre isto.

Era mais seguro não revelar uma sílaba a ninguém – ela sabia que Tohr não gostaria que ficassem especulando sobre ele pelas costas.

Houve um longo silêncio.

– As coisas não estão bem entre John e eu.

No'One a olhou, sobrancelhas erguidas diante da sinceridade da filha. – Eu... Eu tenho me perguntado. Você se foi há muito tempo daqui, e ele não tem parecido feliz ultimamente. Eu esperava por... Um resultado diferente de alguma forma

Incluindo entre as duas.

E de fato, era verdade o que Xhex dissera. Ambas estavam num impasse – não o acordo que ela desejava. No entanto, ela aceitaria qualquer semelhança que se apresentasse entre elas.

– Eu acho que você e Tohr fazem sentido, – Xhex disse subitamente, enquanto ela voltava a olhar para a piscina. – Eu gosto da ideia de vocês dois juntos.

No’One arqueou a sobrancelha de novo. E reavaliou a regra de não-falar. – Sério?

– Ele é um bom macho. Fiel, confiável... Malditamente trágico o que aconteceu à família dele. John se preocupou por ele por tanto tempo... Você sabe, ela foi a única mãe que John teve. Wellsie, era ela.

– Você a conheceu?

– Não formalmente. Ela não era o tipo de mulher que frequentava o lugar onde eu trabalho, e Deus sabe que eu nunca fui bem-vinda onde a Irmandade estava. Mas eu conhecia sua reputação. Embora doce, era realmente forte, uma fêmea de valor, aparentemente. Não acho que a *glymera* fosse grande fã dela, e o fato dela não se importar com a opinião deles, era somente mais uma coisa que depunha a seu favor, em minha opinião.

– Foi uma verdadeira história de amor.

– Sim, pelo que sei. Francamente, estou surpresa que ele tenha conseguido seguir adiante, mas me alegro, pois lhe fez imensamente bem.

No’One respirou fundo e cheirou as folhas secas. – Ele não teve escolha.

– Perdão?

– Não é minha história para eu contá-la, basta dizer que se ele pudesse escolher outro caminho, qualquer outro, ele escolheria.

– Eu não compreendo aonde você quer chegar. – Quando No’One não completou a explicação, Xhex deu de ombros. – Mas respeito seus limites.

– Obrigada. Estou feliz por você ter vindo.

– Estou surpresa por você me chamar...

– Eu falhei com você incontáveis vezes. – Enquanto Xhex recuava visivelmente, No’One acenou com a cabeça, – Assim que eu cheguei aqui, estive tão impressionada, perdida, embora conhecesse o idioma, isolada, embora não estivesse sozinha. Eu quero que saiba, no entanto, que você é a razão verdadeira que me trouxe aqui... E esta noite, eu preciso me desculpar.

– Por quê?

– Por abandoná-la após seu nascimento.

– Jesus... – A fêmea esfregou os cabelos curtos, o corpo poderoso recuando sem sair do lugar, como se estivesse se esforçando para não escapular. – Ah, ouça, não há nada pelo que se desculpar. Você não pediu para ser...

– Você foi um bebê, recém-chegado a este mundo, sem uma *mahmen* para cuidar de você. Eu lhe abandonei a sua própria sorte quando não podia fazer nada além de chorar em busca de calor e ajuda. Eu... Sinto tanto, minha filha. – Ela colocou a mão sobre o coração. – Levou-me tempo demais para encontrar minha voz e as palavras, mas saiba que eu ensaiei isto por horas, em minha mente. Eu quero que seja correto o que eu digo a você, porque tudo foi tão errado entre nós desde o primeiro dia... E é tudo culpa minha. Eu fui tão egoísta, e eu perdi a coragem, e eu...

– Pare. – A voz de Xhex estava tensa. – Por favor... Só pare...

– ...Estava errada em lhe virar as costas. Errei em esperar tanto tempo. Errei em tudo. Mas esta noite... – Ela firmou o pé. – Esta noite eu revelo a você meus erros, de modo que eu talvez possa prometer meu amor, por mais imperfeito e não desejado que ele seja. Eu não mereço ser sua mãe, ou chamá-la de filha, mas talvez possamos formar uma espécie de... Amizade. Eu consigo entender que isto não é bem-vindo também, e eu sei que não tenho direito de exigir nada. Só saiba que estou aqui, e meu coração e mente estão abertos para aprender sobre quem... E o que você é.

Xhex piscou uma vez, e então ficou em silêncio. Como se o que tinha sido falado a ela tivesse chegado por meio de uma radiofrequência ruim e ela estivesse sendo forçada a interpretar o significado.

Depois de um momento, a fêmea disse rudemente, – Eu sou uma *sympath*. Você sabe disto, né? O termo... Mestiço... Não significa merda nenhuma quando implica em ser metade devoradora de pecado.

No'One ergueu o queixo. – Você é uma fêmea de valor. É isto o que é. Não me importa a composição de seu sangue.

– Você tinha medo de mim.

– Eu tinha medo de tudo.

– E você deve ver aquele... Macho em meu rosto. Toda vez que olha para mim, você tem de lembrar o que ele fez a você.

Ante aquilo, No'One engoliu a seco. Ela supunha que aquela parte era verdade, mas também era a coisa menos importante agora. Era mais do que hora de que aquilo tudo fosse sobre sua filha. – Você é uma fêmea de valor. É isto que eu vejo. Nada mais... *E nada menos.*

Xhex piscou de novo. Algumas vezes. Então mais rápido.

E então ela se arremeteu para frente, e No'One se viu envolta em um abraço certo e muito apertado.

Não hesitou nem por um momento em retribuir aquele gesto de afeição.

Enquanto abraçava sua filha, ela pensou, sim, de fato, o perdão expressava-se bem melhor através do contato. Palavras não eram capazes de expressar a sensação de segurar o que tinha desprezado em um momento de grande agonia, de ter o seu sangue contra ela, de apoiar, mesmo que apenas brevemente, a fêmea a quem tinha prejudicado de forma tão egoísta.

– Minha filha, – ela disse em uma voz partida. – Minha linda, forte... Valorosa filha.

Com mãos trêmulas, ela segurou a nuca de Xhex e virou o rosto da fêmea para o lado, de forma que pudesse abraçá-la contra seu ombro como se fosse um bebê. Então, com toques gentis e suaves, ela acariciou o cabelo curto.

Tinha sido impossível dizer que se sentiria grata por qualquer coisa que aquele *sympath* tinha feito a ela. Mas este momento levou a dor embora, este momento vital quando ela sentiu como se o círculo que começou a ser desenhado em seu útero tivesse finalmente se completado, duas metades que estiveram separadas por tanto tempo, fechando-se uma vez mais.

Quando Xhex se afastou, No'One engasgou. – Você está sangrando! – Levando a mão ao rosto da filha, ela limpou as gotas vermelhas com suas mãos. – Vou chamar a doutora Jane...

– Não se preocupe com isto. É só... Sim, nada para se preocupar. É meu jeito de... Chorar.

No'One colocou sua mão no rosto da filha e balançou a cabeça assombrada. – Você é tão diferente de mim. – Enquanto a fêmea desviava o olhar, ela completou, – Não, isto é bom. Você é tão forte. Tão poderosa. Eu amo isto em você... Eu amo tudo em você.

– Você não está falando sério.

– Sua metade *sympath*... É uma espécie de bênção. – Quando Xhex começou a discordar. No'One cortou-a. – Lhe dá uma camada de proteção contra... As coisas. Lhe dá uma arma contra... Coisas.

– Talvez.

– Definitivamente.

– Sabe de uma coisa? Eu nunca fiquei brava com você. Digo, eu entendo porque você fez o que fez. Você trouxe uma abominação para o mundo...

– *Nunca mais* use esta palavra perto de mim, – No'One brigou. – Não quando se referir a si mesma. Estamos entendidas?

Xhex riu de uma maneira engasgada, erguendo os braços em defesa. – Ok, ok.

– Você é um milagre.

– Mais como uma maldição. – Quando No'One abriu a boca para discutir, Xhex cortou-a. – Ouça, eu agradeço tudo... Isto. Eu realmente agradeço... Digo, é realmente bondade da sua parte. Mas eu não acredito em borboletas e unicórnios, e nem você deveria. Você sabe o que eu tenho sido nos últimos... Deus, tantos anos quantos posso me lembrar?

No'One franziu o cenho. – Você trabalha no mundo humano, não? Acho que ouvi algo a respeito disso.

Xhex ergueu suas mãos pálidas, flexionando os dedos em garras e relaxando-os. – Eu sou uma assassina. Fui paga para caçar pessoas e matá-las. Há sangue em mim inteira, No’One... E você tem de saber disto antes de planejar qualquer tipo de reunião cor-de-rosa para nós. De novo, me alegro que você tenha me pedido para vir aqui, e você está mais do que totalmente perdoada por tudo... Mas eu não tenho certeza se tem uma imagem realística de mim.

No’One escondeu os braços nas mangas do manto. – Você... Ainda trabalha nisto?

– Não para a Irmandade ou para meu ex-chefe. Mas com o trabalho que tenho no momento? Se eu tivesse de voltar a utilizar estas minhas habilidades, eu faria sem hesitação. Eu protejo o que é meu, e se alguém fica no caminho, eu faço o que tiver de fazer. É assim que eu sou.

No’One estudou aqueles traços, aquela expressão severa, aquele corpo tenso e musculoso que tinha muito de masculino... E viu o que estava por trás da força: havia uma vulnerabilidade em Xhex, como se ela estivesse esperando ser abandonada, posta de lado.

– Eu acho que isto está bem.

Xhex realmente pulou. – O quê?

No’One ergueu o queixo de novo. – Eu estou cercada de machos que vivem sob estas regras. Porque seria diferente com você, só porque é uma fêmea? Pelo contrário, eu estou orgulhosa de você, na verdade. Melhor ser a agressora, do que a vítima... Eu prefiro que você seja assim.

Xhex tomou um fôlego trêmulo. – Deus... Maldição... Você não faz ideia do quanto eu precisava ouvir isto, neste momento.

– Terei prazer em repetir, se você quiser.

– Eu nunca pensei... Bem, que seja. Estou feliz que esteja aqui. Estou feliz que tenha ligado. Estou feliz que você...

Quando a frase não foi terminada, No’One sorriu, um brilhante, resplandecente sorriso que explodia de seu peito. – Eu também. Talvez, se você tiver... Como é mesmo que eles dizem... Um tempinho de folga? Possamos passar algumas horas juntas?

Xhex começou a sorrir um pouco. – Posso lhe perguntar uma coisa?

– Qualquer coisa.

– Você já andou de motocicleta?

– O que é isto?

– Venha comigo até a frente de casa. Deixe-me mostrar-lhe.

Capítulo TRINTA E SETE

Tohr retornou no final da noite com duas adagas sujas, nenhuma munição e uma contusão no osso da canela direita, que o fazia mancar como um zumbi.

Malditas chaves de roda. Mas também, vingar-se especificamente daquele *lesser* tinha sido meio divertido. Nada como arrebentar a cara do inimigo para melhorar o humor.

O asfalto era seu amigo.

Tinha sido uma noite dura de luta para todos eles e uma longa também, – o que era igualmente bom. As horas tinham voado, e mesmo fedendo a carne estragada, com todo aquele sangue preto, sua calça nova precisando de costura em uma lateral, sentia-se melhor do que quando tinha saído.

Lutar e foder, como Rhage sempre disse. Aqueles eram os dois melhores estabilizadores de humor que existiam.

Que pena que o fato de estar mais relaxado, não significava que alguma coisa havia mudado. A mesma merda estava a sua espera quando chegou em casa.

Atravessando o vestibulo, começou o ritual de se desarmar, abrindo o coldre do peito, o coldre do ombro e o cinto de armas. O aroma de cordeiro, recém-cozido com alecrim, enchia o salão e um rápido olhar para a sala de jantar, mostrava que os *doggen* já estavam preparando tudo, a prataria reluzia, os cristais brilhavam e as pessoas já começavam a se reunir para a Última Refeição.

No'One não estava entre eles, como era seu costume.

Correndo pelas escadas, ele não pôde negar a excitação que ia aumentando à medida que se aproximava de seu quarto. Mas a ereção não o deixava exatamente feliz.

Você sabe tão bem quanto eu, o quanto você ainda não fez.

Quando chegou a sua porta, segurou a maçaneta e fechou os olhos. Então, forçando a abertura do painel, disse: – No'One?

O turno dela já devia ter acabado há uma hora – Fritz tinha insistido que ela tivesse algum tempo para se aprontar para o jantar, algo que ela discutira no início, mas parecia estar aproveitando, já que a Jacuzzi estava sempre úmida perto do ralo quando ele voltava para casa, depois de lutar.

Esperava que ela não estivesse na banheira. Queria uma chuveirada, mas não aguentaria os dois nus, juntos no banheiro.

Você sabe tão bem quanto eu...

– Cala. A. Boca. – Largou suas armas e começou a tirar a camiseta e as botas. – No’One? Está aqui?

Franzindo o cento, se inclinou para o banheiro, e o encontrou cheio de ninguém.

Nenhum aroma no ar. Sem umidade no ralo da banheira. Sem toalhas fora do lugar.

Estranho.

Com a mente distraída, voltou ao corredor, chegou à grande escadaria e abriu a porta escondida que ficava lá embaixo. Enquanto atravessava o túnel subterrâneo, se perguntou se ela estaria na piscina.

Esperava que não. Já seu pau, rezava que estivesse.

Pelo amor de Deus, ele não sabia mais que porra pensar.

Só que... Ela não estava flutuando, nem nua, nem de outro jeito, na superfície. E não estava no lugar onde as lavadoras e as secadoras ficavam. Nem na sala de exercícios, vestiário, ou no cômodo de suprimentos do ginásio. Nem na área da clínica, colocando roupas limpas nas prateleiras.

Ela não estava... Lá.

Sua volta à mansão levou metade do tempo da caminhada de ida, quando chegou à cozinha, tudo o que encontrou foi uma porrada de *doggen* adiantando o jantar.

Utilizando seus sentidos pela primeira vez, descobriu... Ela não estava em nenhum lugar da mansão.

Um pânico avassalador atravessou-o, fazendo sua cabeça zunir...

Não, espere, aquele era o som de uma... Motocicleta?

O profundo e retumbante ronco não fazia sentido. A menos que Xhex tivesse vindo por alguma razão – o que era boa notícia para John...

No'One estava em frente à casa. Naquele momento.

Seguindo a pista de seu sangue nas veias dela, correu pelo saguão, voou pelo vestíbulo, e... Parou, de supetão, no primeiro degrau da entrada.

Xhex estava em sua Ducati, sua figura em couro negro combinando perfeitamente com a moto. E bem atrás dela? No'One dividia o assento, capuz abaixado, cabelo despenteado, com um sorriso tão brilhante quanto o sol.

A expressão mudou quando o viu, enrijecendo-se.

– Oi, – ele disse, sentindo as batidas do coração começarem a normalizar.

Atrás dele, sentiu alguém mais sair do vestíbulo. John.

Xhex olhou de relance para seu companheiro e acenou, mas não desligou o motor. Olhando para trás, disse, – Tudo bem aí, mãe?

– Na verdade, sim. – No'One desmontou sem jeito, seu manto se reposicionando a seus pés, como se aliviado pelo fim da viagem. – Vejo você amanhã à noite?

– Sim. Venho buscá-la às três.

– Perfeito.

As duas fêmeas compartilharam um sorriso tão espontâneo que ele quase lacrimejou pela porra toda. Havia algo entre elas... E se ele não pudesse ter sua Wellsie e filho de volta... É, ele gostaria que No'One encontrasse sua verdadeira família.

Aparentemente, ela já tinha dado um passo nesta direção.

Quando No'One subiu os degraus, John tomou seu lugar, descendo até a moto. Tohr queria lhe perguntar onde tinham ido, o que tinham feito, o que

conversaram. Mas lembrou a si mesmo, que o arranjo de dormirem juntos, não incluía quaisquer outros direitos.

O que mostrava exatamente o quão longe eles não tinham ido, não é?

– Você se divertiu? – ele disse enquanto se afastava e segurava a porta para ela.

– Sim, me diverti. – Ela levantou a barra do manto e mancou pelo vestíbulo. – Xhex me levou para um passeio de moto... Ou seria motocicleta?

– Ambos estão certos. – Viagem mortal. Fazedora de doadores de órgãos. Tanto faz. – Mas, na próxima vez, use um capacete.

– Capacete? Como de um cavaleiro?

– Não exatamente. Estamos falando de algo mais resistente do que veludo com uma cordinha no queixo. Vou lhe arrumar um.

– Oh, obrigada. – Ela alisou as pontas despenteadas em seu cabelo louro. – Foi tão emocionante. Como voar. Tive medo, no início, mas ela foi devagar. Depois, eu aprendi a adorar. Fomos bem rápido.

Bem, e aquilo não o fazia querer cagar num saquinho pelo resto da vida?

E pela primeira vez, pegou-se desejando que ela tivesse ficado com medo. Aquela Ducati não passava de um motor com um maldito assento em cima. Um desequilíbrio qualquer, e aquela pele delicada dela seria só uma mancha vermelha na estrada.

– Sim... Que ótimo. – Em sua cabeça, começou a lhe passar um sermão sobre energia cinética, cheia de termos médicos como *hematoma* e *amputação*. – Está pronta para comer?

– Tanto ar fresco me deixou faminta.

À distância, ele ouviu o ronco da moto se afastando, e então John entrou parecendo morto.

O garoto foi direto para a sala de bilhar, e numa aposta de dez contra um, ele não estava atrás de petiscos doces – mas não dava para falar com ele. Ele deixara isso malditamente claro no início da noite.

– Vamos, – Tohr disse. – Vamos nos sentar.

O costumeiro barulho de conversa ao redor da mesa silenciou quando passaram pela entrada, mas, ele estava concentrado demais na fêmea caminhando à sua frente para se importar. A ideia de que ela tinha estado no mundo lá fora, sozinha, vibrando noite a dentro com Xhex, fazia-a parecer... Diferente.

A No'One que ele conhecia nunca teria feito uma coisa daquelas.

E, merda... Por alguma razão, seu corpo se excitou com o pensamento dela vestida em roupas diferentes daquele manto dela, montada naquela moto, cabelo livre da trança e voando na noite.

Como ela ficaria de jeans? Daqueles bons... Do tipo que envolvia o traseiro da fêmea, fazendo um macho desejar um tipo de cavalgada não em uma moto.

De repente, ele a imaginou nua, encostada na parede com as pernas abertas, os cabelos soltos, as mãos segurando os seios. Como um bom garoto, ele estaria de joelhos, com a boca em seu sexo, a língua lambendo aquele lugar que conhecia tão bem com os dedos.

Ele a devoraria. Sentindo-a em seu rosto, enquanto ela se arqueava e ficava tensa...

O rosnado que saiu dele foi alto o suficiente para reverberar na sala silenciosa. Alto o bastante para fazer o rosto surpreso de No'One olhar para trás. Alto o bastante para fazê-lo sentir-se um completo idiota.

Para disfarçar, fez movimentos excessivos para puxar a cadeira para ela se sentar. Como se a merda fosse uma cirurgia cerebral.

Enquanto No'One se sentava, sua própria excitação chegou até o nariz dele, e ele quase teve de se estrangular para evitar que outro rosnado vibrasse seu peito acima.

Sentando-se em sua própria cadeira, sua ereção se apertou por trás do zíper, e por ele, tudo bem. Talvez o suprimento de sangue fosse cortado e a maldita murchasse – só que... Bem, falando na teoria do anel peniano, o oposto também poderia acontecer.

Fantástico.

Ele pegou o guardanapo, desmanchou a elaborada dobra, e...

Todo mundo estava olhando para ele e No'One. A Irmandade. Suas *shellans*. Mesmo o *doggen* que ainda ia começar a servir.

– O quê? – murmurou, enquanto colocava o tecido adamascado no colo.

Eeeeeee foi quando ele percebeu que não estava usando uma camiseta. E No'One não tinha colocado o capuz.

Difícil saber quem estava chamando mais atenção. Provavelmente ela, já que a maioria deles nunca tinha visto seu rosto descoberto antes...

Antes que percebesse, seu lábio superior se retraiu acima de suas presas alongadas, e ele olhou nos olhos de cada um dos machos, sibilando para eles baixa e violentamente. Apesar do fato de todos estarem felizmente emparelhados. E serem seus Irmãos. E ele não ter direito nenhum de ser territorial.

Muitas sobrançelas se ergueram. Alguns pediram outra dose de fosse lá o que estivessem bebendo. Alguém começou a assobiar.

Enquanto No'One colocava seu capuz de volta no lugar, conversas desconfortáveis sobre esporte e o tempo brotaram.

Tohr só esfregou as têmporas. Difícil saber o que estava causado aquela dor de cabeça.

Eram muitas opções.

No final, a refeição passou sem maiores incidentes. Mas também, tirando uma briga de comida ou incêndio na cozinha, era difícil imaginar o que poderia ser um complemento digno de seu numerosinho de serpente para a Irmandade.

Quando as coisas terminaram, ele e No'One fugiram da sala de jantar – mas não pelas mesmas razões, evidentemente.

– Eu preciso trabalhar, – ela disse enquanto eles subiam a escada. – Estive fora a noite toda.

– Você pode compensar ao anoitecer.

– Isto não seria certo.

Quando ele se viu a ponto de dizer a ela que ela devia ir para a cama, percebeu que nos últimos meses, No'One passara tempo demais só com ele. Sim, claro, ela trabalhava, mas fazia isto sozinha, e às refeições ela estava sempre calada.

Por falar nisto, quando estavam lá em cima, ou estavam se agarrando ou dormindo. Então ela também não interagiu muito com ele.

– Onde você e Xhex foram?

– Em muitos lugares. Descemos o rio. Fomos à cidade.

Ele fechou brevemente os olhos à menção de “à cidade”. E então teve de se perguntar por que ele nunca a levava a lugar algum. Quando estava de folga, ficava no ginásio ou lendo na cama, esperando por ela. Nunca lhe ocorreu fazer nada mais com ela no mundo lá fora.

É porque você a esconde o máximo que consegue, sua consciência apontou.

Que fosse. Ela estava sempre trabalhando...

– Ei, espere um minuto, por que você nunca tem dias de folga? – ele reclamou com uma careta enquanto fazia as contas. Merda, o que infernos aquele mordomo estava querendo, fazendo esta fêmea se matar de trabalhar...

– Oh, eu tenho, mas eu nunca tiro. Não gosto de ficar sentada sem fazer nada.

Tohr esfregou a sobrancelha com o polegar.

– Se me der licença, – ela murmurou, – Vou descer ao centro de treinamento e começar a trabalhar.

– Quando você termina?

– Provavelmente às quatro da tarde.

– Ok. – Enquanto ela se virava, ele colocou a mão em seu braço. – Ah, ouça, se for ao vestiário durante as horas do dia, sempre bata e se anuncie, ok?

A última coisa que alguém precisava, era ela dar de cara com um dos Irmãos nu.

– Oh, claro. Eu sempre faço isso.

Enquanto ela desaparecia na esquina, ele a observou, sua figura manquejando com uma dignidade inata que ele, subitamente, sentiu não estar honrando.

– Temos um encontro, lembra?

Olhando para a direita, balançou a cabeça para Lassiter. – Sem clima.

– Grande merda. Vamos... Já arranjei tudo.

– Ouça, sem ofensa, mas não serei uma boa companhia agora...

– E quando é que você é?

– Eu realmente não...

– Blá, blá, blá, blá. Cala a porra da boca e mexa esse traseiro.

Quando o anjo o segurou e o puxou, Tohr desistiu da luta e permitiu-se ser arrastado até a escada e descer pelo corredor das estátuas – para o outro lado. Eles passaram pelo seu quarto, o quarto dos meninos, a suíte de Z, Bella e Nalla. Saíram na ala da equipe de serviço. Na entrada da sala de cinema.

Tohr parou. – Se isto for outra maratona *Beaches*⁴⁴, eu vou dar uma de Bette em cima do seu traseiro, até que você não consiga mais se sentar.

– Oh, veja só! Tentando ser engraçado.

– Sério, se você tem alguma compaixão, deixe-me ir para a cama...

– Eu tenho M&M's de amendoim lá.

– Não fazem meu estilo.

– Raisinets⁴⁵.

– Eca.

– Sam Adams⁴⁶.

Tohr estreitou os olhos. – Geladas?

⁴⁴ “Amigas para sempre”, filme dramático de 1988, estrelado por Bette Middler.

⁴⁵ Uva passas cobertas com chocolate, da Nestlé.

⁴⁶ Marca de cerveja.

– Estupidamente geladas.

Tohr cruzou os braços sobre o peito e disse a si mesmo que não ia fazer manha como um garotinho de cinco anos. – Eu quero Milk Duds⁴⁷.

– Vai ter. E pipoca.

Praguejando, Tohr abriu a porta e entrou na sala parcamente iluminada. O anjo fez tudo sem pausas quando chegaram lá: tudo arrumado como um noivado real. Sam Adams no chão dentro de um balde de gelo. Uma vitrine embaraçosamente calórica com, sim, uma caixa amarela de Milk Duds. E a maldita pipoca.

Sentaram lado a lado, e chutaram os apoios para pés.

– Diga-me que não são filmes pornôns da década de 50. – Tohr murmurou.

– Não. Pipoca? – o anjo disse enquanto apertava *play* e oferecia a tigela. – Manteiga extra... Industrializada, não daquele tipo horrível da vaca real.

– Por enquanto não.

Na tela, apareceram créditos em cima do logotipo de algum estúdio. E então, apareceram duas pessoas sentadas em um sofá. Conversando.

Tohr tomou um gole da cerveja. – Que porra é essa?

– *Harry e Sally – Feitos um para o outro.*

Tohr afastou sua longneck da boca. – O quê?

– Fique quieto. Depois disto, vamos ver um episódio de *A Gata e o Rato*. Então, *Tarde Demais para Esquecer...* A versão antiga, não aquela estupidez com Warren Beatty. Então *A Princesa Prometida...*

Tohr apertou o botão perto de seu quadril e endireitou a cadeira. – Ok. Certo. Divirta-se com isso...

Lassiter apertou *pause* e bateu uma mão pesada em seu ombro. – Senta a porra da bunda aí. Observe e aprenda.

⁴⁷ Caramelos cobertos com chocolate, da Hershey's.

– Aprender o quê? O quanto eu odeio comédias românticas? Que tal se somente instituirmos isto e você me deixar ir?

– Você vai precisar disto.

– Para minha segunda carreira como boiola?

– Porque você tem que se lembrar como ser romântico.

Tohr balançou a cabeça. – Não. De jeito nenhum. Não vai acontecer...

Quando ele já ia pegando carona no ‘só-por-cima-do-meu-cadáver’, Lassiter apenas balançou a cabeça. – Você precisa se lembrar de que é possível, camarada.

– O inferno que preciso...

– Você está empacado, Tohr. E embora você tenha tempo para ficar peidando por aí, Wellsie não pode se dar este luxo.

Tohr calou a boca. Sentou-se. Começou a cutucar o rótulo de sua cerveja. – Eu não posso fazer isto, cara. Não consigo fingir que sinto... Que me sinto desta maneira.

– Tipo não poder fazer sexo com No’One? Quanto mais tempo você planeja continuar do jeito que estão?

– Até que você desapareça. Até que Wellsie seja libertada e você suma.

– E como isto está funcionando para você? Você gostou de seu sonho de hoje?

– Filmes não irão ajudar, – ele disse depois de um momento.

– O que mais você vai fazer? Se masturbar em seu quarto até No’One voltar do trabalho... Para então se masturbar em cima dela? Oh, espere, deixe-me adivinhar... Perambular, inutilmente. Porque isto não é nada que você não tenha feito antes. – Lassiter enfiou a tigela, que oferecera antes, na cara de Tohr. – Que porra vai lhe custar ficar aqui comigo? Cala a boca e coma sua metade das pipocas, imbecil.

Tohr aceitou o que estava à sua frente, porque era isto ou ele terminar coberto com pipocas.

Uma hora e trinta e seis minutos depois, ele teve de limpar a garganta enquanto Meg Ryan dizia a Billy Crystal que o odiava, no meio da festa de Ano Novo.

– Tempero a parte, – Lassiter disse enquanto se levantava. – A resposta para tudo.

Um minuto depois, o jovem Bruce Willis apareceu na tela, e Tohr deu graças. – Isto é muito melhor. Mas precisamos de mais cerveja.

– Deixa comigo.

Uma caixa de cerveja depois e eles tinham passado por dois episódios de *A Gata e o Rato*, incluindo um especial de Natal onde o elenco e a equipe cantaram junto com os atores na última cena.

O que *não* o fez querer limpar a garganta de novo. Realmente. Não fez.

Então eles tentaram assistir *Tarde demais para Esquecer*. Pelo menos até Lassiter se apiedar dos dois e começar a apertar o botão de avanço rápido.

– As garotas dizem que este é o melhor, – o anjo murmurou, enquanto apertava o botão de novo e fosse lá quem fosse, começava a se mover em velocidade avançada. – Talvez tenha sido um erro.

– Amém.

Ok, o filme da princesa não era ruim – aquela merda era engraçada em algumas partes. E, sim, foi... Legal quando os dois ficaram juntos no final. O que ele mais gostou foi do Columbo como o avô. Mas não podia dizer que aquilo o estava transformando num Casanova.

Lassiter olhou para ele. – Ainda não terminamos.

– Só continue a me dar cerveja.

– Peça e receberá.

O anjo estendeu-lhe uma cerveja gelada e desapareceu na sala de controle para mudar o DVD. Quando voltou para onde estavam sentados, a tela se iluminou com...

Tohr saltou para trás em seu banco. – Que inferno!

Enquanto o corpo inteiro de Lassiter cortava a projeção na tela, um gigantesco par de seios balançantes cobriu seu rosto e peito. – *Aventuras à moda MILF*⁴⁸. Um verdadeiro clássico.

– É pornô!

– Dãh...

– Ok, eu *não* vou ficar sentado aqui vendo isto com você.

O anjo, ainda em pé, deu de ombros. – Só queria me certificar de que você visse o que está perdendo.

Gemidos se ergueram pelo som surround enquanto aqueles peitos... Aqueles fodidos peitos pareciam espancar Lassiter na boca...

Tohr cobriu seus olhos horrorizado. – Não! Não vou fazer isto!

Lassiter parou o filme, os sons desapareceram. E uma rápida checada por entre os dedos indicou que era um stop e não uma pausa, misericordiosamente.

– Só estou tentando lhe entender. – Lassiter sentou, abriu outra cerveja e pareceu cansado. – Cara, esta merda de ser anjo... É tão fodidamente difícil influenciar qualquer coisa. Eu nunca tive problema com o livre arbítrio antes, mas pelo amor da merda, eu queria apenas agir como *Jeannie é um gênio* com você para levá-lo com um truque rápido, para onde você precisa estar. – Enquanto Tohr recuava, o anjo murmurou, – Mas tudo bem. Vamos chegar lá de algum jeito...

– Na verdade, eu o estou imaginando com uma fantasia rosa de odalisca.

– Ei, eu tenho um grande traseiro, se quer saber.

Eles beberam cerveja por um tempo até que um logotipo da Sony começou a aparecer em pontos aleatórios na tela. – Você já se apaixonou? – Tohr perguntou.

– Uma vez. Nunca mais.

⁴⁸ MILF sigla comum no mundo pornô que significa “mothers I’d like to fuck”, onde garotos tarados transam com supostas ‘mães’ de seus amigos. Mais especificamente, sexo entre mulheres maduras e experientes com garotos mais novos. Suponho que a expressão usada pela autora no original, “Adventures in the MILFy way”, é um trocadilho com “Adventures in the Milky way” (algo como aventuras na via láctea), intraduzível.

– O que houve? – Quando o anjo não respondeu, Tohr o encarou. – Oh, então tudo bem para você conhecer cada cantinho sujo e escuro da minha vida, mas não pode retribuir o favor?

Lassiter deu de ombros. Abriu outra cerveja. – Você sabe o que eu acho?

– Não até você me dizer.

– Eu acho que devíamos assistir outro episódio de *A Gata e o Rato*.

Tohr exalou longa e lentamente e teve de concordar. Não era ruim assistir a filmes com o cara, falando sobre os diálogos enquanto bebiam Sam Adams e comiam besteiras. De fato, ele não conseguia se lembrar da ultima vez em que apenas... Tinha passado o tempo assim.

É claro, deve ter sido com Wellsie. Todos os seus momentos de folga eram passados com ela.

Deus, quantos dias eles tinham passado sem fazer nada, despreocupadamente largados em frente à TV, assistindo reprises e filmes horríveis nos canais pagos, às vezes, notícias monótonas. Eles ficavam de mãos dadas, ou ela recostada em seu peito, ou ele brincando com seu cabelo.

Tanto tempo perdido, pensou. Mas enquanto naquele intervalo de minutos e horas, tinha sido... Uma espécie de simples e tranquila benção.

Mais outra coisa para lamentar.

– Que tal assistirmos a algo mais recente da carreira de Bruce Willis? – ele disse rudemente.

– *Duro de Matar*?

– Prepare o filme que vou ligar a máquina de pipoca.

– Fechado.

Enquanto ambos se levantavam e se dirigiam aos fundos, ele para o balcão de doces e refrigerantes, Lassiter para a cabine de controle, Tohr fez o cara parar.

– Obrigado, cara.

O anjo lhe deu um tapa no ombro, e então seguiu para colocar algum filme de machão para rodar. – Só estou fazendo o meu trabalho.

Tohr olhou o cabelo loiro-e-preto do anjo desaparecer através da porta estreita.

O maldito livre-arbítrio estava certo. E quanto a ele e No’One?

Era duro para ele pensar no que viria em seguida. Inferno, quando ele ficou com ela pela primeira vez, custou-lhe tanto domar as emoções para poder aceitar a veia dela, dar-lhe a sua, e ficar com ela do jeito que tinha ficado.

Se ele fosse mais além?

O próximo nível ia fazer aquela merda parecer um passeio no parque.

Capítulo TRINTA E OITO

Era meio dia quando o celular de Xcor tocou, e a suave campainha invadiu seu sono leve. Com movimentos aleatórios, ele procurou o botão verde de atender, e depois de apertá-lo, colocou a coisa no ouvido.

Na prática, ele odiava aquelas malditas coisas. Em termos práticos, eles haviam sido uma vantagem incrível, o que o fazia se perguntar por que tinha sido tão resistente a eles.

– Sim, – falou. Quando uma voz arrogante respondeu a ele, sorriu sob a luz tênue do porão. – Saudações, cavalheiro. Como vai, Elan?

– O que... O quê? – o aristocrata teve de se controlar para recuperar o fôlego. – O que foi que me enviou?

Sua fonte no Conselho já tinha uma voz estridente; o pacote que obviamente acabara de abrir, tinha elevado o tom à estratosfera.

– A prova de nosso trabalho. – Enquanto falava, cabeças começaram a se erguer dos beliches, seu Bando de Bastardos acordando para ouvir. – Eu não quero que você pense que exageramos nossas habilidades... Ou a Virgem Escriba nos preserve, mentimos sobre nossas atividades.

– Eu... Eu... O que eu devo fazer com... Isso?

Xcor girou os olhos. – Talvez algum de seus servos possa dividi-lo para distribuir entre seus amigos, membros do Conselho. E então eu imagino que seu tapete terá de ser lavado.

Dentro da grande caixa de papelão que enviou, Xcor tinha colocado alguns dos suvenires de suas matanças, todos os tipos de pedaços e partes de *lessers*: braços, mãos, aquela coluna espinhal, parte de uma perna. Ele tinha colecionado, preparando o momento certo de chocar o Conselho... E provar que o trabalho estava sendo feito.

O risco era que a natureza grotesca de seu “presente” poderia se considerado contraproducente e eles passarem a ser vistos como selvagens. A vantagem em potencial era que ele e seus soldados seriam vistos como eficientes.

Elan limpou a garganta. – De fato, você andou... Bem ocupado.

– Eu sei que isto é assustador, mas a guerra é um negócio assustador, em que você deveria ser beneficiário e não participante. Precisamos salvar você... – Mesmo sendo um inútil. – ... Deste tipo de desprazer. Eu gostaria de ressaltar, no entanto, que esta é só uma pequena amostra do tanto que já matamos.

– De verdade?

A pitada de admiração na pergunta foi gratificante. – Sim. Você pode ter certeza de que lutamos todas as noites pela raça, e somos altamente eficazes.

– Sim, claramente, vocês são... E eu gostaria de deixar bem claro que não desejo mais “provas”, como você diz. Mas iria lhe ligar mais tarde, de qualquer jeito. O encontro final com o rei foi agendado.

– Oh?

– Eu chamei os membros do Conselho porque marquei para esta noite uma reunião... Informal, claro, então não há necessidade procedimental em incluir Rehvenge. Assail respondeu que não poderá participar. Obviamente, ele deve ter um encontro com o rei... Ou ele viria até minha casa.

– Claro, – Xcor rosnou. Ou mais precisamente, obviamente não. Dadas as atividades noturnas de Assail, que só se intensificaram desde o verão, já andava ocupado o suficiente. – E eu lhe agradeço pela informação.

– Quando os outros chegarem, eu vou exhibir esta... Amostra, – o aristocrata disse.

– Faça isto. E diga-lhes que estou disposto a encontrá-los a qualquer momento. Você pode me chamar... Sou seu servo nisto e em todas as coisas. De fato, – ele fez uma pausa de efeito, – seria uma honra me associar a eles através de sua indicação... E juntos, você e eu nos asseguraremos de que eles entendam adequadamente a condição vulnerável deles, sob o governo do Rei Cego, e a segurança que você e eu podemos proporcionar.

– Ah sim, claro... Sim. – O cavalheiro se animou diante de tanto palavreado, que foi usado exatamente com este propósito. – Eu aprecio a sinceridade.

É surpreendente quando a premeditação é confundida com sinceridade.

– E eu, por seu apoio, Elan. – Quando Xcor desligou o telefone, passou os olhos pelos soldados e então se fixou em Throe. – Depois do pôr do sol, vamos aparecer na propriedade de Assail de novo. Talvez consigamos alguma coisa desta vez.

Enquanto os outros rosnavam em aprovação, sem falar ergueu o telefone... E acenou com a cabeça para seu segundo em comando.

– Senhor, nós chegamos. A porta está à traseira do veículo.

Quando a voz de Fritz veio pelo comunicador da van, o aviso do mordomo não era novidade, ainda que Tohr não conseguisse ver onde eles estavam, do ponto onde estava, bem atrás.

– Obrigado, cara.

Batendo os dedos no chão de revestimento da van, ele ainda estava meio tonto daquelas cervejas que tomara com Lassiter, e seu estômago era um poço dolorido graças à maratona de manteiga industrializada e Milk Duds.

Mas talvez a náusea fosse mais devido ao lugar onde eles estavam.

– Senhor, já pode sair.

Tohr se arrastou de lado para as portas duplas, e se perguntou por que infernos estava fazendo isto consigo mesmo. Depois dele e Lassiter terminarem as homenagens a John McClane⁴⁹, o anjo tinha saído para dormir, e Tohr tinha... Tido esta grande ideia, sem motivo aparente.

⁴⁹ Nome da personagem principal do filme “Duro de Matar”, interpretado por Bruce Willis.

Abrindo a porta... Saiu para sua garagem escura e fechou as portas.

Fritz abaixou a janela. – Senhor, talvez eu devesse esperar aqui.

– Não, você pode ir. Vou ficar aqui até o anoitecer.

– Tem certeza que as cortinas estão puxadas lá dentro?

– Sim. É costume, e eu confio em meus *doggen*.

– Talvez eu deva só verificar de novo?

– Não é neces...

– Por favor, senhor. Não me mande embora para encarar o rei e seus Irmãos sem a certeza da sua segurança.

Difícil discutir com isto. – Eu espero aqui.

O *doggen* apressou seus velhos ossos para fora do volante e se dirigiu pelo caminho com admirável velocidade – provavelmente por estar preocupado em Tohr mudar de ideia.

Enquanto o mordomo entrava em casa, Tohr andou em volta, inspecionando seus velhos equipamentos de jardinagem, seus ancinhos, o sal para a neve. O conversível Stingray tinha sido levado para a garagem da mansão... Naquela noite em que ele trouxe o vestido de Wellsie para Xhex.

Ele não teve vontade de voltar aqui para trazer o vestido, depois de lavado e passado.

Não tinha certeza de querer estar aqui agora.

– Tudo está seguro, senhor.

Tohr se virou afastando-se do espaço vazio onde o Corvette tinha estado estacionado. – Obrigado, cara.

Não esperou o mordomo partir para entrar na casa – havia muita luz do sol do outro lado das portas da garagem. Então com um aceno final, ele se preparou... E andou para a entrada dos fundos.

Quando a porta se fechou atrás de si, a primeira coisa que viu foram seus casacos de inverno. As malditas parkas ainda estavam penduradas nos ganchos, a sua, a de Wellsie e a de John.

A de John era pequena, porque ele ainda era um *pretrans* naquela época.

Era como se as malditas coisas estivessem esperando pelo retorno deles.

– Boa sorte com isto, – ele murmurou.

Preparando-se, continuou em frente, entrando na cozinha que tinha sido o sonho de Wellsie.

Fritz tinha consideradamente mantido as luzes acesas, e o choque de ver tudo pela primeira vez, desde as mortes fez Tohr imaginar se não teria sido melhor vir em plena escuridão: os balcões que eles escolheram juntos, e a sólida Sub-Zero⁵⁰ que ela amara tanto, e aquela mesa que eles compraram online no site 1stdibs.com, o jogo de prateleiras que ele instalara para os livros de receita dela... Tudo estava à mostra, limpo e brilhante, como no dia em que tinha sido instalado/entregue/montado.

Merda, nada mudara. Tudo estava *exatamente* como tinha estado na noite em que ela tinha sido morta, seu *doggen* manteve longe a poeira, e foi só.

Andando pela mesa embutida, forçou-se a pegar um Post-it que tinha algo rabiscado por ela.

Terça: Havers – check-up, 11:30

Largou o bloco e se virou, seriamente questionando sua sanidade. Por que tinha vindo aqui? Era possível que algo bom resultasse disso?

Perambulando em volta, passou pela sala de estar, a biblioteca, e a sala de jantar, fazendo uma volta nas salas do primeiro andar... Até que se sentiu como se não conseguisse respirar, até que a tontura do álcool passou e sua visão, olfato e audição estiveram insuportavelmente aguçados. Por que ele estava...?

Tohr piscou quando se viu em frente a uma porta.

Ele deu um giro completo, até voltar para a cozinha.

E ele estava parado no caminho para o porão.

⁵⁰ Marca de refrigeradores.

Ah, merda. Isto não... Não estava pronto para isto.

A verdade era que Lassiter e seus filmes de merda, tinham feito mais mal do que bem. Todos aqueles casais na tela... Mesmo que eles fossem inquestionavelmente instrumentos de ficção, alguns deles tinham se infiltrado em seu cérebro, e disparado todo tipo de coisas.

Nenhuma delas tinha sido sobre Wellsie.

Ao invés disto, ele pensava somente naqueles dias com No'One, os dois deitados com todas aquelas cobertas entre seus corpos, ela olhando para ele como se quisesse mais do que ele estava dando, ele se segurando em respeito a sua morta... E talvez porque ele, no fundo, no fundo, fosse um completo covarde.

Provavelmente um pouco dos dois.

Por causa disto rondando sua mente, tinha vindo aqui. Precisava das lembranças de sua amada, imagens de sua Wellsie, que talvez tivesse esquecido, um poderoso golpe do passado para combater aquilo que sentia como sendo uma traição em seu presente.

De uma grande distância, olhou sua mão se estender e segurar a maçaneta. Girando a direita, empurrou para abrir o pesado e pintado painel de aço. Enquanto as luzes automáticas se acendiam na escada, foi atingido por muita coisa creme: os degraus que desciam estava acarpetado em um amarelo claro e as paredes também, tudo calmo e sereno.

Este tinha sido o santuário deles.

O primeiro passo foi como pular da beira do Grand Canyon. E o passo número dois não foi melhor.

Ainda se sentia daquele jeito quando chegou ao fim da escada e não havia mais degraus a descer.

O porão da casa seguia o plano do primeiro andar, embora apenas dois terços do espaço estivesse acabado, com uma suíte máster, uma academia, lavanderia, e uma mini-cozinha, o resto funcionando como despensa.

Tohr não tinha ideia de quanto tempo ficou ali.

Finalmente, ele se adiantou em direção a porta fechada a sua frente...

O fato de abrir a coisa direto para um buraco negro fazia sentido...

Meeerda, ainda tinha o cheiro dela. Seu perfume. Sua essência.

Entrando, fechou a porta e se preparou enquanto acendia a luz gradualmente.

A cama estava arrumada.

Como se pelas mãos dela. Mesmo que eles tivessem empregados, ela tinha sido o tipo de fêmea que gostava de fazer as coisas ela mesma. Cozinhar. Limpar. Dobrar roupas.

Arrumar a cama deles no fim do dia.

Não havia nada de poeira em nenhuma das superfícies, nem nos armários, dele e dela... Nem na mesa de cabeceira, com o relógio despertador, o dela com telefone... Nem na mesa com o computador que dividiam.

Maldito fosse, não conseguia respirar.

Para dar um tempo no sofrimento, entrou no banheiro com a ideia de recuperar o oxigênio que seu corpo precisava.

Não devia ter feito isto. Ela estava por todo o lugar azulejado também; da mesma forma que estava em toda casa.

Abrindo um dos gabinetes, pegou um frasco de seu hidratante e leu o rótulo, frente e verso – algo que nunca fez enquanto ela vivia. Fez o mesmo com os xampus, vidros de sais de banho que... Sim, cheiravam como ele recordava, limão verbena.

Voltou ao quarto.

Andou até o closet...

Ele não teve certeza de quando a mudança ocorreu. Talvez tenha sido enquanto ele passava pelos suéteres dela, acondicionados nos cubículos. Talvez tenha sido enquanto olhava para os sapatos alinhados na prateleira. Talvez quando ele passava a mão pelas blusas nos cabides, ou não, suas calças... Ou talvez as saias ou vestidos...

Mas finalmente, no silêncio, sua dolorida solidão, em seu lamento permanente... Ocorreu a ele que aquilo tudo eram só coisas.

Suas roupas, sua maquiagem, artigos de higiene... A cama que ela tinha arrumado, a cozinha onde ela cozinhará, a casa que ela tornara deles.

Eram só coisas.

E do jeito que ela nunca mais ia usar o vestido de emparelhamento de novo, ela nunca mais voltaria aqui para se apossar de nada disto. Tudo tinha sido dela e ela tinha vestido, usado, e necessitado de cada pouquinho – mas isto não era mais dela.

Então diga – diga que ela está morta.

Eu não consigo.

Você é o problema.

Nada do que ele fizera neste processo de luto a trouxera de volta. Nem a agonia de relembrar, nem a bebedeira inconsequente, nem as lágrimas inúteis de fraqueza, ou a resistência a outra fêmea... Nem evitar este lugar, ou as horas sentado sozinho com um buraco vazio em seu peito.

Ela se fora.

E aquilo significava que tudo aquilo eram só coisas em uma casa vazia.

Deus... Não era isto que ele esperara sentir. Ele tinha vindo aqui para pavimentar No'One. Ao invés disto? Tudo o que encontrara fora uma coleção de objetos inanimados sem mais o poder de transformar onde ele estava, do que tinham de falar e se mexer sozinhos.

No entanto, considerando onde Wellsie estava, a ideia de que ele estivesse procurando por uma maneira de interromper sua conexão com No'One, era loucura. Ele devia estar adorando a ideia de estar pensando em outra fêmea.

Ao invés disto, sentia como se isto fosse uma maldição.

Capítulo TRINTA E NOVE

De volta à mansão da Irmandade, No'One se sentou na cama que compartilhava com Tohrment, seu manto sobre o edredom ao seu lado, seu movimento cobrindo sua carne.

Silencioso. Tão silencioso este quarto estava sem ele.

Onde ele estava?

Quando ela retornou do seu trabalho no centro de treinamento, esperava encontrá-lo aqui em cima esperando por ela, quente e talvez até adormecido no edredom. Ao invés disso as cobertas estavam todas no lugar, os travesseiros organizados na cabeceira, o acolchoado extra, aquele que ele usava para se esquentar ainda cuidadosamente dobrado nos pés da cama.

Ele não esteve na sala de musculação, na piscina ou no ginásio. Nem na cozinha quando ela esteve rapidamente para pegar um refresco. Nem na sala de bilhar ou biblioteca.

E também não apareceu para a Primeira Refeição.

A maçaneta girou e ela se sobressaltou... Apenas para liberar uma profunda respiração. Seu sangue no corpo do guerreiro anunciava a sua chegada, mesmo antes de seu cheiro se apoderar do seu nariz ou seu corpo preencher o batente da porta.

Ele ainda não tinha colocado uma camisa. Ou botas nos pés.

E seu olhar fixo era sombrio e desolado como os corredores do *Inferno*.

– Onde você esteve? – ela sussurrou.

Ele se esquivou tanto de seus olhos como da pergunta entrando no banheiro.

– Estou atrasado. Wrath nos chamou para uma reunião.

Enquanto ele tomava banho, ela recolheu seu manto e o puxou por cima de seus ombros, sabendo que ele de alguma maneira ficava desconfortável com ela nua

fora da cama. Mas essa não era a causa do seu humor; ele já estava desse jeito antes mesmo de olhar para ela.

Sua amada, ela pensou. Tinha que ter algo a ver com sua amada.

E ela provavelmente deveria deixá-lo em paz.

Mas não deixou.

Quando ele saiu do banho tinha uma toalha enrolada em torno do quadril e foi diretamente ao closet sem sequer olhar para ela. Apoiando uma palma no batente da porta, ele a abriu e se inclinou, o nome em seus ombros iluminado sob a lâmpada de teto acima dele.

Só que ele não pegou nenhuma roupa. Ele deixou sua cabeça pender ainda mais.

– Fui em casa hoje. – ele disse abruptamente.

– Hoje? Como... Durante o dia?

– Fritz me levou.

Seu coração bateu forte só de pensar nele exposto ao sol... Espera aí, eles não viveram juntos aqui?

– Nós tínhamos nossa própria casa. – disse ele. – Não morávamos aqui com todo mundo.

Então este não era o quarto do casal. Ou sua cama.

Quando ele não disse mais nada, ela perguntou. – O que você... Encontrou lá?

– Nada. Absolutamente porra nenhuma.

– Estava vazio de suas coisas?

– Não, deixei tudo exatamente como estava na noite em que ela morreu. Até os pratos que estavam limpos no lava louças, a correspondência sobre o balcão, o rímel que ela deixou bem antes de sair de casa pela última vez.

Oh, que agonia para ele, ela pensou.

– Fui até lá procurando por ela e tudo que obtive foi uma exibição do passado.

– Mas você nunca está longe dela... Sua Wellesandra está sempre com você. Ela vive em seu coração.

Tohrment se virou com seus olhos encobertos e intensos. – Não como ela costumava viver.

Abruptamente ela se aprumou sob seu olhar. Mexendo na barra do seu manto. Cruzou suas pernas. Em seguida, descruzou-as. – Por que está me olhando assim?

– Eu quero foder você. É por isso que voltei para casa.

Enquanto o rosto de No’One registrava um choque de alta octanagem, Tohr não se incomodou em amenizar a verdade com palavras bonitas ou com algum tipo de desculpa qualquer. Ele estava tão cheio de tudo: de lutar contra seu corpo, discutir com o destino, lutar com uma inevitabilidade, a qual ele se recusava a ceder por tempo demais.

Em pé na frente dela, estava nu de um modo que não tinha nada a ver com a falta de roupas. Nu e cansado... E faminto por ela...

– Então você deve me possuir. – ela disse numa voz suave.

Conforme suas palavras afundavam gradualmente, ele se sentiu empalidecer.

– Você entendeu o que eu disse?

– Você foi contundente o suficiente.

– Você deveria me mandar para o inferno.

Houve uma breve pausa. – Bem, nós não temos que prosseguir.

Sem rancor. Sem súplica. Sem desapontamento... Era tudo sobre ele e onde ele estava.

Como ela podia ser tão... Amável? Ele se perguntou.

– Eu não quero lhe machucar. – disse ele, sentindo-se como se quisesse retribuir o favor.

– Você não vai. Eu sei que você ainda ama sua companheira e não lhe culpo. O que você teve com ela é um amor de uma vez na vida.

– E quanto a você?

– Não tenho nenhuma necessidade ou desejo de tomar o lugar dela. E o aceito como você é, de qualquer forma que escolher vir pra mim. Ou não, se este é o modo que deve ser.

Tohr amaldiçoou enquanto uma parte de sua dor inesperadamente se aliviou.
– Isso não é justo pra você.

– Sim, é. Estou feliz simplesmente por este tempo com você. Isso é suficiente... E mais do que eu jamais poderia esperar do meu destino. Estes últimos meses foram uma alegria complicada que eu não teria trocado por nada. Se isso deve terminar, então pelo menos eu tive estes momentos. E se continuar, então tenho mais sorte do que mereço. E... Se isso de alguma maneira coloca em você um pouco de paz, então servi ao meu único propósito.

Enquanto ela se silenciava, aquela sua calma dignidade o destruía, verdadeiramente. E foi com uma sensação de irrealidade absoluta que ele caminhou até ela, curvou-se e tomou seu rosto em suas palmas.

Acariciando sua bochecha com seu polegar, ele olhou dentro de seus olhos.

– Você é... – Sua voz se partiu. – Você é uma fêmea de valor.

No’One colocou suas mãos nos seus pulsos grossos, seu toque suave e leve.

– Ouça minhas palavras e acredite nelas. Não se preocupe comigo. Cuide do seu coração e de sua alma primeiro... Isso é o que mais importa.

Ajoelhando-se diante dela, trabalhou seu caminho entre suas pernas, preenchendo o espaço criado por seu corpo. Como sempre, com ela, se sentia tanto desajeitado quanto à vontade estando tão perto.

Com seus olhos, traçou seu rosto, aquele rosto tão bonito e amável. E então se concentrou em seus lábios.

Movendo-se lentamente ele se inclinou não realmente certo do que diabos estava fazendo. Ele nunca a havia beijado. Nem uma vez. Por tudo que ele conhecia sobre o seu corpo, não conhecia nada de sua boca e, conforme seus olhos se acenderam, era óbvio que ela nunca esperou por tal intimidade.

Inclinando sua cabeça, ele fechou seus olhos... E diminuiu a distância até que encontrou um monte aveludado.

Suavemente, castamente, pressionou e se afastou.

Não era suficiente.

Mergulhando novamente ele se demorou em sua boca, roçando, assediando. Então ele interrompeu bruscamente o contato e se levantou em um salto. Se não parasse agora, não pararia mais e já estava atrasado para encontrar Wrath e seus Irmãos. Além do mais, isso não se tratava de uma sessão de sexo rápido.

Era mais importante do que isso.

– Tenho que me vestir. – disse a ela. – Tenho que ir.

– E eu estarei aqui quando você voltar. Se quiser que eu esteja.

– Eu quero.

Afastando-se ele não perdeu tempo em colocar suas roupas ou recolher suas armas, e assim que ele agarrou sua jaqueta de couro tinha toda a intenção de ir direito porta afora. Invés disso ele parou e olhou para ela. Ela tinha as pontas dos dedos sobre seus lábios, seus olhos arregalados e cheios de surpresa... Como se ela nunca tivesse sentido nada nem perto do que acabou de sentir.

Ele voltou para a cama. – Este foi seu primeiro beijo?

Ela enrubesceu na cor rosa mais adorável, seus olhos baixando timidamente para o tapete.

– Sim.

Por um momento, tudo que ele pode fazer foi sacudir sua cabeça por tudo que ela passou. Então se inclinou para baixo. – Vai me deixar lhe dar outro?

– Sim, por favor... – ela suspirou.

Ele a beijou por mais tempo desta vez, demorando-se em seu lábio inferior, até mesmo mordiscando-o suavemente com uma de suas presas. Com contato, o calor explodiu entre eles, especialmente, quando ele a puxou contra o seu corpo,

segurando-a mais forte do que deveria, já que muitas armas estavam presas em seu torso.

Antes que a tomasse, ele se forçou a colocá-la de volta na cama. – Obrigado. – ele suspirou.

– Pelo quê?

Tudo que ele podia fazer era dar de ombros porque grande parte da sua gratidão era muito complicada para falar em voz alta. – Acho que por não tentar me mudar.

– Nunca. – ela disse. – Agora, fique seguro.

– Eu vou.

Do lado de fora no corredor ele fechou a porta silenciosamente e respirou fundo...

– Você está bem, meu Irmão?

Ele se sacudiu e olhou para Z. O macho também estava vestido para lutar, mas vinha pelo corredor da direção oposta de sua suíte.

– Ah, sim, claro. E você?

– Fui enviado para lhe chamar.

Certo. Entendido. E estava contente que fosse Z. Sem dúvida o cara estava bastante ciente do seu fodido humor, mas ao contrário dos outros... Cof–Rhage–Cof... Ele nunca se intrometeria.

Juntos eles caminharam corredor abaixo e entraram no escritório do rei, chegando exatamente quando V dizia, – Não gosto disso. Aquele vampiro que nos fodeu por meses de repente chama do nada e diz que está pronto para lhe ver?

Assail, Tohr pensou, no momento em que se posicionava contra a estante de livros.

Enquanto seus Irmãos murmuravam diferentes variações num tema não-tão-quente, ele se focou na situação em pauta e concordou completamente. Era muita coincidência...

Atrás da grande mesa, a expressão de Wrath era fria como uma pedra e, somente um olhar naquele rosto aquietou o lugar: ele iria, com ou sem os demais.

– Fodido inferno. – Rhage reclamou. – Você não pode estar falando sério.

Praguejando baixo, Tohr imaginou que poderia muito bem pular a fase da argumentação: pela determinação no maxilar de Wrath, os Irmãos perderiam em qualquer contestação. – Você vai com um colete Kevlar⁵¹. – ele disse ao rei.

Wrath mostrou suas presas. – E quando é que eu não uso?

– Só precisava que isso ficasse claro. Que horas você quer partir?

– Agora.

Vishous acendeu um cigarro enrolado à mão e soprou a fumaça. – Fodido inferno mesmo.

Wrath se levantou, agarrou a guia de George e deu a volta na mesa ao redor do trono.

– Quero apenas o esquadrão regular com quatro. Iremos até lá com armas demais e vai parecer que estamos nervosos. Tohr, V, John e Quinn estarão na primeira equipe.

Fazia sentido. Rhage com sua besta era mais que um curinga. Z e Phury estavam tecnicamente fora de rotação hoje à noite. Butch precisava ficar na retaguarda com o Escalade. E Rehv não estava na sala, o que significava que seu trabalho diário de ser rei dos *symphaths* o levou para o norte novamente.

Oh, e Payne? Considerando a sua aparência, ela era capaz de fritar os circuitos de Assail, tornando-o muito estúpido para falar. Como seu gêmeo, ela tendia a causar uma grande impressão no sexo oposto.

No entanto, todos estariam apenas a um torpedo de distância e Wrath estava certo. Se levassem toda mal-di-ta-fa-mí-lia, isso enviaria a mensagem errada.

Enquanto todos saíam e alcançavam a escadaria principal, havia todo tipo de resmungos sussurrados e, na parte inferior, armas eram checadas novamente e coldres reajustados.

⁵¹ Marca Registrada de material usado na fabricação de coletes à prova de balas. Trata-se de um polímero resistente ao calor e sete vezes mais resistente que o aço por unidade de peso.

Tohr relanceou o olhar para John. Quinn estava mais grudado no garoto do que um par de calças e isso era uma coisa boa, já que era óbvio que nem tudo estava bem no mundo de John: ele exalava seu cheiro de vínculo, mas se parecia com a morte.

O rei se abaixou e falou com George por um momento. Então agarrou sua rainha e a beijou como se quisesse dizer: “Estarei em casa antes que você perceba *leelan*.”.

Enquanto Wrath caminhava através do grupo e desaparecia no pátio sem ajuda, Tohr alcançou Beth, pegou sua mão e a apertou.

– Não se preocupe com nada. Eu o trarei de volta inteiro, assim que terminarmos.

– Obrigada, oh Deus, obrigada. – Ela colocou seus braços ao seu redor e o abraçou apertado. – Eu sei que ele está seguro com você.

Quando ela se agachou para confortar o retriever ansioso, Tohr se dirigiu para a porta, diminuindo a velocidade conforme se juntava ao congestionamento de Irmãos no espaço. Esperando para passar, ele ergueu seu olhar para a sacada no segundo andar. No One estava no topo da escada, de pé, sozinha, com aquele seu capuz abaixado.

A trança precisava ser desfeita, ele pensou consigo mesmo. Um cabelo tão bonito como o dela foi feito para captar a luz e brilhar.

Ele ergueu sua mão acenando e depois que ela ecoou o adeus, ele se esquivou e emergiu na noite fria.

Permanecendo próximo, mas não tão perto de John, ele esperou por Wrath para dar o ok e então se desmaterializou com o rei e os rapazes para uma península no Hudson, bem ao norte da cabana de Xhex.

Enquanto Tohr se materializava no centro de um baixo relevo de floresta, o ar estava estimulantemente frio e cheirava a folhas caídas e a pedras úmidas do litoral.

À frente, a mansão contemporânea de Assail era um verdadeiro espetáculo, mesmo a partir da vista traseira das garagens. A estrutura palaciana tinha dois andares principais, com uma varanda que se estendia por toda a volta, tudo angulado e com janelas para proporcionar o máximo de visão possível da água.

Um lugar idiota para um vampiro viver. Todo aquele vidro na luz do dia?

Mas de novo, o que se poderia esperar de um membro da *glymera*.

A casa já havia sido analisada antes, assim como cada um dos outros locais para as reuniões tinha sido, então eles já estavam familiarizados com a disposição no exterior... E V havia entrado e vistoriado o interior também. Relatório: nada demais lá dentro e, claramente, isso não havia mudado. Nas luzes que iluminavam a partir do teto, existia pouca coisa no departamento de móveis.

Era como se Assail vivesse em uma vitrine apresentando a si mesmo.

E ainda assim, aparentemente, o cara fez algumas coisas inteligentes. De acordo com V, todos aqueles painéis de vidro estavam envolvidos com fios de aço finos, parecidos com desembaçadores de vidros automotivos, que não permitiam nenhuma desmaterialização de dentro para fora ou vice-versa. Ele também eliminou o gramado que rodeava o lugar, de forma que qualquer coisa ou alguém que se aproximasse seria alvo fácil.

Com isto, Tohr deixou seu instinto e sentidos vagarem... E um grande nada bateu na tela do seu radar. Nada se movia além do que devia: apenas os galhos de árvores e folhas na brisa, um cervo à aproximadamente trezentos metros de distância, seu Irmão e os rapazes atrás dele.

Pelo menos até que um carro se aproximou pela via estreita e pavimentada.

Jaguar, Tohr supôs, pelo som do motor.

Sim, ele estava certo. XKR preto. Com as janelas laterais escurecidas.

O conversível de longo capô frontal passou por ele, parou na porta da garagem mais próxima da mansão e então foi desacelerando enquanto painéis se erguiam. Assail, ou quem quer que estivesse atrás do volante, não desligou o motor ou saiu do carro imediatamente. Ele esperou que a porta deslizasse de volta ao lugar atrás dele e quando fez, Tohr notou que não havia nenhum vidro nas janelas da coisa. A merda também era um tom levemente mais claro do que o acabamento do restante da casa. O mesmo com os outros cinco compartimentos.

Ele acrescentou aquelas portas desde que se mudou, Tohr pensou.

Talvez o FDP não fosse um completo idiota.

– Ok, eu avançarei pela porta da frente. – Os olhos diamantinos de V brilharam. – Eu vou lhe dar um sinal... Ou você vai ouvir aquele grito agudo como o de uma garota. De qualquer forma, você sabe o que fazer.

Eeeee lá foi ele, se desmaterializando em volta do canto da casa. Seria melhor ter os olhos nele, mas Wrath era a parte mais importante disso e a linha de árvores atrás era a única cobertura que havia.

Enquanto aguardavam, Tohr pegou sua arma e, John Matthew e Qhuinn fizeram o mesmo. O rei estava carregado com as suas armas calibre quarenta, mas seu conjunto permaneceu no lugar. Um modo defensivo demais tê-lo com uma pistola na mão.

Mas a sua guarda pessoal? Era parte da fodida descrição do trabalho.

Mantendo-se vigilante, ele desejou mais uma vez que poderiam ter deixado o rei em casa para o processo preliminar, mas Wrath disse um simples e claro não para a ideia há meses atrás. Muito irritante, sem dúvida, já que ao contrário do seu pai, ele foi um guerreiro antes de assumir o trono, o que apenas, fodido inferno, fazia momentos como esses fazer você querer arrancar a pele do seu próprio rosto.

O celular do Tohr disparou três tensos minutos mais tarde: *porta da cozinha pela garagem.*

– Ele nos quer na entrada de trás. – disse Tohr guardando a coisa de volta. – Wrath, são quarenta e cinco metros à frente.

– Entendido.

Os quatro se desmaterializaram e reapareceram na varanda de trás numa formação flanqueada que fornecia o máximo de proteção possível para Wrath: Tohr estava bem na frente do rei, John à sua direita, Qhuinn à sua esquerda. V imediatamente assumiu a retaguarda.

E bem na hora, Assail abriu a porta.

Capítulo QUARENTA

A primeira impressão de Tohr de seu anfitrião era que Assail não mudara nada. Ele era ainda grande o bastante para ser um Irmão, com cabelos tão escuros que faziam V parecer um loiro. E suas roupas eram, como sempre, formais e perfeitamente cortadas. Ele também continuava reservado, seu olhar, perspicaz e velado... Vendo demais, capaz de coisas demais.

Outra boa adição para o continente?

Não.

O aristocrata deu um sorriso que não lhe alcançou os olhos. – Devo supor que Wrath está no meio destes corpos?

– Mostre alguma porra de respeito, – V exigiu.

– Elogios são o tempero da conversa. – Assail se virou, deixando-os passar pela porta sozinhos. – Eles só atrapalham...

Wrath se materializou bem no caminho do cara, movendo-se tão rápido, que ficaram peito-a-peito.

Expondo presas tão longas quanto adagas, o rei rosnou baixo. – Cuidado com a língua, filho. Ou vou impossibilitá-lo de continuar a falar merdas como esta.

Assail recuou um passo, os olhos se estreitando como se lendo os sinais vitais de Wrath. – Você não se parece com seu pai.

– Nem você. Infelizmente.

Assim que V fechou a porta, Assail remexeu dentro do bolso – e imediatamente teve quatro armas apontadas para sua cabeça. Quando ele congelou, seus olhos passaram de arma a arma.

– Eu ia pegar um charuto.

– Eu o faria lentamente, se fosse você, – Wrath murmurou. – Meus garotos não se incomodariam em derrubá-lo bem aí onde está.

– Que bom não estarmos na minha sala de estar, então. Eu adoro aquele tapete. – Olhou para V. – Tem certeza que quer fazer isto aqui, no vestíbulo?

– Sim, porra, tenho certeza, – Vishous falou.

– Fobia de janela?

– Você estava para acender, – Wrath disse, – Ou para ser baleado. Que tal resolvermos o primeiro, e então conversaremos sobre o estilo da casa.

– Eu gosto da vista.

– Que pode ser a minha em pé diante de seu túmulo, – V anunciou enquanto apontava para a mão desaparecida do cara.

Erguendo a sobancelha, Assail puxou um longo charuto cubano, e mostrou-o a todo mundo. Então remexeu em um bolso lateral, tirou um isqueiro dourado, e ergueu-o bem alto, para sua fila do gargarejo.

– Alguém me acompanha? Não? – Ele cortou a ponta e acendeu, parecendo despreocupado que sua cabeça ainda estivesse na mira.

Depois de um par de tragadas, ele disse, – Então eu quero saber uma coisa.

– Não comece com isso, – V murmurou.

– Foi para isto que finalmente me chamou? – Wrath perguntou.

– Sim, foi. – O vampiro girou seu charuto, para frente e para trás, entre seu polegar e indicador. – Você tem alguma intenção de alterar as leis a respeito do comércio com humanos?

Inclinando-se para o lado, Tohr fez uma vistoria rápida do que conseguia enxergar do resto da casa – que não era muito: uma cozinha moderna, uma sugestão da sala de jantar, uma sala de estar do outro lado. Não visualizando nenhum movimento nas salas vazias, voltou a se concentrar.

– Não, – Wrath disse. – Desde que os negócios continuem fora do radar, pode fazer o que quiser. Em que tipo de comércio você atua?

– Vendas a varejo.

– De quê?

– Interessada?

– Se não responde, vou assumir que são drogas ou mulheres. – Wrath franziu o cenho quando não houve resposta. – Então qual deles?

– Mulheres trazem problemas.

– A merda das drogas é difícil de manter escondida.

– Não do meu jeito de lidar com as coisas.

V bufou. – Então você é o motivo pelo qual os distribuidores estão se matando nos becos.

– Prefiro não comentar.

Wrath franziu o cenho de novo. – Por que mencionar isto agora?

– Digamos que me deparei com uma parte interessada.

– Seja mais específico.

– Bem, media cerca de um metro e oitenta e dois centímetros. Cabelos escuros bem curtos. O nome lembra sexo, para o que o corpo parece ter sido moldado.

Oh, não, você não disse isto, Tohr pensou...

O vaio que veio de John fez todo mundo virar a cabeça. E os olhos do cara estavam fixos em Assail, como se, ao menos em sua mente, ele já estivesse despedaçando a garganta do cara.

– Mil desculpas, – Assail falou pausadamente. – Não sabia que ela era conhecida de vocês.

Tohr rosou em nome do filho... Mesmo que estivessem estremecidos neste momento. – Ela é foddidamente mais do que só conhecida. Então pode arrancar este ar de especulação do seu rabo... E enquanto estiver fazendo isto... Mantenha-se longe dela.

– Foi ela que veio até mim.

Óoooootimo. Aquilo caiu como um balão de chumbo...

Antes que a merda saísse do controle, Wrath ergueu a mão. – Eu não ligo a mínima para o que você faz com os humanos... Desde que limpe sua sujeira. Mas saiba que se for descoberto, estará sozinho.

– E sobre nossa espécie interferindo em meu comércio.

Wrath sorriu um pouco, seu rosto cruel não mostrando nenhum humor. – Já está tendo problemas em defender seu território? Adivinhe. Você não pode ter o que não conseguir manter.

Assail inclinou a cabeça. – Justo...

Um som de vidro se quebrando soou por trás deles, cortando tudo, fazendo o tempo passar a se arrastar: tiros.

Com um movimento forte, Tohr saltou, seu corpo sólido voando sobre o azulejo espanhol, o seu alvo: Wrath.

Enquanto um *rat-tat-tat-tat-tat* de chuva de balas atingia o fundo da casa, ele jogou o rei ao chão, cobrindo seu Irmão com tanto de seu corpo quanto possível. Os outros, incluindo Assail, também foram ao chão e se arrastaram procurando abrigo próximo às paredes.

– Meu senhor, foi atingido? – Tohr sibilou ao ouvido de Wrath enquanto apertava *enviar* à mensagem de alerta.

– Talvez no pescoço, – veio a resposta grunhida.

– Continue deitado.

– Você está em cima de mim. Exatamente onde quer que eu vá?

Tohr virou a cabeça para perscrutar onde estava todo mundo. V estava sobre Assail, a mão travada na garganta do cara, a arma perto da têmpora do anfitrião. E Qhuinn e John estavam deitados de costas, dos dois lados de onde tinham entrado, cobrindo a saída, bem como a entrada da cozinha.

A fria brisa que vinha da janela quebrada na porta, não trazia nenhum aroma em especial, e isto provava o que era: matadores teriam empestado o lugar, já que tanto o vento, quanto os tiros, vinham do norte.

Era Xcor e seu Bando de Bastardos.

Mas vamos lá, como se já não soubessem disto. Aquele único tiro tinha de vir de um rifle, e devia ter sido mirado em Wrath através daquela porra de painel envidraçado – e já fazia um tempo que a *Sociedade Lessening* não demonstrava nenhuma sutileza em seus ataques.

– Você devia ter mantido esta reunião em segredo, vampiro, – V disse em um tom mortal.

– Ninguém sabe que vocês estão aqui.

– O que me leva a crer que você ordenou o assassinato, sozinho.

Ele estava a ponto de atirar no filho da puta, Tohr pensou, sem se importar. Bem aqui, bem agora.

Assail manteve-se calmo, esquadrinhando os Irmãos de forma que agora o cano da arma estava apontado para o centro de sua testa. – Foda-se... Era por isto que eu queria fazer isto na sala de estar. Os vidros lá são a prova de balas, imbecil. E para sua informação, também estou ferido, seu tolo.

O macho ergueu o braço e mostrou sua mão pingando sangue, a que tinha segurado o charuto.

– E daí, talvez seus amigos tenham uma mira ruim.

– Isto *não* foi uma mira ruim. Eu também sou alvo...

Mais balas choveram dos fundos da casa, achando seu caminho através da abertura na porta. Fodido inferno, painel térmico era bom para proteger contra os invernos de Nova Iorque, mas não valiam merda nenhuma para parar o melhor da Remington.

– Como você está? – Tohr sussurrou no ouvido de Wrath enquanto verificava, em seu celular, se havia resposta dos outros Irmãos.

– Bem. Você? – Só que o rei tossiu... E cara, havia chiado em seus pulmões.

Ele sangrava em algum ponto de seu sistema respiratório...

Movendo-se rápido como um engasgo, Assail escapou do agarre de V, e se arrastou pelo vestíbulo, se dirigindo à porta que levava à garagem. – Não atire! Eu tenho um carro no qual você pode levá-lo! E estou cortando a energia da casa.

Enquanto tudo ficava escuro, Vishous se materializou em cima do cara, tombando-o ao chão e apertando-lhe o rosto contra o piso. – Eu vou matá-lo agora...

– Não, – Wrath ordenou. – Não, até que saibamos o que está acontecendo.

Nas sombras, V cerrou os dentes e olhou para o rei. Mas pelo menos, não apertou o gatilho. Ao invés disto, colocou a boca no ouvido do anfitrião, e rosnou, – Melhor pensar duas vezes antes de tentar escapar de novo.

– Então faça você mesmo. – Saiu como, – *‘tão fa’ cê exmo.*

Vishous olhou para Tohr, os dois olhares se cruzaram. Quando Tohr deu um aceno sutil, o outro Irmão praguejou... Então, esticou-se, e abriu a porta da garagem. As luzes automáticas ainda estavam acesas, de quando Assail chegara em casa mais cedo, e Tohr vislumbrou quatro carros: o Jaguar. Um Spyker. Um Mercedes preto. E uma van preta, sem janelas laterais.

– Peguem a GMC, – Assail gemeu. – As chaves estão na ignição. É inteiramente a prova de balas.

Quando tudo se silenciou lá fora, John e Quinn começaram turnos de vigia, através do vidro quebrado, num ritmo constante e alternado, apenas para se certificarem de que ninguém tentaria se materializar para dentro.

Merda, sua munição não ia durar muito mais.

Tohr amaldiçoou a falta de opções, além do fato de não ter tido resposta da Irmandade...

– Temos tudo sob controle, – Quinn disse, sem tirar os olhos da porta. – Mas precisamos dos outros Irmãos aqui, antes que tentem sair.

– Eu já os alertei, – Tohr murmurou. – Eles estão a caminho.

Ao menos, ele esperava.

A voz de Assail se ergueu por sobre os tiros. – Peguem a maldita van. Não estou mentindo.

Tohr encarou o cara com olhos duros. – Se estiver, eu vou esfolá-lo vivo.

– *Não* estou.

Dado que não havia garantias, Tohr saiu de cima de Wrath, e ajudou o rei a se erguer. Merda... Havia sangue do lado do pescoço dele. Muito sangue. – Mantenha sua cabeça baixa, meu senhor, e me siga.

– Não precisa dizer.

Movendo-se tão rápido quanto se atrevia, Tohr atravessou o caminho, mantendo o rei próximo a parede, para que Wrath pudesse manter uma mão apoiada, para se orientar.

– Máquina de lavar, – Tohr disse, puxando-o para se desviar da máquina quadrada. – Secadora. Porta a um metro e meio. Um metro. Meio metro. Degrau.

Quando passaram por Assail, o macho os observava. – Jesus, ele é realmente cego.

Wrath se endireitou rapidamente, e desembainhou as adagas, apontando-as diretamente para o rosto do cara. – Mas minha audição funciona muito bem.

Assail provavelmente teria recuado, mas preso entre a parede dura, uma bala e uma ponta afiada – não havia muito espaço para se movimentar. – Sim. Certamente.

– Esta reunião não acabou, – Wrath disse.

– Eu não tenho mais nada a dizer.

– Eu tenho. Cuide-se, filho... Se descobirmos que está por trás disto, sua próxima casa será um caixão de madeira.

– Não fui eu. Eu juro... Eu sou um homem de negócio, pura e simplesmente. Eu quero ser deixado em paz.

– Greta Fodido Garbo⁵²! – V rosnou, quando Tohr incitou Wrath a se mover.

Na garagem, Tohr se arrastou com o rei pelo concreto nu, rodeando os outros veículos. Quando rodearam a van, verificou-a, então abriu as portas duplas e enfiou lá o vampiro mais poderoso do planeta, como se fosse uma maleta.

⁵² Referência à atriz de filmes estadunidenses, Greta Garbo, nascida na Suécia, conhecida pela sua reclusão.

Quando voltou a fechar os painéis, tomou um tempo para respirar fundo. Então, dirigiu-se para o assento do motorista, e entrou. A luz interior manteve-se ligada, por um momento, depois que ele se sentou, e sim, as chaves estavam bem onde Assail disse que estariam. E sim, o veículo estava grandemente modificado: dois tanques de gasolina, revestimento de aço reforçado, vidro grosso que indicava que era mesmo a prova de balas.

Havia uma partição deslizante, que separava a parte de trás da parte da frente, e ele a abriu o suficiente para poder monitorar o rei.

Com sua audição aguçada, o sangue pingando na van parecia tão alto quanto os tiros que o causara. – Você foi gravemente atingido, meu senhor.

Tudo o que obtive como resposta foi aquela tosse.

Porra.

John estava pronto para matar.

Enquanto permanecia à esquerda daquela maldita porta traseira, os músculos grossos de suas coxas estremeciam, e seu coração alucinava no peito. Sua arma, no entanto, estava firme como uma rocha.

O Bando de Bastardos tinha começado o ataque de onde a Irmandade tinha começado: no canto mais longe do gramado podado, na floresta por trás da casa.

Um inferno de tiro, pensou. Aquela primeira bala de rifle tinha furado o painel de vidro da porta e tinha ido direto para a cabeça de Wrath, mesmo havendo numerosas pessoas em volta do cara.

Muito perto. Perto demais.

Estes caras eram verdadeiros profissionais – o que significava que tinha de estar se reagrupando para um segundo ataque... E não daquele mesmo ângulo que agora estava tão bem guardado.

Enquanto Qhuinn continuava a apertar seu gatilho em movimentos lentos, John recuou e olhou pela entrada da cozinha.

Assobiando baixo, chamou atenção do olhar de Qhuinn e apontou naquela direção.

– Entendido.

– John, você não vai lá sozinho, – V disse, – Eu vou cobrir a porta dos fundos com nosso anfitrião.

– E se eles virem pela abertura? – Qhuinn perguntou.

– Eu os derrubarei um a um.

Difícil discutir com o cara. Ainda mais quando o Irmão mirou sua segunda arma bem onde Qhuinn e John estavam atirando.

Era o fim de qualquer discussão.

John e Qhuinn caíram em posição de lado e saíram juntos. Guiando-se pela luz da lua, passaram pela cozinha profissionalmente equipada, e testaram cada porta que viram. Trancada. Trancada. Trancada.

As salas de jantar, estar e familiar se revelaram enormes, do tamanho de campos de futebol. A boa notícia era haver colunas em intervalos regulares para sustentação do teto, e Qhuinn as usou como cobertura, enquanto avançavam, checando portas envidraçadas de correr, e se abaixava de novo.

Tudo estava trancado. Enquanto trabalhavam em círculo pela sala gigantesca, a merda estava conferida em todos os lados. Mas Deus, todo aquele vidro...

Parando brevemente, ele ergueu sua arma para um trecho envidraçado, assobiou duas vezes para avisar V... E atirou para testar.

Não despedaçou. Nem mesmo rachou. O grande painel simplesmente reteve a bala, como se a coisa fosse feita de chiclete.

Assail não mentiu. Pelo menos não sobre aquilo.

Dos fundos da casa, a voz de seu anfitrião estava distante, mas clara. – Feche e tranque a porta na base da escada para o segundo andar. Rápido.

Copiado.

John deixou Qhuinn verificar os banheiros e o escritório enquanto corria até uma escadaria de mármore branco e preto. Realmente, enfiado na parede estava um painel, a prova de balas, feito totalmente de aço inox, que quando puxado, cheirava a tinta fresca, como se tivesse sido instalado recentemente.

Havia duas trancas nele, uma que podia trancar pelo lado de dentro, e outra pelo lado de fora.

Enquanto mantinha a coisa segura e no lugar, sentiu algum baita respeito pelo modo como Assail lidava com as questões de segurança.

– Este lugar é uma fortaleza. – Qhuinn disse, enquanto saía de outro banheiro.

Porão? John expressou com a boca, para não ter de soltar as armas.

Como se lesse suas mentes, Assail chamou, – A porta do porão está trancada. Fica na cozinha, perto da segunda geladeira.

Eles voaram para aquela direção, localizando outro daqueles pedaços de aço, que já estava posicionado e trancado.

John verificou seu celular, e viu a mensagem de texto em grupo que Rhage tinha enviado. – *Briga pesada no centro... Todos para lá imediatamente.*

Porra, ele suspirou enquanto mostrava a tela para Qhuinn.

– Eu vou sair, – o cara anunciou enquanto corria para a porta. – Tranque a porta depois que eu...

John se adiantou para o guerreiro, segurando-o: *O inferno que vai*, expressou.

Qhuinn soltou-se de seu forte aperto. – A coisa está a ponto de ficar muito feia, e Wrath *precisa* ser levado à clínica. – Enquanto John amaldiçoava em silêncio, Qhuinn balançou a cabeça. – Seja razoável, camarada. Você está coberto por V com Assail, e vocês precisam manter o interior da casa seguro. Desta forma, aquela van tem de começar a rodar por causa da hemorragia do rei. Você precisa me deixar sair e fazer o que posso para cobrir a área... Não podemos perder mais ninguém.

John amaldiçoou de novo, sua mente procurando por outras opções.

Finalmente ele agarrou o amigo pela nuca e trouxe a testa para junto da sua, por um breve momento. Então, deixou-o ir e recuou – mesmo que isto quase o tenha matado.

Afinal, sua obrigação primordial era para com a segurança do rei, não com a de seu melhor amigo. Wrath era a missão crítica aqui, não Qhuinn.

Ademais, Qhuinn era um mortal filho da puta, rápido com os pés, bom com a arma, ótimo com uma faca.

Eram habilidades que mereciam confiança. E o desgraçado estava certo: eles estavam dolorosamente vulneráveis nesta situação.

Com um aceno final, Qhuinn deslizou uma porta de vidro, que John fechou e trancou, por trás dele... Deixando o macho sozinho lá fora.

Pelo menos o Bando de Bastardos assumiria que todos na casa, continuariam na casa – não tinham como saber que o reforço estava a caminho, e na maioria das situações, pessoas esperavam seus reforços chegarem antes de armar um contra ataque.

– John! Qhuinn! – V chamou. – O que diabos está acontecendo aí!

John correu de volta para o vestibulo. Infelizmente, não havia jeito eficiente de comunicar sem largar a arma...

– Merda, Qhuinn não saiu sozinho, saiu?

Assail riu suavemente. – E eu que pensei que fosse o único com inclinações suicidas.

Capítulo QUARENTA E UM

Imediatamente após Syphon puxar o gatilho de seu rifle de longo alcance, o primeiro pensamento de Xcor foi que o macho podia muito bem ter matado o rei.

Parado no abrigo da floresta, ele ficou surpreso com a precisão de seu soldado: a bala atravessou o gramado, explodindo com o vidro do painel da porta... E derrubou o rei como um saco de areia.

Ou isso, ou o rei havia escolhido se abrigar.

Não havia nenhuma maneira de saber se o desaparecimento foi uma reação defensiva ou o colapso de um homem gravemente ferido.

Talvez fossem ambas as coisas.

– Abrir fogo. – ele comandou pelo ultramoderno transmissor de rádio em seu ombro. – E assumir segundas posições.

Com precisão treinada, seus soldados entraram em ação, o som de tiros dando cobertura enquanto todos, exceto ele e Throe, moviam-se em várias direções.

A Irmandade chegaria a qualquer momento, por isso havia pouco tempo para fechar as escotilhas e se preparar para o conflito. Ainda bem que seus soldados eram bem treinados...

De repente, a casa ficou às escuras – inteligente. Isso os tornou mais difícil de serem isolados como alvos, embora considerando que todos os vidros, exceto o da porta dos fundos, eram a prova de balas, parecia que Assail era muito mais tático do que se esperaria de um tolo membro da *glymera*.

Carros-bomba, não obstante.

Na calma que se seguiu, Xcor teve que assumir que, se o rei estivesse vivo e completamente sem lesões, Wrath teria desmaterializado através da abertura na porta dos fundos, saído da área, e os outros teriam atacado. Se o rei estava ferido, eles ficariam à surdina e esperariam os outros membros da Irmandade chegarem e

darem cobertura para irem embora. E se o Rei Cego estivesse morto? Eles iriam ficar com o corpo para protegê-lo até que os outros chegassem aqui...

Uma arma disparou no interior. Um tiro, cujo brilho apareceu à esquerda.

Eles estavam testando o vidro, ele pensou. Assim, ou Assail estava morto, ou eles não confiavam nele.

– Alguém está saindo. – disse Throe ao seu lado.

– Atire para matar. – Xcor ordenou em seu ombro.

Não havia razão para se arriscar numa captura. Qualquer um que lutasse ao lado da Irmandade seria treinado para resistir à tortura e, portanto, não seria um bom candidato para coleta de informações. Ainda por cima, essa situação era um barril de pólvoras prestes a explodir, e reduzir o número do inimigo era o objetivo mais importante; tomar prisioneiros não.

Tiros soaram quando seus bastardos tentaram acertar quem quer que fosse que tinha saído, mas, naturalmente, o lutador se desmaterializou por isso era improvável que eles tivessem o atingido...

A Irmandade chegou toda de uma vez, os lutadores enormes tomando posições em todo o exterior da casa, como se tivesse sido combinado anteriormente.

Tiros foram trocados, com Xcor apontando para um par no telhado, enquanto os outros focaram nas formas escuras que se deslocavam ao redor das varandas, bem como em qualquer um que pudesse estar vindo de trás na floresta.

Ele precisava ficar no caminho de qualquer veículo que tentasse fugir da casa.

– Eu vou cobrir a garagem. – ele falou em seu transmissor. – Mantenham as posições.

Olhando por cima do ombro para Throe, ele ordenou:

– Ajude os primos ao norte.

Quando seu soldado assentiu e partiu, Xcor se abaixou e fez o mesmo, mudando de posição correndo, já que ele estava muito tenso para desmaterializar. Se eles tentassem retirar Wrath utilizando-se de um veículo porque ele estava ferido, Xcor *tinha* que ser aquele a ter a satisfação de impedir a fuga do rei... E terminar o

trabalho necessário. A garagem, portanto, era o seu melhor ponto de vantagem. Os Irmãos teriam de requisitar um dos veículos de Assail, já que eles pareciam ter chegado sem nenhum – e Assail iria oferecer o auxílio. Ele não tinha qualquer lealdade a nenhum grupo em particular – nem ao Bando de Bastardos, nem ao Conselho, e provavelmente nem mesmo ao rei. Mas ele não gostaria de sustentar o preço da vingança de alguém contra Wrath.

Xcor se fixou atrás de uma pedra enorme que ficava na beira do asfalto da praça atrás da casa. Tirando uma pequena e convexa faixa de metal que tinha sido polido até ficar brilhante, ele posicionou o espelho sobre a rocha para que ele visse qualquer coisa que estivesse atrás dele. E então ele esperou.

Ah, sim. Certo novamente...

Quando o tiroteio continuou ao redor, a porta da garagem mais à direita se abriu, a proteção que ela oferecia desaparecendo painel por painel.

A van que saiu não tinha janelas em sua parte traseira, e ele estava disposto a apostar que, assim como a casa, seus flancos eram impenetráveis por nada menos do que um míssil antiaéreo.

Era perfeitamente possível, é claro, que isso fosse um truque.

Mas ele não ia perder a oportunidade no caso de não ser.

Movendo os olhos para cima, ele verificou atrás dele, então voltou seu foco para a van. Se ele pulasse no caminho dela, ele poderia ser atingido pelo bloco do motor através da grade frontal...

O ataque que veio de trás foi tão repentino, tudo o que ele sentiu foi um braço fechando em torno de sua garganta e seu corpo sendo puxado para trás. Mudando instantaneamente para o modo autodefesa mão-a-mão, ele impediu o macho de rasgar seu pescoço atingindo o lutador com fortes cotoveladas, e em seguida aproveitou-se do atordoamento para se virar.

Ele teve uma breve impressão de olhos de cores diferentes... E depois era só luta.

O macho atacou com tanta ferocidade, os socos eram como ficar sob uma chuva de carros. Felizmente, ele tinha excelente equilíbrio e reflexos, e se agachando, ele agarrou o macho pelas coxas e o abordou com força. Montando a

parte inferior daquele corpo maciço para o chão, ele pulou para a parte de cima e trabalhou no rosto do lutador até que houvesse sangue não apenas em seus dedos, mas voando pelo ar.

Sua posição superior não durou muito. Apesar do fato de que não era possível que o soldado pudesse ver claramente, de alguma forma ele segurou um dos pulsos de Xcor e o prendeu. Com força brutal, ele o puxou para o chão, trazendo Xcor para seu alcance, e deu-lhe uma cabeçada tão forte, que por um momento o mundo ficou incandescente como se as árvores ao redor deles tivessem fogos de artifício como ramos e folhas.

Uma mudança abrupta na gravidade lhe informou que ele estava sendo rolado, mas foda-se. Ele parou o impulso lançando uma perna fora e cravando sua bota no solo. Enquanto ele se esforçava contra um grande peso sobre seu peito, ele viu a van negra gritando para fora como um morcego saindo do inferno por baixo da garagem.

A raiva pela oportunidade perdida com o rei lhe deu energia extra, e ele se levantou sobre seus pés com o macho envolto em seus ombros, um xale de soldado.

Desembainhando sua faca de caça, ele esfaqueou ao redor de seu próprio torso, e ele soube que bateu em alguma coisa, dada a resistência e o praguejo. Mas então o aperto em seu pescoço retornou, desafiando suas vias aéreas, fazendo-o trabalhar ainda mais por oxigênio.

A grande pedra atrás da qual ele tinha se abrigado estava a cerca de um metro de distância, e ele foi em direção a ela, suas botas soando pesadas pelo gramado. Girando, ele bateu no macho uma vez... Duas vezes...

Na terceira vez, pouco antes de ele estar prestes a apagar, o aperto afrouxou. Descuidado e desorientado, ele se libertou justamente quando uma bala assobiou por sua cabeça, tão perto que ele sentiu uma faixa de calor em seu couro cabeludo.

Atrás dele, o soldado caiu sobre a grama, mas aquilo não ia durar – e uma rápida olhada para a troca de tiros sendo travada ao redor disse a ele que se ele e seus bastardos ficassem por muito mais tempo, haveria perdas catastróficas – sim, eles levariam alguns da Irmandade com eles, mas a um custo tremendo para seus próprios números.

Seu instinto lhe disse que Wrath já tinha saído. E que droga, pois mesmo se metade da Irmandade estivesse dentro ou ao redor daquela van – e se o rei estava sendo transportado, alguns deles estavam sem dúvida acompanhando o veículo – ainda havia muitos Irmãos deixados aqui na beira do rio para causar danos vitais para ele e seus machos.

O Bloodletter teria ficado e lutado.

Ele, no entanto, era mais esperto do que isso. Se Wrath foi mortalmente ferido, ou se aquele era o corpo dele, Xcor iria precisar de seu bando de bastardos para a segunda fase de sua tomada de poder.

– Recuar. – ele gritou na peça em seu ombro.

Ele rebocou em suas botas de combate e chutou aquele filho da puta de olhos diferentes no chão – para garantir que o macho ficaria onde estava.

Então ele fechou os olhos e forçou a se acalmar... Se acalmar... Se acalmar....

A vida e morte dependendo do fato dele conseguir se colocar no correto estado mental...

Exatamente quando outra bala passou zunindo por sua cabeça, ele sentiu criar asas... E voar.

– Como estamos aí atrás?

Tohr gritou a pergunta quando ele forçou a van em mais uma curva na estrada. O pedaço de merda fez a curva como se fosse em uma mesa de café com pernas bambas, balançando para lá e para cá, até que ele mesmo se sentiu um pouco enjoado.

Wrath, enquanto isso, estava sendo jogado como bolinhas-de-gude na parte de trás, o rei rolando e agitando seus braços para segurar a si mesmo.

– Alguma chance... – Wrath cambaleou na direção oposta e tossiu um pouco mais. – Você pode... Ir mais devagar com esse ônibus?

Tohr olhou no espelho retrovisor. Ele manteve a divisória aberta para que pudesse manter um olho no o rei, e no reflexo do painel Wrath estava branco como um lençol. Exceto por onde o sangue manchava a pele de sua garganta. Que estava vermelha como uma cereja.

– Não dá para reduzir... Desculpe.

Se a sorte estava do lado deles, a Irmandade estava mantendo o Bando de Bastardos totalmente ocupados na casa, mas vai saber. E ele e Wrath estavam do lado errado do rio Hudson com uns bons vinte minutos de estrada pela frente.

E sem apoio.

E Wrath... Merda, ele realmente não parecia bem.

– Como está indo? – Tohr chamou de novo.

Houve uma pausa maior neste ponto. Muito longa.

Rangendo os dentes, ele triangulou a distância para a clínica de Havers. Porra, era quase a mesma distância – então acelerar para aquela instalação na esperança de encontrar alguém, qualquer pessoa com formação médica não iria poupar muito tempo.

Vindo do nada, Lassiter apareceu no assento do passageiro – simplesmente de lugar nenhum.

– Você pode abaixar sua arma. – o anjo disse secamente.

Merda, ele tinha puxado seu cano no cara.

– Vou assumir o volante. – Lassiter ordenou. – Você se ocupa com ele.

Tohr estava sem o cinto de segurança e fez a mudança de motorista num piscar de olhos, e quando o anjo assumiu, ficou claro que o cara estava completamente armado. Boa coisa.

– Obrigado, cara.

– Sem problemas. E aqui, permita-me lançar alguma luz nisso.

O anjo começou a brilhar, mas apenas em direção à parte de trás. E... Porra... quando Tohr atravessou a divisória, o que ele viu na iluminação dourada era a morte em quatro patas vindo para o rei: a respiração de Wrath estava superficial e saindo em sopros, as cordas do seu pescoço tensas com o esforço que era levar oxigênio para os pulmões.

Aquele tiro no pescoço estava comprometendo as vias aéreas acima do pomo de Adão. A esperança era que fosse apenas um inchaço; no pior caso, ele estava sangrando de uma artéria e se afogando em seu próprio sangue.

– O quão longe da ponte? – ele gritou para Lassiter.

– Eu posso vê-la.

Wrath estava ficando sem tempo.

– Não reduza. Por nada.

– Entendido.

Tohr se ajoelhou ao lado do rei e arrancou sua própria jaqueta de couro.

– Eu vou ver se posso ajudar você, meu irmão...

O rei agarrou seu braço.

– Não vá... Se... Desesperar.

– Eu não pretendo, meu senhor. – E ele não estava sendo paranoico sobre o perigo que eles estavam enfrentando. Se o rei não tivesse alguma ajuda com a coisa da respiração, ele ia morrer antes que alguém pudesse avaliar o que mais ele tinha.

Entrando em ação, ele rasgou o casaco do rei, arrancou a frente do colete Kevlar – e não estava muito seguro de que não encontraria nada para fazer naquele grande peito. O problema era o ferimento no pescoço, e sim, uma inspeção mais próxima sugeriu que a bala estava alojada em algum lugar. Só Cristo sabia exatamente o que estava errado. Mas ele tinha certeza de que se ele pudesse abrir um ponto de acesso de ar abaixo da lesão, eles talvez teriam uma chance de lutar.

– Wrath, eu tenho que fazer com que você respire. E por favor, pelo amor de sua *shellan*, não brigue comigo sobre o problema no qual você está. Eu preciso que você trabalhe comigo, e não contra mim.

O rei tateou com a mão em seu rosto, acabou encontrando seus óculos-escuros e os jogou para fora do caminho. Quando aqueles incrivelmente belos e brilhantes olhos verdes se fixaram nos de Tohr, era como se eles enxergassem.

– Tohr? Tohr... – Estalando, estalando desesperadamente enquanto o rei tentava respirar. – Onde você...?

Tohr capturou aquela palma acenando e apertou com força.

– Eu estou bem aqui. Você vai me deixar ajudá-lo a respirar, ok? Acene para mim, meu Irmão.

Quando o rei acenou, Tohr gritou para Lassiter: – Mantenha isso realmente estável até eu avisar.

– Alcançando a ponte agora.

Pelo menos eles estavam em um trecho reto.

– Realmente estável, anjo, estamos entendidos?

– Entendido.

Desembainhando uma de suas adagas, ele a colocou no carpete do chão próximo a cabeça de Wrath. Então, ele esvaziou seu cantil e o despedaçou. Pegando o tubo de plástico flexível que serpenteava do bocal até a bexiga, ele tirou a coisa para fora e cortou em ambas as extremidades; em seguida, soprou a água que ainda havia no interior.

Ele se inclinou para Wrath:

– Eu vou ter que colocar em você.

Merda, a respiração estava ainda pior, entrecortada.

Tohr não aguardou consentimento ou mesmo reconhecimento. Ele manejou sua faca e, com sua mão esquerda, sondou a macia e corpulenta área entre as junções das clavículas do rei.

– Prepare-se. – disse ele com voz rouca.

Era uma pena ele não poder esterilizar a lâmina, mas mesmo se ele tivesse uma fogueira para queimá-la completamente, ele não teria tempo para a coisa

esfriar. Aquelas respirações estavam ficando mais silenciosas, em vez de mais ruidosas.

Com uma prece silenciosa, Tohr fez exatamente como V o havia treinado. Ele apertou a ponta afiada de sua adaga através da pele para o túnel duro do esôfago. Outra rápida prece... E então ele cortou profundamente, mas não muito fundo. Imediatamente depois, ele empurrou o tubo flexível oco para dentro do rei.

O alívio foi rápido, o ar correndo com um pequeno assobio. E logo depois, Wrath sorveu uma respiração adequada, e outra... E outra.

Plantando uma palma no chão, Tohr se concentrou em manter o tubo exatamente onde estava, fincado na frente do pescoço do rei. Quando o sangue começou a escorrer de todo o lugar, ele abandonou o procedimento de rotina e beliscou a pele ao redor da borda do plástico, mantendo-o vedado tão apertado quanto possível.

Aqueles olhos cegos com suas íris como alfinetes encontraram os seus, e havia gratidão neles, como se ele tivesse salvado a vida do cara ou algo assim.

Mas isso eles ainda teriam que ver. Cada sutil solavanco registrado através da suspensão da van deixava Tohr doido, e eles ainda estavam muito longe de casa.

– Fique comigo. – murmurou Tohr. – Fique bem aqui comigo.

Quando Wrath concordou e fechou os olhos, Tohr olhou para o colete Kevlar. As malditas coisas foram projetadas para proteger os órgãos vitais, mas eles não eram uma garantia de segurança.

Na mesma nota, como diabos eles tinham conseguido tirar a van de lá, afinal? Certamente os soldados de Xcor teriam guarnecido a garagem – aqueles bastardos sanguinários saberiam que aquela era a única rota de fuga para um rei ferido.

Alguém deve ter lhes dado cobertura – sem dúvida um dos Irmãos chegando em cima da hora.

– Você pode dirigir mais rápido? – Tohr exigiu.

– Eu estou afundando o pedal. – O anjo olhou para trás. – E eu não ligo para o que mais eu tenha que afundar.

Capítulo QUARENTA E DOIS

No'One estava no centro de treinamento, empurrando um cesto de rodas cheio de lençóis limpos para cobrir as camas, quando aconteceu de novo.

O telefone tocou na sala de exames principal, e ela ouviu através da porta aberta a doutora Jane falando rápido e claramente... O nome "Tohr"...

O que começou como uma hesitação se transformou em uma pausa, suas mãos apertando a moldura de metal do cesto, coração batendo forte enquanto o mundo se inclinava largamente, fazendo-a girar e girar...

Do outro lado do corredor, a porta de vidro do escritório se escancarou e Beth, a rainha, derrapou no corredor.

– Jane! Jane!

A médica colocou a cabeça para fora da sala de exames. – Estou no telefone com Tohr. Já estão trazendo-o para cá.

Beth partiu corredor abaixo, o cabelo escuro esvoaçando atrás dela. – Estou preparada para alimentá-lo.

Levou um momento para compreender.

Tohr não, não era Tohr, não Tohr... Querida Virgem Escriba, obrigada.

Mas Wrath – não o rei!

O tempo se tornou uma tira elástica, esticando-se infinitamente, minutos se arrastando enquanto as pessoas da casa começavam a chegar – só que, de repente, um limite foi atingido e *snap!* Tudo se tornou um borrão.

A doutora Jane e o médico Manuel saíram voando da sala de exames, a maca rolante entre eles, uma sacola preta esportiva com uma cruz vermelha pendurada no ombro do macho. Ehlena estava ao lado deles, com mais equipamentos em suas mãos. E também vinha a rainha.

No'One os seguiu pelo vestíbulo, correndo nas solas de seus calçados, segurando a porta pesada de aço que levava até o estacionamento esgueirando-se por dela, antes que se fechasse. Na calçada, uma van com janelas negras parou, expelindo fumaça pelo cano ejetor.

Vozes – perturbadas e profundas – lutavam por espaço enquanto as portas do veículo eram abertas e o médico Manuel pulava para dentro.

Então Tohr desceu.

No'One arfou. Ele estava coberto de sangue, as mãos, o peito, as roupas de couro, tudo manchado de vermelho. Só que ele parecia bem. Devia ser sangue do Wrath.

Querida Virgem Escriba, o rei.

– Beth! Venha aqui, – Manuel gritou. – *Agora*.

Depois de ajudar a rainha a entrar, Tohr parou perto das portas abertas com as mãos nos quadris, o peito subindo e descendo rapidamente, seu olhar frio fixo no tratamento do rei. No'One, enquanto isto, perambulou pelos arredores, esperando e rezando, os olhos indo e voltando da expressão horrível e fixa de Tohr nos escuros recessos da van. Tudo o que ela via do rei eram suas botas, de solado duro, grosso e preto, as ranhuras nelas profundas o suficiente para deixar marcas no concreto – pelo menos quando calçadas num macho tão grande como ele.

Será que ele iria voltar a andar?

Pondo os braços ao redor de si, desejou ser uma Escolhida, uma fêmea sagrada que possuísse uma conexão com a Virgem Escriba, algum jeito de se aproximar da mãe da raça em convocações especiais. Mas ela não era.

Tudo o que podia fazer era esperar junto com os outros no círculo que tinha se formado perto da van...

Não havia jeito de saber quanto tempo eles trabalharam no rei naquele veículo. Horas. Dias. Mas eventualmente Ehlena reposicionou a maca tão perto quanto possível e Tohr voltou a entrar na traseira da van.

Wrath foi carregado pelo seu leal Irmão, que o deitou estirado no colchão coberto com lençol branco – que não permaneceria branco por muito tempo, ela

temia, enquanto avaliava o pescoço do rei: vermelho já estava vazando pelas laterais das camadas de gaze.

Tempo era crucial – mas antes que o arrastassem para dentro, o grande macho agarrou a camiseta arruinada de Tohr e então começou a movimentar a garganta. De repente ele fez um punho, e então abriu a palma virada para cima como se estivesse segurando alguma coisa.

Tohr assentiu, e olhou para os médicos. – Vocês precisam tentar tirar a bala. Temos de recuperá-la... É a única maneira de conseguirmos provar quem o atacou.

– E se isto puser a vida dele em risco? – Manuel perguntou.

Wrath começou a balançar a cabeça e apontar novamente, mas a rainha o interrompeu. – Então vocês vão deixá-la onde está. – Enquanto o macho olhava para ela, ela deu de ombros. – Desculpe, meu *hellren*. Estou certa de que os Irmãos vão concordar... O mais importante de tudo é que você sobreviva.

– Está certo, – Tohr murmurou. – A prova é o de menos... No mais, já sabemos quem são os culpados.

Wrath começou a mexer a boca – só que não conseguiu falar, por que... Havia um tubo enfiado em sua garganta?

– Bom, me alegro que estejamos de acordo, – Tohr murmurou. – Cuidem dele, sim?

Os médicos assentiram e saíram levando o rei, a rainha ficando junto a seu companheiro, falando com ele num tom suave, mas ansioso, enquanto corria ao seu lado. De fato, enquanto eles passavam pelas portas rumo ao centro de treinamento, os olhos de Wrath, verde claros e resplandecentes, estavam travados, mas sem foco, no rosto dela.

Ela o estava mantendo vivo, No'One pensou. Aquela conexão entre eles era o que o sustentava mais do que qualquer coisa que os médicos pudessem fazer...

Tohr, enquanto isto, também ficou com o líder, passando por ela sem nem mesmo um olhar.

Ela não o culpou. Como ele podia ver qualquer outra coisa?

Entrando novamente no corredor, ela se perguntou se não devia voltar a trabalhar. Mas não, sem chance disto.

Ela só seguiu o grupo até que todos eles, inclusive Tohr desaparecessem na sala de cirurgia. Não se atrevendo a entrar, ficou do lado de fora.

Pouco tempo depois, o resto da Irmandade se juntou a ela.

Tragicamente.

Pelas horas seguintes, os horrores da guerra ficaram evidentes demais, os riscos à vida e aos corpos se evidenciavam nos ferimentos que se apresentavam enquanto os Irmãos saíam de campo numa corrente.

Tinha sido um brutal ataque armado. Ao menos, foi o que disseram a suas companheiras, todas que se juntaram para confortá-los, rostos ansiosos, olhos horrorizados, corações em pânico aproximando ainda mais os casais. O lado bom era que todos eles voltaram para casa, os machos, e a única fêmea, Payne, todos voltaram vivos para serem tratados.

Só para temerem por Wrath.

O último a chegar era o ferido mais gravemente, além do rei – a ponto de, inicialmente, ela não reconhecer de quem se tratava. O emaranhado cabelo escuro e o fato de que John Matthew estava carregando-o evidenciava que era aquele que se chamava Qhuinn – mas que não dava para adivinhar só olhando para o rosto dele.

Ele tinha apanhado muito.

Enquanto o macho era deixado na segunda sala de operação, ela pensou na bagunça deformada de sua perna e rezou para que a cura fosse total para ele, para todos eles, que não fosse como a dela.

O amanhecer eventualmente chegou, mas ela só soube disto ao olhar o relógio na parede. Relances intermitentes eram revelados quando as portas da sala de cirurgia eram abertas e fechadas, conforme aqueles que eram tratados eram liberados para as salas de recuperação, ou lhes era permitido seguir para a casa principal – não que qualquer um deles o tenha feito. Todos ficaram como ela, recostados nas paredes de concreto do corredor, sentados em vigília não apenas pelo rei, mas pelos seus companheiros de luta.

Doggens trouxeram comidas e bebidas para aqueles que conseguiam comer, e ela ajudou a passar bandejas com sucos de frutas e café e chá. Ela trouxe travesseiros para recostar pescoços tensos, e cobertores para amenizar a dureza do chão, e lenços de papel – não que qualquer um deles estivesse chorando.

A natureza estoica daqueles machos e suas companheiras eram um tipo de poder em si mesmo. Ainda que soubesse, que apesar de seu autodomínio, estavam todos aterrorizados.

Ainda outros membros da casa chegaram: Layla, a Escolhida. Saxton, o advogado que trabalhava com o rei. Rehvenge, que sempre a deixava nervosa mesmo que nunca tivesse sido outra coisa além de perfeitamente educado com ela. O adorado cão do rei a quem não havia sido permitido entrar na sala de cirurgia, mas era confortado por todos. O gato preto, Boo, que se esgueirava por entre botas esticadas, e pulava num colo, onde era acarinhado, e então pulava para outro.

Fim da manhã.

Tarde.

Fim da tarde.

Às cinco. Oh, sete, a doutora Jane e seu parceiro, Manuel, finalmente apareceram, tirando as máscaras dos seus rostos exaustos.

– Wrath está indo conforme esperado, – a fêmea revelou. – Mas dado que ele foi tratado em campo, temos vinte e quatro horas de observação por infecção pela frente.

– Mas vocês podem lidar com isto, – o Irmão Rhage falou alto. – Certo?

– Podemos tratá-lo malditamente bem, – Manuel disse com um aceno. – Ele vai sair desta. Aquele desgraçado durão não aceitaria de nenhuma outra maneira.

Ouve um súbito grito de guerra da Irmandade, seu respeito e adoração e alívio tão óbvios. E enquanto No’One liberava também um suspiro de alívio, percebeu que não era pelo rei. Era porque ela não queria que Tohr sofresse por nenhuma perda a mais.

Isto era... Bom. Graças à Virgem Escriba.

Capítulo QUARENTA E TRÊS

De início, Layla não conseguia compreender para o que estava olhando. Um rosto, sim, e um que ela supunha conhecer, pelo formato. Mas os traços que o compunham, estavam tão distorcidos, que ela não teria identificado o macho se não o conhecesse tão bem.

– Qhuinn...? – suspirou enquanto se aproximava do leito de hospital.

Ele tinha sido costurado, pequenas linhas de fio negro desciam pela sua sobrancelha, atravessando a bochecha, a pele brilhante de suor, o cabelo ainda sujo de sangue seco, respiração superficial.

Olhando para as máquinas perto da cama, não ouviu alarmes, nem nada acender. Aquilo era bom, não era?

Ela se sentiria melhor se ele lhe respondesse. – Qhuinn?

Na cama, a mão dele virou e relaxou seu punho apertado, revelando a extensão da palma.

Ela colocou a sua sobre a dele e sentiu-o apertando levemente. – Então você está aí, – disse roucamente.

Outro apertão.

– Preciso lhe alimentar, – ela gemeu, sentindo sua dor como se fosse dela. – Por favor... Abra sua boca. Deixe-me lhe aliviar...

Quando ele obedeceu, houve um som de estalo, como se as juntas de sua mandíbula não estivessem funcionando direito.

Abrindo a própria veia, ela levou seu pulso até os lábios machucados e abertos dele. – Tome de mim...

De início, era claro que ele tinha dificuldade de engolir, então ela lambeu um dos furos da mordida para diminuir o fluxo. Quando ele aumentou o ritmo, ela se mordeu novamente.

Ela o alimentou por tanto tempo quanto ele permitiu, rezando para que a sua força pudesse se tornar a dele, e que fosse uma força curativa.

Como aquilo acontecera? Quem fizera aquilo com ele?

Dado o número de membros envoltos em gases do lado de fora, era óbvio que os *lessers* enviaram uma força brutal às ruas de Caldwell, naquela noite. E Qhuinn tinha certamente enfrentado o mais cruel e forte membro das forças inimigas... A ponto de ela se preocupar sobre aquela inclinação vingativa dele.

Havia uma linha tão fina separando a coragem da imprudência mortal.

Quando ele terminou, ela fechou suas feridas e puxou uma cadeira, sentando-se perto dele, com a mão junto à dele, novamente.

Era um alívio observar a transformação milagrosa dos ferimentos em seu rosto. Àquela velocidade, eles logo não seriam nada mais do que machucados superficiais, imperceptíveis no dia seguinte.

Quaisquer danos que ele tivesse internamente também estariam descartados. Ele iria sobreviver.

Sentado com ele, em silêncio, pensou sobre os dois, e a amizade que brotara daquela adoração inadequada dela. Se algo lhe acontecesse, ela lamentaria como por um irmão de seu próprio sangue, e não havia nada que não fizesse por ele – e mais, ela tinha a forte impressão de que isto era recíproco.

De fato, ele tinha feito tanto por ela. Tinha-a ensinado a dirigir e a lutar com os punhos, atirar com arma de fogo e mexer em computadores. Tinha mostrado a ela filmes e músicas, trouxera roupas diferentes das tradicionais túnicas das Escolhidas, perdeu tempo respondendo às perguntas dela sobre este lado, e a fizera rir quando precisava.

Ela aprendera tanto com ele. Devia tanto a ele.

Então parecia... Ingratidão... Sentir-se insatisfeita com sua parte. Mas ultimamente, ela vinha experimentando uma estranha ironia: quanto mais ela se expunha, mais a vida parecia vazia. E ainda assim, por mais que seguisse direções opostas, ainda encarava seu serviço à Irmandade como a coisa mais importante a fazer com seu tempo.

Enquanto Qhuinn tentava mudar de posição, praguejou de desconforto, e ela esticou-se para acalmá-lo, acariciando seu cabelo pegajoso. Um dos olhos dele funcionava, e se voltou para ela, a luz por trás da cor azul, exausta e cheia de gratidão.

Um sorriso esticou-se nos lábios dela e ela acariciou a bochecha machucada dele com a pontinha dos dedos. Estranho, esta proximidade platônica que eles compartilhavam – era como uma ilha, um santuário, e ela valorizava tão mais do que qualquer calor que já tinha sentido por ele.

A ligação vital também a fez consciente do quanto ele sofreu, observando seu amado Blay com Saxton.

A dor dele estava sempre presente, cobrindo-o como sua própria carne e o prendendo da mesma maneira, definindo seus contornos e limites.

Isto a fazia ressentir-se de Blay às vezes, mesmo sabendo que não devia julgar: se havia algo que aprendera, era que os corações dos outros pertenciam somente a eles mesmos – e Blay era, em seu núcleo, um macho de valor...

A porta se abriu atrás dela, e por cima do ombro, viu o macho em seus pensamentos aparecer como que invocado pelas suas rumações.

Não que Blaylock não estivesse ferido, mas estava bem melhor do que o macho na cama – pelo menos externamente. Internamente era outro papo: ainda totalmente armado, ele aparentava ser muito, muito mais velho. Especialmente quando viu o soldado amigo.

Ele parou assim que entrou no quarto. – Eu queria saber como você... Ele... Está.

Layla se concentrou novamente em Qhuinn. Seu olho funcional estava fixo no macho ruivo, e o olhar que havia nele, não mais lhe era doloroso – bem, não do jeito que doeria, caso ela ainda o desejasse para si mesma.

Ela queria este soldado para Qhuinn. Verdadeiramente.

– Entre, – ela disse. – Por favor... Já terminamos.

Blay se aproximou lentamente, e suas mãos remexiam aleatoriamente nas fivelas – em seus coldres, seu cinto, na faixa de couro no alto da coxa.

Mas sua postura era contida. Pelo menos até ele falar. Então sua voz falhou. – Seu estúpido filho da puta.

As sobrelanceiras de Layla se afundaram em um clarão, mesmo que Quinn dificilmente precisasse de alguém como ela para defendê-lo. – Com o *seu* perdão?

– De acordo com John, ele saiu da casa para enfrentar o Bando de Bastardos. Sozinho.

– Bando de Bastardos?

– Os que tentaram assassinar Wrath hoje. Este estúpido filho da puta decidiu ir direto para cima deles, sozinho, como se fosse algum tipo de super-herói... É um milagre ele não ter se matado.

Ela imediatamente transferiu seu olhar para a cama. Claramente, a Sociedade Lessening tinha uma nova divisão, e a ideia de que ele se expusera desta forma a fez querer gritar com ele. – Seu... Estúpido filho da puta.

Quinn tossiu um pouco. Então um pouco mais.

Com uma apunhalada de medo, ela pulou. – Eu vou chamar os médicos...

Só que Quinn estava rindo. E não morrendo engasgado.

Ele riu tensamente de início, e então num crescendo, até que a cama se chacoalhou de uma hilaridade que só ele via.

– Não vejo graça nenhuma, – ela cortou.

– Nem eu, – Blay juntou. – Que infernos há de errado com você?

Quinn só continuou a rir, divertindo-se sabe-se lá, a Virgem Escriba, com o quê.

Layla olhou para Blay. – Está me dando vontade de bater nele.

– Seria inútil a esta altura. Espere até ele sarar, então bata. Se quiser, eu o seguro para você.

– Foi... A coisa... Certa... A fazer... – Quinn rosnou.

– Concordo. – Layla colocou as mãos nos quadris. – Blay está absolutamente certo... Eu vou lhe socar mais tarde. E você me ensinou exatamente onde é preciso socar um macho.

– Legal, – Blay murmurou.

Depois que silenciaram, o jeito intenso com o que os machos se olharam fez o coração dela se acender. Talvez eles pudessem entrar em um acordo agora?

– Eu vou sair para verificar os outros, – ela disse rapidamente. – Para ver se mais alguém precisa se alimentar...

Qhuinn estendeu o braço e pegou sua mão. – Você?

– Não, estou bem. Você foi mais do que generoso semana passada. Sinto-me muito forte. – Ela se inclinou e beijou a testa dele. – Só descanse, virei encontrá-lo mais tarde.

Em seu caminho de passagem por Blay, ela disse suavemente, – Vocês dois conversem. Eu direi a todos para os deixarem em paz.

Enquanto a Escolhida saía, Blay só conseguia olhar em descrença para as costas de seu penteado perfeito.

Quando ele entrara no quarto, a conexão entre Qhuinn e a fêmea o atingira no estômago: todo aquele contato visual, e as mãos dadas, o jeito que ela curvava seu elegante corpo na direção dele... O jeito que ela e só ela o sustentava.

E ainda assim... Parecia que ela queria que ele ficasse a sós com Qhuinn.

Não fazia sentido. Se alguém tivesse de querer os dois separados era ela.

Concentrando-se no macho, ele pensou, Deus, aqueles ferimentos eram difíceis de olhar, mesmo em processo de cura.

– Com quem você lutou? – perguntou rudemente. – E não se incomode em discutir... Eu falei com John assim que cheguei em casa. Eu sei o que você fez.

Qhuinn ergueu uma mão inchada e sinalizou um X.

– Xcor...? – Quando o cara concordou, ele fez uma careta como se o movimento fizesse sua cabeça doer. – Não... Sim, não force.

Qhuinn acenou de seu jeito clássico de não-vou-fazer. Em voz grossa, falou – Tudo bem.

– O que o fez sair para lutar contra ele?

– Wrath... Ferido... Sabia que o ego de Xcor... O faria estar... – Respirou fundo, chiando – ...O cara ia tentar impedir que o rei saísse. O desgraçado tinha... Tinha de ser impedido... Ou Wrath nunca teria...

– Saído de lá vivo. – Blay esfregou a nuca. – Puta merda... Você salvou a vida do rei.

– Não... Todo mundo... Fez isso.

Sim, ele não tinha tanta certeza disto. Lá na casa de Assail, tinha sido um caos total – o tipo de descontrole que facilmente prejudicava os dois lados: se o Bando de Bastardos não tivesse recuado logo após a chegada da Irmandade, haveria muito mais perdas de ambos os lados.

Olhando para Qhuinn, ele teve de se perguntar em que estado Xcor estaria. Se ele estava assim? O desgraçado deveria estar da mesma forma, talvez até pior.

Blay se agitou, sabendo que estava parado ao lado da cama, em silêncio.

– Ah...

Antigamente, uma vida lá atrás, não havia silêncio entre eles. Só que... Eram garotos então. Não machos totalmente transicionados.

Padrões diferentes, ele achava.

– Eu acho que deveria deixá-lo descansar, – ele disse. Sem sair.

Isto tão facilmente podia ter terminado de outra forma, pensou. A habilidade de Xcor em matar era conhecida – não por Blay pessoalmente, mas ouvira histórias do País Antigo. E mais, pelo amor de Deus, alguém com bolas suficientes para não só se opor a Wrath verbalmente, mas para realmente enfiar uma bala no rei?

Perigosamente mortal ou estúpido. E a segunda opção não era a que parecia neste caso.

Qhuinn podia facilmente ter sido atingido por mais do que socos múltiplos.

– Posso lhe trazer alguma coisa? – Blay disse. Só que, dãh, o cara não podia comer, e ele já tinha sido alimentado.

Layla tinha cuidado disto.

Cara, se ele fosse brutalmente honesto consigo mesmo – e parecia que *brutalmente* era a palavra do dia – havia vezes em que se ressentia da Escolhida, mesmo que o pensamento fosse um desperdício colossal de emoção. Ele não tinha o direito de sentir-se ciumento, ainda mais agora, que ele e Saxton estavam em um relacionamento razoavelmente sério. Especialmente sabendo que nada ia mudar do lado de Qhuinn.

Você quase morreu esta noite, ele queria dizer. Seu estúpido filho da puta, você quase morreu... E então o que seria de nós?

E não “nós”, se referindo à Irmandade.

Nem mesmo “nós” se referindo a ele e John. Mais como... “eu”.

Merda, porque ele continuava voltando a isto com este macho?

Era tudo tão estúpido. Particularmente, enquanto ficava ali parado acima do cara, observando como mais cores enchiam aquele rosto deformado, e sua respiração ficava menos trabalhosa, e os machucados se clareavam ainda mais... Tudo isto graças à Layla.

– É melhor eu ir, – ele disse, sem sair.

Aquele olho, o azul, continuava a fitá-lo. Raiado de sangue, com um corte na sobrancelha acima dele, a coisa não parecia capaz de focar. Mas focava.

– Eu tenho que ir, – Blay disse finalmente.

Sem sair.

Maldito fosse ele, não sabia exatamente que infernos estava fazendo...

Uma lágrima escapou daquele olho. Escorreu da pálpebra inferior, juntou no canto externo, formou um círculo de cristal, e aumentou tanto que não conseguiu mais se apegar às pestanas. Correndo solta, deslizou para baixo, perdendo-se no cabelo escuro das têmporas.

Blay quis chutar seu próprio traseiro. – Merda, vou buscar a doutora Jane... Você deve estar com dor. Já volto.

Quinn chamou seu nome, mas ele já tinha se virado.

Idiota. Estúpido idiota burro imbecil. O pobre macho estava sofrendo em seu leito de hospital, parecendo um figurante em *Sons of Anarchy*⁵³ – a última coisa de que precisava era companhia. Mais analgésicos – era o que necessitava.

Correndo pelo corredor, achou a doutora Jane acessando o computador principal da clínica, digitando anotações em registros médicos.

– Quinn precisa de uma dose de alguma coisa. Você vem rápido?

A fêmea se levantou, pegando uma maleta antiquada de médico e voltando ao corredor com ele.

Quando ela entrou, Blay deu-lhes um pouco de privacidade, andando para frente e para trás, perto da porta.

– Como ele está?

Parando e virando-se, ele tentou sorrir para Saxton... Sem conseguir. – Ele decidiu ser um herói... E eu acho que pode ter conseguido. Mas, Deus...

O outro macho se aproximou, movendo-se com elegância, em seu terno bem cortado, seus sapatos Cole Haan fazendo ruídos suaves, como se fossem refinados demais para fazer barulhos altos – mesmo no linóleo.

Ele não pertencia à guerra. Nunca pertenceria.

Ele nunca seria como Quinn, abandonando a segurança no calor da luta, indo pra cima do inimigo, com suas mãos nuas em punhos, para derrubar o agressor e servir-lhe suas próprias bolas para o almoço.

Era provavelmente parte da razão pela qual era tão fácil lidar com Saxton. Não havia extremos. Mais, o macho era inteligente, refinado e divertido... Tinha maneiras adoráveis, e gostava muito das coisas boas da vida... Sempre se vestia bem...

Era fantástico na cama...

⁵³ Sons of Anarchy é uma série dramática de televisão americana criada por Kurt Sutter sobre a vida de um clube de Motociclistas ou Motoclube que se passa em Charming, uma cidade fictícia no norte da Califórnia.

Por que isto soava como ele tentando se convencer de algo?

Enquanto ele explicava o que acontecera em campo, Saxton parou bem perto, seu perfume Gucci, um aroma tranquilizador. – Sinto muito. Você deve estar com a cabeça em frangalhos com isto tudo.

Eeeee o macho era um santo. Um santo altruísta. Não sentia nunca ciúme? Qhuinn não era assim. Qhuinn era ciumento e possessivo como o inferno... – Sim, eu estou, – Blay disse. – Devastado.

Saxton estendeu o braço e segurou sua mão, dando um sutil aperto e então retirando sua morna e suave palma.

Qhuinn nunca era discreto sobre nada. Ele era uma banda marcial, um coquetel Molotov, um búfalo em loja de porcelana, que não se importava com o tipo de bagunça que estaria fazendo.

– A Irmandade sabe?

Blay agitou-se. – Desculpe?

– Do que ele fez? Eles sabem?

– Bem, se eles ouviram sobre isto, não foi por mim. John parecia chateado e eu perguntei a ele... E foi assim que eu ouvi a história...

– Você devia contar a Wrath... Tohr... Alguém. Ele deve levar o crédito por isto... Mesmo que não seja o estilo dele, se importar com este tipo de coisa.

– Você o conhece bem, – Blay murmurou.

– Conheço. E você também conhece. – A expressão de Saxton se endureceu, mas ele sorriu mesmo assim. – Você precisa cuidar dele neste caso.

A doutora Jane saiu do quarto, e Blay girou para ela. – Como ele está?

– Não tenho certeza... O que exatamente você achou que estava errado? Ele estava descansando confortavelmente quando cheguei aqui.

Bem, merda, ele não ia dizer que o cara estivera chorando. Mas o fato era que, Qhuinn nunca demonstraria tamanha fraqueza se não estivesse sofrendo muito.

– Eu acho que interpretei mal.

Por cima do ombro de Jane, Blay notou como Saxton correu a mão pelos cabelos louros cuidadosamente esculpidos.

Era estranho... Sax podia ser parente de sangue de Qhuinn, mas naquele momento, ele parecia demais com o que Blay tinha sido por anos.

Mas também, não ser correspondido era sempre igual, não importavam as características que refletiam a emoção.

Merda.

Capítulo QUARENTA E QUATRO

No corredor, Tohr estava sentado em uma cadeira próxima ao leito de hospital onde Wrath estava deitado. Provavelmente era hora de ir.

Já estava li há um tempo.

Pelo amor de Deus, mesmo a rainha tinha adormecido próxima ao seu companheiro na cama.

Ele achava que era uma coisa boa Beth não se importar com sua xeretice. Mas também, eles tinham entrado em acordo, anos atrás, provando somente o que uma maratona do Godzilla podia fazer por um relacionamento.

No canto, em uma enorme e redonda cama Orvis da cor de aveia, George se esticou da posição enrolada que estava e olhou para seu dono. Sem resposta, baixou a cabeça e suspirou.

– Ele vai ficar bem, – Tohr disse.

As orelhas do cachorro se levantaram e ele agitou o rabo duas vezes. – Sim. Eu prometo.

Pegando a deixa do cão, Tohr se reposicionou, e esfregou os olhos. Cara, ele estava exausto. Tudo o que queria era se enrolar como George e dormir o dia inteiro.

O problema era, mesmo que o drama estivesse acabado, sua glândula de adrenalina ainda jorrava, cada vez que ele pensava naquela bala. Cinco centímetros para a direita e teria atingido a jugular, apagando Wrath para sempre. De fato, de acordo com a doutora Jane e Manny, onde a bala se alojou, por pura chance, tinha sido o único lugar seguro – assumindo que o cara estivesse com alguém que pudesse, oh, digamos, fazer uma traqueotomia em uma van em movimento, com nada além de um tubo oco e uma adaga negra.

Jesus Cristo... Que noite.

E graças à Virgem Escriba por aquele anjo. Sem Lassiter ter aparecido para dirigir? Ele estremeceu...

– Pensando na morte da bezerra⁵⁴?

Os olhos de Tohr foram para a cama. As pálpebras do rei estavam baixadas, mas abertas, sua boca esticada num meio sorriso.

Emoção fluiu, espessa e rapidamente, inundando os neurotransmissores de Tohr, roubando sua voz.

E Wrath pareceu entender. Abrindo a mão livre, ele o chamou, mesmo sem poder erguer o braço.

Os pés de Tohr pareceram cambalear quando se levantou e se aproximou da cama. Tão logo estava ao alcance, se ajoelhou perto do rei e pegou aquela grande palma, virou... E beijou o diamante negro gigantesco, que brilhava no dedo de Wrath.

Então, como um maricas, ele baixou a cabeça no anel, no nó do dedo de seu irmão.

Tudo podia ter se perdido esta noite. Se Wrath não tivesse sobrevivido... Tudo podia ter mudado.

Quando o rei apertou sua mão em resposta, Tohr pensou na morte de Wellsie, e só sentiu terror absoluto. Perceber que havia ainda outros a perder, não o consolava em absoluto. Quando muito, o fazia estremecer, a ansiedade fazendo um nó em suas tripas.

Era de se esperar que depois da morte de sua *shellan*, ele seria isentado da poça de tristeza.

Ao invés disto, aparentemente, só tinha um poço ainda mais profundo para encarar no futuro.

– Obrigado, – Wrath disse roucamente. – Por salvar minha vida.

Tohr ergueu a cabeça e balançou-a. – Não fui só eu.

– Foi você, em boa parte. Eu lhe devo, Irmão meu.

– Você teria feito o mesmo.

⁵⁴ No original o rei cita: "Waiting for Godot?". A expressão "*Esperando Godot*" era bastante utilizada em tempos passados para indicar algo impossível, ou uma espera infrutífera.

Aquele tom autocrático característico veio novamente: – Eu. Lhe. Devo.

– Então compre-me uma Sam⁵⁵ uma noite destas e estaremos quites.

– Está dizendo que minha vida vale somente seis dólares?

– Você subestima grandemente o meu amor por uma boa longneck... – Uma cabeça quadrada e loira de cachorro se meteu por baixo de seu braço. Olhando para baixo, ele disse, – Viu? Eu lhe disse que ele ficaria bem.

Wrath riu um pouco, então franziu o rosto, como se doesse. – Ei, grande homem...

Tohr saiu do caminho de forma que dono e cão pudessem estar juntos... Então acabou erguendo o pacote de pelos louros de 40 quilos para colocá-lo perto do rei.

Wrath positivamente resplandeceu enquanto olhava de sua *shellan*, que estava adormecida, para o animal, que parecia pronto para ser seu enfermeiro.

– Estou feliz que aquela tenha sido nossa última reunião, – Tohr confessou.

– É, eu gosto de sair com estrondo...

– Eu não posso mais deixá-lo fazer uma merda destas. Você sabe, não é?! – Tohr olhou para os braços do rei, seguindo aquelas tatuagens ritualísticas, que revelavam sua linhagem. – Você precisa estar vivo ao final de cada noite, meu senhor. As regras são diferentes para você.

– Ouça, eu já tinha sido ferido antes...

– E não vai acontecer de novo. Não no meu turno.

– O que infernos quer dizer? Vai me acorrentar no porão?

– Se for preciso.

As sobrancelhas de Wrath caíram, e a voz ficou mais forte. – Você pode mesmo ser um imbecil, sabe disto.

– Não é questão de personalidade. E é óbvio, de forma que não é preciso que coma suas calcinhas⁵⁶.

⁵⁵ Cerveja.

– Não estou vestindo nenhuma. – O rei deu outro sorriso. – Estou pelado aqui embaixo.

– Obrigado pela imagem.

– Você sabe, tecnicamente, você não pode me obrigar a nada.

Wrath tinha razão; você não mandava o líder da raça fazer merda nenhuma. Mas quando Tohr encontrou o olhar cego do macho, ele não estava falando com o líder deles; estava falando com seu Irmão.

– Até que Xcor esteja neutralizado, não vamos nos arriscar com você...

– Se houver uma reunião do Conselho, eu vou. Ponto final.

– Não haverá. Não até que desejemos que haja... E agora? Ninguém precisa de você em lugar algum além daqui.

– Puta que pariu! Eu sou o rei... – Quando Beth franziu o cenho em seu sono, ele acalmou a voz. – Podemos falar disto depois?

– Não há razão para isto. Já terminamos o assunto... E cada um dos Irmãos concorda comigo neste assunto.

Tohr não desviou o olhar quando foi atingido por um olhar que, apesar dos olhos cegos, era forte o bastante para queimar um buraco atrás de seu crânio.

– Wrath, – ele disse roucamente, – veja o que tem perto de você. Você quer deixá-la sozinha? Você quer vê-la lamentando sua perda? Foda-se tudo... E sua Beth?

Era um golpe baixo jogar a carta da *shellan*, mas qualquer arma em uma guerra...

Wrath praguejou e fechou os olhos.

E Tohr soube que vencera, quando o macho virou o rosto para o cabelo de Beth e aspirou profundamente, como se cheirando seu xampu.

– Estamos de acordo, – Tohr exigiu.

– Foda-se, – o rei murmurou contra sua amada.

⁵⁶ No original, *you wouldn't be getting your panties in a wad*, perde o sentido na tradução. A expressão teve que ser adaptada para o português.

– Bom, me alegro que estejamos acertados.

Depois de um momento, Wrath desviou os olhos de novo. – Eles tiraram a bala do meu pescoço?

– Tiraram. Tudo o que precisamos agora é o rifle do qual ela saiu. – Tohr acariciou a cabeça de George. – E ele vai estar no covil do Bando de Bastardos... Xcor é o único que tentaria fazer algo assim.

– Precisamos descobrir onde eles estão vivendo.

– Eles são cautelosos. Espertos. Vamos precisar de um milagre.

– Então comece a rezar, meu Irmão. Comece a rezar.

Tohr reconstituiu o ataque mentalmente de novo. A audácia fora sem precedentes – e sugeria que Xcor era capaz de qualquer coisa.

– Eu vou matá-lo, – disse em voz baixa.

– Xcor? – Quando concordou, Wrath disse, – Acho que vai ter de entrar na fila... Assumindo que consiga ligá-lo ao atentado. As boas novas é que como o cabeça do BdB⁵⁷, ele pode ser responsabilizado pelas ações de seus soldados... Então, desde que um de seus soldados tenha apertado o gatilho daquele rifle, podemos pegá-lo.

Quando Tohr lembrou a merda toda, aquele nó em suas tripas se apertou a um nível insuportável. – Você disse que me deve um favor... Bem, é isto o que eu quero, eu quero que a morte de Xcor esteja em minhas mãos, e nas de ninguém mais.

– Tohr... – Quando ele apenas encarou em frente, Wrath encolheu os ombros. – Eu não posso entregá-lo a você até termos uma prova.

– Mas você pode estipular, que, se ele for responsável, ele é meu.

– Tudo bem. Ele é todo seu... Se tivermos a prova.

Tohr pensou nas expressões nos rostos dos Irmãos lá fora, no corredor. – Você precisa oficializar.

– Ora, vamos lá, se eu digo...

⁵⁷ Bando de Bastardos.

– Você sabe como eles são. Se qualquer um deles cruzar o caminho daquele cabeça de merda, eles o descascarão como uma uva. Neste exato momento aquele macho tem mais alvos pintados em seu traseiro do que uma tábua de tiro. Além disso, uma proclamação não tomará muito tempo.

As pálpebras de Wrath se fecharam brevemente. – Ok, ok... Pare de discutir e arrume uma testemunha.

Tohr adiantou-se e enfiou a cabeça pra fora do quarto – e para sua sorte, a primeira pessoa que viu... Foi John Matthew.

O garoto estava sentado perto da sala de recuperação, do outro lado, de bunda no chão perto de um Blaylock preocupado, cabeça nas mãos como se houvesse um alarme de incêndio soando dentro de seu crânio.

Só que ele se endireitou de imediato e assinalou, *Wrath está bem?*

– Sim. – Tohr olhou para o fim do corredor enquanto Blay murmurava uma prece de agradecimento. – Ele vai ficar bem.

Está procurando alguém?

– Eu preciso de uma testemunha...

Posso ser.

Tohr ergueu as sobrancelhas. – Ok. Obrigado.

Quando John Matthew se levantou, fez um ruído alto, como se suas costas estivessem fazendo quiropraxia em si mesma. E quando ele mancou, Tohr percebeu que ele estava ferido.

– Você já deixou a doutora Jane dar uma olhada nisto?

John se dobrou e levantou a perna da roupa de hospital que usava. Sua panturrilha estava enrolada em gaze branca.

– Tiro ou corte? – Tohr perguntou.

Tiro. E sim, eles também recuperaram a bala.

– Bom. E você, Blay?

– Só um ferimento superficial no braço.

Só isto? Tohr pensou. Porque o fodido parecia transtornado – mas então, tinha sido uma longa noite e dia, para todos.

– Me alegre, filho. Voltaremos já.

– Não vou sair daqui.

Tohr abriu a porta completamente, saindo de lado para John atravessá-la, e então o seguiu.

– Como você está, filho? – Wrath perguntou, enquanto o garoto se aproximava dele, se curvando para beijar o anel.

Enquanto John fazia sinais, Tohr traduziu, – Ele diz que está bem. Ele diz... Que se isto não ofendê-lo, tem algo que ele e Blay precisam que você saiba?

– Sim, com certeza. Pode dizer.

– Ele diz... Ele estava com... Qhuinn na casa... Depois de você ser ferido, antes da Irmandade chegar... Qhuinn saiu sozinho... Ah, Blay falou com o cara agora há pouco. Blay diz que... Qhuinn disse a ele que se encontrou com... Xcor... Então... Espere John, devagar. Obrigado... Ok, encontrou com Xcor... De forma que vocês pudessem sair com a van...

Beth se mexeu, abriu os olhos, sobrancelhas juntas como se estivesse acompanhando a conversa.

– Está falando sério? – o rei falou sem pensar.

– Ele lutou... Com Xcor... Mano a mano... – Puta merda, Tohr pensou. Ele ouvira que o garoto tinha saído, mas só isso.

Wrath assobiou por sobre o fôlego. – Ele é um macho de valor.

– Espere, John, me deixe entender. Mano-a-mano... Então Xcor, quem estava a espera para atacar a van, foi neutralizado... Ele – John, seria – quer saber se há alguma espécie de reconhecimento oficial que... Você possa dar a Qhuinn? Algo para reconhecer... Seus serviços mais do que suficientes...? E a propósito, – Tohr falou por si mesmo, – Eu, pessoalmente? Concordo totalmente com isso.

Wrath ficou quieto por um momento. – Sinto muito, deixe-me entender isto. Qhuinn saiu depois que os Irmãos chegaram, certo?

Tohr voltou a traduzir. – John diz que não. Ele estava sozinho, sem cobertura, sem proteção, antes deles chegarem. Qhuinn disse... Que ele tinha de fazer o que pudesse para garantir que você ficasse bem.

– Aquele idiota estúpido.

– Herói seria mais adequado, – Beth disse de repente.

– *Leelan*, você acordou. – Wrath se voltou imediatamente para a sua companheira. – Eu não queria perturbá-la.

– Acredite-me, só ouvir o som de sua voz é o paraíso... Pode me acordar assim a qualquer momento. – Ela beijou a boca dele suavemente. – Bem-vindo de volta.

Tohr e John se ocuparam olhando para o chão, enquanto palavras ternas eram trocadas.

Então o rei voltou ao assunto. – Qhuinn não devia ter feito isto.

– Eu concordo, – Tohr murmurou.

O rei se concentrou em John. – É, tudo bem. Vamos fazer algo por ele. Eu não sei o que... Mas este tipo de merda é épica. Estúpido, mas épico.

– Por que você não o torna um Irmão, – Beth sugeriu.

No silêncio que se seguiu, a boca de Wrath se abriu, e foi uma reação em cadeia – a mandíbula de Tohr também o fez, e também a de John.

– O quê? – a rainha disse. – Ele não merece isso? Ele não esteve sempre ali por todo mundo? E ele perdeu toda a família dele... É, ele vive aqui, mas algumas vezes eu tenho a impressão de que ele sente como se não pertencesse. Que melhor maneira de agradecer-lhe e dizer-lhe que ele pertence? Eu sei que ninguém aqui duvida da força dele em campo.

Wrath limpou a garganta. – Bem, de acordo com as Leis Antigas...

– Foda-se as Leis Antigas. Você é o rei... Pode fazer tudo o que quiser.

Mais silêncio boquiaberto se estendeu, limpando todos os sons do sistema de ar que soprava ar quente pelos ventiladores do teto. – O que você acha, Tohr? – o rei perguntou.

Quando Tohr olhou para John, ele foi atingido com o quanto ele queria conceder esta honra à coisa mais próxima que já teve de um filho. Mas Qhuinn era de quem estavam falando.

– Eu acho... É, eu acho que pode ser uma boa ideia, – ouviu-se dizer. – Qhuinn merece um agradecimento, e os Irmãos o respeitam... Merda, esta noite não foi a única vez em que ele se destacou. Ele é um guerreiro brilhante, mas mais do que isto, ele se acalmou tremendamente no último ano. Então, é, eu acho que ele pode lidar com a responsabilidade agora, o que não é algo que eu poderia ter dito em outra época.

– Ok, eu vou pensar a respeito, *leelan*. É uma sugestão maravilhosa. – O rei olhou de volta para Tohr. – Agora, sobre o favor. Aproxime-se, Irmão meu, e se ajoelhe... Temos duas testemunhas agora, o que é ainda melhor.

Enquanto Tohr obedecia e segurava a mão real, Wrath proclamou no Idioma Antigo, – *Tohrment, filho de Hharm, você está preparado para ter atribuída a você, e só a você, a morte de Xcor, filho de pai desconhecido, cuja morte deve ocorrer por suas mãos, e suas mãos só, em retaliação ao atentado mortal contra a minha pessoa na noite passada – se esta afronta puder ser comprovadamente atribuída a ações diretas ou indiretas de Xcor?*

Colocando a mão livre sobre seu coração, disse com seriedade. – *Estou totalmente preparado, meu senhor.*

Wrath olhou para sua companheira. – *Elizabeth, filha de sangue do Irmão da Adaga Negra Darius, emparelhada comigo, seu rei, você aqui concorda em testemunhar minha concessão ao pedido deste macho, levando adiante a representação deste momento aos demais, colocando também sua marca em pergaminho para celebrar este anúncio?* – Quando ela respondeu afirmativamente, ele olhou para John. – *Tehrror, filho de sangue do Irmão da Adaga Negra Darius, também conhecido pelo nome de John Matthew, você aqui concorda em testemunhar minha concessão ao pedido deste macho, levando adiante a representação deste momento aos demais, colocando também sua marca em pergaminho para celebrar este anúncio?*

Tohr traduziu da linguagem de sinais. – *Sim, meu senhor, ele concorda.*

– *Então, pelo poder certo e verdadeiro investido a mim pelo meu pai, tenho a honra de ordenar que você, Tohrment, filho de Hharm, vá adiante e execute o dever, agora real, de retribuição em meu nome – se assim for provado, de forma indubitável. Retornando no futuro, com o corpo de Xcor, filho de pai desconhecido, para mim como um serviço a seu rei e sua raça. Seu compromisso é um crédito a sua linhagem, passado, presente e futuro.*

Uma vez mais, Tohrment se curvou para o anel que havia sido usado por gerações da linhagem de Wrath. – *Eu estou, nesta e em todas as coisas, às suas ordens, meu coração e corpo buscando apenas obedecer a sua autoridade.*

Quando ergueu os olhos, Wrath estava sorrindo. – Eu sei que você vai trazer o desgraçado para casa.

– Tem razão, meu senhor.

– Agora dê o fora daqui. Nós três precisamos dormir um pouco.

Despedidas foram trocadas, e então Tohr e John saíram para o corredor em um silêncio estranho. Blay estava adormecido do lado de fora da sala de recuperação, mas não estava descansando – havia uma expressão de profunda preocupação em seu rosto, como se estivesse remoendo algo, mesmo no meio de seu REM⁵⁸.

Um toque em seu antebraço fez Tohr se voltar para John.

Obrigado, o garoto assinalou.

– Por quê?

Por apoiar Qhuinn.

Tohr deu de ombros. – Somente faz sentido. Merda, o número de vezes que aquele cara se jogou na frente de batalha, com todas as armas atirando? Ele merece – e a coisa de nomeação da Irmandade não devia ser somente sobre linhagem, mas por mérito.

Você acha que Wrath vai fazê-lo?

⁵⁸ Rapid Eye Movement: movimentos rápidos dos olhos que caracterizam o estágio de sono pesado, onde ocorrem os sonhos.

– Eu não sei... É complicado. Muita história para lidar... As Leis Antigas devem ser levadas em conta. Mas tenho certeza que o rei fará algo por ele...

No fim do corredor, No'One saiu por uma porta, como que atraída pelo som de sua voz.

No instante em que a viu, ele perdeu a linha de pensamento, tudo o que ele tinha se fixou em sua figura vestida no manto. Fodido inferno... Ele estava rude demais para ficar perto dela, faminto demais por um contato vital, inclinado demais a fazer escolhas erradas.

Deus os ajudasse a ambos, mas se ele se aproximasse dela, iria tomá-la.

Pelo canto dos olhos, viu que John assinalava alguma coisa.

Tomou-lhe cada grama de autocontrole forçar sua cabeça a virar para o garoto.

Ela estava tão preocupada com você. Ficou sentada aqui esperando conosco... Ela pensou que você estava ferido.

– Oh... Bem... Merda.

Ela te ama.

Ok, bem, aquilo não o fazia querer cagar nas calças? – Não, ela só... Você sabe, é uma pessoa compassiva.

John limpou a garganta, mesmo que fossem suas mãos que estavam fazendo a coisa de falar. *Eu acho que não sabia que vocês dois estavam tão a sério.*

Pensando em quão incomodado o garoto ficara, Tohr afastou o comentário com um gesto da mão. – Não, digo, não é grande coisa. De verdade. Eu sei quem eu amo... E a quem eu pertenço.

Só que aquele gesto não parecia correto, não em sua língua, em seus ouvidos... Não no meio de seu peito.

Eu sinto muito por... Sabe, ter perdido o controle antes, John assinalou. É só... Wellsie foi a única mãe que eu tive, e... Eu não sei. A ideia de você com outra pessoa me deixava doente – mesmo eu sabendo que não era justo.

Tohr balançou a cabeça e baixou a voz. – Nunca se desculpe por se importar com nossa fêmea. E quanto à coisa de amor, eu vou dizer de novo. Apesar do que possa parecer visto de fora, eu vou amar uma e somente uma fêmea pelo resto de minha vida. Não importa o que eu faça, com quem eu esteja, ou como as coisas pareçam, você pode confiar nessa merda, filho. Entendidos?

O abraço rude de John foi difícil de aguentar – porque afastar-se do garoto tinha sido de matar, e era duro não se preocupar com a possibilidade disto acontecer de novo.

Era também difícil, porque as convicções de Tohr eram sinceras de coração e honestas... Iguais à condenação de Wellsie, não eram?

Deus, encontraria ele, algum dia, um jeito de sair desta confusão?

Enquanto o pensamento assustador lhe ocorria, desviou os olhos e olhou em direção da figura imóvel e esguia de No'One.

Por trás dela, Lassiter deu um passo a frente, e só o olhou diretamente, a decepção no rosto do cara tão evidente, que era claro que ele, de alguma forma, sabia o que tinha sido dito.

Talvez soubesse de tudo.

Capítulo QUARENTA E CINCO

Quando Tohr se afastou em direção a No'One, John retomou sua tarefa de encerrar carinhosamente o linóleo⁵⁹ do lado de fora do quarto de Qhuinn.

Honestamente, ele não queria ver o Irmão percorrer o corredor para encontrar aquela outra fêmea. Parecia fundamentalmente errado, como se uma das leis do universo houvesse decidido seguir em direção contrária. Inferno, tomando como paralelo a sua própria vida, a ideia de que pudesse haver outra fêmea além de Xhex, era-lhe repugnante. Muito embora estivesse em agonia constante sem ela, ainda a amava tanto, que virou assexuado.

Mas, bem... Ela ainda estava viva.

E você não podia argumentar que esse relacionamento não estava sendo bom para Tohr. Ele estava de volta ao que era quando John o conheceu, enorme, sólido e forte. E fala sério, ele não caminhara para uma armadilha suicida no meio de um tiroteio ou saltara de uma ponte há, tipo, meses.

Que bom que fora Qhuinn quem partiu para ação dessa vez. Oba!

Além disso, ficava difícil não aprovar No'One: ela não era nem um pouco promíscua... Era calma. Despretensiosa. E sua aparência, não era para se jogar fora.

Havia tantas candidatas piores no mundo lá fora. Interesseiras. Tipos arrogantes da *glymera*. Peitudas desorientadas com risadinhas tolas.

Encostando a parte de trás de sua cabeça na parede de concreto, ele fechou os olhos enquanto ouvia o casal conversando. Pouco tempo depois as vozes pararam e ele assumiu que tinham ido embora, provavelmente iriam para cama...

Ok, ele não ia nem pensar nisso.

Deixado à própria solidão, ele escutou a respiração suave de Blay e o ocasional reposicionamento dos membros, resolutamente mantendo sua mente longe de Xhex.

⁵⁹ Referência a John caminhar para lá e para cá fora do quarto de Qhuinn, como se fosse uma enceradeira.

Engraçado, essa coisa de esperar-e-se-preocupar parecia como nos velhos tempos... Ele e Blay esperando por Qhuinn.

Rapaz, eles eram afortunados pelo cara ter retornado vivo...

Conforme sua memória cuspiam imagens daquela mansão no rio, ele via Wrath indo para o chão e V com sua arma apontada para a cabeça de Assail... E Tohr fazendo seu corpo de escudo para proteger o rei. Em seguida, ele e Qhuinn vasculhando a casa... Discutindo próximos àquela porta de vidro deslizante... Brigando com seu melhor amigo a respeito dele sair pela noite, sem cobertura e sozinho.

Você precisa me deixar fazer o que eu posso.

O olhar de Qhuinn era resoluto e absolutamente destemido, pois ele sabia do que era capaz, sabia que podia se sair com uma Ave Maria e resolver as coisas, sabia que muito embora houvesse uma chance de não voltar para casa, era forte o suficiente e convicto o bastante de suas habilidades de combate, que faria tudo o que fosse possível para diminuir esse risco.

E John o deixou ir. Mesmo com seu coração gritando, sua cabeça tocando um alarme e seu corpo preparado para bloquear a saída. Embora não fossem apenas recrutas *Lessers* lá fora, mas sim o Bando de Bastardos que era altamente treinado, muito experiente e brutal como o inferno. Mesmo Qhuinn sendo seu melhor amigo, um macho que era importante para ele neste mundo, alguém cuja perda poderia abalá-lo por toda vida...

Merda.

John colocou as mãos no rosto e deu uma boa esfregada.

Ocorre que nenhuma esfregada mudaria a revelação que estava se rastejando nele, de forma indesejável e inegável.

Ele viu Xhex naquela reunião com a Irmandade lá na primavera, quando ela se ofereceu para encontrar o covil de Xcor: *Eu posso cuidar disso, especialmente se eu os atingir durante o dia.*

Ela esteve com os olhos completamente duros e lúcidos, segura de si e de suas capacidades. *Seu povo precisa de mim para fazer o que eu posso.*

Quando foi com seu melhor amigo? Ele não gostou, mas ficou de lado e deixou o macho fazer o que tinha que ser feito para o bem maior, mesmo havendo perigo mortal envolvido. Se algo tivesse acontecido com o cara e ele tivesse morrido? John teria ficado destroçado... Mas esse era o código dos soldados, o código da Irmandade.

O código dos machos.

Perder Xhex seria muito pior, é claro, porque ele era um macho vinculado. Mas a realidade era que, tentando salvá-la de um destino violento, ele a perdera completamente: não havia sobrado nada para eles, nenhuma paixão, nenhuma conversa, nenhum calor... Pouco contato. E tudo porque seu impulso protetor assumiu o controle.

Era tudo culpa sua.

Ele tinha se emparelhado com uma guerreira e então, pirou quando a coisa de risco-de-ferimentos foi do hipotético para o real. E Xhex estava certa, ela não queria vê-lo morto ou nas mãos do inimigo, mas mesmo assim permitia que ele saísse todas as noites.

Ela o deixava fazer o que podia para ajudar.

Ela não estava permitindo que suas emoções tentassem impedi-lo de executar o trabalho dele, e se ela tentasse? Bem, então ele teria explicado pacientemente e com todo o amor, que ele nasceu para lutar, e que era cuidadoso consigo mesmo, e...

Quanta hipocrisia, não?

Além disso, como ele teria se sentido se alguém visse o fato dele ser mudo como um fator de limitação para lutar? Como teria reagido se tivessem lhe dito que, apesar de todas as suas outras qualificações e habilidades, apesar do seu talento e instintos naturais e porque não podia falar, ele não estava autorizado para luta de campo?

Ser fêmea não era uma deficiência em qualquer sentido da palavra. Mas ele tinha tratado como se fosse, não tinha? Decidiu que, por ela não ser um macho, apesar de todas suas qualificações e habilidades, ela não podia sair para o combate.

Como se seios, de repente, tornassem a merda mais perigosa.

John recomeçou com a esfregação, a cabeça começando a latejar com a pressão. Seu lado emparelhado estava arruinando sua vida. Apague isto – já *tinha* arruinado sua vida. Porque ele não estava certo que, não importasse o que fizesse agora, se conseguiria Xhex de volta.

Porém, ele estava certo sobre uma coisa.

De repente ele pensou em Tohr e naquele juramento.

E soube o que tinha que fazer.

Quando Tohrment caminhou em sua direção, No'One ficou ofegante: o corpo sólido dele estava se deslocando de um lado para o outro no ritmo de sua marcha, os olhos ardentes se fixando nela como se quisessem consumi-la de algum jeito vital.

Ele estava pronto para acasalar, ela pensou.

Querida Virgem Escriba, ele estava vindo tomá-la.

Eu quero foder você.

Sua mão foi para o laço em seu manto e foi um choque perceber que ela estava pronta para abrir sua roupa neste momento. Não aqui, ela disse para seus dedos. Em algum outro lugar, entretanto...

Não havia nenhum pensamento sobre aquele *symphath*, nenhuma ansiedade sobre se doeria, nenhuma sensação de que poderia se arrepender disso. Havia apenas uma paz ressonante no centro de seu corpo, martelando pela necessidade de que este macho era o que ela procurava; esse acasalamento era o que ela havia esperado tão pacientemente.

Ambos estavam prontos.

Tohrment parou na frente dela, o peito dele subindo e descendo e as mãos se fechando em punhos.

– Estou lhe dando a chance de se afastar de mim. Agora mesmo. Deixe o centro de treinamento e eu ficarei aqui.

A voz dele estava distorcida, tão baixa e profunda que as palavras eram quase ininteligíveis.

A dela, por outro lado, estava muito clara:

– Eu não vou me afastar de você.

– Está entendendo o que estou dizendo? Se você não for... Vou estar dentro de você em um minuto e meio.

Ela ergueu o queixo.

– Quero você dentro de mim.

Um grande grunhido surgiu dele, o tipo de som que, se ela ouvisse em outro contexto, poderia ter se apavorado. Mas cara-a-cara com este magnífico macho excitado? O corpo dela respondeu com um relaxamento maravilhoso, preparando-se ainda mais para aceitá-lo.

Ele não foi gentil quando se abaixou e a pegou, balançando as longas pernas dela para o alto e apanhando-as na dobra do seu braço. E não foi lento quando seguiu em direção à piscina, como se a ideia de levá-los para uma cama adequada dentro de casa era simplesmente demais para se dar ao trabalho.

Enquanto ele andava a passos largos com ela capturada como um troféu, ela encarou o rosto dele. As sobrancelhas estavam franzidas com força, a boca separada revelando as presas, a cor exaltada com antecipação. Ele queria isso. Precisava disso.

E não havia como voltar atrás.

Não que ela tivesse escolhido isso. Ela amava o modo como ele a fazia se sentir neste momento.

Embora fosse traiçoeiro se sentir lisonjeada com o desespero com o qual ele tomou posse dela. Ele ainda estava apaixonado por sua companheira falecida. Então, bem, ele a queria e isso era suficiente. Isso era, talvez, tudo o que ela jamais teria e, mesmo assim, como ela havia dito a ele, era muito mais do que poderia ter pedido.

Após o comando dele, a porta de vidro para o hall de entrada da piscina se abriu para eles, e quando se fechou facilmente após passarem, ela ouviu a fechadura ser trancada. Em seguida passaram rapidamente pela sala de espera e dobrando a esquina, entraram na piscina propriamente dita, o calor daquele ar úmido e espesso tornando o corpo dela ainda mais lânguido...

Numa sequência coordenada, as luzes do teto esmaeceram e o brilho esverdeado da piscina se intensificou, lançando uma iluminação aquática sobre tudo.

– Não há volta. – Tohrment disse, como se dando a ela uma última oportunidade de acabar com tudo.

Quando ela simplesmente assentiu, ele rosnou novamente e então a baixou num dos bancos de madeira, deitando-a de costas. Ele foi fiel à sua palavra. Não esperou ou hesitou; arqueou-se em cima dela e fundiu suas bocas, trazendo seu peito para o dela, posicionando suas pernas entre as dela.

Envolvendo os braços em torno da nuca dele, ela o manteve próximo enquanto os lábios dele se moveram contra os dela e a língua dele a penetrou. O beijo era glorioso e avassalador, ao ponto dela nem ter percebido que ele estava desfazendo o laço de sua túnica.

E então as mãos dele estavam sobre ela. Através da abertura do tecido, as palmas dele queimavam enquanto acariciava-lhe seus seios e seguiam mais para baixo. Separando suas coxas ainda mais para ele, ela puxou a bainha e conseguiu o que queria. O toque dele direto em seu núcleo, massageando-a, trazendo-a para aquele limite de liberação, mas não além disso.

– Quero lhe beijar. – ele grunhiu contra sua boca. – Mas não posso esperar.

Ela pensou, ele já não a estava beijando?

Antes que ela pudesse responder, ele afastou seus quadris dos dela e trabalhou com rude urgência na parte da frente da calça de couro.

E então algo quente e duro estava colidindo... Cutucando... Deslizando contra ela.

No'One se arqueou e chamou o nome dele e foi quando ele a tomou, enquanto a voz dela ecoava para o alto teto, seu corpo a reivindicou, empurrando para dentro, abrindo seu caminho, duro, porém suavemente.

Tohrment deixou sua cabeça cair ao lado da dela conforme se juntavam, e então, ele parou de se mover completamente, o que foi bom. A sensação de estiramento e acomodação ao tamanho dele beirava a dor, não que ela trocasse isso por nada no mundo.

Gemendo profundamente, o corpo dele começou a se mover, lentamente a princípio, depois com maior rapidez, os quadris balançando contra os dela enquanto agarrava as coxas dela e apertava. Com uma grande onda de paixão os atropelando, cada sensação foi ampliada, sua mente ao mesmo tempo em que estava completamente presente, estava totalmente desintegrada pela maneira que ele a dominava sem machucá-la.

Quando o ritmo beirou o limite do controle, No'One se agarrou a ele por sua preciosa vida, sua forma física subindo rapidamente mesmo enquanto estava presa debaixo dele, seu coração se estilhaçando e sendo curado no mesmo instante em que o prazer de repente se acumulou e então explodiu. Na verdade o orgasmo fez seu núcleo se agarrar a ele e ceder para um ritmo alternado, o clímax completamente diferente de qualquer outro sentido anteriormente... Mais intenso, mais duradouro. E pareceu lançá-lo no limite em suas próprias contrações selvagens, sua pélvis o lançando para dentro depois se sacudindo contra ela.

Tudo parecia durar para sempre, mas quando levantamos voo, eventualmente nos afastamos da liberdade dos céus e retornamos a terra.

A consciência era um fardo gradual e inquietante.

Ele ainda estava vestido e ela também, o manto ainda envolto nos seus ombros e braços. E o banco estava cortando suas omoplatas e a parte de trás de sua cabeça. E o ar a sua volta não era tão quente quanto a paixão havia sido.

Que estranho, ela pensou. Embora tenham compartilhado tanto antes, este exato momento os tinha conduzido a uma grande transição.

Ela se perguntou como isso o fazia se sentir...

Tohrment ergueu sua cabeça e baixou os olhos para ela. Não havia nenhuma expressão particular no rosto dele, nem alegria, nem tristeza, nem culpa.

Ele só olhava para ela.

– Você está bem? – ele disse.

Como sua voz parecida tê-la abandonado, ela acenou, mesmo não tendo certeza do que sentia. Fisicamente seu corpo estava bem, de fato continuava bem com a presença dentro de seus recantos. Mas até saber como ele estava, ela não podia testemunhar qualquer outra coisa.

A última fêmea com quem ele esteve foi sua *shellan*... E certamente aquilo estava na mente dele neste tenso silêncio.

Capítulo QUARENTA E SEIS

Tohr congelou bem onde estava, em cima de No'One, a ereção ainda enterrada no corpo dela, seu sexo se agitando para continuar os movimentos, mesmo que ele tivesse colocado freios à luxúria.

Ele esperava que sua consciência começasse a gritar.

Ele se preparou para uma desolação arrebatadora, por estar com outra fêmea.

E estava... Pronto para alguma coisa, qualquer coisa, se elevasse em seu peito – desespero, raiva, frustração.

Tudo o que teve foi a sensação de que o que acontecera era um começo, e não um fim.

Levando os olhos para o rosto de No'One, ele perscrutou suas feições, procurando por qualquer indicação de que a tomara por sua *shellan*, testando seu circuito interno por sinais de alarme... Preparando-se para alguma grande explosão.

Tudo o que teve foi uma sensação de certeza.

Afastou uma mecha do cabelo louro, do rosto dela.

– Tem certeza de que está bem?

– Você está?

– Sim. Estou meio que... Digo, eu realmente estou... Bem. Acho que estava preparado para tudo, menos isso, se é que faz sentido.

O sorriso que brotou no rosto dela, não era nada menos do que o brilho do sol, transformando a expressão de seus traços, numa beleza tão resplandecente que lhe roubou o fôlego.

Tão gentil. Tão compassiva. Tão concordante.

Ele não poderia ter feito isto com ninguém mais.

– Se importa se tentarmos de novo? – Ele disse com voz suave.

As bochechas dela enrubesceram para um rosa profundo.

– Por favor...

O tom em sua voz fez o pau dele pular dentro dela, seu calor úmido e apertado rodeando-o de uma vez, fazendo-o pronto para rugir e começar a se mover de novo.

Só que não era justo pedir a ela para se deitar naquele banco duro.

Com os braços a seu redor, ele a puxou para perto de seu peito e deixou que suas coxas fortes fizessem todo o trabalho de levantá-los. Quando suas pernas sustentaram o peso de ambos, beijou-a de novo, movendo a cabeça e trabalhando sua boca na dela enquanto espalmava seu traseiro e se preparava para começar a se mover. Usando os braços, levou-a para cima e para baixo em sua ereção, beijando o que conseguia de sua garganta e clavícula enquanto a penetrava em um ângulo diferente, mais profundo.

Ela estava inacreditável, envolvendo-o, apertando-o forte, a fricção fazendo-o querer mordê-la só para sentir seu gosto.

Mais rápido. Ainda mais rápido.

O manto estava esvoaçando selvagememente, e No'One devia estar odiando o tecido tanto quanto ele, porque subitamente jogou fora a coisa, tirando-a pelo ombro e deixando-a cair no piso. Quando os braços dela retornaram para o redor de seu pescoço, ela o segurou forte – o que ele gostou.

Enterrando os dedos, ele se aproximou cada vez mais do final – e era o mesmo com No'One. Os sons que ela fazia, os gemidos incríveis, sua essência maravilhosa se elevando no ar, sua trança golpeando...

Subitamente, ele diminuiu os movimentos e soltou o laço que segurava o peso do cabelo dela, arrancando-o e libertando as mechas. Balançando as ondas pesadas de sua prisão, ele as jogou sobre o ombro dela e dele próprio, cobrindo os dois.

Algo neste gesto de liberar, levou-a se liberar também: duas bombeadas depois, e seu corpo se livrou das amarras, a liberação se sobrepondo a tudo, até que ele praguejou em uma respiração explosiva.

Flutuando pelo prazer, ele a apertou fortemente e enterrou o rosto em todo aquele cabelo loiro, respirando e cheirando o shampoo delicado que ela usava. Merda, a essência dela o atingia ainda mais fortemente, até que seu orgasmo subitamente se tornou desenfreado, tomando seu corpo, tirando seu equilíbrio, deixando-o temporariamente cego.

Deve ter sido o mesmo para ela – à distância, ele ouviu-a gritar seu nome enquanto travava as pernas em sua cintura, grudando-os ainda mais.

Incrível. Absolutamente incrível. E ele viajou no prazer pelo tempo que durou – de ambos os lados. Quando ele finalmente se acalmou, a cabeça de No’One caiu sobre o ombro dele, o corpo se chocando contra seu peito, a adorável carne dela solta como seu cabelo.

Livre, uma de suas mãos achou a coluna dela e traçou um caminho leve até a base de seu pescoço. Enquanto seu fôlego se normalizava, ele só... A abraçou.

Antes que percebesse, ele estava balançando levemente os dois, de um lado para outro. Ela pesava perto de nada em seus braços poderosos, e ele tinha a sensação de que podia mantê-los unidos um contra o outro... Para sempre.

Eventualmente, ela suspirou,

– Eu devo estar pesando.

– Nem um pouco.

– Você é muito forte.

Cara, aquilo fazia bem ao ego dele. De fato, se ela soltasse outra dessas, ele sentiria como se pudesse erguer um ônibus. Com um jatinho estacionado no teto.

– Vou lhe limpar, – ele disse.

– Para quê?

Ok, aquilo era sexy. E o fez querer... Fazer outras coisas com ela. Todo o tipo de coisas.

Por sobre o ombro dela, ele olhou para a piscina, e pensou que a eficiência é que era na realidade a mãe da invenção.

– Que tal um mergulho?

No’One ergueu a cabeça.

– Eu podia ficar assim...

– Para sempre?

– Sim. – Os olhos dela estavam semicerrados e brilhando à luz azul-esverdeada. – Para sempre.

Enquanto ele olhava para ela, ele pensou... Ela estava tão viva. Suas bochechas coradas, os lábios inchados por ele tê-los por inteiro, o cabelo bagunçado e um pouco selvagem. Ela era vital e quente e...

Ele começou a rir.

Oh, caralho... Não fazia ideia do motivo – não havia nada engraçado na situação, mas de repente ele estava rindo como um maníaco.

– Desculpe, – ele conseguiu dizer. – Eu não sei qual o problema.

– Não importa. – Ela sorriu de alegria para ele, mostrando as presas delicadas e seus dentes brancos. – É o som mais bonito que já ouvi.

Pego por um impulso que ele não entendia, ele deu um giro e foi na direção da piscina, dando um passo largo, então outro, então um terceiro. Com um salto poderoso, ele os enviou à fonte parada de luz azulada.

Pousaram na água morna como um só, braços suaves e invisíveis envolvendo-os em um enlace morno, tirando-os do domínio da gravidade, poupando a ambos de um pouso difícil.

Quando a cabeça dele submergiu, ele encontrou a boca da fêmea e a tomou, beijando-a por baixo da superfície enquanto plantava os pés e impulsionava para cima para buscar ar...

No processo, seu pau roçou o núcleo dela de novo.

Ela estava bem lá com ele, cruzando aquelas pernas em seus quadris de novo, imitando seu ritmo, beijando-o de volta. E era bom. Era... Certo.

Algum tempo depois, No'One se viu nua, molhada, e esticada ao lado da piscina em uma cama de toalhas que Tohrment tinha arrumado para ela.

Ele estava ajoelhado perto dela, as roupas dele coladas a seus músculos, os cabelos ensopados, os olhos intensos enquanto olhava para o corpo dela.

Uma súbita insegurança a atingiu, esfriando-a.

Sentando-se, ela se cobriu.

Tohrment lhe pegou as mãos e gentilmente colocou-as de lado.

– Você está arruinando minha vista.

– Você gosta...?

– Oh, sim... Eu gosto. – Ele se inclinou e beijou-a profundamente, deslizando sua língua dentro dela, acalmando-a até deitá-la de costas de novo. – Hummm, é disto que estou falando.

Quando ele se afastou um pouco, No'One sorriu para ele.

– Você me faz sentir...

– O quê? – Ele baixou a cabeça e passou os lábios pela garganta dela, pela clavícula... O bico do seio. – Bela?

– Sim.

– É o que você é. – Ele beijou seu outro mamilo e sugou-o na boca. – Bela. E eu acho que você devia jogar fora este maldito manto de vez.

– O que eu vou vestir?

– Eu lhe arrumo roupas. Todas as roupas que quiser. Ou você pode andar nua.

– Na frente dos outros... – O chiado que ele soltou era quase o melhor elogio que ela podia ganhar. – Não?

– Não.

– Então, talvez em seu quarto.

– Agora, isto eu posso deixar passar.

Os lábios dele viajaram abaixo para a lateral, até que ele esfregou a presa no quadril dela. Então ele estava atravessando a barriga, os beijos suaves e preguiçosos. Não foi até, ele ir mais adiante, demorando-se em seu quadril e então esfregando-os próximo ao seu sexo, que ela percebeu sua intenção.

– Abra as pernas para mim, – ele incentivou em uma voz profunda. – Deixe-me ver a parte mais bonita de você. Deixe-me beijá-la no lugar onde quero estar.

Ela não tinha certeza do que ele estava sugerindo, mas não podia negar nada quando ele usava aquele tom de voz com ela. Em uma névoa, levantou um joelho, separando as coxas... E soube quando ele olhou para ela, pois ele rosnou de satisfação.

Tohrment se moveu entre as pernas dela e esticou mais, espalmando as duas coxas e abrindo ainda mais. E então seus lábios estavam sobre ela, cálidos, sedosos e úmidos. A sensação de suavidade sobre suavidade desencadeou outro orgasmo, e ele o aproveitou, penetrando-a com a língua, sugando-a, encontrando seu ritmo e levando-a além.

As mãos dela se enterraram nos cabelos dele, enquanto ondulava os quadris.

E pensar que ela tinha gostado do sexo...

Mal sabia que havia tanto mais para descobrir.

Ele era despedaçadoramente atencioso e cuidadoso em suas explorações, tomando seu tempo até que a levava ao ápice do prazer. E quando ele finalmente afastou a boca, seus lábios estavam escorregadios e rubros, e ele correu a língua sobre eles, enquanto olhava para ela por sob as pálpebras.

Então ele se ergueu e agarrou os quadris dela, levantando-os.

A ereção dele era impossivelmente grossa e longa, mas ela já sabia que se encaixava nela perfeitamente.

E ele fez novamente.

Desta vez ela prestou mais atenção à visão do que a sensação dele. Erguendo-se sobre ela, ele se moveu daquele jeito poderoso e potente, dando prazer a ambos enquanto ondulava os quadris acima e abaixo, movendo-se para dentro e para fora.

O sorriso dele era sombrio. Erótico. – Gosta de me ver?

– Sim. Oh, sim...

Aquilo era o mais longe que ela foi enquanto outra onda de liberação se erguia e tomava controle de seus pensamentos, seu discurso, seu corpo... Sua alma, lavando a tudo até a limpeza total.

Quando ela finalmente se aquietou e se viu novamente capaz de se concentrar, viu uma tensão no rosto de Tohrment, a firmeza da linha de sua mandíbula e seus olhos, o movimento de seu peito. Ele ainda não tinha encontrado sua liberação.

– Você quer ver, – ele falou por entre dentes.

– Oh, sim...

Abandonando o corpo dela, sua ereção estava como seus lábios tinham estado, brilhante e inchada.

Com uma grande mão ele segurou a si mesmo, e com a outra, apoiou seu peso contra o chão, de forma que pudesse se esticar sobre seu corpo aberto e relaxado. Movendo os ombros, ele forneceu a ela uma vista e tanto enquanto se acariciava para cima e para baixo, a cabeça do membro aparecendo e desaparecendo de dentro de seu punho.

Sua respiração ficou entrecortada e barulhenta, enquanto ele mostrava a ela como acontecia para ele.

Quando chegou a hora, o grito dele soou em seus ouvidos e a cabeça jogada para trás, o queixo erguido enquanto expunha as presas e sibilava. Então com pulsações rítmicas, jatos foram expelidos, direto para o sexo e baixo ventre dela, fazendo-a arquear-se como se a satisfação fosse dela própria.

Quando ele finalmente parou, ela esticou os braços. – Venha aqui.

Não houve hesitação quando ele obedeceu, trazendo seu peito ao dela antes de virar de lado para acomodar o peso nela.

– Você está com frio, – ele murmurou. – Seu cabelo está úmido.

– Não me importo. – Ela se aninhou ao corpo dele. – Estou... Perfeita.

Um ruído de aprovação subiu da garganta dele. – Isto você é... Rosalhynda.

Ao som de seu antigo nome, ela se encolheu, mas ele a segurou firme. – Eu não posso mais lhe chamar de No’One. Não depois... Disso.

– Eu não gosto daquele nome.

– Então outro.

Fitando o rosto dele, ela teve a clara impressão de que ele não ia ceder quanto a isso. E ele também não ia se referir mais a ela pelo nome que ela escolhera há um longo, longo tempo... Quando aquela palavra era o que ela sentia que era.

Mas, talvez ele estivesse certo. Ela subitamente não se sentia mais como ninguém.

– Você precisa de um nome.

– Eu não posso escolher, – ela retrucou, consciente da grande dor em seu coração.

Ele olhou para o teto. Segurou um pouco de seu cabelo nos dedos. Estalou a língua.

– Outono é minha estação favorita do ano, – ele disse depois de um tempo. – E isto não é uma cantada ou coisa assim... Mas eu gosto quando as folhas se tornam avermelhadas e alaranjadas. Elas são lindas à luz da lua, mas mais direto ao ponto, é uma transformação impossível. O verde da primavera e verão é só uma sombra à identidade verdadeira das árvores, e toda aquela cor enquanto as noites esfriam é um milagre cada maldita vez que acontece. É como se elas estivessem se refazendo da perda do calor com todo o seu fogo. Eu gosto... Autumn⁶⁰. – Ele a olhou nos olhos. – Você é assim. Você é bela e arde brilhantemente... E é hora de se revelar. Então eu digo... Autumn.

No silêncio que se seguiu, ela sentiu um formigamento no canto dos olhos.

– O que há? – ele se apressou. – Merda! Não gosta? Posso escolher outro. Lihllith? Que tal Suannah? E... Joe? Fred? Howard?

Ela colocou a mão em seu rosto. – Eu adorei. É perfeito. A partir de agora, serei chamada pelo nome que você me deu, a estação do ano quando as folhas queimam – Autumn.

⁶⁰ Outono em inglês.

Erguendo-se, ela colou os lábios nos dele. – Obrigada. Obrigada...

Enquanto ele concordou solenemente, ela o enlaçou com os braços, e apertou-o fortemente. Ser nomeada era ser reivindicada, e isto a fez sentir-se... Renascida.

Capítulo QUARENTA E SETE

Passou um longo tempo até que Tohr e Autumn saíssem dos confins cálidos e úmidos de sua piscina. Cara, ele nunca iria entrar naquele lugar novamente sem pensar nele como “deles”.

Mantendo aberta a porta do corredor para ela, ele deu um profundo suspiro de alívio. Autumn... O nome perfeito para uma fêmea perfeitamente encantadora.

Caminhando lado a lado, eles seguiram seu caminho para o escritório juntos, os seus pés deixando impressões molhadas, porque a calça úmida que ele havia torcido estava pingando nas bainhas. Ela, por outro lado, não deixou rastro, sua túnica estava seca.

Última vez que ela ia vestir a maldita coisa.

Merda, o seu cabelo parecia tão bem todo solto ao redor dos seus ombros. Talvez ele pudesse conseguir que ela perdesse a trança, também.

Quando eles saíram no túnel, ele colocou seu braço ao redor dela, aconchegando-a contra ele. Ela se encaixava bem. Ela era menor do que... Bem, Wellsie tinha sido muito mais alta. A cabeça de Autumn ficava abaixo de seus peitorais, seus ombros não tão largos, e seu andar era desigual, enquanto sua companheira tinha sido lisa como a seda.

Mas ela se encaixava. Diferentemente, sim, mas a fechadura e chave de seus corpos eram inegáveis.

Abrindo a porta que levava para a mansão, ele ficou para trás e deixou-a subir os degraus à sua frente. No nível superior, ele a alcançou, digitou o código, e abriu a porta segurando para ela passar.

Quando ela passou, ele perguntou, – Com fome?

– Faminta.

– Então você vai para cima e me deixa servir você.

– Oh, eu posso conseguir algo na cozi...

– Não. Nem pense nisso. Eu sirvo você. – Ele a levou em torno da base da escadaria principal. – Você sobe e entra na cama. Eu trarei a comida.

Ela hesitou no passo. – Isto realmente não é necessário.

Ele agitou sua cabeça quando pensou sobre todo o exercício que eles fizeram ao lado da piscina. – É muito necessário. E você vai tirar essa túnica e cair nua nos lençóis.

Seu sorriso começou tímido... Terminando espetacular.

E então ela se virou e ele teve um relance de sua parte traseira.

Assistir seu balanço de quadris enquanto ela andava o deixou duro. Novamente.

Sua mão apertou o corrimão esculpido, ele teve que olhar para baixo, no tapete e tranquilizar-se.

Uma maldição sórdida veio a sua cabeça.

Palavra ruim, bom timing...

Andando a passos largos através do mosaico de uma macieira em flor, ele se debruçou na sala de bilhar. Lassiter estava no sofá, focado na tela plana da TV acima da lareira.

Embora Tohr estivesse meio desnudo e meio molhado, ele andou a passos largos ficando entre o anjo e a TV. – Escute, eu...

– Que porra! – Lassiter começou a movimentar suas mãos como se estivessem em chamas, tentando lhe jogar faíscas. – Saia da frente!

– Funcionou? – Tohr exigiu.

Amaldiçoando, o anjo se jogou ao lado em uma tentativa de enxergar a tela da TV. – Me dê apenas um minuto.

– Ela está livre? – Ele silvou. – Só me diga.

– Aha! – Lassiter apontou para a televisão. – Seu filho da puta! Eu sabia que você era o pai!

Tohr lutou contra o desejo de dar um bofetão no filho de uma cadela. O futuro de sua Wellsie estava em jogo, e este asno estava preocupado sobre testes de paternidade de Maury? – Você só pode estar brincando.

– Não, eu estou condenadamente sério. O bastardo tem três crianças com três irmãs. Que tipo de homem é esse?

Tohr bateu em sua própria cabeça ao invés do anjo. – Lassiter... Vamos, cara.

– Olha, eu ainda estou aqui, não estou? – o sujeito murmurou quando ele silenciou a tela aos gritos e pulos de Maury na cena. – Enquanto eu ainda estiver aqui, existe trabalho a ser feito.

Tohr se deixou cair em uma cadeira. Escorando sua cabeça em sua mão, ele mordeu fortemente seus molares. – Eu não compreendo essa porra. O destino quer sangue, suor, e lágrimas... Bem, eu me alimentei dela, nós temos... Ah, suado bastante, com certeza. E, merda, eu já chorei bastante.

– As lágrimas não contam, – o anjo disse.

– Como isto é possível?

– Simplesmente é, meu chapa.

Grande. Fantástico. – Quanto tempo mais até eu conseguir libertar minha Wellsie?

– Seus sonhos são a resposta para isso. Enquanto isso, eu sugiro que você vá alimentar sua fêmea. E pelas suas calças molhadas, acredito que você deu a ela um inferno de exercícios.

As palavras, *Ela não é minha*, surgiram automaticamente em sua garganta, mas ele as bloqueou na esperança de que se as mantivesse dentro, de alguma forma ajudaria.

O anjo apenas sacudiu a cabeça, como se ele estivesse bem ciente dos sentimentos que permaneceram não ditos... E do futuro que era ainda desconhecido.

– Maldição. – Tohr murmurou quando ele saiu para a cozinha. – Maldito.

Cerca de algumas milhas distantes dali, no rancho que sediava a sede dos Bastardos, o som ofegante, rítmico, irregular, miserável de movimento chegava ao celeiro.

À medida que Throe olhava fixamente a luz da vela sem objetivo algum, ele não se sentia bem com o estado de saúde de seu líder.

Xcor tinha estado em um inferno de uma briga mano-a-mano no fim da armação feita na casa de Assail. Ele se recusou a dizer com quem, mas deve ter sido um Irmão. E naturalmente, ele não teve nenhuma atenção médica desde então, não que eles tivessem muito para oferecer.

Amaldiçoando a si mesmo, Throe cruzou seus braços acima de seu tórax e tentou lembrar-se da última vez que o macho se alimentou. Querida Virgem Escriba... Isso tinha sido na primavera com aquelas três prostitutas? Não era de se estranhar que ele não se curara dos ferimentos ainda... E ele não iria até que estivesse mais bem nutrido.

O arquejo se tornou uma tosse áspera... Se transformando em uma respiração mais lenta, mais dolorosa.

Xcor iria morrer.

Aquela conclusão medonha já se desenhava com vigor inexorável desde que seu padrão respiratório mudara horas atrás. Para sobreviver, o macho precisava de uma dessas duas coisas, de preferência ambas: acesso a instalações médicas, material, e pessoal especializado como o que a Irmandade contava e o sangue de uma vampira.

Não havia nenhum modo de conseguir o primeiro, e o segundo provou ser um desafio ao longo dos últimos meses. A população de vampiros em Caldwell estava crescendo devagar, mas desde as invasões, as fêmeas passaram a ser um prêmio valioso. Ele ainda teria que achar uma que estivesse disposta a servi-los, mesmo que tivesse que pagar graciosamente.

Embora... Considerando a condição de Xcor, talvez até mesmo essa proeza poderia não ser suficiente. O que eles precisavam era de um milagre.

Esponaneamente, a imagem daquela espetacular Escolhida que o alimentou na instalação da Irmandade apareceu. O sangue dela poderia ser o que salvaria a vida de Xcor agora mesmo. Literalmente. Exceto obviamente que isto não era viável em muitos níveis. Como ele poderia alcançá-la, primeiramente? E ainda que ele pudesse se conectar com ela, ela indubitavelmente saberia que ele era o inimigo. Ou não? Ela o chamara de soldado de valor. Talvez a Irmandade tivesse mantido a identidade dele em sigilo longe de sua delicada sensibilidade.

Nenhum som. Nada.

– Xcor? – Ele gritou quando ele se sentou depressa. – Xcor.

Naquele ponto, ele começou a tossir e então a respiração foi retomada.

Querida Virgem Escriba, ele não tinha nenhuma ideia de como os outros conseguiam dormir apesar de tudo. Eles tinham lutado por tanto tempo com nada além de sangue humano, que dormir poderia ser suas únicas chances de recarregarem as energias. As glândulas suprarrenais de Throe haviam substituído esse imperativo a partir das duas da tarde, de qualquer jeito. Exatamente quando ele começara sua vigília ao ritmo respiratório de Xcor.

Quando ele agarrou seu telefone celular para verificar as horas, ele lutou contra sua mente frenética para enfocar nos números que eram exibidos.

Desde aquele incidente entre eles no verão, Xcor tinha sido um macho diferente. Ainda autocrático, exigente, e cheio de cálculos que podiam chocar e aturdir... Mas seu olhar fixo era diferente quando ele considerava seus soldados. Ele estava mais conectado a todos eles, seus olhos abertos para algum novo nível de relacionamento, os gostos decada um, que ele aparentemente não havia estado ciente antes.

Seria vergonhoso perder o bastardo agora.

Throe finalmente conseguiu ver as horas: cinco e trinta e oito. O sol estava provavelmente abaixo do horizonte, o crepúsculo sem nenhuma dúvida não demoraria a aparecer no céu ao leste. Seria melhor esperar que a escuridão verdadeiramente chegasse, mas ele não tinha mais tempo a desperdiçar, especialmente dado que ele não estava certo sobre o que deveria ser feito.

Fora de seu beliche, ele se levantou caminhando através do quarto e agitou o amontoado de cobertores que cobria Zypher.

– Vá embora. – o soldado murmurou. – Ainda tenho trinta minutos...

– Você precisa tirar os outros daqui, – Throe sussurrou.

– Assim farei.

– E você deve ficar na retaguarda.

– Assim ficarei.

– Eu vou tentar achar uma fêmea para alimentar Xcor.

Isso conseguiu a atenção do soldado. A cabeça de Zypher se ergueu. – Sêrio?

Throe se sentou no beliche, assim eles podiam se olhar nos olhos. – Tenha certeza de que ele fique aqui, e esteja preparado para levá-lo diretamente às minhas coordenadas.

– Throe, sobre o que você está falando?

Sem responder, ele se virou e começou a vestir suas vestes de couro, suas mãos estavam agitadas pelo estado traiçoeiro de Xcor... E pelo fato de que se suas preces fossem respondidas, ele estaria na companhia daquela fêmea uma vez mais.

Olhando abaixo para as suas roupas de guerreiro, ele hesitou... Querida Virgem Escriba, ele desejava ter algo diferente para vestir ao invés de couro. Um terno adorável de lã e gravata. Sapatos adequados. Roupa íntima.

– Onde você vai? – Zypher perguntou bruscamente.

– Não importa. O que eu encontrar é a única coisa importante.

– Me diga que você está levando armas.

Throe novamente pausou. Se por alguma razão isto explodir, ele poderia precisar de armamentos. Mas ele não queria assustá-la, assumindo de fato que ele conseguisse alcançá-la de alguma maneira e a trouxesse com ele. Tal delicada fêmea que ela era...

Deveria esconder algumas, ele decidiu. Uma arma ou duas. Algumas facas. Nada que ela pudesse ver.

– Bom, – Zypher murmurou quando ele começou a verificar suas armas.

Minutos mais tarde, Throe subia do porão, dirigindo-se à porta da cozinha.

Gemendo e arremessando seus braços para o alto, ele foi forçado a voltar para a casa escura. Com seus olhos ardendo e lacrimejando, ele amaldiçoou e foi para a pia, deixando correr água fria, espirrando-a em seu rosto.

Pareceu uma eternidade até que ele viu a hora em seu celular e percebeu que poderia fazer uma saída mais segura, e neste tempo ele abriu a porta em desafio.

Oh, o alívio da noite.

Deixando para trás seu confinamento, ele aterrissou na boa Terra e encheu seus pulmões com o ar frio e úmido do outono. Fechando seus olhos ainda latejando, ele focou a si mesmo desmaterializando para longe da casa, lançando sua partículas moleculares ao norte até que chegou a um prado de grama com uma grande árvore em seu centro.

Ficando à frente do grande tronco, debaixo da cobertura das folhas vermelhas e douradas, ele inspecionou a paisagem com seus sentidos afiados. Este lugar bucólico era longe, bem longe das batalhas no centro da cidade, e nem mesmo perto do complexo dos Irmãos ou da Sociedade Lessening – pelo menos era o que ele achava.

Para se assegurar que estava no local certo, ele esperou tão imóvel quanto a grande árvore atrás de si, mas longe de estar sereno. Ele estava preparado para se engajar com qualquer coisa ou pessoa.

Nada e ninguém veio sobre ele, no entanto.

Cerca de uns trinta minutos mais tarde, ele se sentou no chão com as pernas cruzadas, ligando suas mãos e esperou.

Ele estava bem ciente do perigo deste caminho que estava iniciando. Mas em algumas batalhas, você tinha que fazer suas próprias armas, ainda que você corresse o risco de que elas explodissem em seu rosto. Existia grande perigo nisto, porque se havia uma coisa que você podia contar com a Irmandade, era a extrema proteção antiquada de suas fêmeas.

Ele tinha levado uns socos na mandíbula para provar isto.

Então, estava ciente do fato de que se ele alcançasse a Escolhida, ela não deveria saber sua identidade verdadeira.

Ele também estava forçando a si mesmo a deixar de lado qualquer sensação de culpa pela posição em que ele a colocaria.

Antes de fechar seus olhos, ele olhou à sua volta novamente. Havia cervos na extremidade longe da floresta, seus delicados cascos batendo nas folhas caídas, suas cabeças indo para cima e para baixo quando eles andavam juntos. Uma coruja à direita, o piar levada pela luz, a brisa fria passando por suas orelhas recuperadas. Longe, à sua frente, em uma estrada que ele não podia ver, um par de faróis apareceu, provavelmente um caminhão de fazenda.

Nada de lessers.

Nada de Irmãos.

Ninguém além dele.

Baixando suas pálpebras, ele visualizou a Escolhida e recapturou aqueles momentos quando seu sangue estava entrando dentro dele, o reavivando, chamando-o de volta da beira da morte. Ele a viu com grande clareza e enfocou o gosto e o cheiro dela, a essência de quem ela era.

E então ele rezou, rezou como nunca fez antes, até mesmo quando viveu uma vida civilizada. Ele rezou tão forte que suas sobrancelhas estavam apertadas e seu coração batia forte e não podia respirar. Rezou com um desespero que deixou uma parte dele perguntando-se se isto era para salvar Xcor... Ou simplesmente para vê-la uma vez mais.

Ele rezou até que perdeu as palavras e tudo que ele tinha era uma dor em seu peito, uivando uma necessidade que ele só podia esperar ser um sinal forte o suficiente para ela responder, se ela realmente conseguisse.

Throe manteve isto em mente até que estava entorpecido de frio e tão exausto que sua cabeça estava pendurada não mais em reverência, mas de fadiga.

Ele se manteve ali, até que o silêncio persistente ao redor dele sobrepujou seu pedido... E dizendo a si mesmo que ele tinha que aceitar o fracasso.

Quando ele finalmente reabriu seus olhos, encontrou aquele brilho se movendo furtivamente debaixo da árvore onde estava sentado, se agachando para pular na terra.

Seu grito ecoou alto quando ele se levantou.

Mas não era a luz da lua a causa do brilho.

Sua Escolhida estava ali, com uma túnica branca tão brilhante que parecia ter sua própria iluminação. Ela estendeu as mãos à frente o tranquilizando.

– Eu sinto muito surpreender você.

– Não! Não, não, é bom... Você está aqui.

– Você não me chamou? – Ela pareceu confusa. – Eu não estava certa sobre o que havia me chamado. Eu... Simplesmente tive este desejo de vir aqui. E você estava aí.

– Eu não sabia se funcionaria.

– Bem, funcionou. – Ela sorriu para ele.

Oh, Santa Virgem Escriba nos grandes céus acima dele, ela era bonita, seu cabelo enrolado em sua cabeça, sua forma tão elegante e graciosa, sua essência de ambrosia.

Ela fez uma carranca e olhou abaixo, para ela mesma. – Eu não estou corretamente coberta?

– Perdão?

– Você me olha fixamente.

– Oh, realmente, eu estou... Por favor, me perdoe. Meus modos foram esquecidos porque você é muito adorável para que meus olhos possam compreender.

O que a fez recuar levemente. Como se ela não estivesse habituada a receber elogios – ou talvez ele a tivesse ofendido.

– Eu sinto muito, – ele disse antes de querer amaldiçoar a si mesmo. Seu vocabulário teria que expandir além de desculpas. E Rápido. E ajudaria se ele não se comportasse como um colegial em sua presença. – Eu não quero ser desrespeitoso.

Agora ela sorriu novamente, uma exibição atordoante de felicidade. – Eu acredito em você, soldado. Suponho que eu tenha ficado simplesmente surpreendida.

Que ele a achou atraente? Bom Senhor...

Recordando seu passado como um membro distinto da *glymera*, Throe baixou a cabeça. – Você me honra com sua presença, Escolhida.

– O que traz você aqui?

– Eu quis... Bem, não é o meu desejo que corra qualquer tipo de dano enquanto lhe peço um favor de grande peso.

– Um favor? Sério?

Throe pausou. Ela era tão sincera, tão encantada em ser chamada, que sua culpa renovou. Mas ela era a única salvação que Xcor poderia ter, e isto era guerra...

Enquanto ele lutava com sua consciência, ocorreu-lhe que existia uma maneira dela fazer o que ele queria, desde que ele fizesse um voto em troca de seu presente, se ela escolhesse dar esse presente.

– Eu perguntaria se... – Ele limpou sua garganta. – Eu tenho um companheiro que está gravemente ferido. Ele vai morrer se nós não fizermos...

– Eu devo ir a ele. Agora. Mostre-me onde quer que ele esteja que vou ajudá-lo.

Throe fechou seus olhos e não pôde soltar qualquer respiração. Realmente, ele até sentiu lágrimas ameaçarem cair. Em uma voz rouca, ele disse,

– Você é um anjo. Você não é desta Terra em sua compaixão e generosidade.

– Não desperdice bonitas palavras. Onde está seu companheiro de luta?

Throe tirou seu telefone e enviou uma mensagem a Zypher. A resposta que recebeu foi imediata e o tempo para chegada ridiculamente pequeno. A menos que, claro, o soldado já estivesse com Xcor no veículo e pronto para começar a dirigir.

Tal macho de valor ele era.

Quando Throe colocou seu celular atrás em seu bolso, ele enfocou na Escolhida mais uma vez. – Ele já está a caminho neste momento. Ele está sendo transportado por veículo, porque ele não se encontra bem.

– E então nós o levaremos para o centro de treinamento?

Não. Dificilmente. Não. – Você deve ser o suficiente para ele. Ele está mais fraco da pouca alimentação do que de suas feridas.

– Nós devemos esperar aqui, então?

– Sim. Nós esperamos aqui. – Houve uma longa pausa, e ela começou a ficar inquieta como se estivesse desconfortável. – Perdoe-me, Escolhida, se eu continuo olhando-a fixamente.

– Oh, nenhuma necessidade para se desculpar. Eu só estou constrangida porque é raro eu prender a atenção de alguém.

Agora fora ele quem recuou. Não havia dúvidas do motivo do Irmãos tratarem qualquer macho na presença dela como eles fizeram.

– Bem, permita-me persistir, – ele suavemente murmurou. – Você é tudo que eu consigo enxergar.

Capítulo QUARENTA E OITO

Qhuinn saiu pela porta oculta embaixo da escadaria por volta das seis daquela tarde. Sua cabeça ainda estava meio confusa, os passos mais arrastados, o corpo doía inteiro. Mas, ei, ele estava em pé, se movendo, e estava vivo.

As coisas podiam ser piores.

Além disto, ele tinha um propósito. Quando a doutora Jane veio examiná-lo, disse que Wrath tinha convocado uma reunião com a Irmandade. Claro que ela também o informou que estava dispensado e tinha de ficar na clínica, em repouso – como se ele fosse perder o encontro onde seriam discutidos os fatos ocorridos na casa de Assail. Negativo.

Naturalmente, ela fez de tudo para persuadi-lo a não ir, mas no final, ela tinha telefonado e dito ao rei para esperar por mais um.

Enquanto avançava pelo corrimão entalhado, conseguia ouvir os Irmãos falando no segundo andar, aquelas vozes altas e profundas, uma se sobressaindo da outra. Claramente, Wrath não tinha posto ordem na merda ainda – o que significava que havia tempo para pegar uma bebida antes de subir.

Porque, dñh, isto era exatamente o que era necessário quando você estava chacoalhado para começo de conversa.

Depois de cuidadosa avaliação, decidiu que a distância até a biblioteca era menor do que a da sala de jogos. Cambaleando através das portas de carvalho, congelou assim que passou pela arcada.

– Puta que pariu...

Havia pelo menos cinquenta livros do Idioma Antigo espalhados no chão, e isso não era nem metade. Em cima do suporte da mesa próxima às janelas de vidro, mais volumes com capa de couro estavam abertos com as entranhas expostas, como soldados atingidos em campo de batalha.

Dois computadores. Um notebook. Livros legais.

Um ruído vindo de cima fez com que erguesse os olhos. Saxton estava em uma escada e se esticava para alcançar um livro no alto da prateleira, próxima ao teto.

– Boa noite para você, primo, – o cara disse de seu poleiro sublime.

Bem o macho que ele precisava ver. – O que está fazendo com tudo isto?

– Você parece ter se recuperado bem. – A escada fez mais um barulho enquanto o macho descia com o livro. – Todos estávamos tão preocupados.

– Ah, estou bem. – Qhuinn foi até as garrafas de bebidas alinhadas no bar de mármore. – Então, no que está trabalhando.

Não pense nele com Blay. Não pense nele com Blay. Não pense nele...

– Eu não sabia que você era chegado a um xerez.

– Hã? – Qhuinn olhou para a bebida que tinha se servido. Porra. Em meio a seu sermão auto-imposto, ele pegara a garrafa errada. – Oh, você sabe... Tudo bem para mim.

Para provar, tomou um gole – e quase se engasgou com a doçura que bateu em sua garganta.

Serviu-se de mais um pouco só para não parecer o tipo de idiota que não prestava atenção ao que punha em seu próprio copo.

Ok, ânsia de vômito. O segundo gole foi pior do que o primeiro.

Pelo canto do olho, viu Saxton se acomodar na mesa, a luminária de metal à sua frente, fornecendo o mais perfeito brilho no rosto dele. Meeeeerda, ele parecia alguém saído de um comercial da Ralph Lauren, com seu terno de tweed colorido com bolsos quadrados salientes e aquele suéter abotoado mantendo-o confortável.

Enquanto isto, Qhuinn vestia roupas de hospital, pés descalços. E xerez.

– Então, qual é o projeto grandioso? – perguntou de novo.

Saxton olhou para ele com uma estranha luz nos olhos. – É um divisor de águas, se pode-se dizer assim.

– Ohhhh, tipo de coisa supersecreta.

– De fato.

– Bem, boa sorte então. Parece que tem o bastante para se ocupar por um bom tempo.

– Vai levar pelo menos um mês, talvez mais.

– O que está fazendo, reescrevendo a maldita lei?

– Somente uma parte dela.

– Cara, você me faz adorar meu trabalho. Prefiro ser atingido por um tiro a cuidar da papelada. – Serviu-se de uma terceira filha-da-puta dose e tentou parecer menos zumbi enquanto ia até a porta. – Divirta-se.

– E você com seus afazeres, primo querido. Estaria lá em cima também, mas meu prazo é curto, e há muita coisa ainda por fazer.

– Você vai conseguir.

– Sim, eu vou.

Enquanto Qhuinn anuía e subia as escadas, pensou... Bem, pelo menos aquela interação não tinha sido muito ruim. Ele não tinha pensado em nada inapropriado. Sequer tinha se imaginado batendo no filho da puta até que sangrasse a linda roupa inteira.

Progresso. lupi!

No segundo andar, as portas duplas do estúdio estavam abertas, e ele hesitou ante a multidão. Puta merda... Todo mundo estava ali. Não só os Irmãos e os guerreiros, mas as *shellans*... E os empregados?

Havia praticamente quarenta pessoas na sala, amontoadas como sardinhas em volta do mobiliário chiquetoso.

Mas talvez fizesse sentido. Depois do maldito ataque, o rei estava de volta atrás da sua mesa, sentado em seu trono, como que de volta do mundo dos mortos. Meio que requeria uma celebração, ele achava.

Antes de passar pela porta, ele fez menção de tomar outro gole de xerez, mas assim que a merda bateu em seu nariz, sentiu engulhos e viu que não conseguiria.

Inclinando-se, jogou a coisa em um vaso de plantas, deixou o copo na mesa do salão e...

No instante em que o viram passar pela porta, todo mundo silenciou. Como se houvesse um controle remoto para a sala e alguém tivesse apertado o botão de “mudo”.

Qhuinn congelou. Olhou para si mesmo verificando se não estava mostrando algo indecente. Olhou para trás, caso houvesse alguém importante subindo as escadas depois dele.

Então olhou em volta da sala, se perguntando o que perdera...

Na grande ausência de som e movimento, Wrath se apoiou nos braços da rainha e grunhiu enquanto ficava em pé. Tinha um curativo no pescoço, e parecia um pouco pálido, mas estava vivo... E trazia uma expressão tão intensa, que Qhuinn se sentiu como se estivesse sendo fisicamente envolvido.

Então o rei colocou a mão do anel de diamante negro sobre o próprio peito, bem no meio, diretamente sobre o coração... E lentamente, cuidadosamente, com ajuda de sua *shellan*, inclinou-se.

Fazendo uma reverência a Qhuinn.

Enquanto sentia todo o sangue se esvaír da cabeça, Qhuinn se perguntou que caralhos o vampiro mais importante do planeta estava fazendo, alguém começou a bater palmas lentamente.

Clap. Clap. Clap!

Outros se juntaram até que todos na sala, de Phury e Cormia, a Z, Bella e a bebê Nalla, a Fritz e sua equipe... A Vishous e Payne e seus companheiros, a Butch e Marissa e Rehv e Ehlena... Estavam aplaudindo a ele com lágrimas não derramadas em seus olhos.

Qhuinn deixou os braços cair enquanto seus olhos desiguais encaravam vagamente a todos e em todos os lugares da sala.

Até que pousaram em Blaylock.

O ruivo estava no extremo direito da sala, aplaudindo como todos os outros, os olhos azuis iluminados com emoção.

Por outro lado, ele sabia o quanto algo deste tipo significava para um garoto fodido com um defeito de nascença, cuja família não o quisera por perto para embaraço e desgraça social.

Ele sabia como era difícil aceitar a gratidão.

Ele sabia o quanto Qhuinn queria só fugir da atenção... Embora estivesse emocionado além da medida, diante da honra que não merecia.

No meio de tudo o que não conseguia lidar, ele só olhou para seu velho e querido amigo.

Como sempre, Blay era a âncora que o mantinha na superfície, impedindo-o de afundar.

Quando Xhex passou pelo *mhís* em sua moto, achou difícil acreditar que estava voltando à mansão por ordem real: o próprio Wrath tinha enviado o “convite” – e por mais iconoclasta que ela fosse, não iria recusar uma ordem direta do rei.

Cara, ela estava enjoada.

Quando recebera o recado telefônico, pensara que John tinha morrido, tinha sido assassinado em campo. Uma rápida mensagem de “Olá” para ele tinha sido respondida imediatamente. Curto e doce. Somente um *Você virá esta noite?*

Foi tudo o que ela tivera; mesmo depois de dizer sim, e tinha esperado algo mais.

Então sim, ela sentia como se fosse vomitar, porque isto era provavelmente John colocando um fim oficial. O equivalente a divórcio no mundo vampiro era raro, mas as Leis Antigas permitiam que fosse legalmente autorizado. E naturalmente, para pessoas do nível social de John – sendo filho legítimo de um Irmão da Adaga Negra – o rei era o único que podia oficializar a separação.

Isto tinha de ser o fim.

Merda, ela realmente ia vomitar.

Rodeando a frente da mansão, ela não estacionou a Ducati atrás da fila de carros, SUVs e caminhonetes. Não – ela deixou a moto bem no pé da escada. Se fosse um decreto real de divórcio, ela ia ajudar John colocar um fim na miséria deles, e então ela...

Bem, ela iria ligar para Trez e dizer-lhe que não poderia trabalhar. Então ela iria se trancar em casa e chorar como uma garotinha. Por uma semana ou duas...

Tão estúpida. Esta coisa toda entre eles era tão foddidamente estúpida. Mas ela não podia mudá-lo, e ele não podia mudá-la, então o que infernos restava para eles? Fazia meses desde que eles não tinham nada além de distância e silêncios desconfortáveis entre eles. E nada indicava que a situação estivesse mudando; o buraco negro estava ficando cada vez mais fundo e sombrio...

Enquanto ela subia os degraus que levavam às portas duplas, sentia-se partindo ao meio, despedaçando-se como se seus ossos tivessem se tornado pedrinhas e estivessem colapsando sob o peso de seus músculos. Mas ela continuou em frente, porque era isso que os guerreiros faziam. Eles empurravam a dor para fora do caminho e focavam em seus objetivos – e certo como a merda, que ela e John matariam algo esta noite, algo que tinha sido tão precioso e raro que ela estava envergonhada por eles não terem encontrado um jeito de cultivá-lo no meio deste mundo gelado e duro.

Dentro do vestíbulo, ela não ficou imediatamente em frente à câmera. Nunca fora o tipo de fêmea que precisasse se arrumar, ainda assim, ela se viu passando os dedos no cabelo. Ajustou rapidamente a jaqueta de couro – e sua postura – e então disse a si mesma para cortar essa.

Ela já tinha enfrentado milhares de coisas piores.

Somente por orgulho, conseguiria manter algum auto-controle pelos próximos dez ou quinze minutos.

Teria então o resto de sua vida normal para perder a compostura, sozinha.

Com uma maldição, apertou a campainha e deu um passo pra trás, forçando-se a olhar para a câmera. Enquanto ela esperava, ajeitou a jaqueta de novo. Bateu as botas.

Checou novamente as armas em seus coldres.

Jogou com o cabelo.

Ok, que inferno.

Inclinando-se, apertou o botão novamente. O *doggen* aqui era de alto padrão. Você tocava aquela campainha, e era sempre respondida em segundos.

Na terceira tentativa, ela se perguntava quantas vezes mais teria de implorar para...

A porta interna do vestíbulo se abriu e Fritz pareceu mortificado.

– Minha senhora! Sinto muito...

Uma cacofonia alta encobriu o que o mordomo dizia, e ela franziu o cenho enquanto passava pelo velho macho. Por cima da cabeça branca do *doggen*, no alto da grande escadaria, havia uma multidão enorme saindo da sala, como se a festa tivesse acabado de terminar.

Talvez alguém tivesse acabado de anunciar que se emparelharia.

Boa sorte, ela pensou.

– Grande anúncio? – ela perguntou enquanto atravessava o vestíbulo e preparava-se para as boas novas de outra pessoa.

– Mais um reconhecimento. – O mordomo abriu a porta. – Deixarei que os outros a informem.

Sempre o obediente mordomo – discreto até a medula.

– Estou aqui para ver...

– A Irmandade. Sim, eu sei.

Xhex franziu o cenho. – Só Wrath, eu acho.

– Bem, sim, claro que o rei também. Por favor, venha ao escritório real.

Enquanto cruzava o chão de mosaico e começava a subida, acenava para as pessoas que desciam... As *shellans*, a equipe que ela conhecia, as pessoas com quem

tinha vivido por algumas semanas, mas que tinham se tornado, em pouco tempo, um tipo de família para ela.

Ela ia sentir quase tanta falta deles quanto de John.

– Madame? – o mordomo perguntou. – Você está bem?

Xhex forçou um sorriso e percebeu que provavelmente deixou escapar alguma maldição em voz baixa. – Sim. Muito bem.

Quando chegou ao estúdio de Wrath, havia tanta aprovação no ar, que ela teve de praticamente afastar a coisa com as mãos para entrar na sala: os Irmãos estavam com o peito cheio de orgulho... Exceto Quinn, que estava tão profundamente ruborizado que parecia uma vela romana⁶¹.

John parecia reservado – não olhava para ela, mas para um ponto qualquer a sua frente.

Por detrás da mesa, Wrath olhou para ela. – E agora, aos nossos negócios, – o rei anunciou.

Enquanto as portas se fechavam, ela não fazia ideia da merda que iria acontecer. John ainda se recusava a olhar para ela... E, porra, o rei tinha um ferimento no pescoço – supondo que ele não estivesse usando aquela gaze só como adorno.

Todo mundo ficou quieto, se endireitou, expressões se tornaram sérias.

Oh, cara, eles tinham de fazer isto em frente a toda Irmandade?

Mas também, o que mais ela esperava? O pensamento coletivo era tão intenso neste monte de machos, é claro que eles queriam estar presentes quando as coisas acabassem.

Ela permaneceu forte. – Vamos acabar logo com isso. Onde eu assino?

Wrath franziu o cenho. – Perdão?

– Os papéis.

⁶¹ Fogo de Artifício cilíndrico que projeta uma série de bolas de fogo coloridas.

O rei olhou para John. Voltou a olhar. – Este não é o tipo de coisa que eu poria em papéis. Jamais.

Xhex olhou em volta e então voltou a se concentrar em John, lendo sua rede emocional. Ele estava nervoso. Triste. E decidido de uma maneira tão poderosa que ela se sentiu momentaneamente estúpida.

– Que infernos está acontecendo aqui? – ela exigiu.

A voz do rei soou alta e clara. – Eu tenho uma tarefa para você... Se estiver interessada. Algo que, acredito, serão necessárias suas notáveis habilidades. Desde que esteja interessada em nos ajudar.

Xhex olhou fixamente para John, chocada.

Ele era responsável por isto, ela pensou. Fosse lá o que estivesse rolando nesta sala, começara com ele.

– O que você fez? – ela disse diretamente a ele.

Aquilo o fez olhar para ela apropriadamente. Erguendo as mãos, ele expressou, *O que conseguimos fazer é limitado. Precisamos de você para isto.*

Olhando para Rehv, ela captou um monte de seriedade vindo até ela – e nada mais. Não havia censura, sem sentimento de “garotas não são bem-vindas”. O mesmo para o resto dos machos na sala. Não havia nada além de calma aceitação de sua presença... E sua capacidade.

– O que exatamente você quer que eu faça? – ela disse lentamente ao rei.

Enquanto o macho falava, ela continuou a olhar para John enquanto ouvia coisas como Bando de Bastardos... Uma tentativa de assassinato... O esconderijo deles... Um rifle.

Ao fim de cada frase, as sobrancelhas dela se erguiam um pouco mais.

Ok, não era nada sobre eventos beneficentes ou merda assim. Era sobre localizar o coração do inimigo, infiltrar-se em seus domínios secretos e retirar qualquer armamento de longo alcance que pudesse ter sido usado para tentar matar Wrath naquela noite.

Assim, providenciar para a Irmandade, se tudo desse certo, a prova que eles precisavam para condenar Xcor e seus soldados à morte.

Xhex colocou as mãos nos quadris – para impedir-se de esfregá-las de contentamento. Isto era exatamente seu departamento – uma proposta impossível apoiada num princípio que ela apoiava: vingar-se de alguém que fodeu com você.

– Então, o que acha? – Wrath perguntou.

Xhex olhou para John, na esperança que ele olhasse para ela de novo. Quando ele não olhou, ela apenas leu novamente a rede emocional dele. Ele estava aterrorizado, mas decidido.

Ele queria que ela fizesse isso. Mas por quê? O que infernos tinha mudado?

– É, me interessa, – ouviu-se responder.

Enquanto vozes profundas masculinas grunhiram em aprovação, o rei fechou a mão em punho e bateu na mesa. – Bom! Muito bem. Só há uma coisa.

Uma pegadinha. Naturalmente. – Eu trabalho melhor sozinha. Eu não quero trezentos e sessenta quilos de babás se esgueirando atrás de mim.

– Não. Você vai sozinha... Sabendo que tem todos os nossos recursos como apoio, se precisar, ou quiser. A única restrição é que você não pode matar Xcor.

– Sem problemas. Vou trazê-lo vivo para vocês interrogarem.

– Não. Você não pode tocá-lo. Ninguém pode até que analisemos a bala. E então, se tivermos certeza do que desconfiamos, ele é de Tohr para matar. Por proclamação oficial.

Xhex olhou para o Irmão. Jesus Cristo, ele estava totalmente diferente, como se fosse o Irmão mais jovem, e mais saudável do que o cara que ela conhecera após a morte de Wellsie. E dado o jeito que ele estava agora? Xcor tinha uma cova com seu nome nela.

– O que acontece se eu tiver de me defender?

– Tem permissão para fazer o que for preciso para garantir sua segurança. De fato, neste caso... – O rei virou os olhos cegos na direção de John. – Eu lhe encorajo a levar qualquer arma que puder para se defender.

Entenda-se: Use aquele seu lado *sympath*, garota.

– Mas se possível, – Wrath completou, – cause o mínimo de estrago possível, e Xcor vivo.

– Isto não vai ser um problema, – Xhex disse. – Eu não tenho que tocar nele ou em qualquer outro. Posso me concentrar só no rifle.

– Bom. – Enquanto o rei sorria e expunha as presas, os outros começaram a falar rapidamente. – Perfeito...

– Espere, eu não concordei com nada ainda, – ela disse, calando a todos enquanto olhava para John. – Não... Ainda.

Capítulo QUARENTA E NOVE

– Solte-me, seu tolo, – Xcor resmungou quando percebeu que era erguido novamente.

Estava longe de parar de ser manuseado. Do leito onde estivera descansando. Para dentro do veículo. Levado a outro lugar. E agora perturbado de novo.

– Quase lá, – Zypher disse.

– Deixe-me... – Aquilo era, supostamente, para ter soado como uma ordem. No entanto, soou como uma criança a seus próprios ouvidos.

Ah, como queria ter sua força antiga, de modo que pudesse se libertar sozinho, e ficar em pé sobre as próprias pernas.

Mas o tempo passou. De fato, ele estava longe de estar bem... E talvez estivesse acabado.

Sua condição horrível, não era resultado de nenhum ferimento específico daquela luta com o soldado. Era a culminação de todos eles, os ferimentos cobriam sua cabeça e seu torso, a agonia era algo como a batida de seu coração, uma força que existia e persistia nele, sobre a qual ele não tinha controle.

Inicialmente, ele tinha lutado contra a corrente apegando-se à teoria masculina do 'deixar para lá'. Mas, seu corpo tinha outros planos para ele, e mais influência do que sua mente e força de vontade tinham. Agora ele sentia como se estivesse possuído por esta mortalha de desorientação e exaustão...

Subitamente, o ar que ele respirava se tornou frio e limpo, dando-lhe algum sentido.

Lutando para focar os olhos, viu uma campina, uma campina oscilante que se elevava de encontro a uma magnífica árvore outonal. E lá... Sim, lá, sob os galhos cobertos de vermelho e amarelo, estava Throe.

Próximo a uma figura esguia vestida de branco... Uma fêmea.

A menos que ele estivesse vendo coisas?

Não, ele não estava. Enquanto Zypher o carregava para perto, ela se tornou mais distinta. Ela era... Incalculavelmente bela, com pele clara e cabelos louros retorcidos no topo de sua cabeça.

Ela era uma vampira, não humana.

Ela era... Etérea, uma luz se derramava de sua forma, uma tão brilhante que cobria a lua.

Ah, então isto *era* um sonho.

Ele devia ter adivinhado. Depois de tudo, não havia motivo para Zypher levá-lo à área rural, arriscando a vida deles, por um pouco de ar fresco. Não havia motivo para qualquer fêmea estar esperando sua chegada. Sem chance de que alguém tão perfeito quanto ela estivesse sozinho no mundo.

Não, isto era só fruto de seu delírio, e desta forma ele relaxou nos braços de aço de seu soldado, reconhecendo que, fosse lá o que seu subconsciente tivesse criado ele não teria poder algum sobre isto, então ele bem podia deixar as coisas seguirem. Eventualmente, ele acordaria, e talvez isto fosse o sinal de que, finalmente, tinha caído em um profundo sono restaurador.

No mais, quanto menos lutasse, mais poderia se concentrar nela.

Oh... Delicadeza. Oh, virtuosa beleza, o tipo que transformava reis em servos e soldados em poetas. Este era o tipo de fêmea por quem valia à pena lutar, morrer, só para olhar por um momento, seu rosto.

Que pena que ela não passava de uma visão...

O primeiro sinal de que algo não se encaixava, foi ela ser pega de surpresa ao vê-lo.

Mas também, sua mente estava somente tentando parecer realista. Ele era horrível não lesionado. Ferido e faminto? Tinha sorte de que ela não se encolhesse de horror. Do jeito que era, as mãos dela se ergueram para as bochechas e a cabeça foi para frente e para trás, até Throe dar um passo a frente para proteger suas delicadas sensibilidades.

Aquilo o fez desejar ter uma arma. Este era seu sonho. Se ela ia ser protegida, ele tomaria conta disto. Bem... Assumindo que conseguisse ficar em pé. E que ela não fugisse...

– Ele está morrendo, – ouviu-a dizer.

Seus olhos flutuavam na direção do puro e doce som. Aquela voz era perfeita como o resto dela, e ele se concentrou duramente, tentando forçar seu cérebro a fazê-la falar mais em seu sonho.

– Sim, – Throe disse. – Isto é uma emergência.

– Qual o nome dele?

Xcor falou neste momento, pensando que ele mesmo devia se apresentar. Infelizmente, só o que saiu foi um grunhido.

– Deite-o, – a fêmea disse. – Precisamos fazer isto rapidamente.

Suave e fria grama se ergueu para apoiar seu corpo quebrado, amortecendo-o como se a palma da terra estivesse enluvada em lã. Quando ele abriu novamente as portas de aço de seus olhos, ele a viu se ajoelhar ao seu lado.

– Você é tão bela... – foi o que ele disse. O que saiu de sua boca não passou de um gargarejo.

E subitamente, teve dificuldade de respirar, como se algo tivesse explodido em seu interior, talvez como resultado dos movimentos?

Só que, se era um sonho, porque aquilo importaria?

Quando a fêmea trouxe a ele seu pulso, ele esticou uma mão em negativa e parou-a antes que pudesse abrir a veia.

Os olhos dela encararam o seu.

Na periferia, Throe novamente se aproximou, como se preocupado que Xcor fosse fazer algo violento.

Não a ela, ele pensou. Nunca a esta gentil criatura de sua imaginação.

Limpando a garganta, ele falou tão claramente quanto possível. – Poupe seu sangue, – ele disse a ela. – Bela criatura, poupe o que lhe é vital.

Ele estava muito abaixo dela. E isto era verdade não somente por estar terrivelmente ferido e provavelmente morrer.

Mesmo em sua imaginação, ela era boa demais para sequer aproximar-se dele.

Quando Layla caiu de joelhos, encontrou dificuldade em falar. O macho esticado a sua frente estava... Bem, gravemente ferido, sim, é claro. Mas ele era mais do que isto. Apesar do fato de estar no chão e claramente indefeso, ele era...

Poderoso era a única palavra que lhe vinha à mente.

Tremendamente poderoso.

Ela quase não podia ver nada de suas feições, por causa do inchaço e dos hematomas, e o mesmo podia-se dizer de suas cores, por causa de todo aquele sangue seco. Mas em forma física, embora ele aparentasse não ser tão alto quanto os Irmãos, era grande em todas as partes, de ombros muito fortes, com braços brutalmente musculosos.

Talvez sua impressão sobre ele se devesse a sua forma física?

Não, o guerreiro que a tinha invocado a esta campina era de tamanho igual, como também o macho que trouxera o ferido aqui a seus pés.

Este soldado caído era simplesmente diferente dos dois outros – e de fato, eles mostravam uma deferência a ele de maneiras sutis com seus movimentos e seus olhos.

De fato, este não era um macho com quem se pudesse brincar, mas ao invés, como um búfalo, capaz de destruir qualquer coisa em seu caminho.

Ainda assim a mão que a tocou era leve como uma brisa e ainda menos confinadora – ela teve a distinta impressão de que, não apenas ele não a estava segurando ali, mas queria que ela se fosse.

Mas ela não iria abandoná-lo.

De uma maneira estranha, ela estava... Enfeitiçada... Aprisionada por um olhar profundamente azul que, mesmo à noite, e apesar do fato de que ele era perigosamente mortal, aparentava estar aceso como fogo. E sob aquele olhar, seu

coração se acelerou e seus olhos apegaram-se a ele, como se fosse ao mesmo tempo indecifrável e compreensível a ela...

Sons saíram dele, guturais e incompreensíveis por causa de seus ferimentos, incitando-a a apressar-se.

Ele precisava ser limpo. Cuidado. Tratado até estar saudável dentro de alguns dias, talvez semanas. Ainda assim aqui estava ele em campo, com estes machos que obviamente sabiam mais sobre armas do que tratamento médico.

Ela olhou para o soldado que conhecia. – Você deve levá-lo para ser tratado depois que terminarmos.

Embora ela recebesse um aceno afirmativo como resposta, seus instintos diziam a ela que era mentira.

Machos, ela pensou ridiculamente, eram durões demais para seu próprio bem.

Ela voltou a se concentrar no soldado. – Você precisa de mim, – ela disse a ele.

O som de sua voz pareceu colocá-lo novamente em um estado de escravidão, e ela se aproveitou disto. Enfraquecido como estava, ela tinha a sensação clara de que ele ainda tinha poder, mais do que suficiente, em seu corpo, para impedi-la de trazer sua veia à sua boca.

– Shhhh, – ela disse, estendendo a mão e acariciando seu cabelo preto curto. – Acalme-se, guerreiro. Para proteger e servir aos da minha espécie, permita-me retribuir seus serviços.

Tão orgulhoso ele era – ela podia dizer pela linha dura de seu queixo. E ainda assim ele parecia ouvi-la, sua mão soltou o antebraço dela, a boca entreaberta, como se estivesse sob seu domínio.

Layla se moveu rápido, preparada para aproveitar-se desta rendição relativa – sem dúvida alguma ele logo sairia deste estado. Mordendo o próprio pulso, ela rapidamente trouxe seu braço sobre os lábios dele, as gotas caindo, uma a uma.

Quando ele aceitou sua oferta, o som que fez foi... Nada menos do que de tirar o fôlego: um gemido misturado com gratidão infinita e, em sua opinião, temor infundado.

Oh, quando aqueles olhos dele se fixaram nos dela, até que o campo, a árvore, os outros dois machos se desvaneceram, e tudo o que ela sentia era o macho a quem estava alimentando.

Compelida por alguma coisa que não se sentia inclinada a questionar, ela baixou o braço... Até que a boca dele tocou seu pulso. Isto era algo que ela nunca tinha feito com outros machos, mesmo Qhuinn. Mas ela queria saber qual seria a sensação, da boca deste soldado sobre sua pele...

No instante que o contato foi feito, aquele som que ele fez voltou, e então ele grudou a boca em volta dos furos gêmeos. Ele não a machucou; mesmo grande como era, faminto como estava, ele não a atacou. Longe disto. Ele sugou com cuidado, mantendo seu olhar sempre sobre o dela, como que a protegendo, apesar de ser ele quem necessitava de proteção, na condição atual.

O tempo passou, e ela sabia que ele estava tomando muito dela, mas não se importou. Ela teria ficado para sempre nesta campina, embaixo desta árvore... Ligada a este bravo guerreiro que quase tinha perdido a vida na guerra contra a Sociedade Lessening.

Ela se lembrava de sentir algo assim com Qhuinn, esta incrível sensação de predestinação, mesmo que não soubesse na época no que estava se metendo. Mas esta atração colocava o que ela havia experimentado uma vez com o outro macho em total segundo plano.

Isto era épico.

E ainda assim... Porque ela deveria confiar em tal sentimento? Talvez isto fosse só uma versão mais romantizada do que ela sentira por Qhuinn. Ou talvez isto fosse simplesmente o modo que a Virgem Escriba assegurava a sobrevivência da raça, biologia sobrepujando a lógica.

Colocando tais pensamentos blasfemos de lado, ela se concentrou em sua tarefa, sua missão, sua contribuição abençoada que era sua única oportunidade de servir, agora que a relevância das Escolhidas andava tão diminuída.

Prover sangue aos machos de valor era tudo o que restara de seu chamado. Tudo o que ela tinha na vida.

Ao invés de pensar em si mesma, ou do jeito que se sentia, ela precisava agradecer à Virgem Escriba por ter chegado aqui a tempo para cumprir com seu

dever sagrado... E então ela tinha de voltar a mansão para procurar outras oportunidades de ser útil.

Capítulo CINQUENTA

– O que mudou, John?

No quarto em que ele e Xhex uma vez compartilharam, John foi até as janelas e sentiu o frio emanando através do límpido vidro. Lá embaixo, os jardins eram banhados pelas luzes de segurança, o falso brilho de luar fazendo com que o rejunte em torno das lajotas do terraço parecesse fosforescente.

Ele vistoriava a paisagem, mas não havia muito o que se olhar. Tudo havia sido preparado para o inverno, os canteiros de flores cobertos por malha, as árvores frutíferas embaladas, a piscina agora vazia. As folhas perdidas dos bordos⁶² e carvalhos na borda da floresta ignoradas através da escurecida grama cortada, como se estivessem desabrigadas e à procura de abrigo.

– John, que diabos está acontecendo?

No final, Xhex não se comprometeu e ele não a culpava. Um giro de cento e oitenta graus era desorientador e a vida real, certo como a merda, não vinha com cinto de segurança ou air bags.

Como poderia explicar? Ele se perguntava enquanto procurava palavras. Eventualmente, deu uma meia volta, levantou suas mãos e sinalizou. *Você estava certa.*

– Sobre o quê?

Sobre tudo, ele pensou no momento em que começava a sinalizar.

Ontem à noite eu vi Qhuinn sair para a zona de risco sozinho. Wrath estava caído; estávamos lutando desordenadamente; a Irmandade ainda não tinha chegado para dar retaguarda, tiros por toda parte. O Bando de Bastardos havia nos cercado e estávamos ficando sem tempo por causa do ferimento do rei. Qhuinn..., Ouça, sabia que seria mais útil fora da casa, sabia que se ele pudesse proteger a garagem, nós seríamos capazes de sair com Wrath. E... Sim, aquilo quase me matou, mas eu o deixei sair. Ele é meu melhor amigo... E eu o deixei ir.

⁶² Bordo é a árvore cuja seiva dá origem ao famoso xarope de bordo que os americanos tanto apreciam comer com panquecas.

Xhex se aproximou e lentamente se sentou numa cadeira. – É por isso que o pescoço de Wrath estava todo enfaixado... E Qhuinn estava...

Ele enfrentou Xcor, no mano a mano, e deu a Wrath sua melhor chance de sobrevivência. John balançou sua cabeça para ela. E novamente eu o deixei sair porque... Eu sabia que ele tinha que fazer o que pudesse. Foi a coisa certa naquela situação.

John andava de um lado para o outro, então empacou no pé da cama, apoiando as palmas nas suas coxas, esfregando-as de cima a baixo. *Qhuinn é um bom combatente, é forte e decisivo. Um peso pesado. E porque ele fez o que fez, Wrath está vivo, então sim, Qhuinn estava certo, muito embora aquilo fosse perigoso.*

Ele olhou para ela. *Com você é a mesma coisa. Precisamos fazer essa busca para declarar guerra aos Bastardos, Wrath precisa ter a prova. Você é uma caçadora que pode sair na luz do dia, nenhum de nós pode fazer isso. Você também tem suas habilidades de symphath se a merda ficar crítica. Você é a pessoa certa para o trabalho, mesmo que o pensamento de você indo em direção a qualquer lugar próximo deles me apavore, você é a pessoa certa para ser enviada para onde quer que eles estejam.*

Houve uma longa pausa.

– Eu não... Sei o que dizer.

Ele deu de ombros. *É por isso que não expliquei nada a você de antemão. Estou farto de conversar também. Em certo ponto, é só conversa mole. A ação que importa. Provar importa.*

Quando ela esfregou o rosto como se sua cabeça doesse, ele franziu o cenho.

Pensei que... Isso te faria feliz.

– Sim. Claro. É ótimo. – Ela se levantou. – Vou fazer isto. Claro que vou. Vou ter que manter Trez a par de algumas coisas, mas começarei hoje à noite.

John sentiu os receptores de dor no seu peito se acenderem como uma rede elétrica, o que lhe disse o quanto esperava sair dessa com um ramo de oliveira⁶³.

Ele esperava que aquilo os unisse.

⁶³ Ramo de oliveira é uma citação como símbolo da paz.

Um Ctrl+Alt+Del que reiniciasse seus sistemas.

Ele assobiou para atrair seus olhos de volta para ele. *O que está errado? Pensei que isso mudaria as coisas.*

– Oh, é claro que já mudou. Se não se importa, eu vou apenas... – À medida que sua voz falhava, ela pigarreou. – Sim, vá falar com Wrath. Diga a ele que sim, estou dentro.

Conforme ela se dirigia para a porta, parecia estar totalmente desligada, seus movimentos formais e rígidos.

Xhex? Ele sinalizou, o que não adiantou, pois ela se afastou.

Ele assobiou novamente, então saltou para fora do colchão e a seguiu pelo corredor. Alcançando-a, ele bateu no seu ombro porque não quis ofendê-la agarrando-a.

– John, só deixe-me ir...

Ele entrou na sua frente e perdeu o fôlego. Seus olhos estavam brilhando com lágrimas vermelhas não derramadas.

Qual é o problema? Ele sinalizou desesperadamente.

Ela piscou rapidamente, recusando-se a deixar cair qualquer coisa pelas suas bochechas.

– Acha que estou pulando de alegria porque você não está mais vinculado a mim?

Ele recuou tanto que quase caiu. *Como é que é?*

– Eu não sabia que podia terminar, mas no seu caso, claramente term...

Putá merda! Ele bateu seus pés porque tinha que fazer algum barulho. *Estou fodidamente vinculado a você! E isto é totalmente por nós, porque eu quero ficar com você novamente e totalmente, não porque eu queira ou não, isto ainda é a coisa certa a fazer! Você é a pessoa certa para o trabalho!*

Ela pareceu momentaneamente atordoada, nada além daquelas pálpebras se movendo rapidamente. Então cruzou seus braços sobre o peito e olhou fixamente pra ele.

– Você está falando sério?

Sim! Ele se forçou para não ficar exaltado novamente. *Deus, sim... Porra, sim... Com tudo que eu tenho, sim.*

Ela desviou o olhar. Olhou de volta. Depois de um momento ela disse roucamente.

– Eu... Odiei não estar com você.

Eu também. E sinto muito. Enquanto respirava profundamente, seu coração se aliviou o bastante para que ele não sentisse que a coisa estivesse prestes a atravessar o seu esterno. *Não acho que possa lutar novamente lado a lado com você. É como esperar que um cirurgião operasse sua própria esposa. Mas não vou ficar no seu caminho... E ninguém mais vai. Você estava certa desde o começo... Você tem lutado por muito mais tempo do que esteve comigo e deve ser capaz de fazer o que quiser. Eu, verdadeiramente, não posso estar lá com você, porém... Quero dizer, ouça, se acontecer, aconteceu, mas gostaria de evitar isso, se pudermos.*

Quando as pálpebras dela baixaram um pouco, ele teve a sensação de que ela o estava analisando pelo seu outro lado e ele endireitou os ombros sob seu escrutínio: ele sabia que ela estava em sua mente, seu coração e sua alma.

Ele não tinha nada além de amor por ela.

Ele a queria de volta.

Ele não tinha nada a esconder.

E aquelas condições que ele mal tinha acabado de expor eram tais que ele não só pensou longa e profundamente a respeito, mas sabia que eram com elas que poderia conviver. Isto não era o imprevisto de um cara recém-emparelhado pensando que a vida seria uma brisa só porque ele tinha a garota dos seus sonhos em seus braços e um futuro tão brilhante que precisava colocar óculos escuros.

Agora, enquanto ele falava, era como um macho que viveu por meses sem sua companheira; que passou pelo estranho vale da morte que veio com o

conhecimento que aquela a quem amava estava no planeta, mas não na sua vida; que emergiu do outro lado do inferno com uma nova compreensão de si mesmo... E dela.

Ele estava pronto para encontrar a vida real, envolvendo duas pessoas... E se comprometer a ela.

Ele só rezava para que não fosse o único.

Quando Xhex levantou o olhar para John se viu piscando como uma idiota. Porcaria, ela não esperava por isso: o chamado pessoal de Wrath, a oportunidade apresentada a ela... E definitivamente não o que John estava lhe dizendo agora.

Ele estava sendo totalmente sincero, apesar de tudo. Isso não era uma manobra calculada para trazê-la de volta à sua vida, embora ela já soubesse disso sem ler sua mente. Não era o modo de agir dele.

Ele queria dizer cada palavra.

E ainda estava vinculado a ela, graças a Deus.

O problema era... Ela havia estado nesta posição com ele antes. Esteve pronta para uma longa vida normal e feliz. Em vez disso? O relacionamento mais importante que ela teve se despedaçou.

– Tem certeza que vai ficar bem comigo indo para onde quer que eles vivam e talvez lutando diretamente com eles? Sem apoio?

Se alguma coisa acontecer a você, vou ser como Tohr. Igualzinho. Cem por cento seguro. Mas o medo disso não vai me fazer tentar mantê-la em casa.

– Você esteve bem convencido de que onde Tohr está não é um lugar onde você queria estar.

Ele deu de ombros. *Mas veja, já estou nele se nós não estamos juntos. Depois que você foi ferida, eu pensei... Acho que tive esta ideia de que se eu pudesse apenas*

conseguir que você não lutasse, estaria protegido do que ele estava passando, que não seria exposto a essa merda porque você não seria apunhalada ou... Sim, pior. Mas fala sério, o centro de Caldwell não é o lugar mais seguro do planeta e não é como se você estivesse trabalhando com crianças ao seu redor naquele trabalho com Trez. Mais precisamente, eu estou inteiramente em você, seja pela idade, pelo ônibus número dezenove⁶⁴ ou pela bala do inimigo... Qualquer coisa que aconteça com você e eu estou fodido.

Xhex estreitou seus olhos. Ela podia ler a sua grade emocional, mas não cada parte do seu cérebro e, antes dela se abrir para ele novamente e ter esperanças, era fundamental saber o que ele pensava se essa merda acontecesse.

– E depois dessa missão? Digamos que eu consiga o rifle, traga-o para cá e isto acabe por ser a arma utilizada e, se eu quiser ir atrás deles? Wrath não é o meu rei, mas eu gosto do cara e a ideia de que alguém tentou acabar com ele me deixa irritada.

O olhar de John não vacilou, levando-a a acreditar que ele de fato já havia considerado aquele resultado. *Desde que eu não esteja no mesmo turno que você, ficarei bem. Se eu tiver que entrar como equipe de apoio, bem, vamos lidar com isso, eu lidarei com isso*, – ele corrigiu. – *Eu só não quero estar no mesmo território que você se pudermos evitar.*

– E se eu quiser manter meu trabalho com Trez? Permanentemente.

Isto é com você.

– E se eu quiser continuar ficar na minha cabana?

Eu realmente não tenho o direito de exigir nada neste momento.

Era, é claro, tudo o que ela queria ouvir: sem limitações pra ela, livre para escolher, livre para ser igual.

E, Deus, ela queria cair na conversa. Estar separada dele era uma merda tão grande de escuridão como nunca havia sofrido. Mas o ponto era que ela estava acostumada ao sofrimento crônico. A única coisa pior que isso seria se acostumar a este tipo de inferno tudo de novo. Ela não achou que pudesse passar por aquilo...

⁶⁴ Ônibus 19 se refere a um trágico atentado terrorista em Jerusalém.

Não estou fazendo isso para “fazer as pazes” com você, Xhex. Eu quero isso, porra, sim, eu realmente quero isso. Mas é assim que eu espero que as coisas sejam de agora em diante. E como eu disse, palavras não significam uma merda. Então que tal você começar a trabalhar e ver o que acontece. Deixe-me lhe provar através de ações o que eu lhe disse agora.

– Você percebe que não posso passar por outra crise dessas. Eu não posso... É muito difícil.

Estou tão malditamente arrependido. Enquanto ele sinalizava, também formou as palavras com a boca, a vergonha em seu rosto esfaqueando seu peito. Sinto muito, não estava preparado para como eu reagiria, porque nunca considerei as ramificações até que estava atolado até os joelhos. Lidei mal com a situação e gostaria que me desse uma chance de fazer melhor dessa vez. Mas no seu tempo, a sua escolha.

Seus pensamentos voltaram a um milhão de anos atrás para Lash e aquele beco, quando John havia lhe dado a sua vingança, tinha permitido que ela fosse a única a matar seu inimigo pessoal. E isso apesar da coisa do macho vinculado que sem dúvida o fez querer rasgar aquele maldito filho da puta em pedaços.

Ele estava certo, ela pensou. Boas intenções nem sempre funcionam, mas ele poderia provar como as coisas seriam ao longo do tempo.

– Ok. – ela disse com voz rouca. – Vamos ver aonde isso vai. Venha comigo ver o Wrath?

Quando John assentiu, ela foi para o seu lado.

Juntos caminharam até o escritório do rei.

Cada passo que davam parecia instável, embora a mansão fosse sólida como uma rocha. Então, novamente, ela sentiu como se o terremoto que havia lançado sua vida em um liquidificador, de repente, tivesse parado e ela não confiasse em seu equilíbrio ou na estabilidade debaixo dos seus pés.

Antes que batessem nas portas fechadas, ela se virou em direção ao macho que tinha seu nome gravado em suas costas. A missão que estava prestes a aceitar era perigosa, algo vital para Wrath e a Irmandade. Mas suas implicações para sua própria vida e a de John, pareciam ainda mais significativas.

Se aproximando dele, ela pôs seus braços ao redor do seu corpo e o segurou. Quando ele devolveu o abraço, os dois se encaixaram do mesmo jeito que sempre fizeram, como uma mão na luva.

Porra, ela esperava que isso funcionasse.

Oh, e sim, acertar Xcor e seu bando de aberrações?

Era um agradável bônus.

Capítulo CINQUENTA E UM

A realidade de que a fêmea na túnica branca não era um sonho caía gradualmente sobre Xcor, mais ou menos como névoa desvanecendo sobre a visão para revelar os contornos e quadros previamente obscurecidos pela proteção.

Estava de volta no furgão, recostado no assento que o levava em direção ao seu covil, sua cabeça apoiada na curva interna do seu cotovelo, com seus joelhos dobrados e empilhados um sobre o outro. Zypher não estava atrás do volante dessa vez. Throe estava dirigindo.

O macho havia estado em silêncio desde que eles deixaram a campina. Tão atípico.

Enquanto Xcor olhava fixamente para frente, ele traçava o padrão sutil na cobertura de couro falso no assento onde Throe estava. Era um trabalho difícil, já que a única luz que possuía era a do painel à sua frente.

– Ela era real, então. – ele disse depois de um tempo.

– Sim. – veio à resposta calma.

Xcor fechou os olhos e se perguntou como era possível que uma fêmea como aquela realmente existisse.

– Ela era uma Escolhida.

– Sim.

– Como você a conseguiu?

Houve uma longa pausa. – Ela me alimentou quando estive sob custódia da Irmandade. Eles disseram a ela que eu era um soldado, não me identificando como seu inimigo para não afligi-la.

– Você não deveria tê-la usado. – ele rosnou. – Ela é uma inocente em tudo isso.

– Que outra opção eu tinha? Você estava morrendo.

Ele afastou aquele fato de sua mente, concentrando-se ao invés disso na revelação de que a lenda realmente vivia e respirava. E servia a Irmandade. E Throe.

Por alguma razão, o pensamento do seu soldado tomando da veia daquela fêmea, fazia Xcor querer dar a volta no encosto do assento, alcançar o macho e quebrar o seu pescoço. Exceto que ciúmes, por mais infundado que fosse, era apenas um dos seus problemas.

– Você nos expôs.

– Eles nunca a usarão como um localizador. – Throe disse severamente. – Uma Escolhida? Entrando na guerra de alguma forma? Os Irmãos são muito antiquados e ela é extremamente valiosa. Eles nunca a levarão para o campo de batalha.

Refletindo mais adiante, ele decidiu que Throe provavelmente estava certo, aquela fêmea era inestimável em mais formas do que podia contar. Além disso, ele e seu Bando de Bastardos saíam ao anoitecer todos os dias, estavam muito longe de serem pegos desprevenidos. E se encontrassem os Irmãos? Eles lutariam novamente. Ele não era nenhum covarde para correr do seu inimigo, melhor planejar um ataque, mas nem sempre isso é possível.

– Qual é o nome dela? – Ele exigiu.

Mais silêncio.

Enquanto esperava pela resposta, a reticência disse a ele que tinha razão para ser ciumento, pelo menos em uma parte: era evidente que seu segundo no comando se sentia do mesmo modo que ele.

– Seu nome.

– Eu não sei.

– Há quanto tempo você a tem visto?

– Eu não tenho. Eu clamei por ela unicamente em seu favor. Rezei para ela vir e ela veio.

Xcor respirou profunda e lentamente, sentindo suas costelas se expandirem sem dor pela primeira vez desde que enfrentou aquele lutador com olhos de cores diferentes. Era o sangue dela dentro dele. Realmente, que milagre ela era: aquela

sensação de se afogar em seu próprio corpo havia se aliviado, o latejar em sua cabeça diminuindo, seus batimentos cardíacos se ajustando a um ritmo constante.

E ainda sim, com o poder correndo através dele, puxando-o de volta da beira do abismo, isso não pressagiava nada de bom para ele e seus soldados. Se isso era o que a Irmandade utilizava normalmente? Então eles eram mais fortes não só pela pureza de sua linhagem, mas também pela alimentação.

Pelo menos aquilo não os tornava insuperáveis. O tiro de Syphon provou que até o rei de raça pura tinha seus pontos vulneráveis.

Mas eles eram ainda mais perigosos do que ele pensava.

E quanto à fêmea...

– Você vai invocá-la novamente? – Ele perguntou ao seu soldado.

– Não. Nunca.

Nenhuma hesitação, o que sugeria que ou era uma mentira ou um voto. Pelo bem de ambos, ele esperava que fosse o último...

Oh, mas o que ele poderia fazer a respeito. Ele se alimentou dela só uma vez e ela não lhe pertencia e nunca pertenceria por razões demais para contar. De fato, relembrando o modo como até a prostituta humana na primavera recuou diante dele, ele sabia que alguém tão puro e perfeito quanto a Escolhida não teria nada a ver com alguém como ele. Throe, por outro lado, poderia ter uma chance, exceto, é claro, que ele não era um Irmão.

No entanto, ele estava cativado por ela.

Sem dúvida ela estava acostumada a isso.

Xcor fechou os olhos e se concentrou em seu corpo, sentindo-o se refazer, realinhar, reacender.

Ele se encontrou desejando que o mesmo rejuvenescimento pudesse ocorrer em seu rosto, seu passado, sua alma. Naturalmente, ele manteve aquela impotente oração para si mesmo. Por um lado, era uma impossibilidade. Por outro, tal coisa era um capricho provocado pela visão de uma bela fêmea, que não sentira repulsa por ele. Na verdade, não havia redenção para ele ou seu futuro: ele havia dado um golpe

poderoso contra a Irmandade e eles viriam atrás dele e do Bando de Bastardos com toda a força que pudessem reunir.

Eles também poderiam tomar outras ações. Se Wrath estivesse morto e sem descendentes, eles estariam correndo para ocupar o trono com a relação de sangue mais próxima que pudessem encontrar. A menos que o rei estivesse se segurando a beira da morte por um fio? Ou talvez tenha se recuperado graças a toda aquela tecnologia médica que eles cultivavam no seu Complexo...?

Normalmente, pensamentos como estes o estariam consumindo, a falta de respostas retorcendo duro em suas entranhas e fazendo com que ele andasse de um lado para o outro sem parar, se não estivesse lutando.

Agora, porém, na letargia remanescente da alimentação, as rumações eram nada além de gritos distantes de urgência que não iam longe e falhavam em energizá-lo.

A fêmea na base do colorido carvalho silvestre⁶⁵ era o que permanecia em sua mente.

Enquanto relembrava suas feições, disse a si mesmo que lhe era permitido esta única noite de distração. Ele não estava em condição de lutar, mesmo com o presente dela e, seus soldados estavam nas ruas levando adiante a missão contra os *Lessers*, pelo menos ainda havia algum progresso sendo feito.

Uma noite. E então no pôr do sol do dia seguinte, ele a colocaria de lado como fez tanto com suas fantasias quanto com seus pesadelos, deste modo retornando assim ao mundo real para lutar mais uma vez.

Uma noite apenas.

Isso era tudo que ele concederia a esta distração imaginária sem futuro...

Supondo-se que, uma pequena voz ressaltou, Throe mantivesse sua palavra e nunca mais a procurasse.

⁶⁵ Uma árvore que cresce, principalmente, no norte do país e tem grandes folhas que se tornam vermelhas e amarelas no Outono.

Capítulo CINQUENTA E DOIS

– Mais um?

Quando Tohr voltou sua atenção para a bandeja de prata com comida, No’One quis recusar a oferta. Na verdade, recostada nos travesseiros da cama dele, ela se sentia *estufada*.

E ainda assim quando ele se moveu em sua direção com outro morango maduro, segurando-o por sua coroa verde, ela achou que a fruta era difícil de resistir. Separando seus lábios ela o aguardava, como havia aprendido a esperar, que ele lhe trouxesse a comida.

Várias das frutas vermelhas que falharam em cumprir as exigências rigorosas dele foram colocadas na borda da bandeja. O mesmo havia sido feito com algumas das fatias de peru preparadas na hora, como também partes da salada verde. O arroz havia passado por sua inspeção, no entanto, bem como os deliciosos pãezinhos.

– Aqui. – ele murmurou. – Este está bom.

No’One o via olhar para ela enquanto aceitava o que ele lhe dava. Estava estranhamente focado em sua alimentação, de uma forma que era tanto comovente quanto fonte de fascinação. Ela tinha ouvido falar de machos fazendo isso. Até mesmo vira seus pais em tal ritual, sua mãe sentada à esquerda de seu pai na mesa de jantar, ele inspecionando cada prato, tigela e copo antes que fosse dirigido a ela pessoalmente por ele, no lugar dos serviçais, desde que a comida estivesse em qualidade elevada o suficiente. Ela assumira que a prática era um resquício curioso de um tempo antigo. Não era assim. Este espaço particular aqui com Tohrment era à base de trocas como aquela. De fato, ela podia imaginar eras atrás, na vida selvagem, um macho retornando com algo que tivesse caçado recentemente e fazendo a mesma coisa.

Isso a fazia se sentir... Protegida. Valorizada. Especial.

– Mais um? – Ele disse novamente.

– Você vai me engordar.

– Fêmeas deveriam ter carne nos ossos. – Ele sorriu de um modo distraído enquanto pegava um morango grande e franzia o cenho.

Conforme suas palavras ressoaram, ela não tomou o que ele disse ao pé da letra, de qualquer modo. Como podia, quando ele não fez nada além de escolher o alimento mais perfeito e eliminar o que não achava que era digno o suficiente para ela?

– Um último, então, – ela disse suavemente – E, em seguida, devo recusar todos os outros oferecimentos. Estou cheia a ponto de explodir.

Ele lançou a fruta de lado com as outras rejeitadas e agarrou outra, enquanto rosnava para a pobre coisa, seu estômago soltou um grunhido vazio.

– Você precisa comer também. – ela assinalou.

O grunhido que ela recebeu de volta era ou de aprovação relutante da segunda fruta ou concordando, provavelmente o primeiro.

Enquanto ela mordia e mastigava, ele descansou os braços no colo e olhou fixamente para sua boca, como se estivesse preparado para ajudá-la a engolir se tivesse que fazer.

Naquele momento silencioso ela pensou, oh, como ele mudou desde o verão. Ele estava muito maior, tão impossivelmente maior, seu corpo há um tempo estava grande, agora era absolutamente gigantesco. E ainda que não inchassem de maneira pouco atraente, seus músculos se expandiram dos seus limites sem qualquer camada de gordura sobre eles, sua forma proporcional era agradável aos olhos. Seu rosto permanecia magro, mas não mais fatigado e sua pele perdeu a palidez acinzentada a qual não havia reconhecido, até que a cor floresceu novamente em suas bochechas.

Porém, a mecha branca permanecia em seu cabelo, evidência de tudo por que passou.

Com que frequência ele pensava em sua Wellesandra? Ela ainda morava em seus pensamentos?

Claro que morava.

Seu peito doía, ela encontrava dificuldade em respirar. Ela sempre teve simpatia por ele, seus receptores de dor disparavam quando ele estava em sofrimento, certa como se sua perda fosse dela própria.

Agora, porém, ela sentia um tipo diferente de agonia atrás do seu esterno.

Talvez porque eles estivessem ainda mais próximos agora. Sim, era isso. Ela estava solidária com ele num nível ainda mais profundo.

– Terminou? – ele disse com seu rosto inclinando para o lado, a luz da luminária o atingindo com suave gentileza.

Não, ela estava errada, pensou enquanto arrastava outro fôlego para dentro.

Isso não era compaixão.

Isso era algo completamente diferente de se preocupar com o sofrimento alheio.

– Autumn? – ele disse. – Você está bem?

Levantando o olhar para ele, sentiu um calafrio repentino arrepiar a pele dos seus antebraços e deslizar pelos seus ombros nus. Embaixo do calor das cobertas, seu corpo vibrando em sua própria carne, esfriando e então se incandescendo com calor.

Que foi o que aconteceu, ela supôs, quando seu mundo virou de cabeça pra baixo.

Querida Virgem Escriba... Ela estava apaixonada por ele.

Ela se apaixonou por este macho.

Quando isso aconteceu?

– Autumn. – Sua voz se tornou mais vigorosa. – O que está acontecendo?

Ela decidiu que o “quando” não poderia ser definido. A mudança aconteceu milímetro por milímetro, a engrenagem de transformação impulsionada por pequenas e grandes trocas entre eles... Até que, semelhante ao modo como a adorável noite caía e reivindicava a paisagem da Terra, o que começou como imperceptível culminou no inegável.

Ele se levantou num salto. – Vou chamar a Doutora Jane...

– Não. – ela disse, estendendo sua mão. – Estou bem. Só cansada e saciada pela comida.

Por um momento, ele lhe deu o mesmo olhar que deu ao morango, aqueles seus olhos perspicazes se estreitando e se fixando nela.

No entanto, ela claramente passou pelo seu escrutínio quando ele se sentou novamente.

Forçando um sorriso em seus lábios, ela se moveu para a segunda bandeja, a que ainda estava coberta com a tampa de prata.

– Você devia comer agora. De fato, talvez devêssemos pegar pra você alguma comida fresca.

Ele deu de ombros. – Isso está bom.

Ele lançou em sua boca as frutas que não foram boas o suficiente pra ela e destampou o seu jantar, então comeu tudo o que sobrou em sua bandeja como também tudo que estava na dele.

Sua atenção desviada era uma boa coisa.

Quando ele acabou com sua refeição e com o restante da comida dela, pegou as bandejas e os suportes e colocou-os do lado de fora no corredor.

– Eu já volto.

Com isso ele desapareceu no banheiro e, logo, o som da água correndo chegou até ela.

Curvando-se de lado, ela olhou para as cortinas fechadas.

As luzes se apagaram e, em seguida, os silenciosos passos dele atravessaram o carpete. Houve uma pausa antes de subir na cama e, por um momento, ela se preocupou que ele tivesse lido a sua mente. Mas então ela sentiu uma brisa refrescante contra ela e percebeu que ele havia erguido as cobertas. Pela primeira vez.

– Tudo bem se eu me juntar a você?

Abruptamente, ela piscou para conter as lágrimas. – Por favor.

O colchão se afundou e então seu corpo nu veio contra o dela. Quando ele a apanhou em seus braços, ela foi desejosa e surpresa para ele.

Aquele estranho calafrio passou por ela novamente, trazendo também uma sensação de pressentimento. Entretanto, tal sensação era morna, até mesmo quente... De sua pele contra a dela.

Ele jamais deveria saber, ela pensou quando fechou os olhos e descansou sua cabeça no peito dele.

Ele nunca, jamais deveria saber o que bate dentro do seu coração por ele.

Isto destruiria tudo.

INVERNO



Capítulo CINQUENTA E TRÊS

Quando Lassiter se sentou na base da escadaria principal, ele levantou o olhar para o teto pintado uns três andares acima dele. Dentre a representação de guerreiros montados em garanhões, ele procurou as nuvens pintadas e achou a imagem que estava procurando, mas não queria ver.

Wellsie estava sempre bem atrás na paisagem, sua forma ainda mais compacta enquanto se encolhia dentro de si mesma naquele campo de pedras acinzentadas.

Na verdade ele estava perdendo a esperança. Logo ela estaria tão longe que eles não seriam capazes de vê-la de jeito nenhum. E seria aí que tudo estaria perdido: ela estaria perdida, ele estaria perdido... Tohr estaria perdido.

Ele pensou que No'One era a resposta. E, sabe, voltando ao início do outono, ele ficou empolgado achando que tudo estivesse resolvido. Na noite depois que Tohr finalmente se deitou com aquela fêmea, de vez e adequadamente, ela chegou à mesa de jantar sem seu capuz ou aquela túnica horrorosa. Ela estava usando um vestido, um vestido de flores azuis que era grande demais para ela, e mesmo assim adorável, e o cabelo dela estava solto ao redor dos ombros, uma cascata loira.

Eles dois tinham um ar que só provinha depois que duas pessoas tiram uma casquinha uma da outra por horas.

Ele voltou a fazer as malas naquele ponto. Rondou indeciso pelo quarto. Andou de um lado para o outro por horas, esperando ser chamado pelo Criador.

Quando o sol se pôs novamente, ele contabilizou aquilo como um atraso administrativo. Quando o sol se levantou mais uma vez, ele começou a ficar preocupado.

Então, ele se resignou.

Agora, ele estava em pânico...

Com sua bunda sentada olhando fixamente para a imaginação de uma fêmea morta, ele se encontrou fazendo a mesma pergunta que Tohr fazia tão frequentemente.

O que mais o Criador queria com isso?

– O que você está procurando?

Uma voz profunda o interrompeu e ele correu o olhar para o macho em questão. Tohrment obviamente tinha saído da porta secreta debaixo da escada: ele estava vestido com um short de corrida preto e uma camiseta de ginástica, e o suor lustrava sua pele e cabelo.

Fora os respingos pós-treinamento, o cara parecia ótimo. Mas era isso que acontecia com eles quando estavam bem alimentados, fodendo bem e ilesos.

No entanto, o Irmão perdeu um pouco daquele vigor-e-saúde quando seus olhos se encontraram. O que sugeria que ele tinha a mesma preocupação bem abaixo da superfície, sempre duradoura, uma preocupação crônica.

Tohr se aproximou e se sentou, enxugando seu rosto com uma toalha.

– Converse comigo.

– Você está tendo mais sonhos com ela? – Não havia razão para esclarecer a quem ele se referia. Entre eles dois, havia apenas uma fêmea que importava.

– O último faz uma semana.

– Como ela estava? – Como se ele já não soubesse. Ele estava malditamente olhando para ela neste exato momento.

– Mais distante. – Tohr pegou a toalha ao redor do seu pescoço e a esticou entre seus punhos. – Você tem certeza de que talvez ela não esteja somente se desvanecendo para o Fade?

– Ela lhe pareceu feliz?

– Não.

– Esta é sua resposta.

– Estou fazendo tudo o que posso.

Lassiter deu uma olhada pra cima e assentiu.

– Sei que está. Absolutamente sei que você está.

– Então você também está preocupado.

Não havia razão para responder aquilo.

Em silêncio, o par se sentou quadril com quadril, seus braços balançando pra fora dos joelhos, a metafórica parede de tijolos da qual eles estavam diante, bloqueando qualquer horizonte.

– Posso ser honesto com você? – O Irmão disse.

– Seria bom.

– Estou apavorado. Não sei o que estou perdendo aqui. – Ele esfregou a toalha em cima do rosto novamente. – Eu não durmo muito e não posso decidir se é porque estou com medo do que vou ver... Ou do que não vou ver. Eu não sei como ela está se mantendo.

A breve resposta era que ela não estava.

– Eu converso com ela. – Tohr murmurou. – Quando Autumn está dormindo eu me sento na cama e olho para o escuro. Eu digo a ela...

Quando a voz do cara se partiu, Lassiter quis gritar – e não porque pensou que Tohr estava sendo um maricas. Era mais porque doía muito ouvir a agonia naquela voz.

Merda, em algum momento no ano passado ele deve ter desenvolvido uma consciência ou algo assim.

– Digo a ela que eu ainda a amo, que sempre a amarei, mas que fiz o que pude para... Bem, não para preencher o vazio que ela deixou, porque ninguém pode fazer isso. Mas para pelo menos tentar viver algum tipo de vida...

Enquanto o macho continuava a falar em tons suaves e tristes, Lassiter foi atingido com um súbito terror de que ele tenha levado o cara para o caminho errado, que ele fez... Merda, ele não sabia. Fodeu com tudo, fez o que não devia, enviou este pobre idiota pesaroso em uma direção errada.

Ele revisou tudo que sabia sobre a situação, começando do andar de baixo, construindo a lógica, camada por camada, reconstruindo onde eles estavam.

Ele não conseguiu achar nenhuma falha, nenhum erro. Ambos fizeram o melhor que podiam.

No fim, isso parecia que era o único consolo que ele podia ter – e isso era apenas um pé no saco. A ideia de que ele poderia, mesmo que inadvertidamente, ter prejudicado este macho de valor era bem pior do que sua versão do purgatório.

Ele nunca deveria ter concordado com isso.

– Porra. – ele respirou baixinho enquanto fechava seus olhos doloridos. Eles chegaram tão longe, mas era como se estivessem perseguindo um alvo em movimento. Quanto mais rápido eles corriam e mais longe viajavam, mais distante o fim parecia ficar.

– Só tenho que me esforçar mais. – disse Tohr. – Essa é a única resposta. Não sei o que mais posso fazer, mas preciso ir mais fundo de algum jeito.

– É.

O Irmão se virou para ele.

– Você ainda está aqui, certo?

Lassiter lhe lançou um olhar.

– Se você está falando comigo, isto é um sim.

– Ok... Isso é bom. – O Irmão se levantou. – Então ainda temos algum tempo sobrando.

Yuhu. Fantástico. Como aquilo fosse fazer alguma diferença.

Do lado de fora da sua cabana particular, Xhex estava parada sozinha nas margens do Hudson, suas botas plantadas na neve branca, sua respiração deixando seu nariz em baforadas que se afastaram por cima do seu ombro. O brilho pêssego e rosa do pôr do sol caía sobre a paisagem congelada por trás dela, as cores apanhadas pelas ondas vagarosas no centro do canal.

Não havia muita água aparente no rio – o gelo estava se formando nas margens e se fechando, ameaçando estrangular a superfície enquanto o frio resistia durante a estação.

Sem nenhum comando dela, seus sentidos *sympath* perfuraram o crepúsculo, tentáculos invisíveis que sondaram o ar fino e gélido. Ela não esperava conseguir nenhuma resposta positiva, mas estava tão acostumada a estar receptiva depois destes últimos meses, descobriu aquele seu lado querendo se esticar e se estender pra fora, mesmo que fosse apenas para se exercitar.

Ela não tinha encontrado o Bando de Bastardos. Ainda.

Pessoa certa para o trabalho, né? Francamente, a merda estava ficando constrangedora.

Bom, então, as razões para lidar com tudo cuidadosamente eram muitas para se contar: tanta coisa estava dependendo dela conseguir alguma informações deles com mais calma e tranquilamente possível, e pelo menos o rei e os Irmãos entendiam isso.

John também encorajara infinitamente sua missão. Paciente. Pronto para discutir qualquer ângulo ou não comentar nada quando ela estava na mansão – o que tinha sido regularmente como se revelou. Entre ver sua mãe, atualizar a Irmandade e o rei, ou mesmo passando o tempo, ela estava lá duas ou três vezes por semana.

Ainda assim, quando se tratava de John as coisas não tinham ido além de uma refeição cortês.

Embora os olhos dele queimassem por ela.

Ela sabia o que ele estava fazendo. Estava mantendo sua palavra, contendo-se até que ela penetrasse o B.d.B.⁶⁶ para que então ele pudesse provar realmente o que disse. Exceto que tão estúpido quanto era... Ela queria estar com ele. E não estar com ele separados-por-uma-mesa-de-jantar.

Era uma melhora para eles em relação ao verão e outono, com certeza – e nem perto do suficiente.

Voltando a se concentrar, ela continuou a procurar nos arredores sem nenhuma boa razão, até que a escuridão desceu rápido, a luz drenando do céu como acontece no final de dezembro – o que significava que a merda saía como se estivesse fugindo, perseguida pelo frio.

No alto à sua esquerda, na mansão na península, luzes se acenderam de repente, como se Assail tivesse persianas no interior de todas as suas janelas: num momento a propriedade estava apagada; no outro era como um estádio de futebol.

Ah, sim, o cavalheiro Assail... Não.

O controle que o cara mantinha no cenário de drogas em Caldwell era quase seguro, sem ninguém de algum significado diferente daquele fornecedor influente Benloise. O que ela não podia entender era quem eram as tropas do vampiro. Ele não podia estar operando um negócio como aquele sozinho, e ainda assim não havia ninguém indo ou vindo da sua casa que não fosse ele.

Então novamente, por que ele ia querer seus associados em seu espaço particular?

⁶⁶ Bando de Bastardos.

Um pouco depois um carro manobrou pela alameda, do lado de fora do portão. Aquele Jaguar dele.

Cara, ele precisava investir num Range Rover blindado. Ou num Hummer como o do Qhuinn. O Jaguar era rápido e caia bem no filho da puta, mas qual é. Uma pequena tração em toda aquela neve nunca era uma má ideia.

O carro esporte diminuiu a velocidade até parar à medida em que se aproximou dela, o exaustor balançando e brilhando nas luzes vermelhas da traseira como algo que um mágico chamaria para subir no palco.

Uma janela desceu e uma voz masculina disse:

– Apreciando a visão?

A tentação foi dar o dedo médio pra ele, mas manteve seu dedo embainhado enquanto rangia os dentes desviando pela neve para ele. Neste ponto Assail não era visto como um “suspeito” por si só – ele não fez nada além de ajudar a Irmandade a retirar Wrath de lá quando a tentativa de assassinato não deu certo. Mas mesmo assim o ataque ocorrera na casa dele, e ela se perguntou onde Xcor estava conseguindo seus recursos financeiros. Assail tinha dinheiro mesmo antes de decidir ser um rei do narcotráfico, e guerras requeriam dinheiro.

Especialmente se você estivesse tentando lutar contra o rei.

Focando seu lado *sympath* no macho, ela leu a mente dele e viu um monte de... Bem, uma das coisas era luxúria. Ele a queria, mas ela apostava que não era especificamente ela.

Assail gostava de sexo com garotas. Certo. Entendido.

Embaixo daquela onda de testosterona, porém, ela encontrou uma fome por poder que era curioso. Entretanto não se tratava de derrubar o rei. Era...

– Lendo minha mente? – Ele disse com voz arrastada.

Se ele apenas soubesse o que estava falando.

– Ficaria surpreso com o que posso descobrir sobre as pessoas.

– Então sabe que eu quero você.

– Vou sugerir que fique na sua. Sou emparelhada.

– Foi o que ouvi. Mas onde está o seu homem?

– Trabalhando.

Quando ele sorriu, as luzes do painel pegaram suas feições, destacando-as e tornando-o ainda mais bonito. Mas ele não era apenas um menino bonito: havia uma pitada de mal naqueles olhos quentes.

Macho perigoso. Apesar de parecer que não era nada mais do que um membro engomadinho da *glymera*.

– Bem, – ele murmurou – Você sabe o que eles dizem. Muito tempo separado faz o coração ficar...

– Diga uma coisa. Você viu Xcor por aí em algum lugar?

Isso calou a boca dele. E o fez abaixar as pálpebras.

– Eu não faço ideia, – ele disse depois de um momento – Por que está me perguntando isso?

– Oh, mesmo?

– Não tenho a menor ideia.

– Eu sei o que aconteceu na sua casa no outono.

Houve outra pausa.

– Eu não teria imaginado que a Irmandade misturasse negócios com prazer. – Quando ela só o olhou, ele deu de ombros. – Bem, francamente, não posso acreditar que eles ainda estão procurando por ele. Na verdade é uma surpresa que aquele filho da mãe ainda esteja respirando.

– Então você o viu ultimamente.

Com isso a mente dele se acendeu em um setor específico – uma obstrução. Ele estava escondendo algo dela.

Ela sorriu friamente.

– Não o viu, Assail?

– Escute, vou lhe dar um conselho gratuito. Sei que você é toda essa mulher bem atualizada no mundo, vestida de couro surrado e resistente, mas você não quer se meter com aquele cara. Você viu como ele é? Você está emparelhada com um cara bonito como John Matthew, não precisa...

– Não quero trepar com o desgraçado.

A linguagem deliberadamente grosseira dela o fez piscar.

– De fato. E, ah, bom para você. Quanto a mim, eu não o tenho visto. Nem mesmo na noite que ele emboscou Wrath.

Mentiroso, ela pensou.

Quando Assail falou em seguida a voz dele estava muito baixa:

– Deixe aquele macho quieto. Você não quer cruzar o caminho dele... Ele tem menos misericórdia do que eu tenho.

– Então você acha que só os meninos grandes devem lidar com ele.

– É isso aí, querida.

Quando ele pôs o Jaguar em marcha, ela deu um passo atrás e cruzou os braços no peito. Tão foddidamente típico. O que tinha sobre o pênis e as bolas que fazia os machos pensarem que só eles tinham força?

– Vejo você por aí, vizinho. – ela disse com voz arrastada.

– Estou falando sério sobre Xcor.

– Oh, posso dizer que está.

Ele sacudiu a cabeça.

– Certo. É o seu funeral.

Quando ele foi embora, ela pensou, pronome errado aí, amigo. Pronome malditamente errado...

Capítulo CINQUENTA E QUATRO

Autumn estava profundamente adormecida quando ele se juntou a ela na cama, mas mesmo em seu profundo, quase doloroso repouso, ela sabia de quem era a mão que vinha sobre sua pele, viajando pelo seu quadril, alisando seu estômago. Ela sabia exatamente de quem eram as mãos que cobriam seus seios e a girava.

Para fazer sexo.

O ar gelado caiu sobre sua pele enquanto as cobertas foram afastadas, e por instinto, ela separou as pernas, preparando-se para receber o único macho que sempre tomaria dentro de si.

Ela estava pronta para Tohrment. Parecia que nas últimas semanas ela estava sempre pronta para ele.

Disponível – como ele teria dito. Como ele sempre estava pronto para ela.

Seu grande guerreiro achou caminho por entre suas coxas, abrindo-as ainda mais com os quadris – não, agora eram as mãos dele, como se ele tivesse um plano e então tivesse mudado de ideia...

A boca dele encontrou-a, encaixando-se e então lambendo.

Com os olhos ainda fechados e a mente naquele submundo confuso que não era nem sono nem despertar, o prazer foi tão intenso que ela recuou e então se jogou contra a língua, entregando-se a ele com tudo o que tinha enquanto ele sugava, provocava e então penetrava...

Só que não houve orgasmo para ela. Não importava o quanto prazer estivesse sentindo.

Tentando como podia alcançar a liberação, não conseguia passar do limite, o prazer agulhando a ponto da agonia – e ainda assim, ela não conseguia gozar, mesmo ensopada de suor, e com o fôlego preso na garganta.

Desespero a fez agarrar a cabeça dele, puxando-o ainda mais.

Só que ele desapareceu.

Não era nada além de um pesadelo, ela pensou, enquanto chorava de frustração. Um sonho torturante com nuances eróticas...

Tohrment surgiu às suas costas, e desta vez era o corpo inteiro dele contra ela. Enfiando os braços atrás dos joelhos dela, ele a abriu enquanto a dobrava como uma pequena bola sob seu grande peso.

E então ele a penetrou, forte e rápido.

Aí ela gozou. No instante em que ele a preencheu com sua longa extensão, seu corpo respondeu com uma explosão enorme e despedaçadora, o orgasmo tão violento que ela mordeu o lábio com ambas as presas.

Enquanto sangue inundava sua boca, ele diminuiu os movimentos para lambê-lo. Mas ela não queria devagar. Usando os braços dele como apoio para as pernas, encontrou seu próprio ritmo contra o membro dele, montando-o, tomando-o... Até que se encontrou novamente no limite.

E não indo a lugar algum.

No começo, tinha sido tão fácil para ela ter o que precisava quando acasalavam. Ultimamente, no entanto, estava cada vez mais difícil...

Enquanto ela se esticava contra ele, bombeando-se rápido e rápido, sua frustração a deixou selvagem.

Ela o mordeu.

No ombro.

Marcou-o com as unhas.

A combinação devia tê-lo feito parar para pedir um comportamento mais civilizado.

Ao invés disto, com o sangue dele fluindo sobre ela, ele soltou um rugido tão poderoso, que houve um som de algo se quebrando no quarto, como se tivesse atingido algo na parede.

Então ele teve um orgasmo. E graças a doce Virgem Escriba pela liberação dele. Enquanto ele golpeava contra ela e sua ereção pulsava violentamente, ela

finalmente pegou aquele esquivo caminho também, seu corpo se mexendo com ele, a cabeceira da cama batendo.

Alguém estava gritando.

Ela.

Então houve outro som de algo se quebrando.

A luminária...?

Quando eles finalmente pararam, ela estava inteiramente ensopada de suor, pulsando entre as pernas, trêmula a ponto de se sentir derretendo. Uma das luminárias laterais tinha mesmo caído da mesinha e enquanto ela olhava pelo quarto, viu que o espelho da cômoda tinha se rachado.

Tohrment ergueu a cabeça e olhou para ela. À luz que vinha do banheiro, ela viu o dano que tinha feito no ombro dele.

– Oh... Pelo amor... – Ela colocou a mão na boca horrorizada com a ferida ensanguentada. – Sinto tanto.

Ele deu uma olhada e franziu o cenho. – Está brincando?

Quando ele olhou para ela, estava sorrindo com um orgulho masculino que não fazia absolutamente nenhum sentido.

– Eu lhe machuquei. – Ela queria chorar. – Eu lhe...

– Shh. – Ele afastou uma mecha úmida de cabelo do rosto dela. – Eu adorei. Eu *fodidamente* amei isto. Arranhe-me. Devore-me. Morda-me... Está tudo certo.

– Você é *doido*. – Para usar uma expressão que ela aprendeu.

– Eu ainda não estou satisfeito, é isto que eu sei... – Só que quando ele se moveu dentro dela, ela se encolheu.

Instantaneamente, ele congelou. – Merda, acho que peguei pesado.

– Foi maravilhoso.

Tohrment elevou seu grande tórax com os braços e saiu dela tão lenta e cuidadosamente, que ela mal sentiu. E ainda assim ela sentiu repuxar por dentro. Ou

talvez fosse outro orgasmo? Difícil saber, já que o corpo dela estava tão sobrecarregado de sensações.

De qualquer maneira, aquele desgaste quase doloroso era uma coisa ótima. Eles estavam tão familiarizados um com o outro, tão confortáveis com o acasalamento, e a intensidade incrível que alcançaram era resultante de uma ausência total de barreiras, liberdade... E a confiança que compartilhavam.

– Deixe-me lhe levar para o chuveiro e lhe limpar.

– Está tudo bem. – Ela sorriu para ele. – Eu só vou relaxar aqui enquanto você toma banho. Em seguida eu vou.

Na verdade, ela não confiava em si mesma nua no banheiro com ele. Era arriscado que ela o mordesse no outro ombro – e por mais que tivesse apreciado a carta branca com os dentes, ela preferia evitar.

Tohrment se desenroscou dos cobertores bagunçados e ficou perto dela um momento, os olhos se estreitando. – Tem certeza de que está bem?

– Prometo.

Finalmente, ele acenou e se virou.

– Suas costas! – Parecia como se ele tivesse sido atacado por um gato, grandes arranhões vermelhos atravessando seu torso e espinha.

Ele olhou para a marca da mordida e sorriu com mais orgulho. – A sensação é ótima. Vou pensar em você quando sair esta noite, toda vez que ela repuxar.

Quando ele desapareceu no banheiro, ela balançou a cabeça para si mesma. Machos eram... Bem, doidos.

Fechando os olhos, ela descobriu o corpo e moveu os braços e pernas. O ar estava frio no quarto, talvez até gelado, mas depois de tudo, ela era sua própria fornalha, os resquícios da paixão praticamente evaporando de seus poros.

Enquanto Tohrment tomava banho, o calor gradualmente diminuiu, no entanto, como o fez as sensações doloridas do pós-sexo. E então, finalmente, ela encontrou a paz que procurava, seu corpo desenrolando, a tensão e dor restantes acalmando.

Com um espreguiçar que se sentia ainda melhor por causa de sua nudez, ela sorriu para o teto. Nunca tinha conhecido tamanha felicidade...

Do nada, aquele estranho calafrio que ela sentia de vez em quando desde o outono, caiu sobre ela, uma premonição que ela podia sentir, mas não definir, um aviso sem contexto.

Gelada agora, ela puxou as cobertas para se cobrir.

Sozinha na cama, sentiu-se observada pelo destino tão certamente como se estivesse em uma floresta a noite, com lobos que conseguia ouvir mas não ver, caminhando por entre árvores...

Prontos para atacá-la.

No banheiro, Tohr se secou e se inclinou para o espelho. A marca de mordida em seu ombro já começava a curar, sua pele se juntando novamente por sobre os furos, tudo sendo selado perfeitamente. Pena – ele queria que as feridas ficassem com ele por um tempo.

Havia orgulho em ser marcado daquele jeito.

Ainda assim, ele decidiu usar uma camiseta com manga ao invés de regata por baixo da jaqueta. Não havia motivo para expor aquilo aos Irmãos. Aquela merda era particular – só entre ele e Autumn.

Maldição... Aquela fêmea era incrível.

Apesar do estresse sob o qual ela andava, apesar daquele encontro com Lassiter na escada, apesar do fato de ele ter começado a tocá-la somente porque achava que devia, no final, e como de costume, tinha sido tudo sobre o sexo, o cru e selvagem sexo: Autumn era como um vórtex, em torno do qual ele girava, o agarre erótico que ela tinha sobre seu corpo atraindo-o, e então o mandando de volta à superfície, em busca de ar... Antes de puxá-lo novamente.

Nisto, ele tinha de confessar, ele tinha mesmo ido adiante.

Doía admitir, e algumas vezes ele se deitava lá depois, com os dois recuperando o fôlego e esfriando o suor em seus corpos, aquela dor familiarafiava-se como uma ponta de adaga em seu peito.

Ele não achava que iria jamais se livrar desta sensação.

E ainda assim, a cada amanhecer, ele a buscava e a tomava... E ele tinha toda intenção de repetir a dose dali a doze horas.

Saindo do banheiro, ele a encontrou ainda na cama. Ela tinha se encurvado na direção da janela e estava deitada de lado com os lençóis a seu redor.

Ele a viu pelada.

Completa. Fodidamente. Pelada.

A imagem fez seu corpo endurecer imediatamente, seu sexo repuxando nos quadris. E como se ela conseguisse sentir sua excitação, gemeu em um ronronar erótico e ondulou. Puxou as partes das cobertas que a cobriam e moveu a perna dela para frente, expondo o sexo dela que cintilava.

– Oh, inferno, – ele grunhiu.

Seu corpo foi a ela sem um pensamento ou decisão, rastreando-a com tal foco que ele não teria matado quem estivesse no caminho: ele simplesmente pisaria em tal pessoa e então esperaria para cometer o assassinato depois que tivesse terminado as coisas com ela.

Subindo no colchão, ele pegou o pau com a mão e encaixou-se nela por trás, pressionando a cabeça em seu centro. Ele foi cuidadoso ao penetrá-la, só em caso que ela estivesse dolorida, e então esperou, apoiando-se sobre ela para ter certeza de que ela o queria de novo, tão rápido.

Quando tudo o que ela fez foi gemer seu nome em satisfação, ele começou a bombear.

Molhado, suave, quente...

Ele a tomou sem pedir licença e gostou da liberdade de fazer isto. Ela ainda era de complexão frágil, mas era mais forte do que parecia, e nos últimos meses, ele tinha aprendido a permitir-se, porque sabia que ela gostava também.

Com uma das mãos no quadril dela, ele reposicionou o seu corpo de forma que pudesse ir ainda mais profundo. E é claro, havia outra vantagem nesta posição: ele conseguia ver a si mesmo entrando e saindo dela, olhando a crista da cabeça aparecer antes de se aprofundar, só para voltar a quase sair dela novamente. Ela estava rosada e inchada, e ele estava duro e brilhando graças a ela...

– *Porra*, – Ele exclamou quando começou a gozar de novo.

Ele a montou enquanto se liberava, sentindo-a gozar com ele, seu sexo ordenhando. E ele olhou o show até que fechou os olhos – o que era bom, porque ele ainda podia vê-la por trás de suas pálpebras.

Depois de terminar, ele quase caiu sobre ela, mas segurou-se a tempo. Baixando a cabeça, encontrou sua boca no alto da espinha, e tomou vantagem da proximidade, esfregando os lábios em sua pele.

Sabendo que devia dar um descanso para ela, forçou-se a se afastar e sair dela. Só que enquanto ele se libertava, ele teve de cerrar os dentes ante a visão do quão preparada ela ainda estava para ele.

Plantando as mãos na sua bunda perfeita, ele a abriu para sua língua. Merda... O gosto dela e dele misturados, a sensação do sexo suave, liso contra sua boca...

Quando ela começou a ficar inquieta, como se estivesse quase lá, mas não o suficiente, ele lambeu três dedos e deslizou-os para dentro dela, enquanto continuava a lambê-la. Aquilo fez a mágica. Enquanto ela gritava seu nome e convulsionava em seu rosto, ele sorriu e ajudou-a através dos tremores que a inundavam.

E então era hora de parar. Ponto final.

Pela última semana ou mais, ele estivera nela toda – o que era o motivo pelo qual ele se forçava a ir malhar hoje. Ela parecia cansada, e a razão? Ela insistia em trabalhar a noite, e ele não a deixava em paz durante os dias.

Autumn rolou de modo que deitou de bruços; então ela colocou um joelho para o lado e arqueou as costas. Pedindo mais.

– Jesus, – ele gemeu. – Como vou conseguir deixar você?

– Não deixe. – Ela disse.

Não foi preciso pedir duas vezes. Ele a tomou por trás de novo, erguendo seus quadris, agarrando-os e elevando a pélvis dela de modo que pudesse ir bem fundo. Ele terminou com um antebraço por baixo da cintura dela, apoiando seu peso com a outra mão, trabalhando-a, apertando-a até que seus corpos explodiram de novo e a

cama fez aquele barulho novamente. Ele gozou com uma maldição, seu orgasmo explodindo para fora dele como se não tivesse sexo há meses.

E ele ainda tinha fome dela. Especialmente quando ela gozou também.

Depois que as coisas se aquietaram, eles se deitaram no colchão, de conchinha. Acarinhando-a com o nariz no pescoço, ele se preocupou pelo modo como vinha tratando-a na cama.

Como se ela soubesse que ele precisava de algumas confirmações, ela se esticou para trás e acariciou seu cabelo.

– Você me faz me sentir maravilhosamente.

Talvez. Mas ele se sentiu mal pelas exigências que andava fazendo ao corpo dela. – Posso lhe dar banho agora?

– Oh, seria maravilhoso. Obrigada.

Voltando ao banheiro, ele foi à Jacuzzi, ligou a torneira e jogou sais de banho.

Enquanto ele checava a temperatura da água e fazia um ajuste mínimo, percebeu que gostava de cuidar dela. Percebeu também que ele encontrara várias maneiras de fazer isto. Arranjava desculpas para levá-la para cima e alimentá-la em particular. Comprara roupas para ela pela Internet. Parara no Walgreens e CVS para arranjar-lhes suas revistas favoritas como *Vanity Fair*, *Vogue* e *The New Yorker*.

Sempre se certificava de que houvesse Pepperidge farm Milanos⁶⁷ aqui em cima, caso ela tivesse vontade.

E ele não era o único cuidando dela e mostrando-lhe novas coisas.

Xhex vinha a casa para vê-la, pelo menos uma ou duas vezes por semana. Juntas, as duas iam ao cinema para ver filmes. Ou iam aos melhores lugares da cidade, onde Autumn pudesse ver casas bonitas. Ou iam aos mercados e lojas que ficavam abertos até tarde – onde elas compravam coisas com o dinheiro que Autumn ganhara com seu trabalho.

Inclinando-se, testou a água, mexeu na temperatura de novo, e pegou algumas toalhas para ela.

⁶⁷ Marca de biscoito do tipo cookie.

Por sua vez, o deixava um pouco inquieto que ela estivesse lá fora com tantos humanos loucos, *lessers* violentos e os ventos não confiáveis do destino. Mas no final das contas, Xhex era uma assassina completa, e ele sabia que ela protegeria sua mãe se alguém ousasse espirrar na direção delas.

Ademais, quando mãe e filha saíam, Autumn sempre voltava com um sorriso no rosto. O que colocava um sorriso no rosto dele.

Cristo, eles chegaram tão longe desde a primavera. Eles eram quase duas pessoas diferentes.

E então o que mais restava?

Movendo as mãos na água inquieta da banheira, ele imaginou com desespero o que caralhos faltava entender...

Capítulo CINQUENTA E CINCO

Duas noites depois, Xhex despertou com uma estranha convicção a perseguindo. Como se ela tivesse engolido seu despertador durante o dia e a coisa estivesse alarmando em sua barriga.

Intuição. Ansiedade. Pavor.

Nenhum botão de soneca naquela merda.

Enquanto tomava banho, continuou a ser perseguida pela sensação de que forças invisíveis e desconhecidas estavam se unindo, que a paisagem mudaria, que as peças de xadrez de várias pessoas estavam prestes a serem movidas, não por suas próprias mãos, para lugares que não faziam parte de suas estratégias.

Ela esteve presa a essa preocupação durante a curta viagem ao centro de Caldwell; persistente quando as coisas começaram no Iron Mask.

Incapaz de aguentar muito mais tempo, ela removeu seus cílios e saiu para a cidade mais cedo do que costumava fazer. E enquanto se desmaterializava de telhado em telhado procurando os Bastardos, ela teve uma sensação... Esta noite era a noite.

Mas para quê?

Com aquela pergunta pesando sobre ela, foi especialmente cuidadosa para ficar longe de onde os Irmãos estavam lutando.

O fato que se comprometeu a dar um amplo espaço a eles era provavelmente o maior fator em sua demora em encontrar aquele rifle. O Bando de Bastardos estava em campo todas as noites, mas como as escaramuças com a Sociedade Lessening tendiam a acontecer somente nas partes desertas da cidade, era difícil chegar perto o suficiente mantendo uma distância de John e da Irmandade.

Sim, ela tinha algumas mentes que eram novas em seu repertório, mas era difícil isolar quem era Xcor – e embora fosse acadêmico, porque precisava que apenas um daqueles soldados cometesse um deslize, fosse ferido e tivesse que ser

levado de volta para o seu esconderijo em um carro que ela pudesse acompanhar, queria conhecer intimamente seu maior alvo.

Checar seus segredos do lado de dentro.

Que ela não chegara a lugar nenhum até agora a estava deixando doida. E os Irmãos não estavam loucos por isso também, embora por outro motivo: eles queriam apenas tirar os outros lutadores fora de combate, mas Wrath bateu naquela tecla: eles precisavam do rifle primeiro, então o rei declarou aquele renegado grupo de traidores fora dos limites até que ele tivesse a prova que precisava. Logicamente falando, a proclamação fazia sentido – nada de bom viria de sacrificar todos eles e em seguida tentar acalmar a *glymera* com uma desculpa tipo oh-mas-eles-atiraram-em-mim. Mas noite após noite era duro.

Pelo menos eles tinham uma coisa a seu favor: era improvável que aquele rifle tivesse sido destruído.

O B.d.B. iria gostar de manter aquela merda como troféu, sem dúvida.

Porém estava na hora de acabar com isso. E talvez esta coisa de premonição que a estava balançando significava que ela estava finalmente chegando lá.

Sob aquele ângulo, e sob a teoria de que fazer a mesma coisa inúmeras vezes esperando um resultado diferente era insano, ela decidiu parar de procurar por Xcor.

Não, hoje à noite ela estaria atrás de Assail – e pelo que se sabe, ela localizou sua marca no teatro do distrito... Dentro da Galeria de Arte Benloise, naturalmente.

Uma rápida mudança na rua um nível abaixo e ela examinou uma festa que estava acontecendo na instalação.

Embora os entendidos em arte fossem perfeitamente capazes de vestir couro e considerá-lo traje de negócios, ela escorregou dentro...

Quente. Apertado. Um monte de egocêntricos ecoando ao redor.

Putz, num lugar como este você não podia saber o sexo das pessoas – todos faziam trejeitos com as mãos e tinham as unhas feitas.

Assim que deu dois passos pela porta, lhe foi prontamente oferecida uma taça de champanhe – como se fanfarrões com ilusões de ser Warhol⁶⁸ corressem com Veuve Clicquot.

– Não, obrigada.

Enquanto o garçom, um cara de boa aparência de preto, deu-lhe um pequeno aceno com a cabeça e saiu tranquilamente, ela quase o puxou de volta só pela companhia.

Sim, puxa, havia tantas sobrelhas arqueadas e narizes erguidos que você se perguntava se essas pessoas aprovavam a si mesmas. E um olhar rápido ao redor na “arte” disse que ela e sua mãe tinham que vir aqui – só então Autumn poderia ter uma ideia de quão verdadeiramente hediondos e indulgentes demais algumas formas de autoexpressão podiam chegar a ser.

Humanos totalmente idiotas.

Com firme determinação, ela abriu seu caminho através de todos os ombros, girando de tal forma que se esquivasse dos outros garçons. Ela não se deu ao trabalho de esconder seu rosto. Rehv lidava com todos os seus negócios sozinho ou com Trez e iAm, de modo que ninguém aqui a reconheceria.

Rapidamente, ela identificou o caminho para o escritório de Benloise. Era tão malditamente óbvio: dois capangas vestidos como garçons, mas sem carregar bandejas, estavam de pé de cada lado de uma porta praticamente perfeita cortada numa parede divisória coberta por um pano.

Assail estava no segundo andar. Ela podia senti-lo claramente...

Mas chegar até ele era outra coisa. Era complicado tentar se desmaterializar em espaços desconhecidos. Provavelmente havia uma escada na parte mais distante que estava sendo guardada, mas ela não queria ficar cheia de buracos igual a um queijo suíço tomando sua forma ali no meio.

Além do mais, ela sempre podia pegar o cara na saída. As chances eram boas que ele entrasse pela parte de trás e saísse da mesma maneira. Ele era cauteloso, e sua visita não era sobre a maldita arte.

⁶⁸ Warhol cineasta, empresário e pintor norte-americano, conhecido por reinventar a pop art, introduzindo a serigrafia pintando rostos famosos como de Marilyn Monroe em anúncios publicitários.

Boa coisa também, como era difícil ver cotonetes colados em um recipiente Tupperware⁶⁹ montados num vaso sanitário como qualquer coisa além de lixo.

Posicionando-se mais profundamente no edifício, ela deslizou por uma porta de acesso restrito apenas para funcionários e se viu num lugar de armazenamento com piso de concreto que cheirava a pó de giz e lápis. No alto, lâmpadas fluorescentes estavam presas ao teto, penduradas no alto e com tubulações e fiações expostas escavadas pelas vigas como toupeiras em um gramado. Escrivaninhas e arquivos foram colocados lado a lado, o centro do espaço permanecendo vazio, como se as grandes instalações fossem usadas regularmente como passagem pelos fundos.

As portas duplas em frente eram feitas de aço e tinham alarme de segurança conectado a elas...

– Talvez eu possa lhe ajudar.

Não foi uma pergunta.

Ela deu meia volta.

Um dos seguranças a seguiu para dentro e estava parado com seus pés separados e sua jaqueta aberta, como se tivesse uma arma ali.

Revirando os olhos, ela acenou com uma mão e o pôs num transe temporário. Então, colocando um pensamento em sua mente que não havia nada de anormal acontecendo, ela o enviou de volta ao seu posto – onde ele relataria ao seu grande amigo bundão, que de fato não havia *nada de incomum acontecendo*.

Não era exatamente uma ciência espacial com esses homo sapiens. Mas só por segurança, ela fritou as câmeras de segurança enquanto ia para as portas de trás. Merda. Um olhar para o modo como os painéis de aço estavam conectados e ela decidiu não seguir em frente e arriscar um incidente envolvendo a polícia.

Se quisesse estar no beco teria que trabalhar por isso.

Xingando, ela voltou para a festa. Levou uns bons dez minutos para abrir caminho através de todas aquelas pessoas de gosto questionável e ego indiscutível, e

⁶⁹ Tupperware é o nome de uma empresa estadunidense da indústria dos plásticos e, simultaneamente, o nome do produto plástico produzido e vendido pela empresa, especialmente recipientes para utilização na conservação e preparação de alimentos.

logo que estava do lado de fora no ar da noite, ela se desmaterializou até o telhado e caminhou para o outro lado.

O carro de Assail estava estacionado no beco abaixo, virado para a saída.

E ela não era a única olhando para ele...

Putá... Merda...

Xcor estava nas sombras esperando pelo macho também.

Tinha que ser ele – quem quer que fosse tinha um bloqueio em seu âmago a tal ponto, que havia uma pequena superestrutura a ser lida: por hábito ou por trauma, ou provavelmente um pouco de ambos, as três dimensões se encolheram uma na outra até que formaram uma massa firme e retorcida, que era impossível para ela conseguir uma merda sobre qualquer emoção.

Cara, ela viu impressões como estas de tempos em tempos. Geralmente significavam problemas reais, enquanto o indivíduo era capaz de tudo.

Por exemplo, você precisaria justamente deste tipo de núcleo fechado para ter bolas para fazer uma corrida para o rei.

Aquele era seu alvo. Ela *sabia* disso.

E agora que se trancou naquela mente mutilada, ela recuou, desmaterializando-se para o telhado de um edifício alto, um quarteirão distante dali. Ela não queria assustar o filho da puta ficando muito perto, e daqui ela ainda tinha uma linha de visão adequada para o Jaguar.

Merda, se seu radar apenas tivesse um alcance maior: ela poderia ir talvez uma milha com seu lado *sympath*, mas aquilo a estava empurrando, seus instintos fortalecidos, só que de curto alcance. Então se ele se desmaterializasse para uma grande distância? Ela o perderia...

Enquanto esperava, ela se perguntou mais uma vez sobre a conexão de Xcor com Assail. Infelizmente para aquele aristocrata, se ele estivesse financiando a revolta, mesmo indiretamente, ele mesmo se encontraria direto sob fogo cruzado.

Nem era um bom lugar para estar.

Cerca de meia hora mais tarde, Assail surgiu da parte de trás da galeria.

Ele sabia que o outro macho estava ali... E proferiu algum tipo de comentário precisamente para onde Xcor estava.

A brisa fria e o barulho da cidade matou o som de qualquer troca ocorrida entre o par, mas ela não precisava de dublagem para entender a essência: as emoções de Assail mudavam até que ela teve que aprovar a antipatia e desconfiança que ele sentia em direção a quem ele estava falando. O macho fechadão, naturalmente, não dava nada de graça.

E então Assail decolou. E a outra mente também.

Ela seguiu o rastro do último.

Como tantas coisas na vida, em retrospecto, o que aconteceu com Autumn por volta das onze horas da noite fazia sentido. Os indícios estiveram lá por meses, mas como costumava acontecer nesses casos, quando você estava deixando a vida lhe levar, acabava interpretando mal os sinais, lia errado a posição da agulha na bússola, confundindo uma coisa pela outra.

Até que estivesse num destino que não era nada com o que você teria escolhido, e não era algo que você poderia se afastar.

Ela estava no centro de treinamento, levando uma pilha de lençóis quentes da secadora quando a tempestade a atingiu.

Depois, muito depois, uma vida mais tarde, ela se lembraria com clareza de sentir aquele calor suave contra seu tórax, o calor escavando em seu ventre e fazendo o suor brotar em sua testa.

Ela lembraria para sempre de se virar para o lado e colocar os macios lençóis brancos no balcão.

Porque quando ela deu um passo para trás, ela sentiu seu período de necessidade bater pela segunda vez em sua vida.

A princípio parecia como se ainda estivesse segurando os lençóis, o calor permanecendo com ela junto com um peso em sua barriga, como se ainda estivesse carregando um fardo.

Enquanto a transpiração escorria pelo seu rosto, ela deu uma olhada para o termostato na parede, pensando que estava com defeito ou posicionado numa temperatura muito elevada. Mas não, estava marcando vinte e um graus.

Com o cenho franzido ela baixou o olhar para si mesma. Embora vestisse apenas uma camiseta e o que eles chamavam de “calças de ioga”, era como se estivesse com a parka que usou lá fora com Xhex...

Uma câimbra percorreu seu baixo ventre, socando suas entranhas, suas pernas cambaleando até que não teve escolha a não ser se permitir descer para o chão. E isso era uma coisa boa, pelo menos temporariamente. O concreto estava frio e se estendeu sobre ele – até que a próxima grande crise a agarrou.

Pressionando suas mãos em sua pélvis, ela se enrodilhou toda tensa, lançando sua cabeça para trás enquanto tentava escapar do que avassalava seu corpo.

E então aquilo começou.

Seu sexo, que esteve latejando um pouco desde que ela e Tohr ficaram juntos naqueles ásperos e intensos acasalamentos antes dele partir, ganhou sua própria pulsação, seu núcleo implorando pela única coisa que lhe daria alívio.

Um macho...

O desejo sexual bateu tão violentamente que não poderia ter resistido se tivesse que fazer, não poderia ter pensado em qualquer outra coisa que escolhesse, não poderia ter falado palavras inteligíveis se quisesse.

Isto era muito pior do que foi com o *symphath*.

E isso era culpa sua... Isso era *tudo* culpa sua...

Ela não foi até o Santuário. Isso foi... Querida Virgem Escriba, passaram-se meses desde que permaneceu neste Outro Lado para regular o seu ciclo. Na verdade não houve necessidade de se renovar com sangue porque Tohr a alimentou, e não queria perder nenhum momento com ele.

Ela deveria saber que isso aconteceria...

Cerrando os dentes, ela arquejou duramente através de outro pico. Então, justamente quando cedeu e ela estava prestes a gritar por socorro, a porta se abriu de fora a fora.

O Dr. Manello parou bruscamente, seu rosto uma máscara de confusão.

– O que...

Ele caiu contra o umbral da porta, e abruptamente cobriu a frente dos seus quadris com as mãos.

– Você está bem?

Com o desejo aumentando novamente, ela captou uma imagem fugaz dele saindo da posição em que ele se encontrava parado, entretanto suas pálpebras pesaram e seu maxilar se trancou e ela ficou momentaneamente perdida.

De longe ela o ouviu dizer.

– Deixe-me trazer a Jane.

Buscando mais o chão frio, Autumn rolou de costas, mas como seus joelhos não se desdobraram, ela não teve contato suficiente com a superfície. Virou de lado. Então de bruços, embora suas pernas quisessem recuar contra seu peito.

Empurrando-as para baixo com suas mãos, ela tentou assumir o controle da sensação e manipular sua posição, tentou achar outro arco, fôlego ou estender seus braços ou coxas para trazer alívio.

Não havia nenhum. Ela estava no meio da cova dos leões, dentes enormes de necessidade mordendo dentro dela, rasgando sua carne, quebrando seus ossos. Este era o auge daquelas ondas de calor que ela confundiu com picos de paixão, e as rajadas de calafrios que ela atribuiu a premonições, e os surtos de náuseas que ela culpou às grandes refeições. Isso era exaustão. O apetite. Provavelmente o sexo quente que ela teve ultimamente com Tohrment.

Conforme gemia, ela ouviu seu nome e pensou que alguém estava falando com ela. Mas não foi até que o desejo diminuiu que ela pode abrir seus olhos e ver que sim, de fato ela não estava sozinha.

Doutora Jane estava ajoelhada diante dela.

– Autumn, você pode me ouvir?

– Eu...

A mão pálida da curadora tirou os fios loiros embaraçados para longe do seu rosto.

– Autumn, acho que esta é a sua necessidade, estou certa?

Autumn acenou até que a onda de hormônios ressurgiu, roubando-a de tudo, menos da necessidade premente de alívio sexual.

Que seu corpo sabia que poderia vir apenas de um macho.

Seu macho. O que ela amava.

Tohrment...

– Ok, ok, vamos chamá-lo...

Autumn estendeu uma mão e agarrou o braço da outra mulher. Forçando seus olhos a trabalhar, ela prendeu a curandeira com uma dura exigência.

– Não o chame. Não o ponha nessa posição.

Isso o mataria. Atendê-la em sua necessidade? Ele nunca faria isso – sexo era uma coisa, mas ele já havia perdido um filho...

– Autumn, querida... A escolha é dele, você não acha?

– Não o chame... Não se atreva a chamá-lo...

Capítulo CINQUENTA E SEIS

Qhuinn odiava as noites de folga. Desprezava completamente.

Quando se sentou em sua cama, olhando fixamente para uma TV que não estava ligada, ficou claro para ele que não havia assistido nada durante quase uma hora. Ainda assim, pegar o controle remoto e escolher um canal parecia ser apenas uma trabalhadeira danada para muito pouco em troca.

Droga, estava há apenas a algumas milhas do que poderia correr no ginásio. Apenas algumas navegadas que poderia fazer na internet. Um número limitado de viagens que poderia fazer para cima e para baixo na cozinha...

Sim, e este último era especialmente verdade, já que Saxton ainda estava usando a biblioteca como seu escritório pessoal. Aquelas “coisas supersecretas do rei” o estavam deixando mais maluco que nunca.

Ou isso ou ele estava ficando muito distraído. Por um certo ruivo...

Ok, não vá por aí. Não.

Qhuinn consultou seu relógio novamente. Onze horas.

– Porra.

Sete e meia da noite estava a uma eternidade de distância.

Mudando seus olhos para a parede lisa do outro lado, ele apostava que John Matthew estava na porta ao lado, trancado na mesma monotonia. Talvez eles devessem sair e tomar uma bebida em algum lugar.

Então, novamente, dane-se. Ele realmente queria se dar ao trabalho de se vestir só para tomar uma cerveja com um bando de humanos bêbados e excitados? Em um determinado momento ele teria que fazer sexo com eles. Agora, a perspectiva de toda aquela patética ânsia induzida pelo álcool o deprimia demais.

Ele não queria estar em casa. Não queria sair.

Cristo, ele não tinha certeza se até mesmo queria estar lutando, no que dizia respeito a esse assunto. A guerra parecia apenas uma fatia ligeiramente mais interessante nesse vazio.

Oh, pelo amor de Deus, qual era o seu problema...

Seu telefone fez um bip ao seu lado e o levantou sem qualquer interesse real. O texto não fazia nenhum sentido; *Todos os machos ficam na casa principal. Não entrar no centro de treinamento. Grata, Dra. Jane.*

Hein?

Ele se levantou, agarrou um roupão e foi até John. A batida na porta foi imediatamente respondida por um assovio.

Colocando sua cabeça pra dentro, ele achou seu amigo na mesma posição em que ele mesmo estava antes – exceto que a TV de plasma estava ligada. 1000 maneiras de morrer⁷⁰ no Spike TV. Legal.

– Você recebeu esse texto?

Qual?

– Da Drs. Jane. – Quinn virou seu celular. – Alguma ideia?

John leu e deu de ombros.

Nenhuma pista. Mas eu já malhei. Você?

– Também. – Ele caminhou ao redor do quarto. – Cara, é só eu ou o tempo está se arrastando?

O assovio que ele soltou em resposta foi um grande e redondo *sim*.

– Você quer sair? – Ele perguntou com todo o entusiasmo de alguém sugerindo uma viagem para ir a um salão fazer as unhas.

O movimento na cama atraiu seus olhos ao redor: John estava de pé e se dirigindo ao seu closet.

⁷⁰ 1000 maneiras de morrer é uma série-documentário feita para TV onde recriam e desmascaram mortes aparentemente incomuns e lendas urbanas.

Atravessado profundamente na pele de suas costas, o nome de sua *shellan* estava esculpido no Velho Idioma:

XHEXANIA

Pobre coitado...

Enquanto o macho vestia uma camisa preta de mangas compridas e cobria seu traseiro nu com couro, Qhuinn deu de ombros. Calculou que iriam tomar uma cerveja.

– Vou colocar uma roupa e já volto.

Saindo para o corredor, ele franziu o cenho... E seguiu o instinto que o compelia a pular até o patamar que levava a entrada.

Debruçando-se sobre o parapeito folheado a ouro, ele gritou.

– Layla?

Ante o eco do seu nome, a fêmea emergiu da sala de jantar.

– Oh, oi. – Seu sorriso era automático e vazio, sua expressão o equivalente a uma parede em branco. – Como está se saindo?

Ele teve que rir.

– Você sempre me surpreende com essa alegria extrema.

– Eu sinto muito. – Ela pareceu chateada por sua distração. – Não quis ser rude.

– Não se preocupe com isso. O que está fazendo aqui? – Ele sacudiu sua cabeça. – O que eu quero dizer é, você foi convocada?

Alguém voltou pra casa ferido? Blay, por exemplo...

– Não, não tenho nada para fazer. Estou só jogando conversa fora, como vocês dizem.

Pensando nisso, todo cair da noite ela vinha fazendo muito isso, só rondando por aí, vadiando como se estivesse esperando por algo.

Ela estava diferente, ele pensou de repente. Ele não podia se meter, mas ultimamente ela mudou. Solene. Menos rápida para sorrir. Séria.

Para colocar em termos humanos, ele supôs que ela fora uma menina durante o tempo que ele a conheceu. Agora ela estava começando a parecer com uma mulher. Não mais admirada com os olhos arregalados sobre tudo que este lado da fronteira tinha a oferecer. Não mais brilhando de entusiasmo. Não mais...

Merda, ela parecia bastante como ele e John estavam. Desgastados pelo mundo.

– Ei, quer sair com a gente? – Ele perguntou.

– Sair? Como em...

– John e eu vamos tomar uma bebida. Talvez duas. Talvez mais. Acho que você devia vir com a gente. Afinal, a miséria adora companhia.

Ela se abraçou.

– É tão óbvio?

– Você ainda está linda.

Layla riu.

– Você está sendo encantador.

– Donzela em perigo, você sabe o que fazer. Venha com a gente, vamos apenas matar algum tempo.

Ela olhou ao redor. Então, ela contornou e subiu as escadas. Quando chegou ao topo olhou fixamente para ele.

– Quinn... Eu posso, por favor, lhe perguntar uma coisa?

– Contanto que não seja tabuada de multiplicar. Sou péssimo em matemática.

Ela riu um pouco, mas rapidamente perdeu a leveza.

– Você já pensou que a vida seria tão... Vazia? Algumas noites eu me sinto como se pudesse sufocar com o vazio.

Jesus, ele pensou. Sim, ele já pensou.

– Venha aqui. – disse a ela. Quando ela deu um passo em sua direção, ele a puxou para perto, aconchegando-a contra seu peito e descansando o queixo no topo da sua cabeça. – Você é uma fêmea tão boa, você sabe disso?

– Você está sendo encantador novamente.

– E você ainda está angustiada.

Ela relaxou em seus braços.

– Você é muito bom para mim.

– Digo o mesmo.

– Não é você, sabe. Eu não estou ansiando mais por você.

– Eu sei. – Ele esfregou suas costas como um irmão faria. – Então me diga com quem você está saindo, mas fique avisada. Eu poderia simplesmente fazer você me dizer de quem você está sentindo falta.

O modo como ela se afastou e baixou seus olhos disse a ele que sim, havia um macho envolvido, e não, ela não daria voluntariamente qualquer informação.

– Vou precisar de algumas roupas.

– Vamos tentar o quarto de hóspedes. Acho que vamos encontrá-las ali. – Ele pôs um braço ao redor dos seus ombros e a levou corredor abaixo. – E quanto a esse seu Joe Shmoe⁷¹, prometo não bater nele, a menos que ele parta seu coração. Então eu poderia ter que fazer algum trabalho dental no desgraçado.

Quem diabos poderia ser? Ele se perguntou. Todos na casa estavam vinculados.

Talvez fosse alguém que ela conheceu quando estava no norte, no grande acampamento de Phury? Mas quem deixaria o cara entrar?

Poderia ser um dos Sombras? Hmm... Aqueles bastardos eram machos de valor, com certeza o tipo de coisa que podia definitivamente virar a cabeça de uma fêmea.

⁷¹ Joe Shmoe é um dos nomes fictícios mais usados pelos norte americanos. Aqui no Brasil chamaríamos João da Silva ou José da Silva. Nomes comuns usados para quem não quer se identificar. O Shmoe também é usado como babaca.

Cara, ele desejava que fosse outra coisa, por causa dela. O amor era duro, mesmo que boas pessoas estivessem envolvidas.

No quarto de hóspedes ele encontrou uma calça jeans e um casaco de lã pretos. Ele não gostava da ideia dela em alguma minissaia – não só porque isso ofendia suas sensibilidades delicadas, mas ele não precisava do Primale fazendo qualquer serviço dentário nele.

Quando eles saíram, John estava esperando no corredor, e se ele ficou surpreso por se juntar à Escolhida não mostrou muita reação. Em vez disso ele foi gentil com Layla, conversando com ela através de gestos labiais enquanto Qhuinn vestia roupas adequadas.

Uns dez minutos mais tarde os três se desmaterializaram no centro da cidade – porém não nos bares: nem ele nem John estavam interessados em escotar uma Escolhida dentro do Screamer's ou no Iron Mask. Em vez disso eles acabaram no bairro do teatro, num lugar que servia sobremesas, ficava aberto até uma da manhã e servia licor de chocolate, bem como aquelas coisinhas envolvidas no que quer que sejam cobertas com blá-blá-blá num prato escaldante, hum, sim. As mesas eram pequenas, as cadeiras também e eles se sentaram em frente à saída de emergência traseira, acautelando-se quando a garçonete continuava a matraquear sobre os especiais do dia, nenhum dos quais eram apelativos.

A seleção da cerveja foi misericordiosamente curta e ao ponto.

– Duas Black e Tan⁷² para nós. – ele disse. – E para a dama?

Quando ele olhou de relance para Layla, ela balançou sua cabeça.

– Não consigo me decidir.

– Pegue dois do que mais lhe apetecer.

– Certo... Vou querer o Crème Brûlée e a Torta Lua⁷³. E um cappuccino, por favor.

A garçonete sorriu enquanto escrevia em seu bloco.

– Adoro seu sotaque.

⁷² Black e tan é uma mistura de duas cervejas, uma clara e uma escura, na maioria das vezes uma Guinness e uma Harp.

⁷³ Moon pie - é uma massa que consiste de dois redondos biscoito, com recheio de marshmallow, mergulhado em chocolate. Vulgo Alfajor.

Layla inclinou sua cabeça graciosamente.

– Obrigada.

– Não posso localizá-lo, francês e alemão? Ou... Húngaro?

– Aquelas cervejas caíam bem agora. – Qhuinn disse firme. – Estamos com sede.

Quando a mulher saiu, ele examinou cuidadosamente os outros clientes, marcando seus rostos e cheiros, escutando a conversa, imaginando se havia algum ataque vindo. Do outro lado John estava fazendo o mesmo. Por que sim, era tão relaxante levar uma Escolhida para passear mundo afora.

– Nós não somos uma companhia muito boa. – ele disse para Layla depois de um tempo. – Desculpe.

– Eu também não. – Ela sorriu para ele e depois para John. – Mas estou gostando de estar fora de casa.

A garçonete voltou com o pedido e todos se afastaram da mesa enquanto copos, pratos, xícaras e pires eram dispostos.

Qhuinn agarrou seu copo alto assim que a barra ficou limpa.

– Então nos conte sobre ele. Somos de confiança.

Do outro lado da mesa, John parecia como alguém que teve as bochechas da sua bunda agarradas e apertadas, especialmente quando Layla corou.

– Qual é. – Qhuinn tomou um gole de sua cerveja. – É óbvio que se trata de um macho e John não dirá uma palavra.

John olhou por cima dela e assinalou; em seguida Qhuinn se exibiu em grande velocidade.

– Ele diz, hã, que ele é mudo. – Qhuinn traduziu. – E se você não sabe o que significa aquele gesto final, não serei eu a dizer. – Layla riu e levantou seu garfo, rompendo a superfície dura do Crème Brûlée.

– Bem, realmente estive esperando vê-lo novamente.

– É por isso que estava rondando por aí?

– É errado?

– Deus, não. Você é sempre bem-vinda, você sabe disso. Mas quem é o cara sortudo?

Ou morto, dependendo...

Layla respirou profundamente e deu duas garfadas da sua primeira sobremesa – como se a coisa fosse um V&T.

– Promete que não vai contar a uma alma?

– Sinal da cruz, prometo morrer, toda essa merda.

– Ele é... Um dos seus soldados.

Qhuinn baixou seu copo para a mesa.

– Desculpe?

Ela ergueu sua xícara e sorveu da beirada.

– Lembra quando aquele lutador entrou no centro de treinamento por volta do outono, ele estava com você contra os lessers? Ele foi ferido gravemente e vocês foram cuidar dele?

Enquanto John se sentava endireitando-se alarmado, Qhuinn engoliu seu próprio porra-dos-infernos e sorriu suavemente.

– Oh, sim. Nós nos lembramos.

Throe. Segundo tenente do Bando dos Bastardos.

Puta merda, se ela pensou que estava com ele, eles tinham um problemão.

– Eeeee... – ele iniciou, forçando sua voz a se manter estável. Boa coisa que ele baixou o Guinness, ele estava estressado o suficiente para esmagar o copo.

Então novamente, ele supôs que a merda poderia ser pior. Throe não seria capaz de chegar em nenhum lugar perto dela...

– Ele me chamou.

Layla começou a beliscar sua torta lua, e foi uma maldita boa coisa. Ele e John, ambos desnudaram suas presas.

Humanos, ele lembrou a si mesmo. Eles estavam em público com os humanos... Agora não era hora para exposição canina. Mas *porra*...

– Como? – Ele silvou, só para falar novamente. – Quero dizer, você não tem um telefone celular. Como ele chegou até você?

– Ele me convocou. – Enquanto ela fazia um gesto com sua mão como se não fosse grande coisa, ele disse ao seu homem das cavernas interior para fechar o bico, filhinho. Haveria tempo para resolver os *comos* mais tarde. – Eu fui e ali havia outro soldado, ferido gravemente. Oh, Deus, ele foi tão espancado.

Tentáculos de puro pânico arrepiaram toda a volta do pescoço dele e se fixaram no seu peito, aumentando sua frequência cardíaca. Não... oh, merda... não...

– Não entendo por que os machos são tão teimosos. Eu disse a eles que o trouxessem para a clínica, mas disseram que ele só precisava se alimentar. Ele estava tendo dificuldade de respirar e... – Layla se fixou na torta lua como se fosse uma tela, como se estivesse se lembrando de cada coisa que tinha acontecido. – Eu o alimentei. Quis cuidar dele ainda mais, mas o outro soldado parecia estar com pressa de levá-lo embora. Ele era... Poderoso, tão poderoso, mesmo ferido. E quando ele olhou pra mim... Eu me senti como se ele estivesse me tocando. Foi como nada que eu já conheci antes.

Qhuinn disparou um olhar para John sem mover sua cabeça.

– Como ele se parecia?

Talvez ele fosse um dos outros. Talvez não fosse...

– É difícil dizer. Seu rosto estava bastante ferido, esses *lessers* são cruéis. – Ela levou sua mão até a boca. – Seus olhos eram azuis e seu cabelo escuro... Seu lábio superior era retorcido...

Enquanto ela continuava falando, a audição de Qhuinn fez uma pausa.

Alcançando-a, ele pôs sua mão em seu braço a interrompendo.

– Amor, um momento. Esse primeiro soldado lhe chamou para onde?

– Era um prado. Um campo numa fazenda.

Como se um litro de sangue fosse drenado de sua cabeça, John começou a abrir sua boca e formar vários palavrões e estava malditamente certo sobre tudo aquilo. A ideia de Layla sair sozinha de noite e indefesa, não apenas com Throe, mas com o coração da besta?

Mais ainda... Puta merda, ela alimentara o inimigo.

– O que está errado? – Ele a ouviu perguntar. – Qhuinn...? John...? Qual é o problema?

Capítulo CINQUENTA E SETE

No outro lado da cidade, no Distrito Meatpacking, Tohr sacou as duas adagas negras preparando-se para atacar. Z e Phury estavam apenas a uma quadra longe dele, mas não havia nenhuma razão para chamá-los e não por que ele desejasse a merda do desejo da morte de novo.

Estes dois *lessers* à sua frente estavam sofrendo de um caso fantástico de vagabundagem, eles estavam apenas andando relaxadamente juntos como se não tivessem nada melhor para fazer do que gastar as solas de suas botas.

A Sociedade estava recrutando mais membros, pensou, cavando mais fundo na piscina dos canalhas antissociais. E, então, uma vez que eles eram admitidos, os filhos de uma cadela não estavam recebendo suporte ou treinamento suficientes.

Ao seu lado, o telefone vibrou quando um texto apareceu, mas ele ignorou partindo em uma corrida. A cobertura de neve ajudou a abafar o som de suas botas, e graças ao ar frio soprando nele, ele não exalava nenhum cheiro, impedindo-os de percebê-lo – não que estes tolos perceberiam.

No último instante, no entanto, alguma coisa caiu às suas costas e eles olharam para trás.

Ele não poderia ter pedido uma resposta melhor.

Ele cravou os dois no pescoço, o que rasgou suas carótidas, abrindo uma segunda boca abaixo de seus queixos. Conforme suas mãos subiam, ele rasgava o espaço entre elas e rodou ao redor, pronto para escoltá-los ao chão, se necessário.

Oh, mas não. Os maricas já estavam de joelhos.

Assobiando entre os dentes, ele sinalizou para os outros sacando seu telefone para ligar solicitando a limpeza de Butch.

Ele congelou. O texto que tinha chegado era da Dra. Jane: eu preciso que você venha para casa agora.

– Autumn...? – Quando seus Irmãos vieram derrapando ao virar a esquina, ele olhou para cima. – Eu tenho que ir.

Phury franziu a testa.

– O que está acontecendo?

– Eu não sei.

Ele se desmaterializou no mesmo lugar, andando como um fantasma ao norte. E se ela estivesse machucada? Talvez em baixo trabalhando na clínica? Ou... O inferno do caralho. E se ela estiver fora, na cidade com Xhex e alguém a tinha agredido?

Quando se materializou nos degraus em frente à mansão, ele quase quebrou as portas do vestíbulo. Boa coisa Fritz reduzir a necessidade de um carpinteiro e dar conta das necessidades internas rapidamente.

Tohr passou voando pelo mordomo em uma corrida mortal. Ele estava malditamente certo que o sujeito estava conversando com ele, mas não houve nenhum sinal desta ou de qualquer outra conversa. Alcançando a porta secreta debaixo da escada, ele saiu em uma corrida rápida em disparada pelo túnel subterrâneo.

A primeira pista de que algo estava errado chegou quando ele irrompeu no almoxarifado e no escritório.

Seu corpo enlouqueceu, os sinais de seu cérebro isolados por uma interferência e uma mudança de foco que não fazia sentido: uma ereção, espessa e comprida, perfurou seu couro, sua cabeça nadando com uma súbita e esmagante necessidade de chegar até Autumn e...

– Ah, porra... Não... – O som áspero de sua voz foi cortado por um grito emitido de algum lugar do corredor, estridente e horrível, era o de uma fêmea com uma dor horrível.

Seu corpo respondeu imediatamente, tremendo quando uma necessidade absoluta o atingiu. Ele tinha que chegar a Autumn, a menos que ele a servisse, ela ia passar as próximas dez ou doze horas no inferno, ela precisava de um macho dentro dela, cuidando dela...

Tohr avançou para a porta de vidro, braço estendido, a mão pronta para empurrar a frágil barreira transparente de lado.

Ele simplesmente segurou-se enquanto abria caminho.

Que diabos ele estava fazendo? Que diabos ele estava fazendo?

Outro grito ecoou até ele quando uma onda de instinto sexual quase o deixara de joelhos. Enquanto obscurecia o seu raciocínio mais lógico novamente, seus padrões de pensamentos paralisaram quando tudo em que ele podia pensar era estar montando Autumn e aliviar seu tormento.

Mas quando os hormônios baixaram, o seu cérebro começou a funcionar novamente.

– Não – ele gritou. – Não, de jeito nenhum.

Afastando-se da porta, ele se movimentou para trás até que bateu na mesa e segurou a única coisa que o impedia de dar uma próxima investida.

Imagens da necessidade de Wellsie, aquela quando tinham concebido seu filho, e o ataque incessante tão inegável quanto seu corpo solicitava. Sua Wellsie sofreu tanta dor, a dor incapacitante...

Ele tinha ido para casa antes do amanhecer, com fome, cansado, pensando que estava indo desfrutar de uma boa refeição e um pouco de TV ruim antes de adormecerem um contra o outro... Mas assim que ele entrou na sua garagem, ele teve a mesma resposta com a qual lutava agora: um impulso irresistível para acasalar.

Havia apenas uma coisa que causava esse tipo de reação.

Wellsie seis meses antes, fê-lo jurar, sobre a base sagrada do seu acasalamento, que quando ela entrasse no próximo estado de necessidade, ele não a drogaria. Cara, eles tiveram uma briga por causa disso. Ele não queria perdê-la no parto, como um monte de machos compromissados, ele ao contrário teria permanecido sem filhos para o resto de suas longas vidas juntos, do que ficar sem nada.

E sobre você lutar? Ela gritou com ele. Você enfrenta sua própria maldita morte de parto a cada noite.

Ele agora não conseguia lembrar o que ele havia dito a ela na época. Sem dúvida, ele tentou acalmá-la, mas não funcionou.

Algo acontece com você, ela disse, eu também não tenho nada. Você acha que eu não passo por esse prova, todas as fodidas noites?

O que ele havia dito? Foda-se, ele não sabia. Mas ele podia imaginar seu rosto claro como o dia quando ela olhou para ele.

Eu quero um jovem, Tohr. Um pedaço de nós dois, juntos. Eu quero uma razão para continuar vivendo, se você não quer... Porque é isso que eu vou ter que fazer. Vou ter que continuar vivendo.

De maneira nenhuma eles sabiam que ele seria o único deixado para trás. Que o jovem não existiria por que ela morreu. Que todas as coisas que lutaram naquela noite não foram as preocupações corretas.

Mas a vida era assim. E assim que ele entrou em casa, ele quis chamar Havers, tinha até mesmo ido até o telefone. Mas no final, como de costume, ele não tinha sido capaz de negar nada a ela.

E ao invés do sangramento após o período de necessidade ter passado, ela estava grávida. Excitação mal conseguia descrever sua alegria...

O grito seguinte foi tão alto, que foi um milagre não quebrar a porta de vidro.

Jane invadiu o escritório.

– Tohr! Escute, eu preciso da sua ajuda.

Com as mãos em garra segurando a borda da mesa para se manter no lugar, ele sacudiu a cabeça como um louco.

– Eu não vou fazer isso. Eu não vou servi-la de forma alguma. Eu não vou fazer isso, eu não vou fazer isso, eu não vou fazer isso.

Balbuciando, ele estava malditamente tagarelando. Ele nem sequer ouvia suas próprias palavras quando começou a levantar a mesa e batê-la no chão repetidas vezes, até que algo duro e pesado caiu no chão.

Em algum lugar no fundo da sua mente, ele pensava vagamente que era malditamente irônico estar pirando nesta sala novamente.

Ele descobriu que Wellsie estava morta aqui.

Jane ergueu as mãos para cima.

– Não, espere, eu preciso de sua ajuda, mas não dessa forma.

Outra onda de instinto o fez cerrar os dentes e teve que inclinar a parte superior do seu corpo enquanto ele amaldiçoou.

– Ela me disse para não chamá-lo.

Então porque ele estava aqui? Ah, inferno sangrento, o desejo.

– Então por que você me enviou um texto!

– Ela não vai tomar nenhuma droga.

Tohr balançou a cabeça somente uma vez na tentativa de melhorar sua audição.

– O quê?

– Ela está recusando as drogas. Eu não posso drogá-la sem o seu consentimento, e eu não sei mais quem chamar. Eu não posso localizar Xhex e mais ninguém é próximo a ela. Ela está sofrendo.

– Drogue-a de qualquer jeito.

– Ela é mais forte do que eu. Eu não consigo nem levá-la de volta a cama sem que ela me expulse. Mas isso não é ético, eu não posso tratar alguém que não me deixa. Eu não vou fazer isso. Talvez você possa falar com ela?

A essa altura, os olhos de Tohr começaram a planejar e, na verdade, centrou-se na fêmea. Seu casaco branco estava rasgado, uma lapela pendurada, descuidadamente suspensa como se fosse um retalho de pele branca.

Tohr pensou sobre Wellsie em sua necessidade. Quando ele desceu para seu quarto, parecia que o lugar tinha sido saqueado. A mesa de cabeceira e tudo em cima dela no chão e quebrado. O rádio relógio no chão. Os travesseiros fora do colchão, os lençóis rasgados.

Ele encontrou sua mulher do outro lado, no tapete, em uma bola de agonia. Ela estava nua, ruborizada e suada embora estivesse fria.

Ele nunca esqueceria o jeito que ela olhou para ele e, em meio às lágrimas, implorou para ele dar o que ela precisava.

Tohr a havia montado totalmente vestido.

– Tohr...? *Tohr*...?

– Os outros machos já estão em quarentena? – ele murmurou.

– Sim. Eu mesma tive que enviar Manny para longe. Ele estava...

– Sim. – O cara estava provavelmente chamando Payne do campo. Ou isso, ou gastar um tempo significativo com a mão esquerda. Uma vez que o macho era exposto, ele permanecia duro por algum tempo mesmo que deixasse a vizinhança.

– Eu também disse a Ehlena e ela precisa ficar longe. Eu acho que o ciclo de uma fêmea pode afetar as outras? E ninguém quer estar grávida por aqui.

Tohr pôs as mãos nos quadris e inclinou a cabeça, juntando a merda. Disse a si mesmo que não era um animal para tomar Autumn em qualquer cama que ela estivesse deitada. Ele não era...

Merda, o quanto ele estava disposto a confiar nessa resolução? E o que diabos ela estava pensando? Por que diabos ela não estava tomando os medicamentos?

Talvez isto fosse um plano. Para levá-lo a servi-la.

Ela poderia ter calculado isso?

O próximo grito foi de cortar o coração e ele ficou puto. Ao despertar, ele disse a si mesmo para virar-se para o armário de suprimentos e colocar a coisa em bom uso, exceto que ele não poderia deixar a Dra. Jane. Com certeza, ela tentaria outra vez ajudar Autumn e levar outra patada.

Ele olhou para a curadora.

– Vamos descer juntos, e eu não me importo se ela consentir ou não. Você vai deixá-la fora dessa miséria, mesmo que eu tenha que amarrá-la, porra.

Tohr tomou algumas respirações, levantando seu ânimo.

Jane estava falando com ele, sem dúvida jogando todo o tipo de ética, isso é imoral, ele não estava ouvindo.

Esse passeio pelo corredor durou muito? A cada passo as necessidades de seu corpo se apertavam, transformando-o em uma bomba de instinto. Até o ponto em que ele chegou à porta da sala de recuperação, ela estava lá, ele estava curvado agarrando-se na virilha, na frente da Dra. Jane. Seu pênis estava latejando, seus quadris tensos...

Ele abriu a porta.

– Pooooooooorra...

Seus ossos quase se partiram em dois, metade dele foi jogado para frente e a outra metade teve que se segurar no batente de aço.

Autumn estava na cama, com um joelho até o peito, a outra perna estendida em um ângulo torturado. Seu movimento torceu firme em volta da cintura, toda molhada de suor, o cabelo uma bagunça de emaranhado em torno de sua cabeça. E havia manchas de sangue perto de sua boca, ela provavelmente havia mordido seu lábio.

– Tohrment... – sua voz fraca aumentou. – Não... Vá embora...

Ele cambaleou até a cama e colocou o rosto diante dela.

– É hora de parar com isso.

– Vá... Embora... – seus olhos injetados encontraram os dele sem se concentrar, enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto espetacularmente colorido, os hormônios inundando sua pele com um tom de pêssego como se ela fosse antiga, uma fotografia pintada à mão. – Vai... Não...

O grunhido que cortou a palavra aumentou em volume para outro grito.

– Dê as drogas, – ele se virou para a curadora.

– Ela não vai tomá-los.

– Tomará. Talvez você precise do seu consentimento, mas tenho certeza que ela não...

– Fale com ela primeiro.

– Não. – Autumn gritou.

O inferno começou naquele momento, todo mundo gritando um com o outro até que veio a próxima onda e atingiu Autumn e ele mesmo, os dois mais uma vez cederam sobre a pressão.

O aparecimento de Lassiter foi registrado entre um batimento cardíaco e uma onda de alívio, deixando a próxima rodada de discussão para depois? O anjo se aproximou da cama e estendeu a sua mão.

Autumn acalmou imediatamente, os olhos rolando para trás em sua cabeça, seus membros relaxados. Tohr estava aliviado, assim como ele, ao menos sofrimento dela tinha recuado.

Ele ainda estava dominado pela necessidade, mas ela já não iria se matar.

– O que você está fazendo com ela? – a Dra. Jane perguntou.

– Apenas um transe. Isso não vai durar.

Ainda assim, essa merda foi impressionante. Mentes de vampiros eram mais fortes que as de humanos e, o fato de que o anjo poderia anular esse tipo de reação em seu estado, sugeria que ele tinha alguns truques especiais guardados na manga.

Os olhos de Lassiter voltaram-se para Tohr:

– Você tem certeza?

– Sobre o quê? – ele retrucou. Porra, estava a meio caminho de perder sua mente aqui.

– Em servi-la em sua necessidade.

Tohr riu em uma explosão fria.

– Não nesta vida. Nunca.

Para provar o seu ponto, ele pulou para a direita, onde uma bandeja de seringa repousava à sua espera, claramente destinada a Autumn. Agarrando os dois, ele fincou na coxa e injetou o que estava dentro.

Muita gritaria, a esta altura, mas não durou muito. O coquetel de drogas teve efeito e ele caiu no chão.

A última imagem que passou na porra de seus olhos nebulosos foi de Autumn vendo-o cair no chão.

Capítulo CINQUENTA E OITO

Enquanto Qhuinn e John olhavam fixamente para ela com expressões cuidadosamente em branco, Layla se endireitou na dura cadeira que estava acomodada.

Olhando ao redor do restaurante, ela viu apenas humanos calmamente apreciando pequenas porções confeccionadas iguais às que estavam em seu prato, sendo assim difícil de entender o que estava errado.

– É algo do lado de fora? – Ela sussurrou, inclinando-se para frente. De um modo geral, ela achava que os humanos eram quase o mesmo que os vampiros, apenas tentando viver suas vidas sem interferência. Mas estes dois machos poderiam saber caso contrário.

Qhuinn olhou para ela e sorriu de um modo que não alcançava seus olhos. – Depois que você alimentou o macho, o que você fez? O que eles fizeram?

Ela franziu a testa, desejando que eles lhe dissessem o que estava errado. – Ah... Bem, eu tentei conversar com eles e trazê-los para o centro de treinamento. Eu imaginei que desde que seu companheiro tinha sido tratado lá, ele poderia ser também.

– Você acredita que seus ferimentos poderiam ter sido fatais?

– Se eu não chegasse lá a tempo? Sim, eu acho. Mas ele apresentava uma aparência melhor quando eu parti. Sua respiração estava muito melhor.

– Você se alimentou dele.

Agora o tom da voz de Qhuinn era terrível. A tal ponto que, se os limites de seu relacionamento não estivessem bem definidos, ela poderia ter pensado que ele estava com ciúmes.

– Não, eu não o fiz. Você é a única pessoa com quem eu tenho feito.

O silêncio posterior disse-lhe mais do que as perguntas o fizeram. O problema não eram os humanos ao redor deles no restaurante ou fora nas ruas.

– Eu não entendo, – ela disse furiosamente. – Ele estava necessitado e eu cuidei dele. Você, de todas as pessoas, não deveria discriminar simplesmente porque ele é um soldado e não de nascimento nobre.

– Você não disse a ninguém onde você estava indo naquela noite? O que você fez lá?

– O Primale nós dá passe livre. Eu tenho alimentado e cuidado dos guerreiros por muito tempo, é o que eu faço. É meu propósito. Eu não entendo...

– Você teve algum contato com eles desde então?

– Eu estava esperando... Na verdade, eu esperava que um dos dois ou ambos aparecesse na mansão em alguma posição oficial, de forma que eu pudesse ver o ferido novamente. Mas não, eu não os vi. – Ela afastou seu prato. – O que está tão errado aqui?

Quinn se levantou e tirou seu rolo de dinheiro. Descascando um par de vinte, ele os lançou sobre a mesa. – Nós temos que voltar para o Complexo.

– Por que você está sendo... – Ela baixou seu tom de voz quando algumas pessoas olharam. – Por que você está agindo assim?

– Vamos.

John Matthew se levantou também, sua expressão furiosa, seus punhos cerrados, sua mandíbula dura.

– Layla, volte conosco. Agora.

Para evitar uma cena, ela se levantou e os seguiu pelo ar frio do lado de fora. Mas ela não tinha nenhuma intenção de receber ordens e desmaterializar-se como uma boa garotinha. Se os dois iriam se comportar deste jeito, eles poderiam malditamente dizer-lhe por que.

Plantando seus pés na neve, ela olhou para os dois machos. – O que está errado com vocês?

Seu tom de voz era um que até um ano atrás ela teria ficado chocada em ouvir saindo de sua própria boca. Mas ela não era a mesma fêmea que uma vez tinha sido.

Quando nenhum deles respondeu, ela balançou sua cabeça. – Eu não vou me mover deste trecho da calçada até que vocês conversem comigo.

– Nós não vamos fazer isto, Layla, – Qhuinn cuspiu. – Eu tenho que...

– A menos que você me diga o que está acontecendo aqui, na próxima vez que qualquer um daqueles soldados me contatar, é melhor você acreditar que eu vou vê-los...

– Então você seria uma traidora, também.

Layla piscou. – Desculpe-me... Traidora?

Qhuinn olhou acima para John. Quando o macho deu de ombros e levantou ambas as mãos, houve uma série longa de maldições.

E então, a terra deslocou debaixo de seus pés: – Eu acredito que o macho que você alimentou é um soldado chamado Xcor. Ele é o líder de um esquadrão de guerreiros desonestos, coloquialmente chamados de Bando de Bastardos. E no outono passado, na mesma época em que você o alimentou, ele fez um atentado contra a vida de Wrath.

– Eu... Eu sinto muito. O que... – Quando ela perdeu as forças nas pernas, John se aproximou e a segurou com firmeza. – Mas como você pode ter certeza...

– Eu fui a pessoa que pôs aquelas contusões em seu rosto, Layla. Eu dei uma surra nele, de forma que Wrath pudesse chegar à mansão em segurança e ter seu ferimento de bala tratado. Este é nosso inimigo, Layla, assim como a Sociedade Lessening é.

– O outro... – Ela teve que limpar sua garganta. – O outro soldado, entretanto, a pessoa que me levou para ele. Ele estava no centro de treinamento. Phury me trouxe para alimentá-lo, com Vishous. Eles me disseram que ele era um soldado de valor.

– Eles disseram isto? Ou permitiram que você acreditasse nisto.

– Mas... Se ele fosse o inimigo, por que abrigá-lo?

– Este é Throe, o segundo no comando de Xcor. Ele foi deixado para morrer por seu chefe, e nós íamos ser amaldiçoados se ele morresse sob a nossa vigilância.

John tirou seu telefone celular com sua mão livre e mandou uma mensagem rapidamente, mas Layla não estava acompanhando nada. Seus pulmões estavam queimando, sua cabeça nadava, suas entranhas torcendo. – Layla?

Alguém estava chamando por ela, mas o pânico que a reivindicou era a única coisa que ela podia se conectar. Enquanto seu coração martelava, e sua boca escancarava por ar, uma escuridão desceu sobre ela...

– Inferno fodido, Layla!

Trabalhando os telhados de Caldwell, Xhex manteve Xcor em uma distância, acompanhando-o de beco em beco e de distrito em distrito, enquanto ele avançava contra os assassinos. Do pouco que ela viu, o macho era um guerreiro incrivelmente eficiente, aquela foice fazia um maldito de um sério trabalho.

Maldição que ele fosse um megalomaníaco com delírios de vários tronos.

Em todos os momentos, ela ficou o mínimo de um quarteirão de distancia. Não havia nenhuma razão para pressionar sua sorte e correr o risco de arriscar-se com o fato de que ele estava sendo seguido. Ela tinha uma sensação de que ele sabia, entretanto. Se a maneira como ele lidou com o inimigo era uma indicação, ele era esperto o suficiente para assumir que Wrath e a Irmandade enviariam emissários atrás dele, e não era como se ele estivesse se escondendo. Ele era um indivíduo com um padrão dentro de um espaço geográfico limitado. Ele lutava em Caldwell. Toda fodida noite.

Olá.

Quando flocos de neve começaram a rodar no ar, o macho em questão mudou de posição, entrando em uma corrida com seu braço direito, Throe, ao seu lado. Permanecendo sobre eles, ela se desmaterializou para outro prédio. E outro. E um terceiro. Onde eles estavam indo? Ela pensou, quando eles deixaram o setor de combate.

Meia milha de distância à frente, Xcor parou abaixo do nível da rua, claramente tentando decidir entre a esquerda e a direita. Quando Throe surgiu próximo a ele, palavras raivosas foram trocadas. Talvez porque Throe reconheceu que eles estavam indo na direção errada?

Enquanto eles discutiam, ela olhou para o céu. Verificado seu relógio. Merda. Xcor estava indo desmaterializar-se no fim da noite, e era assim que ela iria perdê-lo. Com seus instintos vagando até certo ponto, ele iria sair rapidamente de alcance quando desaparecesse à distância.

Mas pelo menos ela tinha sua rede mental agora. E mais cedo ou mais tarde, ele ou um de seus soldados iriam ser feridos e teriam que ser expulsos da cidade. Era inevitável, e isso era quando ela iria alcançá-los: uma dispersão de moléculas ela não poderia seguir. Mas um carro, um furgão, um caminhão, um SUV, isso era sua entrada. E a merda era que sabia que eles estavam meses atrasados para um maldito dano.

Abruptamente, Xcor se movimentou novamente, posicionando-se em torno do edifício em que ela estava, chamando-a de volta à ação. Com uma intensidade sombria, ela triturou através da neve do telhado, circulando para ele, movimentando-se por aberturas de climatização e outros maquinários. Quando ela chegou ao outro lado, ela...

John Matthew.

Merda, seu John não estava longe. Que inferno...

Ele disse a ela que iria ficar em casa hoje à noite porque ele estava fora da ronda.

Com quem ele tinha saído? Quinn tinha desistido de seus propósitos de homem-puta... Parte errada da cidade para isto, de qualquer maneira. Este era o distrito do teatro.

Desmaterializando-se para a beira do edifício, ela olhou para baixo. Do outro lado da rua, na frente de um beco, John estava de pé nas sombras, com Quinn e... Layla. Que estava erguida do chão nos braços de Quinn, parecendo que ela tinha desmaiado?

Merrrrda. Muito drama lá em baixo. Grande drama, do tipo que estava ameaçando fritar a grade emocional da Escolhida completamente.

Dispersando suas moléculas, Xhex reapareceu na frente de John, surpreendendo o grupo. – Ela está bem?

Nós estamos esperando por Butch, John assinalou.

Ele está preso através da cidade em uma limpeza. Mas nós precisamos dele agora.

Claramente. O que quer que tenha acontecido aqui foi intenso.

– Você pode me colocar no chão agora, – Layla disse rispidamente.

Qhuinn apenas balançou sua cabeça e continuou a segurá-la fora da neve.

– Olhe, iAm não está longe. – Xhex pegou seu celular e mostrou-o. – Você vai me deixar chamá-lo?

– Sim, isso seria bom, – Qhuinn respondeu.

Quando ela chamou o Sombra, ela olhou fixamente para John, enquanto o telefone tocava. – Ei, iAm, como você está? Sim. Uh-huh, como você sabe? Sim, eu preciso de um conjunto de rodas no distrito do teatro, situa... Você é o cara, iAm. – Ela concluiu a chamada. – Feito. HORA PREVISTA DE CHEGADA em menos de cinco minutos.

Obrigado, John assinalou.

– O que é isto? – Qhuinn disse quando Layla começou a endurecer.

Xhex estreitou seus olhos no rosto da Escolhida quando a rede da fêmea se iluminou... Com excitação. E vergonha. E dor.

– Ele está aqui, – a Escolhida sussurrou. – Ele não está muito longe.

John e Qhuinn imediatamente apanharam suas armas, no qual era um bom truque por parte deste último, dado que ele ainda tinha Layla em seus braços.

Do que diabos ela estava falando...

– Xcor, – Xhex respirou quando ela olhou na mesma direção que a Escolhida estava enfocando. E então, conectando os pontos, ela pensou alto, – Jesus Cristo... Xcor?

iAm escolheu aquele momento para parar em uma BMW X5, e uma fração de segundo depois, ele estava fora e segurando a porta aberta.

Qhuinn pulou para a SUV, e Layla não impôs qualquer luta quando ela foi empurrada para lá como uma inválida.

– Leve o veículo, – iAm disse aos machos. – Use-o como se fosse seu.

Depois de um abrupto agradecimento de Qhuinn, houve um breve momento e- agora- o- quê quando John olhou para Xhex.

Apoiando-se um pouco no peito enorme do macho, ela queria amaldiçoar...

Nós a levaremos de volta, John assinalou. Você ficará aqui e fará o que você tem que fazer. Exatamente assim, eles pularam na SUV de iAm e partiram.

– Você precisa de ajuda? – iAm perguntou.

– Obrigado, mas não, – ela murmurou enquanto via os faróis vermelhos dos freios sinalizar e depois desaparecer na curva da esquina. – Eu tenho isto sob controle.

Capítulo CINQUENTA E NOVE

Xcor tinha sentido a essência da fêmea Escolhida há vários quarteirões atrás. Atraído para ela, ele mudou seu curso e seguiu em sua direção, até Throe entrar no caminho e discutir com ele.

O que tinha sido, de certo modo, uma boa coisa. Isso significava que o macho estava verdadeiramente firme e fiel ao seu voto de nunca vê-la novamente.

Xcor, por outro lado, não fez nenhuma promessa, assim, ele tinha prosseguido adiante, deixando seu soldado para trás. Santo Destino, ele passou tantos dias olhando fixamente para as vigas cobertas de teia de aranha acima de seu beliche, perguntando-se onde ela poderia estar, o que estava fazendo. Como ela estava passando.

Se a Irmandade descobrisse quem ela tinha ajudado naquele campo, eles estariam furiosos, e Wrath, o Rei Cego, era conhecido por viver de acordo com seu nome⁷⁴. Putz, como Xcor ainda lamentava que seu segundo tenente a houvesse trazido para esta bagunça. Ela era sincera, uma inocente buscando somente ajudar, e eles a transformaram numa traidora.

Ela merecia coisa melhor.

Na verdade, parecia loucura rezar por misericórdia para seu alvo, no caso ela. Mas ele o fez. Ele rezou para que Wrath a poupasse se a verdade aparecesse...

Aproximando-se dela, ele não ousou chegar muito perto... E ele a encontrou no abrigo de um pequeno café, envolta em sombras, não importando o quanto seus olhos esticassem, ele não conseguia penetrar.

Ela não estava sozinha; ela estava guardada por soldados, dois deles machos, um deles fêmea.

Será que ela o sentia? Ele se perguntou, seu coração batendo como se ele estivesse sendo perseguido. Será que ela diria a eles que ele estava perto...

⁷⁴ Wrath significa ira.

Um veículo preto veio arrancando para o grupo, e o que saiu era algo que ele só tinha ouvido rumores: Isso era um Sombra? Um Sombra realmente vivo?

A Irmandade tinha aliados dignos, isso era certo...

Com velocidade, sua Escolhida foi levada para o carro nos braços do soldado com quem ele lutou naquela noite na casa de Assail.

Xcor arreganhou suas presas, mas manteve seu grunhido para si mesmo. Aquele outro macho a tocando o fez se revirar por dentro. Será que ela estava ferida de algum modo? Isto o fez se apavorar ao ponto de sentir tremores.

No último momento, pouco antes dela desaparecer no banco de trás, ela olhou em seu sentido.

O momento de conexão diminuiu a velocidade do tempo até que tudo, desde os flocos de neve que estavam caindo, ao piscar do sinal de neon ao lado dela, até a forma como ela foi despachada para fora de sua vista, entrou em um único quadro, as fotografias sendo tiradas por sua mente uma por uma.

Ela não estava com a túnica branca, mas com roupas humanas que não a favoreciam. Seu cabelo estava ainda puxado para cima no alto de seu pescoço, porém, acentuando as características espetaculares de seu rosto. E quando ele respirou, seu peito zumbia tanto pelo frio quanto pelo cheiro delicado dela.

Era tudo o que ele lembrava dela. Exceto que agora ela estava claramente em angústia, sua pele muito pálida, seus olhos muito arregalados, sua mão tremendo enquanto ela a levava até sua garganta como que para se proteger.

Sua mão lutava para avançar em direção a ela, como se houvesse algo que ele pudesse fazer para aliviá-la de seu sofrimento, como se ele pudesse ajudá-la de algum modo.

Foi um gesto que teria de permanecer para sempre nas sombras. Ela sabia que ele estava ali, e foi provavelmente por isso que eles a estavam levando embora.

E ela estava com medo dele agora. Provavelmente porque ela sabia que ele era seu inimigo.

Os dois machos se acomodaram com ela, o mais alto ficando atrás do volante, o que lutou com ele deslizando para trás ao lado dela.

Sem estar ciente disto, sua palma se moveu furtivamente dentro de sua jaqueta, e encontrou sua arma. A tentação de aparecer no caminho daquele veículo, matar os dois machos e tomar o que ele queria era tão grande, que ele realmente mudou de posição para a rua abaixo.

Mas ele não poderia fazer isso com ela. Ele não era seu pai, ele não era o Bloodletter. Ele não torturaria sua consciência para o resto de seus dias com tal violência, porque seguramente ela extrapolaria e se culparia pelas mortes.

Não, se ele alguma vez a tivesse seria porque ela veio até ele de seu livre arbítrio, o que era uma impossibilidade, claro.

E então... Ele a deixou ir. Ele não ficou no caminho do automóvel para pôr uma bala na testa do motorista. Ele não se apressou adiante, atirando no cara do banco de trás, e nem virou para matar a fêmea soldado que estava, naquele exato instante, exatamente atrás dele alguns passos atrás. Ele não se infiltrou no veículo, bloqueando a Escolhida e levando-a para fora para algum lugar quente e seguro.

Depois que ele tirasse aqueles trapos humanos terríveis de sua pele... E os substituísse por seu corpo nu.

Deixando sua cabeça cair, ele fechou seus olhos e alinhou seus pensamentos, controlando-os, orientando-os para longe da fantasia. Na verdade, ele nem sequer a usaria como uma maneira para achar os Irmãos: isso seria assinar sua sentença de morte, tão certo como ele realmente poderia escrever seu próprio nome.

Não, ele não a usaria como uma ferramenta nesta guerra. Ele já a comprometera demais.

Girando na neve, ele encarou em direção àquela que estava atrás dele. Que os soldados tenham deixado o lugar com a escolhida ao invés de lutarem com ele era lógico. Uma fêmea como ela era um artigo altamente valioso, e eles provavelmente chamariam muitos reforços para assegurar sua chegada onde quer estivessem indo.

Interessante era que eles tivessem escolhido para ficar para trás um soldado do sexo oposto. Eles deveriam ter assumido que ele sairia em perseguição.

– Eu sinto você claro como o dia, fêmea, – ele gritou.

Para seu crédito, ela andou até a luz de uma ruela abaixo do beco. Com o cabelo curto e uma constituição firme, poderosa, que estava envolta em couro, ela era definitivamente uma guerreira.

Bem, não era esta uma noite para surpresas? Se ela estivesse associada a Irmandade, ele tinha que assumir que ela era perigosa, então isto poderia ser divertido.

E ainda, quando ela o confrontou, sequer sacou alguma arma. Ela estava preparada, embora de fato, sua postura dissesse a ele que ela estava pronta para fazer o que ela deveria. Mas ela não estava na ofensiva.

Xcor estreitou seus olhos. – Muito elegante para lutar?

– Você não é meu para levar.

– Então de quem eu sou. – Quando ela não respondeu, ele soube que havia um jogo em andamento. A pergunta era, de que tipo. – Nada a dizer, fêmea?

Ele deu um passo em direção a ela. E outro. Só para testar onde os limites estavam. Ainda assim, ela não retrocedeu, mas lentamente abriu o zíper da frente de sua jaqueta como se ela estivesse pronta para chegar às suas armas de fogo.

De pé naquele charco de luz, com a neve caindo ao redor dela e suas botas plantadas no chão branco e fofo, sua figura negra era reduzida a um retrato completo. Ele não estava atraído por ela, contudo, talvez fosse mais fácil se ele estivesse. Alguém com sua aspereza intrínseca poderia se sair melhor em face de seu... Rosto, por assim dizer.

– Você parece bastante agressiva, fêmea.

– Se você me forçar a lhe matar, eu matarei .

– Ah. Bem, eu devo manter isso em mente. Diga-me, você permaneceu aqui pelo prazer de minha companhia?

– Eu duvido que houvesse muito prazer nisto.

– Você está certa. Eu não sou conhecido por minhas virtudes sociais.

Ela estava rastreando-o, ele pensou. Essa era a razão pela qual ela estava aqui. De fato, ele tinha a sensação que desde o começo da noite havia uma sombra sobre ele.

– Eu receio que eu tenha que ir, – ele disse com voz arrastada. – Eu tenho a sensação que nossos caminhos devem se cruzar novamente, no entanto.

– Você pode apostar sua vida nisto.

Ele inclinou sua cabeça em direção a ela... E prontamente desapareceu para longe. Sejam quais fossem suas habilidades de monitoramento, ela não poderia seguir as moléculas. Ninguém era tão bom.

Nem mesmo sua Escolhida poderia fazer isso, e graças ao Destino por isto. Na verdade, o pensamento permaneceu durante um tempo em sua mente, de que ela pudesse achá-lo se ela desejasse, o sangue dela nele era um farol que ela poderia seguir por bastante tempo.

Mas ela não fez isso, e ela não iria. Ela não era da guerra...

Seu telefone disparou assim que ele voltou a sua forma física nas margens do Hudson longe do centro da cidade. Tirando o dispositivo preto, ele olhou para a tela. O retrato de um dândi antiquado estava aparecendo ao lado de escritas e números que ele não poderia decifrar, o que indicou que seu contato dentro da *glymera* estava chegando até ele.

Ele apertou o botão verde com letras sobre isto. – Como é adorável ouvir você, Elan, – ele murmurou. – Entretanto você está fazendo isto muito bem. Eles estão? De fato. Sim. Eu devo voltar para você com uma localização, mas diga-lhes que sim. Nós devemos nos encontrar com eles rapidamente.

Perfeito, ele pensou apertando o botão vermelho. Um fragmento da facção da *glymera* queria conhecê-lo pessoalmente. As coisas estavam finalmente começando a se mover.

Já era sem tempo.

Desviando a vista sobre o rio, ele deixou sua agressão fluir, mas a onda não durou. Inevitavelmente, seus pensamentos retornaram para sua Escolhida e aquela expressão repugnante em seu rosto.

Ela sabia quem ele era agora.

E como todas as fêmeas fizeram, ela o via como um monstro.

Montado atrás da SUV de iAm, Qhuinn mantinha todos os lados do veículo vigiados no caso de estarem sendo seguidos. Ele também tinha chamado V e Rhage para flanquear o BMW por via das dúvidas.

Não que ele tivesse dito a eles que eram com os Bastardos com quem ele estava preocupado. Eles assumiram que eram *lessers*, e ele os deixou pensar assim.

E John não estava dirigindo de volta para o complexo, sem nenhum motivo para chegar a qualquer lugar próximo à base de origem. Ao invés disso, eles estavam se encaminhando para fora do subúrbio e andando em círculos, mantendo-se nos pesados bairros humanos até Layla ter tempo suficiente para se recuperar e desmaterializar-se de volta para a mansão.

Ao mesmo tempo, ele olhou acima para ela. Ela estava encarando a vista da janela ao lado dela, seu peito subindo e descendo de um modo muito rápido.

Mas, claro que, descobrir que você ajudou o inimigo, provavelmente salvando sua vida, não era o tipo de coisa que alguém lidaria muito bem.

Ele se inclinou e pôs a mão em sua perna, dando-lhe um aperto. – Está tudo bem, lindinha.

Ela não virou a cabeça para ele. Apenas a balançou. – Como você pode dizer isto?

– Você não sabia.

– Ele ficou para trás na cidade. Ele não nos seguiu.

Bom saber. – Você vai me dizer se isso mudar.

– Sim. – Sua voz estava morta. – Não tenha dúvida.

Quinn amaldiçoou sob sua respiração. – Layla. Olhe para mim. – Quando ela não o fez, ele pôs seu dedo indicador em seu queixo. – Ei, você não sabia quem ele era.

Layla fechou os olhos, como se desejasse poder voltar a qualquer que tenha sido a noite que tinha encontrado o cara e fazer tudo de novo.

– Venha aqui, – ele disse, puxando-a para um abraço.

Ela veio com firmeza para ele, e quando ele esfregou suas costas, a tensão em seus músculos era tamanha.

– E se o rei me mandar embora? – Ela disse em seu peito. – E se Phury...

– Eles não vão. Eles vão entender.

Quando ela estremeceu contra ele, ele olhou para John no espelho retrovisor e balançou a cabeça para seu melhor amigo. Movendo a boca, ele disse silenciosamente, *vamos apenas levá-la. Xcor ficou para trás na cidade.*

John ergueu uma sobrancelha, e então movimentou a cabeça.

Afinal, a sensação de sangue não mentia, embora infelizmente, era uma espada que cortava de ambos os lados. A boa notícia era que o *mhis* que V jogou em torno do complexo, iria manter qualquer um de fora, no intuito de tentarem encontrá-la, o que era a razão de Throe ter sido alimentado em primeiro lugar. E pelo menos essa conexão com Layla estava desvanecendo a cada noite, mesmo com o sangue da Escolhida sendo tão puro.

– Eu não tenho nada meu, – Layla disse baixinho. – Nada. Até meu serviço pode ser tirado de mim.

– Shhh... Nada vai acontecer. Eu não deixarei.

Cara, ele rezou que não fosse mentira. E eles teriam malditamente que dizer ao rei e ao Primale imediatamente. Sua primeira parada, depois que eles a levassem para a Dra. Jane, seria o escritório de Wrath. Aqueles dois acabariam tendo que entender que ela tinha sido manipulada pelo inimigo, explorada como qualquer outro recurso para fazer algo que ela nunca teria feito voluntariamente em um milhão de anos.

Ele desejava ter matado Xcor quando ele teve a chance...

Uns bons trinta minutos mais tarde, John virou o carro na entrada de trás do centro de treinamento, e levou mais outros dez, antes deles finalmente entrarem no estacionamento da garagem.

A primeira pista de que algo estava errado veio quando Qhuinn saiu para a calçada. Sua pele tencionou em uma onda, seu sangue aquecido fervia em suas veias sem qualquer razão. E então ele estalou com uma enorme ereção pulsante.

Com o cenho franzido, ele olhou ao redor. E John fez o mesmo quando o cara bateu a porta e saiu detrás do volante.

Havia algum... Tipo de encantamento trabalhando no estacionamento. Que porra é essa?

– Ah, certo, ok, vamos levar você para a Dra. Jane, – Qhuinn disse quando ele pegou o cotovelo de Layla, e fez com que a frente de seus quadris estivesse coberta pela aba de sua jaqueta de couro.

– Eu estou bem. Honestamente...

– Então isso será o que a boa doutora vai dizer...

Quando John abriu a porta do lugar e todos eles entraram, Qhuinn perdeu seu trem de pensamento quando uma parede de hormônios bateu direto nele. Olhando abaixo para sua pélvis, ele não podia acreditar que ele de repente estava prestes a gozar.

– Alguém está em necessidade, – Layla anunciou. – Eu não acho que vocês dois devam entrar...

No corredor abaixo, a Dra. Jane saiu de uma sala de exames. – Vocês têm que sair. Qhuinn e John, vocês precisam ir...

– Quem... – Qhuinn teve que fechar os olhos e lentamente sua respiração acalmou. O movimento estava fazendo seu pau esfregar contra o botão da braguilha, ameaçando uma suja explosão. – Quem é...

Como um tipo de onda intensificada, ele perdeu a habilidade de falar.

Porra, era como se ele tivesse acabado de passar por sua transição e estivesse cercado por fêmeas nuas em todas as posições de acesso.

– É Autumn, – Jane disse, correndo em direção a eles e conduzindo-os de volta ao estacionamento. – Você está bem, Layla?

– Eu estou bem...

– Ela precisa de um rápido exame, – Quinn murmurou quando ele se virou para o carro do Sombra. – Chegou perto de desmaiar. Mande-me uma mensagem quando você acabar, Layla, ok?

John estava caminhando como um espantalho, com dificuldade e sem qualquer coordenação. Então novamente, quando você tinha um taco de beisebol em suas calças, você dificilmente vai estar no estilo de Fred Astaire.

Quando a pesada porta de aço fechou deixando-os do lado de fora, as coisas ficaram um pouco melhor, e quando eles se dirigiram através de uma série de portas, com menos fúria de tesão, ele estava se sentindo mais racional.

– Jesus, – Quinn disse. – Um frasco dessa merda e os meninos do Viagra estão fora do mercado.

Atrás do volante, John assobiou em acordo.

Quando o cara os levou em torno da base da montanha e aproximou-se da frente da casa principal, Quinn se contorcia em seus couros.

Ele não tinha feito muito sexo desde... Bem, merda, quase um ano atrás, quando ele teve algum tempo privado com aquele cara de cabelos vermelhos no Iron Mask. Depois disto, ele não teve muito interesse em qualquer coisa ou alguém, macho ou fêmea. Ele nem sequer acordava duro mais.

Inferno, dado o comprimento de seu período de seca, ele começava a pensar que acabaria queimado por sua distribuição de orgasmos. Considerando quantas fudas ele praticou depois de sua transição, era certo do quanto esta merda parecia possível.

Mas aqui estava ele, coçando em seu assento.

Ao lado, John estava fazendo o mesmo, movendo-se para lá e para cá. Roçando para cima e para baixo.

Quando a mansão finalmente fez uma aparição fora do *mh*is, Quinn temia entrar. Lá não parecia nada remotamente sexy ou atraente, ir para seu quarto

sozinho, masturbar-se algumas vezes, e então retomar sua vigília na frente de uma tela de TV escura.

Eu não tenho nada meu. Nada. Até meu serviço pode ser tirado de mim.

Layla estava tão certa sobre isto. Embora todo mundo o fizesse se sentir bem-vindo aqui, o resultado final era que, lhe tinha sido permitido ficar porque ele servia a um propósito para John, como *ahstrux nohtrum*.

Como Layla, no entanto, ele poderia ser despedido.

E quanto ao seu futuro? Ele certamente nunca iria estar emparelhado, porque ele não iria condenar uma fêmea a uma união sem amor, e ele nunca iria ter nenhuma criança, embora, considerando-se seus olhos díspares, talvez isso fosse uma boa coisa.

Resultado final, ele estava olhando para o cano de séculos incontáveis, sem um verdadeiro lar, nenhuma família verdadeira, ninguém de seu próprio sangue.

Quando ele esfregou a mão em seu cabelo e se perguntou se existiria qualquer possibilidade de seu pau magicamente desinflar... Ele sabia exatamente o que aquela Escolhida quis dizer quando se tratava de esvaziar.

Capítulo SESSENTA

Xhex precisava de informações urgentes. Imediatamente.

Quando Xcor se desmaterializou para longe dela, saiu do alcance de seu radar em segundos. E sim, ela tinha uma pista da direção dele, mas só um imbecil não camuflaria seu esconderijo.

Certamente, enquanto ela seguia o que conseguia dele, achou-se indecisa às margens do Hudson, não muito longe de sua casa. A trilha esfriava naquele ponto, e não por causa do vento norte frio, que soprava rio abaixo.

Ela chutou um montinho de neve e marchou em volta. Voltou pelo caminho que fizera até chegar ao bairro dos cinemas. Esquadrinhou o resto da cidade, indo de telhado em telhado.

Nada.

Acabou novamente no topo daquele prédio de onde ela vira John e os outros, espionando em volta e amaldiçoando como um marinheiro. Na falta de evidências físicas, ela se forçou a ir com a única coisa que tinha: o drama fora daquela cafeteria.

Pegando seu celular, mandou uma mensagem a John e esperou. E esperou. E... Esperou.

Será que eles tinham caído em uma emboscada no caminho de volta?

Mandou outra mensagem. Ligou para Qhuinn – e não teve resposta.

Maldição, e se algo tivesse acontecido? Só porque Xcor aparentemente deixara a cidade, isto não significava que ele não podia fazer a volta e interceptar a SUV de iAm. Enquanto isto, ela estava aqui, correndo atrás do próprio rabo como uma idiota...

Bem quando ela ia começar outra rodada de mensagens de pânico, John mandou de volta:

@ casa salvo. Dsclp, tava na clínica.

Sentindo o pânico deixá-la, respirou fundo e respondeu: *Precisamos conversar sobre Layla. Posso ir aí?*

Era possível que Qhuinn não fosse querer sair de perto da Escolhida naquelas condições, e Xhex não queria que John arrastasse seu *ahstrux nohtrum* para encontrá-la lá fora.

Ao invés de esperar por uma resposta, ela se transportou para a mansão e subiu os degraus para o vestíbulo. A porta interna se abriu imediatamente, e Fritz apareceu demonstrando cansaço.

– Boa noite, minha senhora.

– O que há de errado?

O mordomo se curvou e se endireitou. – Oh, de fato. Sim. A quem a senhora veio ver?

Houve um tempo em que esta pergunta não seria necessária. – John. Ele está na clínica?

– Oh... Não. Não, definitivamente não está lá. Está lá em cima. – Xhex franziu o cenho. – Há algum problema?

– Oh, não. Por favor, madame, entre.

Mentira que não havia nada errado. Ela cruzou correndo o mosaico de macieira e subiu as escadas de dois em dois degraus. Quando chegou ao segundo andar, hesitou.

Mesmo do corredor era perceptível o cheiro de sexo – uma porção deles, na verdade, sugerindo que havia muita gente transando. Literalmente.

E aquilo a fez ter vontade de vomitar.

Enquanto se aproximava da porta de John, ela se preparou para fosse lá o que fosse que estivesse rolando do outro lado. Layla fora treinada como *ehros*, e Qhuinn há muito tempo era disposto a tudo – e talvez esta separação tivesse jogado seu parceiro em outros braços.

Com um peso no coração, bateu fortemente na porta. – John? Sou eu.

Fechando os olhos, imaginou corpos nus se congelando, pessoas olhando para frente e para trás, John se movendo para pegar algo para se cobrir. Não havia redes emocionais a serem lidas – ela estava muito agitada para conseguir se concentrar nisto. Não dava para isolar essências também – ela já tinha problema suficiente em permanecer em pé porque ela sabia ao menos que uma daquelas essências era de John.

– Eu sei que está aí.

Ao invés de a porta se abrir, ela recebeu uma mensagem de texto: *Tô pc ocupado. Posso te encontrar às 18?*

Foda-se e o cavalo no qual ele estava cavalgando.

Xhex agarrou a maçaneta, girou com força suficiente para quebrar a coisa, e entrou no quarto num empurrão...

Puta. Merda.

John estava sozinho na cama, deitado em cima de lençóis bagunçados, o corpo nu brilhando à luz do banheiro que se infiltrava no quarto. Uma mão estava entre suas pernas, o grande punho travado em seu pau grosso... A outra estava agarrando a cabeceira da cama para manter o equilíbrio enquanto se masturbava, dentes expostos, os músculos dos ombros e pescoço saltando em busca de alívio enquanto ele se esforçava.

Meeeeerda. O baixo ventre dele já estava pegajoso de outros orgasmos, e ainda assim ele parecia faminto por mais.

Olhos febris encontraram os seus enquanto as mãos se congelavam. *Vá*, ele expressou. *Por favor...*

Ela rapidamente entrou e fechou a porta. Isto não era algo que outra pessoa precisasse ver.

Por favor! Ele exigiu.

Por favor, de fato, ela pensou consigo mesma, seu próprio corpo respondendo, seu próprio sangue começando a pulsar.

Passando em cima das roupas que ele jogara no chão, ela só conseguia pensar no quanto ela sentira falta deste lado carnal dele. Era como se ela tivesse estado

desligada estes longos meses – e é, teria sido muito melhor para ela sair do quarto, deixando-o lidar com sua ereção sozinho, encontrando-o mais tarde.

Mas, Deus, ela sentia falta de ser a fêmea dele.

Eu não consigo parar, ele expressou. *Autumn está em seu período de necessidade – eu fiquei perto demais.*

Ah, isto explicava tudo. Só que... – Minha mãe está bem?

Está com Jane, e sim.

Deus, aquela pobre fêmea. Ter de sofrer tudo aquilo de novo, depois de tudo o que já passou. Mas ao menos Jane podia amenizar seu sofrimento – supondo que Tohr não...

Certo, ela não ia pensar isto.

Xhex, você tem que... Ir...

– E se eu não quiser.

Diante daquilo, o corpo dele ondulou largamente, certo como se ela estivesse o tocando, e ele teve outro orgasmo forte, seu apertão deslizando para cima e para baixo enquanto ele gozava em cima dos músculos da barriga.

Bem, se não era aquilo uma resposta muito clara: Ele a queria também.

Xhex aproximou-se da beira da cama e esticou a mão, acariciando a coxa tensa dele com a ponta dos dedos. O leve contato foi suficiente para manter contínua a liberação dele, quadris golpeando, sexo pulsando, o corpo de guerreiro se contraindo enquanto o prazer o atravessava.

Inclinando-se, ela empurrou a mão que ele usava para bombear e o tomou na boca, sugando-o, terminando do jeito certo enquanto ele tombava nos lençóis. E tão logo ele terminara, ao menos este orgasmo específico, ele congelou por apenas um nanosegundo antes de se sentar e puxá-la.

Ela desceu até ele com calma, beijando-o enquanto ele a colocava em cima do corpo. Suas mãos, aquelas mãos grandes e familiares, estavam em todos os lugares... até que sossegaram em sua bunda, e a puxaram para cima, de forma que ele pudesse enterrar o rosto entre os seios dela...

Com um rápido expor de suas presas, ele mordeu a camiseta regata dela, se fixando em seu mamilo, sugando e lambendo enquanto ela o ajudava, tirando a jaqueta, as armas e...

John a virou, deitando-a de costas e resmungou silenciosamente ao ver suas calças.

As coisas não andavam bem para eles – o que, considerando a quantidade de couros que ela vestia, dizia algo sobre a imprevisibilidade da situação de despir-se. No entanto, ele foi esperto o bastante para não mexer nos cilícios.

Tão logo estavam em posição, ele a penetrou de um só golpe, e a sensação de esticar-se para acolhê-lo foi suficiente para jogá-la num orgasmo arrebatador. Ele a seguiu, juntando-se a ela, seus corpos trabalhando um no outro enquanto ela gritava.

E ainda assim ele continuou montando-a, as estocadas incansáveis dando-lhe mais daquilo que ela exatamente precisava.

Expondo as presas, ela esperou até que ele parasse um momento – então o atacou. Mordendo-o fortemente, ela o empurrou de costas, forçando-o a se deitar no colchão de forma que ela pudesse montá-lo. E enquanto ela o segurava pelos ombros e mergulhava em sua garganta, voltou a fodê-lo, as coxas erguendo e baixando, trabalhando a ereção.

A rendição de John a ela era completa. Seus braços permaneciam de lado, sua força cedendo a ela, o corpo dele era dela para usar até que o esgotasse e secasse tanto no pescoço quanto mais embaixo, nos quadris.

Enquanto ela o tomava, os olhos dele continuaram travados em seu rosto, o amor brilhando neles tão grandemente, que eram como dois sóis azuis emanando calor por todo o seu corpo.

Como ela poderia pensar em viver sem ele...

Liberando a garganta dele temporariamente, entregou-se a um novo orgasmo, enterrando o rosto nos ombros dele quando as coisas ficaram tão violentas que ela não conseguiu manter contato com a garganta. Mas ela sabia que sua veia era dela para tomar, tão logo acabasse...

Cara, a vida era complicada. Mas a verdade era simples. Ele era o lar dela.

Ele era o lugar aonde ela pertencia.

Rolando para o lado, ela o encorajou a segui-la, e ele veio com ela tranquilo como água, quente como fogo. Era a vez dele se alimentar... E dado o jeito que seus olhos se fixaram na jugular dela, ele concordava.

– Deixe-me selá-lo antes, – ela disse enquanto ia para os furos marcados da mordida.

Ele segurou seu pulso e a impediu, balançando a cabeça – *Não – eu quero sangrar por você.*

Xhex fechou os olhos, a garganta apertando.

Era difícil dizer aonde isto ia levar, porque ela nunca teria adivinhado que eles se separariam, em primeiro lugar. Mas era tão malditamente bom estar em casa... Mesmo que por pouco tempo.

Horas se passaram, a noite se arrastou e o amanhecer chegou; e então o sol se levantou da borda do horizonte, subindo às alturas do meio-dia, lavando com luz a montanha coberta de neve.

Autumn não tinha consciência de nada disto – e isto seria verdade, estivesse ela lá embaixo na clínica ou lá em cima, na mansão... Ou lá fora, na neve.

De fato, ela bem que podia estar diretamente sob a luz do sol.

Ela estava em chamas.

O calor escaldante em seu ventre lembrava-lhe do nascimento de Xhexania, a agonia subindo às alturas que a fizeram pensar se a morte não estava vindo buscá-la, antes de relaxar só o suficiente para tomar fôlego e se preparar para o próximo pico. E como no parto, o ciclo persistiu, os momentos de abrandamento cada vez mais longínquos e raros até que a dor da necessidade preencheu todos os contornos de seu corpo, assumiu todos os movimentos, toda a respiração, todo o pensamento.

Não tinha sido assim antes. Lá atrás, quando ela estivera com aquele *sympath*, a necessidade não tinha sido tão forte...

Ou tão longa...

Depois de horas de tortura, ela não tinha mais lágrimas para chorar, não tinha mais soluços, nem mesmo tremores. Só se deitava imóvel, mal respirava, seu ritmo cardíaco falhando, seus olhos fechados enquanto seu corpo ainda sofria internamente.

Era difícil apontar exatamente quando o pico passou, mas gradualmente o tremor entre as pernas, e a queimação em sua pélvis foram diminuindo, os rigores da necessidade substituídos por uma dor constante em suas juntas e músculos por toda a força que fizera.

Quando finalmente levantou a cabeça, seu pescoço estalou alto, e ela grunhiu enquanto encarava um tipo de parede. Franzindo o cenho, ela tentou se localizar... Oh, de fato, ela estava do lado errado da cama, pressionada contra a madeira baixa ao pé da cama.

Ela deitou a cabeça novamente, por um momento. Com calor escaldante amenizando para uma mera fervura, começou a sentir frio, e procurou em volta por um lençol, um cobertor, ou algum tipo de cobertura. Não havia nada – estava tudo no chão: ela estava nua diretamente sobre um colchão não forrado – claramente ela arrancara até os lençóis de elástico.

Juntando o pouco de energia que tinha, ela tentou empurrar seu torso para cima e erguer a cabeça. Fez pouco progresso. Como se algo a mantivesse grudada à cama...

Eventualmente, ela se levantou.

A viagem ao banheiro foi árdua e desafiadora como escalar uma montanha, mas ao menos, a alegria com a qual ela entrou no chuveiro ligado valeu a pena.

Enquanto a água morna caía generosamente do chuveiro, ela se sentou no chão azulejado, trazendo os tornozelos contra o traseiro, abraçando a si mesma em volta dos joelhos. Enquanto deixava a cabeça cair para o lado, a água gentil lavou o sal de suas lágrimas e seu suor.

Os calafrios se tornaram mais violentos pouco tempo depois.

– Autumn? – a voz da doutora Jane veio do quarto ao lado.

Seus dentes batendo impediam-lhe de responder, mas o chuveiro disse o suficiente. A outra fêmea apareceu na porta, e então caminhou pelo banheiro, até que puxou a cortina e se ajoelhou de modo que estava à altura de seus olhos.

– Como está se sentindo?

De repente, Autumn teve de esconder o rosto enquanto começava a chorar.

Difícil saber se a explosão era porque a necessidade tinha finalmente passado, ou porque ela estava tão cansada que não tinha sobrado limite algum... Ou porque a última coisa de que lembrava antes que tudo se tornasse um borrão era a visão de Tohr enterrando aquelas duas agulhas nas próprias coxas e caindo ao chão.

– Autumn, consegue me ouvir?

– Sim... – ela gemeu.

– Eu gostaria de colocá-la novamente na cama se você já tiver terminado seu banho. Está muito quente aqui, e estou preocupada com sua pressão arterial.

– Sinto f-f-frio.

– É por causa da febre. Eu vou desligar a água agora, ok?

Ela anuiu, porque não tinha forças para fazer nada mais. Quando o jato quente parou, os tremores sob sua pele se intensificaram enquanto o frio se elevava e atravessava sua carne. Rapidamente, no entanto, um cobertor suave foi jogado sobre seus ombros.

– Consegue ficar em pé? – Quando Autumn anuiu de novo, foi ajudada a se levantar, vestida em uma túnica leve e acompanhada de volta para a cama – que magicamente estava refeita com lençóis limpos e cobertas.

Espreguiçando-se, ela só tinha consciência das lágrimas que escorriam do canto de seus olhos, uma corrente interminável delas, quente contra seu rosto frio. – Shhh, você está bem, – a médica disse, enquanto se sentava na beira do colchão. – Você está bem – acabou...

Enquanto uma mão gentil acariciava seu cabelo molhado, o tom de voz da doutora Jane, mais do que as palavras que dizia, ajudaram mais.

E então houve o barulho de uma lata sendo aberta, que foi trazida para sua boca.

Um gole daquele néctar gelado e doce e os olhos de Autumn giraram sob as órbitas. – Oh, abençoada Virgem Escriba... O que é isto?

– Ginger Ale⁷⁵. E de nada... Ei, não tão rápido.

Depois de acabar com a lata, ela se deitou de novo enquanto uma faixa era ajustada ao seu braço e bombeada antes de ser desinflada. Depois, um disco gelado foi pressionado em seu peito em diferentes locais. Uma luz suave foi apontada para seus olhos.

– Pode me dar mais um pouco de Ginger Ale, por favor? – ela pediu.

– Seu desejo é uma ordem.

A médica fez mais do que isto, retornando não só com outra lata gelada e um canudo, mas também com algumas bolachas que não tinham gosto absolutamente de nada e caíram totalmente como um paraíso em seu estômago.

Ela estava comendo rapidamente quando percebeu que a médica tinha se sentado em uma cadeira e estava calada.

Autumn parou de comer.

– Você não tem outros pacientes?

– Só um, e ela estava bem quando a trouxeram.

– Oh. – Autumn pegou outra bolacha. – Como se chama isto?

– Saltines. De todas as drogas que eu uso aqui, algumas vezes, esta é a melhor.

– São maravilhosos. – Ela colocou na boca o quadrado folhado e esfarelento e mordeu. Como o silêncio persistia, ela disse, – Você quer saber por que eu recusei as drogas.

– Não é da minha conta. Mas eu realmente acho que você precisa falar com alguém sobre isto.

– Um tipo de profissional?

⁷⁵ Tipo de refrigerante bem popular nos EUA.

– É.

– Não há nada errado em deixar a natureza seguir seu curso. – Autumn olhou em volta. – Eu lhe implorei para não dizer a ele. Eu lhe pedi para não chamá-lo.

– Não tive escolha.

As lágrimas ameaçaram, mas ela as forçou para longe. – Eu não queria que ele me visse daquele jeito. Wellsie...

– O que tem ela.

Autumn se voltou surpresa, quebrando as bolachas e derrubando o refrigerante em sua mão. Na porta, Tohrment estava parado, uma sombra grande e escura que preenchia o batente.

Doutora Jane se levantou. – Eu vou ver a Layla de novo. Seus sinais vitais estão bons, e eu lhe trarei uma refeição adequada quando voltar.

E então eles estavam sozinhos.

Ele não se aproximou da cama, mas ficou parado à porta, encostado na parede. Com as sobrancelhas bem baixas e os braços cruzados no peito, ele parecia controlado e explosivo ao mesmo tempo.

– O que infernos foi tudo isto. – Ele disse severamente.

Autumn colocou as bolachas e a lata de lado, então se ocupou dobrando e desdobrando a ponta do cobertor.

– Eu fiz uma pergunta.

Autumn pigarreou.

– Eu disse à doutora Jane para não lhe chamar...

– Você achou que se você sofresse, eu viria para lhe ajudar?

– De jeito nenhum...

– Tem certeza disto? Porque o que você achava que Jane ia fazer diante da sua recusa de ser tratada?

– Se você não acredita em mim, pergunte à médica. Eu a instruí especificamente para não chamá-lo. Eu sabia que seria demais para você... Como não seria depois...

– Isto não é sobre minha *shellan*. Isto não tem nada a ver com ela.

– Eu não tenho tanta certeza disto...

– *Acredite-me.*

Depois disto, ele não disse nada mais. Ele apenas ficou ali com aquele corpo tenso e aqueles olhos duros, olhando para ela como se nunca a tivesse visto antes.

– No que está pensando? – ela perguntou suavemente.

Ele balançou a cabeça. – Você não vai querer saber.

– Sim. Eu quero.

– Eu acho que estive me enganando estes meses todos.

Enquanto ela sentia os tremores do chuveiro voltando, sabia que a causa não era a febre atingindo seus ossos. Não mais. – Como?

– Melhor não falarmos disto agora.

Enquanto ele se virava para sair, ela teve a nítida impressão de que não o veria novamente. Nunca mais.

– Tohr, – ela disse com voz rouca. – Não houve manipulação da minha parte... Você precisa acreditar nisto. Eu não queria que você me servisse... Eu nunca lhe importaria isto.

Depois de um momento, ele olhou por sobre o ombro, com olhos mortos.

– Sabe o quê? Foda-se! É quase pior que você não me quisesse aqui com você. Porque a outra opção é que você é mentalmente doente.

– Perdão? – Autumn franziu o cenho. – Eu sou completamente sã.

– Não, você não é. Se fosse, você não escolheria encarar tudo isto...

– Eu só não queria ser drogada. Sua interpretação é extrema...

– Ah, é? Bem, prepare-se, você realmente não vai gostar de minha próxima conclusão. Estou começando a pensar que você está comigo para punir a si mesma.

Ela recuou tão rapidamente, que o pescoço estalou de novo. – Eu muito certamente não estou...

– Que maneira melhor de se afundar na miséria do que estar com um macho que ama outra?

– *Não é por isto que eu estou com você.*

– Quer saber, Autumn. Você tem posado de mártir por séculos. Você tem sido uma serva, uma empregada, uma lavadeira... E você está fodendo comigo pelos últimos meses... O que nos traz de volta ao meu ponto sobre sua insanidade clínica...

– Como se atreve a questionar minhas convicções internas, – ela vaiou. – Você não sabe nada sobre o que eu penso ou sinto!

– Besteira. Você me ama. – Ele virou para encará-la e ergueu a palma da mão para impedi-la de negar. – Não se incomode em negar... Você me diz isto em seu sono todos os dias. Então vamos analisar o caso. Você claramente gosta de se punir. E você sabe malditamente bem que a única razão pela qual estou com você é para tirar Wellsie do Limbo. Então não é que eu me encaixo bem no seu padrão de t...

– Saia, – ela gritou. – *Saia já daqui.*

– O que... Não quer que eu fique para que doa um pouco mais?

– *Seu desgraçado...*

– Isso mesmo. Eu tenho lhe usado, e a única pessoa para quem isto está funcionando é *você*... Deus sabe que não me levou a nada. A boa notícia é que esta coisa toda... – ele apontou de um para outro – ...Vai te dar uma justificativa espetacular para se torturar por ainda mais tempo... Oh, não se incomode em negar. Aquele *sympath* foi culpa sua. Eu sou culpa sua. O peso do mundo inteiro é culpa sua, porque você gosta de ser a vítima...

– Saia! – ela berrou.

– Sabe, este número de indignação é um pouco difícil de ser levado a sério, considerando que passou as últimas doze horas sofrendo...

– Saia daqui!

– ...Quando não precisava sofrer.

Ela jogou a primeira coisa a seu alcance nele – a lata de refrigerante. Mas os reflexos dele eram tão bons que ele só pegou a lata em sua grande mão... E então a levou de volta à mesinha lateral.

– Você precisa encarar também o fato de que é uma masoquista. – Ele depositou a latinha na mesa com delicadeza deliberada, como se a desafiasse a pegá-la de novo para jogar nele. – E eu tenho sido a droga da vez. Mas eu não vou mais fazer isto... E nem você, ao menos não comigo. Esta merda entre nós dois... não é saudável para mim. Não é saudável para você. E é isto o que fomos um para o outro. Tudo o que temos. – Ele praguejou baixo e duramente. – Ouça, sinto muito, Autumn. Por toda essa merda... Eu realmente sinto. Eu devia ter parado com isto há muito tempo, muito antes de ir tão longe... E tudo o que posso fazer para consertar as coisas é terminar com isto agora. – Ele balançou a cabeça, os olhos aumentados em assombro. – Eu fui parte de sua autodestruição antes, e me lembro bem da quantidade de bolhas que criei cavando o seu túmulo. Eu não vou fazer isto de novo. Não posso. Você sempre terá minha simpatia por tudo o que lhe aconteceu, mas eu tenho minha própria merda para lidar.

Quando ele silenciou, ela enlaçou os braços ao redor de si. Num suspiro disse, – Tudo isto só porque eu não quis ser anestesiada?

– Não é só sobre a sua necessidade. Você sabe que não é. Se eu fosse você, aceitaria o conselho de Jane e conversaria com alguém. Talvez... – Ele deu de ombros. – Eu não sei. Eu não sei mais porra nenhuma. A única coisa que eu tenho certeza é que não podemos continuar com isto. Está nos levando a um lugar muito pior do que lugar algum.

– Você sente algo por mim, – ela disse, erguendo o queixo. – eu sei que não é amor, mas você sente...

– Eu sinto pena de você. É isto que sinto. Porque você é só uma vítima. Você não é ninguém além de uma vítima que gosta de sofrer. Mesmo que eu pudesse me apaixonar por você, não há nada em você que eu possa verdadeiramente me apegar. Você é só um fantasma que não está realmente aqui... Não mais do que eu. E em nosso caso, dois errados não fazem um certo.

Com isto, ele virou as costas para ela e saiu do quarto, abandonando-a cambaleando em dor e perda, deixando-a para enfrentar a visão distorcida que ele tinha de seu passado, seu presente, seu futuro... Deixando-a sozinha de um jeito que não tinha nada a ver com o fato de não ter mais ninguém no quarto.

A porta, enquanto se fechava atrás dele, não fez nenhum som.

Capítulo SESSENTA E UM

Quando Tohr saiu pelo corredor ele estava enlouquecido, incoerente, à beira de um colapso violento. Jesus Cristo, ele tinha que sair dali, ficar longe dela. E pensar que a chamou de louca?

Ele era um fodido louco no momento.

Quando olhou pra cima Lassiter estava bem à sua frente.

– Agora não...

O anjo o puxou para trás e o empurrou tão forte que ele viu somente estrelas, viu todas as fodidas galáxias.

Quando bateu na parede de concreto atrás dele, o anjo agarrou a frente de sua camisa e o bateu de volta novamente, chacoalhando seus molares.

Quando sua visão finalmente clareou, o que atravessou aquele rosto não era nada menos do que uma máscara demoníaca, as feições distorcidas pelo tipo de raiva que exigia que se cavasse fundo.

– Você é um babaca. – Lassiter vociferou. – Um fodido babaca.

Tohr se inclinou para o lado e cuspiu sangue.

– Foi Maury ou Ellen quem lhe ensinou a julgar caráter?

Um dedo comprido foi empurrado no seu rosto.

– Ouça-me com muito cuidado, porque só vou dizer isso uma vez.

– Você não gostaria de me bater de novo? Sei que eu gostaria mais disto...

Lassiter o atirou na parede novamente.

– Cale-se. E me ouça. *Você ganhou.*

– Como é?

– Você conseguiu o que queria. Wellsie está condenada pela eternidade.

– O que...

A terceira pancada o interrompeu.

– Está terminado. Acabou. – Ele apontou para a porta fechada do quarto de Autumn. – Você acabou de matar sua chance quando a rasgou em pedaços.

Tohr perdeu isso, suas emoções detonando.

– Você não sabe sobre que *porra* está falando, você não sabe *de merda* nenhuma! Você não tem a menor ideia sobre nada disso, nem sobre mim, nem sobre ela – nem do seu trabalho! Que porra você fez aqui neste ano que passou? Nada! Você esteve sentado e assistindo shows enquanto minha Wellsie está desaparecendo! Você é uma maldita perda de tempo!

– Realmente. Certo, você é tão fodidamente brilhante, que tal essa? – Lassiter o soltou e recuou. – Eu desisto.

– Você não pode desistir...

Lassiter mostrou o dedo do meio.

– Acabei de fazer.

O anjo se virou e seguiu pelo corredor.

– Você está fodidamente desistindo! Isso é ótimo... Fodidamente ótimo! Fale sobre permanecer fiel ao caráter de alguém, seu egoísta filho da puta!

Tudo que recebeu foi outro dedo do meio apontado por cima do ombro.

Com um palavrão Tohr fez um movimento para ir atrás do cara, mas se deteve. Girando, ele deu um golpe rápido, socando o concreto tão forte que sentiu os dedos se quebrando. E sabe, a dor martelando na palma da mão não chegava nem perto da agonia em seu peito.

Ele estava absolutamente em carne viva, por dentro e por fora.

Decolando na direção oposta a do anjo, ele se encontrou na porta pesada de aço que dava ao estacionamento. Sem ideia do que estava fazendo ou para onde estava indo, ele a mandou voando de suas dobradiças e marchou para o ar frio, indo

para a direita, subindo a rampa, passando pelos espaços vazios que estavam demarcados com tinta amarela.

Percorreu todo o caminho até a parte de trás, até a parede mais distante e sentou seu traseiro no asfalto frio e duro, seus ombros contra o concreto úmido.

Enquanto respirava com dificuldade sentiu como se estivesse nos malditos trópicos – provavelmente a parte final do efeito da necessidade no seu corpo: mesmo se estivesse de fora à base das drogas teve bastante exposição, suas bolas doloridas como se as tivesse colocado em um espremedor, seu pau ainda duro, suas articulações doloridas como se estivesse tenso até mesmo na névoa da morfina.

Rangendo os dentes se sentou sozinho e olhou fixamente para a escuridão diante dele.

Este era o único lugar seguro para ele neste momento.

Provavelmente por algum tempo.

Quando Layla ouviu gritos enfiou a cabeça para fora do ginásio para ver quem estava gritando – e imediatamente mergulhou de volta pra dentro. Tohr e Lassiter estavam brigando e isso não era algo que ela tinha que se envolver.

Ela tinha seus próprios problemas.

Apesar da necessidade de Autumn ela ficara ali embaixo na clínica para passar a noite, sabendo que passou algum tempo no Santuário recentemente, então não havia nenhuma razão para se preocupar com seu ciclo. Mais precisamente, no entanto, ela não tinha nenhum outro lugar para ir. Sem dúvida Quinn e John estavam conversando com o rei e o Primale na casa principal, e logo ela seria convocada para saber do seu destino.

Diante de um possível exílio – ou pior, morte por ajudar um traidor – ela passou horas e horas andando de um extremo ao outro do piso cor de mel do ginásio, passando pelas arquibancadas e bancadas, as entradas que davam para o pit e as portas para o corredor. E então voltando por todos eles de novo.

Sua ansiedade era tanta que enrolava sua tensão como uma máquina de fiar, os fios trançados se estendendo até se enrolar em sua garganta e descendo até contrair seu ventre.

Ela pensou incessantemente sobre Xcor e seu segundo tenente. Foi usada por ambos – mas especialmente pelo último. Xcor não queria partilhar de sua veia. Ele lutou – e quando ela passou por cima de sua vontade havia um profundo pesar em seus olhos, porque ele sabia exatamente em que posição a estava colocando. O outro soldado não teve tal compulsão.

Na verdade, ela o culpava – o que quer que caísse sobre sua cabeça foi ele quem fez. Quem sabe ela seria reencarnada como um fantasma e poderia assombrá-lo pelo resto de suas noites... Claro, assumindo que ela seria condenada à morte. E se não fosse, o que ela faria? Certamente eles a tirariam de suas tarefas aqui, bem como também de seu status de Escolhida. Para onde ela iria? Não tinha nada dela, nada que não tivesse sido fornecido por ordem do rei ou do Primale.

Continuando suas voltas enfrentou mais uma vez o vazio de seus dias e se perguntava que propósito ela serviria no futuro...

A porta se abriu na outra extremidade e ela parou.

Todos os quatro vieram encontrá-la: O rei, o Primale, Qhuinn e John Matthew.

Endireitando a coluna ela cruzou o ginásio até o meio, segurando seus olhares. Quando chegou perto o suficiente fez uma mesura até o chão e não esperou para ser abordada. Os costumes da corte eram o menor dos seus problemas.

– Meu senhor. Estou preparada para aceitar toda a responsabilidade...

– Levante-se, Escolhida. – Uma mão apareceu diante do seu rosto. – Levante-se e fique à vontade.

Quando ela ofegou e olhou para cima o sorriso do rei era gentil e ele não esperou para ela responder. Curvando-se para ela, juntou sua palma na dele e a ajudou ante sua súplica. E quando ela relanceou o olhar para o Primale, seus olhos pareciam incrivelmente gentis.

Ela apenas balançou a cabeça e se dirigiu a Wrath.

– Meu senhor, eu alimentei seu inimigo...

– Você sabia quem ele era no momento?

– Não, mas...

– Você acreditava que estava ajudando um soldado caído?

– Bem, sim, mas...

– Você o procurou de novo?

– Absolutamente não, mas...

– Você de fato disse a John e Quinn onde ele estava quando deixou a cidade ontem à noite?

– Sim, mas...

– Basta com os *mas* então. – O rei sorriu novamente e pôs sua mão no rosto dela, alisando a bochecha ligeiramente apesar de sua cegueira. – Você tem um grande coração e eles sabiam disso. Aproveitaram-se da sua confiança e a usaram.

Phury assentiu.

– Eu deveria ter dito a você quem estava alimentando em primeiro lugar, mas a guerra é um negócio sujo e sórdido e não queria que fosse sugada para dentro disso. Nunca me ocorreu que Throe a buscaria, mas eu não deveria estar surpreso. O Bando de Bastardos é impiedoso até a medula.

Depressa ela colocou a mão livre na boca, segurando um soluço.

– Eu sinto tanto, eu juro a vocês dois que eu não tinha nenhuma ideia...

Phury deu um passo e a puxou contra ele.

– Está bem. Está tudo bem... Não quero que pense nisso novamente.

Quando ela virou a cabeça para o lado descansando-a no seu peito forte soube que não era possível. Inconscientemente ou não ela traiu a única família que tinha e isso não era o tipo de coisa que alguém podia apenas dar as costas – ainda que sua estupidez fosse perdoada. E essas últimas horas tensas quando seu destino era desconhecido e sua solidão se revelou ao máximo, não seria afastada também.

– A única coisa que peço, – disse Wrath – É que se ele entrar em contato com você novamente.. Se algum deles fizer... Você nos diga imediatamente.

Ela se afastou e teve a ousadia de se estender para a mão da adaga do rei. Como se Wrath soubesse o que procurava estendeu sua palma na dela prontamente, o grande diamante negro relampejando em seu dedo.

Curvando a cabeça e colocando seus lábios no símbolo da monarquia, ela falou no Antigo Idioma.

– Com tudo que tenho e tudo que sou, eu assim juro.

Conforme ela fazia o pacto com seu rei diante do Primale e de duas testemunhas, uma imagem de Xcor tocou através dos olhos de sua mente. Lembrou-se de cada detalhe do seu rosto e do corpo do guerreiro...

Vindo do nada um tiro de calor se espalhou por ela.

De qualquer forma não importava. Seu corpo poderia ser um traidor; seu coração e alma não eram.

Endireitando-se olhou fixamente para o rei.

– Deixe-me ajudar você a encontrá-lo. – ela se ouviu dizer. – Meu sangue está em suas veias. Posso...

Qhuinn a cortou.

– Absolutamente não. De jeito nenhum...

Ela o ignorou.

– Deixe-me provar minha lealdade.

Wrath sacudiu sua cabeça.

– Você não precisa. É uma fêmea de valor e não iremos arriscar sua vida.

– Eu concordo. – o Primale disse. – Lidaremos com aqueles lutadores. Não deve se preocupar com eles e agora quero que cuide de si mesma. Você parece exausta e deve estar faminta. Coma alguma coisa e vá dormir na mansão.

Wrath acenou.

– Sinto muito que demoramos tanto tempo para vir até você. Beth e eu estávamos em Manhattan nos divertindo e só voltamos ao anoitecer.

Layla acenou e concordou com tudo que foi dito, mas só porque de repente estava muito exausta para ficar de pé muito mais tempo. Felizmente o rei e o Primale saíram logo depois disso e então Qhuinn e John assumiram, guiando-a de volta para a mansão, levando-a até a cozinha e a sentando no balcão enquanto abriam de fora a porta da geladeira e da despensa.

Era doce da parte deles querer servi-la, especialmente já que não sabiam nem cozinhar um ovo. Porém só de pensar em comida seu estômago embrulhou, fazendo-a engasgar.

– Não, por favor. – ela disse, afastando os restos da Primeira Refeição. – Oh... Querida Virgem Escriba... *Não*.

Quando eles colocaram seus próprios pratos de peru e purê de batatas e algum tipo de mistura de brócolis, ela tentou não ver ou cheirar nada.

– Qual o problema? – Qhuinn disse quando deslizou no banco ao lado dela.

– Eu não sei. – Ela deveria estar aliviada que Wrath e Phury foram tão complacentes com sua transgressão. Em vez disso estava mais ansiosa do que nunca. – Não me sinto bem... Eu quero ajudar. Quero fazer uma reparação. Eu...

John começou assinalar alguma coisa no microondas – mas o que quer que fosse Qhuinn sacudiu a cabeça e se recusou a traduzir.

– O que ele está dizendo? – Ela exigiu. Quando não obteve nenhuma resposta colocou a mão no braço do macho. – O que ele está dizendo, Qhuinn?

– Nada. John não está dizendo porra nenhuma.

O outro macho não apreciou o bloqueio, mas não discutiu enquanto preparava um segundo prato de comida, sem dúvida para Xhex.

Depois que John se desculpou e foi alimentar sua *shellan*, o silêncio na cozinha foi quebrado apenas pelo som dos talheres contra o prato do Qhuinn.

Não demorou muito para estar pronta para saltar e se impedir de gritar, ela começou a andar de um lado para o outro.

– Você realmente deveria descansar. – Qhuinn murmurou.

– Eu não consigo.

– Tente comer alguma coisa.

– Querida Virgem Escriba, não. Meu estômago está uma bagunça e está tão quente aqui.

Qhuinn franziu a testa.

– Não, não está.

Layla continuou caminhando, cada vez mais rápido – e supôs que era porque estava tentando fugir das imagens na sua cabeça: Xcor olhando para ela. Xcor tomando sua veia. O corpo grande de Xcor... O enorme corpo do guerreiro colocado a sua frente e claramente excitado pelo gosto do seu sangue...

– Em que diabos você está pensando? – Qhuinn perguntou sombrio.

Ela parou de repente.

– Nada. Absolutamente nada.

Qhuinn se remexeu em seu banco e então abruptamente empurrou sua comida meio-devorada.

– Eu deveria deixá-lo. – ela anunciou.

– Não, tá legal. Acho que estou irritado, também.

Quando ele levantou do balcão com seus pratos, os olhos dela viajaram seu tronco abaixo e se arregalaram. Ele estava... Excitado.

Assim como ela.

Vestígios da necessidade de Autumn, claramente...

A onda de calor veio sobre ela com tanta presa que mal teve tempo para agarrar o balcão de granito para se manter em pé, e não conseguiu responder quando ouviu Qhuinn gritar seu nome à distância.

Necessidade agarrou seu corpo, apertando seu útero como um punho, fazendo-a se vergar sob sua força.

– Oh... Querida Virgem Escriba... – Entre suas pernas seu sexo abriu, o florescimento não tendo nada a ver com Xcor ou Qhuinn ou qualquer força externa.

A excitação veio de dentro dela mesma.

Sua necessidade...

Não foi suficiente. As visitas ao Santuário não foram suficientes para evitar que fosse pega pela necessidade de Autumn...

A onda seguinte de ânsia ameaçou deixá-la de joelhos, mas Qhuinn estava lá para pegá-la antes de bater no azulejo duro. Enquanto a arrastava em seus braços, ela sabia que não tinha muito tempo para ser racional. E sabia que a resolução que abruptamente lhe sobreveio era ao mesmo tempo inteiramente injusta e totalmente inegável.

– Sirva-me. – ela disse, cortando o que quer que ele estivesse dizendo para ela. – Eu sei que não me ama e sei que não estaremos juntos posteriormente, mas sirva-me para que eu possa ter algo que é meu. Então você pode ter algo que é seu.

Enquanto o sangue drenava do rosto dele e seus olhos díspares se arregalavam ela avançou, falando entre ofegos rápidos.

– Nós dois não temos uma família de verdade. Ambos estamos sozinhos. Sirva-me... sirva-me e mudamos tudo isso. Sirva-me de modo que possamos cada um ter um futuro que é pelo menos parcialmente nosso... Sirva-me, Qhuinn... Eu lhe imploro... Sirva-me...

Capítulo SESSENTA E DOIS

Qhuinn tinha certeza absoluta que ele estava em um universo paralelo. Porque não havia dúvida de que Layla estava entrando em sua necessidade... E se voltando para ele para ajudá-la a passar por isso.

Não.

Esta era apenas uma imagem espelhada da forma como o mundo real era – um mundo onde o biologicamente puro estava preso em si mesmo, de modo que criaram gerações de jovens biologicamente puros e, portanto, superiores.

– Sirva-me e nos dê algo que seja nosso. – Os hormônios estavam se elevando nela num nível mais renovado, superior, cortando sua voz. Logo voltou, no entanto, com as mesmas palavras. – Sirva-me...

Quando começou a arfar, não ficou claro se isso era o sexo em seu sangue ou a vertigem criada por este precipício inesperado de onde pendia.

A resposta era não, é claro. Não, absolutamente, nenhuma criança jamais, certamente não com alguém que ele não estava apaixonado, certamente não com uma virgem Escolhida.

Não.

Não...

Porra, não, merda, não, Deus, não, dane-se tudo, *não*...

– Qhuinn... – ela gemeu. – Você é minha única esperança e eu a sua...

Bem, na verdade isso não era verdade – pelo menos a primeira parte. Qualquer outro macho na casa ou no planeta poderia cuidar disso. E é claro, logo em seguida eles seriam responsabilizados pelo Primale.

Não era uma conversa pela qual estaria se voluntariando.

Exceto... Bem, ela estava certa sobre a segunda parte. Em seu delírio, em seu desespero, ela estava expressando a mesma coisa que ele tinha pensado há meses.

Como ela, ele não tinha nada que fosse realmente seu, sem perspectivas de amor verdadeiro, nenhuma razão duradoura para se levantar a cada pôr do sol além da guerra. Que tipo de vida era essa?

Tudo bem, disse a si mesmo. Adote um maldito cachorro. A resposta a tudo isso era *não* se deitar com esta Escolhida.

– Qhuinn... Por favor...

– Escute, deixe-me levá-la para a Dra. Jane. Ela vai cuidar de você do jeito certo...

Layla sacudiu a cabeça violentamente.

– Não. Eu preciso de você.

Vindo do nada, ele pensou, crianças com um futuro como o seu. Se você criá-las bem, elas nunca realmente o deixariam e não poderiam ser tirados de você se as mantivessem seguras.

Inferno, se Layla concebesse, inclusive o Primale não poderia fazer merda nenhuma, porque Qhuinn seria... O pai. O que em termos vampíricos era a última palavra do rei – e Wrath não tocaria em algo assim privado.

Por outro lado, se ela não engravidasse, eles provavelmente arrancariam suas adoradas bolas por sujar uma fêmea sagrada...

Espere um minuto. Ele estava realmente considerando isto?

– *Qhuinn...*

Ele poderia amar uma jovem, ele pensou. Amá-la com tudo que era e jamais seria. Amá-la como ele nunca amou nenhum outro, inclusive Blay.

Fechando os olhos por um breve instante, ele voltou ao tempo até a noite que ele morreu e subiu até a porta do Fade. Ele pensou sobre aquela imagem que tinha visto, aquela pequena fêmea...

Oh, Jesus...

– Layla. – ele disse roucamente, conforme ficava de pé. – Layla, olhe para mim. *Olhe* para mim.

Quando a sacudia ela pareceu se recolher em si mesma, concentrando-se em seu rosto enquanto ela enfiava suas unhas nos seus braços dele.

– Sim...

– Você tem certeza. Se a resposta for positiva, você precisa ter certeza...

Por um breve momento, uma completa expressão de lucidez atravessou suas belas feições torturadas.

– Sim, tenho certeza. Vamos fazer o que devemos. Pelo futuro.

Ele procurou seu rosto cuidadosamente só para ter certeza. Phury ficaria puto, mas então até a Escolhida tinha o direito de escolher – e ela o estava escolhendo, aqui e agora. Quando tudo que viu foi uma resolução absoluta, ele assentiu uma vez, pegou-a de volta em seus braços e saiu a passos largos da cozinha.

Seu único pensamento quando atingiu o início da escadaria principal, era que eles conceberiam nas próximas horas, e ambos, tanto ele quanto Layla viveriam tudo: a gravidez, o parto e aquelas poucas horas críticas depois disso.

Ele e Layla trariam ao mundo uma filha.

Uma filha de cabelos loiros, com olhos que seriam moldados como os seus, a primeira cor como o da Escolhida... Antes deles mudarem para ser um azul e o outro verde, como os seus.

Ele teria sua própria família. Seu próprio futuro.

Finalmente.

Quando Xhex saiu do chuveiro sabia que John tinha retornado, porque pegou seu cheiro, bem como o cheiro de algo deliciosamente enlouquecedor. Reaplicando os cílios que ela removeu para se lavar, embrulhou uma toalha ao seu redor e caminhou para o quarto.

– Oh, cara, peru. – ela disse enquanto ele passava uma bandeja para ela.

Olhando para cima, seus olhos demoraram em seu corpo como se ele quisesse comê-la em vez disso, entretanto ele apenas sorriu e voltou para os seus cuidados com o que ele trouxe para ambos.

– Isto que é uma sincronia perfeita. – ela murmurou enquanto se arrumava na cama. – Estou morrendo de fome.

Depois que tudo estava servido apropriadamente, o guardanapo, os talheres, o copo e o prato coberto; ele trouxe a bandeja para ela, colocando-a em suas coxas. Então, ele retrocedeu para o outro lado do quarto para sua própria comida na espreguiçadeira.

Será que ele preferia estar alimentando-a com a mão? Ela se perguntou enquanto comiam em silêncio. Os machos vampiros gostavam de fazer aquilo... Mas ela nunca teve paciência para isso. A comida era energia para o corpo, não algo para começar um Dia dos Namorados.

Supondo que ambos fossem capazes de convencer um ao outro, eles não eram. E algo estava acontecendo. Sua grade estava em conflito, ao ponto que suas emoções estavam quase congelando.

– Eu vou partir. – ela disse tristemente. – Depois que checar minha mãe, eu vou...

Você não tem que ir, ele disse com gestos, sinalizando. *Eu não quero que você vá.*

– Tem certeza disso? – Quando ele movimentou a cabeça, ela tinha que perguntar, já que sua mente estava enlouquecida.

Mas qual é, algumas horas na cama não diminuiriam a distância que os balançou ultimamente...

Abruptamente ele respirou fundo e parou de brincar com o que estava em seu prato.

Ouçá, preciso lhe dizer uma coisa.

Ela baixou seu garfo e se perguntou o quanto isto doeria.

– Ok.

Layla alimentou Xcor.

– Que por..., desculpe, eu ouvi direito? – Quando ele acenou com a cabeça ela pensou. Certo, ela sabia que havia um drama acontecendo por aí, mas nunca teria imaginado que fosse tão sério.

Ela não sabia quem que ele era. Trhoe a enganou – ele a alcançou, encontrou e a levou até Xcor.

– Jesus... – Que outra razão o rei precisava para matar aquele filho da puta?

Eis a questão. Ela quer ajudar a encontrá-lo – e com seu sangue em suas veias... Ela pode. Ela sabia onde ele estava ontem à noite – sentiu-o claro como o dia. Ela poderia realmente ajudar você.

Xhex esqueceu tudo sobre a comida, a adrenalina subiu rapidamente através do seu corpo.

– Oh, cara, se eu pudesse apenas deixá-la ao alcance... Há quanto tempo ela o alimentou?

No outono.

– Merda. Desperdício de tempo. – Ela se levantou e vestiu suas calças de couro, pegando-as do chão. Droga, estavam rasgadas ao meio...

Há outras ainda no armário.

– Oh, obrigada. – Ela se aproximou e tentou não ficar deprimida quando viu suas roupas alinhadas juntas. Deus... – Ah, você sabe onde ela está?

Lá embaixo na cozinha com Qhuinn.

Quando a grade de John mudou Xhex parou o processo de puxar um novo par para fora. Estreitando seus olhos por cima do ombro, ela disse.

– O que não está me dizendo?

Wrath e Phury não querem envolvê-la. Ela se ofereceu para ajudar e eles a calaram. Se você usá-la, eles não poderão saber que você o fez – eu não posso dizer isto mais claramente.

Xhex piscou, sua respiração congelada em seus pulmões.

Ninguém pode saber Xhex. Nem mesmo Qhuinn. E não é preciso dizer que você tem que mantê-la segura.

Quando John a encarou sombriamente, ela não se importava com toda esta merda. Nem sequer a ouviu.

Com esta pequena informação ele tinha acabado de escolhê-la e à sua busca, passando por cima do seu rei e do Primale de sua raça. Mais ainda, ele potencialmente entregou-lhe a chave para se infiltrar no Bando de Bastardos – e enviá-la para o ventre da besta.

Falando sobre colocar seu dinheiro onde sua boca estava.⁷⁶

Xhex esqueceu sobre os couros e caminhou em sua direção, pegando seu rosto entre as mãos.

– Por que está me contando isso?

Isto vai te levar até ali. Ele gesticulou.

Ela passou as mãos entre seus cabelos, afastando-os do seu rosto bonito e tenso.

– Se você continuar com isso...

E daí?

– ...Vou ficar lhe devendo.

Posso escolher como vai me reembolsar?

– Sim. Pode.

Então quero que você volte a morar comigo. Ou deixe-me viver com você. Eu quero que estejamos apropriadamente juntos novamente.

Piscando forte ela se abaixou e o beijou devagar, meticulosamente. Palavras não significavam merda nenhuma. Ele estava certo sobre isso. Mas este macho, que tinha tudo a ver com muros e obstáculos na primavera, estava abrindo caminho para seu grande momento agora.

⁷⁶ Uma expressão que quer dizer fazer algo ao invés de apenas falar sobre isto.

– Obrigada. – sussurrou contra sua boca, rolando tudo que estava sentindo naquela simples palavra.

John sorriu largamente para ela. *Eu amo você, também.*

Depois que o beijou mais uma vez ela se afastou dele, lançou-se num par de calças limpas e agarrou sua camiseta regata. Puxando-a sobre sua cabeça, ela...

A princípio pensou que a onda de calor que passou através dela era porque estava diretamente sob o calor da ventilação no teto. Mas quando se moveu e aquilo ficou preso nela, olhou seu corpo abaixo.

Relanceando o olhar para John, observou-o endurecer e olhar para seu ventre.

– Porra. – ela sussurrou. – Quem diabos está em sua necessidade agora?

John foi verificar seu telefone, e então deu de ombros.

– Eu provavelmente deveria cair fora daqui. – *Symphaths* geralmente podem controlar sua fertilidade à vontade e ela sempre teve sorte com isso. Porém, como uma mestiça não estava disposta a dar uma chance para isso, com alguém atualmente vivendo na porta ao lado. – Você tem certeza que minha mãe superou isso quando desceu para ver Layla... Merda, aposto que é ela. Aposto que é a Escolhida...

Um gemido atravessou as paredes à direita. Onde o quarto de Qhuinn estava.

O bater abafado que se seguiu só podia significar uma coisa.

– Puta merda, é Qhuinn... – Exceto que ela sabia a resposta para isso. Treinando seus sentidos para a porta ao lado, ela se pegou em suas mentes. Sem amor romântico entre eles – mais como uma resolução de ambos os lados.

Estavam fazendo aquilo com um propósito que ela apenas podia imaginar. Mas por que iriam querer uma criança? Essa merda era uma loucura total, especialmente pela posição da Escolhida... e a dele.

Quando outra onda de necessidade ameaçou tomar conta dela, Xhex avançou para sua jaqueta e suas armas.

– Eu realmente devo ir. Não quero ficar exposta, por via das dúvidas.

John concordou e foi para a porta.

– Vou checar minha mãe agora. Layla estará ocupada durante algum tempo, mas depois conversarei com ela e informarei a você como foi.

Estarei aqui. Esperando para saber de você.

Ela o beijou uma, duas vezes... E uma terceira vez. E então ele abriu a porta e ela partiu...

No instante em que saiu para o corredor os hormônios bateram forte nela, fazendo-a balançar.

– Oh, inferno não. – ela murmurou, decolando para os degraus e então se desmaterializando até a porta escondida debaixo da escada.

Quanto mais distante estivesse, melhor se sentiria. Mas ela estava preocupada com sua mãe. Graças a Deus que eles tinham drogas para suavizar as extremidades daquela provação.

Tohr possivelmente não poderia estar servindo-a. De jeito nenhum.

Emergindo do túnel para o escritório, ela andou a passos largos para fora no corredor longo do centro de treinamento. Não havia nada de peculiar no ar e isso era um alívio. O período de fertilidade era violento, mas o bom era que quando isso terminasse ele sairia da rodada rapidamente – embora a fêmea geralmente exigisse um dia ou dois para se recuperar completamente.

Colocando sua cabeça para dentro da sala de exames principal ela não encontrou ninguém. O mesmo aconteceu nas duas salas de recuperação. Mas sua mãe estava aqui – ela podia senti-la.

– Autumn? – Ela gritou com o cenho franzido. – Olá? Onde você está?

A resposta veio de algum lugar mais distante abaixo, onde as conferências costumavam ser dadas aos estagiários.

Avançando em direção ao som, ela entrou na sala de aula e achou sua mãe acomodada em uma das mesas de frente ao quadro-negro. As luzes estavam acesas acima da sua cabeça e não havia mais ninguém ali com ela.

Nada bom. O quer que a fêmea estivesse pensando... Não era uma boa situação.

– *Mahmen?* – Xhex disse enquanto deixava a porta fechar suavemente atrás dela. – O que está fazendo?

Hora de agir com cuidado. Sua mãe estava tão imóvel quanto uma estátua e tão arrumadinha, tudo tão organizado, desde seu cabelo firmemente trançado até suas roupas cuidadosamente combinadas.

Porém aquilo de se colocar tudo totalmente arrumadinho era falso, nada além de adornos externos de compostura que acabavam fazendo-a parecer ainda mais frágil.

– Eu não estou bem. – Autumn sacudiu sua cabeça. – Nada bem. Nada bem mesmo.

Xhex caminhou até a escrivaninha do instrutor e colocou suas armas e sua jaqueta.

– Pelo menos você é honesta.

– Pode dizer o que está na minha cabeça?

– Sua grade está desligada. Então você é difícil de ler.

Autumn assentiu.

– Desligada... Sim, isso o encobriria. – Longa pausa, depois que sua mãe olhou em volta. – Sabe por que vim aqui? Pensei que o resíduo dos ensinamentos passariam para mim. Não está funcionando, estou com medo.

Xhex descansou seu traseiro em cima da escrivaninha.

– A Dra. Jane lhe examinou?

– Sim. Estou bem. E antes que pergunte, não, não fui servida. Eu não quis ser.

Xhex soltou um suspiro de alívio. Fora a saúde mental de sua mãe, os riscos físicos de uma gravidez e do nascimento não eram algo que precisassem enfrentar agora – embora talvez isso fosse egoísta.

Porém, vamos lá, ela tinha acabado de encontrar a fêmea; não queria perdê-la tão cedo.

Quando os olhos de Autumn se ergueram havia uma franqueza neles que era nova.

– Preciso de um lugar pra ficar. Longe daqui. Eu não tenho dinheiro, nem trabalho e nem perspectivas, mas...

– Você pode morar comigo. Por quanto tempo quiser.

– Obrigada. – Aqueles olhos se afastaram e se demoraram no quadro-negro. – Eu me esforçarei para ser uma boa hóspede.

– Você é minha mãe. Não é uma hóspede. Ouça, o que aconteceu?

A outra fêmea se levantou.

– Podemos ir agora?

Cara, aquela grade estava totalmente fechada. Trancada. Envolta em autoproteção. Como se ela tivesse sido atacada de alguma maneira.

Agora claramente não era hora de forçar.

– Ah, sim. Certo. Podemos ir. – Xhex se levantou da escrivaninha. – Você quer falar com Tohr antes de ir?

– Não.

Xhex esperou por algum tipo de explicação, mas não veio nenhuma. O que disse o bastante para ela.

– O que ele fez, *Mahmen*?

Autumn ergueu o queixo, sua dignidade tornando-a mais bonita do que nunca.

– Ele me disse o que pensava de mim. Muito sucintamente. Por isso, neste momento, acredito que ele e eu não temos mais nada a dizer um ao outro.

Xhex estreitou seus olhos, a raiva se curvando em suas entranhas.

– Vamos? – Sua mãe disse.

– Sim... Certo...

Mas ela descobriria que porra tinha acontecido; isso era certo.

Capítulo SESSENTA E TRÊS

Depois que as persianas subiram do parapeito e a noite ter levado para longe toda a luz do céu, Blay deixou a sala de bilhar com a intenção de checar Saxton na biblioteca, em seguida tomar um banho para a Primeira Refeição.

Ele não chegou muito mais longe do que o tronco da macieira do mosaico no hall de entrada.

Petrificado, baixou o olhar para seus quadris. A latejante ereção estava se projetando, a excitação tão inesperada quanto exigente.

O que... Olhando pra cima ele se perguntou quem mais estava em sua necessidade. Era a única explicação.

– Você não vai querer uma resposta para isso.

Olhando por cima, ele encontrou Saxton em pé no arco da biblioteca.

– Quem.

Mas ele sabia. Ele sabia essa porra.

Saxton colocou sua mão elegante atrás de si.

– Você não quer vir e tomar uma bebida comigo no meu escritório?

O macho estava excitado também, como mostrava as calças de seu terno fino de tweed rapidamente – exceto que seu rosto não correspondia à sua ereção. Ele estava carrancudo.

– Venha. – ele repetiu, apontando com a mão novamente. – Por favor.

Os pés de Blay fizeram o trabalho, levando-o para a confusão caótica que a biblioteca estava desde que foi dada a Sax sua "atribuição". Qualquer que seja.

Quando Blay entrou ouviu as portas duplas fazendo um clique atrás dele e procurou em sua mente algo para dizer.

Nada. Ele não tinha... Nada. Especialmente quando acima de sua cabeça, no teto ornamentado com sua moldura de gesso, um baque abafado começou a soar.

Até mesmo os cristais no lustre piscavam, como se a força do sexo estivesse sendo transmitida através das vigas do piso.

Layla estava em sua necessidade. E Quinn estava servindo-a...

– Aqui, beba isso.

Blay pegou o que foi oferecido e engoliu como se suas entranhas estivessem em chamas e aquela merda fosse água. Porém o efeito foi o oposto de qualquer extintor. O conhaque queimou caminho abaixo e aterrissou como uma bola de calor.

– Mais? – Saxton disse.

Quando ele assentiu o copo desapareceu e retornou muito mais pesado. Depois que ele bebeu o número dois, ele disse:

– Estou surpreso...

Quanto isso parecia terrível. Ele achava que todos os laços entre ele e Quinn foram cortados. Ha, ha. Ele deveria ter pensado melhor.

No entanto recusou a terminar o pensamento em voz alta.

– ...Que você possa lidar com esse transtorno. – ele concluiu.

Saxton foi até o bar e se serviu de sua própria bebida.

– Temo que os detritos sejam necessários.

Conforme Blay caminhava até a mesa, ele girava o conhaque em círculos na palma da mão para aquecê-lo e tentou falar de uma maneira sensata.

– Estou surpreso que não esteja fazendo mais coisas no computador.

Saxton discretamente cobriu seu trabalho com outro volume encadernado em couro.

– A ineficiência de tomar notas à mão me dá tempo para pensar.

– Estou surpreso que precise disto, seu primeiro instinto está sempre certo.

– Você ficaria surpreso sobre muitas coisas neste momento.

Apenas uma, realmente.

– Estou só conversando.

– Mas é claro.

Enfim ele examinou seu amante. Saxton se acomodou num sofá de seda do outro lado com suas pernas cruzadas no joelho, suas meias de seda vermelhas aparecendo de relance debaixo da sua bainha sob medida, seus sapatos Ferragamo brilhavam do polimento regular. Ele era tão refinado e caro quanto suas antiguidades nas prateleiras, um macho perfeitamente elegante de uma linhagem condecorada com bom gosto e estilo.

Ele era tudo o que alguém podia querer...

Enquanto a porra do lustre brilhava acima da sua cabeça, Blay disse asperamente.

– Ainda estou apaixonado por ele.

Saxton baixou seus olhos e escovou o topo da sua coxa, como se houvesse um minúsculo fiapo lá.

– Eu sei. Pensou que não estivesse?

Como se isto fosse uma grande estupidez dele.

– Estou tão cansado desta porra. Realmente estou.

– Acredito nisso.

– Estou tão... – Deus, aqueles sons, aquele martelar abafado, aquela confirmação audível do que ele tinha ignorado no último ano...

Numa súbita onda de violência lançou o copo de conhaque na lareira de mármore, quebrando a coisa.

– Porra! *Porra!* – Se ele pudesse teria saltado e estraçalhado aquela porra daquela luminária do caralho do teto.

Dando meia volta foi cegamente para as portas, tropeçando nos livros, bagunçando as pilhas, quase se chocando com a mesa de café.

Saxton chegou ali primeiro, bloqueando a saída com seu corpo.

Os olhos de Blay se fixaram no rosto do macho.

– Saia do meu caminho. Agora. Você não quer ficar perto de mim.

– Isto não sou eu quem decide?

Blay mudou seu foco para os lábios que ele conhecia tão bem.

– Não força a barra.

– Ou. O quê?

Enquanto seu peito começava a bombear, Blay percebeu que o cara sabia exatamente o que estava provocando. Ou pelo menos achava que sabia. Mas algo transtornou, talvez fosse a necessidade, talvez fosse... Merda, ele não sabia e realmente não se importava.

– Se você não der o fora do meu caminho, vou dobrá-lo sobre essa sua mesa.

– Prove.

Coisa errada a dizer. No tom errado. Na hora errada.

Blay soltou um rugido que sacudiu as janelas envidraçadas. Então pegou seu amante pela parte de trás da cabeça e tudo mais e jogou Saxton do outro lado da sala. Conforme o macho caía sobre a mesa papéis voaram, os blocos amarelos de notas legais e impressos por computador caindo como neve.

Saxton virou seu peito quando olhou para trás para ver o que estava vindo para ele.

– Tarde demais para correr. – Blay rosnou enquanto rasgava o botão da sua braguilha.

Caindo sobre o macho ele foi com as mãos rudes, rasgando as camadas que o impediam de tomar o que queria. Quando não havia mais barreiras, ele arreganhou os dentes e mordeu o ombro de Saxton através de suas roupas, prendendo o macho

embaixo dele até mesmo enquanto agarrava seus pulsos e os prendeu no mata-borrão de couro.

Então ele empurrou duro e soltou tudo o que tinha, seu corpo tomando conta... Mesmo que seu coração estivesse muito, muito distante.

A cabana, como Xhex a chamava, era uma acomodação muito modesta.

Conforme Autumn andava em seu interior, não havia muito para atrapalhar o seu caminho. A cozinha estreita nada mais era do que armários e bancadas. O espaço oferecia pouco mais que uma visão do rio, com apenas duas cadeiras e uma mesa pequena como móveis. Havia apenas dois quartos, um com dois colchões, outro com uma enorme e peculiar plataforma de dormir. E o banheiro era apertado, mas limpo, com uma única toalha pendurada na haste do chuveiro.

– Como disse a você, – Xhex falou da sala principal, – Não é muito. Há também uma instalação subterrânea para você durante o dia, mas temos que acessá-la da garagem.

Autumn saiu do banheiro.

– Acho que é bonito.

– Está tudo bem, pode ser honesta.

– Quis dizer o que disse. Você é uma mulher extremamente prática. Gosta que as coisas funcionem bem e não gosta de perder tempo. Este é um bom espaço pra você. – Ela olhou em torno mais uma vez. – Todas as instalações que transportam água para dentro e para fora são novas. Assim como os geradores. A cozinha tem bastante espaço para cozinhar com um fogão que tem seis bocas, não de quatro e é a gás, para que não precise se preocupar com eletricidade. O telhado é de ardósia e, portanto, duradouro, e os pisos não chiam, então presumo que o material é tão bem cuidado quanto todo o resto. – Ela se virou de um canto para o outro. – De todos os ângulos há uma janela para olhar para fora, assim você nunca será pega de surpresa, e vejo que existem fechaduras de cobre em todos os lugares. Perfeito.

Xhex pegou seu casaco.

– Isso é, ah ... Muito perspicaz de sua parte.

– Não realmente. É óbvio para qualquer um que a conheça.

– Estou... Estou realmente feliz que o faça.

– Eu também.

Autumn foi até as janelas que davam para a água. Lá fora a lua lançava uma luz brilhante sobre a paisagem de neve, a iluminação refratária marcando seus olhos azuis.

Você está apaixonada por mim. Não se preocupe em negar... Você me diz enquanto dorme todos os dias... E sabe muito bem que a única razão porque estou com você é para tirar Wellsie do Limbo. Então, eu apenas não me encaixo em seu padrão correto.

– Mahmen?

Autumn se focou no reflexo de sua filha no vidro.

– Desculpe, o quê?

– Você quer me contar o que aconteceu entre você e Tohr?

Xhex ainda tinha que tirar suas armas e enquanto estava ali, ela era tão poderosa, segura, forte... Ela não se curvava diante de nenhum macho e de ninguém, e isso era tão maravilhoso. Não que isso fosse uma bênção enorme.

– Estou tão orgulhosa de você. – disse Autumn, virando-se para enfrentar a fêmea. – Quero que saiba que estou muito, muito orgulhosa de você.

Os olhos de Xhex foram para o chão e ela passou uma mão pelos cabelos, como se não soubesse como lidar com os elogios.

– Obrigada por me trazer. – continuou Autumn. – Vou tentar ganhar meu sustento durante o período que estiver aqui e contribuir de alguma maneira.

Xhex sacudiu a cabeça.

– Continuo dizendo, você não é uma hóspede.

– Seja como for, não serei um fardo.

– Você vai me contar sobre Tohr.

Autumn considerou as armas que ainda pendiam dos coldres de couro e achou que o brilho do bronze era muito parecido com a luz nos olhos de sua filha: uma promessa de violência.

– Você não deve ficar zangada com ele. – ela se ouviu dizendo. – O que aconteceu entre nós foi consensual e acabou por... Uma razão adequada. Ele não fez nada errado.

Enquanto falava não tinha certeza do que realmente pensava sobre tudo, mas uma coisa estava clara: Ela não criaria uma situação onde Xhex fosse atrás do macho com todas as armas em punho – literalmente.

– Você me ouviu, minha filha. – Não era uma pergunta, mas um comando, o primeiro que ela deu em sua vida, soando como de um pai para um filho. – Você não tem motivos para se encontrar com ele ou falar sobre isto com ele.

– Me dá uma razão para isso.

– Você conhece as emoções dos outros, certo?

– Sim.

– Quando foi a última vez que encontrou alguém que se apaixonou por outra pessoa. Que tinha desejado que seus sentimentos fossem numa determinada direção, quando no seu estado natural, seu coração pendia por outra pessoa.

Xhex praguejou baixinho.

– Nunca. É uma receita para o desastre, mas você ainda pode ser respeitosa com a maneira como você diz certas frases.

– A embalagem que envolve certas palavras não muda a natureza da verdade.
– Autumn olhou de volta para a paisagem coberta pela neve e o rio que estava parcialmente congelado. – E prefiro saber o que é real a viver uma mentira.

Houve silêncio por um tempo entre elas.

– Isso é o suficiente do “por que”, minha filha?

Praguejou outra vez. Mas então Xhex disse:

– Não gosto disso... Mas, sim é.

Capítulo SESENTA E QUATRO

Tohr estava sentado no parque do estacionamento por só Deus sabia quanto tempo. Tinha que ser por pelo menos uma noite e um dia, e depois talvez mais uma noite ou duas? Ele não sabia e não se importava realmente.

Era como estar de volta dentro do útero, supôs. Exceto que sua bunda estava dormente e seu nariz escorrendo do frio.

Com sua raiva épica desvanecida e suas emoções acalmadas, seus pensamentos se tornaram como um grupo de viajantes, passando através de seções de sua vida, vagando pelas paisagens de diferentes épocas, retornando para o reexame de picos e vales.

Maldita viagem longa. E nesse finalzinho ele estava cansado, embora seu corpo não se movesse por horas e horas.

Nada surpreendente que os dois lugares mais revisitados foram os da necessidade de Wellsie... E de Autumn. Esses acontecimentos e suas respectivas consequências foram as montanhas mais escaladas, as diferentes cenas como paisagens piscando numa sequência alternada de comparação até que se turvasse, formando uma cópia de ações e reações, suas e delas.

Depois de todas as reflexões, havia três resoluções que ele continuava voltando repetidamente.

Teria que pedir desculpas a Autumn, é claro. Cristo, essa era a segunda vez que ele tirava um pedaço dela, a primeira vez foi à quase um ano na piscina. Em ambos os casos seu temperamento levou a melhor sobre ele por causa da carga de estresse em que estava, mas isso não era desculpa.

A segunda era encontrar esse anjo e fazer outra série de “sinto muito”.

E a terceira... Bem, a terceira era realmente a mais importante, a única coisa que tinha que fazer antes das outras.

Ele tinha que fazer contato com Wellsie uma última vez.

Respirando fundo, fechou os olhos e desejou relaxar um pouco os músculos. Então, com mais desespero do que esperança, ele comandou sua mente cansada para estar livre de todos os pensamentos e imagens, vazia de tudo o que o manteve acordado por todo esse tempo, sem remorsos, os erros e a dor...

Eventualmente à ordem foi cumprida, a implacável caminhada mental foi diminuindo até que toda a merda do conhecimento Lewis-e-Clark⁷⁷ cessou.

Impregnando seu subconsciente com um único objetivo, ele se deixou cair em sono e esperou em estado de repouso até...

Wellsie chegou até ele em tons de cinza, dentro daquela paisagem árida enevoadada, vento frio e pedras. Ela estava tão longe, agora, que o alcance de sua visão o permitiu ver umas das formações rochosas em ruínas de perto...

Só que não eram de fato feitas de pedra.

Nenhuma delas era.

Não, essas eram figuras encolhidas de outros que sofreram como ela, seus corpos e ossos gradualmente desmoronando sobre si mesmos até que fossem apenas montes para serem usados pelo vento.

– Wellsie? – ele gritou.

Conforme o nome dela ia à deriva para o horizonte ela nem olhava pra ele.

Não parecia nem reconhecer sua presença.

A única coisa que se movia era o vento frio que abruptamente pareceu marchar em sua direção, soprando através da planície cinzenta, soprando através dele e dela.

Enquanto o vento pegava o cabelo dela, mechas se formavam ao seu redor...

Não, não mechas. Seu cabelo agora estava cinza, cinzas espalhadas numa corrente invisível que vinha para ele, atingindo-o enquanto a poeira fazia seus olhos lacrimejarem.

Eventualmente isso seria ela toda. E então nada dela.

⁷⁷ Lewis e Clark foram exploradores do início do século XIX.

– Wellsie! Wellsie, estou aqui!

Ele a chamou para despertá-la, para obter sua atenção, para dizer a ela que ele finalmente estava pronto, mas não importava o quanto gritasse ou quanto acenasse com os braços, ela não se concentrava nele. Ela não olhou para cima. Não se mexia... E nem seu filho.

Ainda assim o vento soprava, levando partículas infinitesimais de suas formas, consumindo-as.

Num aperto de medo ele se transformou em um macaco enorme, rugindo e pulando ao redor, gritando bem alto e agitando os braços, mas como se as regras do esforço se aplicassem até mesmo em outro mundo, eventualmente ele perdeu energia e caiu amontoado no chão empoeirado.

Eles estavam sentados na mesma pose, ele percebeu.

E foi aí que a verdade paradoxal chegou até ele.

A resposta veio de uma só vez, tudo o que tinha acontecido com Autumn, o sexo e a alimentação – contudo não tinha nada a ver com ela. Isso tudo era sobre Lassiter tentar ajudá-lo – e nada além disso. Não era nem mesmo sobre Wellsie, realmente.

Era ele. Tudo... E ele.

Em seu sonho, ele baixou o olhar para si mesmo, e abruptamente a força veio para ele com uma tranquilidade que tinha tudo a ver com a sede de sua alma... E o fato de que o caminho do seu sofrimento – e o dela – tinha acabado de ser iluminado pela mão do seu Criador.

Finalmente, após todo esse tempo, toda essa merda, toda essa agonia, ele sabia o que fazer.

Agora quando falou, ele não gritou.

– Wellsie, sei que pode me ouvir, aguente. Preciso de um pouquinho mais de você, finalmente estou pronto. Só lamento que tenha levado tanto tempo.

Ele permaneceu ali por apenas mais um instante, jogando todo seu amor em sua direção, como se pudesse manter o que restava dela intacto. Então ele se

retirou, livrando-se num arranco com uma explosão de vontade hercúlea que fez seu corpo se sacudir de sua posição sobre o chão de concreto.

Estendendo a mão, ele se impediu de cair de cara no chão e imediatamente se levantou.

Tão logo se levantou, percebeu que se não urinasse imediatamente sua bexiga explodiria e não conseguiria se segurar.

Avançando para a rampa, correu para a clínica e entrou no primeiro banheiro que encontrou. Quando surgiu não parou para checar qualquer pessoa, mesmo podendo ouvir vozes em outras partes do centro de treinamento.

Lá em cima na casa principal ele encontrou Fritz na cozinha.

– Ei, meu amigo, preciso de sua ajuda.

O mordomo levantou o olhar da lista de compras que estava fazendo.

– Senhor! Você está vivo! Oh, bendita Virgem Escriba, está todo mundo lhe procurando lá fora...

Merda. Tinha esquecido que havia implicações em sair da grade.

– Sim, desculpe. Vou enviar um torpedo pra todo mundo. – Assumindo que pudesse encontrar seu telefone? Provavelmente o deixou na clínica e não perderia tempo indo lá. – Ouça, o que realmente preciso é que você venha comigo.

– Oh, senhor, seria um prazer servi-lo. Mas talvez você devesse ir até o rei primeiro, todos estão tão preocupados...

– Vamos fazer o seguinte. Você dirige e eu vou pegar seu telefone emprestado. – Quando houve uma hesitação, ele baixou sua voz. – Temos que ir agora, Fritz. Preciso de você.

O chamado para o serviço era precisamente o motivador que o mordomo precisava. Com uma reverência, ele disse.

– Como quiser, senhor. E talvez eu deva levar uns refrigerantes para você?

– Boa ideia. Preciso de cinco minutos.

Quando o mordomo acenou com a cabeça concordando e desapareceu dentro da despensa, Tohr deu a volta na base das escadas e subiu pelo carpete vermelho dois passos de cada vez. Parou de correr quando chegou à porta de John Matthew.

Sua batida foi respondida imediatamente, John abriu caminho com um empurrão. Quando o rosto do rapaz registrou surpresa, Tohr ergueu suas mãos em autodefesa, porque sabia que ele daria esporro pelo seu desaparecimento novamente.

– Lamento que eu...

Ele não teve chance de terminar. John abraçou Tohr e segurou com tanta força que sua espinha estalou.

Tohr estava bem ali, devolvendo o favor. E enquanto segurava o único filho que tinha, ele falou em voz baixa e clara.

– John, quero que saia da ronda de hoje à noite e venha comigo. Preciso de você... Venha comigo. Quinn pode vir também e isso vai levar a noite toda, talvez mais. – Quando Tohr sentiu o assentimento contra seu ombro, ele respirou fundo. – Bom, filho. Isso é... Bom. Não há nenhuma maneira de eu fazer isso sem você.

– Como está se sentindo?

Layla abriu os olhos pesados e olhou para o corpo de Quinn acima do seu rosto. Parado ao lado da cama em seu quarto ele estava completamente vestido, grande e distante, desajeitado mas não desagradável.

Ela sabia como ele se sentia. Passado o fogo intenso de sua necessidade, aquelas horas de tensão, martelar e arranhar acabaram e se assentaram, uma nota de rodapé estranha que parecia já estar desaparecendo em sua memória como um sonho. Quando os dois foram presos no punho da experiência, parecia como se nada mais voltasse a ser o mesmo, que seriam mudados e transformados para sempre pelas erupções vulcânicas.

Mas agora... O calmo retorno à normalidade parecia ser tão poderoso quanto começar do zero.

– Acho que estou pronta para me levantar. – ela disse.

Ele foi tão bom alimentando-a de sua veia e também trazendo comida, e ela ficou em repouso por pelo menos vinte e quatro horas depois, como era a tradição lá em cima no Santuário após o Primale ter se deitado com uma Escolhida.

No entanto, já estava na hora de se mexer.

– Você pode ficar aqui, você sabe. – Ele foi até seu closet e começou a se armar para a noite. – Descanse um pouco mais. Relaxe.

Não, ela teve o suficiente disso.

Apoiando-se em seus cotovelos ela esperou se sentir tonta e ficou aliviada quando não se sentiu. Apesar de tudo, ela se sentia forte.

Não havia outra maneira de colocar isto. Seu corpo estava apenas... Forte.

Deslocando suas pernas para fora do colchão, colocou seu peso em seus pés nus e lentamente se levantou. Quinn veio imediatamente para o lado dela, mas não precisava de ajuda.

– Acho que vou tomar um banho. – ela anunciou

E depois disso? Não tinha ideia do que iria fazer.

– Quero que você fique aqui. – disse Quinn como se estivesse lendo sua mente. – Você vai ficar aqui. Comigo.

– Não sabemos se estou grávida.

– Mais uma razão para ter calma. E se estiver, você ficará comigo.

– Tudo bem. – Afinal eles estavam nisso juntos, supondo que “isso” tinha que ser.

– Vou sair pra lutar agora, mas tenho meu celular comigo o tempo todo e deixei um pra você na mesa de cabeceira. – Ele segurou o seu no alto e apontou o outro ao lado do despertador. – Ligue ou mande uma mensagem se precisar de mim, está claro?

Seu rosto estava muito sério, os olhos focando-a com uma intensidade que lhe deu uma ideia de como ele provavelmente era perfeito em campo. Nada e ninguém ficariam no seu caminho se ela ligasse para ele.

– Prometo.

Ele assentiu e foi para a porta. Antes que a abrisse pra sair, ele parou e pareceu estar à procura de palavras.

– Como vamos saber se você...

– Abortou? Vou começar a sentir cólicas e então vou sangrar. Vi isso acontecer no Outro Lado várias vezes.

– Você estará em perigo se abortar?

– Não que eu já tenha visto, não tão cedo.

– Você deveria ficar em repouso na cama?

– Depois das primeiras vinte e quatro horas, se isto acontecer, acontecerá. Estando em repouso ou não, neste momento nossa sorte já está lançada.

– Vai me avisar?

– Assim que eu souber.

Ele se virou. Pareceu encarar a porta por um instante.

– Ele vai se manter.

Ele estava muito mais confiante do que ela, mas era gratificante saber de sua fé e seu desejo pelo que ela queria.

– Volto ao amanhecer. – ele disse. – Vou estar aqui.

Depois que ele saiu, ela foi sozinha para o chuveiro, passando o sabonete sobre a parte inferior da sua barriga várias vezes. Parecia estranho ter uma coisa tão potencialmente importante ocorrendo em seu próprio corpo e ainda assim desconhecer as particularidades.

Eles descobririam em breve, no entanto. A maioria das mulheres sangrava na primeira semana, se não estivessem grávidas.

Quando saiu debaixo do jato, enxugou-se e descobriu que ele cuidadosamente deixou outra de suas vestes em cima do balcão, então as pegou, junto com algumas roupas íntimas, no caso de um aborto ocorrer.

No quarto principal ela se sentou no edredom para calçar seus chinelos, e então...

Não havia nada para ela fazer. E o silêncio e a quietude eram pobres companheiros de sua ansiedade.

Esponaneamente a imagem do rosto de Xcor voltou para ela mais uma vez.

Com uma maldição suave, ela temia que nunca fosse esquecer a maneira pela qual ele a considerou, seus olhos olhando pra ela como se fosse uma visão que ele não pudesse compreender totalmente, e ainda assim, sempre seria grato por ter visto apenas uma vez.

Ao contrário das lembranças da necessidade, as sensações que sentiu quando aquele macho se concentrou nela eram tão incandescentes quanto no momento em que ela as viveu, inalterável ao longo dos meses que a separavam desse encontro. Exceto... Ela simplesmente imaginou tudo isso? Seria possível que a lembrança fosse forte simplesmente porque foi uma fantasia?

Obviamente se a necessidade era passageira, a vida real se desvanecia rapidamente.

Porém o desejo de ser desejada não...

A batida na porta a fez se encolher.

– Sim?

Do outro lado da porta uma voz feminina respondeu:

– É Xhex. Importa-se se eu entrar?

Não podia imaginar o que a fêmea estava fazendo procurando por ela. Ainda assim gostava da companheira de John e ela sempre receberia sua *shellan*.

– Oh, por favor, entre. Oi, esta é uma grata surpresa.

Xhex as trancou por dentro e sem jeito olhou para todos os lugares, menos para o seu rosto.

– Então, ah... Como está se sentindo?

Na verdade tinha a sensação que um monte de gente estaria lhe perguntando isto na próxima semana.

– Bem o suficiente.

– Ótimo. Sim... Bom.

Fez-se um longo silêncio.

– Há algo em que eu possa ajudá-la? – Layla perguntou.

– Para falar a verdade, sim.

– Então me diga o que é e vou fazer o que puder.

– É complicado. – Xhex estreitou os olhos. – E perigoso.

Layla pôs a mão em seu baixo ventre como se estivesse protegendo seu filho, caso houvesse um.

– O que buscas?

– Por ordens de Wrath estou tentando encontrar Xcor.

O peito de Layla se apertou, a boca abrindo para que assim pudesse respirar.

– Naturalmente.

– Eu sei que está ciente do que ele fez.

– Sim, estou.

– Também sei que você o alimentou.

Layla piscou enquanto a imagem daquele rosto cruel e estranhamente vulnerável veio até ela novamente. Por uma fração de segundo ela teve o instinto absurdo de protegê-lo, mas isso era ridículo e algo que ela pudesse sustentar.

– É claro que ajudarei você e a Wrath. Fico feliz que o rei tenha reconsiderado sua posição anterior.

Agora a fêmea hesitou.

– E se eu lhe disser que Wrath não poderá saber sobre isso? Ninguém pode, especialmente Qhuinn. Isso faria você mudar de ideia?

John, ela pensou. John contou para sua companheira o que havia acontecido.

– Compreendo – disse Xhex – que estou colocando você numa posição terrível, mas você sabe qual é a minha natureza. Vou usar qualquer coisa à minha disposição para conseguir o que quero, e quero encontrar Xcor agora. Não tenho dúvidas de que serei capaz de protegê-la, e não tenho nenhuma intenção de ter você em qualquer lugar perto dele. Só preciso da área geral onde ele se instala durante a noite e vou tirá-la de lá.

– Você vai matá-lo?

– Não, mas darei à Irmandade a munição para fazê-lo. A arma que foi usada para atirar em Wrath era um rifle de longo alcance, não é o tipo de coisa que alguém levaria para o campo em uma noite normal. Assumindo que não o destruíram, eles o deixarão para trás quando saírem. Se eu conseguir desencavá-lo poderemos provar o que eles fizeram, e as coisas tomarão seu curso natural.

Olhos bondosos, ela pensou... O homem tinha olhos desse tipo quando olhou para ela. Mas, de fato ele era o inimigo do seu rei.

Layla sentiu sua cabeça acenando.

– Vou ajudá-la. Farei qualquer coisa que eu puder... E não direi uma palavra.

A fêmea se aproximou e colocou uma mão surpreendentemente gentil em seu ombro.

– Odeio colocar você nesta posição. A guerra é um negócio muito feio que se especializa em comprometer pessoas boas como você. Posso sentir como isso está lhe rasgando e lamento que eu esteja lhe pedindo para mentir.

Era adorável que a *symphath* se preocupasse com ela, mas seu conflito não estava em dar falso testemunho à Irmandade. Estava no guerreiro que estaria ajudando a matar.

- Xcor me usou. – disse como se estivesse tentando se convencer.
 - Ele é muito perigoso. Você tem sorte de ter saído de seu encontro com ele viva.
 - Farei o que é certo. – Ela olhou para Xhex. – Quando partimos?
 - Agora. Se estiver em condições.
- Layla buscou forças lá do fundo. Então assentiu.
- Permita-me pegar meu casaco.

Capítulo SESENTA E CINCO

Horas mais tarde, quando Marissa se sentou em sua escrivaninha no Lugar Seguro, ela atendeu seu celular e não pôde deixar de sorrir.

– É você novamente.

A voz de Butch com sotaque de Boston estava enrouquecida. Como de costume.

– Quando vai voltar para casa?

Ela olhou para o seu relógio e pensou: Para onde a noite foi? Mas sempre foi assim no trabalho. Ela vinha assim que o sol estava seguro abaixo da linha do horizonte, e antes que percebesse, a luz estava ameaçando no leste e estava se dirigindo de volta para o complexo.

Para os braços do seu macho.

Difícilmente isto era um dever.

– Cerca de quarenta e cinco minutos?

– Você poderia vir agora...

O modo como ele arrastava aquelas palavras sugeria um significado completamente diferente daquele verbalizado, “voltar pra casa”.

– Butch...

– Não consegui sair da cama hoje à noite.

Ela mordeu os lábios, imaginando-o nu debaixo dos lençóis que estavam bagunçados quando ela saiu.

– Não?

– Mmm, não. – Ele arrastou as sílabas, pelo menos até que ficou sem fôlego. – Estive pensando em você...

Sua voz era tão profunda, tão crua, que ela sabia exatamente o que ele estava fazendo em si mesmo, e por um momento fechou seus olhos e se entregou seriamente a algumas belas imagens mentais.

– Marissa... Volte pra casa...

Voltando a si num estalo, ela se retirou do feitiço que ele sabia muito bem que estava tecendo ao redor dela.

– Não posso sair agora. Mas vou começar a checar as coisas... E quanto a isso?

– Perfeito. – Ela podia ouvir o sorriso em seu rosto. – Estarei aqui esperando por você... E ouça, brincadeiras à parte, leve o tempo que precisar. Só chegue antes da Última Refeição. Quero lhe dar um aperitivo que você não vai esquecer.

– Você já é bastante inesquecível.

– Esta é minha garota. Eu amo você.

– Eu também amo você.

Quando terminou a ligação, um grande e largo sorriso de felicidade estava em seu rosto. Seu companheiro era o tipo de macho tradicional da “velha escola,” como ele mesmo se chamava, com todos os preconceitos que vinham com aquele cenário mental. As fêmeas nunca deveriam pagar por nada, abrir uma porta, abastecer seus carros, atravessar uma poça de lama, carregar algo maior do que poderia caber em um saco de sanduíche... Isso tudo o descreve. Mas ele nunca se meteu no seu trabalho. Nunca. Essa era a única área da sua vida onde ela dava as ordens, e ele nunca reclamou dessas horas, sua carga de trabalho, ou seu nível de estresse.

O que era apenas uma das muitas razões porque adorava o Irmão. As fêmeas e crianças desalojadas que ficavam no Lugar Seguro eram uma espécie de família para ela, uma que ela chefiava. Ela estava no comando da instalação, do pessoal, dos programas, dos recursos, e o mais importante, de tudo e de todos que estavam debaixo do seu teto. E ela amava seu trabalho. Quando Wrath lhe deu carta branca para fazer caridade ela quase recusou, mas estava tão contente que tenha lutado contra o medo para encontrar seu objetivo profissional.

– Marissa?

Erguendo o olhar, ela encontrou uma das suas mais novas conselheiras de pé na entrada do seu escritório.

– Oi. Como está o grupo hoje à noite?

– Realmente bem. Entregarei meu relatório em aproximadamente uma hora, logo depois que terminarmos de fazer biscoitos na cozinha. Sinto muito interrompê-la, mas há um cavalheiro aqui com uma entrega.

– Sêrio? – Ela franziu o cenho para o calendário na parede. – Nós não temos nada programado.

– Eu sei, por isso não destranquei a porta. Ele disse que você o conhecia, mas não quis dar seu nome. Será que não deveríamos chamar a Irmandade?

– Qual a aparência dele?

A fêmea estendeu uma mão acima da cabeça.

– Muito alto. Grande. Tem cabelo escuro com uma mecha branca na frente.

Marissa se levantou tão rápido que sua cadeira caiu com um chiado no chão.

– Tohrment? Ele está vivo?

– Desculpe?

– Vou lidar com isso. Está tudo bem, pode voltar pra cozinha.

Marissa disparou de seu escritório e desceu o conjunto frontal de escadas. Parando na entrada principal, verificou o monitor de segurança que V instalara e logo em seguida escancarou a porta.

Ela se lançou para o Irmão sem pensar.

– Oh, Deus, onde você estava? Estava perdido a várias noites!

– Na verdade não. – Ele devolveu seu abraço suavemente. – Estava apenas cuidando de alguns negócios. Mas está tudo bem.

Ela recuou, mas continuou segurando seus bíceps volumosos.

– Você está bem?

Todos na mansão sabiam que Autumn tinha passado por sua necessidade e podia imaginar como foi difícil para ele. E ela esperava, assim como todos eles, que a crescente relação entre o Irmão e a calma e decaída aristocrata pudesse curá-lo. Ao invés disso, ele desapareceu depois que ela terminou seu período fértil e Autumn saiu de casa.

Não era um resultado feliz, obviamente.

– Escute, sei que você recebe doações, certo? – Ele disse.

Respeitando o fato de que ele não respondeu sua pergunta, ela parou de sondar.

– Oh, com certeza. Aceitamos qualquer coisa, somos especialistas em adaptar e reutilizar por aqui.

– Bom, porque tenho algumas coisas que gostaria de dar para as fêmeas, pode ser? Não tenho certeza se você pode usar alguma coisa, mas...

Ele se virou e abriu caminho até o furgão da Irmandade que estava estacionado na entrada da garagem. Fritz estava acomodado no banco do passageiro, e o velho mordomo pulou para fora quando ela se aproximou.

Pela primeira vez ele não tinha um sorriso alegre no rosto. No entanto, ele fez uma profunda reverência.

– Senhora, como tem passado?

– Oh, muito bem, Fritz, obrigada.

Ela se calou quando Tohr deslizou o painel lateral...

Um olhar para dentro e ela parou de respirar.

Iluminados pela luz de cima do furgão estavam pilhas organizadas do que parecia serem roupas em cestos de lavanderia, caixas de papelão e mochilas abertas. Havia também saias, blusas e vestidos ainda em seus cabides, envoltos com cuidado no piso da van.

Marissa olhou para Tohr.

O Irmão estava em silêncio e olhando fixamente para o chão – e claramente não fazia contato visual.

– Como eu disse, não tenho certeza se você pode usar qualquer uma delas.

Ela se inclinou e tocou um dos vestidos.

A última vez que o viu, foi em Wellsie.

Estas eram as roupas da *shellan* dele.

Com uma voz embargada, ela sussurrou.

– Você tem certeza de que quer doar isto?

– Sim. Jogar tudo isso fora parece simplesmente um desperdício e ela não aprovaria isso. Wellsie iria querer que fossem usadas por outras pessoas, seria importante para ela. Ela odiava desperdício. Mas, sim, apesar de tudo eu não sei sobre todas essas coisas de tamanhos femininos.

– Isto é muito generoso de sua parte. – Ela estudou o rosto do macho, percebendo que era a primeira vez desde que ele voltou depois do assassinato, que ela o ouviu dizer o nome. – Vamos usar tudo isto.

Ele acenou com a cabeça, seus olhos ainda evitando os dela.

– Incluí artigos de toalete fechados também. Como xampu e condicionador, seu hidratante, aquele sabonete Clinique que ela gostava. Wellsie era realmente exigente nesse tipo de coisa, ela tendia a encontrar algo que gostava e se apegar... Ela também era ótima em estocar, por isso havia bastante coisa quando limpei nosso banheiro. Ah, e trouxe também algumas coisas da cozinha... Aquelas panelas de cobre que ela preferia e suas facas. Posso levar para uma Legião da Boa Vontade humana se você...

– Ficaremos com tudo o que você tem.

– Aqui estão as coisas de cozinha. – Tohrment deu a volta e abriu a porta de trás para mostrar a ela. – Sei que você não permite homens lá dentro, mas talvez eu possa colocar isso tudo na garagem?

– Sim, sim, por favor. Deixe-me buscar algumas mãos extras para nos ajudar...

– Eu mesmo gostaria de carregar isso, se você não se importar.

– Oh sim, é claro... Sim. – Agitada, ela correu e digitou o código no teclado das portas da garagem.

Quando o lado esquerdo abriu, ela se aproximou e parou junto ao mordomo enquanto Tohrment ia e voltava num ritmo constante, carregando os pertences de sua companheira com cuidado, criando uma pilha alta e arrumada bem ao lado da porta que dava para a cozinha.

– Ele está empacotando a casa? – Ela sussurrou para Fritz.

– Sim, senhora. Nós trabalhamos a noite toda, John, Quinn, eu e ele. Ele cuidou dos quartos e da cozinha, enquanto os outros machos e eu trabalhávamos no resto da casa. Ele me pediu para voltar com ele depois deste próximo pôr do sol, de forma que todos os móveis e obras de arte possam ser removidos para a mansão.

Marissa levantou a mão e cobriu sua boca para que seu choque fosse menos evidente. Mas não precisava ter se preocupado sobre sua reação deixar Tohr desconfortável; o Irmão estava focado apenas em sua tarefa.

Quando o furgão estava vazio ele fechou tudo e deu a volta, contornando-o. Exatamente quando ela estava tentando organizar palavras apropriadas de gratidão, de profundo respeito, da mais profunda simpatia, ele a cortou, tirando algo do seu bolso – um saco de veludo.

– Eu tenho mais uma coisa. Você me dá sua mão? – Quando ela estendeu sua palma, ele soltou o cordão no topo da coisa. Virando de cabeça para baixo, ele despejou...

– Oh, meu Deus! – Marissa ofegou.

Rubis. Grandes rubis vermelhos cravejados de diamantes. Muitos deles – um colar – não, um colar e uma pulseira. Brincos também. Ela precisou das duas mãos para segurar aquilo tudo.

– Comprei estes para ela por volta de 1964. De Van Cleef e Arpels?⁷⁸ Era para ser para o nosso aniversário, mas não sei que porra eu estava pensando. Wellsie não era uma grande fã de joias, ela gostava mais de objetos de arte. Ela sempre disse que

⁷⁸ Van Cleef e Arpels é uma empresa francesa de fabricação de joias e relógios fundada em 1896 por Alfred Van Cleef e seu sogro Salomon Arpels.

essas joias eram espalhafatosas. Enfim, você sabe, vi essas joias numa revista Town e Country na casa de Darius. Pensei que ficariam bem com seu cabelo vermelho e quis fazer algo excepcional e romântico, só pra provar que eu podia fazer. Ela realmente não se importava com elas, mas a cada ano seguinte, a cada ano sem falhar, ela pegava o conjunto do cofre e os colocava. E todos os anos... A cada ano... Eu tinha que dizer a ela que eles não se comparavam com a beleza dela... – Ele parou de chofre. – Desculpe-me, estou totalmente incoerente.

– Tohr... Não posso aceitá-las. Isto é demais...

– Quero que você venda estas joias. Venda-as, pegue o dinheiro e use-o para expandir a casa nos fundos. Butch disse algo sobre você precisar de mais espaço? Acho que elas devem valer uns duzentos e cinquenta mil, talvez mais. Wellsie teria adorado o que você está fazendo aqui, teria apoiado e se voluntariado com as fêmeas e as crianças, teria se envolvido realmente. Então, você sabe, não existe um lugar melhor para eles estarem.

Marissa começou a piscar muito rápido – era isso ou deixar as lágrimas caírem. Era só que... Ele estava sendo tão corajoso...

– Você tem certeza... – ela disse asperamente. – Você tem certeza que quer fazer tudo isso?

– Sim. Está na hora. Manter suas coisas não a trouxe de volta e nunca trará. Mas pelo menos elas poderão ajudar as fêmeas desta casa, então nada será desperdiçado. É importante para mim que as coisas que nós compramos juntos, tivemos juntos, usamos juntos... Não serão, você sabe, desperdiçadas.

Com isso Tohr se inclinou e lhe deu um abraço rápido.

– Fique bem, Marissa.

E então ele fechou o furgão, ajudou o mordomo a se acomodar no banco do motorista e com um aceno final, desmaterializou-se na noite que estava chegando ao fim.

Marissa baixou o olhar para a fortuna em suas mãos, então se voltou para Fritz no furgão que estava cautelosamente manobrando para fora da calçada. Quando o *doggen* foi embora então o seguiu, caminhando via abaixo, colocando as pedras de volta em sua bolsinha. Enquanto ele contornava, ela ergueu o braço e acenou. Ele fez o mesmo.

Envolvendo os braços ao redor de si mesma para afastar o frio, ela assistiu as luzes traseiras desaparecerem.

Com o peso das joias ainda em suas mãos, ela se virou em direção a casa e imaginou a expansão que poderia fazer no pátio traseiro, criando mais quartos para as fêmeas e seus filhos – especialmente no subsolo, onde estariam a salvo durante o dia.

Seus olhos lacrimejaram de novo e desta vez não havia como impedir as lágrimas de correr pela sua face. Conforme a instalação na frente dela ondulava, o futuro ficou claro: Ela sabia exatamente que nome daria a nova ala depois.

Wellesandra soava bem.

Capítulo SESENTA E SEIS

Layla nunca estivera lá fora tão perto do amanhecer, e ela achou interessante notar que havia uma mudança real no ar, uma vitalização que conseguia sentir, mas não ver: o sol era realmente poderoso, capaz de iluminar o mundo inteiro, e a iluminação crescente fazia sua pele aguilhoar em alerta, algum instinto arraigado profundamente em sua carne dizendo-lhe que agora era hora de voltar para casa. Ainda que ela não quisesse ir.

– Como estão as coisas? – Xhex perguntou, por trás dela.

Na verdade, tinha sido uma noite longa. Elas tinham estado nos arredores de Caldwell por horas, circulando na escuridão, rastreando Xcor e seus guerreiros – o que se provava fácil demais de ser feito. Seu sentido do macho era claro como uma locação iluminada por faróis, seu laço com ele proveniente da alimentação meses atrás ainda não tinha desvanecido. E por sua vez... Xcor parecia estar tão preso em sua guerra que não sabia que ela estava por perto; certamente se estivesse consciente da sua proximidade, ele não teria se aproximado dela, e nem o outro soldado.

– Layla?

Ela olhou de relance para a fêmea. – Eu sei exatamente onde ele está. Ele não se moveu.

– Não é sobre isto que estou perguntando.

Layla teve de sorrir um pouco. Uma das grandes surpresas da noite tinha sido a *sympath* - a quem ela realmente não se sentia mais confortável em chamar desta forma. Xhex tinha uma mentalidade afiada, e era tão forte quanto um macho fisicamente, mas havia um calor nela que, apesar de tudo era parte de sua característica pessoal. Ela jamais saíra do lado de Layla, rodeando-a como uma *mahmen* em cima de sua cria, sempre solícita e cuidadosa, como se ela soubesse que era custoso para ela tal tarefa e circunstâncias problemáticas.

– Estou bem.

– Não, não está.

Quando Layla voltou a se concentrar no sinal em seu sangue a alguns blocos de distância, ela ficou quieta.

– Tenho certeza que você já sabe disto, – Xhex murmurou. – Mas você realmente está fazendo a coisa certa.

– Eu sei. Ele está mudando de posição.

– É, eu consigo sentir isto.

De repente, Layla se voltou para um imenso e brilhante farol a oeste: o arranha-céu mais alto da cidade. Enquanto ela se concentrava nas luzes que piscavam branca e vermelha em seu telhado, ela o imaginou parado no frio cortante em cima do edifício, reivindicando a cidade.

– Você acha que ele é mau? – ela perguntou roucamente. – Digo, você pode sentir suas emoções, né?

– Até certo ponto, eu posso.

– Então... Ele é mau?

A outra fêmea exalou longa e lentamente, como se arrependendo de algo que iria compartilhar. – Ele não seria uma boa aposta, Layla. Não para você, não para ninguém mais... E não só por causa do caso com Wrath. Xcor traz algo sinistro dentro de si.

– Então ele tem uma alma sombria.

– Você não precisa lê-lo para saber isto. Só pense no que ele fez ao seu rei.

– É. É, mesmo.

De Qhuinn a Xcor. Histórico fabuloso para escolher machos...

– Ele está se movendo rapidamente, – Layla disse com urgência. – Está se desmaterializando.

– É isto, é agora que você entra.

Layla fechou os olhos e apagou todos os seus sentidos exceto o instinto de encontrar seu próprio sangue. – Está se movendo ao norte.

Como previamente acordado, as duas viajaram uma milha e se reuniram; viajaram outras cinco milhas e se reuniram; viajaram outras dez, e outras dez... Com os sentidos de Layla agindo como um compasso, guiando seu caminho.

E neste tempo todo, o tempo era essencial, o amanhecer se aproximava, um brilho perigoso se alojando no assento do céu e ficando mais forte.

A reta final de sua corrida desencabou em uma floresta de árvores, a uma ou uma milha e meia de onde ele tinha parado – e até então, não ido adiante.

– Eu posso lhe deixar mais perto, – Layla murmurou.

– Ele não está se movendo?

– Não, não está.

– Então agora você vai. Agora!

Layla deu mais uma olhada para a direção onde ele estava. Ela sabia que tinha de partir – pois se ela podia senti-lo, ele poderia talvez senti-la também. A expectativa, é claro, era que se ele pudesse, ele não pudesse reagir rápido o suficiente, então ela desapareceria para o ambiente protegido pelo *mhis* ao norte que o impediria de rastreá-la e o frustraria completamente, não apenas deixando-o sem nenhuma ideia de seu paradeiro, mas bagunçando seu sentido de sangue tão totalmente, que ele seria enviado para uma direção totalmente diferente, como se tivesse batido num espelho que o refletisse pra longe.

Medo fez seu coração falhar uma batida, e ela se apegou à sensação, reconhecendo-a como mais real do que sua recordação do tempo que estiveram juntos quando ele se alimentara dela.

– Layla? Vá!

Querida Virgem Escriba, ela o tinha condenado a morte esta noite...

Não, ela se corrigiu. Ele tinha feito isto a si mesmo. Assumindo que o rifle fosse encontrado no covil do Bando de Bastardos, e que ficasse provado o que os Irmãos desconfiavam, Xcor tinha iniciado as engrenagens de sua condenação há meses atrás.

Ela podia ser o canal, mas as ações dele eram a corrente elétrica que no final iriam parar seu coração.

– Obrigada por me dar a oportunidade de fazer a coisa certa, – ela disse a Xhex. – Eu vou para casa agora.

Com isto, ela se desmaterializou para longe do vale cheio de árvores, indo para a mansão, readquirindo forma no vestíbulo bem na hora que as luzes tinham começado a picar seus olhos.

Não eram as lágrimas fazendo aquilo. Não, aquilo não eram lágrimas – era o amanhecer próximo.

Lágrimas derramadas por aquele macho seria... Errado da parte dela, em tantos níveis que seria impossível de enumerar.

– Precisamos partir, camarada.

John anuiu enquanto Qhuinn falava para ele, mas não se moveu. Parado no meio da cozinha de Wellsie, ele sofria de um tipo de choque cultural.

As cristaleiras estavam vazias. A despensa estava vazia. Assim como as gavetas e os armários. As prateleiras de livros acima da mesa. A própria mesa.

Andando em volta, ele circulou a mesa que estava no cômodo, lembrando os jantares que Wellsie tinha servido nela. Então ele caminhou lentamente pela extensão do tampo de granito, imaginando as tigelas de pães cobertas por panos de prato, as tábuas de cortar com pilhas de cebolas picadas ou cogumelos fatiados, a caixa de farinha, a lata de arroz. No forno, ele quase se curvou para respirar o aroma de ensopado e molho de espaguete.

– John?

Voltando-se, ele caminhou até seu melhor amigo... E continuou andando, se dirigindo a sala de estar. Merda, era como se o lugar tivesse sido bombardeado. As pinturas tinham sido tiradas das paredes, nada restara além dos suportes em forma de garras no qual antes tinham sido penduradas. Tudo em moldura tinha sido movido para o canto oposto, as peças de arte alinhadas, umas contra as outras, separadas por toalhas de tecido grosso.

O mobiliário tinham sido afastados da mesma forma, arrumados em montes de cadeiras, mesinhas de canto, luminárias – Deus, as luminárias. Wellsie não gostava de iluminação superior, então havia um sem número de luminárias de formatos e tamanhos diferentes na casa.

O mesmo com tapetes. Ela odiava aqueles tapetes grandes que cobriam o cômodo inteiro, então havia tapetes orientais – *houvera* tapetes – espalhados por todos os cantos do assoalho ao mármore. Agora, no entanto, como em todos os lugares, eles tinham sido enrolados com suas almofadas e organizados em montes encordoados contra a longa parede na sala de estar.

Os melhores móveis e todos os objetos de arte iam ser levados ao norte para a mansão, a equipe alugaria um caminhão para a mudança. O que sobrasse seria oferecido ao Lugar Seguro, e, se recusado, repassado a caridade ou Exército da Salvação.

Cara... Mesmo depois dos quatro terem trabalhado por dez horas sem interrupção, havia muito o que fazer. Este primeiro empurrão, no entanto, parecera ser a parte mais crítica.

Do nada, Tohr entrou em seu caminho cambaleante, parando-o brevemente. – Ei, filho.

Oh, ei.

Então eles se cumprimentavam palma com palma e então ombro com ombro, foi um alívio estar no mesmo passo novamente após tantos meses de estranhamento. O fato do Irmão tê-lo trazido aqui para ajudá-lo com tudo isto tinha sido uma medida de respeito que o surpreendera e o tocara profundamente.

Mas novamente, como Tohr dissera no caminho para cá, Wellsie tinha sido tanto de John quanto era dele.

– Eu mandei Qhuinn voltar, a propósito. Imaginei que era uma situação extenuante... E vim lhe buscar.

John concordou. Por mais que amasse seu amigo, parecia certo que ele e Tohr estivessem sozinhos na casa, mesmo que por apenas alguns momentos.

Como foram as coisas lá no Lugar Seguro? Ele expressou.

– Realmente bem. Marissa ficou, – Tohr limpou a garganta. – Você sabe, ela é uma fêmea adorável.

Ela realmente é.

– Ela ficou realmente feliz com as doações.

Você deu a ela os rubis?

– Sim.

John concordou de novo. Ele e Tohr tinham repassado juntos a pequena coleção de joias de Wellsie. Aquele colar, bracelete, e brincos tinham sido as únicas coisas de algum valor. O resto era mais pessoal: pequenos mimos, poucos pares de argolas, um conjunto de tachinhas de diamantes. Eles iam manter a todos.

– Eu realmente falava sério, John. Eu quero que você fique com os móveis que quiser. Os quadros também.

Há um Picasso que eu realmente gosto, na verdade.

– É seu, então. Todos eles, qualquer um deles. Seus.

Nossos.

Tohr inclinou a cabeça. – Certo. Nosso.

John caminhou em volta da sala de estar de novo, seus passos ecoando. *O que lhe fez decidir que esta noite era a noite*, ele expressou.

– Não foi uma coisa só. Mais como a culminação de muitas coisas.

Eu sinto muito não ter sido melhor sobre Autumn.

– Oh, não, está certo, filho. Eu sei que é difícil.

Você vai se emparelhar com ela?

– Não.

As sobrancelhas de John se ergueram. *Por que não?*

– É complicado – na verdade, não. É bem simples. Eu estraguei o nosso relacionamento duas noites atrás. Não há retorno.

Oh... Merda.

– É. – Tohr balançou a cabeça e olhou em volta. – É...

Os dois só ficaram ali, lado a lado, os olhos encarando a bagunça que criaram da ordem que uma vez reinara ali. O estado da casa estava agora, John supunha, bem como suas vidas tinham estado após a morte de Wellsie: explodida, vazia, tudo no lugar errado.

Era mais exato do que tinha sido antes, no entanto. Ordem falsa, advinda da recusa de seguir adiante, era um tipo de vida perigoso.

Você vai mesmo vender a propriedade? Ele expressou.

– Sim. Fritz vai ligar para o corretor tão logo possa. A menos... Bem, se você e Xhex quiser ficar com ela. É só dizer...

Não, eu concordo com você. É hora de desapegar.

– Ouça, eu queria saber se você pode tirar folga nas próximas noites? Ainda há bastantes coisas para fazer, e eu gosto de tê-lo comigo.

É claro. Não perderia isto por nada.

– Bom. Está bem.

Os dois olharam um para o outro. *Acho que é hora de ir.*

Tohr concordou lentamente. – Sim, filho. Realmente é hora.

Sem outra palavra, os dois cruzaram a porta dianteira, trancaram... E se desmaterializaram de volta à mansão.

Enquanto suas moléculas se separavam, John sentiu como se devesse haver um tipo de declaração ou troca entre eles que fosse marcante, uma bandeira conversação na areia, uma séria recitação de epitáfio de... Algo.

Mas novamente, ele achava que o processo de cura, ao contrário do trauma, era gentil e lento...

O suave fechar de uma porta, ao invés de uma batida.

Capítulo SESSENTA E SETE

Várias noites após Autumn chegar à cabana de Xhex, uma toalha mudou tudo.

Era apenas uma toalha de mão branca recém-saída do secador, destinada a ser pendurada no suporte do banheiro e usada por qualquer uma das duas. Nada especial. Nada com que Autumn não tivesse lidado ou na mansão da Irmandade ou lá em cima no Santuário, por décadas e mais décadas.

Mas esse era o ponto.

Enquanto segurava aquilo em suas mãos sentindo o calor e a maciez suave, começou a pensar em toda a roupa que tinha lavado. E as bandejas de comida que entregou para as Escolhidas. E as camas que fez. E as pilhas de batas de hospital, esponjas e toalhas...

Anos e anos de serviço de criada que ela esteve orgulhosa de fazer...

Você mesma vem se fazendo de mártir por séculos.

– Eu não fiz. – Ela dobrou a toalha. E desdobrou novamente.

Suas mãos faziam o trabalho sozinha, a voz zangada de Tohr se recusava a ceder. De fato, ficou ainda mais alta em sua cabeça enquanto saía e via os pisos brilhando polidos pelas suas mãos, as janelas cintilantes e a cozinha limpa como um brinco.

Aquele symphath foi sua culpa. Eu sou culpado. O peso do mundo é tudo culpa sua...

– Pare com isso! – Ela silvou, apertando as mãos nos ouvidos. – Só pare com isso!

Ai, o desejo de se tornar surda foi frustrado. Enquanto mancava pela pequena casa, ela estava presa, não pelos limites do telhado e das paredes, mas pela voz de Tohrment.

O problema era que não importava para onde ia ou para onde olhava, havia algo que esfregou, esticou ou poliu bem na frente dela. E seus planos para a noite

incluíam mais daquilo, apesar de não haver mais necessidade de demonstrar limpeza.

Afinal se forçou a sentar numa das duas cadeiras que ficavam de frente para o rio. Estendendo sua perna, ela olhou para sua panturrilha que não parecia bem ou trabalhou direito por muito tempo.

Você gosta de ser a vítima – tudo gira em torno disso.

Três noites, ela pensou. Levou três noites para se mudar para este lugar e escorregar direto no papel de criada...

Na verdade não, ela começou assim que acordou depois daquele primeiro pôr do sol.

Sentada sozinha, aspirou a fragrância perfumada de limão do lustra móveis e sentiu uma necessidade enorme de se levantar, achar um pano e começar a limpar o tampo das mesas e balcões. Isso era parte de sua rotina, não era?

Com uma maldição, obrigou-se a ficar sentada enquanto um replay daquela conversa horrível com Tohrment agitava seu cérebro repetidamente...

Imediatamente depois que ele saiu ela ficara em choque. Em seguida vieram grandes ondas de raiva.

Naquela noite, porém, ela realmente ouviu suas palavras. E considerando que estava cercada pela evidência de seu comportamento, foi difícil contestar o que ele disse.

Ele estava certo. Apesar da expressão da verdade ter sido cruel, Tohrment estava certo.

Embora ela tivesse expressado tudo em termos de serviço para os outros, seus “deveres” foram mais um castigo que uma penitência. Toda vez que ia atrás dos outros limpando, ou curvava sua cabeça debaixo daquele capuz, ou se esquivava para passar despercebida, havia uma lambida gratificante de dor em seu coração, um pequeno corte que curaria quase tão depressa quanto foi infligido...

Dez mil cortes, ao longo dos muitos anos para contar.

De fato, nenhuma das Escolhidas dissera que ela limpasse para elas. Nem a Virgem Escriba. Ela fez por que quis, lançando sua própria existência nos moldes de uma serva desprezível, curvando-se e rastejando ao longo dos milênios.

E tudo por causa de...

Uma imagem daquele *symphath* voltou para ela e por um breve momento lembrou-se do cheiro dele, a sensação de sua pele muito lisa e a visão de suas mãos com seis dedos em sua carne.

Mesmo enquanto a bília subia pela sua garganta, recusou-se a ceder a isso. Ela dera a ele e aquelas memórias um peso demasiado por muitos anos...

De repente ela se imaginou em seu quarto na mansão de seu pai pouco antes de ser raptada, dando ordens ao *doggen*, insatisfeita com tudo ao seu redor.

Ela foi de senhora a criada por escolha própria, lançando-se entre dois extremos de superioridade incondicional e inferioridade autoimposta. Aquele *symphath* foi o elo, sua violência ligando as extremidades do espectro de tal forma que em sua mente uma fluíu para a outra, a tragédia ultrapassando o direito e deixando em seu rastro uma fêmea arruinada, que fez do sofrimento o seu novo modo de viver.

Tohrment estava certo: ela se puniu desde então... E negar as drogas durante sua necessidade foi parte integrante disso: escolheu aquela dor, da mesma forma que escolheu seu baixo status na sociedade, assim como se entregou a um macho que nunca, jamais poderia ser seu.

Estive lhe usando e a única pessoa para quem isto está funcionando é você – isso não vai a lugar nenhum. O bom é que esta coisa toda está lhe dando uma ótima desculpa para se torturar ainda mais...

A vontade de atacar de algum modo a sujeira, esfregar com suas palmas até que o suor brotasse de sua testa, de trabalhar até que suas costas doessem e sua perna gritasse era tão forte que teve que agarrar os braços da cadeira para se manter onde estava.

– *Mahmen?*

Ela se virou e tentou não cair.

– Minha filha, como se saiu?

– Lamento por chegar em casa tão tarde. Hoje foi... Movimentado.

– Oh, isso é bom. Posso pegar algo para... – Ela se interrompeu. – Eu...

A força do hábito era tão forte que se viu se segurando na cadeira novamente.

– Está tudo bem, *Mahmen*. – Xhex murmurou. – Você não precisa esperar por mim. Não quero que faça isso, de verdade.

Autumn trouxe uma mão trêmula até a ponta da sua trança.

– Sinto muito por não ter me arrumado hoje a noite.

– Estou vendo. – Xhex avançou, seu corpo vestido de couro, forte e segura. – E sei por que, então, não tem que se explicar. É bom deixar as coisas correrem. Você tem que fazer isso, se quiser seguir em frente com sua vida.

Autumn se focou nas janelas escuras, retratando o rio mais além.

– Eu não sei o que fazer comigo mesma se não for uma criada.

– É isso o que precisa descobrir, o que gosta, aonde quer ir, como deseja preencher suas noites. Isso é a vida, se você tiver sorte.

– Em vez de possibilidade, só vejo o vazio.

Especialmente sem...

Não, não pensaria nele. Tohrment deixou mais do que claro em que pé estava sua relação.

– Há algo que você provavelmente deveria saber. – sua filha disse. – Sobre ele.

– Eu falei seu nome?

– Você não precisa. Escute, ele...

– Não, não, não me diga. Não há nada entre nós. – Querida Virgem Escriba, doía dizer isso. – Nunca houve, então não há nada que eu precise saber sobre ele...

– Ele está fechando sua casa, aquela em que ele e Wellsie viveram. Ele passou a noite anterior toda empacotando suas coisas, doando-as, deixando os móveis prontos para serem movidos... Ele está vendendo o lugar.

– Bem... Bom pra ele.

– Ele está vindo ver você.

Autumn se levantou da cadeira num rompante e foi para as janelas, seu coração retumbando no peito.

– Como você sabe?

– Ele me disse agora a pouco, quando fui fazer um relatório para o rei. Ele me disse que vem se desculpar.

Autumn pôs suas mãos no vidro frio, as pontas dos seus dedos ficaram dormentes rapidamente.

– Para que isso, eu me pergunto. E a percepção de que estava certo? Ou seria a honestidade quando disse que não sentia nada por mim, que eu era somente um veículo para libertar sua amada? Ambos são verdade, e portanto, fora o seu tom de voz, não há nada para se desculpar.

– Ele te machucou.

– Não mais do que eu fiz antes. – Ela recolheu suas mãos e começou a esfregá-las uma na outra para se aquecer. – Ele e eu cruzamos nossos caminhos duas vezes agora em nossas vidas, e não posso dizer que desejo continuar a associação. Embora sua análise do meu caráter e das minhas falhas estejam corretos, não preciso que seja esclarecido novamente, mesmo pelas sílabas pintadas de ouro “sinto muito”. Esse tipo de coisa apunhala uma pessoa o suficiente na primeira vez.

Houve um longo silêncio.

– Como você sabe – Xhex disse em voz baixa –, John e eu tivemos problemas. Dos grandes, o tipo de merda com que eu não poderia viver embora o amasse. Eu realmente pensei que estava tudo acabado, o que me convenceu do contrário não foi o que ele disse, mas o que fez.

A voz de Tohrment voltou: *Você sabe muito bem que a única razão pela qual estou com você é para conseguir trazer Wellsie do Limbo.*

– Existe uma diferença, minha filha. Seu companheiro é apaixonado por você, e no fim das contas, isso significa tudo. Mesmo se Tohrment deixasse sua *shellan* ir, ele nunca vai me amar.

O bom é que esta coisa toda vai lhe dar uma ótima desculpa para se torturar ainda mais.

Não, ela pensou. Ela acabou com isso.

Hora de um novo paradigma.

E embora Autumn não tivesse nenhuma ideia do que era, estava absolutamente certa que descobriria.

– Escute, tenho que me apressar. – disse Xhex. – Mas espero que não vá demorar muito, voltarei assim que puder.

Autumn deu uma olhada por cima do ombro.

– Não se apresse por minha causa. Preciso me acostumar a estar sozinha, e posso muito bem começar hoje à noite.

Quando Xhex deixou a cabana teve o cuidado de trancar depois que saiu – desejando que pudesse fazer mais pela sua mãe do que simplesmente trancar uma fechadura: a nova orientação emocional de Autumn era extrema, o interior da fêmea virou de cabeça pra baixo.

Entretanto, era isso que acontecia com as pessoas quando finalmente conseguiam uma imagem clara de si mesmas depois de eras de sublimação.

Não era um lugar feliz. E era duro de testemunhar. Difícil deixar para trás – mas Autumn estava certa. Chega um momento na vida de todo mundo quando se percebe que apesar do quanto era difícil correr deles mesmos, para onde quer que fosse, lá estavam eles: os vícios e compulsões não eram nada além de uma distração, mascarando verdades que eram desagradáveis, mas em última análise, inegáveis.

A fêmea precisava de algum tempo para si mesma. Tempo para pensar. Tempo para descobrir. Tempo para perdoar... e seguir em frente.

E quanto a Tohrment? Havia uma parte de Xhex que realmente quis tomar o que quer que foi dito para sua mãe. Só que ela esteve ao redor dele e ele estava sofrendo de uma forma que um maxilar machucado não poderia competir. Difícil era saber quanto dessa merda era com Autumn e o quanto era com Wellsie – seu instinto lhe disse que eles descobririam tudo em breve, porém: o Irmão tinha apenas começado a desmantelar aquela casa e doar as roupas da Wellsie.

Seu jogo final estava malditamente claro.

Então veriam o quanto ele se importava com Autumn.

Com isso Xhex se desmaterializou e se dirigiu para o leste. Ela passou o dia inteiro diante no terreno da casa de Xcor, nunca se aproximando demais do que quatrocentos metros de distância: a mente do macho ficou clara para ela assim que conseguiu ficar dentro do alcance e teve o cuidado de mirar naqueles seus soldados, bem antes dela rumar para norte até a mansão e se reportar ao rei.

E agora estava de volta sob o véu da noite, movendo-se lentamente pela floresta, lançando seus sentidos *sympath*.

Aproximando-se da área onde as mentes estiveram concentradas durante o dia, ela se desmaterializou a uns noventa metros, esperando com calma, usando os galhos de pinheiro como cobertura. Cara, merdas como esta a faziam realmente apreciar as florestas de pinheiros, seus galhos fofos não só a escondiam, mas forneciam uma cobertura do solo sem neve, o que escondia suas pegadas enquanto ela ia de um tronco até outro.

A casa da fazenda vazia com que ela finalmente se deparou era exatamente o que tinha esperado. Feita de pedra velha e grossa, era resistente e tinha poucas janelas – o abrigo perfeito. E claro, a ironia era que com o seu telhado coberto de neve e suas alegres chaminés, o lugar parecia com algo tirado de um cartão de Natal.

Ho-ho-ho, a Estação dos Espancamentos.

Enquanto se infiltrava nos arredores, o furgão que estava estacionado do lado de fora parecia pertencer a outro lugar, um arremesso indesejado de moderno no que parecia ser uma pintura decididamente antiquada. E o mesmo era verdade para os fios elétricos que entravam e estavam ancorados na esquina de trás.

Xhex foi que nem um fantasma para aquele flanco de trás. Era impossível saber ou não se o poder estava ao vivo: nenhuma luz foi deixada acesa, a casa escura como o interior de um crânio.

A última coisa que queria fazer era ativar um alarme.

Exceto que um rápido olhar para o vidro de uma janela a fez franzir a testa. Sem persianas – a menos que eles estejam do lado de dentro? Mais importante, sem barras de aço. Então novamente, o subterrâneo seria a prioridade, não isso.

Circulando, olhou em cada janela, então se desmaterializou até o telhado para verificar as janelas das cornijas no terceiro andar.

Totalmente vazia, ela pensou com outro franzir de testa. E não bem fortificada.

De volta ao chão, puxou suas duas armas, respirou profundamente e...

Tomou forma dentro da casa, estava totalmente em modo de ataque, suas costas voltadas para o canto da sala de estar vazia e empoeirada, os carregadores automáticos diante dela.

A primeira coisa que notou foi que o ar era tão frio dentro quanto fora. Eles não tinham calor?

A segunda coisa foi... Não havia nenhum som de alarme.

Terceira: Ninguém apareceu do nada, pronto para defender o território.

Não significava que isto era um ponto de entrar e sair rapidamente, porém. O mais provável era que eles não davam a mínima para este andar ou o de cima.

Com cuidado ela se desmaterializou até a porta do quarto ao lado. E no próximo. O local lógico das escadas do porão seria a cozinha – e quer saber? Ela achou que estavam exatamente onde esperava que estivessem.

E porra, uau, a porta que a mantinha de fora exibia uma novíssima fechadura sólida feita de cobre.

Levou uns bons cinco minutos para pegar a cadela, e até lá seus nervos estavam inquietos. A cada sessenta segundos parava e escutava bem, apesar do seu

lado *symphath* não estar em força total o tempo inteiro, seus cilícios foram deixados para trás, na cabana.

Quando finalmente conseguiu destrancar a fechadura, ela abriu a porta, mas um crack – e teve que deixar escapar uma risada seca: as dobradiças guincharam alto o suficiente para acordar os mortos.

Era um velho truque confiável – e ela apostava que todas as portas e janelas do lugar também estavam sem óleo; os degraus provavelmente rangeriam como uma mulher velha se você pusesse qualquer peso neles também. Sim, exatamente como as pessoas fizeram antes da eletricidade ter sido inventada – um bom ouvido e uma falta de WD-40 era um alarme que jamais precisaria de bateria ou uma fonte de energia.

Colocando sua lanterna entre os dentes para que pudesse manter uma arma em cada mão, ela procurou o que podia ver da escadaria de madeira irregular. Lá embaixo havia um chão de terra e riscou para lá, girando rapidamente em uma postura defensiva.

Montes de beliches: Três conjuntos de altos e baixos com um único de solteiro ao lado.

Roupas de tamanhos grandes. Velas para iluminar. Jogos. Materiais de leitura.

Telefone celular carregando. Assim como um laptop.

E era isso.

Sem armas. Sem eletrônicos. Nada que oferecesse nenhuma identificação verdadeira.

Por outro lado, o Bando de Bastardos começara como nômades, então é claro que seus bens pessoais eram poucos e muito portáteis – e isso era parte da razão por que eles eram tão perigosos: podiam se mudar num piscar de olhos e não deixavam nenhuma pegada significativa para trás.

Esse, no entanto, definitivamente era o seu santuário, o local onde estavam relativamente vulneráveis durante o dia – e eles se protegiam adequadamente: as paredes, o teto e a parte de trás da porta eram revestidos com chapa de aço. Não tendo como entrar ou sair daqui, exceto através daquela abertura acima.

Ela andou ao redor lentamente, procurando por alçapões, uma entrada de túnel, qualquer coisa.

Eles precisavam de um local para armazenar a munição em algum lugar aqui: mesmo tão móveis quanto gostavam de ser, não havia nenhuma maneira que eles pudessem sair noite após noite comprando balas suficientes apenas para trabalharem até o amanhecer.

Eles precisavam de um esconderijo.

Concentrando-se novamente naquele catre de solteiro, ela achou que era do Xcor como seu líder, e não precisava ser um gênio para descobrir que se houvesse qualquer esconderijo estaria em sua área – ele tinha justamente o tipo de mente suspeita para não confiar completamente nem em seus próprios soldados.

Investigando a cama com sua luz ela procurou por mecanismos ou por um alarme, ou uma bomba ou um alçapão. Não encontrando nada, embainhou suas armas por um momento e ergueu a estrutura de metal, movendo de lado. Tirando um detector de metal em miniatura, esquadrinhou o chão de terra e...

– Olá, rapazes. – ela murmurou.

Seu elegante e prático equipamento de mão pegou um esboço quase quadrado que media mais ou menos dois por um e meio metro de altura. Ajoelhando-se ela usou uma de suas facas para deslocar a terra ao redor das bordas. O que quer que fosse estava enterrado profundamente...

Xhex congelou quando sua audição aguçada a informou que um carro parou lá em cima.

Porém não era um dos Bastardos ou seus cúmplices. A grade emocional era extremamente descomplicada.

Um *doggen* chegando com mantimentos?

Riscando até o topo da escada, ela fechou a porta o máximo que podia sem reengatar a trava e então voltou para a caixa enterrada. Movendo-se em três tempos agora, manteve um ouvido ligado nos passos rangendo pelo primeiro andar...

No lado comprido do retângulo delineado usou a ponta da faca para investigar no chão batido por uma alça. Não achando nada ela repetiu a investigação no lado menor...

Bingo. Escovando a terra para longe, ela segurou um anel circular, colocou a lanterna de volta entre os dentes e levantou com toda a força que tinha. A tampa pesava tanto quanto o capô de um carro e ela teve que engolir o seu grunhido...

Uau. Falando sobre arsenal.

Na grande caixa ali embaixo havia pistolas, espingardas, facas, munição, carregadores automáticos, material de limpeza das armas... Tudo muito bem arrumado, obviamente num ambiente à prova d'água.

Dentre eles estava por acaso um rifle longo de plástico preto e rígido.

Ela tirou a coisa e a colocou no chão de terra ao seu lado. Uma olhada para a fechadura e ela xingou. Impressão digital ativada.

O que quer que seja. A maldita coisa era grande o suficiente para abrigar um ou talvez dois caras narigudos. Então isso viria com ela.

Com mãos rápidas e seguras fechou a tampa, chutou a terra de volta sobre ela e bateu levemente na superfície, assim estava compactada mais uma vez. Cobrir seus rastros levou menos tempo do que pensou, e antes de perceber estava movendo o catre para o seu lugar novamente.

Levantando o estojo com o rifle com sua mão esquerda, ela escutou. O *doggen* estava se movendo lá por cima, a mente da fêmea tão inexpressiva quanto estava quando chegou: ela não ouviu nada, não sabia de nada.

Olhando ao redor, Xhex pensou que era improvável que a empregada tivesse a chave para descer até aqui. Xcor seria muito cauteloso para isso. Mas mesmo assim, não era seguro simplesmente sair. Mesmo se eles dessem ao *doggen* ordens só para o andar de cima, um dos Bastardos podia ser ferido em campo a qualquer hora, e embora não hesitasse em lutar com qualquer um deles, ou a porra de um de cada vez, se o rifle estava de fato neste estojo, ela precisava retirar a arma imediatamente.

Hora de uma conferência.

Quando se desmaterializou até o topo dos degraus, seu peso no último degrau fez a madeira ranger.

Do outro lado, a *doggen* gritou.

– Senhor? – Houve uma pausa. – Espere, vou tomar posição.

Que. Porra?

– Estou pronta.

Xhex segurou a maçaneta, abriu e saiu, esperando encontrar algum tipo de pesadelo do Kama Sutra acontecendo.

Em vez disso a mulher idosa estava de pé no canto da cozinha de cara para o canto da parede, com seus olhos cobertos pelas mãos.

Eles não queriam que ela fosse capaz de identificá-los, Xhex pensou. Esperto. Muito esperto.

Oportuno também, senão teria que desperdiçar minutos preciosos se enroscando na cabeça da fêmea. Além do mais, aquela “posição” como estava salvaria a vida da *doggen* mais tarde, quando Xcor descobrisse que seu covil foi infiltrado enquanto estavam fora.

Se você jamais visse alguém não haveria nenhuma maneira que estivesse protegendo um intruso.

Xhex fechou a porta e a fechadura ativou de maneira correta, travando novamente. Então se desmaterializou direto de lá, levando a arma do caso contra o peito.

Ainda bem que aquilo não era tão pesado.

E se Deus quiser, Vishous estaria fora da ronda essa noite.

Capítulo SESSENTA E OITO

De volta ao complexo da Irmandade, Tohr segurou a porta do porão aberta e saiu do caminho enquanto John passava por ele e chegava às escadas.

Descendo atrás do outro macho, o corpo de Tohr estava rígido, especialmente suas costas e ombros. Contudo, seus treinamentos noturnos enquanto movia os móveis estava acabado. Depois de passar três horas empurrando esta noite, sua casa e de Wellsie estava oficialmente vazia e a caminho de ser inserida no sistema MLS⁷⁹ de Caldwell. Fritz se encontrou com o corretor de imóveis durante o dia e o preço que fixaram era agressivo, mas não louco. Se Tohr tivesse que arcar com os custos do lugar por mais alguns meses, ou inclusive até a primavera, estaria tudo bem.

Enquanto isso a mobília e os tapetes foram transferidos para a garagem da mansão; as pinturas, gravuras e desenhos de nanquim subiram para o sótão climatizado; e a caixa de joias estava no closet de Tohr em cima do vestido de emparelhamento.

Então estava... Feito.

Na base da escada ele e John partiram num passo decidido que os levou por um quarto cavernoso e pela enorme caldeira, que não só enviava calor suficiente para manter a parte principal da casa aquecida, mas ameaçava fritar seu rosto e corpo enquanto ele orbitava a sua volta.

Seguindo adiante, seus passos soavam alto, o ar esfriando rápido enquanto saíam do alcance da caldeira e batiam na segunda metade do porão. Esta parte era dividida em quartos de armazenamento, um dos quais logo guardaria sua mobília e de Wellsie, o outro era o espaço privado de trabalho do V.

Não, não *aquele* tipo de trabalho.

Ele usava a sua cobertura para aquela merda.

A forja de Vishous estava aqui embaixo.

⁷⁹ Sistema MLS ou Serviço de Listagem Múltipla é um conjunto de serviços que permite ao corretor de imóveis de estabelecer ofertas contratuais e funciona como uma base de dados do mercado imobiliário.

O som do monstro cuspidor de fogo do Irmão começou como um zumbido baixo; até que eles dobrassem a esquina final o rugido surdo era alto o suficiente para abafar o som de seus shitkickers⁸⁰. Na verdade, a única coisa que cortava através daquele barulho era o tink-tink-tink de V batendo um martelo no metal preto e incandescente.

Quando pisaram na porta de entrada do quarto de pedra apertado, V estava trabalhando duro, seu peito e ombros nus cintilando na luz alaranjada das chamas, seu braço musculoso se levantando para atacar repetidamente. Sua concentração era feroz – e deveria ser. A lâmina que aquela tira de metal estava se tornando seria responsável por manter seu dono vivo, como também conseguir o inimigo bem morto.

O Irmão levantou o olhar conforme eles apareceram e acenou com a cabeça. Depois de mais dois golpes, ele largou seu martelo e cortou o oxigênio que alimentava seu fogo.

– O que estão fazendo? – disse ele enquanto o grande rugido se tornou um ronronar.

Tohr olhou de soslaio para John Matthew. O garoto foi uma estrela ao longo do processo inteiro, nunca recuando no trabalho sombrio de dismantelar uma vida inteira de recordações, lembranças e coleções.

Isso foi tão duro. Para ambos.

Depois de um instante, Tohr olhou de volta para o seu Irmão... E se viu sem palavras – exceto que V já estava balançando a cabeça e se levantando. Removendo as luvas de couro pesado que chegavam até os cotovelos, ele se afastou de sua estação.

– Sim, eu os tenho. – disse o Irmão. – De volta ao Pit. Vamos.

Tohr assentiu, porque isso era tudo que tinha para compartilhar com alguém. Ainda assim, enquanto os três saíam e caminhavam em um silêncio triste de volta para as escadas, ele deu um tapinha com sua mão na nuca de John e a manteve lá.

O contato consolou a ambos.

⁸⁰ Shitkickers literalmente é bota de chutar traseiros, no caso, botas de combate.

Quando emergiram dentro da cozinha, lá havia um caos da Última Refeição para qualquer um do pessoal que realmente as notasse – assim felizmente não havia questionamentos, nenhuma indagação do tipo amável, nenhum palpite sobre por que estavam parecendo tão sérios.

Fora da despensa do mordomo. Atravessando a porta escondida embaixo da escada. Desceram pelo túnel para evitar o frio do inverno.

Enquanto viravam à direita e foram na direção oposta do centro de treinamento, ele não podia acreditar em algum nível que isto estava acontecendo. Seus shitkickers ainda vacilaram algumas vezes, como se talvez estivessem tentando puxá-lo pra longe desta última parte.

Porém ele estava decidido.

Na porta que dava para o Pit, V socou o código e abriu o caminho pra cima, indicando que eles deveriam ir primeiro.

O lugar onde Butch e V se escondiam com suas *shellans* era o mesmo de sempre – exceto mais limpo agora que havia fêmeas morando lá: as *Sports Illustrateds*⁸¹ estavam em uma pilha ordenada na mesa de café; a cozinha não tinha garrafas vazias e esquecidas de Goose por toda parte das bancadas; e não havia mais sacolas de ginásio ou jaquetas de motoqueiro pendurado em qualquer coisa.

No entanto, os quatro brinquedos de V ainda estavam por cima em todo canto e a enorme TV de plasma permanecia a maior coisa no lugar.

Algumas coisas nunca mudariam.

– Ela está no meu quarto.

Tohr normalmente não acompanharia o sujeito em seu espaço privado, mas isso não era comum.

O quarto de V e da Dra. Jane era pequeno e tinha mais livros que cama nele, pilhas de volumes de física e química se aglomerando no tapete até que você mal podia andar sobre ele. Porém a boa doutora garantia que o lugar não fosse um chiqueiro total, com o edredom todo puxado pra cima limpo e arrumado e os travesseiros cuidadosamente ajeitados contra a cabeceira.

⁸¹ Sports Illustrateds também conhecida como SI é uma das principais revistas esportivas dos EUA.

Lá no canto, Vishous abriu o closet e alcançou a estante superior, esticando-se para...

O pacote de veludo negro enrolado que ele trouxe para fora era grande e pesado o suficiente para exigir ambas as mãos, e ele grunhiu enquanto recuava e levava isto pra cima da cama.

Conforme ele abaixava a coisa, Tohr teve que se forçar para continuar respirando.

Lá estava ela. Sua Wellsie. Tudo o que restava dela na Terra.

Ajoelhando-se diante dela, ele estendeu a mão e desfez o laço de cetim na parte superior. Com as mãos tremendo ele abriu o saco de veludo e o desceu, revelando uma urna de prata que tinha gravuras em Art Déco⁸² em seus quatro lados.

– Onde conseguiu isso? – disse ele, correndo um dedo indicador abaixo pelo metal resplandecente e brilhante.

– Darius tinha isso em um quarto nos fundos. Acho que é Tiffany, da década de trinta. Fritz o poliu.

A urna não fazia parte de suas tradições.

Cinzas não foram feitas para serem mantidas.

Deveriam ser livres.

– É bonito. – Ele olhou de relance para John. O rosto do garoto estava pálido, seus lábios apertados... E em um rápido e cortante movimento, ele esfregou debaixo de seu olho esquerdo. – Nós estamos prontos para fazer a Cerimônia do Fade dela, não estamos, filho?

John assentiu.

– Quando? – V perguntou.

⁸² Art déco refere-se a um estilo decorativo que afetou as artes decorativas, artes aplicadas, a arquitetura, design de interiores e desenho industrial, assim como as artes visuais, a moda, a pintura, as artes gráficas e cinema. É uma mistura de vários estilos e movimentos do início do século XX, incluindo construtivismo, cubismo, modernismo, bauhaus, art nouveau e futurismo. Predominam as linhas retas ou circulares estilizadas, as formas geométricas e o design abstrato. Entre os motivos mais explorados estão os animais e as formas femininas.

– Amanhã à noite, eu acho. – Quando John assentiu novamente, Tohr disse. – Sim, amanhã.

– Quer que eu fale com Fritz para tratar disso? – V perguntou.

– Obrigado, mas cuidarei disso. John e eu faremos isso. – Tohr tornou a se focar na adorável urna. – Ele e eu vamos deixá-la ir... Juntos.

De pé acima de Tohr, John estava tendo dificuldades em se conter. Difícil de saber o que era mais duro: o fato de que Wellsie estava realmente no quarto com eles novamente ou que Tohr estava ajoelhado diante daquela urna como se suas pernas não estivessem funcionando direito.

As duas últimas noites foram um exercício brutal de reorientação. Não que ele não soubesse que Wellsie se foi; só que... Desmantelar tudo naquela casa tornou aquele fato tão evidente, ali havia gritos constantes em sua cabeça.

Porra, ela nunca saberia que ele passou pela sua transição ou que era um lutador mais ou menos decente, ou que chegou a se emparelhar. Se ele alguma vez tivesse seu próprio filho ela nunca o seguraria em seus braços, ou veria o primeiro aniversário, ou testemunharia seus primeiros passos ou primeiras palavras.

Sua ausência fazia sua própria vida parecer menos plena e ele tinha a terrível sensação que isso sempre seria verdade.

Enquanto Tohr curvava sua cabeça, John se aproximou cuidadosamente e pôs sua palma no ombro forte do cara, lembrando a si mesmo que por mais duro que isso fosse para ele, o que Tohr estava passando era mil vezes pior. Merda, entretanto o Irmão tinha sido forte tomando todas aquelas seguras decisões sobre tudo, de calças jeans a potes e painéis, trabalhando continuamente, apesar do fato que ele tinha que estar se sentindo rasgado por dentro.

Se John não respeitasse a porra do Irmão antes, com toda a certeza o fazia agora...

– Vishous? – Veio uma voz feminina no fundo do corredor.

John deu meia volta num tranco. Xhex estava aqui?

Tohr pigarreou e empurrou a bolsa de veludo de volta no lugar.

– Obrigado, V. Por cuidar tão bem dela.

– V? Você tem um minuto? – Xhex gritou. – Eu preciso... Oh, merda.

Ela se deteve, como se estivesse ajustada para a vibração no quarto onde estava parada em frente, Tohr se levantou e acenou com a cabeça para John com um sorriso generoso demais para compreender.

– É melhor você ir para sua fêmea, filho.

John hesitou, entretanto V reforçou e pôs seus braços ao redor do seu Irmão, sussurrando bem baixinho.

Dando aos machos um pouco de privacidade, John voltou para a sala de estar.

Xhex não se surpreendeu ao vê-lo.

– Sinto muito, não quis interromper nada.

Está tudo bem. Seus olhos foram para a maleta em sua mão. *O que é isso?*

Embora ele soubesse... Puta *merda*, será que ela conseguiu o...

– Isso é o que precisamos descobrir.

Com um pânico repentino ele a olhou de cima abaixo cuidadosamente, procurando por sinais de ferimentos. Porém não havia nenhum. Ela entrou e saiu inteira.

John não queria fazer isso, mas avançou e a agarrou com força, segurando-a contra o seu corpo. Enquanto ela o abraçava de volta ele sentiu o estojo pressionando suas costas, e ele estava apenas... Realmente fodidamente contente que ela estivesse viva. Tão fodidamente contente...

Merda, ele estava se rasgando aos pedaços.

– Shh, John, está tudo bem. Estou segura. Estou bem...

Enquanto ele estremecia, ela o segurou com a força e o poder em seu corpo, mantendo-o junto, cobrindo-o exatamente com o tipo de amor profundo que Tohr havia perdido.

Por que algumas pessoas tinham sorte e outras pareciam ganhar o mais cruel tipo de loteria?

Quando ele finalmente se afastou, esfregou seu rosto e então sinalizou. *Você virá para a cerimônia do Fade de Wellsie?*

Não houve nenhuma hesitação.

– Absolutamente.

Tohr disse que gostaria que nós dois fizéssemos isso juntos.

– Bom, isso é bom.

Naquele momento Vishous e Tohr saíram e os olhos de ambos os Irmãos imediatamente se fecharam naquele estojo.

– Você é fan-fodidamente-tástica. – V disse numa espécie de reverência.

– Mantenha-se puxando meu saco que eu ainda não abri isso. – Ela segurou a coisa fora do alcance do Irmão. – Fechadura de impressão digital. Preciso da sua ajuda.

V sorriu de um jeito perverso.

– Longe de mim não vir em auxílio de uma dama. Vamos fazer isso.

Enquanto os dois pegavam o estojo da arma e levavam até o balcão da cozinha, John puxou Tohr de lado. Acenando com a cabeça em direção à urna coberta de veludo, ele assinalou. *Você precisa de mim para mais alguma coisa hoje à noite?*

– Não, filho, fique com sua fêmea, preciso sair um pouco, realmente. – O cara acariciou o veludo. – Mas primeiro vou colocá-la no meu quarto.

Sim, ok. Tá legal.

Tohr o abraçou forte e rápido e então saiu pela porta no túnel.

Lá na cozinha, Xhex disse.

– Como é que você vai... Bem, sim, isso vai funcionar.

O cheiro de plástico queimado se torceu em volta de John. V removeu sua luva e pôs seu dedo indicador ardendo contra o mecanismo de bloqueio, a fumaça ácida subindo do contato em desagradáveis caracóis de cinza escuro.

– Minhas impressões tendem a fazer o trabalho sobre praticamente qualquer coisa. – o Irmão disse.

– Claramente. – Xhex murmurou com as mãos nos quadris, seu corpo tenso curvado pra frente. – Você já fez churrasco com essa coisa?

– Só de *lessers*... E eles não são bons para comer.

Ficando atrás, John ficou olhando do outro lado e só... Bem, ele estava apenas pasmo com a fêmea. Que porra de merda era aquela? Entrando no esconderijo seguro do Bando de Bastardos. Vasculhando por ele e procurando pelo rifle, naturalmente. Voltando como se não tivesse feito nada mais incrível que fazer um pedido na Starbucks.

Como se sentisse seus olhos em cima dela, ela deu uma olhada para cima.

Abrindo-se emocionalmente de modo que não houvesse nenhuma barreira absolutamente, ele revelou tudo que estava sentindo...

– Consegui. – V anunciou, retraindo sua mão ardente e adorando isso.

Virando o estojo da arma em direção a Xhex, o Irmão disse.

– Imagino que gostaria de fazer as honras.

Xhex mudou o foco e abriu o que ela trouxe para casa, o mecanismo de trava mutilado caindo aos pedaços.

Dentro havia um par de rifles aninhados em um estofamento de caixa de ovo preto, junto com uma objetiva de longo alcance.

– Bingo. – ela sussurrou.

Ela conseguiu, John pensou. Ele apostava sua bola esquerda que uma daquelas armas provaria ser o rifle que atirou em Wrath.

Ela conseguiu fazer essa porra.

De dentro dele uma enorme onda de orgulho cresceu aquecendo seu corpo inteiro, esticando seus lábios em um sorriso tão largo quanto suas bochechas feridas permitiam. Olhando fixamente para sua fêmea e a evidência de que ela trouxe para o grupo, ele apostava que ele lançava sombras pois estava tão radiante.

Ele estava extremamente... Orgulhoso.

– Malditamente promissor. – V fechou o estojo. – Eu tenho o equipamento que nós vamos precisar na clínica... Junto com aquela bala. Vamos fazer isto.

– Um minuto.

Xhex se virou para John. Caminhou até ele. Tomou seu rosto em suas mãos. Enquanto olhava fixamente para ele, soube que ela estava lendo cada pedacinho dele.

Levantando-se nas pontas dos pés, ela pressionou seus lábios nos dele e falou três palavras que não esperava ouvir tão cedo novamente.

– Eu amo você. – Ela o beijou novamente. – Eu te amo tanto, meu *hellren*.

Capítulo SESSENTA E NOVE

No outro lado do Hudson ao sul do complexo da Irmandade, Autumn se sentou na escuridão da cabana, ainda ocupando a mesma cadeira em que havia se sentado no início da noite. Passou-se muito tempo desde que as luzes se apagaram, e a falta de iluminação ao redor dela fez com que a paisagem coberta de neve parecesse brilhar como o dia sob o brilho da lua.

De onde ela estava o rio era uma expansão larga e imóvel, apesar de estar congelada apenas nas suas margens.

De onde ela estava, ela vira pouco da vista diante dela, tendo residido ao invés disso nos estágios de sua vida.

Muitas horas se passaram desde que Xhex tinha estado com ela, a posição da lua havia mudado, as sombras pretas lançadas pelas árvores rodopiava sobre o chão branco. Em muitos aspectos o tempo não significava nada, mas tinha um efeito: quanto mais tempo ela passasse remoendo as coisas, mais claramente ela veria a si mesma, suas antigas realizações não mais um choque, ao contrário, algo que ela se conscientizava...

Algo que ela começou a mudar em si mesma com...

A princípio o talho escuro que cortava pela vista invernal parecia ser apenas outra sombra de um tronco de árvore na extremidade da propriedade. Exceto que ele então se moveu.

Estava vivo.

Não era... Um animal.

Era um macho.

Um tiro súbito de medo a fez ficar em pé, mas seus instintos se adiantaram e lhe disseram imediatamente de quem se tratava. Tohrment.

Tohrment estava aqui.

Seu primeiro pensamento foi descer para o subsolo e fingir que não o viu – e considerando como ele esperava no gramado, dando a ela bastante tempo para identificá-lo, ele parecia estar oferecendo essa saída.

No entanto não fugiria. Ela fez variações suficientes que durariam por várias vidas.

Levantando-se da cadeira, ela foi para a porta que abria para o rio e a destrancou, escancarando-a. Cruzando seus braços contra o frio, ela inclinou seu queixo para cima e esperou que ele avançasse.

E ele fez. Com uma expressão de propósito sombrio, o Irmão se aproximou lentamente, suas botas pesadas triturando a camada crocante de cima da neve. Ele ainda parecia o mesmo, ainda alto e de costas largas, com seu espesso cabelo listrado de branco e seu rosto bonito marcado com as linhas de distinção.

Como era estranho ela perceber que ele havia passado por uma espécie de metamorfose, ela pensou.

Claramente ela estava atribuindo sua própria transformação a qualquer coisa ou qualquer um.

Enquanto ele parava em sua frente, ela pigarreou, aliviando o comichão do ar amargamente frio. Porém ela não falou primeiro. Isso era dever dele.

– Obrigado por ter saído. – ele disse.

Ela apenas assentiu, pouco disposta a tornar fácil para ele qualquer desculpa superficial que estava prestes a oferecer. Não, nada mais de aliviar o lado dele – ou de outras pessoas.

– Eu queria conversar um pouco... Se você tiver algum tempo?

Dada a forma que o vento frio atravessava sua roupa, ela acenou com a cabeça e recuou. O interior da cabana não parecia particularmente tão quente quanto antes; agora estava ameno. E apertado.

Sentando-se na sua cadeira, ela o deixou escolher se permanecia de pé ou não. Ele escolheu o primeiro e o fez bem na sua frente.

Após uma profunda e estimulante inspiração ele falou claro e sucintamente, como se tivesse praticado suas palavras:

– Eu não posso me desculpar o suficiente pelo que eu disse a você. Foi totalmente injusto e imperdoável. Não há desculpa para isso, então não vou tentar explicar. Eu só...

– Quer saber? – Ela cortou a conversa sumariamente. – Tem uma parte de mim que quer dizer a você para ir para o inferno... Pegar suas desculpas e seus olhos cansados, e seu coração pesado e não deixar nunca, jamais chegar a algum lugar perto de mim novamente.

Depois de uma longa pausa, ele assentiu.

– Ok. Entendo isso. Posso respeitar totalmente que...

– Mas, – ela o cortou novamente, – Passei a noite toda sentada nesta cadeira pensando sobre aquele seu monólogo sincero. Na verdade eu pouco pensei sobre outra coisa desde que o deixei. – Abruptamente ela olhou de relance para o rio. – Sabe, você deve ter me enterrado em uma noite como esta, não é?

– Sim, enterrei. Exceto que estava nevando.

– Deve ter sido duro conseguir com o chão congelado.

– Foi.

– Teve bolhas para provar, sim, certamente. – Ela voltou o foco pra ele. – Para ser honesta, estive bastante perto da ruína quando você deixou meu quarto de recuperação no centro de treinamento. É importante para mim que você perceba isso. Depois que você partiu não tive nenhum pensamento, nenhum sentimento, nada além de respirar, e só porque meu corpo fez isto sozinho.

Ele emitiu um gemido inarticulado, como se pelo seu remorso não pudesse encontrar voz pra falar.

– Eu sempre soube que você amava apenas Wellsie, e não só porque você mesmo me disse no princípio, mas porque era evidente o tempo inteiro. E você está certo: eu me apaixonei por você, e tentei manter isso escondido de você... Pelo menos conscientemente... Porque sabia que iria feri-lo de uma maneira insuportável... A ideia que você tem de deixar alguma fêmea conseguir chegar perto... – Ela balançou sua cabeça como se imaginasse como isso poderia tê-lo afetado. – Eu realmente queria poupá-lo de mais dor, e sinceramente quero que Wellsie fique livre. Sua disposição era quase tão importante para mim quanto para

você... E isso não era sobre eu mesma me punir, mas porque eu realmente amava você.

Querida Virgem Escriba, ele estava tão quieto. Mal respirando.

– Ouvi dizer que você está dispondo da casa que teve com ela. – disse ela. – E fez o mesmo com as coisas dela. Suponho que é porque você está tentando uma nova rota para lançá-la até o Fade e espero que dê certo. Para vocês dois, espero que dê certo.

– Eu vim aqui para falar sobre você, não sobre ela. – ele disse suavemente.

– Isto é típico de você, e saiba que estou virando a conversa para você, não porque me sinta como uma vítima de algum romance não correspondido que acabou mal, mas porque nosso relacionamento sempre foi baseado em você. O qual é minha culpa, mas também a natureza do ciclo que completamos.

– Ciclo?

Ela se levantou, querendo colocá-los em pé de igualdade.

– Assim como as estações completam o círculo, nós também. Quando cruzamos nossos caminhos pela primeira vez, era tudo sobre mim, meu egoísmo, meu foco em uma tragédia que eu vivi. Desta vez era tudo sobre você, seu egoísmo, a tragédia que você viveu.

– Oh, Jesus, Autumn...

– Como você mesmo me apontou, nós não podemos negar a verdade, e não devíamos tentar. Portanto, sugiro que nenhum de nós tente lutar com isto por mais tempo. Temos um acordo a partir de agora, nossas transgressões um contra o outro foram limpas por atos e palavras que nenhum de nós pode tomar de volta. Sempre lamentarei a posição em que eu lhe coloquei com o seu punhal tantos anos atrás, e não tem que me dizer que sente uma profunda tristeza enquanto fica diante de mim agora, posso ver isso escrito no seu rosto. Você e eu... Completamos o círculo e ele foi concluído.

Ele piscou, seu olhar fixo segurando o dela. Então levou seu polegar até a sobrancelha e esfregou sua testa como se estivesse doendo.

– Você está errada sobre a última parte.

– Não vejo como você pode argumentar com a lógica.

– Eu tenho pensado muito, também. Não vou brigar com você sobre isso, mas quero que saiba que eu estava com você não apenas pela Wellsie. Não percebi isso no momento, ou não podia me deixar... eu não sei porra nenhuma. Mas tenha a certeza sólida, como uma rocha, que também era muito sobre você, e depois que você partiu isso ficou claro...

– Você não tem que se desculpar...

– Isto não é um pedido de desculpas. Isso é sobre acordar e estender a mão para lhe alcançar, desejando que estivesse ao meu lado. É sobre pedir comida extra para você e então lembrar que não está por perto para lhe alimentar com ela. É sobre o fato que mesmo quando eu estava arrumando as roupas da minha companheira falecida, eu tinha você em minha mente também. Não era apenas Wellsie, Autumn, e acho que eu soube disso depois de sua necessidade e é por isso que eu me quebrei. Passei um dia e meio com minha bunda sentada, olhando para o escuro, tentando entender tudo isso... E não sei... Acho que finalmente encontrei a coragem para ser realmente bem honesto comigo mesmo. Porque é duro quando você amou uma pessoa com todo o seu ser e ela se ir, e outra pessoa vem e pisa por tudo quanto é lugar no território do seu coração. – Ele pôs sua mão no peito e golpeou o seu esterno. – Isto era dela e só dela. Para sempre. Ou pelo menos assim eu pensava... Mas a merda não funciona desse modo e então você surgiu... E o círculo que se dane, não quero ter terminado com você.

Agora era sua vez de se sentir chocada, seu corpo entorpecido enquanto ela lutava para compreender o que ele estava dizendo.

– Autumn, estou apaixonado por você, é por isso que eu vim aqui esta noite. E nós não temos que estar juntos e você não tem que superar o que eu disse, mas queria que você ouvisse isso de mim. E também quero dizer a você que estou em paz com isso, por que... – Ele respirou fundo. – Quer saber por que Wellsie engravidou? Não foi porque eu queria uma criança. Foi porque ela sabia que toda noite quando eu saía de casa poderia ser morto em campo, e como ela disse, queria algo para continuar a viver. Se tivesse sido eu a ir? Ela teria procurasse uma vida para si mesma, e... O estranho é, eu ia querer que ela fizesse isto. Mesmo se isso incluísse outra pessoa. Acho que percebi que... Ela não ia querer que eu a lamentasse para sempre. Ela ia querer que eu seguisse em frente... E eu tenho seguido.

Autumn abriu sua boca para falar. Nada saiu.

Ela realmente o ouviu dizer tudo aquilo...

– Ale-porra-luia!

Enquanto ela soltava um grito de alarme e Tohr desembainhava uma adaga negra, Lassiter deu um passo no meio da sala.

O anjo bateu algumas palmas e então manteve suas palmas erguidas para os céus como um evangélico.

– Finalmente!

– Jesus! – Tohr silvou enquanto guardava sua arma. – Pensei que você houvesse desistido!

– Ok, ainda com esse cara que nasceu numa manjedoura. E acredite em mim, tentei apresentar minha demissão, mas o Criador não estava interessado no que eu tinha a dizer. Como sempre.

– Eu lhe chamei algumas vezes, mas você não veio.

– Bem, primeiro eu estava extremamente puto com você. E então eu simplesmente não quis entrar no seu caminho. Eu sabia que você estava nos levando para algo grande. – O anjo se aproximou e pôs sua mão no ombro de Autumn. – Você está bem?

Ela assentiu e conseguiu algo próximo de um *aham*.

– Então isto é bom, não é? – disse Lassiter.

Tohr sacudiu sua cabeça. – Não a force a nada. Ela é livre para escolher seu caminho, como sempre foi.

Com isso ele se virou e foi até a porta. Pouco antes de abrir para sair ele lançou uma olhada por cima do ombro, seus olhos azuis se fecharam nos dela.

– A cerimônia do Fade de Wellsie é amanhã à noite. Eu adoraria que você estivesse lá, e entenderei completamente se não quiser vir. E Lassiter, se você for ficar com ela, e espero que o faça, seja útil e consiga para ela uma xícara de chá e algumas torradas? Ela gosta do pão torrado dos dois lados com manteiga doce, de

preferência do tipo batido, e um pouco de geleia de morango. E ela gosta do Earl Grey⁸³ com uma colher de chá de açúcar.

– O quê? Eu pareço com um mordomo?

Tohrment apenas a encarou por um bom tempo como se estivesse lhe dando uma chance de ver o quanto ele estava seguro, firme e fundamentado – sólido de um modo que não tinha nada a ver com seu peso, e tudo a ver com sua alma.

Ele tinha, de fato, se transformado.

Com um aceno final ele saiu na paisagem coberta de neve... e se desmaterializou em pleno ar.

– Você tem uma TV aqui? – Ela ouviu Lassiter perguntar da cozinha enquanto abria e fechava os armários.

– Você não tem que ficar. – ela murmurou, ainda muito chocada.

– Apenas me diga que você tem uma televisão e sou um cara feliz.

– Temos.

– Bem, você sabe, é meu dia de sorte e não se preocupe, vou nos manter entretidos. Aposto que posso achar para gente uma maratona de *Real Housewives*⁸⁴.

– Uma o quê? – disse ela.

– Estou esperando que seja em Nova Jersey. Mas aceitarei Atlanta. Ou B.H.⁸⁵.

Sacudindo-se, ela procurou olhar para ele, e só pode piscar quando ficou momentaneamente cega por todas as luzes que ele acendeu.

Oh, espere, isso era apenas ele, brilhando.

– Do que você está falando? – ela perguntou, achando incrível que o macho estivesse falando sobre TV humana em um momento como este.

De cima do fogão o anjo sorriu sombriamente e deu uma piscada pra ela.

⁸³ Earl Grey é uma famosa marca de chá.

⁸⁴ Real housewives é um reality show da TV americana que mostra o dia a dia das mulheres ricas. A tradução é Dona de casas reais. Será importante essa tradução para compreender a tirada final de Lassiter mais adiante.

⁸⁵ Beverly Hills.

– Só pense, se você se permitir acreditar em Tohr e abrir seu coração para ele, pode se livrar de mim para sempre. Tudo o que tem a fazer é se entregar a ele, mente, corpo e alma, garotinha, e eu “fui”, e você não terá que se preocupar sobre o que é ser uma “Real Housewife”.

Capítulo SETENTA

Na noite seguinte, assim que a noite caiu, Assail, filho de Assail, caminhou pela sua casa de vidro rumo à garagem. Quando ele passou pela porta traseira da mansão, ele olhou para o vidro que tinha sido substituído no outono.

O conserto estava tinindo, a ponto de ninguém perceber que algo violento houvesse jamais ocorrido ali.

O mesmo não poderia ser dito sobre os eventos que tinham acontecido naquela noite repugnante. Mesmo com os dias consecutivos agitados e as mudanças de estações, a lua elevando-se e descendo, não havia conserto para o que tinha acontecera, nenhum modo de remendar essa bagunça.

Não que Xcor quisesse, ele supôs.

Realmente, esta noite ele finalmente iria ter a noção exata do tamanho do dano.

A *glymera* era tão foddidamente lenta, era ridículo.

Inicializando o sistema de alarme com sua impressão digital, ele entrou na garagem, trancou-a e passou pelo Jaguar. O Range Rover do outro lado tinha pneus enormes com banda de rodagem, sua mais nova aquisição, tendo finalmente sido entregue na semana passada. Apesar de amar o XKR,⁸⁶ ele estava cansado de sentir como se dirigisse um porco engraxado com gelo.

Uma vez dentro do SUV altamente modificado, ele apertou o botão para abrir o portão da garagem e esperou; então ele saiu de ré e esperou novamente até a porta descer.

Elan, filho de Larex, era um merdinha, o tipo de aristocrata que verdadeiramente deixava Assail rangendo os dentes. Consanguinidade demais e dinheiro demais, os separavam totalmente da realidade da vida. O macho não era nem capaz mais de forjar seu caminho sem a pompa de seu posto, mais do que um bebê sair do frio.

⁸⁶ Jaguar

E ainda, pelas exigências do destino, aquele macho estava em uma posição agora, de efetuar mais mudanças do que era digno. Após o ataque, ele era o mais alto escalão não Irmão no Conselho, mas para Rehvenge, que estava tão emaranhado com a Irmandade, ele poderia muito bem ter um punhal preto amarrado em seu peito.

Portanto, Elan era o único a ser chamado está noite, “não oficial,” para ficarem juntos.

O que novamente, não incluiria Rehvenge. E que iria provavelmente ser o tipo de uma insurreição.

Não que alguém tão intelectual quanto Elan fosse chamar isto como tal. Não, traidores que usavam gravata tipo lenço⁸⁷ e meias de seda tendiam a ocultar a sua realidade em condições muito mais refinadas, embora o teor não fosse mudar nada...

Quando Assail acelerou, a viagem para a casa de Elan levou uns bons quarenta e cinco minutos, embora as estradas estivessem todas salgadas⁸⁸ e as ruas limpas de neve. Naturalmente, ele podia ter economizado tempo desmaterializando-se, mas se as coisas saíssem do controle, se ele fosse ferido e ficasse incapaz de desaparecer, ele precisava ter certeza de que teria uma cobertura e fuga eficazes.

Ele foi pego de surpresa com sua segurança apenas uma vez, há tempos atrás. Nunca mais. E, de fato, a Irmandade era altamente inteligente. Não havia nenhuma informação disponível se esta trama emergente seria concluída hoje à noite ou não, especialmente se Xcor fosse fazer uma aparição.

O refugio de Elan era uma graciosa casa de tijolos, vitoriana por dedução, com madeiramento ornamentado marcando todo o seu cume e cada canto. Localizado em uma vila pacata de apenas trinta mil humanos, era inserida bem atrás do acesso a pista, e tinha um rio que serpenteava abaixo de um lado da propriedade.

Quando ele saiu, ele não prendeu os botões de madrepérola na frente de seu casaco de pelo de camelo ou colocou as luvas. Nem fechou seu blazer transpassado.

Suas armas estavam perto de seu coração, e ele queria ter acesso.

⁸⁷ Um tipo de gravata parecida com um lenço.

⁸⁸ O sal é jogado nas estradas para facilitar no derretimento da neve e facilitar o tráfego.

Aproximando-se da porta da frente, suas finas botas pretas sapateavam sobre a passagem escavada e sua respiração deixava sua boca em baforadas brancas. Acima de sua cabeça, a lua estava brilhando como uma luz alógena e gorda como um prato de jantar, a falta de nuvens e umidade eram um verdadeiro poder para impedir um aguaceiro vindo dos céus.

As cortinas em todas as janelas tinham sido puxadas, impossibilitando-o de ver quantos outros chegaram, mas não se surpreenderia se já estivessem reunidos, tendo se desmaterializado para o local.

Imbecis.

Apertando a campainha com sua mão nua, a entrada foi imediatamente escancarada e um formal mordomo *doggen* curvou-se.

– Mestre Assail. Bem vindo, eu posso pegar seu casaco?

– Não, você não pode.

Houve uma hesitação, pelo menos até Assail levantar uma sobrancelha para o servo. – Ah, mas é claro, meu senhor, por favor venha por aqui.

Vozes, todas elas de machos, inundaram seus ouvidos, assim como o cheiro de canela da sidra quente com especiarias, entrou em seu nariz. Seguindo atrás do mordomo, ele se permitiu ser levado para uma grande sala de estar, que estava cheia de mobília de mogno pesada conforme o período da casa. E em meio às antiguidades, existia uns bons dez machos prestando atenção no anfitrião, suas formas elegantemente vestidas com ternos e gravatas ou lenços no pescoço.

Houve uma notável queda na conversa quando ele fez sua entrada, sugerindo que pelo menos alguns deles não confiavam nele.

Era provavelmente a única coisa sensata sobre o grupo.

Seu anfitrião se afastou e se aproximou com um sorriso presunçoso. – Que bom que você veio, Assail.

– Obrigado por me receber.

Elan franziu a testa. – Onde está meu *doggen*? Ele deveria ter pegado seu casaco...

– Eu prefiro ficar com ele. E eu devo me sentar ali. – Ele movimentou a cabeça para um canto que forneceria o acesso mais visual. – Creio que começaremos logo.

– De fato. Com sua chegada, nós aguardaremos apenas mais um.

Assail estreitou seus olhos na linha sutil de suor que pontilhava a pele entre o nariz e lábio superior do macho. Xcor tinha escolhido o peão correto, ele pensou quando se sentou suavemente em sua cadeira.

Uma corrente de ar cortante anunciou a chegada do convidado final.

Quando Xcor andou a passos largos para a sala, houve mais do que uma maldita de uma calmaria na conversa. Todos os aristocratas ficaram em silencio, uma reestruturação sutil da multidão sendo feita à medida que cada um deles dava um passo para atrás.

Então novamente, surpresa! Xcor tinha mais do que um com ele.

A totalidade do Bando de Bastardos se alinhava em seu calcanhar, formando um semicírculo atrás de seu líder.

Pessoalmente e de perto, Xcor era justamente como ele sempre tinha sido: áspero e feio, o tipo de macho cujo semblante e posição sugeriam que sua reputação de violência era baseada na realidade, não em conjecturas. Na verdade, em pé no meio destes fracos, em seu ambiente de luxo e civilidade, ele estava pronto e perfeitamente capaz de cortar tudo o que respirava na sala, e os machos em suas costas fariam exatamente o mesmo, cada um vestido para guerra e preparado para dar suporte a ele em um mero aceno de seu soberano.

Em relação a muitos deles, até Assail tinha que admitir que eles eram impressionantes.

Que tolo Elan era, e sua errante *glymera* não tinham nenhuma pista da caixa de Pandora que eles abriram.

Com uma tosse inoportuna, Elan avançou para enfrentar a tudo e todos por ser ele quem comandava, embora estivesse ofuscado, não só pelo peso dos soldados, mas também pela presença deles.

– Eu acredito que não há necessidade de apresentações, e isto fica evidente para qualquer um de vocês... – neste momento, ele olhou para os outros membros do Conselho, – Que quem falar sobre esta reunião, estará trazendo represálias do tipo que fará vocês desejarem as invasões de volta.

Enquanto falava, ele causou um certo impacto, como se assumindo o manto do poder, ainda que fosse fornecido por outra pessoa, era um tipo de masturbação para seu ego.

– Eu pensei que fosse importante juntarmos todos nós esta noite. – Ele começou a compassar, apertando as mãos em suas costas e inclinando-se para enfrentar seus sapatos brilhantes. – Vez ou outra no ano passado, os membros estimados do Conselho vieram até mim e expressaram não apenas suas perdas catastróficas, mas sua frustração com a resposta do regime atual para qualquer recuperação significativa.

As sobrancelhas de Assail levantaram para a palavra *atual*. Esta revolta tinha progredido mais do que ele havia imaginado...

– Estas discussões aconteceram durante um período de meses, e houve uma consistência resoluta para as reclamações e decepções. Como resultado, e depois de muita deliberação com minha consciência, eu me vi, pela primeira vez em minha vida, evitando o líder atual da raça na medida em que eu sou compelido a agir. Estes *machos cavaleiros*, – naquele termo absurdo, ele acenou uma mão aberta para a coleção de lutadores, – Expressam preocupações semelhantes, como também certa disposição para, como eu colocarei isto, uma mudança. Como eu sei que todos nós somos unânimes, eu pensei que poderíamos discutir nossos próximos passos.

Neste momento, os dândis reunidos decidiram se irritar pela razão da conversa, reiterando, em suas próprias palavras intermináveis, justamente o que Elan tinha acabado de declarar.

Claramente eles sentiram que era uma oportunidade para provarem para o Bando de Bastardos o quão sério eram, mas ele duvidava que Xcor fosse movido por qualquer ar quente. Estes membros da aristocracia eram frágeis, ferramentas descartáveis, cada um deles com uso limitado e facilmente quebrável, e Xcor tinha que saber disto. Não havia dúvida que fosse usá-los até que não precisasse mais deles, e então iria ajustar seus insignificantes cabos de madeira e lançá-los de lado.

Quando Assail se recostou e escutou, ele não tinha nenhum amor especial ou consideração pela monarquia. Mas ele era evidente o fato de que Wrath era um macho de palavra, o mesmo não podia ser dito destes cafajestes da *glymera*. Este grupo inteiro, com exceção de Xcor e seus machos, beijariam o rabo do rei até que seus lábios ficasse entorpecido, até o momento de causarem a morte dele. E depois disto? Xcor serviria a si mesmo e sozinho, e para o inferno com qualquer outro.

Wrath tinha declarado que ele permitiria o comércio com os humanos para perdurar sem restrições.

Xcor, porém, era o tipo que não permitiria qualquer outro tipo de poder e com todo o dinheiro decorrente do comércio de droga, mais cedo ou mais tarde Assail teria um alvo em suas costas.

Se ele já não tivesse um.

– ...E a propriedade da minha família está inativa em Caldwell...

Quando Assail se levantou de sua cadeira, o olhar de todos os guerreiros se voltou para ele.

Avançando pela multidão, ele teve o cuidado de mostrar as mãos, para que acreditassem que ele não tinha sacado uma arma.

– Por favor, desculpe a interrupção, – ele disse sem querer dizer isto. – Mas eu devo sair agora.

Elan começou a gaguejar quando as pálpebras de Xcor baixaram.

Endereçando ao verdadeiro líder na sala, Assail falou claramente. – Eu não devo fazer nenhuma referência a esta reunião, ou aos indivíduos aqui desta sala ou a qualquer outro, nem sobre as declarações que foram feitas nem quem tenha assistido. Eu não sou um indivíduo político, nem tenho projetos a qualquer trono, eu sou um empresário buscando apenas continuar a prosperar nos círculos de comércio. Ao deixar esta reunião, e com isto renunciar ao Conselho, eu estou agindo neste sentido, buscando não promover e nem obstruir qualquer um de seus programas.

Xcor sorriu friamente, seus olhos fixos e carregados com intenção mortal. – Eu devo considerar qualquer um que parta desta sala meu inimigo.

Assail assentiu. – Assim seja. E saiba que eu defenderei meus interesses com medidas apropriadas contra intrometidos de qualquer tipo.

– Como você desejar.

Assail partiu sem pressa, pelo menos até que entrou em seu Ranger Rover. Uma vez dentro do SUV, ele eficientemente fechou as portas, ligou o motor, e decolou.

Dirigindo para longe, ele estava alerta, mas não paranoico. Ele acreditava que Xcor quis dizer cada palavra sobre marcá-lo como inimigo, mas ele também estava ciente de que o macho iria ter suas mãos ocupadas. Entre a Irmandade, que não era sem dúvida mais que inimigos formidáveis, e a *glymera*, que iria ser como pastorear gatos, existia muito para consumir sua atenção.

Mais cedo ou mais tarde, porém, o macho se concentraria em Assail.

Felizmente, ele estava pronto agora, e iria ficar daquele modo.

E esperar nunca havia lhe incomodado.

Capítulo SETENTA E UM

Quando Tohr emergiu nu e gotejando do chuveiro, o golpe na porta de seu quarto era alto e um pouco abafado, como se fosse feito pelo salto de sapato em uma mão, em vez de um conjunto de juntas, e depois de tantos anos sendo um Irmão, ele sabia que podia ter sido feito somente por um macho.

– Rhage? – Ele pôs uma toalha ao redor da cintura e andou para abrir caminho. – Meu Irmão, o que está fazendo?

O cara estava de pé no corredor, seu rosto incrivelmente bonito e solene, seu corpo vestido com um roupão de seda branco que caía de seus ombros largos e amarrado na cintura com um cordão branco simples. Atravessado em seu peito, suas adagas negras estavam no coldre de couro branco.

– Ei, meu Irmão... Eu, ah...

No estranho momento que se seguiu, Tohr foi o único a quebrar a tensão. – Você parece com um doughnut açucarado, Hollywood.

– Obrigado. – O irmão olhava fixamente para o tapete. – Escute, eu trouxe algo para você. É meu e de Mary.

Abrindo sua grande palma, ele segurava adiante um pesado rolex de ouro, o que Mary usava, um que o Irmão deu a ela quando se emparelharam. Era um símbolo de seu amor... E seu apoio.

Tohr pegou a coisa, sentindo o calor que permanecia no metal. – Meu Irmão...

– Olha, nós só queremos que você saiba que nós estamos com você. Eu adicionei de volta os elos assim se ajustará em seu pulso.

Tohr colocou a coisa, e sim, serviu perfeitamente. – Obrigado. Eu devolverei...

Rhage agarrou seus braços e deu o tipo de abraço de urso pelo qual ele era conhecido, do tipo que põe uma pressão sobre sua espinha e faz com que você tenha que encher sua caixa torácica depois, só para ter certeza que você não perfurou um pulmão.

– Eu não tenho palavras, meu Irmão, – Hollywood disse.

Quando Tohr bateu em suas costas, ele sentiu a tatuagem do dragão ferver, como se este, também, estivesse oferecendo condolências. – Está tudo bem. Eu sei que isto é difícil.

Depois que Rhage partiu, ele estava fechando a porta quando houve outra batida.

Perscrutando em torno do batente, ele encontrou Phury e Z alinhados lado a lado. Os gêmeos estavam vestindo o mesmo roupão amarrado que Rhage usava, e seus olhos estavam exatamente da mesma forma como os olhos Bahama azulados de Hollywood: tristes, tão malditamente tristes. – Meu Irmão, – Phury disse, entrando e abraçando-o. Quando o Primale recuou, ele estendeu algo longo e complexo. – Para você. – Em sua mão estava uma fita branca de gorgorão de um metro e meio, em que uma oração por apoio havia sido cuidadosamente e graciosamente bordada em fios de ouro.

– As Escolhidas, Cormia e eu estamos todos com você.

Tohr levou um instante para pegar a tira, e traçar os caracteres no Velho Idioma, recitando as palavras antigas em sua cabeça. Isto deve ter levado horas, ele pensou. E muitas, muitas mãos. – Meu Deus, é lindo... – Quando ele forçou de volta as lágrimas, ele pensou: fantástico pra cacete. Se apenas com o aquecimento para a cerimônia ele já estava desse jeito? Ele estaria uma maldita bagunça quando realmente acontecesse.

Zsadist limpou a garganta. E então o irmão que odiava ser tocado pelos outros se inclinou e colocou seus braços ao redor de Tohr. O abraço era tão gentil que Tohr teve que se perguntar se era por falta de prática. Ou isso ou Tohr parecia tão frágil como ele se sentia.

– Isto é de minha família para você, – vieram as palavras suaves.

O irmão ofereceu-lhe um pequeno pedaço de folha de pergaminho, e os dedos de Tohr agitaram quando ele abriu aquilo. – Oh... Merda...

No centro estava uma minúscula palma da mão em pintura vermelha. De uma jovem. De Nalla...

Não existia qualquer coisa maior ou mais preciosa para um macho que sua descendência, especialmente se fosse uma fêmea. Então, a impressão da palma era o símbolo de tudo que Z tinha e tudo o que ele era, agora e no futuro, era a garantia em apoio de seu Irmão.

– Porra, – Tohr disse simplesmente quando ele tomou fôlego estremecendo.

– Nós o veremos lá em baixo, – Phury declarou.

Eles tiveram que fechar a porta.

Tohr se voltou e se sentou em seu colchão, deitando a tira nas suas coxas e olhando fixamente para a impressão da criança.

Quando outra batida soou, ele não olhou para cima. – Sim? – Era V.

O irmão parecia duro e desajeitado, entretanto, ele provavelmente era o pior de todos eles, quando vinha com essa merda sentimental.

Ele não disse nada. Não tentou qualquer bobagem de abraçar também, o que era bom do mesmo jeito.

Ao invés, ele colocou uma caixa de madeira próximo a Tohr na cama, exalando uma fumaça turca, e voltando para a saída como se ele não pudesse esperar para sair do quarto.

Exceto que ele parou antes de sair. – Eu estou com você, meu Irmão, – ele disse da porta.

– Eu sei V. Você sempre estará.

Quando o macho assentiu e partiu, Tohr virou para o estojo de mogno. Libertando o gancho de aço preto e erguendo a tampa, ele teve que amaldiçoar baixinho.

O conjunto de adagas negras era... de tirar o fôlego. Pegando uma, ele se maravilhou com o ajuste contra sua mão, e então viu que existiam símbolos gravados na lâmina.

Mais orações, quatro delas, uma de cada lado de cada uma das armas. Todas para força.

Estas adagas não eram realmente para lutar, elas eram muito valiosas. Cristo, V devia ter trabalhado nelas por um ano, talvez mais tempo... embora fosse claro, como tudo o que o Irmão fazia naquela sua forja, elas eram mortais como o inferno.

A próxima batida era de Butch. Tinha que ser.

– Si... – Tohr teve que limpar sua garganta. – Sim?

Sim, era o policial. Vestido como todos os outros estavam, naquele roupão branco amarrado com o cordão branco.

Quando o Irmão atravessou o quarto, não havia nada em suas mãos. Mas ele não veio de mãos vazias.

– Em uma noite como esta, – o sujeito disse baixinho, – eu só tenho minha fé. Isto é tudo que eu tenho – porque não existe nenhuma palavra mortal para aliviar o sofrimento e, este eu conheço de perto e pessoalmente.

Ele estendeu a mão para trás de seu pescoço e trabalhou em algo. Quando ele trouxe suas mãos mais uma vez, ele estava segurando o cordão de ouro pesado, com a cruz de ouro mais pesada ainda que ele nunca, jamais havia tocado.

– Eu sei que meu Deus não é o seu, mas eu posso colocar isto em você?

Tohr assentiu e baixou a cabeça. Quando o fecho da impressionante fé católica do macho rodeou seu pescoço, ele estendeu a mão e tocou a cruz.

Tinha um peso incrível, todo aquele ouro. Pareceu bom.

Butch se curvou e deu um aperto no ombro de Tohr. – Eu o verei lá embaixo.

Porra. Ele não tinha nada mais a dizer.

Por um tempo, ele apenas ficou sentado lá, tentando segurar junto ao peito. Até que ele ouviu algo na porta. Um arranhar, como se...

– Meu senhor? – Tohr disse quando ele forçou a ficar em pé e atravessou o caminho.

Você abriria a porta para o rei. Não importa em que estado você estivesse. Wrath e George entraram juntos, e seu Irmão estava caracteristicamente cego. – Eu não vou perguntar como você está aguentando.

– Eu aprecio isto, meu senhor. Porque eu estou fodidamente em pedaços.

– Por que não estaria?

– É quase mais difícil quando as pessoas são amáveis.

– Sim. Bem. Suponho que você vai ter que engolir um pouco mais desta merda. – O rei mexia em alguma coisa em seu dedo. E então lhe mostrou.

– Oh, porra, não.

Tohr lançou suas mãos para o alto e para fora do caminho que o macho cego estava. – Uh-uh. De jeito nenhum. Porra nenhuma.

– Eu ordeno que você pegue isto.

Tohr amaldiçoou. Esperando ver se o rei mudava de ideia. Não chegou a nenhum lugar com aquilo.

Quando Wrath apenas ficou olhando para frente, Tohr soube que ele iria perder este argumento.

Com uma sensação vertiginosa de irreabilidade total, ele estendeu a mão e pegou o anel de diamante preto que só tinha sido usado pelo rei.

– Minha *shellan* e eu estaremos lá por você. Use isto durante a cerimônia para que você saiba que meu sangue, meu corpo e meu coração pulsante são seus.

George fungou e abanou o rabo como se apoiando seu mestre.

– Porra. – Desta vez, foi Tohr que agarrou a mão de seu irmão, e o abraço foi nitidamente devolvido e com força.

Depois que Wrath partiu com seu cachorro, Tohr se virou e se debruçou contra a porta.

O golpe final foi suave.

Blindando-se de forma que ele pelo menos parecesse ser um macho, embora ele estivesse sentindo-se como um maricas por dentro, ele encontrou John Matthew fora no corredor.

O garoto não se incomodou de assinalar qualquer coisa. Ele apenas estendeu a mão para Tohr, e pressionou...

O anel de Darius na palma de Tohr.

Ele teria gostado de estar aqui com você, John assinalou. E seu anel é tudo que eu tenho dele. Eu sei que ele iria querer que você usasse isto durante a cerimônia.

Tohr olhou fixamente para a pluma que estava estampada no metal e pensou em seu precioso amigo, seu mentor, o único pai que ele realmente teve. – Isto significa... Mais do que você possa imaginar.

Eu estarei bem ao seu lado, John assinalou. O tempo inteiro.

– Bem atrás de você, filho.

Eles se abraçaram, e então Tohr fechou a porta silenciosamente. Voltando para a cama, ele olhou para todos os símbolos de seus Irmãos... E soube que quando ele enfrentasse esta provação, todos eles estariam com ele, não que isso estivesse em questão alguma vez.

Algo estava faltando, entretanto, em tudo isto.

Autumn.

Ele precisava de seus Irmãos. Ele precisava de seu filho. Mas precisava dela, também.

Ele esperava dizer pra ela que seria o bastante, mas havia coisas que não poderiam voltar, coisas que não tinham cura.

E talvez ela tivesse um ponto sobre a coisa do ciclo.

Ele rezou para que houvesse mais do que isto, porém. Ele verdadeiramente o fez.

Enquanto Lassiter permanecia no canto do quarto de Tohr, ele se mantinha invisível. Boa coisa. Assistir aquele entra e sai de machos tinha sido difícil. Como Tohr tinha conseguido passar por isto era um milagre.

Mas isto finalmente estava retornando, o anjo pensou. Finalmente, após todo este tempo, depois de tudo... Bem, merda, francamente... As coisas estavam finalmente indo na direção certa.

Depois de passar a noite e o dia anterior com uma Autumn muito quieta, ele a deixou no pôr do sol para pensar, pondo sua fé no fato de que ela estaria visitando Tohr repetidas vezes em sua cabeça e não encontrando nada, além da sinceridade do que foi dito para ela.

Se ela aparecesse esta noite, seria fácil. Ele tinha feito isto. Bem, ok, certo, eles tinham feito isto. Na verdade, ele tinha sido um jogador de linha lateral em tudo isso... Com exceção do fato de que ele meio que se importava com os dois. E Wellsie, também.

Do outro lado, Tohr foi até o armário e pareceu se preparar.

Tirando uma túnica branca, o Irmão colocou a coisa e então retornou para a cama para cingir a cintura com a tira magnífica que Phury trouxe. Depois disto, o cara pegou o pedaço dobrado de pergaminho que Z lhe deu, dobrou-o e atou com um laço, e colocou em um estojo branco, no qual ele deslizou as duas espetaculares adagas negras de V. O anel de sinete enfiou em seu dedo médio esquerdo, o diamante preto no dedo polegar de sua mão de combate.

Com a sensação estranha de um trabalho bem feito, Lassiter pensou sobre todos os meses que ele tinha ficado na Terra, recordando o modo como ele, Tohr e Autumn, todos trabalharam juntos para salvar uma fêmea que, por sua vez... Bem, de maneiras diferentes, libertaria cada um deles.

Sim, o Criador sabia o que estava acontecendo, quando esta atribuição tinha sido feita: Tohr não era o mesmo. Autumn não era a mesma.

E mesmo Lassiter não era o mesmo: Era simplesmente impossível ele desconectar-se disto, estar todo satisfeito, agindo como se nada importasse, e a coisa engraçada era, que ele realmente não queria retirar-se porra nenhuma.

Cara, existia um monte de purgatórios sendo expurgados esta noite, ele pensou com tristeza, tanto reais quanto figurativos. Quando Wellsie fizesse a passagem para o Fade, ele estaria saindo finalmente de sua prisão. E com a sua liberação, isso significava que o fardo de Tohr estaria suspenso de forma que os dois estariam livres.

E quanto a Autumn? Bem, com alguma sorte, ela se permitiria amar um macho de valor, e por sua vez ser amada de volta, depois de todos estes anos sofrendo, ela poderia finalmente, começar a viver novamente; ela deveria renascer, ressuscitar, voltar dos mortos...

Lassiter franziu a testa, um estranho alarme começou a tocar em sua cabeça.

Procurando ao redor, ele meio que esperava que alguns *lessers* estivessem escalando ao lado da mansão ou aterrissando de um helicóptero nos jardins. Mas não...

Renascido, ressuscitado... De volta dos mortos.

Purgatório. O Limbo.

Sim, ele disse a si mesmo. Onde Wellsie estava. Olá?

Com um estranho, desencarnado pânico o agarrando, ele se perguntou qual era a porra do problema...

Tohr congelou e examinou o canto. – Lassiter?

Com um dar de ombros, o anjo imaginou que poderia muito bem tornar-se visível. Não havia razão para esconder-se, sendo assim, quando ele tomou forma, manteve o temor para si mesmo. Deus... Que inferno estava errado com ele? Eles estavam na linha de chegada. Tudo que Autumn tinha que fazer era aparecer na cerimônia do Fade, e passando pelo propósito que ela tinha estabelecido, enquanto ele esteve aqui, estava muito claro que ela não iria apenas esfregar o chão naquela cabana a noite toda.

– Ei, – o Irmão disse. – Eu acho que é isto.

– Sim. – Lassiter forçou um sorriso em seu rosto. – Sim, com certeza é. Eu estou orgulhoso de você, a propósito. Você conseguiu.

– Grande elogio. – O cara abanou seus dedos e olhou para os anéis. – Mas você sabe o que mais? Eu estou realmente pronto para fazer isto. Nunca pensei que diria isto.

Lassiter movimentou a cabeça quando o Irmão se virou e se dirigiu à porta. Pouco antes de Tohr chegar lá, ele parou no armário, enfiou-se na escuridão, e pegou na barra do vestido vermelho.

Enquanto ele esfregava o tecido delicado entre seu dedo polegar e o dedo indicador, sua boca se movia como se ele estivesse conversando com o cetim... Ou sua antiga companheira... Ou, merda, talvez fosse apenas com ele mesmo.

Então, ele soltou o vestido, deixando-o acomodar-se no vazio silêncio que pairava dentro.

Eles saíram juntos, Lassiter fez uma pausa para dar uma última medida de apoio antes de romper e abrir caminho pelo corredor de estátuas abaixo.

A cada passo mais perto dos degraus, aquele sino de alarme ficava mais alto, até que o som reverberou através do corpo do anjo, seu estômago fermentando, enquanto suas pernas amoleciam.

Qual diabo era o seu problema?

Esta era a parte boa, o felizes para sempre. Então por que suas entranhas estavam lhe dizendo que uma tragédia estava a caminho?

Capítulo SETENTA E DOIS

Quando Tohr pisou no corredor escuro como breu, fora de seu quarto, aceitou um rápido abraço do anjo e então olhou o cara andar em direção ao brilho no balcão do segundo andar.

Maldição, sua respiração soava alto em seus ouvidos. E as batidas de seu coração também.

Ironicamente, tinha sido igual quando ele e Wellsie tinham se emparelhado, seu sistema nervoso inteiro ficara inquieto. Engraçado, o fato de que sua resposta física fosse idêntica neste contexto, provava que o corpo era uma máquina de uma nota só quando se tratava de estresse, a glândula de adrenalina disparando do mesmo jeito, sem levar em consideração se o gatilho era bom ou mau.

Depois de um momento, começou a descer o corredor em direção à grande escadaria, e foi bom saber que os símbolos dos Irmãos estavam consigo. Quando você se emparelhava, você ia sozinho. Chegava até sua fêmea com o coração na garganta e o amor nos olhos, e você não precisava de ninguém ou nada mais, porque o mais importante era ela.

Já na cerimônia do Fade dela, era preciso ter seus Irmãos com você, não apenas no mesmo cômodo, mas tão perto quanto possível. O volume em suas mãos, em volta do pescoço e a faixa na cintura, era tudo o que o manteria em pé. Especialmente quando a dor chegasse.

Enquanto se dirigia aos degraus, sentia o chão sob seus pés como uma onda, crescendo embaixo dele, tirando seu equilíbrio bem quando ele mais precisava de firmeza.

Logo abaixo, o vestibulo tinha sido decorado com grandes espirais de seda branca que caíam do teto, de forma que tudo, dos detalhes arquitetônicos das colunas aos equipamentos no chão, estava coberto. Todas as luzes elétricas, na mansão, tinham sido desligadas, e enormes velas brancas em suportes, juntamente com o fogo na lareira compensavam sua falta.

Todos os membros da casa estavam rodeando o grande espaço, os *doggen*, as *shellans*, os convidados todos vestidos de branco, conforme tradição. A Irmandade formava uma linha reta do centro começando com Phury, que iria officiar e então John, quem faria parte da cerimônia. Wrath vinha em seguida. Então V, Zsadist, Butch, e Rhage por último.

Wellsie estava no meio de tudo, em sua bonita urna de prata, em cima de uma pequena mesa coberta de seda.

Tanto branco, ele pensou. Como se a neve tivesse furtivamente vindo de fora, se espalhando, apesar do calor.

Fazia sentido: as cores eram para os emparelhamentos. Para a cerimônia do Fade, era o oposto, as nuances monocromáticas simbolizando tanto a luz eterna para a qual o morto seria subsumido, bem como as intenções da comunidade de algum dia juntar-se aos falecidos naquele lugar sagrado.

Tohr deu um passo, e então outro, e então um terceiro...

Enquanto descia, olhou para rostos voltados para cima. Esta era sua gente, e eles tinham sido a gente de Wellsie também. Esta era a comunidade com a qual ele continuaria, e aquela a quem ela teve de deixar.

Mesmo na tristeza, era difícil não se sentir abençoado.

Havia tantos que o acompanhavam nisto, mesmo Rehvenge, que agora também fazia parte da família.

E ainda assim Autumn não estava entre eles; ao menos, não que pudesse ver.

Ao final da escada, firmou-se numa postura tensa diante da urna, as mãos cruzadas na frente dos quadris, cabeça baixa. Enquanto se posicionava, John se juntou a ele, assumindo a mesma posição, embora estivesse pálido, e suas mãos não parassem de tremer.

Tohr tocou o braço de John. – Está tudo bem, filho. Vamos fazer isto juntos. – Instantaneamente, os movimentos descontrolados pararam, e o garoto assentiu enquanto se acalmava um pouco.

Nos momentos que se seguiram, Tohr pensou confusamente que era espantoso que uma multidão deste tamanho pudesse ficar tão quieta. Tudo o que ele ouvia era o crepitar das chamas em ambos os lados do saguão.

Mais à esquerda, Phury pigarreou e inclinou-se para uma mesa sobre a qual um tecido de seda branca tinha sido estendido. Com mãos graciosas, ele levantou a cobertura para revelar uma gigantesca tigela de prata cheia de sal, um jarro de prata de água e um livro antigo.

Erguendo o volume, ele abriu e se dirigiu a eles no Idioma Antigo: – *Nesta noite, estamos aqui para registrar o passamento de Wellesandra, companheira do Irmão da Adaga Negra Tohrment, filho de Hharm; filha legítima de Relix; mahmen adotiva do soldado Tehrror, filho de Darius. Nesta noite, estamos aqui para registrar o passamento do nascituro Tohrment, filho do Irmão da Adaga Negra Tohrment, filho de Hharm; filho legítimo da adorada falecida Wellesandra; irmão adotivo do soldado Tehrror, filho de Darius.*

Phury virou a página, o pergaminho pesado fez um ruído suave. – *Conforme a tradição, e na esperança de que agrade tanto aos ouvidos da Mãe da Raça, como sirva de consolo à família enlutada, peço a todos que se aproximem para orar comigo pelo caminho seguro, até o Fade, destes que se foram...*

Muitas vozes se ergueram enquanto Phury comandava as orações e eles repetiam, vozes de fêmeas e machos se misturando tanto, que as palavras pareciam indistintas a Tohr, e tudo o que ele ouvia eram padrões de discurso melancólico.

Olhou de relance para John. Que piscava muito, mas o garoto segurava as lágrimas, como o macho de valor que era.

Tohr voltou os olhos para a urna, e liberou sua mente para transitar por uma sequência de imagens, de todos os pedaços diferentes da vida que eles compartilharam.

Suas reminiscências chegaram ao fim, ao se lembrar que a última coisa que fizera por ela, antes do assassinato, fora colocar aquelas correntes nos pneus do SUV. De forma que ela tivesse tração na neve.

Ok, agora ele estava piscando como um filho da puta...

A cerimônia virou um borrão em certa altura, com ele dizendo as coisas quando adequado, em silêncio o resto do tempo. Encontrou-se feliz de ter esperado

este tempo todo para fazê-lo. Não achava que teria sido possível passar por isto antes.

Diante disto, olhou para Lassiter. O anjo brilhava da cabeça aos pés, os piercings dourados absorvendo a luz do recinto, refletindo de volta um brilho dez vezes maior.

Por algum motivo, o cara não parecia feliz. Suas sobrancelhas estavam apertadas juntas, como se tentasse fazer um cálculo de cabeça e o resultado não batesse...

– *Eu pediria agora à Irmandade para oferecer suas condolências aos enlutados, começando com Sua Majestade Wrath, filho de Wrath.*

Tohr decidiu que estava vendo coisas e voltou a se concentrar nos Irmãos. Enquanto Phury se afastava da mesinha, Wrath foi discretamente guiado por V de forma que ficasse próximo à tigela de sal. Erguendo a manga de seu manto, o rei desembainhou uma de suas adagas negras, e enfiou a lâmina na parte de dentro de seu antebraço. Enquanto o sangue vermelho fluía da superfície do corte, o macho estendeu o braço e deixou as gotas caírem.

Cada um dos Irmãos fez o mesmo, os olhos fixos nos de Tohr, enquanto reafirmavam sem palavras o luto que compartilhavam pela sua perda.

Phury foi o último, com Z segurando o livro enquanto ele completava o ritual. Então, o Primale pegou o jarro e falou palavras sagradas enquanto derramava água que continha, transformando o sal, agora rosado, em salmoura.

– *Agora eu peço ao hellren de Wellesandra que se dispa.*

Tohr tomou cuidado em tirar a impressão da mãozinha da Nalla antes de desamarrar a faixa das Escolhidas, e colocou ambas em cima do manto, depois de tirá-lo.

– *Eu agora peço ao hellren de Wellesandra que se ajoelhe diante dela pela última vez.*

Tohr obedeceu, caindo de joelhos em frente à urna. Pela visão periférica, ele viu Phury se aproximar da lareira de mármore à direita. Das chamas, o Irmão tirou um primitivo ferro de marcar, trazido do País Antigo há muito tempo, feito por mãos desconhecidas, muito antes de a raça ter memória coletiva.

A extremidade tinha cerca de quinze centímetros de comprimento e pelo menos cinco centímetros de largura, e os símbolos no Idioma Antigo estavam tão quentes que brilhavam amarelados, ao invés de vermelhos.

Tohr assumiu a posição adequada, fechando as mãos em punhos e inclinando-se para frente de forma que suas juntas estavam plantadas na pesada cobertura branca no chão. Por uma fração de segundos, tudo o que pôde pensar foi naquele mosaico de macieira abaixo de si, aquele símbolo de renascimento que ele estava começando a associar somente com a morte.

Ele tinha enterrado Autumn aos pés de uma.

E agora ele estava se despedindo de Wellsie no topo de uma.

Quando Phury parou ao seu lado, o fôlego de Tohr começou a sair ofegos, suas costelas repuxando e como se estivessem sendo abertas.

Quando você se emparelhava, e tinha o nome de sua *shellan* entalhado nas suas costas, você devia aguentar a sua dor em silêncio – para provar que você era digno tanto de seu amor quanto do emparelhamento.

Respire. Respire. Respire.

Não era assim na cerimônia do Fade.

Respire. Respire. Respire...

Para a cerimônia do Fade, você tinha que...

Respirerespirerespire...

– Qual é o nome de sua morta? – Phury exigiu.

Nisto, Tohr puxou uma gigante quantidade de oxigênio.

Enquanto o ferro de marcar era encostado na sua pele bem onde o nome tinha sido entalhado, há tantos anos atrás, Tohr berrou o nome dela, cada grama de dor em seu coração, sua mente e sua alma sendo expresso de uma vez, o som quebrando pelo vestíbulo.

O grito era seu adeus final, seu pedido para encontrá-la do outro lado, seu amor sendo manifestado pela última vez.

E durou uma eternidade.

Então ele estava tão terrivelmente encurvado, sua testa no chão, enquanto em toda a volta do alto de seus ombros, sua pele ardia como que em chamas.

Mas isto era só o começo.

Ele tentou se levantar, mas seu filho teve de ajudá-lo, porque perdera toda a força muscular. Com a ajuda de John, voltou à posição inicial.

Sua respiração se alterou novamente, aquele rítmico e superficial arquejo enchendo-o, restaurando sua energia.

A voz de Phury era tensa a ponto da rouquidão. – *Qual o nome de seu morto?*

Tohr respirou outro quilômetro de oxigênio e se preparou novamente.

Desta vez, o nome que ele gritou foi o seu próprio, a dor de perder seu filho não nascido cortando-o tão fundo, que ele sentiu como se dentro do seu peito ele sangrasse.

Ele gritou por mais tempo na segunda vez.

E então ruiu, caindo em cima de seus braços, seu corpo exausto – mesmo sabendo que ainda não tinha acabado.

Graças a Deus pela presença de John, ele pensou, enquanto se sentia sendo reposicionado.

Do alto, Phury disse, – *Para selar sua pele para sempre, e para mesclar nosso sangue ao seu, vamos agora completar o ritual para seus amados.*

Não ouve arquejo desta vez. Ele não tinha energia.

O sal aguilhoou tão forte que ele perdeu a visão e seu corpo convulsionou. Seus membros tremeram incontroláveis até que caiu de lado, mesmo com John tentando mantê-lo em pé.

De fato, tudo o que pôde fazer, foi ficar deitado lá na frente de todas aquelas pessoas, muitas das quais chorando abertamente, como se sua dor fosse deles. Traçando seus rostos, ele queria confortá-los de alguma maneira, poupá-los do que ele tinha passado, acalmar sua tristeza...

Autumn estava na extremidade ao fundo, perto da entrada da sala de jogos, em carne e osso.

Estava vestida de branco, o cabelo afastado do rosto, as mãos delicadas cobrindo a boca. Seus olhos estavam arregalados e raiados de vermelho, as bochechas úmidas, a expressão de tanto amor e compaixão, que fez instantaneamente sua dor desaparecer.

Ela tinha vindo.

Ela tinha vindo por ele.

Ela ainda tinha amor... Por ele.

Tohr começou a chorar, os soluços explodindo de seu peito. Buscando por Autumn, manteve as mãos esticadas, gesticulando para ela, porque neste momento de seguir adiante, depois desta aparentemente interminável e dolorosa jornada, na qual ela fora a única a se juntar a ele, ele nunca se sentira tão próximo de alguém...

Nem mesmo de Wellsie.

Renascido, ressuscitado... De volta dos mortos.

Do lado oposto de onde Tohr contorcia-se de dor, por causa do sal que lhe caía nos ferimentos, Lassiter cerrou os dentes, não em solidariedade, mas porque sua cabeça estava deixando-o doido.

Renascido, ressuscitado... De volta dos mortos...

Tohr começou a soluçar, seu pesado braço esticado, as mãos abertas... Buscando por Autumn.

Ah, sim... Lassiter pensou, o fim de tudo. O destino tinha exigido sangue, e suor... E as lágrimas, não por Wellsie, mas por outra. Por Autumn.

Esta era a parte final, estas lágrimas do macho derramadas pela fêmea que ele finalmente permitira-se amar.

Apressadamente, Lassiter olhou para o teto, para os guerreiros pintados com seus cavalos ferozes, para o fundo profundamente azul...

O raio de sol parecia vir de lugar nenhum, perfurando através das rochas, cimento e gesso que havia acima deles, a luz brilhante tão forte, que mesmo Lassiter tinha de piscar, enquanto a luz chegava para tirar a fêmea de valor de um inferno que não merecia...

Sim, sim, lá no centro do domo, com seu filho nos braços, Wellsie apareceu, tão brilhante e vibrante como um arco-íris, aceso por fora e por dentro, a cor retornara a ela, vida renovada porque estava salva, porque estava livre – como também estava seu filho.

E bem antes que ela fosse subsumida, do abrigo das alturas celestiais, ela olhou para Tohr, e olhou para Autumn, apesar de nenhum deles perceberem, nem a multidão. Sua expressão não mostrava nada além de amor pelos dois, pelo *hellren* que ela tivera de deixar para trás, pela fêmea que o tirara de seu próprio tormento, pelo futuro que os dois teriam juntos.

Então com uma duradoura expressão pacífica, ela ergueu a mão em despedida para Lassiter... E se foi, a luz consumindo a ela e a seu filho, carregando-os para longe, rumo ao lugar onde os mortos estariam em casa, pelo resto da eternidade.

Enquanto a luz se esvanecia, Lassiter esperou pela sua própria explosão luminosa, seu próprio sol reclamando-o, seu próprio retorno pela última vez para junto do Criador.

Só que...

Ele ainda estava... Bem onde estava.

Ressuscitado, renascido... De volta dos mortos...

Ele estava perdendo algo ali, pensou. Wellsie estava livre, mas...

Naquele momento ele focou Autumn, que segurava levantada a barra de seu manto para dar um passo na direção de Tohr.

Do nada, um segundo raio de luz intensa caiu do alto...

Mas não por ele. Veio... Por *ela*.

A mente de Lassiter fez a conexão com a rapidez e o choque de um relâmpago. Ela tinha morrido há muito tempo. Tirara a própria vida...

No Limbo. Diferente para cada pessoa. Feito sob medida.

Tudo se tornou em câmera lenta enquanto a segunda verdade era revelada: Autumn estivera presa em seu próprio Limbo o tempo inteiro, viajando para o Santuário e servindo às Escolhidas, por todos aqueles anos, então vindo aqui para baixo, completar o ciclo que tinha se iniciado no País Antigo com Tohrment.

E agora que ela tinha ajudado na salvação de sua *shellan*... Agora que ela tinha se permitido ter sentimentos por ele, e tinha se liberado de sua dor pela sua própria tragédia...

Ela estava livre. Igual à Wellsie.

Maldito inferno! Tohr ia perder mais uma fêmea...

– Não! – Lassiter berrou. – Nãooooooooo!

Enquanto quebrava a linha de pessoas e tentava se aproximar, para impedir a conexão entre os dois, pessoas começaram a gritar, e alguém o segurou, como se para mantê-lo longe. Mas não importava.

Era tarde demais.

Porque os dois não precisavam se tocar. O amor estava lá, como também estava lá o perdão pelos atos do passado e do presente, bem como o compromisso em seus corações.

Lassiter ainda tentava se jogar para frente, aos pulos, quando o último feixe de luz o clamou, pegando-o em voo, arrancando-o do presente e puxando-o para cima, mesmo que ele gritasse diante da crueldade do destino.

Seu propósito inteiro tinha resultado na condenação de Tohr a uma nova sequência de tragédia.

Capítulo SETENTA E TRÊS

Para dizer a verdade, Autumn não tinha certeza se deveria ir a mansão... Até que o fez. E ela não tinha certeza de como se sentiria sobre Tohrment... Até que o viu buscando alguém na multidão e sabendo que ele estava procurando por ela. E ela não abriu completamente seu coração para ele... Até que ele estendeu a mão para ela, seu controle quebrando no momento em que ele travou seus olhos nela.

Ela o amava antes, ou pensava que o amava.

Mas ela não esteve sempre nesse caminho. A parte crítica que estava faltando era um senso de si mesma, não como alguém indigna e que tinha de ser punida, mas como um indivíduo de valor e uma vida para viver, além da tragédia que a tinha definido por tanto tempo.

Quando deu um passo à frente, não era como uma serva ou uma empregada, mas como uma fêmea de valor... Uma que estava indo para seu macho, abraçá-lo e unir-se a ele pelo tempo que a Virgem Escriba considerar.

Só que ela não fez isso.

Ela nem mesmo tinha cruzado metade do hall de entrada, quando seu corpo foi atingido por algum tipo de força.

Ela não conseguia compreender o que a tinha pego: Um momento ela estava caminhando em direção a Tohr, respondendo a seu apelo silencioso para que fosse até ele, atravessando o piso, focalizando em quem ela amava...

E no seguinte, uma grande luz desceu sobre ela de uma fonte desconhecida, suspendendo-a de seu caminho.

Sua vontade ordenou seu corpo para continuar até Tohr, mas uma força maior reivindicou-a, e levou-a dele. Com um puxão que era tão inegável quanto a gravidade, ela foi erguida do chão, para a luz. E quando ela foi levada para cima, ela ouviu Lassiter gritando, e o viu irromper como se quisesse impedi-la de partir...

Isso foi o que a energizou a lutar contra a corrente. Esforçando-se ferozmente, ela lutou com tudo o que tinha, mas não houve como libertar-se do que a havia capturado. Não importava o quanto ela lutasse, ela não poderia alterar a sua subida.

Lá embaixo, o caos reinava, as pessoas avançavam enquanto Tohr se arrastava no chão. Quando ele a encarou, seu rosto era uma máscara de confusão e descrença, e então ele começou a saltar como se estivesse tentando pegá-la, como se ela fosse um balão, e ele buscando desesperadamente pela corda. Alguém o agarrou quando ele perdeu o equilíbrio – John. E o Primale correu para seu lado. E seus irmãos...

Sua última imagem não foi de nenhum deles, nem mesmo de Tohrment, mas de Lassiter.

O anjo estava ao seu lado, elevando-se também, a luz os consumindo até que ele desapareceu e ela também, até que ela não fosse mais nada, nem mesmo consciente...

Quando Autumn surgiu mais uma vez, ela estava em uma vasta paisagem branca, tão ampla e tão longa que não tinha horizontes.

Diante dela estava uma porta. Uma porta branca com uma maçaneta branca e um brilho em torno dos seus batentes como se houvesse uma luz brilhante à sua espera do outro lado.

Isso não estava lá recebendo-a quando morreu antes.

Anos e anos atrás, quando sua consciência voltou depois de ter se infligido com uma adaga em seu próprio estômago, ela se encontrou em uma diferente paisagem branca, uma que tinha árvores, templos e gramados ondulantes, uma que era habitada pelas fêmeas Escolhidas da Virgem Escriba, uma que se tornou seu lar sem questionar, aceitando seu destino não como uma escolha, mas o resultado inevitável de suas escolhas anteriores.

Este, no entanto, não era o Santuário. Esta era a entrada para o *Fade*.

O que aconteceu?

Por que ela...

A explicação veio para ela em uma arremetida, quando ela percebeu que ela tinha finalmente deixado seu passado ir, e aberto seu coração para abraçar tudo que a vida tinha a lhe oferecer... Libertando-se de seu próprio Limbo, mesmo que ela não tivesse consciência de que ela tinha estado dentro disto.

Ela estava fora do Limbo. Ela estava... Livre.

Mas Tohrment estava abaixo.

Seu corpo começou a tremer, a raiva disparando através dela, uma raiva tão profunda e permanente que ela queria rasgar através da porta e ter umas duras palavras com a Virgem Escriba ou o Criador de Lassiter, ou quem quer que fosse o filho da puta doente que negociava seus destinos.

Depois de ter atravessado a grande distância de onde ela começou, apenas para descobrir que o prêmio não era nada, mas outro sacrifício, ela ficou furiosa à ponto da violência.

Não retendo nada, ela se deixou ir, atirando-se na porta, batendo nela com os punhos, arranhando com suas unhas, chutando-a com os pés. Ela proferiu maldições que eram vis e chamando o nome das sagradas forças que eram os vilões...

Quando braços dispararam em volta de sua cintura e começou a arrastá-la de volta, ela atacou quem quer que fosse, arreganhando os dentes e mordendo o grosso antebraço.

– Porra! Ai!

A voz indignada de Lassiter cortou seu temperamento, acalmando seu corpo até que ela simplesmente arfou para recuperar o fôlego.

A maldita porta estava completamente ilesa. Indiferente. Sem se abalar.

– Desgraçados, – ela gritou. – Seus desgraçados!

O anjo virou-a e sacudiu-a. – Ouça-me, você não está ajudando aqui. Você precisa se acalmar, porra.

Com força de vontade, ela se recompôs. E, então, prontamente soluçou. – Por quê? Por que eles estão fazendo isso conosco?

Ele a balançou novamente. – Ouça-me. Eu não quero que você abra essa porta, apenas fique aqui. Vou fazer o que puder, ok? Eu não tenho muito arranque, talvez eu não tenha nenhum de qualquer modo, mas eu vou dar a porra de um chute. Você fica exatamente onde você está, e pelo amor de Deus, não abra aquela coisa. Uma vez que você o fizer, você estará no Fade e eu não posso fazer merda nenhuma. Está claro?

– O que você vai fazer?

Ele olhou para ela por um longo momento. – Talvez eu finalmente esteja indo ser um anjo esta noite.

– O que. Eu não entendo...?

Lassiter estendeu a mão e segurou o rosto dela. – Vocês dois têm feito muito por mim, inferno, nós estávamos todos em nosso próprio Limbo, de certa forma. Então eu vou oferecer tudo o que tenho para salvar vocês dois: vamos ver se é suficiente.

Ela fez uma pressão em sua mão. – Lassiter...

Ele recuou e acenou para ela. – Você fica aqui e não tenha muitas esperanças. O Criador e eu não tivemos a melhor das relações, eu posso muito bem ser incinerado na hora. Nesse caso, sem ofensa, mas você estará ferrada. – Lassiter se virou e entrou na claridade, seu grande corpo desaparecendo.

Fechando seus olhos, Autumn pôs os braços ao redor dela e rezou para o anjo fazer um milagre.

Rogou com tudo o que tinha...

Capítulo SETENTA E QUATRO

Lá em baixo na Terra, Tohr sentiu como se estivesse perdendo a sua devotada mente. Lassiter tinha ido embora. Autumn se foi.

E um terrível senso lógico foi fazendo com que se perguntasse por que não tinha adivinhado os mecanismos que eles tinham trabalhando no ano passado.

Wellsie ficara presa no Limbo por ele.

E Autumn... Estivera presa no Limbo por si mesma.

Então, por amá-lo, e perdoar não apenas a ele, mas a si própria, ela havia sido liberada, assim como Lassiter, havia sido concedido a ela o que ela nem sabia que estava em busca. Tinham finalmente dado entrada para o Fade, que lhe foi negado quando tirou a própria vida em um ataque de terror e agonia.

Agora ela estava livre.

– Ah... Jesus... – ele disse quando se deixou cair nos braços fortes de John. – Ah... Porra...

Agora, como sua Wellsie, ela fora tirada dele, também.

Trazendo a mão até seu rosto, ele esfregou forte, imaginando que, talvez acordasse... Que talvez este fosse apenas o pior pesadelo que seu subconsciente pudesse sonhar... Sim, quando ele acordasse a qualquer momento, e se arrastasse para fora da cama para se preparar para a cerimônia do Fade, onde no mundo real isso não seria o resultado...

Havia apenas um problema com essa teoria. Suas costas ainda estavam ardendo pelo sal e pela marca. E seus Irmãos ainda estavam se movendo ao redor, falando um acima do outro em pânico. E em algum lugar, alguém estava gritando. E tudo ao redor, o brilho das velas fornecendo a abundância da luz dizendo quem estava no hall de entrada e que já não estava mais...

– Oh, porra... – ele disse de novo, seu peito de repente tão vazio que ele se perguntou se não tivera seu coração removido e não percebeu.

O tempo passou, e afundou na merda, e ele foi levado para a sala de bilhar. Uma bebida foi pressionada em suas mãos, mas ele simplesmente a deixou apoiada em sua coxa, com a cabeça caindo de volta, enquanto John Matthew consolava Xhex e Phury conversava com Wrath e um plano era feito pelo rei para ir enfrentar a Virgem Escriba.

Nesse ponto, V entrou em cena e se ofereceu para enfrentar sua mãe.

O que foi prontamente derrubado. Exceto quando Payne ofereceu-se para ir e o rei aceitou.

Blá, blá, blá...

Ele não tinha coragem de lhes dizer que tudo isso era um desfecho inevitável. E, além disso, ele já havia passado pelo processo de luto uma vez, então... Ele tinha uma competência essencial na recuperação, certo?

Oba.

Pelo amor de Deus, o que diabos ele tinha feito em uma vida anterior para merecer isso? Que infernos ele tinha...

O som da campainha soou atrás dele. De repente, todo mundo congelou.

Todas as pessoas que sabiam sobre a mansão já estavam aqui.

Os seres humanos não poderiam encontrá-los.

Lessers não deveriam ser capazes de fazê-lo.

E o último também era verdade para Xcor...

Essa campainha soltou sua demanda gutural, mais uma vez.

Em uníssono, todos os Irmãos, assim como Payne, Xhex, Qhuinn, John e Blay, pegaram suas armas.

Fritz foi impedido de ir até o vestíbulo; Vishous e Butch ficaram com o dever de verificar a tela.

E apesar dele não dar a mínima se era a Virgem Escriba do outro lado, Tohr focou-se no hall de entrada.

Um grito saiu, um grito animado com um sotaque de Boston. E então havia um monte de gritos, uma legião deles, demasiados para decifrar.

Alguém com uma túnica branca chegou com V e seu garoto.

Seja quem for...

Tohr se levantou, como se alguém tivesse ligado o seu rabo em uma bateria de carro.

Autumn estava sob os arcos da sala, os olhos atordoados e seus cabelos uma bagunça esvoaçante, como se ela tivesse passado por um túnel de vento.

Tohr passou através dos grandes corpos dos machos, empurrando as pessoas para fora do caminho para chegar até ela. E quando o fez, ele derrapou até parar. Agarrou seus ombros. Olhou para ela da cabeça até os pés. Sacudindo-a forte para ter uma noção do quanto ela era corpórea.

– É... Realmente você?

Em resposta, ela jogou os braços ao redor dele e segurou-o tão forte, que ele não conseguia respirar- e agradecer essa porra. Porque isso significava que ela era real, certo? Tinha que ser... Certo?

– Lassiter... Lassiter fez isto. Lassiter... Me salvou...

Ele tentou seguir o que ela estava dizendo. – O que... O que você está... Eu não estou entendendo nada.

A história saiu várias vezes em diferentes conversas, porque sua mente não estava seguindo nada. Algo sobre ela ter ido até o Fade, e esse anjo chegando e dizendo a ela...

– Ele disse que daria tudo o que tinha para nos salvar. Tudo... – Tohr a puxou para si e tocou o rosto de Autumn, sua garganta, seus ombros. Ela era tão real como ele era. Ela estava tão viva como ele estava. Ela tinha sido salva por... Esse anjo?

Exceto que Lassiter dissera que ele estaria livre se isso funcionasse.

A única explicação possível era que ele havia negociado o seu futuro... Pelo deles.

– Aquele anjo, – ele sussurrou. – Aquele maldito anjo...

Tohr se abaixou e beijou tão profundamente Autumn, durante o tempo que pôde. E enquanto ele o fazia, ele resolveu homenagear Lassiter, e ele próprio, e sua fêmea o melhor que pudesse, por quantos anos ele tivesse sobre a Terra. – Eu te amo, – ele disse a ela. – E, assim como Lassiter, eu vou dar tudo o que tenho para dar, por nós dois.

Quando Autumn afirmou e beijou-o de volta, ele se sentiu, mais do que a ouviu dizer: – Eu te amo, – de volta.

Reunindo-a em seus braços, ele a abraçou e fechou os olhos, seu corpo tremendo muito para descrever. Mas ele sabia o resultado, e ele estava bem com isto.

A vida era curta, não importa quantos dias lhes foram concedidos. E as pessoas eram preciosas, cada uma, não importa quantas você tivesse suficiente sorte para ter em sua vida. E amor... O amor valia a pena morrer por ele.

Valia a pena viver por ele, também.

Capítulo SETENTA E CINCO

Com a aurora se aproximando do final da noite escura, e a lua afundando abaixo no céu, Xcor deixava o centro de Caldwell. Após essa reunião com a ridícula *glymera*, ele e seus bastardos tinham se reunido no topo de seu arranha-céu, mas ele não tinha sido capaz de digerir qualquer elaboração de estratégias ou falar dos aristocratas.

Ao ordenar a seus soldados para retornar à sua mais recente base de origem, ele fugiu para o ar frio da noite sozinho, sabendo exatamente onde ele tinha que ir.

Para o prado, o prado lavado pela lua com a grande árvore.

Quando ele reapareceu na paisagem, viu que não estava coberta de neve, mas vibrante, com cores do outono, ramos de carvalho descobertos, mas exuberantes, com folhas vermelhas e douradas.

Marchando através da neve, ele subiu a ondulante terra, parando quando chegou ao local onde tinha visto a Escolhida pela primeira vez... E tomado o sangue dela.

Lembrou-se de cada pedacinho dela, seu rosto, seu cheiro, seu cabelo. A forma como ela se movia e o som de sua voz. A estrutura delicada de seu corpo e a fragilidade assustadora de sua pele lisa.

Ele ansiava por ela, seu coração frio clamando em oração por algo que ele sabia que o destino nunca poderia proporcionar.

Fechando os olhos, ele plantou as mãos nos quadris e baixou a cabeça.

A Irmandade os tinha encontrado naquela fazenda.

O estojo de rifle que Syphon usava para manter os meios de seu comércio assassino estava perdido.

Quem o tinha levado tinha ido e vindo durante a noite anterior. O que significava que ao pôr do sol, eles tinham empacotado suas poucas coisas e dispersado para um novo local.

Ele sabia que a Escolhida tinha sido a causa disto. Não conseguia pensar em outra maneira de que seu covil pudesse ter sido localizado. E outra coisa estava clara: a Irmandade iria usar o rifle para provar com certeza que a bala que perfurou Wrath meses atrás tinha sido de uma arma deles.

Quanta minúcia deles.

Na verdade, Wrath era um bom reizinho. Então cuidado para não se comportar de forma precipitada e sem causa, e ele ainda seria, obviamente, capaz de usar qualquer arma à sua disposição.

Não que Xcor fosse culpar a Escolhida de todo modo. Ele, no entanto, tinha que descobrir se ela estava segura. Ele simplesmente tinha que ter certeza de que, apesar de seus inimigos terem lhe ordenado, eles não a tinham maltratado.

Oh, como seu coração perverso agitava com a ideia de que ela pudesse ter se machucado de qualquer forma...

Enquanto ele considerava suas opções, um vento frio soprava do norte, tentando cortá-lo no centro. Era tarde demais, no entanto. Ele já estava fatiado no coração.

Essa mulher tinha lhe cortado de forma que nenhuma guerra jamais poderia ferir, e assim como ela, ele nunca iria se curar.

Boa coisa ele nunca se permitir mostrar suas emoções, porque era melhor que ninguém soubesse que o seu calcanhar de Aquiles finalmente, após todos esses anos, veio para encontrá-lo.

E agora... Ele teria que encontrá-la.

Fosse apenas para colocar a sua consciência, caso ele tivesse uma, à vontade, ele iria ter que vê-la novamente.

Capítulo SETENTA E SEIS

Qhuinn não sabia o *que* diabos estava acontecendo. Pessoas fazendo puff dentro e fora da porra do hall de entrada, a merda estava solta... Até Autumn voltar.

Se houvesse um momento para foder tudo, seria esta a noite.

Mas pelo menos tudo acabou bem, com todos sendo recuperados, e a cerimônia completa. Com Autumn em pé ao lado de Tohr, John foi marcado duas vezes, uma por Wellsie, e uma pelo Irmão perdido que nunca conheceu. E então, depois o sal havia selado as feridas, a multidão subiu ao ponto mais alto da casa onde a urna de Wellsie fora aberta e revelou para o ar, suas cinzas amorosamente carregadas para cima e para fora para os céus pelas rajadas de um raro vento do leste.

Agora, todo mundo estava voltando para a sala de jantar para comer e recarregar, depois, cada um deles, sem dúvida, iria para a porra de seus quartos, logo que pudessem sair educadamente.

Todo mundo tinha terminado, ele próprio incluído, e com esta certeza ele se voltou para Layla quando chegaram ao hall de entrada. – Como você está?

Cara, ele vinha perguntando isto a ela sem parar por três dias seguidos, e toda vez, ela lhe dizia que estava bem, e não tinha começado a sangrar ainda.

Ela não iria sangrar. Ele estava certo disso, mesmo que ela ainda não acreditasse nisso.

– Eu estou bem, – ela disse com um sorriso, como se apreciasse sua bondade.

A boa notícia era que eles estavam realmente indo muito bem. Ele estava preocupado se após sua necessidade, as coisas ficariam estranhas ou alguma merda, mas eles eram como uma equipe que tinha corrido uma maratona, chegado a um objetivo, e estavam prontos para o próximo desafio.

– Posso lhe trazer um pouco de comida?

– Quer saber? Eu estou com fome.

– Por que você não sobe, e se deita, e eu lhe levarei algo.

– Isto seria ótimo, obrigada.

Sim, isto era bom, o modo que ela sorria para ele, desta forma descomplicada e quente, que o fazia amá-la como família. E quando ele a acompanhou de volta para a base das escadas, era bom sorrir para ela da mesma maneira.

Tudo tão simples e fácil terminou quando ele se virou. Na biblioteca, através das portas abertas, viu Blay e Saxton conversando. E de repente seu primo entrou e puxou Blay para seus braços. Quando o par se juntou, corpo a corpo, Qhuinn respirou fundo e sentiu morrer por dentro.

Ele imaginou que esse seria o fim para eles.

Vidas separadas, futuros separados.

Difícil pensar que eles tinham começado *inseparável*...

De repente, o olhar azul de Blay encontrou o seu.

E o que Qhuinn viu o fez vacilar: amor brilhando por toda a face do cara, um amor puro temperado pela timidez que era uma parte muito importante de seu jeito.

Blay não desviou o olhar.

E pela primeira vez... Qhuinn também não.

Ele não sabia se a emoção era por causa de seu primo – provavelmente era, mas iria pegá-la. Ele olhou de volta para Blaylock e demonstrou tudo o que tinha em seu coração em seu rosto.

Ele simplesmente deixou essa merda voar.

Porque havia uma lição na Cerimônia do Fade esta noite: Você pode perder quem você ama em um piscar de olhos e ele estava disposto a apostar que quando isso acontece, você não pensa em todas as razões que o mantiveram separados. Você pensa em todas as razões que o mantiveram juntos.

E, sem dúvida, como você desejou ter tido mais tempo. Mesmo se você tivesse séculos...

Quando você é jovem, você pensa que o tempo é um fardo, algo a ser liberado o mais rápido possível para que você possa crescer. Mas isto é como uma propaganda enganosa, quando você é um adulto, você percebe que os minutos e as horas são as coisas mais preciosas que você tem.

Ninguém vive para sempre. E era um puta de um crime desperdiçar o que lhe foi dado.

Chega, Qhuinn pensou. Chega de desculpas, de evitar, e de tentar ser alguém, alguém diferente.

Mesmo que ele fosse rejeitado, mesmo que o seu precioso pequeno ego e seu estúpido coraçõzinho se quebrassem em mil pedaços, era hora de parar de besteira.

Era hora de ser um macho.

Quando Blay começou a se endireitar, como se tivesse recebido uma mensagem, Qhuinn pensou, Isso mesmo, amigo.

O nosso futuro chegou.

EPÍLOGO

Na noite seguinte, Tohrment rolou para o lado e achou o corpo de Autumn nos lençóis. Ela estava morna e desejosa quando ele a montou, suas coxas se separando por ele, seu centro o recebendo enquanto se afundava e se movia dentro dela.

Eles tinham adormecido juntos, caindo no tipo de descanso que você tem quando uma jornada terminava e o lar finalmente aparecia no horizonte.

– Me dê sua boca, minha fêmea, – ele disse suavemente no escuro.

Enquanto os lábios dela se abriram para ele, ele deixou seu corpo tomar o controle, a liberação, não um terremoto, mas mais como uma onda, um relaxamento da tensão ao invés de uma caótica explosão estelar. E enquanto ele continuava a montá-la naquele ritmo gentil, fazendo amor com a sua Autumn, ele se certificava de que ela era real – que eles eram reais.

Quando terminaram, ele acendeu uma única luz no criado-mudo e traçou o rosto dela com a ponta dos dedos. O jeito que ela sorria para ele o fazia acreditar totalmente na benevolência do Criador.

Eles iam se emparelhar, ele pensou. E ele ia adicionar o nome dela, o nome que ele lhe dera, em suas costas, bem abaixo do nome de Wellsie. E ela seria inteiramente sua *shellan* por fosse lá quanto tempo lhes restassem.

– Quer algo para comer? – ele suspirou.

Ela sorriu mais. – Por favor.

– Já volto então.

– Espere, eu quero ir com você. Eu não sei o que quero.

– Então vamos descer juntos.

Levou algum tempo para efetivamente saírem da cama, vestirem os pijamas, e caminharem pelo corredor de estátuas em direção à escadaria.

Autumn parou no topo, como se estivesse se lembrando da noite anterior, e temesse se aproximar daquele espaço – como se pudesse ser sugada para o Fade de novo.

Com um gesto de compreensão, ele a pegou no colo. – Eu te levo.

Enquanto ela o olhava nos olhos, colocou a mão na sua bochecha, e não precisou falar. Ele sabia exatamente no que ela estava pensando.

– Também não acredito que Lassiter nos salvou. – Ele disse.

– Eu não quero que ele sofra.

– Nem eu. Ele era um cara bom. Um verdadeiro... Anjo, no final das contas.

Tohr começou a descer, com passos cautelosos porque ele carregava uma carga preciosa. No final da escada, parou por um momento para olhar para a macieira retratada no chão. Ele tinha perdido duas fêmeas aos pés de uma... E agora ele estava carregando uma delas em cima de uma macieira – graças ao anjo que de algum modo fizera um milagre. Ele ia sentir falta daquele filho da puta; ele realmente ia. E ele ia ser eternamente grato por...

A campainha soou, alto e claramente.

Franzindo o cenho, Tohr olhou de relance para o relógio ancestral próximo a porta da despensa. Duas da tarde? Quem diabos iria...

A campainha soou de novo.

Cruzando o mosaico no chão, preparou-se para chamar os Irmãos se fosse preciso, olhou para o monitor...

– Puta... Merda.

– Quem é?

Tohr colocou Autumn no chão, destrancou a porta e colocou-se na frente da fêmea para protegê-la de qualquer luz do sol que pudesse entrar.

Lassiter entrou como se o lugar fosse dele, aquela atitude orgulhosa de volta a toda força, seu sorriso mais largo e travesso do que nunca, seu cabelo loiro e preto marcado com flocos de neve.

Enquanto Tohr e Autumn o encaravam de boca aberta, ele mostrou dois sacos grandes do McDonalds.

– Eu trouxe Big Macs para a gente, – ele disse alegremente. – Eu sei que você os devora, lembra?

– Que dia... – Tohr apertou seu abraço em sua *shellan*, só em caso... Bem, merda, do jeito que as coisas andavam, qualquer coisa poderia acontecer. – O que está fazendo aqui?

– É seu dia de sorte, filho da puta. – O anjo deu um pequeno giro, os piercings brilhando, os sacos do McDonalds ampliando. – Acontece que havia três de nós sendo testados, e eu passei também. No instante em que eu me sacrifiquei por vocês dois, eu fui liberto... E depois de pensar um pouco no assunto, eu decidi que preferia estar na Terra fazendo um trabalho bom do que lá em cima nas nuvens. Pois você sabe, eu meio que tenho assuntos inacabados, e esta merda de compaixão me cai bem. Além disto, não tem *Maury*⁸⁹ no céu.

– Que é o que distingue o lugar do inferno, – Tohr indicou.

– Verdade. – O anjo apontou para os suprimentos que trazia, cheios de caloria e gordura. – Então, o que me diz? Trouxe batatas também. Mas não sundaes. Não sabia quanto tempo demoraria para alguém abrir a porta para mim, e eu não queria que derretessem.

Tohr olhou para Autumn. Então ambos olharam para o anjo.

Ao mesmo tempo, ambos se aproximaram e abraçaram o sujeito, e não é que o filho da puta retribuiu o abraço?

– Estou realmente feliz que isto tenha funcionado, – Lassiter suspirou com toda seriedade. – Para vocês dois.

– Obrigado, cara, – Tohr respondeu. – Eu te devo uma... Merda, eu te devo tudo.

– Você conseguiu muita coisa sozinho.

– Exceto aquela última parte, – Autumn indicou. – Aquilo foi você, Lassiter.

⁸⁹ Programa de TV com assuntos engraçados e dramáticos como testes de DNA, apresentado por Maury Povich -- Nos moldes de nosso "Casos de Família".

– Nah. Quem quer saber? Entre amigos, você sabe.

Os três se afastaram, e então, depois de um momento desconfortável, eles caminharam para a sala de jantar. Quando se sentaram e Lassiter começou a distribuir os lanches, Tohr teve que rir. Ele e este anjo tinham começado com os arcos dourados⁹⁰ ... E aqui estavam de novo.

– Muito melhor do que aquela caverna, né? – Lassiter murmurou enquanto estendia as batatas.

Tohr olhou para Autumn e mal conseguia acreditar como tinham chegado longe. – É. Realmente, totalmente... Completamente muito melhor.

– Ainda mais que este lugar tem TV a cabo.

Enquanto Lassiter piscava para os dois, Tohr e Autumn começaram a rir.

– Tem mesmo, anjo. Tem mesmo... E toda vez que você quiser o controle remoto, é só pegar.

Lassiter deu uma risada. – Cacete, vocês estão mesmo agradecidos.

Tohr encarou Autumn e viu-se concordando. – Pode apostar seu traseiro que estou. Eternamente agradecido... Eu estou... Eternamente. Agradecido.

Com isto, ele beijou sua fêmea... E abocanhou seu Big Mac.

FIM

⁹⁰ Referência ao arredondado – M – amarelo do logotipo do McDonalds.

Considerações Finais

Comentário da Tininha:

Quando se ventilou a hipótese do livro do Thor eu pensei: vai ser complicado fazer um personagem que já teve uma shellan ter outra, mas a Ward é poderosa, vamos dar um crédito. Então quando fui convidada a largar o livro que estava fazendo e ajudar nesse pensei: putz, é agora. Ou vai ou racha! E vou dizer, o livro é muuuuito bom.

Thor me surpreende nesse livro pela postura um tanto egoísta que ele tem em relação a No'One. Eu confesso que até entendo, pois ele a via como um entrave a alcançar sua Wellsie. Maaas, nada é o que parece com a Irmandade. Então se preparem para várias surpresas, foi muito bom fazer esse livro, mas por outro lado foi tenso, pois como todo livro da Irmandade esse é tenso. Pra quem quer ter um vislumbre do que vem por aí, esse dá uma dica e tanto dos próximos casais do IAN. Não teve muitas batalhas, mas a que teve causou impacto. Vocês verão. Pra quem estava com saudades de ver o Xcor, ele dá o ar de sua graça. E garanto que ele tem surpresas reservadas para ele também pela titia Ward. Como sempre, ela arrasou! Muitas emoções no livro do Thor, respirem fundo... E leiam!

Agradecimentos:

Agradeço ao Grupo Irmandade dos Tradutores pela parceria, que tornou possível a distribuição de mais um livro das Séries Retomadas.

E a todos que fizeram parte desse projeto... Que seja o 1º de muitos!

Grupo PRT



